

Alexander Hochdorn

**FALANDO GÊNERO:  
A CONSTRUÇÃO CON-TEXTUAL DAS IDENTIDADES DE  
GÊNERO**

Tese submetida ao Programa de Pós-graduação em Psicologia, Curso de Doutorado da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Doutor em Psicologia, Área de Concentração: Processos Psicosociais, Saúde e Desenvolvimento psicológico. Orientador: Prof. Dr. Brigido Vizeu Camargo

Florianópolis  
2013

Catologação na fonte elaborada pela biblioteca da  
Universidade Federal de Santa Catarina

A ficha catalográfica é confeccionada pela Biblioteca Central.

Tamanho: 7cm x 12 cm

Fonte: Times New Roman 9,5

Maiores informações em:

<http://www.bu.ufsc.br/design/Catalogacao.html>

Alexander Hochdorn

**FALANDO GÊNERO: A CONSTRUÇÃO con-textual DAS  
identidades DE GÊNERO**

Esta Tese foi julgada adequada para obtenção do Título de “Doutor”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia, Curso de Doutorado

Florianópolis, 8 de Abril de 2013.

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Aparecida Crepaldi  
Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Psicologia

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Dr. Brígido Vizeu Camargo  
Orientador  
Universidade federal de Santa Catarina

---

Prof. Dr. Marco Aurélio Máximo Prado  
Universidade federal de Minas Gerais

---

Prof. Dr. João Fernando Rech Wachelke  
Universidade federal de Uberlândia

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Juracy Filgueiras Toneli  
Universidade federal de Santa Catarina

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andréa Barbará da S. Bousfield  
Universidade federal de Santa Catarina

**Suplentes:**

\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Aparecida Crepaldi  
Universidade federal de Santa Catarina

\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré  
Universidade federal de Santa Catarina

Este trabalho é dedicado ao meu  
irmão.



## AGRADECIMENTOS

Queria agradecer as pessoas e as estruturas, sem as quais não seria possível realizar este projeto de pesquisa. Agradeço o Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, a coordenadora Prof.a Dr.a Maria Aparecida Crepaldi e todos os funcionários administrativos. Agradeço também a Universidade de Padua, com a qual foi realizada uma convenção de co-tutela para essa tese e a qual financia o projeto por meio de uma bolsa ministerial (Ministero dell'Istruzione, dell'Università e della Ricerca, em Roma).

Agradeço também os serviços internacionais das duas Universidades, pelas quais foi possível realizar a convenção de co-tutela. Particularmente queria agradecer a Reitora Prof.a Dr.a Roselane Neckel da Universidade catarinense, o Reitor Prof. Giuseppe Zaccaria e os coordenadores dos serviços internacionais, o Prof. Francisco Leita e Valentina Masotto, da Universidade de Padua.

Agradeço particularmente o meu orientador, o Prof. Dr. Brigido Vizeu Camargo pela ajuda, a grande disponibilidade, a confiança e todos os preciosos ensinamentos e conselhos. Queria agradecer também o Prof. Dr. Paolo Francesco Cottone por ter coordenado a parte italiana do projeto.

Queria agradecer a Prof.a Dr.a Alberta Contarello e a Prof.a Franca Bimbi da Universidade de Padua, a Prof.a Dr.a Maria Juracy Filgueiras Toneli da Universidade Federal de Santa Catarina e o Prof. Dr. João Fernando Rech Wachelke, por todas as sugestões, os ensinamentos e a grande disponibilidade.

Agradeço o Departamento da Administração Penitenciária da região Toscana, a direção do presídio “Nuovo Complesso Penitenziario” de Florença-Sollicciano, o responsável da área pedagógica, Gianfranco Politi, e todos os funcionários por terem me autorizado o acesso na penitenciária.

Agradeço particularmente Emanuela Pontone por toda a sua ajuda, o suporte e todas as indicações e informações indispensáveis à respeito do funcionamento e da gestão do presídio.

Agradeço todas as pessoas, cujos preciosos testemunhos, constituem o núcleo central da pesquisa.

Especialmente queria agradecer as detidas e os operadores, os quais me mostraram muita confiança, para me narrar a própria experiência de vida e trabalho na penitenciária

Preciso agradecer todos os meus colegas de doutorado com os quais passei três anos maravilhosos. Agradeço os meus colegas do laboratório “Laccos” da Universidade Federal de Santa Catarina e

particularmente Daniela Xavier Morais pela sua ajuda na utilização do software Alceste.

Um enorme agradecimento é para Bruna Berri pela revisão do Português na tese.

Agradeço também os meus colegas do laboratório “Iclab” da Universidade de Padua e as estudantes de graduação, cujas defesas segui como co-orientador e particularmente Carlotta Larcher, pela autonomia e capacidade de realizar a sua tese, enquanto estive no Brasil.

Agradeço todos os meus amigos do “novo” e do “velho” mundo.

Em fim um agradecimento enorme aos meus pais e ao meu irmão.



## RESUMO

O tópico da presente pesquisa é centrado no posicionamento discursivo entre atores sociais, cuja identidade de gênero se difere de uma perspectiva dicotômica dos sexos, e contextos caracterizados por acepções principalmente *hetero-normativas*. Foram pesquisadas as margens de agenciamento, dentro das quais uma pessoa em transição entre os gêneros reivindica uma representação do *self*, diante das peculiares estruturas simbólicas e normativas de contextos específicos de interação. Com a finalidade de captar os processos, por meio dos quais se desenvolve uma representação do *self* como identidade *generizada*, foi analisado o grau de agenciamento diante das práticas de posicionamento em três contextos: realidade carcerária, mundo do trabalho e ambiente familiar. O objetivo da tese é compreender quanto as/os transgêneras/os reproduzem certos *idealtipos generizados*, diante das coordenadas simbólicas do contexto, da situação das interações cotidianas, e também da especificidade dos meta-artefatos linguísticos que circunscrevem áreas de significados declinados no feminino ou no masculino. As representações do *self* e do outro, em uma ótica socioconstrucionista, são articuladas ao longo de produções discursivas entre interações cotidianas e superestruturas culturais e normativas. O discurso, conforme esta perspectiva, é entendido como artefato de mediação que gera significados partilhados. O corpo dos dados consiste, por isso, na coleta de material discursivo nos seguintes contextos: a) seis entrevistas semiestruturadas com os funcionários penitenciários que, com título diverso, prestam serviço no Novo Complexo Penitenciário de Sollicciano (Florença); b) cinco entrevistas em profundidade com as detidas transgêneras reclusas no mesmo instituto; c) sete entrevistas em profundidade com pessoas transgêneras em contextos privados e de trabalho e d) três diários escritos por pessoas transgêneras, contatadas em associações sociopolíticas no centro e no norte da Itália. Estes dados textuais foram estudados por meio de duas perspectivas metodológicas: 1) Análise crítica da estrutura ideológica do discurso, em referência à produção de significados implícitos. Os repertórios simbólicos foram associados à macrocategorias conceituais, por meio de um software para a análise de forma e semiótica: *Transana*. 2) Análise quali-quantitativa do conteúdo semântico e da organização lexical com o programa para a classificação hierárquica descendente de dados textuais: *Alceste*. Emergiu a partir dos resultados que os elementos constitutivos da produção discursiva (léxico, semântica, semiótica) geram repertórios

narrativos semelhantes à estrutura da representação do *self* e do outro. Estas unidades de significado respondem à pergunta da presente pesquisa, focada no posicionamento de gênero e con(texto). Portanto foi apontada a interseccionalidade sequencial entre as seguintes variáveis: Dualismo de gênero → Assimetria de poder → Desigualdade → Discriminação → Representação de gênero reificada. Emergiram deste processo diferentes práticas normativas, estruturais e de interação, que, por meio de universos de sentido e sistemas de ação socialmente partilhados, culturalmente legitimados e discursivamente institucionalizados, produzem significados e *idealtipos generizados*, aninhados em horizontes temporais, cenários relacionais e limites contextuais. A respeito do contexto carcerário, as margens de posicionamento são relegadas dentro de parâmetros institucionalizados do sistema penitenciário. A linguagem assume, sobretudo, uma função reificante a partir do momento em que as categorias semânticas definem os vínculos normativos entre si e o contexto. Contudo, a identidade de gênero resulta ser circunscrita por fronteiras discursivas precisas. No que concerne às realidades familiares e de trabalho, as representações do *self* como transgênera/o variam conforme as coordenadas simbólicas situadas no *hic et nunc*. As superestruturas normativas impregnam o discurso, sobretudo em nível implícito. O agenciamento, no processo de afirmação da própria identidade de gênero, depende da especificidade do contexto e das diversas modalidades de posicionamento entre o *self* e o outro.

**Palavras-chave:** Processos discursivos. Práticas de interação. Transgêneras/os. Instituições totais. Contextos culturais.

## ABSTRACT

The topic of the following research is focused on discursive positioning amongst social actors, whose gender falls somewhere between or outside of the sexual dualism, and contexts, characterised by a dominant *heteronormative* imprint. The edges of agency have been investigated, according to which a person, who passes amongst genders, claims a representation of self, with regard to the peculiar symbolical and normative structure of specific contexts of interaction. In order to isolate the processes, throughout which develops a self-representation as gender, the rank of agency has been analysed, according to practices of positioning within three contexts: prison reality, workplaces and family environment. The study, therefore, aims to understand how transgender reproduce certain gendered Ideal-types, with regard to the symbolical coordinates of the context, the situativity of everyday interaction, as well as the linguistic meta-artefacts, circumscribing zones of meanings, which move in a feminine or masculine direction. The representations of self and others, within a socio-constructive perspective, are articulated along discursive productions in relation to everyday interactions and cultural and normative superstructures. Discourse, according to this approach, could be considered as a mediation artefact, which generates social meanings. The corpus of data, therefore, consists in gathering discursive material within the following contexts: a) six semistructured interviews with staff members of the Sollicciano prison near Florence; b) five in-depth interviews with transprisoners detained in the same institute; c) seven in-depth interviews with transgender in private and work contexts and d) three diaries, written by transgender, contacted by socio-political associations in north and central Italy. These textual datas have been studied according to two methodological perspectives: 1.) Critical Analysis of the ideological matrix of discourse, with regard to the production of implicit meanings. The symbolic repertoires have been associated to conceptual macro-categories, adopting the software *Transana* for computer assisted discourse analysis. 2.) Qualitative analysis of semantic content and lexical organisation with the program for the hierarchic descendent classification of textual data *Alceste*. Results show that the constitutive elements of discursive production (lexicon, semantics, semiotics) generate narrative repertoires, with similar structure and affine representations of self and others. These units of meanings constitute the research goals of this study, focused on positioning between gender and (con)text. There emerged a sequential intersectionality amongst the following variables: Gender

dualism → Asymmetry of power → Inequalities → Discrimination → Reified representation of gender. From this process emerged different normative, structural as well as interactive practices, which, throughout universes of sense and systems of actions, socially recognised, culturally legitimised and discursively institutionalised, produce *genderized Ideal-types* and meanings, embedded within temporal horizons, relational sceneries and contextual limelights. With regard to prison context the edges of positioning are relegated within the institutional parameters of the penitentiary system. Language, especially, assumes a reifying function, by the moment, that semantic categories define normative links between self and context. Gender identity, actually, is circumscribed by precise discursive borders. With regard to family and workplaces, self-representation as transgender changes, according to situated symbolic coordinates. Normative superstructures influence discourse mainly on an implicit level. Agency within processes of gender identity affirmation depends on specific contexts and different modalities of positioning amongst self and others.

**Keywords:** Discursive processes. Practices of interaction. Transgender. Total institutions. Cultural contexts.

## RIASSUNTO

L'argomento della presente ricerca è incentrato sul posizionamento discorsivo tra attori sociali, la cui identità di genere si discosta da una prospettiva dicotomica dei sessi, e contesti caratterizzati da accezioni prevalentemente *eteronormative*. Sono stati indagati i margini di *agency*, entro cui una persona in transizione tra i generi rivendica una rappresentazione di sé, rispetto alle peculiari strutture simboliche e normative di specifici contesti d'interazione. Al fine di cogliere i processi, attraverso cui si sviluppa una rappresentazione di sé come identità *genderizzata*, è stato analizzato il grado di agentività rispetto alle pratiche di posizionamento in tre contesti: realtà carceraria, mondo del lavoro ed ambiente familiare. L'obiettivo dello studio è di comprendere quanto le/i transgender riproducono certi idealtipi *genderizzati*, rispetto alle coordinate simboliche del contesto, alla situatività delle interazioni quotidiane, nonché alla specificità dei meta-artefatti linguistici che circoscrivono zone di significati declinati al femminile o al maschile. Le rappresentazioni di sé e dell'altro, in un'ottica socio-costruzionista, sono articolate lungo produzioni discorsive tra interazioni quotidiane e sovrastrutture culturali e normative. Il discorso secondo questa prospettiva è inteso in quanto artefatto di mediazione che genera significati condivisi. Il corpus dei dati consiste perciò nella raccolta di materiale discorsivo nei seguenti contesti: - sei interviste semi-strutturate con i testimoni privilegiati che a diverso titolo prestano servizio presso il Nuovo Complesso Penitenziario di Sollicciano (FI) - cinque interviste in profondità con le detenute transgender recluse presso lo stesso istituto - sette interviste in profondità con persone transgender in contesti privati e lavorativi - tre diari scritti da persone transgender, contattate presso associazioni sociopolitiche nel centro e nord Italia. Questi dati testuali sono stati studiati attraverso due prospettive metodologiche: 1.) Analisi critica della matrice ideologica del discorso, in riferimento alla produzione di significati impliciti. I repertori simbolici sono stati associati a macro-categorie concettuali, tramite il software per l'indagine *computer assisted* delle strutture discorsive *Transana*. 2.) Analisi qualitativa del contenuto semantico e dell'organizzazione lessicale con il programma per la classificazione gerarchica discendente di dati testuali *Alceste*. Dai risultati è emerso che gli elementi costitutivi della produzione discorsiva (lessico, semantica, semiotica) generano repertori narrativi simili nella struttura ed affini rispetto alla rappresentazione di sé e dell'altro. Queste unità di significato rispondono alla domanda

conoscitiva della presente ricerca, focalizzata su posizionamento di genere e (con)testo. È stata, pertanto, individuata l'intersezionalità sequenziale tra le seguenti variabili: Dualismo di genere → Asimmetria di poter → Disuguaglianza → Discriminazione → Rappresentazione di genere reificata. Da questo processo sono emerse differenti pratiche normative, strutturali e d'interazione, le quali, attraverso universi di senso e sistemi d'azioni socialmente condivisi, culturalmente legittimati e discorsivamente istituzionalizzati, producono significati ed *idealtipi genderizzati*, annidati entro orizzonti temporali, scenari relazionali e *ribalte* contestuali. Per quanto riguarda il contesto carcerario i margini di posizionamento sono relegati entro i parametri istituzionali del sistema penitenziario. Il linguaggio, in particolare, assume una funzione reificante dal momento che le categorie semantiche definiscono i vincoli normativi tra sé e contesto. L'identità di genere, pertanto, risulta essere circoscritta da precisi confini discorsivi. Rispetto alle realtà familiari e lavorative, le rappresentazioni di sé come transgender variano a seconda delle coordinate simboliche situate nel qui ed ora. Le sovrastrutture normative permeano il discorso a livello per lo più implicito. L'agency nel processo di affermazione della propria identità di genere dipende dalla specificità del contesto e dalle diverse modalità di posizionamento tra sé e l'altro.

**Parole chiave:** Processi discorsivi. Pratiche di interazione. Transgender. Istituzioni totali. Contesti culturali.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Configuração “isóscele” .....	57
Figura 2 – Configuração “equilátera” .....	58
Figura 3 – Três níveis de interação .....	195
Figura 4 – Abordagens da CDA .....	204
Figura 5 – A CDA associada aos três níveis de interação .....	207
Figura 6 – Mapa do NCP de Solliciano. ....	269
Figura 7 – Database Transana: distribuição geral do corpus em séries .....	341
Figura 8 – Database Transana: distribuição específica de série e episódios... ..	341





## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Detentos presentes nas estruturas penitenciárias .....	165
Gráfico 2 – Histograma 1: Corpo detidas .....	344
Gráfico 3 – Histograma 2: Corpo Funcionários penitenciários .....	344
Gráfico 4 – Histograma 3: Corpo alto agenciamento .....	345
Gráfico 5 – Arvore de classificação descendente .....	368
Gráfico 6 – Distribuição das frequências lexicais.....	369
Gráfico 7 – Distribuição das coocorrências lexicais.....	372
Gráfico 8 – Análise pós-fatorial das correspondências.....	375



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Quadro diagnóstico do Transtorno de Identidade de Gênero.....	113
Tabela 2 – Lei 14 de abril de 1982, n. 164.....	118
Tabela 3 – Resolução normativa 1655 de 2010 .....	124
Tabela 4 – Leis em diferentes contextos nacionais.....	138
Tabela 5 – Normativas federais para cada estado da USA .....	139
Tabela 6 – Elenco das etapas históricas do sistema penitenciário italiano .....	153
Tabela 7 – Detentos presentes e capacidade regulamentar de institutos 2010. 160	
Tabela 8 – Detentos presentes e capacidade regulamentar de institutos 2011. 162	
Tabela 9 – Detentos presentes e capacidade regulamentar de institutos 2012. 163	
Tabela 10 – Etnografia de fundo.....	247
Tabela 11 – Entrevistas funcionários NCP .....	249
Tabela 12 – Entrevistas detidas transgêneras NCP .....	249
Tabela 13 – Entrevistas em contextos familiares e de trabalho .....	251
Tabela 14 – Diários escritos para pessoas transgêneras.....	251
Tabela 15 – Setor Masculino .....	269
Tabela 16 – Setor Feminino .....	269
Tabela 17 – Total penitenciária.....	270
Tabela 18 – Funcionários e Operadores.....	270



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

Alceste – Análise Lexical Contextual de um Conjunto de Segmentos de Texto

CA – Conversation Analysis (Análise da Conversa)

DA – Discourse Analysis (Análise do Discurso)

CDA – Critical Discourse Analysis (Análise Crítica do Discurso)

FtM – Female to Male transition (Transição da mulher a homem)

MtF – Male to Female transition (Transição da homem a mulher)

NCP – Nuovo Complesso Penitenziario di Firenze-Sollicciano  
(Penitenciária de Florença-Sollicciano)

Transana - Transcription and Analysis (Transcrição e Análise)



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>27</b>
<b>PRIMEIRA PARTE .....</b>	<b>35</b>
1.1 ENTRE REPRESENTAÇÕES E CONSTRUÇÕES .....	35
1.1.1 Quadro Teórico: O “quê” e o “porquê” conhecemos .....	35
1.1.2 Objetivos: ... O “como” conhecemos .....	54
1.1.3 Notas conclusivas .....	60
1.2 DISCURSOS, DISSERTAÇÕES E PESQUISAS .....	63
1.2.1 From genesis to affirmation.....	65
1.2.2 Dos cuidados à pessoa .....	69
1.2.3 A estreia no palco dos gêneros .....	74
1.2.4 Diga o seu trabalho e lhe direi de que gênero é! .....	79
1.2.5 O lado feminista do conhecimento .....	82
1.2.6 O corpo como espelho da alma .....	86
1.2.7 Outras culturas, outros gêneros .....	89
1.2.8 Uma questão de fé .....	96
1.2.9 Transgendering jail, ou seja: A reclusão do diverso .....	101
1.2.10 Notas conclusivas .....	106
1.3 LEX EST SOCIETATIS VINCULUM.....	109
1.3.1 “Da nossa vida, em meio da jornada...” .....	111
1.3.1.1 <i>A normativa italiana</i> .....	111
1.3.1.2 <i>A normativa brasileira</i> .....	119
1.3.1.3 <i>Normativas em outros contextos nacionais</i> .....	127
1.3.1.4 <i>Considerações conclusivas</i> .....	137
1.3.2 Normativa penitenciária .....	139
1.3.2.1 <i>Contexto carcerário</i> .....	139
1.3.2.2 <i>O sistema penitenciário italiano</i> .....	146
1.3.2.3 <i>Numerus Reipublicae Fundamentum</i> .....	159
1.1.2 Notas conclusivas .....	166

<b>SEGUNDA PARTE.....</b>	<b>169</b>
2.1 MEDIR, EXPLICAR OU DESCREVER?.....	169
2.1.2 Do texto à história e da história ao texto.....	173
2.1.2.1 <i>Ações e Práticas</i> .....	174
2.1.2.2 <i>Gêneros e Estilos</i> .....	178
2.1.3 Breve relatório sobre exemplos de aplicação da CDA.....	182
1.1.2 Notas conclusivas.....	186
2.2 A ESTRUTURA DO ANDAIME.....	189
2.2.1 Três níveis de interação... Três perspectivas de análise.....	193
2.2.1.1 <i>Interação com os meta-artefatos</i> .....	198
2.2.1.2 <i>Interação com o contexto</i> .....	199
2.2.1.3. <i>Interação com as superestruturas cultural-normativas</i> .....	201
2.2.2 Instrumentos para a coleta dos dados.....	212
2.2.2.1 <i>Técnicas de observação etnográfica</i> .....	215
2.2.2.2 <i>As entrevistas</i> .....	219
2.2.2.3 <i>Os diários</i> .....	225
2.2.3 Instrumentos para a análise dos dados.....	227
2.2.3.1 <i>Transana</i> .....	229
2.2.3.2 <i>Alceste</i> .....	232
2.2.4 Notas conclusivas.....	236
2.3 O CORPO.....	241
2.3.1 As três fases da coleta de dados.....	241
2.3.2 As bases de dados.....	245
2.3.2.1 <i>Etnografia de fundo</i> .....	245
2.3.2.2 <i>Processos discursivos em contextos penitenciários</i> .....	248
2.3.2.2 <i>Processos discursivos em contextos familiares e de trabalho</i> ...	249
2.3.3 Notas conclusivas.....	251



<b>TERCEIRA PARTE .....</b>	<b>254</b>
3.1 O CONTEXTO.....	254
3.1.1 A etnografia de fundo .....	257
3.1.1.1 <i>Etnografia de um contexto sociopolítico</i> .....	259
3.1.1.2 <i>Etnografia do Novo Complexo Penitenciário de Sollicciano</i> .....	264
3.1.1.3 <i>Etnografia da Juta della Candelora</i> .....	279
3.1.2 Notas conclusivas .....	295
3.2. OS FOCOS DA ANÁLISE .....	299
3.2.1 O sentido do discurso: Norma, cultura e poder .....	302
3.2.2 O significante do discurso: Relações e afetos .....	303
3.2.3 O significado do discurso: Corpo e linguagem .....	304
3.2.4 Notas conclusivas .....	305
3.3 FORMA, CONTEÚDO E SIGNIFICADO.....	307
3.3.1. Análise do SENTIDO no discurso .....	309
3.3.2. Análise do SIGNIFICANTE na Interação.....	337
3.3.3. Análise do SIGNIFICADO no Texto .....	361
3.3.3.1 <i>Análise hierárquica descendente</i> .....	366
3.3.3.2 <i>Análise pós-fatorial das correspondências</i> .....	374
3.3.3.3 <i>Três exemplos de transcrição</i> .....	377
3.3.4. Notas conclusivas .....	384
<b>CONCLUSÕES .....</b>	<b>387</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>403</b>
<b>APÊNDICE - CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO .....</b>	<b>421</b>
<b>ANEXO – AUTORIZAÇÃO MINISTERIAL.....</b>	<b>423</b>



## INTRODUÇÃO

Para o norte europeu, talvez, seja difícil compreender o que significa falar uma língua *generizada*. De fato, os idiomas neolatinos, como o italiano e o português, caracterizam-se por uma forte aceção dicotômica do próprio léxico, que ao contrário do inglês ou do alemão, preveem a adoção de somente dois gêneros gramaticais: o feminino e o masculino. Além disto, no italiano os sufixos do passado construídos com o auxiliar do verbo “ser”, por exemplo, são declinados diferentemente, conforme a identidade de gênero do interlocutor ou da interlocutora. Então, a linguagem mesma define *a priori* uma representação dos gêneros, que segue uma norma dualista. Uma pessoa não terá outra escolha que se exprimir por meio de um ou outro gênero semântico. Portanto, os discursos podem ser definidos como narrações *sexuadas*, as quais geram dois macrorepertórios textuais: um discurso masculino e um discurso feminino.

Sendo a linguagem o principal meta-artefato que circunscreve as fronteiras do conhecimento que os seres humanos dispõem de si mesmos e do mundo, os contextos nacionais, cuja língua oficial é uma língua românica, desenharão inevitavelmente dois universos simbólicos antinômicos por definição. Então, produzem-se e reproduzem-se esquemas de ações e práticas, que ressentem constantemente do efeito de uma precisa definição da própria identidade de gênero. Esta divisão sexual da semiótica italiana, reifica as interações entre atores sociais, categorizados dentro de uma ou outra dimensão de gênero, em uma relação fixa entre duas realidades antagônicas.

Pode-se considerar a cultura linguística, difundida nas sociedades neolatinas – principalmente o sul da Europa e as Américas centro-meridionais – um contexto simbólico, no qual não só as realidades institucionalizadas e então reificadas pelas regras lexicais e pelas formas retóricas da linguagem, mas também os posicionamentos nas situações cotidianas, as interações entre atores sociais no aqui e agora e em geral todo o conjunto de práticas por meio das quais se gera um sentido de pertença a um campo social, definido pela complexa interdependência entre processos simbólicos e exigências de ordem pragmática, ressentem do efeito de uma organização do próprio aparato normativo, com os respectivos sistemas de valores e crenças, caracterizadas por uma ontologia circunscrita semanticamente por um aparato comunicativo declinado ou ao feminino ou ao masculino.

Mesmo o léxico não permite um posicionamento linguístico que possa transcender esta bipartição das realidades sexuais. Os gêneros

previstos pela semiótica italiana são e serão de qualquer forma somente dois, e as práticas narrativas por meio das quais os agentes descrevem si mesmos e os outros delinearão os hábitos simbólicos do próprio contexto social.

Sair desta ordem reificada de significados comporta uma ruptura não somente dos sistemas de valores dominantes, mas também, e talvez, sobretudo, dos posicionamentos entre atores sociais em nível de práticas de interação cotidiana. Rejeitar uma lógica dicotômica dos sexos representa antes de tudo um desafio linguístico.

Uma pessoa que não concorda se representar por meio de uma concepção socialmente partilhada e institucionalmente legitimada dos gêneros, de qualquer forma deverá respeitar as regras dicotômicas do italiano para se posicionar como identidade sexuada. Isto significa que as escolhas linguísticas de quem rejeita se adaptar a um modelo binário dos gêneros, de qualquer maneira deverá responder às regras sexuadas de uma estrutura lexical como a italiana, se decidir usar esta língua para comunicar as próprias ações e intenções, e também o próprio sistema de significados ao outro.

Para Wittgenstein (1922/2012), o qual afirmou que os limites da linguagem delineiam os limites do universo, os processos semânticos têm a propriedade de situar os procedimentos simbólicos dentro de coordenadas precisas de significado, assim demonstrando, como já afirmado por Durkheim (1898/1978), que os fatos sociais se apresentam como entidades factuais, uma vez que o próprio sentido resulta coletivamente partilhado, para depois ser institucionalizado como prática legitimada. De fato, a linguagem “constrói campos semânticos ou zonas de significação linguisticamente circunscritas” (Berger & Luckmann, 1966/1995, p. 41).

Este aspecto epistemológico emerge de uma perspectiva socioconstrucionista e interacionista da realidade, pela qual as práticas sociais, as referências culturais e os construtos de identidade não se apresentam como processos lineares, mas podem ser considerados o resultado de uma constante negociação entre sistemas de valores, hierarquias de poder e aparados normativos (Foucault, 1975/1987).

As oposições, transversalmente difundidas em realidades diversas de interação nos contextos ocidentais e ocidentalizados, não seriam causadas por um quadro etiológico hipotético, pelo qual se nasce os bons ou os maus, os hábeis ou os inábeis, os normais ou os anormais e também os homens ou as mulheres; mas esta distinção da realidade representa só uma entre variados modelos interpretativos. As dicotomias, semanticamente e por consequência culturalmente pré-

definidas, serão reificadas por normas e contextos, culturas e histórias, interações e posicionamentos.

Então, as experiências subjetivas submetem-se a uma ordem social e simbólica e, portanto, essas serão colocadas dentro de categorias de significados, negociados juntos com outros agentes que fazem parte de um mesmo contexto cultural e horizonte espaço-temporal.

As pessoas cuja identidade de gênero não coincide com um modelo ontológico, onde o dualismo sexual representa a única forma para se posicionar como gênero, correm o risco de romper uma ordem milenar de significados simbólicos que se tornaram realidades axiomáticas.

O argumento central, pelo qual, em uma ótica construcionista não se pode considerar o gênero como correlato isomorfo do sexo, é a distinção epistemológica entre corpo biológico e identidade psicossocial. Uma contribuição interessante a respeito desta perspectiva, além dos paradigmas pós-feministas (Butler, 1990/2004; Treicher & Kramarae, 1983; West & Zimmermann, 1987), foi oferecido por Goffman (1977). O autor afirma, talvez de forma provocadora, que

“de qualquer forma deveria estar completamente claro que o gênero e a sexualidade não são a mesma coisa; conforme a minha interpretação, pelo menos, um rapaz de sete anos que de forma viril se propõe de ajudar a própria avó a levar pacotes pesados, não está de forma alguma ‘dando em cima’ dela” (Goffman, 1977, p. 304)<sup>1</sup>.

A palavra *sexo* é com frequência usada, seja no sentido geral ou em muitos âmbitos disciplinares, como a biologia e a medicina, para indicar indivíduos machos e fêmeas, com base de diferenças anatômicas. Ao contrário, o substantivo *gênero* representa a declinação cultural da dimensão biológica do sexo; é, portanto o resultado de uma integração de natureza e cultura, que se desenvolve no amadurecimento biológico e num contexto psicossocial de um indivíduo. No senso comum, a identidade de gênero responde a uma lógica binária, pela qual pode existir somente uma congruência indissolúvel entre sexo e gênero. Então, por muito tempo foi mantida uma concepção patológica das

---

<sup>1</sup> Versão original em inglês: “In any case, it should be perfectly clear that gender and sexuality are not the same thing; by my understanding, at least, a seven-year-old boy who manfully volunteers to help his grandmother with her heavy packages is not trying to make out with her”.

experiências de transição entre os gêneros, à qual se põe como remédio uma correção fisiológica, anatômica e enfim psicológica, com o fim de reestabelecer a ordem racional das coisas naturais.

A identidade de gênero numa óptica socioconstrucionista é, ao contrário, entendida como uma representação íntima e pessoal do *self*<sup>2</sup> e ao mesmo tempo um *script*<sup>3</sup> existencial desempenhado nos ‘palcos’<sup>4</sup> da vida cotidiana (West & Zimmerman, 1987). Esta perspectiva teórica considera os gêneros como processos fluidos, relacionados a um forte valor emotivo, não estáticos ou monolíticos, mas móveis e permeáveis.

As identidades, em sentido amplo e não somente as de gênero, são dimensões socioindividuais em contínua redefinição, porque são geradas em um constante confronto entre analogias e diversidades, entre o que é visto como afirmação da própria experiência pessoal e o que ressoa o efeito das expectativas e das interferências do contexto.

Como afirmado por Berger e Luckmann (1966/1995), o processo de socialização permite, por meio dos sistemas simbólico-linguísticos, a compreensão recíproca entre indivíduos. A identidade e a realidade social delineiam-se como o produto da interação dialética entre organismo, consciência individual e estrutura social.

---

<sup>2</sup> Na tese, foram utilizados alguns termos em língua estrangeira, não porque falta uma tradução em português, mas porque no idioma original, no qual foram produzidos, têm um sentido hermético, o qual, além do significado semântico, alude a um sistema de significantes mais amplo. Esses termos, portanto, a primeira vez que são utilizados, serão definidos em rodapé.

A palavra *self* significa literalmente: si. É utilizada em âmbito psicológico e sociológico para indicar a representação subjetiva de si mesmo. Essa palavra tem um sentido diferente do “eu”, em quanto o conceito do “eu” indica uma posição fortemente individualista. Na abordagem socioconstrutivista, por enquanto, considera-se os atores sociais como organismos em constante interação. A personalidade, portanto não existe. O sentido subjetivo consiste em uma coerência de diferentes fragmentos de identidade, desenvolvido pelas pessoas para poderem se definir como seres individuais.

<sup>3</sup> Com este conceito refere-se as regras do comportamento, as quais, similarmente de uma peça teatral definem modos de interação, culturalmente legitimados e socialmente partilhados.

<sup>4</sup> A metáfora do palco e do teatro foi criada para Goffman (1959/1985). Ele considera o comportamento público como um recital sobre o palco da vida cotidiana. Os agentes sociais são tanto os atores mesmos, quanto o público. O cenário é o lugar onde se adotam os comportamentos mais formais, enquanto a vida privada se articula nos bastidores. Portanto na “região da fachada” desenvolvem-se as coordenadas simbólicas do contexto, os quais, como as peças teatrais, definem as regras pela interação entre os atores sociais.

A linguagem torna os significados pessoais objetivos, dotando-os a uma visibilidade pública e partilhada. Este processo está na base da construção e da, não sempre concomitante, aceitação de novas afirmações de identidade, dentro de uma sociedade pós-moderna em contínua redefinição e constante mudança.

Em um contexto de forte funcionamento normativo, como um presídio, dentro do qual fora realizada parte da presente pesquisa, estes aspectos assumem uma aparência ainda mais nítida e a linguagem torna-se aquele artefato comunicativo e regulador que fornece categorias à experiência, consentindo a construção e a definição das situações cotidianas e, enfim, da estrutura normativa de referência. Como artefato entende-se a linguagem enquanto instrumento lógico-pragmático da comunicação. A estrutura e a função da linguagem foram criadas como sistemas simbólicos, reificados pela cultura e legitimados dentro de um campo social.

O conceito de artefato foi introduzido na psicologia cultural por Cole (1995), o qual faz uma reinterpretação das teorias sobre o desenvolvimento da linguagem de Vygotskij (1934/1990). Cole considera as práticas linguísticas não somente de uma forma comunicativa, mas também, e talvez, sobretudo, como um constructo complexo entre as exigências pragmáticas, as regras normativas e as superestruturas simbólico-culturais. A linguagem apresenta-se assim como instrumento de comunicação, mas essa se torna principalmente um artefato de mediação. Este conceito foi adotado também na antropologia da linguagem, especialmente por Duranti (2007) e Ochs (1996).

No âmbito desta tese, o artefato refere-se à função reificante da linguagem em construir repertórios semânticos generizados, ou seja, um discurso feminino e um masculino. Desta forma, a linguagem funciona como aparato mediador para a interiorização da estrutura social e, ao mesmo tempo, institui normas com base nas quais a interação se torna culturalmente significativa.

Nas sociedades, caracterizadas por uma hegemônica visão dualística dos sexos, muitas vezes a falta de pressupostos de conhecimento e de formas de organização social favoráveis à integração da diversidade, tornam muito problemática a reivindicação das representações de gênero que não respondem à lógica dicotômica de um modelo heteronormativo. Então, alinhando-se a esses tópicos prefere-se o uso do conceito híbrido *transgênera ou transgênero*<sup>5</sup> ao construto

---

<sup>5</sup> Esses termos são utilizados como palavras “guarda-chuva” para indicar os percursos de transição de uma condição biológica feminina ou masculina a uma

biodeterminístico *transsexual*<sup>6</sup>, porque a transição de gênero se representa como um percurso existencial e um processo de construção de identidade, delineado por parâmetros linguísticos e variáveis socioculturais. Uma perspectiva centrada na compreensão do outro que “transcende as categorias existentes e restritivas da identidade de gênero, é mais neutro no que diz respeito à etiologia e compreende a ampla complexidade das manifestações e das identidades de gênero”. (Pfäfflin & Colemann, 1997)<sup>7</sup>.

Por meio desta reformulação conceitual, reconhece-se o direito de reivindicação de quem, cuja afirmação e representação de gênero está em desacordo com a ordem biológica e a concepção binária dos sexos.

A literatura científica interessou-se por esse fenômeno com perspectivas teóricas diversas, que vão da antropologia à sociologia e das disciplinas jurídicas às médicas e psicológicas. Os diversos modelos de pesquisa abordaram o estudo dos gêneros em transição por meio de diferentes lentes teóricas: de um paradigma de tipo positivista (Westphal, 1869, Cauldwell, 1949), centrado na etiologia e portanto nas causas, às teorias orientadas para uma perspectiva sociológica (Garfinkel, 1967/2000) e psicológica (Money, 1975), com o objetivo de estudar as dimensões pessoais, afetivas e relacionais de vida. Tal perspectiva científica, mesmo focalizada no conhecimento do sujeito, coloca as realidades transitórias dos gêneros dentro do quadro histórico-cultural mais amplo, no qual se integram aspectos individuais e coletivos, simbólicos e normativos.

Por isso, o principal ponto de interesse do presente estudo consiste em pesquisar como as experiências de transição emergem de práticas discursivas, aninhadas dentro de campos de significados simbólicos, que constituem o capital cultural. O gênero transitório pode ser considerado uma modalidade de interação, diante da qual os atores sociais se posicionam por meio de práticas discursivas e repertórios

---

representação de si mesmo, identificável com um universo psicológico, social e cultural do gênero oposto. Na literatura inglesa se adota o termo “transgender FtM (female to male)” ou “MtF (male to female)”.

<sup>6</sup> Percurso médico, endocrinológico e psicológico, por meio do qual passa uma pessoa que quer transformar o seu corpo para ser o mais parecido possível com o sexo oposto. Se o transgenerismo representa uma transição social, psicológica e cultural; o transexualismo representa uma transição anatômica e fisiológica.

<sup>7</sup> Versão original em inglês: Transgender is a new term which transcends the restricting and extant categories of gender identity, is more neutral regarding etiology, and encompasses the vast complexity of gender manifestations and identities.



narrativos. Como as pesquisas recentes, de uma perspectiva processual dos eventos sociais (Connell, 2010; Schilt & Westbrook 2009; Vidal-Ortiz, 2009), realizadas sobre este tópico, o presente estudo analisa a construção pessoal e social do transgênerismo, no que se refere a aspectos linguísticos, culturais e situacionais.

Os sistemas de interação, por meio dos quais as pessoas fazem gênero nos contextos diversos da vida comunitária, apresentam constantemente procedimentos de interação que se submetem a uma retificação linguística, negociada entre atores sociais e ambientais. Fatores históricos, referências ideológicas e *status* sociais, definem diferentes modalidades de representar-se como gênero, demonstrando como é reduutivo e epistemologicamente impróprio assimilar as pluralidades das experiências intra e interpessoal sob um único denominador comum.

A categoria *transsexual*, como também o conceito *transgênera/o*, são apenas categorias arbitrárias, muitas vezes abusadas com a finalidade de relegar as diferenças pessoais e sociais dentro de uma mesma classe semântica. Inclusive conceitos, como desvio e discriminação, não podem ser estendidos a todas as afirmações de transição por meio das quais se é possível construir sistemas de identidade *ex-novo*. Tais práticas descritivas e, às vezes, hermenêuticas, só tem sentido se consideradas na especificidade do momento de interação, e também do contexto no qual tomam forma os hábitos pessoais e coletivos. Por isso, as realidades subjetivas e sociais tornam-se ações dotadas de sentido.

Enfim, a construção simbólica das identidades de gênero move-se ao longo de coordenadas normativas e hierarquias de poder, que condicionam implicitamente a organização psicológica e interacional dos discursos (Fairclough & Wodak, 1997). Qualquer pessoa, a qual atravesse um percurso de transição entre os polos sexuais definirá a si mesma com referência a coordenadas semânticas e situacionais, em sintonia com a complexidade dos sistemas de valores superordenados. As/os transgêneras/os, apesar de que algum/a tente reivindicar uma afirmação de identidade para além da dicotomia sexual, de qualquer maneira deverá responder em termos lexicais a uma prática discursiva declinada para um ou outro extremo de gênero.

*Falando gênero* significa produzir discursos sobre a representação de um posicionamento de gênero, que parece ser incompatível em relação à estrutura fortemente *generizada* da semiótica italiana. Esta dissonância entre sintaxe e semântica reflete-se depois nas interações com os outros agentes, nas práticas de posicionamento

cotidiano e enfim, nos processos culturais que denotam a realidade de sentido partilhado.

Portanto, o discurso *generizado* pode ser entendido como um conjunto de práticas narrativas, por meio das quais os atores sociais envolvidos em uma mesma *região de fachada* (Goffman, 1959/1985) ou *frame*<sup>8</sup> de interações (ibidem, 1974/2006), negociam significados sexuais, que definem regras e normas de posicionamento.

Dos relatórios e dos testemunhos coletados para a pesquisa, objeto deste trabalho de tese, emerge que os gêneros são *scripts* desempenhados nos vários palcos ou cenários da vida cotidiana, como concebe Goffman (1977) e West e Zimmerman (1987), mas, ao mesmo tempo a linguagem com a qual tais *scripts* foram escritos, é uma linguagem *sexuada* e, portanto, dicotômica. Todos os atores envolvidos, falam o *gênero narrativo dos gêneros sexuais*.

Com o presente estudo pretende-se ampliar o construto do *fazer gênero*, com uma pesquisa sobre a dimensão discursiva, que institucionaliza os sistemas de interação por meio de significados partilhados e legitimados. Então, integra-se o conceito interacionista do *Fazer Gênero* com um paradigma discursivista do *Falar gênero*. Contudo, entende-se que o gênero como um construto plural e um processo fluido entre o *Dizer* e o *Fazer*.

---

<sup>8</sup> Conceito introduzido nas ciências sociais para Goffman. As linhas teóricas são definidas na publicação de 1974/2006, a qual se intitula *Frame Analysis*, ou seja, literalmente a “análise do molde”. Com *Frame*, portanto, mais que o próprio contexto da interação, ele entende as coordenadas simbólicas e históricas, as quais definem a estrutura de um conjunto de ações, crenças, modos de comportamento e rituais socioculturais. O *Frame* são as regras do contexto quanto às normas sociais que constituem os papéis do comportamento na vida pública. O *Frame* pode ser considerado uma evolução conceptual da metáfora do decoro e do cenário teatral, muito utilizado nas primeiras publicações de Goffman (1959/1985, 1961/2003, 1963/1983). Nesta tese essa palavra é utilizada às vezes na versão inglês, porque particulariza, no processo de análise, aqueles aspectos formais, os quais circunscrevem o contexto.

## PRIMEIRA PARTE: A TRANSIÇÃO DO DISCURSO E O DISCURSO DA TRANSIÇÃO

### Assuntos epistemológicos, teóricos e normativos

#### 1.1 ENTRE REPRESENTAÇÕES E CONSTRUÇÕES

##### 1.1.1 Quadro Teórico: O “quê” e o “porquê” conhecemos

“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”  
(de Beauvoir, 1949/1990, p. 9).

A famosa citação de Simone de Beauvoir pode ser ampliada a todos os percursos existenciais ao longo dos quais se estrutura uma representação de si mesmo como gênero. A identidade de gênero afirma-se por meio de um complexo sistema de interações entre o *self* e o outro, circunscrito por práticas sociais e processos culturais. Os gêneros não são determinados pela diferenciação dos cromossomos sexuais e pelos efeitos deles em nível anatomofisiológico. De fato, quem mais do que uma pessoa cuja identidade de gênero não corresponde a uma representação dicotômica dos sexos poderia demonstrar que tanto mulheres quanto homens não se nascem como tal.

Este trabalho de tese disserta sobre os percursos de afirmação de uma própria identidade que ultrapassa *scripts* e *idealtipos*, legitimados por uma hegemônica representação da realidade social, pela qual *gênero*, *sexo* e *sexualidade* assumem funções exclusivamente naturalísticas com os fins da reprodução. Max Weber refletiu sobre o significado da sexualidade na perspectiva protestante, segundo a qual todas as acepções de prazer e todas as escolhas pessoais fora de uma concepção funcional da vida sexual, contrapõem-se à ética do conhecimento e do progresso racional:

“A ascese sexual do puritanismo somente difere no grau, e não na essência, da ascese monacal; e, de acordo com a concepção puritana do casamento, é de muito maior alcance do que ela. Isso porque as relações sexuais são apenas permitidas, mesmo dentro do casamento, como meio desejado por Deus para aumento de sua glória, de acordo com o mandamento: ‘Crescei e Multiplicai-vos’” (Weber, 1904-1905/1974, p. 211).

Uma similar *Weltanschauung* de marca *heteronormativa* e determinística é gerada por uma mediação de significados, institucionalizada por meio de processos de interação entre o agir cotidiano (Goffman, 1977) e estruturas normativas e de poder superordenadas (Foucault, 1975/1987). Este caleidoscópio entre representações individuais e representações coletivas retifica os universos simbólicos a dimensões fatuais, do momento em que os significados atribuídos à realidade foram negociados dentro dos contextos sociais, aonde esses vêm sendo aceitos *tout court*, tornando-se objeto de um contínuo e partilhado processo de regulação (Durkheim, 1898/1978). Destas práticas reificadas emergem uns hábitos culturais que são definidos por, e que definem por sua vez, universos de interação, circunscritos por coordenadas espaciais, fronteiras ideológicas e horizontes temporais. Esta circularidade entre eventos e ações gera complexos sistemas de interdependência entre dispositivos materiais, artefatos simbólicos e contextos. A interseção entre dimensões *reais* e *ideais* delinea campos existenciais, ao longo dos quais se articula uma interação constante entre indivíduos, sociedades e ambiente:

“Os condicionamentos associados a uma classe particular de condições de existência produzem *habitus*, sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor a intenção consciente de fins e o domínio expreso das operações que podem ser consciente de fins e o domínio expreso das operações necessárias para alcançá-los, objetivamente “reguladas” e “regulares” sem em nada ser o produto da obediência a algumas regras e, sendo tudo isso, coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação organizadora de um maestro” (Bourdieu, 1980/2009, p. 87).

O elemento constitutivo que dá à interação uma validade comunicativa, por meio da qual será possível partilhar e transmitir conhecimentos, experiências, papéis e status, é dado pela linguagem. De fato, são os universos idiomáticos a delinear as fronteiras do

conhecimento que temos de nós mesmos e do mundo, ou seja: “Die Grenzen meiner Sprache bedeuten die Grenzen meiner Welt” - “os limites da minha linguagem constituem os limites de meu mundo” (Wittgenstein, 1922/2012, 5.6.).

Para o filósofo austro-britânico não pode existir outra representação da realidade, física, metafísica, social ou ideológica que não encontra sua colocação ontológica dentro dos campos semânticos que a descrevem. Mesmo o pensamento, como também defendido por Vygotskij (1934/1990), desenvolve-se junto com a linguagem; sem linguagem não pode existir pensamento e vice-versa: “O que não conseguimos pensar, não podemos pensar; então não podemos nem dizer, o que não conseguimos pensar”. (Wittgenstein, 1922/2012, 5.61<sup>9</sup>).

Neste sentido as representações da realidade, os processos de institucionalização e de legitimação dos sistemas normativos, ou seja, as hierarquias de poder, podem ser considerados Discursos (Foucault, 1971/2004). O hábito, dentro do qual se articulam as identidades culturais, muitas vezes corresponde a barreiras ideológicas que definem as arbitrárias fronteiras geográficas de um estado. O que legitima a reificação simbólica de um determinado *habitus* são os repertórios discursivos, colocados dentro de coordenadas espaços-temporais específicas, de fato “uma cultura nacional é um discurso – uma maneira de construir significados que influenciam e organizam seja as nossas ações seja a concepção que temos de nós mesmos” (Hall, 1996, pp. 612-613)<sup>10</sup>.

Considerando então a nação, e os correspondentes esquemas culturais, como um processo discursivo, também as interações entre os gêneros se tornam as coordenadas narrativas de uma hierarquia de poder, que vê o homem como o expoente executivo do desenvolvimento econômico e ontológico.

O foco central da pesquisa é, portanto, o discurso, entendido tanto como sistema idiomático – estrutura morfossintática e conteúdo semântico (Golla, 2007), como forma comunicativa – práticas paralinguísticas e gestuais da conversação (Jefferson & Sachs 1995, Schegloff, 1991) e como repertório de universos culturais (Bourdieu,

---

<sup>9</sup> Versão original no alemão: “Was wir nicht denken können, das können wir nicht denken; wir können also auch nicht sagen, was wir nicht denken können.”

<sup>10</sup> Versão original no inglês: “a national culture is a discourse – a way of constructing meanings which influences and organizes both our actions and our conceptions of ourselves”.

1980/2009), horizontes relacionais (Wodak, 1989) e hierarquias de poder (Foucault, 1975/1987).

O discurso, portanto, não pode ser entendido como um simples recipiente de significados lexicais e semióticos, mas como um complexo instrumento regulador que normatiza os processos de interações entre si, o outro e a cultura:

“Apresentar, como faz Saussure, que o meio verdadeiro da comunicação não é a fala como dado imediato considerado em sua materialidade observável, mas a língua como sistema de relações objetivas que torna possível tanto a produção do discurso quanto sua decifração, significa operar uma completa inversão das aparências, subordinado a um puro construto, do qual não existe experiência sensível, a matéria mesma da comunicação, a que se oferece como a mais visível e a mais real” (Bourdieu, 1980/2009, p. 50).

Parafraseando Clifford e Marcus (1986), a mesma cultura afirma-se por meio das narrações e das modalidades de construção de significados linguísticos que se tornam significados simbólicos. *Writing culture*, ou seja: *escrevendo a cultura*, reflete muito bem o que Gerd Baumann (1996) entende por processo de reificação simbólica.

Portanto o *gênero* não pode ser visto como entidade monolítica e inata, como afirmado pelo determinismo positivista de teorias interessadas na acepção etológica dos sexos (Dörner, 1987), mas este se torna uma representação de si e do outro, uma forma de poder e um papel existencial, recitado no palco da vida cotidiana. Erving Goffman na terceira parte do seu ensaio *A relação entre os sexos* (1977/2009) considera as interações entre os gêneros como uma exibição cerimonial: “Se definamos o gênero como correlato culturalmente determinado do sexo (seja consequentemente da biologia, seja da aprendizagem), então as exhibições do gênero referem-se a representações convencionadas deste correlato” (Goffman, 1977/2009, p. 82)<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> Edição italiana consultada: “se definiamo il genere come il correlato stabilito culturalmente del sesso (sia conseguente dalla biologia o dall’apprendimento), allora le esibizioni di genere si riferiscono a rappresentazioni convenzionalizzate di questi correlati”.

Surge destas considerações o conceito de *Fazer Gênero*<sup>12</sup> introduzido na Sociologia norte-americana por West e Zimmerman em 1987. Com esta construção teórica foi superada a tradicional noção de *papéis*, que teria visto a dicotomia dos gêneros como evolucionista e como lógica transposição da antinomia sexual em nível social. O *Fazer Gênero* descreve o gênero como um processo, tomando a distância das abordagens de tipo inato: “O sexo, como explicamos aos estudantes, é o que foi escrito pela biologia: anatomia, hormônios e fisiologia. O gênero, ao invés, é a aquisição de um status: este último é construído por meio de significados psicológicos, culturais e sociais” (West e Zimmerman, 1987, p. 125)<sup>13</sup>.

A partir destas premissas procura-se pesquisar a estrutura discursiva que sustenta a articulação do gênero e suas alterações diante das interações no cotidiano e no que se refere aos sistemas normativos e de valor. O *Fazer Gênero* será analisado não como criação social, mas como um gênero narrativo que influencia os posicionamentos discursivo-contextuais (Harré & Van Langenhove, 1991) entre os agentes que partilham uma determinada situação social. Portanto a identidade de gênero desenvolver-se-ia conforme uma perspectiva processual e permeável, culturalmente definida.

O tópico desta tese são os percursos de *gênero em transição*, ou seja, os processos de construção da própria identidade que não refletem uma visão hegemônica e eurocêntrica (Bimbi, 2009) de uma representação do gênero como expressão isomórfica (Vanderburgh & Forshée, 2003) e heteronormativo (Ward & Schneider, 2009) do dualismo sexual (Broad, 2002). Principalmente pesquisam-se as modalidades de posicionamento, por meio das quais *os/as transgêneros/as* definem a própria identidade de gênero, a respeito de uma margem de agenciamento que varia conforme o contexto de referência.

Sendo esta pesquisa centrada nos processos discursivos e nas práticas comunicativas, e por meio das quais os atores sociais se posicionam entre eles e o contexto com o fim de se representar como identidade de gênero, é necessário recorrer a uma teoria capaz de captar

---

<sup>12</sup> O título original da publicação de West e Zimmerman do 1987 é *Doing Gender*.

<sup>13</sup> Versão original em inglês: “Sex, we told students, was what was ascribed by biology: anatomy, hormones, and physiology. Gender, we said, was an achieved status: that which is constructed through psychological, cultural, and social means”.

as sutis nuances na interação, de fato “estão mudando as referências conceituais com as quais as disciplinas psicossociais olham para a realidade: estamos interessados na variabilidade e não na uniformidade nos processos sociais” (Mantovani, 2003, p. 19)<sup>14</sup>.

Neste sentido precisa-se criar uma analogia entre objeto observado e os tópicos epistemológicos de referência (Wittgenstein, 1922/2012).

O quadro teórico geral, dentro do qual se coloca a seguinte pesquisa, então se refere a uma perspectiva socioconstrutivista (Mead, 1934/1972; Berger & Luckmann, 1966/1995; Goffman, 1961/2003, 1963/1983), sociodiscursiva (Clifford & Marcus, 1986; Fairclough, 2006; Wodak, 1997) e sociolinguística (Foucault, 1976/1978; Vygotskij, 1934/1990). Estes paradigmas descrevem a elaboração das percepções sociais não como um processo inato, mas como o resultado de uma constante negociação de interações simbólicas e partilhadas: “Não conheço outros modos com os quais a inteligência poderiam formar-se o ser formadas, si não por meio da interiorização pelo indivíduo dos processos sociais da experiência e do comportamento” (Mead, 1934/1972, p. 203)<sup>15</sup>.

Estes processos desenvolvem-se na interação entre agentes sociais. A comunicação, portanto, torna-se um ato social que se articula ao longo de dois aspectos: a comunicação como prática estratégica e a linguagem como matriz simbólica (Mead, 1934/1972).

Então, os processos de interação tornam-se ações dotadas de sentido (Schütz, 1960/1974). O verbo francês *connaitre*, descreve muito bem o conceito de conhecimento, entendido como um sistema de mediação simbólica entre muitos indivíduos com o fim de co-construir universos ontológicos. O *connaitre*, literalmente conectar-se, torna-se conhecimento partilhado, co-construído ativamente na interação com o outro. Por meio destas modalidades de negociação entre si e a realidade, gera-se a representação do *Outro generalizado* (Mead, 1934/1972).

As práticas da comunicação, ligadas a acepções simbólicas (Berger & Luckmann, 1966/1995) e reflexos pragmáticos (Watzlawick,

---

<sup>14</sup> Parafrazeando Potter e Wetherell (1987).

Versão original em italiano: “stanno cambiando le griglie concettuali con cui le discipline psicosociali guardano la realtà: siamo interessati a cogliere la variabilità e non solo l’uniformità nei processi sociali”

<sup>15</sup> Versão italiana consultada: “Non conosco altri modi in cui l’intelligenza o la mente potrebbero sorgere o essere sorte se non attraverso l’interiorizzazione da parte dell’individuo dei processi sociali dell’esperienza e del comportamento”



Bevelas & Jackson, 1967/1971), tornam-se parte integrada dos universos de interação e, portanto são os veículos constitutivos do posicionamento entre *self* e o *outro*.

A comunicação, de que a linguagem representa o elemento reificante (Vygotskij, 1934/1990), gera processos discursivos (Clifford, 1986) e gêneros narrativos (Wodak, 2001), compatíveis com o universo de valores subjacentes.

Os sistemas de interação e as práticas de co-construção simbólica da realidade social e cultural (Cole, 1995; Mantovani, 2005), são instrumentalizados por meio dos meta-artefatos idiomáticos. Por meio destes sistemas de mediação é institucionalizado o processo de definição de uma realidade partilhada, que produz áreas de significado delimitadas por universos linguísticos: “A linguagem constrói campos semânticos ou zonas de significação linguisticamente circunscritas” (Berger e Luckmann, 1966/1995, p. 61).

É mesmo com base desta premissa que se pode considerar a linguagem como um artefato. Este assunto epistemológico surge de uma tradução interpretativa das teorias sobre a linguagem de Vygotskij (1934/1990) por meio das lentes paradigmáticas de uma abordagem funcional-constructivista proposta por Cole (1995).

Para Cole, o que Vygotskij entende como processo linguístico, pode ser considerado uma interação entre o *self* e um artefato, escondido dentro de um contexto específico. Este artefato articula-se ao longo das estruturas lexicais e semânticas da linguagem, as quais depois são reificadas pelos sistemas culturais.

Portanto os artefatos devem ser considerados como estruturas peculiares de realidades específicas, com os quais os atores sociais interagem com o fim de produzir instrumentos simbólicos (linguagem) e físicos (ambiente). Especialmente a linguagem, entendida como meta-artefato muito complexo (verbal, para verbal, gestual, expressivo, reificante) constitui o objeto de pesquisa principal desta tese.

As práticas comunicativas e especialmente a linguagem, geram-se por meio dos processos sociocognitivos (Van Dijk, 2006), considerados como um complexo sistema lógico-gramatical, ato resultante das estratégias intencionais de interação com o *Outro generalizado* (Mead, 1934/1972). Conforme esta perspectiva teórica que por um lado traz as próprias definições epistemológicas da psicologia cultural, enquanto por outro lado se refere ao sociolinguístico, é nas práticas discursivas que se identifica uma elaboração funcional que é dirigida a objetivos comunicativos estratégicos. Os processos discursivos, que emergem de qualquer produção textual, dependeriam da interação entre memória

episódica e o contexto a fim de conotar a comunicação de intencionalidade: “... atentos às estruturas ao invés das estratégias de um discurso, definido como um evento comunicativo ou como um exemplo de interação social”. (Van Dijk, 2006, p. 160)<sup>16</sup>.

O *fazer gênero* (West & Zimmerman, 1987) pode ser entendido como um quadro cultural, onde artefatos e meta-artefatos representam sistemas móveis de referência, diante dos quais as pessoas se posicionam em função da sua própria margem de agenciamento.

A identidade de gênero desenvolve-se conforme os níveis de interação e de posicionamento a respeito do contexto com o fim de produzir um discurso.

Portanto os repertórios discursivos serão estudados a respeito da própria estrutura lexical e organização semântica: “Isto adiantamento discursivo manifesta-se sobretudo na nossa capacidade de adaptar o estilo do discurso ao contexto comunicativo presente” (Van Dijk, 2003/2004, p. 51)<sup>17</sup>.

De fato, no âmbito do sociodiscursivo considera-se a linguagem como um aparato não só estilístico-formal, mas talvez e, sobretudo como um repertório discursivo mais amplo que sente o efeito de macro-coordenadas culturais, normativas e contextuais (Clifford & Markus, 1989; Cole, 1995).

Segundo esta definição, a produção idiomática torna-se um processo de interação em mais níveis. Todavia a linguagem, entendida como instrumento, também representa um conjunto lógico e acabado de elementos constitutivos da comunicação. Esta, portanto, estrutura-se ao longo das componentes estilísticas (fonemas e morfemas) que são organizados conforme um preciso sistema de regras (sintaxe e gramática).

Destas considerações surge uma distinção entre texto e discurso, que vê o primeiro como o resultado de processos organizativos, ou seja, estratégias cognitivas que produzem “*representações microestruturais – morfológicas e fonológicas*” (Luciani, 2002, p. 258), as quais constituem as bases estruturais de um complexo corpus discursivo de

---

<sup>16</sup> Versão inglês original: “... attend to the structures or strategies of this speech defined as a communicative event or as an instance of social interaction”.

<sup>17</sup> Edição italiana consultada: “Questo adattamento discorsivo si manifesta soprattutto nella nostra capacità di adattare lo stile del discorso al contesto comunicativo presente”

“representações macroestruturais – semânticas e pragmáticas” (ibidem).

Enquanto o texto pode ser considerado um conjunto lógico-gramatical, o discurso torna-se um aparato simbólico de significados compartilhados que mesmo constituem a *Semiótica generativa ou Sociosemiótica* (Greimas, 1983/1984; Fabbri, 2005).

A respeito desta hipótese, existiria uma correlação entre funções mnêmicas e a elaboração de estratégias cognitivas, implicadas na gênese de textos e discursos. Esta correlação, dada a natureza categorizadora dos processos mentais, logo seria corresponsável da produção de estereótipos, preconceitos e orientação ideológica (Van Dijk, 1993, 2003/2004).

Estes mecanismos, que a respeito de uma concepção sociohistórica (Wodak, 1989) e sociocultural (Fairclough, 2006) são compreendidos também e, sobretudo, a nível implícito, articulam-se antes e principalmente por meio das proposições microestruturais do discurso (Van Dijk, 2006).

Concernem à pesquisa em objeto, as simetrias micro- e macro-proposicionais entre as várias classes textuais, trazem à tona umas posições discursivas a respeito de experiências similares vividas em contextos afins. Segundo a antropologia da linguagem (Duranti, 2007) e as abordagens críticas interessadas na análise do discurso (Van Dijk, 1993, Wodak, 1989) o texto, como gênero e como processo reproduz representações que são partilhadas dentro de uma mesma situação social. Esta última é circunscrita por confins simbólicos – as normas, as ideologias, a cultura – mas também físicos – o ambiente, os confins nacionais que muitas vezes delinham os confins linguísticos.

O gênero narrativo (Wodak, 2001) torna-se, portanto, um meio de percepção do *self* e do outro do momento em que alguns esquemas tipificadores são característicos de determinadas experiências situadas no espaço e no tempo.

A comunicação torna-se, então, o veículo arrastante de uma realidade altamente complexa que gera universos discursivos, culturais e, portanto, normativos.

As observações serão, então, focadas nos repertórios discursivos, entendidos como gêneros narrativos (Wodak, 1989), sistemas semióticos (Foucault, 1975/1987, 1976/1978) e aspectos tantos formais (Duranti, 2007; Schegloff, 1990) como implícitos (Fairclough, 2006) da comunicação.

Portanto a interação é o conjunto de significados e de regras implícitas e explícitas que delinea o posicionamento (Harré & Van

Langehove, 1991) entre atores sociais e contexto, de que emergem os papéis e os status na sociedade. *Encenando* o papel dos outros *no palco da vida cotidiana*, interpretam-se reciprocamente as atitudes dos outros e age-se na base do significado dado por tais interpretações. A reciprocidade, portanto, deve ser considerada como uma prática de mediação e também como uma modalidade de entrar em relação com o outro.

A linguagem, vista como uma forma de comunicação por meio de símbolos significativos, representa o elemento constitutivo mais importante da comunicação, que se torna meio para mostrar uma realidade muito complexa que produz repertórios discursivos (Clifford & Markus, 1986), compatíveis com o universo cultural abaixo.

As representações sociais, conforme esta perspectiva, não são atribuíveis a predisposições inatas, mas se desenvolvem e são retificadas por meio de constantes negociações de interações simbólicas partilhadas (Mead, 1934/1972). A percepção da realidade é co-construída entre os atores sociais, deslocando a atenção das representações mentais ao discurso, como processo de interação (Vygotskij, 1934/1990).

A linguagem, como sistema institucionalizado, capaz de *normatizar* as regras da comunicação, não constitui simplesmente o artefato de mediação mais apurado da interação humana, mas esta manda a um universo de sistemas culturais e contextuais que se desenvolvem e tomam forma dentro específicas situações. Dentre destes contextos físicos e simbólicos, as práticas conversacionais, que sejam palavras, gestos ou ações, fornecem ao observador uma lente interpretativa, por meio da qual se pode compreender a gênese de diferentes formas de comunicação e de interação (Duranti, 2007).

O ator social observa e é observado a respeito das suas ações, as quais poderão ser compreendidas somente no próprio processo de significação; portanto não se podem isolar as causas da ação, mas contextualizar e descrever analiticamente o significado da ação como ato cumprido.

A mente e o *self* são o resultado de um processo partilhado (Mead, 1934/1972) e a linguagem, entendida como meta-artefato simbólico, permite o desenvolvimento (Vygotskij, 1934/1990).

Ao analisar criticamente a complexidade dos campos sociais e das respectivas construções culturais, poder-se-á colher a natureza subjetiva e objetiva, individual e coletiva, dos processos que levam à plástica configuração de um *si* em constante interação com a alteridade (humana, simbólica, contextual).

“Ao pensar numa representação, é fácil supor que o conteúdo da encenação é somente uma extensão expressiva do caráter do ator a ver a função da representação nesses termos pessoais. Esta é uma concepção limitada e pode obscurecer diferenças importantes na função da representação para a interação como um todo” (Goffman, 1959/1985, p. 76).

O campo de pesquisa é a interação, em seus elementos constitutivos, aspectos que devem ser pesquisados não em particulares características dos sujeitos ou da estrutura social, mas na situação da mesma interação. O trabalho dos históricos (Vygotskij 1934/1990; Wodak, 1989) e dos pós-estruturalistas (Butler 1990/2004; Foucault, 1975/1987) é de fato dirigido para estudar o fluxo ordenado, e portanto, feito de regras, dos relacionamentos sociais cara a cara a respeito do funcionamento normativo da ordem social, para depois se concentrar nos mecanismos de funcionamento da ordem da interação e da representação do *self*. Estas ordens são, de fato, definidas pelas regras da comunicação de um determinado contexto cultural (Duranti, 2005) e histórico-afetivo (Bauman, 2003; Wodak, 2001).

Goffman (1961/2003), de fato, evidenciou uma ligação semelhante entre ordem de interação e ordem institucional e normativa. Por isso, as atitudes não seriam explicáveis conforme uma correlação linear de *causa-efeito*, mas estes podem ser compreendidos como ações escondidas dentro de uma estrutura social. Tornam-se fundamentais as modalidades de interação que geram momentos de vida e experiências compartilhadas;

Este último, se não considerar também e talvez, sobretudo, as regras implícitas do contexto, não é para si suficiente para compreender e tanto menos prever o comportamento das e entre as pessoas. Goffman distingue desta forma, o comportamento normativamente esperado do realmente esperado a respeito das representações partilhadas, estrutura do contexto e função situada da própria lógica organizadora quanto das acepções simbólicas de referimento.

“Estamos acostumados a supor que as regras de decoro que prevalecem em recintos sagrados, como igrejas, muito diferentes das encontradas em lugares de trabalho cotidiano. Isso não nos deve levar a pensar que nos lugares sagrados os padrões sejam mais numerosos e mais rígidos que os

encontrados em ambientes de trabalho. Enquanto está numa igreja, uma mulher tem permissão de se sentar, sonhar acordada e mesmo cochilar. Entretanto, como vendedora no andar térreo de uma loja de vestidos exigir que ela permaneça de pé, vigilante (...), mantenha um sorriso fixo no rosto mesmo quando não está conversando com alguém e use roupas que mal pode pagar” (Goffman, 1959/1985, pp. 103-104).

Sendo a situação que define a interação e, portanto a percepção que se tem de si e do outro, o contexto torna-se o *frame*<sup>18</sup> dentro do qual tomam forma as representações seja individuais seja coletivas, as quais de fato “acontecem geralmente em um território bem circunscrito e muitas vezes existem inclusive limitações de tempo” (ibidem, p. 123). As identidades, portanto, plasam-se em volta de coordenadas simbólicas, ou seja, espaços-temporais. Estas sentem o efeito de universos culturais e sistemas normativos constantemente modelados e remodelados por expedientes discursivos que definem a tentativa pessoal e social.

A identidade de gênero, que constituem o objeto deste estudo, apresenta-se como um discurso e, portanto se torna uma prática de negociação, que delinea papéis e status diversificados e compatíveis a respeito de manter a ordem normativa.

Vista esta premissa, as experiências de transição de gênero irrompem energeticamente em uma ordem cultural predefinida e pré-constituída, resultado de uma milenária negociação de significados compartilhados e fortemente estruturados dentro das grelhas institucionais de um complexo aparato sociocultural. A realidade *transgênero/a* apresenta-se, então, como um fenômeno marginal no que diz a respeito dos sistemas de valor dominantes e o seu status é frequentemente destinado a revestir um papel discriminado.

Esta situação, muitas vezes conectada a preconceitos e atribuições de significado associados à diversidade, pode excluir as pessoas que percorrem um similar itinerário a partir de muitos âmbitos da vida cotidiana, que sejam dimensões privadas, sociais ao invés de que legais e normativas. Uma pessoa que se declara *transgênero/a* no contexto italiano, não pode acessar a umas prerrogativas da vida comunitária, como o casamento e a *patria potestas* (poder paternal). Estes

---

<sup>18</sup> Para Goffman o frame representa as coordenadas contextuais, entre os quais formam-se as interações sociais

mecanismos de segregação emergem de uma tomada de consciência coletiva sobre a presença de uma nova afirmação identitária dentro dos modelos ontológicos, morais e de valor tão difundidos, compartilhados e legitimados dentro de uma sociedade para dar um sentido de hábito, estabilidade e, portanto, de pertença cultural. Com o fim de salvaguardar a coerência de modelos comportamentais e conhecíveis bem consolidados, visa-se relegar o diferente dentro de uma condição de marginalidade, bem longe então, embora só ideologicamente, da vida comunitária. Esta tomada de posição, que emerge de uma dada estabilidade hegemônica de opiniões, códigos de atitude moral, costumes, etc., será depois retificada por sistemas de controle dominantes, seja por meio da atuação de estratégias repressivas seja por meio da difusão de modelos científicos na tentativa de difundir uma visão etológica da realidade marginalizada.

Jodelet (1989/2001), ao dissertar sobre a representação social do HIV – entre outras coisas, doença muitas vezes associada a comportamentos sexuais considerados amorais: “considera-se a aids uma doença-punição que se abate sobre a licença sexual” (1989/2001, p. 18) – hipotetizou que o sentido comum por meio de um consenso coletivamente compartilhado possa produzir, depois de observações e interpretações ingênuas, uma teoria sobre a presumível etologia de um ou mais eventos sociais, sobretudo se estes perturbam fortemente certo equilíbrio normativo:

“Antes que a pesquisa biológica trouxesse alguns esclarecimentos sobre a natureza da Aids, as pessoas elaboraram teorias apoiadas nos dados de que dispunham, relativos aos portadores (drogados, homossexuais) e aos vetores do mal. (...) Esta visão moral faz da doença um estigma social que pode provocar ostracismo e rejeição e, da parte daqueles que são assim estigmatizados ou excluídos, submissão ou revolta. Submissão do travesti brasileiro, de quem ouvi: ‘Não há precaução a tomar, já que é uma doença moral para punir o pecado. Se ela tem de vir, vem’” (Jodelet 1989/2001, pp. 18-19).

O HIV, mas também a homossexualidade e o transgenerismo/travestismo – restritamente ligados a esta síndrome viral – foram, por muito tempo, identificados pela sociedade e pelo setor científico com momentos/experiências de vida e percursos desviantes. A

mesma comunidade médica-psiquiátrica tinha, de fato incluído a assim chamada *Disforia de gênero* entre os distúrbios do comportamento sexual na vigente versão do *Manual Diagnóstico e Estatístico dos Distúrbios Mentais* (DSM). Isto levou a uma forma de etiquetar que identificaria ao procurar transgênero a manifestação de um possível quadro patológico (Salvini, 1999).

O/a *transgênero/a* tenderia, portanto, a interiorizar o juízo do *Outro generalizado* com o fim de (re)-produzir uma representação de si, coerente a respeito dos discursos e aos gêneros narrativos dos sistemas ético-morais dentro dos quais esta experiência toma forma e significado.

O desvio torna-se então um recipiente semântico ato a restabelecer a ordem social e o equilíbrio de um rígido aparato classificatório, fruto de uma concepção cultural do gênero como monolítica e impermeável. O/a *transgênero/a* tenderá então a reproduzir mesmo os sistemas normatizantes que o/a relegaram dentro de uma situação de diversidade e, portanto, de exclusão.

O interesse neste estudo nasce também pela presença de umas centenas de detidas *transgênero/a* no sistema carcerário italiano. Estas prisioneiras – todas *transgêneros/as woman affirmed*<sup>19</sup> – representam uma realidade marginal e segregada dentro do sistema penitenciário, do momento em que não fica claro como encarar e governar esta situação seja do lado ético-normativo seja do organizativo.

O contexto carcerário, caracterizado por um elevado funcionamento normativo, define papéis pré-constituídos, restritas margens de agenciamento (Zimbardo, 2007/2008), disparidade de status e distribuição de poder (Foucault, 1975/1987).

Especialmente focou-se a análise nas dinâmicas, sejam organizativas, sejam de interação, que se desenvolvem dentro das instituições totais como aparatos normativos formalmente administrados (Goffman, 1961/2003).

As dinâmicas de gênero nas instituições totais são relegadas dentro de uma retificação linguística, fortemente presa dentro dos confins antinômicos do dualismo sexual. Nestes contextos o *fazer gênero* é caracterizado por heurísticas *idealtípicas* que resultam particularmente *genderizadas* (Codd, 2003).

Ao partir destes pressupostos, quer-se observar como uma organização reificante com respeito ao gênero responde às particulares exigências de reconhecimento das *transgêneros/as* e no mesmo tempo como as detidas vivem esta experiência dentro de um contexto, que

---

<sup>19</sup> *woman affirmed* refere-se a um percurso de transição de homem a mulher.



tende a atrofiar as identidades dos detidos dentro predefinidas categorias normativas (Foucault 1975/1987).

A complexidade inerente à experiência da detenção é acentuada pela particular representação de uma identidade *in fieri*, ou seja, da própria “diversidade cultural”, sendo todas as detentas de origem brasileira. Para Vidal-Ortiz (2009), a identidade das transgêneros/as constrói-se, de fato, nos aspectos normatizantes da dicotomia sexual e em relação à própria colocação social. Ser transgênero/a, desempregada, clandestina e detida reflete uma realidade que muitas vezes se refere aos migrantes sul-americanos, especialmente brasileiros, que constituem uma percentual significativa da prostituição transexual nas estradas dos países centro- e sul-europeus (Di Folco & Marcasciano, 2001; Farais de Albuquerque & Jannelli, 1994; Green, 1999).

Estas experiências, consideradas desviantes por alguns autores (Pirro, 2003; Salvini, 1999), criam diferentes momentos de vida de exclusão que podem assumir a conotação de estigma múltiplo (Goffman, 1963/1983; Vidal-Ortiz, 2009), sobretudo se escondidas dentro de um contexto extremo como as cadeias.

O foco da pesquisa é, portanto, centrado nos processos discursivos e nas práticas culturais, por meio dos quais se definem as identidades de gênero e governam-se exigências particulares a respeito da margem de agenciamento contextual. As diversas produções discursivas, expressão de distintas maneiras de significação, nasceriam por uma diferente modalidade de interação entre as transgêneras e o domínio heteronormativo (Schilt, 2006; Ward & Schneider, 2009).

Como sublinha Schilt (2006), existem contextos, sobretudo os de trabalho, que são fortemente generizados, como as “blue-collar occupations and women's professions” (ocupações de cor azul e profissões das mulheres) (p. 445), que são hegemonicamente monopolizadas pela presença de um gênero específico. Alguns destes trabalhos, de fato, dificilmente são ocupados por ambos os gêneros. Estas profissões parecem, de fato, excluir um ou outro gênero, tendo em consideração que as posições de poder, sobretudo no contexto italiano, são principalmente ocupadas por homens, de fato resultam “estilizadas pelo poder simbólico do dualismo homem-mulher, em que o discurso de A estrutura B, utilizando regras e atribuindo habitus para ambos, sendo A não o indivíduo homem ou o grupo social “homens” mas a forma social da masculinidade” (Bimbi, 2009, p. 267)<sup>20</sup>.

---

<sup>20</sup> Versão original em Italiano: stilizzate dal potere simbolico del dualismo uomo-donna, in cui il discorso di A struttura B, agendo regole e assegnando

Esta perspectiva de desigualdade teria origem a partir de uma distinção de papéis que veria o homem como agente protagonista do público e a mulher como a contrapartida silenciosa da esfera privada. Enquanto o homem visa possuir as competências e as habilidades necessárias para gerar mudanças no tecido social e histórico, a mulher tem a tarefa, que lhe foi atribuída pelo homem, de ocupar os papéis do *care*<sup>21</sup>. De fato, destas considerações nasce um paradigma típico do *bem estar social*<sup>22</sup> ocidental ou eurocêntrico (Bimbi, 2009) que se baseia em uma bipartição de dois modelos socioeconômicos antinômicos e ao mesmo tempo compensadores: o homem provedor “*breadwinner*” e a mulher cuidadora “*caregiver*” (Kittay, 2011).

Pessoas que transitam entre os antípodas de gênero representam um processo de construção da própria identidade muito particular, a respeito de formas de auto-afirmação culturalmente mais valorizadas. Na verdade, como enfatizam autores com Wilchins (2002), esta é uma auto-representação que se distancia radicalmente de uma concepção dicotômica dos gêneros, por sinal, associada a um isomorfismo direto a respeito da antinomia biológica dos sexos (Broad, 2002). Esta concepção dual dos gêneros torna-se hegemônica no momento que alguns esquemas culturalmente enraizados, difundam uma visão predominante heteronormativa da realidade social (Ward & Schneider 2009).

A mulher dentro de uma sociedade permeada pelo domínio masculino (Bourdieu, 1998/2010), muitas vezes torna-se a parte subordinada de uma firme hierarquia de poder onde o homem, no sentido de machista “*breadwinner*” (Kittay, 2011), exerce um controle normativo e simbólico absoluto: “Mulher, ou seja, ser humano em condição de subordinação, de “segundo sexo” em relação ao ‘primeiro’ (masculino)” (Cavareto e Restaino, 2002, p. 135)<sup>23</sup>.

Para conseguir manter este monopólio de papel a tendência é de relegar o “outro gênero” em uma posição desfavorável e por isso subordinada. As/os transgêneros, além de repropor acepções simbólicas generalizadas, quebram absolutamente uma coerência normativa que parece desestabilizar a ancestral dicotomia dos gêneros, da qual o homem representa o polo dominante: “Esta posição entre exclusão e

habitus per ambedue, essendo A non il singolo uomo o il gruppo sociale “uomini” bensì la forma sociale della mascolinità.

<sup>21</sup> o conceito care refere-se as atividades de cura, afeito e relacionamento.

<sup>22</sup> entende-se o conceito inglês de: welfare.

<sup>23</sup> Parafraseando Simone de Beauvoir (1949)

inclusão da possibilidade para alguns dos transgênero/a FtM de observar claramente as vantagens de ser um homem no lugar de trabalho”. (Schilt, 2006, p. 469)<sup>24</sup>.

As/os transgêneros, mesmo pelo fato de desestabilizar esta dicotomia encontram com dificuldade uma ocupação entre as atividades socialmente legitimadas. Não é por acaso que muitas das profissões que atuam estão de alguma forma relacionadas a contextos específicos, que parecem acolher as suas diversidades tornando o estigma um símbolo de prestígio (Goffman, 1963/1983). De fato são atividades que por tradição revelaram-se sensíveis à diversidade, condição por sinal atribuída à função social dos contextos artísticos associados, na cultura ocidental, às expressões originais de criatividade.

Devido a isso, se confrontarão experiências transgêneras a respeito da mudança do grau de institucionalização de específicas realidades sociais (Goffman, 1959/1985; 1961/2003). A diferente estruturação dos contextos observados, em termos normativos e culturais, levanta outras diferentes modalidades de interação entre os/as transgêneros/as e o domínio heteronormativo (Schilt, 2006; Ward & Schneider 2009). O fato que a lei 164/82 permita de retificar o próprio estado civil somente depois da demolição e sucessiva reconstrução dos caracteres genitais primários, deixa entender uma visão do gênero fortemente ligada ao sexo biológico.

Outros países como a Espanha e a Alemanha propõem abordagens legislativas diferentes das italianas, com o objetivo de encaixar a realidade transexual/transgênera dentro das grelhas conceituais e culturais do próprio sistema normativo. A Constituição alemã, por exemplo, permite mudar os próprios dados pessoais sem ter necessariamente que mudar o sistema reprodutor. De fato, em termos jurídicos na Alemanha fala-se de “*kleine Lösung*” (pequena solução) para indicar a possibilidade de retificar o estado civil se o indivíduo aderir, em termos psicológicos e sociais ao gênero reivindicado por ela/ele sem precisar fazer uma cirurgia. Esta prática legislativa parece refletir uma perspectiva cultural que identifica no sexo forte uma conotação simbólica e não física (De Silvia, 2007).

Isso significa que mudando o contexto cultural, normativo e nacional muda a perspectiva de representação social de *fazer gênero*.

---

<sup>24</sup> Versão original em língua inglesa: “This internalized insider/outsider position allows some transmen to see clearly the advantages associated with being men at work”

Bourdieu (1990) sugere, a respeito, uma visão das escolhas sexuais e íntimas como situadas dentro de um específico contexto histórico, material e cultural. Segundo a teoria do campo as práticas sociais são geradas a partir de processos normativos, legitimados pelo capital de valores ampliados:

“Cada campo gera uma forma específica de capital cultural, um conjunto de recursos relacionais os quais determinam uma posição de domínio, caracterizada por uma particular libido ou interesse que sustentam um princípio de esforço e otimização que, por sua vez, resulta autônomo e ao mesmo tempo historicamente ancorado” (Bourdieu, 1990, p. 87<sup>25</sup>).

De fato enfatiza-se a componente contextual, entendida no seu significado ampliado como um macrocenário onde se geram, desenvolvem-se e por fim cristalizam-se os eventos sociais e as interações entre agentes. Esta perspectiva colocada fortemente dentro parâmetros não somente simbólicos e relacionais, mas também espaciais e temporais, considera a pessoa seja como indivíduo (agente) seja como parte de uma mais ampla coletividade (identidade plural) cujo sistema de significados é afetado, gerando ao mesmo tempo uma mudança estrutural na organização simbólica do outro generalizado e, portanto, do mesmo contexto.

Como enfatizado por Lewin (1952) o campo social não se articula simplesmente juntando cada componente, pois isso se torna um complexo organismo que supera os limites meramente individuais dos membros que compõem a parte integrante.

“O comportamento é funcional da relação entre a pessoa e o ambiente. O ambiente refere-se ao ambiente psicológico, isto é, o conjunto das condições que influenciam o comportamento do indivíduo na medida em que são percebidas e

---

<sup>25</sup> Versão original na língua inglesa: “Each field generates a specific form of capital, a composite of relational resources that determine dominance in the field, endow it with a particular libido or interest, and sustain its autonomous- and in part historically contingent- principle of striving and optimization”.

representadas de significados” (Wanderlingh e Russo 2011, p. 261)<sup>26</sup>.

Desta conceitualização emerge uma circularidade interseccional entre variáveis psicológicas e contextuais as quais se influenciam mutuamente em um regular jogo de *feedback* entre organização cognitiva e interação com o outro nas situações sociais.

Em vez de tratar separadamente as recaídas psicológicas e sociais quer-se traçar uma linha argumentativa capaz de responder aos processos de afirmação da própria identidade de gênero, a qual escasseia de práticas cognitivas na definição linguística do si, como dos posicionamentos entre atores e contexto:

“a construção central da teoria gira em torno do conceito de campo, conceito que inclui vários fatores (cognitivos, emotivos e ambientais) os quais funcionam dentro de um sistema de interdependências mútuas segundo as quais, pelo princípio da contemporaneidade, a configuração do campo em um específico momento influencia qualquer comportamento, ato ou alteração” (ibidem, p. 261<sup>27</sup>).

Em específico a teoria das *Representações sociais* quer integrar, sobretudo a nível metodológico uma perspectiva sensível às práticas de interação entre o *self* e o contexto, com uma análise das modalidades cognitivas e psicológicas por meio das quais se organizam, planificam-se e por fim delimitam-se discursivamente os eventos pessoais e sociais. Linguagem e pensamento, como processos interdependentes e inseparáveis, elaboram esquemas mentais e de ação culturalmente definidos, por meio dos quais é possível conferir um significado ao *self* e ao outro:

---

<sup>26</sup> Versão original em italiano: “Il comportamento è funzionale della relazione tra la persona e l’ambiente. L’ambiente è inteso come ambiente psicologico, ovvero l’insieme delle condizioni che influenzano la condotta dell’individuo nella misura in cui vengono percepite e rappresentate di significato”.

<sup>27</sup> Versão original em italiano: Il costrutto centrale della teoria ruota intorno al concetto di campo, concetto che include più fattori (cognitivi, emotivi e ambientali) che funzionano in un sistema di interdipendenze reciproche per cui, secondo il principio della contemporaneità, la configurazione del campo in un dato momento incide su qualsiasi comportamento, atto a mutazione.

“De fato, representar ou se representar corresponde a um ato de pensamento pelo qual um sujeito se reporta a um objeto. Este pode ser tanto uma pessoa, quanto uma coisa, um acontecimento material, psíquico ou social, um fenômeno natural, uma ideia, uma teoria etc.; pode ser tanto real quanto imaginário ou mítico, mas é sempre necessário. Não há representação sem objeto. Quanto ao ato de pensamento pelo qual se estabelece a relação entre sujeito e objeto, ele possui características específicas em relação a outras atividades mentais (perceptiva, conceitual, mnemônica etc.)” (Jodelet, 1989/2001, pp. 22-23).

### 1.1.2 Objetivos: ... O “como” conhecemos

Os aspectos epistemológicos envolvidos na estrutura interdisciplinar de uma tese de doutorado em Psicologia e Ciências Sociais foram delineados integrando a perspectiva do *Construtivismo simbólico* (Berger & Luckmann, 1966/1995; Mead, 1934/1972) com as grades analíticas das *Representações sociais* (Jodelet 1989/2001; Moscovici, 1976/2001).

O tecido policientífico de um quadro teórico assim articulado será lido em nível metodológico por meio das lentes paradigmáticas de uma abordagem sociodiscursiva (Clifford & Marcus, 1986; Foucault, 1971/2004; Vygotskij, 1934/1990). Pretende-se, portanto, focar a seguinte pesquisa em uma análise do posicionamento (Harré & Van Langenhove, 1991) com respeito ao grau de reificação normativa do contexto (Bourdieu, 1980/2009; Zimbardo, 2007/2008), das interações situadas (Gergen, 1991; Goffman, 1959/1985) além dos repertórios discursivos que circunscrevem as realidades observadas (Foucault, 1971/2004; Wittgenstein, 1922/2012).

Desejam-se particularizar os processos situados por meio dos quais as pessoas negociam um próprio papel e status social em relação às coordenadas simbólicas que traçam as fronteiras ideológicas dos hábitos culturais (Bourdieu, 1990). A identidade de gênero será, portanto, entendida como uma prática de interação e consequentemente uma representação do *self* e do outro.

O *transgênerismo* representa uma modalidade particular de *fazer gênero* (West & Zimmerman, 1987, 2009) ou *undoing gender* (C. Connell, 2010), reificada (B. Baumann, 1996) pelos parâmetros

normativos e pelos sistemas de valor, próprios de uma determinada situação social (Schegloff, 1990), contexto material e simbólico (Cole, 1995) e horizonte histórico (Wodak, 1989).

Por isso o objetivo é compreender como gênero e normas são veiculadas por universos discursivos, culturalmente situados. O objeto da investigação é, portanto, focado nos processos comunicativos por meio dos quais são negociadas as margens de agenciamento entre atores sociais e contexto. A pergunta cognitiva da presente pesquisa focar-se-á nas modalidades de se representar como gênero, a respeito da matriz ideológica de referência. Os contextos observados apresentam-se, de fato, como sistemas estruturais, funcionais e por isso organizativos, a respeito dos quais se geram as identidades individuais e coletivas (Zuccheraglio, 2003).

Para estudar os processos de afirmação da própria identidade de gênero analisar-se-ão as práticas de interação a respeito da variação do grau de agenciamento entre duas macroáreas sociais:

1. Contextos onde o grau de agenciamento resulta reduzido, como as estruturas penitenciárias.
2. Contextos onde o grau de agenciamento resulta mais elevado: mundo do trabalho, ambiente familiar, escola e centro de agregação comunitária.

As narrações, produzidas em tais contextos, são testemunhas de como se estruturam discursivamente as identidades transgênero/sexuais. Os discursos de quem conta a própria experiência de transição propõem uma representação da realidade social situada no espaço e no tempo, com as respectivas modalidades de interação com o contexto e com os artefatos e meta-artefatos que mediam tal experiência.

A análise crítica do corpus textual leva, portanto, a isolar 3 principais e contíguas áreas temáticas:

1. O impacto dos macrossistemas normativos e de valor sobre representações psicológicas, sociais e culturais de sexo e gênero;
2. A co-construção situada das identidades de gênero por meio de processos de interação, negociação e posicionamento entre agentes e contexto;
3. A definição de identidade de gênero em nível da organização linguística e por isso da interação com os meta-artefatos da comunicação.

Os contextos e as situações observadas serão então estudados do ponto de vista das práticas de interação e as modalidades de posicionamento que delimitam os eventos sociais (Harré & Van Langenhove, 1991). A identidade de gênero constitui, de fato, um hábito simbólico, reificado, compartilhado e, por isso, legitimado. Um complexo aparato social definido por precisas fronteiras linguísticas e circunscrito por macrocenários ideológicos e temporais.

A interseção entre estes processos simbólicos e normativos gera discursos sexuados, ou seja, tecidos narrativos fortemente declinados em direção a uma acepção dicotômica dos gêneros. Por meio de uma análise intertextual entre discursos produzidos em contextos de alta ou baixa margem de agenciamento (Zimbardo, 2007/2008) tenta-se demonstrar como a representação do *self* e dos outros como identidades generizadas seja ligada à estrutura, à função e à construção simbólica. Devido a isso as diversas observações e testemunhos foram coletados na penitenciária, em contextos de trabalhos, ambientes familiares, além de centros de agregação sociopolítica, associações *Arci* e centros de consulta médica e psicológica.

A respeito dos contextos fortemente institucionalizados as margens de posicionamento estão fixadas dentro os *restritos horizontes* dos muros da penitenciária. A linguagem, no específico assume uma função particularmente reificadora sendo que as categorias semânticas tornam-se os vínculos daquele contexto. A identidade de gênero, devido a isso, resulta ser delineada por parâmetros lexicais e semânticos. A partir destas áreas de significado, emergem estilos de posicionamento, os quais estão particularmente limitados em ambientes fechados e impenetráveis, mas apresentam-se pelo contrário, como sistemas móveis e fluídos em lugares materiais e sociais cujas margens simbólicas e espaço-temporais resultem menos totalizadores. Partindo da definição da representação de *self* e do outro na vida cotidiana, proposta por Goffman (1959/1985), e das teorias sobre processos de socialização e institucionalização desenvolvidas por Berger e Luckmann (1966/1995), pressupõe-se que o grau de agenciamento a respeito das coordenadas estruturais e funcionais da realidade social possa variar.

Tenta-se de fato compreender quanto as/os transgêneros sofram e reproduzam por sua vez *idealtipos generizados*, dependendo do contexto e do próprio status social. A pergunta da pesquisa, que emerge a partir destas considerações, transfere a atenção analítica em um pluralismo de variáveis contextuais, históricas, sociais, pessoais, além de simbólicas, dentro das quais articulam-se os processos discursivos e as modalidades de posicionamento sociocontextual, como o objetivo de construir uma



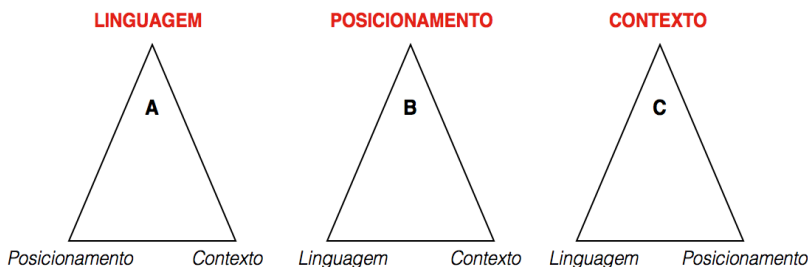
representação do *self* como identidade de gênero. Esta, como enfatizado no quadro teórico, não pode ser considerada como uma realidade meramente etiológica, mas como um complexo sistema simbólico-cultural alojado em um *framework* de interações as quais intercorrem seja entre atores sociais seja entre eles e o contexto.

No concreto será analisado o grau de reificação que cada um dos três níveis da interação social (Mantovani, 1996) exercita na construção e na auto-representação como identidade generizada.

O objetivo é de recolher, a partir de um corpo de dados textuais – entrevistas, diários – metodologicamente situado – observações etnográficas –, as modalidades de afirmação da própria identidade de gênero por meio de artefatos (linguagem e corpo), posicionamento entre si, outro e contexto (simbólico, normativo, físico).

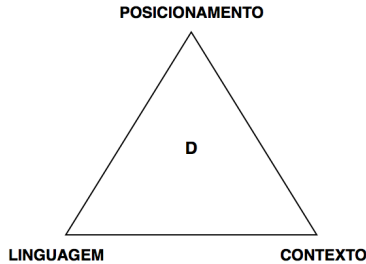
Os focos de análise, os quais serão apresentados detalhadamente na terceira parte, direcionam-se, portanto em uma análise horizontal (organização semântica) dentro de um mesmo repertório discursivo (cárcere, família ou contexto de trabalho) e transversal (intertextualidade narrativa) entre diversos eventos discursivos, (presídio, família e contexto de trabalho) com o objetivo de particularizar quanto uma ou outra, ou as três variáveis – linguagem, posicionamento e contexto – resultem discursivamente relevantes para uma representação de gênero, a qual se supõe possa variar em relação à situação social. Esquemáticamente a especificidade do contexto de interação a respeito da produção de um evento discursivo declinado em direção a uma representação mais ou menos dicotômica dos gêneros, apresenta-se como uma triangulação, a qual põe as variáveis indagadas em uma relação dialética. As situações observadas poderiam, portanto, segundo as perguntas de conhecimento da pesquisa, apresentar-se em uma das três configurações, onde uma variável (evidenciada em vermelho) resulta ser mais significativa das outras três:

Figura 1 – Configuração “isóscele”



Ou cooperar sem existir um desequilíbrio significativo entre uma ou outra componente desta dialética triangulada:

Figura 2 – Configuração “equilátera”



O interesse do estudo, portanto, é focado em linguagem, posicionamentos e contexto a respeito de:

1. A função do afeto, em particular as diferenças de expressão afetiva dentro de uma situação declinada para o masculino e feminino,
2. O impacto das coordenadas normativas a respeito do nível de institucionalização dos contextos,
3. As influências das superestruturas culturais e de poder na representação discursiva da realidade.

As dimensões de análise estarão articuladas como segue:

1. Superestruturas e hierarquia de poder: o poder percebido na chave de leitura proposta por Foucault (1975/1986) como aquela forma de organização social finalizada ao controle e à categorização, difundida capilarmente em todas as inter-relações. Este mecanismo social manifesta-se na representação coletiva e cultural de papéis e hierarquias e refletem-se na representação que cada um tem de si mesmo, nos históricos subjetivos, na manifestação da agência e da afetividade, aspetos que assumem conotações muito mais fortes em um contexto rígido como o carcerário. A pergunta de pesquisa, por isso, articular-se-á da seguinte forma: *O relacionamento entre os gêneros é também uma relação de poder? O gênero, além do contexto, poderia ser definido ou incluído em um discurso do poder?*

2. Posicionamento entre atores sociais e entre eles e o contexto: por meio das práticas de interação geram-se uma série de relacionamentos de poder, de diferenças de papéis, de históricos cotidianos, fundamentais para a compreensão contextual e relacional de uma realidade situada, com o correspondente grau de reificação constitucional. O cárcere, o mundo do trabalho e também a família são contextos caracterizados por um molde simbólico e normativo das conotações culturais, as quais tendem a reificar categorias tipificadoras de personalidades definidas *a priori*, estabelecendo assim a própria margem de agenciamento. Em específico, os contextos são considerados nos seu aspecto tríplice:

1. Estrutural: os muros do cárcere como lugar de exclusão e segregação; os contextos de trabalho delineados pela própria especificidade produtiva e organizativa; a habitação privada como lugar onde acontece a vida familiar na sua intimidade;
2. Funcional: o presídio como sistema de punição e reeducação o qual, tirando dos carcerários a própria identidade desviante, pretende modificá-la e substituí-la com outra socialmente aceita (Goffman, 1963/1983; Foucault, 1975/1986); o trabalho como definição e legitimação do próprio papel e status social; a família, entendida como microestrutura fundadora da vida social alargada;
3. Afetivo: a reclusão expressa por meio de um processo de privação afetiva, caracterizado pela ociosidade, perda da intimidade e distância do *outro significativo* (familiares, parceiros, amigos) (Cood, 2003; Wodak, 2001); no trabalho as interações entre atores estão finalizadas à eficiência produtiva e administrativa; a família é considerada o núcleo da afetividade, uma almofada emotiva e uma rede social, a qual pode acolher, mas também afastar um seu membro.

A pergunta de pesquisa, por isso, articular-se-á da seguinte forma:  
*O quanto o gênero e sua representação são influenciados pelo quadro contextual em que se vive?*

3. Interação com os artefatos: Em específico a linguagem entendida como estrutura morfossintática do discurso, e especialmente a língua italiana como também a maioria dos idiomas neolatinos, relega a representação narrativa da identidade de gênero inevitavelmente dentro dos limites lexicais e gramaticais de um aparato semântico rigorosamente dicotômico. Quem se conta em Italiano ou Português é obrigado a conjugar os sufixos dos adjetivos ou substantivos para o masculino mais que para o feminino. Esta prática discursiva generalizada

tem um impacto muito forte nos posicionamentos entre atores sociais e também nas modalidades de co-construir uma representação compartilhada da própria identidade de gênero. Este aspecto assume ainda mais relevância dentro de um contexto com elevado funcionamento normativo, como cárcere, onde o dualismo linguístico afia a distinção antinômica entre os gêneros. A pergunta de pesquisa então pode ser assim colocada: *o quanto influi a linguagem na representação do gênero?*

O objetivo da presente pesquisa, dessa forma, é compreender se as identidades de gênero desenvolvem-se segundo uma perspectiva monolítica binária, ou apresentam-se como processos permeáveis, culturalmente definidos.

Observar as interações em diferentes situações sociais permite analisar as modalidades de posicionamento, a respeito das quais as/os transgêneros definem a própria identidade de gênero, a respeito de uma margem de agência que varia dependendo do contexto de referência. Este último, enfim, pode alterar o grau de interação em um ou outro nível das situações sociais e então transferir a representação de si como agente “generizado” de um processo interno (linguagem, percepção do corpo) para um externo (práticas de mediação, cenários simbólicos e históricos).

### **1.1.3 Notas conclusivas**

No capítulo que abre a primeira parte deste trabalho de tese foram traçadas as diferentes perspectivas teóricas, dentro das quais se formularão em seguida os instrumentos metodológicos e os focos da análise. Mesmo o pressuposto conceptual da presente pesquisa foca-se na interação disciplinar entre Psicologia social e Sociologia. Os dois âmbitos científicos definem, de fato, um percurso de pesquisa o qual constitui aquilo que pode ser considerado uma Ciência social sensível à complexidade dos processos de significação a nível individual, coletivo, além de contextual.

A necessidade de situar os métodos de observação e de análise dentro de um contorno sociocultural no qual se geraram os eventos estudados, responde aos critérios de validade e refletividade, aos quais o pesquisador deve constantemente referir-se (Mantovani, 2008). O contexto, além das dimensões e dinâmicas psicológicas internas (processos cognitivos, memória, etc.) permite conotar os eventos

indagados de significação, isto é, compreender como e porquê se interage e se conhece em uma determinada maneira (Salvini, 2004).

Os outros atores sociais tornam-se, devido a isso, uns agentes junto aos quais se co-constrói uma representação partilhada da realidade social. O indivíduo, apesar de criar uma coerência existencial entre diferentes porções identitárias, define e é definido por sua vez pelas representações de si mesmo e dos outros. Se a relação que existe com os outros reflete, segundo o paradigma do *interacionismo simbólico* (Blumer, 1937/1969), a representação de si mesmos, o contexto se torna aquele molde dotado de sentido, dentro do qual se geram as práticas sociais no aqui e agora como também os processos psicológicos funcionais a nível estrutural.

A interdependência entre essas variáveis produz esquemas de ação, modelos de comportamento e expressões identitárias, nas quais se cria o evento discursivo. Este último, de fato, reifica as interações sociais às entidades plásticas, as quais na melhor tradição durkheimiana podem ser decompostas e estudadas analiticamente.

Em referência ao quadro teórico assim delineado foram formulados os objetivos da pesquisa, ou seja, as razões e as motivações que sustentam um projeto de pesquisa, o qual investiga sobre a processualidade mais que sobre a etiologia, daquelas práticas de interação e construção da realidade por meio das quais se articulam diferentes representações de gênero em diferentes contextos e situações sociais.

As perguntas de pesquisa já levantadas fornecem quesitos analíticos e paradigmáticos, pelos quais este estudo quer respondê-las considerando a complexidade dos fenômenos observados, em vez de explicar simplesmente a presumida causalidade.



## 1.2 DISCURSOS, REFLEXÕES, DISSERTAÇÕES E PESQUISAS SUI GENERIS

Depois de algumas referências históricas evidenciar-se-ão em seguida as principais pesquisas que interessaram-se pelo transgnerismo e transexualismo, a partir de diferentes perspectivas teóricas e metodológicas.

O estado da arte delinea um percurso ontológico para formular em seguida os objetivos da pesquisa proposta. A escolha de centrar na relação entre transgnerismo e a variável contexto nasce da necessidade de desenvolver uma pesquisa focalizada nas práticas de interação, por meio das quais as/os transgêneras/os posicionam-se discursivamente a respeito de uma representação do self em termos de identidade de gênero. As representações do self e do outro parecem resultantes de uma interseccionalidade entre universos culturais, práticas sociais, coordenadas espaço-temporais e processos psicológicos (funções cognitivas, dinâmicas afetivas, percepções emotivas).

São numerosos os paradigmas teóricos e as perspectivas metodológicas por meio das quais foi descrita, estudada e narrada a realidade transgênera. As dinâmicas e as situações observadas concernem contextos de trabalho (C. Connell, 2010), escolar (McGuire, Anderson, Toomey & Russell 2010), de saúde (Speer & Pearson, 2006) e privados (Hines, 2006).

A presente tese nasce a partir de um vasto repertório de pesquisas que abrangem âmbitos sociológicos (C. Connell, 2010; Kitzinger & Peel, 2005; Myers & Raymond, 2010; Richardson, 2007), psicológicos (Salvini, 1999; Vanderburgh & Forshée, 2003; Vanderburgh, 2009; Wilson, Garofalo, Harris, Herrick, M. Martinez, J. Martinez & Belzer, 2009), jurídicos (Giudicci, 1999; De Silva, 2005) e médicos (Grella, Massorbio, Pecorelli & Zichella, 2000; Sanchez, Finlayson, Murrill, Guilin & Dean, 2010; Speer & Parsons, 2006). Cada um destes âmbitos disciplinares ocupou-se de determinadas dimensões socioexistenciais, formulando hipóteses e teorias em sintonia com seus paradigmas epistemológicos.

Pelo contrário, foi pesquisado pouco sobre a experiência direta e sobre as modalidades de interação de pessoas transgêneras, em contextos de elevado funcionamento normativo. A característica estrutural e funcional das instituições totais consiste em enfatizar, por meio de práticas de classificação e categorização, esquemas tipicizados de personalidade (Salvini, 2004). Os estudos interessados em percursos criminais inerentes à experiência transgênera, foram focados na maioria

na prostituição (Vidal-Ortiz, 2009). Esta última foi assunto de reflexão, sobretudo a respeito das consequências em nível psicológico e social, mais do que considerar as implicações penais, que podem levar o transgressor a uma condição de detenção e, portanto, de restrição do próprio agenciamento.

O número de pesquisas focalizadas nas dinâmicas de gênero em contextos altamente institucionalizados é, portanto, muito reduzido. E ainda estes estudos não dizem muito a respeito da realidade transgênera, mas apenas a respeito da relação entre processos de interação e universos de significado que caracterizam um determinado gênero na ordem dicotômica da diferenciação sexual (Codd, 2003; Pope & Englar-Carlson, 2001).

Entre os textos que descrevem, pelo menos em parte, a condição carcerária de detidas transgêneras, a dramática autobiografia *Princesa* (Farais de Albuquerque & Jannelli, 1994) oferece um olhar direto e quase antropológico sobre esta realidade particular.

Também os contextos hospitalares, como macro-áreas de assistência e permanência a serviço dos cidadãos, podem ser considerados instituições com um elevado funcionamento normativo. Estes lugares foram de interesse para os estudos sobre transgênerismo, pelo menos em termo das práticas médicas e psiquiátricas, com a intenção de isolar eventuais componentes patógenos associados ao assim chamado Transtorno ou Disforia de Identidade de Gênero (American Psychiatric Association, 2000). O hospital então, além da sua função de cura e de "higiene mental", representa uma estrutura, cuja organização deve necessariamente criar categorias para facilitar a gestão dos recursos humanos e materiais. De fato, também nestes ambientes, assiste-se a uma sólida institucionalização em termos logísticos e sociais. Como nos presídios, onde as transgêneras estão segregadas do resto dos detidos e das detidas por motivações éticas e organizativas, também nos setores hospitalares de longa permanência, dever-se gerir a eventual presença de usuárias/os transgêneras/os com modalidades de gestão especiais. Estas modalidades organizativas, por razões de caráter cultural, social e estrutural; favorecem muitas vezes uma situação de ostracismo, que relega as/os transgêneras/os a uma condição de isolamento, restringindo suas próprias margens de agenciamento. A problemática da superlotação, que tem a ver com os presídios e os hospitais, tornam muitas vezes difíceis a designação de um espaço específico para quem não pode ser colocado no setor feminino ou masculino.

Nasce, de fato, destas considerações a necessidade de realizar



uma pesquisa que possa inserir-se nas perspectivas conceituais do construtivismo social, com particular atenção para os processos discursivos e para as coordenadas normativas de um determinado contexto simbólico e material.

### 1.2.1 From genesis to affirmation

A construção teórica de transexual foi introduzida na literatura científica no final dos anos quarenta do século passado, quando Cauldwell (1949) cunhou a híbrida conceptual psicopatía transexualis. Na verdade já pela metade de 1800 o psiquiatra alemão Westphal (1869) falou sobre *Konträre Sexualempfindung* (literalmente: sensação sexual contrária) referindo-se a pessoas que transitavam entre dois gêneros, considerados antinômicos por definição (Freud, 1905/1974). Não por acaso foram a psiquiatria e a psicanálise entre as primeiras disciplinas científicas que estudaram modos vivendi que se desacostavam do modelo binário dos sexos.

De fato, no pleno fervor de uma dominante concepção monista da realidade, os modelos psicopatológicos e dinâmicos nas ciências psicológicas e psiquiátricas testemunhavam uma representação da personalidade em sintonia com o mainstream positivista dos primeiros anos do século XX (Broad, 2002). Esta *Weltanschauung* delineou uma perspectiva linear não somente das assim chamadas realidades empíricas, mas também a respeito do agir interpessoal e social.

Lembra-se a este propósito a famosa afirmação de Emile Durkheim (1898/1978) que considerou os fatos sociais como coisas. Assim também foi com o pai da psicanálise que não tinha se interessado explicitamente sobre os percursos de transição de gênero, mas sobre a vida sexual em geral (Freud, 1905/1974) e tentou isolar as presumidas causas de escolhas íntimas em dissonância com uma prevalente concepção heteronormativa. Ele teria, de fato, individuado a etiologia da homossexualidade em aquilo que identificou como irregular desenvolvimento da libido:

“De modo especialmente nítido em pessoas cujo desenvolvimento libidinal sofreu perturbação, como pervertidos e homossexuais, descobrimos que não escolhem seu posterior objeto de amor segundo o modelo da mãe, mas conforme o de sua própria pessoa. Claramente buscam a si mesmas como objeto amoroso, evidenciando o tipo de

escolha de objeto que chamaremos de narcísico” (Freud, 1914/2010, p. 32).

A partir desta citação aparece evidente uma tendência típica de um reducionismo fatal, intento a classificar estilos de vida pouco cônsonos a respeito da hegemonia ontológica dominante, como transtornos clínicos que seriam tratados como doenças. Segundo este olhar, a congruência entre anatomia sexual e identidade de gênero é considerada a normalidade, enquanto reivindicar uma identidade de gênero não correspondente ao sexo anatômico é considerado uma patologia (Dettore, 2005; Newman, 2002).

Por longo tempo foi mantida uma visão da transexualidade como transtorno que pode ser explicado por meio de um paradigma etiológico. A literatura clássica sobre o assunto ofereceu diversas pesquisas e considerações teóricas, empenhadas a demonstrar a causalidade ou genética (Dörner, 1985), ou endócrina (Grella, Massorbio, Pecorelli & Zichella, 2000) mais que experiencial (Chodrow, 1974; Di Ceglie, 1998/2003; Lothstein, 1992). Vale a pena, todavia, citar a famosa publicação de Money (1975) intitulada *Abaltio Penis: Normal male infant sex-reassigned as girl* (*Abaltio Penis: Menino normal com re-assinação sexual como menina*), contando a curiosa história de um menino cujas gônadas foram tiradas após a circuncisão.

A criança, uma vez privada dos órgãos genitais primários, conseguiu um desenvolvimento físico e social identificável com uma construção cultural feminina. Algumas pesquisas sucessivas, todavia, relataram o famoso caso de Money, que aos trinta anos teria decidido reivindicar a própria identidade masculina “originária” e se submeter ao tratamento endócrino e cirúrgico de retificação do sexo (Dettore, 2005). Enquanto o estudo originário de Money evidenciou a forte conotação sociocultural na formação da identidade de gênero, estas últimas pesquisas teriam demonstrado a predominante natureza determinística do sexo biológico.

A partir dos anos sessenta de 1900 outras correntes científicas também se interessaram pelo desenvolvimento da identidade de gênero. O cognitivismo, por exemplo, identificou na afirmação da identidade de gênero um processo de aprendizado (*learning process*) por meio do qual a criança constrói um *self-system* - sistema do *self* - (Docter, 1988), assimilando, portanto os esquemas comportamentais observados a partir da própria realidade social. Estes esquemas seriam sucessivamente interiorizados pela criança, pois nasceriam da sua necessidade de confirmar a própria identidade de gênero dentro do sistema binário dos

sexos (Kohlberg, 1966/1996). Cada uma destas abordagens segue, portanto, uma ontologia linear que procede por raciocínios indutivos e dedutivos, aninhados dentro dos paradigmas culturais de um determinado período histórico e contexto social.

Parece, então, que quem transitou entre as antípodas sexuais teria pouco a dizer para reivindicar uma própria afirmação em termos ideológicos e pessoais. O momento crucial que lembra o movimento transgênero para reivindicar o próprio direito à cidadania íntima é o dia 28 de junho de 1969, quando o ativista Sylvia Riveira exclamou estas palavras: “No rights, no peace!”<sup>28</sup> começando uma comprida luta de reconhecimento. Foram em seguida os anos oitenta que geraram uma mudança paradigmática não somente a respeito dos sistemas de significados alargados, mas também a respeito das ciências sociais que tiveram que se confrontar com uma realidade cultural que estava emergindo com fervor sempre maior.

Já Garfinkel (1967/2000), com o seu famoso ensaio *Agnese*, tentou se afastar dos paradigmas etiológicos a favor de um estudo mais descritivo e socioconstrutivista do transgênerismo. A partir disso, diversas correntes de pesquisa sociológica começaram a por em crise a ortodoxia dos paradigmas de conhecimento, atentas a enquadrar a expressão simbólica da vida social dentro de predefinidas categorias biodeterminísticas. West e Zimmerman (1987) publicaram uma pesquisa que remete a uma tradição de *gender studies* interessada mais nos processos sociais que as hipotéticas explicações etiológicas: “O objetivo deste artigo visa a uma nova compreensão do gênero, entendido como uma rotina enraizada na interação cotidiana” (West & Zimmerman, 1987, p.125)<sup>29</sup>.

Esta citação, com a qual os autores começam o artigo, deixa entender como os emergentes paradigmas construcionistas preferem considerar o gênero como processo de interação e, por isso, não como uma representação direta do sexo biológico.

West e Zimmerman, portanto, introduziram nas ciências sociais norte-americanas o conceito de fazer gênero, entendido como a atuação de um script social no palco da vida cotidiana, assim como qualquer outro papel cultural interpretado em contextos situados. Bauer (2002) publicou uma interessante contribuição, apta a compreender como, por

---

<sup>28</sup> Nada direitos, nada paz.

<sup>29</sup> Versão original em inglês: “The purpose of this article is to advance a new understanding of gender as a routine accomplishment embedded in everyday interaction”.

meio dos esquemas ideológicos e simbólicos chegou-se a promover uma difundida tendência para a heteronormatividade, na formulação de alguns quadros teóricos:

“Apesar do modelo mono sexual tornar-se um fator determinante nos estudos anatômicos do Renascimento cujos reflexos são possíveis de observar até nas formulações teóricas de Sigmund Freud a respeito de uma única libido masculina, esta nunca mudou seriamente a influência penetrante do dualismo sexual, cujo prestígio ideológico foi sustentado por revelações bíblicas e por um presumida factuality empírica” (Bauer, 2002, pp.22-23)<sup>30</sup>.

Outros autores abrangeram progressivamente uma visão crítica a respeito do modelo etiopatogênico, cuja objetividade formal carece implicitamente do tecido normativo e cultural dentro do qual foi elaborado. A reformulação de uma ciência social capaz de considerar as representações da realidade como modelos ontológicos, mais do que como axiomas inatacáveis, permitiu a redefinição das experiências transitórias como práticas culturais e simbólicas por meio das quais nascem, mesmo dentro deste novo paradigma das ciências sociais (Feinberg, 1996). Como enfatiza Wilchins (2002) o transgenerismo deve ser considerado como uma experiência conotada de significados simbólicos e pessoais:

“um sistema de significados e símbolos – com as respectivas regras, privilégios e as contravenções associadas ao seu uso – sobre poder e sexualidade: masculinidade e feminilidade, força e vulnerabilidade, ação e passividade, domínio e fraqueza. Disso emergir decorre a emergência de algo que alude à misoginia, homofobia, transfobia,

---

<sup>30</sup> Versão original em inglês: “Although the one-sex model became a determinant factor in Renaissance anatomical studies and its traces are observable even in Sigmund Freud's theory of an unique male libido, it never challenged seriously the pervasive influence of sexual binarism, whose ideological prestige was supported by biblical revelation and allegedly observable factuality”.

e ao restrito modo dentro do qual é relegado o nosso ser” (Wilchins, 2002, pp. 25-26)<sup>31</sup>.

A comparação com modelos ontológicos diferentes da concepção heteronormativa do conhecimento ocidental permitiu considerar o transgênero, e as identidades de gênero em geral, como o resultado de processos de interações e de negociação de significados simbólicos que definem as representações correspondentes em diferentes contextos sociais.

Esta pluralidade de diferentes *Weltanschauungen* enraizadas dentro coordenadas espaciais, relacionais e temporais, definem outros *Zeitgeist* e modos *vivendi* que geram representações do self e o outro, em sintonia com o *habitus* cultural (Bourdieu, 1990) e as *Lebenswelten* (Schütz, 1960/1974; Habermas, 1967/1970) de atores sociais em interação.

### 1.2.2 Dos cuidados à pessoa

No nível da prática clínica, o transexualismo é classificado como “Transtorno da Identidade de Gênero” (DIG). O quadro diagnóstico que foi inserido na atual versão do DSM-IV-TR (American Psychiatric Association 2000) considera o Transexualismo como disforia cujo remédio, depois de uma avaliação psicosssexual, é a remoção e seguida da reconstrução do órgão sexual primário (Giudicci, 1999).

No âmbito da saúde adota-se, portanto, um procedimento de intervenção que baseia-se na tríade: diagnóstico, anamnético e prognóstico. Devido a isso, se coloca em primeiro plano a noção de cura e de prevenção, e a de manutenção de um estado de saúde que situa no mesmo plano epistemológico: saúde e percepção de bem estar psicossocial (Perno & Turchi, 2002). Entre as pesquisas mais recentes, relativas à prática médico-sanitária, focaliza-se a atenção em duas dimensões principais:

1. dinâmicas afetivas e psíquicas implicadas no itinerário ou no processo de transição;

---

<sup>31</sup> Versão original em inglês: “a system of meanings and symbols—and the rules, privileges, and punishments pertaining to their use—for power and sexuality: masculinity and femininity, strength and vulnerability, action and passivity, dominance and weakness. One can see in it the outlines of something that links misogyny, homophobia, transphobia, and the restricted way we raise our youth”.

2. afiliação a comportamentos considerados nocivos para a pessoa e para o contexto social, entre os quais o risco de contágio de doenças sexualmente transmissíveis.

Em referência a estas duas áreas aplicadas, as disciplinas que trabalham com a saúde definem os percursos de transição por meio de um protocolo clínico que tenta isolar aspectos recorrentes a respeito de uma experiência comum de desconforto. Em particular, as pesquisas focalizadas na definição de critérios diagnósticos tendem a desenvolver metodologias capazes de demonstrar a entidade etiológica do assim chamado Distúrbio da Identidade de Gênero. Este tipo de abordagem, de tipo quantitativa e meramente experimental, prevê a adoção de questionários estandardizados e entrevistas estruturadas. Autores como Nuttbrock, Bockting, Mason, Hwahng, Rosenblum, Macri & Becker (2009) teriam especificado as relações causais entre fetichismo de travestismo e libido homossexual, aplicando questionários estruturais (Life Chart Interview) para 570 transgêneras MtF. Por meio destes testes quiz-se particularizar a incidência de “fetichismos de cross-dressing” a respeito da orientação sexual. Todavia, os resultados demonstraram uma diferença estatisticamente pouco significativa entre a população heterossexual e aquela homossexual. Apesar destas correlações não serem particularmente fortes, os autores sustentam que poderia existir uma predisposição etiológica, a qual comprometeria um regular desenvolvimento heterossexual: “Blanchard concluiu que a orientação homossexual versus aquela heterossexual representa um eixo significativo para a avaliação e compreensão desta população” (Nuttbrock, Bockting, Mason, Hwahng, Rosenblum, Macri & Becker, 2009, p.2)<sup>32</sup>.

O contraste entre saúde, entendida como hipotética normalidade naturalizada e doença, expressão de comportamentos considerados “não normais”, coloca a pergunta de pesquisa desta corrente de investigações em uma constante relação dicotômica entre heterossexualidade (entendida como saúde psíquica) e modos vivendi que afastam-se desta construção cultural.

Autores como Docter e Fleming (2001) também reproduzem nas próprias pesquisas uma visão estandardizada e, portanto, generalizável sobre o transgenerismo. Mesmo o título de um artigo deles, publicado

---

<sup>32</sup> Versão original em inglês: “Blanchard concluded that homosexual versus non-homosexual sexual orientation is a dominant and etiologically significant axis for evaluating and understanding this population.”

em 2001, mostra uma visão paradigmática, segundo a qual o comportamento sexual pode ser sujeito a medidas objetivas: Measures of Transgender behaviour (Medidas de comportamento transgênero). O artigo relata um estudo experimental conduzido por meio de uma análise fatorial sobre as diferenças de identidades e sobre preferências libidinais mais que sexuais entre travesti e transgêneras. A amostra era composta por 455 travesti e 61 transgêneras MtF. Um questionário estandardizado com 70 itens foi aplicado para os sujeitos de ambos os grupos.

As perguntas abrangiam 4 macro-áreas: Identidade transgênera, androginia, prazer, papel e arousal sexual. Entre os dois grupos foram gravadas diferenças estatisticamente significativas: os resultados relatam respostas semelhantes a respeito dos níveis de prazer e de arousal sexual (46%), enquanto em relação à identidade, as respostas partilhadas entre os dois grupos representam cerca do 6%. Isso sugere a substancial diferença entre estas duas dimensões existenciais: enquanto os travestis atuam papéis de gênero do sexo oposto somente em circunstâncias situadas e temporárias, mantendo na maioria dos casos uma identidade de gênero “masculina”, no caso das transgêneras o aspecto identitário desempenha um papel fundamental para uma percepção do self que tenderia a se concretizar definitivamente no gênero reivindicado por elas.

Em âmbito sanitário, além do aspecto diagnóstico, se dá muita atenção para o setor da prevenção. As observações clínicas identificaram nos momentos de vida das transgêneras uma propensão para comportamentos sexuais considerados de alto risco. O HIV foi por muito tempo associado à dimensão da prostituição, e segundo os resultados de algumas pesquisas apresenta uma incidência significativamente superior na população transgênera em relação a outras formas de sex-working.

Bockting, Miner e Rosser (2007) publicaram um estudo a respeito dos fatores de incidência do HIV entre prostitutas transgêneras e os seus clientes. O artigo é focado nos fatores e nos níveis de risco de contágio do HIV em dois grupos sociais, provenientes de países latino-americanos: homens que tem relações sexuais com outros homens, e homens que tem relações com transgêneras. A análise foi conduzida online com 1026 homens sul-americanos entre os quais 44 (ou 4%) declararam ter tido relações com transgêneras (MtF). Dos resultados emergiram que o número de HIV positivos era três vezes maior entre quem tem ou teve relações com transgêneras, em relação a quem tem ou teve relações somente com homens. Isso aconteceria por duas razões:

uma incidência geralmente maior de HIV e de outras doenças sexualmente transmissíveis entre as transgêneras e, ao mesmo tempo, uma menor utilização de contraceptivos preventivos ao contágio (preservativo) em relação ao outro grupo. Além disso, constatou-se que os homens que frequentam intimamente as transgêneras provêm de contextos rurais e habitualmente são bi- ou heterossexuais. Ao contrário, os homens que mantém relações somente com homens declaram-se na maioria homossexuais e residem nos centros urbanos. Esta correlação quase demográfica deseja compreender quanto o nível de estratificação socioeconômica influencia na percepção social do HIV e quanto a orientação sexual resente de variáveis como status social e proveniência cultural.

A respeito disso, uma pesquisa conduzida por Sanchez, Finlayson, Murrill, Guilin & Dean (2010) coloca em relação fatores de risco e determinadas situações sociais que favorecem seu surgimento. A pesquisa partiu de uma comparação entre medidas sociodemográficas e dados quantitativos (entrevistas estruturadas). O estudo evidenciou uma correlação significativa entre a difusão do vírus e a percepção do risco, no que concerne as relações sexuais entre homens e homens e entre homens e transgêneras/sexuais MtF. Emerge dos resultados uma difusão uniforme da sintomatologia infecciosa entre estes dois grupos, mas eles enfatizam, ao mesmo tempo, uma maior percepção do risco de contágio originado por alto grau de estresse resultante dos processos de discriminação e estigmatização.

Wilson et al. (2009), em um estudo no qual adotou-se uma combinação de metodologias, como instrumentos etnográficos e entrevistas semiestruturadas, recrutaram um amplo grupo de pesquisa com 151 transgêneras (MtF) entre os 18 e os 24 anos, residentes em Los Angeles (N=76) e Chicago (N=75). Todas as participantes (de diferentes origens culturais) declaram serem ou terem sido envolvidas na prostituição. Delas 19% são HIV positivas e o 33% declarou ter assumido, ocasionalmente ou cronicamente, o uso de drogas. A pesquisa foi realizada em duas fases: na primeira uma equipe de observadores coletou notas de campo nos lugares de maior agregação das participantes deste estudo. Em seguida, foram aplicados questionários semiestruturados às 151 transgêneras.

Os resultados mostraram uma alta correlação entre risco de contágio HIV e estilos de vida desviantes, como também o pertencer a classes econômicas sociais baixas. A interseccionalidade entre estas variáveis transfere a atenção de uma única dimensão causal para uma perspectiva pluralística, que abrange múltiplos focos de análise. As



conclusões sugerem, portanto, uma maior sensibilidade dos órgãos de intervenção sanitária, para oferecer programas de prevenção ao HIV que considerem, sobretudo, variáveis relacionadas, como o desemprego, o desabrigo e o abuso de substâncias.

Outra importante contribuição no âmbito das pesquisas sobre prevenção e fatores de risco de contágio HIV foi proposta por duas sociolinguistas, Kitzinger e Peel (2005). Nesta pesquisa, que remete a Teórica da Ação situada (TAS), foram utilizadas metodologias qualitativas como a análise da conversa e do discurso. Este artigo enfrenta o tema do preconceito, em relação a experiências sexuais não heteronormativas. O estudo, de fato, enfatiza como as minorias sociais muitas vezes correm o risco de serem homologadas em categorias normativas e ideológicas estigmatizantes.

A pesquisa desenvolveu-se analisando as práticas conversacionais de 13 áudios-gravação com pessoas declaradas LGBT. Os resultados enfatizam como nas interações sociais emerge um posicionamento discursivo que associa à experiência LGBT um alto risco de contágio do HIV. Este estereótipo, que nasce a partir das talk-in-interactions, pode ser atenuado por uma mudança das práticas discursivas no cotidiano e por meio das praxes profissionais nas instituições públicas. Os gêneros narrativos, de fato, são modificáveis nas interações entre atores sociais e nas modalidades de posicionamento destes a respeito do contexto: “Concluimos, focando as análises detalhadas nas talk-in-interactions, para compreender as práticas profissionais e sugerir estratégias para melhorar o valor pedagógico da formação” (Kitzinger & Peel, 2005, p.173)<sup>33</sup>.

Continuando no âmbito das ciências sociais, vale a pena nomear uma outra pesquisa que interessa-se de AIDS e não heteronormatividade. Ward (2004) focalizou-se na interseccionalidade entre condutas de risco e classes sociais. O artigo apresenta um estudo sobre as diferenças múltiplas, no caso de mulheres lésbicas “non-white” e de baixo income, a respeito do risco de contágio de HIV. O estudo, como afirma mesmo a autora, não pretende propor um exame de pessoas portadoras de múltiplos estigmas, mas enfatiza mais as diversidades culturais e sociais que tornam uma mesma experiência identitária muito variada, dependendo do contexto de referência: “Uma boa parte das teorias feministas de estampo interseccionista põe-se como

---

<sup>33</sup> Versão original em inglês: “We conclude by pointing to the value of detailed analysis of talk-in-interaction for understanding professional practices, and suggest strategies for improving the pedagogic value of training”.

objetivo a investigação de quanto a variada natureza das desigualdades estruturais produzem consciências múltiplas” (Ward, 2004, p. 83)<sup>34</sup>.

A pesquisadora empenhou-se para realizar oito entrevistas áudio gravadas com cinco mulheres empregadas, duas dirigentes e um homem manager, para recolher o posicionamento discursivo deles em relação a temáticas como a homossexualidade, AIDS etc.

Os resultados mostraram como as pessoas homossexuais com AIDS sofrem uma dúplici discriminação: por parte do domínio normativo, como gay e, mesmo nas comunidades LGBT, como portadores de HIV. Além disso, emergiram posicionamentos discursivos que remetem a idealtipos meramente masculinos, com a intenção de relegar os outros gêneros dentro condições sociais e de trabalho desfavorecidas:

“Os conflitos referidos ao sexismo em Bienestar complicaram-se, por um lado pela interconexão entre atitudes e práticas sexistas, que os colaboradores masculinos poderiam plausivelmente mudar, e do outro lado por obstáculos externos, como cortes financeiros para iniciativas dedicadas às mulheres, que pouco servem aos dirigentes masculinos” (Ward, 2004, p.99)<sup>35</sup>.

De fato, por um lado assiste-se a uma mudança paradigmática seja a respeito dos movimentos feministas, seja a respeito dos queer studies. As consciências múltiplas referem-se, de fato, a uma diversa concepção da própria identidade que pode assumir percursos muito diferentes, dependendo da classe social e o contexto cultural de aferência.

### 1.2.3 A estreia no palco dos gêneros

---

<sup>34</sup> Versão original em inglês: “An extensive body of intersectional feminist theory has explored how the multiplicative nature of structural inequalities produces multiple consciousness”.

<sup>35</sup> Versão original em inglês: “Conflicts regarding sexism at Bienestar were complicated by the interconnectedness of, on one hand, sexist attitudes and practices that male coworkers could conceivably change and, on the other hand, external obstacles, such as a shortage of funding for women’s programs, about which male managers could do little”.

## O transgênerismo na infância e na adolescência:

O transgênerismo foi de interesse particular na Psicologia do desenvolvimento em relação a processos socioafetivos e cognitivo-estruturais. As modalidades de pesquisa neste setor diferem muito, dependendo dos parâmetros teóricos das diferentes disciplinas que puseram atenção neste lado: da sociologia a psicologia, mas também a psiquiatria e a pediatria. Relatam-se, portanto aqueles estudos que focalizam as próprias observações no desenvolvimento da identidade de gênero, independentemente do contexto escolar ao qual se refere no subparágrafo seguinte.

Uma das contribuições mais conhecidas em âmbito psicológico foi proposta por Domenico Di Ceglie (1998/2003) com a sua famosa monografia: *Estrangeiro no meu corpo*. O autor, neste volume, apresenta uma coleta de diferentes perspectivas teóricas, enriquecidas com relatos de diversos profissionais (operadores clínicos, psicólogos, e especialistas em âmbito medico psiquiátrico) que, de diferentes maneiras, abordaram o desenvolvimento da identidade de gênero e das suas formas de transição. Segundo o psicólogo, esta realidade representa um fenômeno atípico enquanto a criança seria exposta, na sua diversidade, a situações de incompreensão, exclusão, e estigmatização que podem levar a dificuldades relacionais e afetivas. Ao mesmo tempo, todavia, ele/ela tenderia a aceitar a própria diversidade para responder às exigências do contexto, de podê-lo categorizar e, portanto, legitimar como fenômeno de vida desviante. Esta estratégia de sobrevivência social serviria para manter certa coerência entre o self e o outro, como tentativa de garantir a integridade da própria identidade individual e social: “talvez a falta de saúde mental e do desenvolvimento é a capacidade de manter abertas as possibilidades, de recusar a precluir o seu desenvolvimento e manter o respeito para a integridade do self” (Di Ceglie, 1998/2003, p. 23)<sup>36</sup>.

Por muitos aspectos este processo não é diferente das crenças, das afirmações e dos comportamentos que muitos jovens, considerados normais, atuam apesar da desaprovação dos outros, com o objetivo de manter-se fieis à própria experiência e manter abertas as possibilidades de desenvolver o seu verdadeiro self.

Vanderburgh (2009), em um estudo a respeito das modalidades

---

<sup>36</sup> Edição italiana consultada: “forse l’essenza della salute mentale e dello sviluppo è la capacità di tenere aperte le possibilità, di rifiutare di precludere il loro sviluppo e di mantenere rispetto per l’integrità di sé”

de intervenção psicoterapêuticas em âmbito público e familiar, disserta sobre diversas praxes clínicas adotadas para oferecer consulta e assistência para menores com diagnose de Disforia de Gênero. O autor abrange a realidade transgênera na adolescência, com particular atenção em como gerir um iter de transição de gênero durante um período de transição identitária em geral. Enfatiza-se a importância de limitar as modalidades de intervenção, não somente em nível de setting terapêutico, mas de envolver também a família e os operadores no social:

“O suporte cultural para crianças trans que pretendem revingar a verdadeira identidade deles, é bastante carente e o papel terapêutico da família continua sendo o mais crucial. A obrigação cultural de atribuir o gênero ao nascimento é uma potente norma que deve mudar” (Vanderburgh, 2009, p.152)<sup>37</sup>.

Uma revisão bibliográfica bastante completa, a respeito das transições de gênero em idade evolutiva foi publicada por Horn, Kosciw e Russel (2009). O artigo apresenta uma reflexão teórica sobre o desenvolvimento das pesquisas LGBT na infância e na adolescência, durante os últimos 30 anos. Os autores enfatizaram neste breve relatório conceitos como: fatores de risco, discriminação suicídio, e vitimização e como estas variáveis desenvolveram-se durante as últimas décadas. Foi evidenciado, pelos pesquisadores, como a juventude LGBT adquiriu mais reconhecimento tendo mitigado as muito difusas atitudes homófobas e transfóbicas. Este melhoramento de status, que favoreceu uma representação do self mais autêntica, foi atingido por meio de um desempenho coletivo entre estruturas de suporte formais (consultórios, associações LGBT) e informais (contextos familiares). Então foram enfrentadas também dimensões mais salientes, como o contexto intrafamiliar, nas quais habitualmente não aparecem as difíceis e problemáticas interações com um componente de diferente orientação sexual ou de outra identidade de gênero.

Em particular nos institutos de ensino básico e fundamental, que será assunto do próximo capítulo, percebeu-se um baixo interesse e

---

<sup>37</sup> Versão original em inglês: “There is so little cultural support for trans children to actualize their true identity, the family therapist’s role is all the more crucial. The cultural imperative to assign gender at birth is a powerful norm to challenge”.

consequentemente uma assente intervenção por parte dos professores e das iniciativas sociais e assistenciais. Este clima de silêncio favorece a insurgência de dinâmicas, como bullying e discriminação para estudantes não heteronormativos na pública instrução de primeiro e segundo grau.

O transgênerismo em âmbito escolar:

Outra corrente de pesquisa concentrou-se no fazer gênero ou não fazer gênero (undoing gender) em contextos escolares. A maior parte da literatura tende a considerar juntos momentos de vida de transição na infância e na adolescência, e contextos escolares, considerados duas realidades sociais contíguas. De qualquer forma, vale a pena, para o presente projeto, manter as duas dimensões distintas enquanto mudam alguns paradigmas epistemológicos e, sobretudo metodológicos, sendo que o contexto escolar permite conduzir pesquisas mais contextualizadas, podendo tornar as observações mais focadas para específicos objetivos de investigação.

McGuire, Anderson, Toomey & Russell (2010) realizaram uma pesquisa sobre como afirma-se a identidade transgênera no âmbito da instrução pública. O artigo propõe um estudo sobre a relação entre alunos transgêneros, coetâneos heteronormativos e funcionários escolares. As observações desenvolveram-se em duas fases.

Uma pesquisa inicial conduzida com uma amostra de 2.260 estudantes, entre os quais 68 transgêneras do ensino médio e superior do estado da Califórnia. Para cada estudante foi aplicado um questionário, estruturado com escadas nominais com 4 pontuações. Os resultados desta primeira fase de análise evidenciam a relação de conflito seja em relação às atitudes discriminatórias por parte dos colegas, seja a respeito dos comportamentos de indiferença ou de ausência por parte funcionários escolares.

A segunda fase de análise foi conduzida observando as interações em quatro focus group com 32 participantes transgêneros entre os 10 e 13 anos, funcionários escolares (número não especificado) e outros alunos não transgêneros (número também não especificado). Cada sessão, com duração de uma hora à uma hora e meia, era gravada por equipamento audiovisual e depois transcrita. Os participantes foram recrutados por meio de algumas associações LGBT. Os resultados que emergiram a partir da análise das interações evidenciaram que os ambientes escolares apresentam um contexto social onde os processos de exclusão, violências de gênero e discriminação são particularmente

ênfatisados. Portanto, requereu-se uma intervenção maior por parte dos funcionários escolares e, ao mesmo tempo, uma maior sensibilização por parte dos estudantes não transgêneros.

Um corte mais sociológico para esta temática foi oferecido por Myers e Raymond (2010). A pesquisa propõe uma visão interseccional a respeito do desconforto psicológico proclamado por alunas/os não heteronormativas/os, e cidadania, em termos culturais e socioeconômicos. O artigo apresenta uma pesquisa realizada em um instituto de ensino básico do interior estadunidense (não especificado) de predominância “branca”: “a escola encontra-se em uma comunidade rural principalmente branca (65 por cento Brancos, 12 por cento Negros e 17 por cento Hispânicos)” (Myers & Raymond, 2010, p. 171)<sup>38</sup>.

Foi escolhido este contexto para observar a construção social da heteronormatividade e, portanto, da modalidade de posicionamento discursivo-gestual durante as atividades lúdicas, por meio das quais as meninas representavam-se em relação à própria identidade de gênero. O estudo foi conduzido por meio da observação de nove grupos focais com 43 meninas entre os 6 e 9 anos. A metodologia aplicada consiste em uma análise qualitativa realizada com notas etnográficas e o preenchimento de questionários de entrevistas semiestruturadas. Foram excluídos métodos de gravação, pois estes teriam alterado os níveis de atenção das alunas. Os resultados sugerem que a realidade heteronormativa seja co-construída por meio das interações em contextos escolares e públicos em geral já durante a primeira infância.

São, sobretudo, estas últimas pesquisas a ser particularmente relevantes para esta tese, pois evidenciam o impacto das coordenadas culturais, sócias e contextuais sobre a gênese da identidade de gênero. As abordagens sociológicas e psicológicas de tipo qualitativo, as quais transferem a atenção das análises estandardizadas para a observação das interações situadas, demonstraram quanto os sistemas normativos e simbólicos estruturam as representações do self e do outro. As crianças, de fato, são atores sociais em progresso e neles é possível observar a gradual construção de uma identidade de gênero, a qual é primeiramente uma identidade social.

---

<sup>38</sup> Versão original em inglês: “The school was in a rural, primarily white community (65 percent white, 12 percent Black, and 17 percent Hispanic)”

### 1.2.4 Diga o seu trabalho e lhe direi de que gênero é!

Como afirmou Kirsten Schilt (2006) existem profissões generizadas, quais “blue-collar occupations” and “women’ s professions” (ocupações de cor azul e profissões das mulheres) (p.445), que são hegemonicamente monopolizadas pela presença de um gênero específico. Alguns destes trabalhos, de fato, com dificuldade são ocupados por ambos os gêneros. Estas profissões parecem, na verdade, excluir um ou outro gênero, levando em conta que as posições de poder, sobretudo no contexto italiano, são ocupadas principalmente por homens (Bimbi, 2009).

Esta perspectiva de disparidade parece nascer mesmo de uma distinção de papéis que veem o homem como protagonista agente do público e a mulher como comparsa passiva dentro dos muros domésticos. Enquanto o homem visa possuir as competências e as habilidades para gerar mudanças no tecido social e histórico, as mulheres teriam, portanto, a tarefa atribuída pelo homem de cobrir os papéis do care. Nasce, de fato, destas considerações, um paradigma típico do welfare ocidental e eurocêntrico (Bimbi, 2009) que se baseia em uma bipartição de dois sistemas existenciais antinômicos, mas compensadores: o homem bradewinner versus a mulher caregiver (Kittay, 2011).

As/Os transgêneras/os, mesmo ao pôr em discussão esta rígida dicotomia, com dificuldade encontram um trabalho entre as ocupações socialmente legitimadas. Não por acaso muitas profissões que desempenham, representam de alguma forma ambientes que convalidam a sua diversidade e onde o estigma torna-se um símbolo de prestígio (Goffman, 1963/1983).

Um dos temas centrais, assunto desta tese, tem a ver exatamente com a inserção das/dos transgêneras/os no mundo do trabalho e as problemáticas relativas à prostituição. Entre as contribuições mais recentes sobre o assunto, um artigo publicado por C. Connell (2010) põe em discussão o conceito de “fazer gênero”, entendido como atuação de um gênero no palco da vida cotidiana (West & Zimmerman, 1987). Segundo Connell, a construção de fazer gênero tenderia a reforçar as diferenças e, portanto as desigualdades entre os gêneros: “O fazer gênero é sobretudo uma teórica da interação; esta pressupõe um contexto cultural dentro do qual é possível mudar o binarismo dos

gêneros” (C. Connell, 2010, p.52)<sup>39</sup>.

A pesquisadora sustenta que a utilização deste termo, de conotação goffmaniana, seja pouco atuável, sobretudo pela dimensão sempre mais fluida das realidades sociais, onde as identidades com dificuldade afirmam-se por meio de percursos ou “script” socialmente preestabelecidos sem considerar a peculiaridade de específicos contextos que estão situados e culturalmente circunscritos: “Os indivíduos devem atuar o próprio gênero em relação a específicas coordenadas culturais” (ibidem, p.51)<sup>40</sup>.

A pesquisa, realizada em um corpus de 19 entrevistas com mulheres transgêneras, enfatiza quanto o posicionamento em ambientes de trabalho ressentem fortemente da própria identidade de gênero, a qual parece produzir as desigualdades que habitualmente intercorrem entre mulheres e homens:

“As pessoas transgêneras não são necessariamente os únicos atores sociais envolvidos no undoing o redoing gênero; de fato, mais são os tentativos de mudar o binarismo de gênero, mais o terreno comum resulta descoberto por pessoas transgêneras e outros que opõem-se à desigualdade de gênero” (ibidem, p.51)<sup>41</sup>.

A respeito desta perspectiva analítica articulam-se a maioria das produções científicas que ocupam-se, no âmbito das ciências sociais, de gêneros em transição e mundo do trabalho.

Schilt e Westbrook (2009) publicaram uma pesquisa etnometodológica, estudando por um lado as interações entre os assim chamados Gender Normals e transgêneras em contextos de trabalho e por outro lado como as transgêneras são representadas pelas mídias. A partir das 54 entrevistas realizadas, junto a uma análise de discursos jornalísticos por meio do software ATLAS-ti, emergiu que as/os transgêneras/os enfrentam um percurso de transição geralmente mais

---

<sup>39</sup> Versão original em inglês: “First, fazer gênerois a theory of interaction; it presupposes a structural context that enables challenges to the gender binary”.

<sup>40</sup> Versão original em inglês: “Individuals are held accountable for performing their gender in culturally specified ways”.

<sup>41</sup> Versão original em inglês: “Transpeople are not necessarily the only social actors engaged in the undoing or redoing of gender; in fact, the more moments of challenging the gender binary that are identified, the more common ground is uncovered for transpeople and others to oppose gender inequality”.



curto, se inseridas/os em contextos de trabalho “generizados”, isto é profissões culturalmente identificadas com uma identidade de gênero específica (Schilt & Westbrook, 2009).

A pesquisa evidencia a forte correlação entre heteronormatividade e dicotomia sexual, a respeito do qual quebram a coerência e estabilidade de uma hegemônica concepção binária de gêneros.

Mesmo Schilt (2006) evidenciou como os homens transgêneros (FtM) representem as disparidades, que geralmente caracterizam as interações intergênero em contextos de trabalho. Os resultados teriam sugerido que não era tanto o percurso de transição em si a gerar desigualdade, quanto a aceção feminina da própria identidade de gênero. De fato, uma vez completada a passagem do feminino ao masculino, os homens transgêneros (FtM) teriam de uma posição social mais favorecida em ambientes de trabalho.

Entre as diferentes atividades profissionais que tradicionalmente envolvem as/os transgêneras/os, o mundo do espetáculo teve sempre uma atenção especial para artistas não heteronormativos. As Drag-queen dos anos 80 constituíram um panorama criativo que influenciou uma geração inteira de escritores (Daniel Harris), músicos (Bob Dylan, Fabrizio de André) e cinematógrafos (Stephen Elliot). Todavia, são poucas as documentações sobre Drag Kinging, fenômeno que vê como protagonistas os homens transgêneros. Entre as raras publicações sobre este fenômeno particular, sobressai um recente estudo de Shapiro (2009). A autora coletou 28 entrevistas semiestruturadas com mulheres travestis.

Os resultados demonstraram que o drag-kinging, apesar de ter sido sempre associado ao travestismo, representa uma forma particular, talvez temporária, de fazer gênero como verdadeira e própria afirmação do self. As pessoas entrevistadas, de fato, desempenharam comportamentos tipicamente masculinos, assumindo totalmente os papéis sociais e gestos culturais correspondentes. Shapiro, além disso, analisou 200 vídeos de espetáculos Drag-Kinging. Os resultados sugerem uma co-presença de diferentes identidades de gênero que uma pessoa assume (e não simplesmente desempenha) dependendo de contextos específicos e situações sociais.

Enfim, as pesquisas que se interessam por aspectos de trabalho não podem evitar considerar o mercado da prostituição europeu, que ao longo do tempo viu entre as suas protagonistas as mulheres transgêneras, muitas vezes originárias do Brasil (Di Folco & Marcascano, 2001; Farais de Albuquerque & Jannelli, 1994;

Marcascano, 2002).

Estudos recentes, mais pôr ênfase nos processos estigmatizados da prostituição, transferiram a atenção para as dinâmicas sociais e de mercado ligadas a organização deste negócio. Segundo Vidal-Ortiz, a identidade das transgêneras se articularia a partir de outros aspectos normativos da dicotomia sexual e em relação à própria opção sexual.

Ser transgênera/o, desempregada/o e clandestina/o representa uma realidade que, muitas vezes, tem a ver com migrantes sul-americanos, sobretudo brasileiros, que constituem uma percentagem significativa da prostituição na Europa. Por anos as transgêneras ficaram relegadas a uma condição de desvio, e o comércio ilegal tornou-se muitas vezes a única possibilidade de reivindicar um papel ocupacional próprio: “Muitas vezes não se dá para as mulheres transgêneras um emprego em trabalhos econômicos formais (...) esta perspectiva negativa reduz as suas possibilidade de trabalhar fora de um sistema econômico de rua, como o faz” (Vidal-Ortiz, 2009, p.100<sup>42</sup>).

Esta última pesquisa enfatiza o lado mais ostracizante de uma discriminação social e cultural das mulheres transgêneras, que muitas vezes se veem obrigadas a vender o próprio corpo e a própria imagem para uma clientela masculina na maioria heterossexual (Sabatini, 2005).

### 1.2.5 O lado feminista do conhecimento

“O Feminismo é a descoberta radical, que as mulheres são pessoas” (Paula Treicher & Cheri Kramarae, 1983, p. 122)

Um forte impacto no estudo do transgênerismo foi exercitado no âmbito das teorias feministas, as quais desenvolveram uma “abordagem ontológica orientada para a desconstrução dos processos sociais, observados como relações sociais; a atenção para as experiências e narrações das mulheres, e a sua capacidades de agir transformando o mundo social” (Bimbi, 2009, p.261)<sup>43</sup>.

A abordagem feminista propõe, portanto uma alternativa a

---

<sup>42</sup> Versão original em inglês: “Often, transwomen are not given employment in formal economy jobs (...) Such negative assessments reduce their possibilities to work outside street economies like sex work”.

<sup>43</sup> Versão original em italiano: “approccio conoscitivo orientato alla decostruzione dei processi sociali, osservati in quanto rapporti sessuati; l’attenzione alle esperienze ed alle narraçioni delle donne, ed alle loro capacità di agire trasformando il mondo sociale”.

ontologia declinada ao masculino, profundamente ancorada nas modalidades de perceber, interpretar e, portanto conceber a realidade. A representação hegemonicamente patriarcal do conhecimento tinha de fato, dominado a *Weltanschauung* no ocidente desde a antiguidade, impedindo a elaboração de outros paradigmas e modelos gnosiológicos. Em particular nas culturas sul-europeias e médio-orientais desenvolveu-se sistemas de conhecimentos os quais, “representam uma forma paradigmática da visão ‘falo-narcísica’ e da cosmologia androcêntrica, comuns a todas as sociedades mediterrâneas e que sobrevivem, até hoje” (Bourdieu, 1998/2010, p. 14).

Entre as diferentes correntes de pesquisa que afirmaram-se dentro deste movimento científico sobressai o conceito chave de Fazer Gênero de West & Zimmerman (1987) ao qual referiu-se na parte histórica. Os dois autores foram particularmente interessados na emergente cena transgênera e como esta fosse a emblemática representação de um percurso existencial no qual não se nascem mulheres, nem homens mesmo. Os estudiosos dedicaram a isso muitas pesquisas e reflexões teóricas, confrontando-se constantemente com as e os representantes, também científicos, do movimento transgênero, entre os quais C. Connell e R. W. Connell.

Em uma recente publicação West & Zimmerman (1987) dedicaram-se a transformação da construção de fazer gênero a partir de uma perspectiva histórica. O artigo propõe uma revisão do conceito, por eles inventado, no final dos anos oitenta. A reflexão disserta sobre mudanças das últimas três décadas e como mudou a percepção concernente aos papéis de gênero, além da sua evolução. Devido a isso, consideram-se os trabalhos de R.W. Connell e Vidal-Ortiz que, de alguma forma, criticaram a construção teórica do fazer gênero. Em específico enfatizaram-se as identidades de gênero em progresso e como estas quebraram a coerência de uma obsoleta concepção binária dos sexos. Esclareceram-se também muitas das polêmicas que aconteceram nos anos setenta e oitenta entre a emergente comunidade transgênera e os movimentos feministas nos Estados Unidos. Portanto, redimensionou-se a característica naturalística da identidade de gênero que era considerada o espelho isomorfo dos caracteres sexuais.

Como resposta a esta recente reflexão, mas também a respeito do histórico artigo deles de 1987, R.W. Connell (2009) escreveu uma própria consideração crítica a respeito deste conceito. No artigo a autora interroga-se nas modalidades de recitar o próprio gênero na vida cotidiana, que inevitavelmente ressentida das subestruturas ideológicas de certas hierarquias de poder generalizadas. O fazer gênero, a partir desta

perspectiva é enquadrado não somente a respeito do posicionamento e das interações em contextos situados (mundo do trabalho, interações cotidianas), mas também em relação a política e aos sistemas hegemônicos, como prática discursiva implícita. Os gêneros e os relativos percursos de transitoriedade definem-se, portanto a respeito de um panorama normativo e de crenças, situadas no espaço e no tempo: “uma re-conceitualização de mulher e homem como um 'grupo social distinto', historicamente definido em específicas (e mutáveis) relações sociais” (R. W. Connell, 2009, p.108)<sup>44</sup>.

Uma recente dissertação de Ward e Schneider (2009) coloca-se mesmo dentro do debate sobre a dimensão social e normativa seja dos papéis de gênero, seja da afeição sexual.

Respeito da hegemonia heteronormativa, como característica predominante do dualismo sexual em ocidente, as duas pesquisadoras propuseram uma reflexão teórica sobre os acontecimentos históricos que, a partir do segundo período após a guerra, remodelaram a concepção das identidades de gênero e das orientações sexuais. Especialmente deu-se atenção na percepção sociocultural do “queering”, também em referimento aos movimentos feministas e em relação a alguns co-fatores históricos como o HIV.

Então foi evidenciada uma virada paradigmática, que dá uma visão completamente patriarcal dos gêneros, entendidos como papéis, passando a tomar em consideração a estrutura cultural-normativa, em volta da qual se articularam as antinomias sexuais. De acordo com o construto de heteronormatividade e domínio masculino, também se cita um artigo de R.W. Connell e Messerschmidt de 2005.

A pesquisa (que foi retomada pela mesma Connell em uma publicação posterior de 2009, veja-se em cima) trata do tópico da hegemonia masculina. Em particular foi evidenciado o desenvolvimento deste paradigma teórico durante os últimos 30 anos. De fato, os autores evidenciam uma radical mudança na estrutura dos papéis de gênero que se tornaram mais paritários e menos conectados a idealtipos patriarcais. A posição entre os gêneros vê a própria organização, em termos de interação, deslocadas nas vertentes macros do experimental cultural, como as hierarquias de poder e as diferenças, às vezes contraditórias dentro do domínio masculino. Estas mudanças paradigmáticas deveriam abrir a estrada para uma concepção mais de igualdade entre os gêneros

---

<sup>44</sup> Versão original em inglês: “a reconceptualization of women and men as “distinct social groups,” historically constituted in specific (and changing) social relationships”

com o fim de redimensionar a aceção hegemônica do domínio masculino:

“Inclusive antes dos movimentos de liberação das mulheres, uma ampla literatura em Psicologia social e Sociologia respeito aos ‘papéis do sexo masculino’, contribuíram a um reconhecimento da natureza social da masculinidade e das possibilidades de mudar a conduta do homem” (R.W. Connell e Messerschmidt, 2005, p. 831)<sup>45</sup>.

Também um estudo realizado por Diane Richardson (2007) é empenhado em redefinir o isomorfismo ancestral (pelo menos na cultura ocidental) entre sexo e gênero. Especialmente foi dada particular atenção nos processos simbólicos e históricos dentro dos quais se desenvolveram as identidades de gênero, seja como papéis sociais seja como construtos culturais. A pesquisa concerne também as identidades e os estilos de vida não heteronormativos e especialmente a relação entre homossexualidade e heterossexualidade e a entre transexualidade e transgenerismo. Analisando estes aspectos de uma perspectiva feminista, pôde-se delinear uma trajetória interdisciplinar que trata a discrasia sexo versus gênero desde diferentes perspectivas epistemológicas. Portanto o estudo não foi desenvolvido como pesquisa empírica, mas como pesquisa bibliográfica que oferece uma panorâmica completa da literatura que existe nos principais âmbitos da sociologia.

A respeito desta perspectiva, Hird (2002) publicou em um artigo, centrado em duas áreas temáticas: o transsexualismo como representação do self e como prática de performance. Por meio de uma análise bibliográfica, a autora observa não tanto os processos de interação e construção da própria identidade de gênero, mas a estereotipada e suposta aceção transgressora dos transgêneros/sexuais, que torna obsoleta a tradicional antinomia entre os sexos e entre os gêneros. Por isso a pesquisa baseia-se nestas três dimensões: “(1) autenticidade – transexualismo, sexo e gêneros ‘reais’; (2) performance – transexualismo, sexo e gênero fictício; e (3) transgressão –

---

<sup>45</sup> Versão original em inglês: Even before the women’s liberation movement, a literature in social psychology and sociology about the “male sex role” had recognized the social nature of masculinity and the possibilities of change in men’s conduct.

transexualismo, a destruição de sexo e gênero” (Hird, 2002, p.581)<sup>46</sup>.

Então foi oferecida uma comparação, a partir destas três definições conceituais, entre diversos âmbitos ontológicos que vão da sociologia à psicologia, e até aos estudos etno-metodológicos.

Enfim as teorias feministas, interessadas nas experiências de transição de gênero, ocuparam-se inclusive de relações íntimas, como aquelas com os companheiros ou os familiares; dinâmicas, que para além das mudanças sociais e políticas, sentiram o efeito também da influência exercitada pelos movimentos transgêneros e pelas queering community em geral.

Sobre este propósito, Hines (2006) apresentou um dos poucos estudos realizados dentro dos contextos íntimos e/ou privados como o da relação com o companheiro ao invés daquele com os pais. Os aspectos, tomados em consideração pela estudiosa, são de certa forma distante da esfera pública, embora os sistemas familiares constituam um componente de base. A autora estudou três casos, dois de transgêneras MtF (40 e 70 anos) e um de transgênero FtM (30 anos). Por meio de uma análise de conteúdo das próprias biografias foram especificadas as seguintes variáveis relacionais:

1. O agenciamento das experiências de transição em contextos íntimos;
2. As mudanças sobre a percepção do self, negociada com os atores sociais significativos (pais, companheiros); e como
3. as modalidades de interação, nos contextos particulares, podem descrever a posição social em relação às macroestruturas culturais e aos sistemas simbólicos gerais.

Então, o fazer gênero foi e continua a ser um ponto de referência conceitual por meio do qual é possível ler as interações entre os gêneros, pelo menos com respeito às realidades europeias e norte-americanas.

### **1.2.6 O corpo como espelho da alma**

Para além das dinâmicas tipicamente interativas, como os universos discursivos ou as práticas comunicativas no cotidiano, alguns autores interessaram-se na relação entre identidade de gênero e corpo

---

<sup>46</sup> Versão original em inglês: “(1) authenticity – transsexualism and ‘real’ sex and gender; (2) performativity – transsexualism and fictive sex and gender; and (3) transgression – transsexualism and the disruption of sex and gender.”

durante o percurso de transição. Um estudo importante sobre o argumento (Broad, 2002) é focado na relação “sexo-gênero” e o direito de reivindicar uma própria identidade de gênero fora do dualismo sexual.

O ensaio descreve uma pesquisa realizada por meio de anotações etnográficas, observações sobre o campo e entrevistas livres com 47 transgêneras. As observações etnográficas foram desenvolvidas em 45 centros de agregação e suporte para transgêneros nos Estados Unidos. Ademais foram observadas as redes sociais online e as modalidades de interação na rede. Portanto, o estudo é centrado no ativismo político por meio do qual as/os transgêneras/os reivindicam um próprio reconhecimento não só em termos de igualdade, mas também em nível social e cultural. As interações observadas e analisadas fizeram emergir um claro posicionamento das ativistas trans, a favor de uma afirmação autêntica da própria identidade, que não quer necessariamente se posicionar para um ou outro polo antinômico do tradicional binômio Mulher & Homem.

Sempre a respeito de reflexões sobre a percepção corpórea cita-se uma pesquisa publicada por Schrock, Reid e Boyd (2005). O artigo propõe um estudo sobre a relação que as transexuais reivindicam com o próprio físico. A análise põe o acento na dimensão biológico-sexual do gênero, ou seja, o físico que nos contextos sociais alargados muitas vezes determina a própria posição e, sobretudo o reconhecimento da identidade de gênero. A este propósito foram coletadas 19 entrevistas em profundidade com transexuais “brancos” para compreender a percepção que elas têm do próprio corpo e em particular os critérios adotados, contanto que o torne o mais possível fiel à imagem fenomênica do corpo físico feminino.

Os resultados sugerem a importância da percepção corpórea, que, para quem transita, assume uma relevância da mesma forma crucial como também a dimensão cultural e muitas vezes se torna o critério fundamental para se sentir plenamente mulher no próprio habitus biológico. Estas considerações deveriam oferecer uma contribuição à práxis clínica e médica, para enquadrar melhor as necessidades de quem pede um intervento de cirurgia plástica e endocrinológico, com o fim de retificar os próprios caracteres sexuais.

Também Schilt (2008) em um breve ensaio concentra suas reflexões teóricas sobre a relação entre gênero (sociocultural) e sexo (genético-natural). O artigo disserta acerca da impossibilidade de cunhar um dualismo mente-corpo e, ao contrário, propõe uma visão construcionista, que identifica também no monismo biológico uma

perspectiva ontológica culturalmente definida: “inclusive as diferenças biológicas podem ser interpretadas como construções sociais” (Anderson, 2005, p. 440<sup>47</sup>). Esta temática epistemológica deriva de algumas experiências de gênero, assim chamadas intersexuais, que não sempre encontram uma própria confirmação etiopatogenética: “A pesquisa sobre pessoas nascidas com uma variedade de condições intersexuais demonstram que os cromossomas não correspondem sempre às configurações XX e XY” (Schilt, 2008, p. 111)<sup>48</sup>.

Concluindo, um dos estudos focalizados mesmo sobre o conflito identidade-corpo foi conduzido por Dozier (2005) e com título *Beards, Breasts and Bodies: Doing Sex in a Gendered World* (Barbas, Seios e Corpos: Fazendo Sexo em um mundo generizado). O título já deixa entender uma impostação teórica de modelo construcionista, de fato o sexo é considerado como um arbitrário elemento discriminatório com o fim de criar macrocategorias. De fato, a dicotomia sexual foi reificada pelo construto cultural de gênero e, portanto a aparência fenomênica serve para confirmar o próprio papel social, respeito a uma determinada identidade de gênero:

“A expressão de gênero depende seja do comportamento seja da aparência como ator masculino ou feminino. Quando as características sexuais não coincidem com o gênero, o comportamento torna-se mais importante respeito às expressões e interpretações de gênero” (Dozier, 2005, p. 297)<sup>49</sup>.

Referindo-se a essa premissa, a autora recolheu 18 entrevistas de pessoas que se declararam transgêneras FtM. Os resultados emergidos sublinham a forte tensão e o dilacerante conflito que os entrevistados referem diante da discrasia “identidade-corpo”, evidenciando a frequente e inevitável necessidade de conformar o próprio corpo à

---

<sup>47</sup> Versão original em inglês: “even biological differences can be interpreted as social constructions”

<sup>48</sup> Versão original em inglês: “Research on people born with a variety of intersex conditions reveals that chromosomes do not always fall neatly into XX and XY patterns”.

<sup>49</sup> Versão original em inglês: “The expression of gender relies on both behavior and the appearance of the performer as male or female. When sex characteristics do not align with gender, behavior becomes more important to gender expression and interpretation”.



realidade social reivindicada:

“O incremento de características sexuais masculinas promove um maior bem-estar respeito à própria identidade e às interações sociais, que se tornam cada vez mais adequadas diante da identidade sexual. Como resultado algumas transgêneras FtM conseguem atenuar a própria atitude hipermasculina” (ibidem, p. 305)<sup>50</sup>.

### 1.2.7 Outras culturas, outros gêneros

Uma contribuição essencial para uma compreensão global da realidade transgênera foi oferecida pelos estudos antropológicos (Shaw & Ardener, 2005) e pela etno-psiquiatria (Newman, 2002). Estes filões de pesquisa interessaram-se em fenômenos de transição de gênero distantes das perspectivas teóricas e simbólicas do mundo ocidental. Dettore (2005) descreve a representação do gênero em diferentes comunidades de nativos da América setentrional. Especialmente os Zuni, mas também os Navajos adotam parâmetros diferentes para a atribuição da identidade de gênero. Ao invés de considerar os genitais como elemento de discriminação entre os gêneros, estas comunidades deslocaram a atenção para aspectos de representações sociais. A criança torna-se mulher ao invés de homem com base de seu grau de adesão a um ou a outro desses dois papéis sociais e culturais, durante a própria trajetória de formação.

Entre os nativos da América setentrional, os “berdache” ou “dois espíritos” (Two-Spirits), representam outro gênero em relação ao modelo binário dominante; estas pessoas desenvolvem papéis e revestem status específicos dentro da própria comunidade de pertença (Roscoe, 1998). Portanto, a estas/estes são atribuídas capacidades espirituais e características metafísicas, que muitas vezes submetidos a ritos de iniciação, que lembram o “travestismo” da cultura ocidental (Dettore, 2005). Percursos de transição entre os gêneros, frequentemente associados a ritos religiosos particulares, são conhecidos em muitas comunidades nativo-americanas. A função espiritual que estas pessoas

---

<sup>50</sup> Versão original em inglês: “The increase in male sex characteristics creates both greater internal comfort with identity and social interactions that are increasingly congruent with sex identity. As a result, some FTMs are able to relax their hypermasculine behavior”.

têm dentro do próprio contexto normativo e simbólico é conotada como uma posição social muito valorizada. Eles, ao invés de romper as coerências normativas, constituem uma parte fundamental, como expoentes da vida religiosa e, portanto das coordenadas éticas e morais.

Também no macrocenário cultural indiano se manifestam fenômenos de transição de gênero como no caso das Hijra (Nanda, 1990) e dos Sadhin (Shaw & Ardener, 2005). As primeiras são pessoas nascidas geneticamente machos que assimilam traços estéticos e atitudes, as quais caracterizam os papéis culturais e sociais tipicamente ocupados pelas mulheres. Para eles é previsto uma intervenção cirúrgica que remove os testículos. As Hijras não são nem homens e tampouco mulheres, mas depois da cirurgia entram em uma terceira categoria de gênero e seus companheiros podem ser somente homens. Elas se revestem de um status prestigiado e também positivo e por isso são consideradas benignas e poderosas. Os Sadhin, ao contrário, são pessoas nascidas geneticamente como mulheres, as quais na vida privada e pública desempenham papéis masculinos. Eles desfrutam dos mesmos privilégios destinados aos “homens biológicos”, mas a eles não é dado um valor sagrado como às Hijra: “De qualquer forma o status deles de santo ou ascético, não é propriamente equivalente ao da contraparte masculina” (Shaw & Ardener, 2005, p.7)<sup>51</sup>.

A trajetória de transição dos Sadhin representa muitas vezes para algumas mulheres indianas uma possibilidade, culturalmente legitimada, de reivindicar um status social que transcende a tradicional bipartição dos gêneros, que relegaria seu polo feminino ao papel de cuidadora e de protagonista da cotidianidade doméstica: “Tornar-se um Sadhin muitas vezes representa para uma mulher uma respeitável alternativa ao casamento” (ibidem, p. 7)<sup>52</sup>.

Outras expressões de identidade intergênera são difundidas inclusive em algumas áreas da Europa Oriental, como em Montenegro e na Albânia setentrional (Young 2000). Sobretudo neste último contexto, em volta dos anos 920, o papel da mulher subordinava-se a um sistema feudal no qual a pobreza, exploração, violência extrema e desigualdades (sociais, culturais e de gênero) eram a normalidade do dia a dia. As contínuas disputas entre famílias camponesas e as lutas sangüneas entre os membros masculinos viram uma queda notável da população

---

<sup>51</sup> Versão original em inglês: “Her status as a saint or ascetic, however, is not directly equivalent to that of a male renouncer”.

<sup>52</sup> Versão original em inglês: “Becoming a sadhin is regarded as a respectable alternative to marriage for a female”.

masculina, ulteriormente agravado pelos processos migratórios para a capital Tirana ou para o exterior: “Além desta eliminação de jovens homens por meio de atos violentos, uma recente onda de emigrações em busca de trabalho em outro lugar, em Tirana ou até no exterior, viu uma crescente diminuição de homens nas áreas de montanha” (Young, 2000, p. 51)<sup>53</sup>.

A alta taxa de mortalidade masculina, junto com o êxodo das gerações mais jovens, favoreceu um aumento das mulheres respeito aos homens.

Esta situação de disparidade numérica entre os gêneros viu a necessidade de fazer recobrir alguns papéis tipicamente masculinos das mulheres. Estas últimas, rigorosamente virgens e solteiras, tinham que abandonar de certa forma a própria identidade feminina, assumindo atitudes e vestindo roupa masculina (Gjecov, 1989). Estes percursos de transição entre os gêneros, que parecem derivar mesmo de uma exigência de sobrevivência social e demográfica, por isso tomaram o nome de “virgjëresha të betuara”, ou seja, “virgens juradas” para indicar a renúncia da sexualidade feminina:

“Considerando a natureza completamente patriarcal da tradicional sociedade albanesa e a crescente necessidade dos donos da família masculinos, juntamente com toda uma série de fatores, contribuíram a perpetuar uma tradição de ‘homem outro’, disposto a tomar os votos das ‘virgens juradas’” (Young, 2000, p. 64)<sup>54</sup>.

Na Itália existe uma particular expressão de identidade de gênero que se afirmou em Nápoles: os Femminielli ou as Femminelle. Historicamente viviam e em parte ainda hoje habitam nos bairros espanhóis (Quartieri Spagnoli) da cidade. Estas pessoas, nascidas biologicamente machos, representam-se por meio de roupa, trajes e atitudes femininas. Muitas delas, como também um grande número de

---

<sup>53</sup> Versão original em inglês: “Besides this elimination of young men through violent means, there has recently also been migration in search of work elsewhere, in Tirana or even abroad accounting for an increasing shortage of men in highlands.”

<sup>54</sup> Versão original em inglês: “Taking into account the very patriarchal nature of traditional Albanian society and its ongoing necessity for male household heads, all these factors contribute to the continuing tradition of another kind of ‘man’ to keep the oath of the ‘sworn virgin’”

transgêneras brasileiras migradas para os países europeus, trabalham no mercado clandestino da prostituição:

“As nossas femminele de dia ocupam-se de coisas domésticas, mesmo como fazem as mulheres, e depois na hora estabelecida aparecem à janela e esperam os próprios amantes. Muitos potinhos, para se tornar aos sujeitos mais atrativas, se maquilam os olhos (...) e muitos, por meio de algodão, tentam tornar mais formosas as partes posteriores e maior o peito. Alguém se feminiza também o nome. O preço que ganham do próprio ignóbil trabalho o dão para os mantidos delas” (Di Blasio, 1867, p. 157)<sup>55</sup>.

Curiosidade interessante, como sublinhado por Cuomo et al. (2011), que transpira desta passagem do escritor Campano é a função social desta particular atividade de prostituição, que é dirigida sobretudo aos fregueses homens heterossexuais. A forte acepção feminina, enfatizada pelos mesmos femminielli na relação com os próprios clientes, não põe em discussão o domínio heteronormativo, do momento em que uma forte declinação da representação corpórea deles ao feminino respeita a lógica dicotômica dos sexos e, portanto a ordem social da vida comunitária. Ao invés de romper um hábito paradigmático, confirma e reifica as próprias conotações simbólicas:

“Na perspectiva desta subcultura têm significado só as relações sexuais entre um femminiello e um ‘macho’. As relações entre dois ‘machos’ ou dois ‘femminielli’ são sem sentido, inclusive impensáveis (...) É neste nível que emerge a representação de um femminiello relativa à lógica heterossexual, dentro da qual o femminiello encontra sua ‘acomodação’ na vertente feminina,

---

<sup>55</sup> Versão original em italiano: “Le nostre femminele di giorno si occupano di vicende domestiche, appunto come fanno le donne, e poi in ora stabilita si affacciano alla finestra ed aspettano i loro amanti. Parecchi vasetti, per rendersi ai soggetti più attraenti, si truccano gli occhi (...) e molti, mediante ovatta, cercano di rendersi più formose le parti posteriori e più sporgente il petto. Qualcuno si femminizza anche il nome. Il prezzo che ricavano dal loro ignobile mestiere lo versano ai loro mantenuti”

na sua expressão de papéis” (Cuomo et al., 2011, pp. 180-181)<sup>56</sup>.

Enquanto alguns autores como Sabatini (2005) preferem falar de afiliação sexual em termos de heterossexualidade e homogenitalidade, para poder superar o aparente paradoxo entre heteronormatividade e relações ocasionais com prostitutas transgêneras, ao invés, Cuomo et al. (2011) abraçam uma perspectiva que retoma o conceito das Representações sociais (Jodelet, 1992). Nesta ótica a dissonância entre o interagir em nível íntimo com uma pessoa transgênera e a imagem do self como homem heterossexual, não impede a integridade da própria identidade de gênero, com o fim de que, independentemente das escolhas individuais de cada um, não seja alterada a estabilidade simbólica dos modelos culturais. Esta abordagem psicológico-social identifica ao invés nas atitudes e nos sistemas de significado de cada agente uma interiorização de universos simbólicos mais amplos e superordenados.

De fato, a realidade dos Femminielli é profundamente ancorada nos esquemas culturais e no panorama histórico da capital da região Campania (Zito & Valerio, 2010). A presença deles é considerada um sinal de bom auspício e de forma similar às Hijra indianas são convidadas a algumas festas de celebração, como o batismo onde aos femminielli é dado para segurar no colo o/a criança para que este gesto lhe possa levar sorte:

“O femminiello encontra-se numa ilha privilegiada (...) nos ‘bairros’ de Nápoles onde volta a entrar a bom direito na economia do beco e em alguns casos (como naquele da ‘figliata’) assume quase um papel místico e exotérico, igual do que o antigo hermafrodita” (Cuomo, et al. 2011, p. 258)<sup>57</sup>.

---

<sup>56</sup> Versão original em espanhol: Segùn la vision de està subcultura tienen significado sólo las relaciones sexuales entre femminiello y un ‘varón’. Las relaciones entre dos ‘varones’ o dos ‘femminielli’ no tienen sentido, resultan incluso inconcebibles (...). Es a partir de este plano que emerge la representación de un femminiello relativa a lògica dicotòmica masculino y femenino y, por lo tanto, una lògica de tipo heterosexual, adentro de la cual el femminiello encuentra su ‘ubicación’ en la vertiente femenina, en su expresión de roles en un sentido amplio.

<sup>57</sup> Versão original em espanhol: El femminiello encuentra una isla privilegiada (...) en los ‘barrios’ napolitanos donde participa con derecho en la economía del

Sobretudo nas pesquisas mais recentes foi dada especial atenção nos processos de significação sejam pessoais sejam sociais, por meio dos quais se afirmam as comunidades LGBT em contextos extraocidentais. De fato, em outros grupos culturais observa-se uma estrutura social que se afasta de algumas perspectivas sexuais de modelo eurocêntrico. Portanto não se podem assimilar todos os vários movimentos de queer claiming difundidos pelo mundo da mesma forma que acontece em um panorama exclusivamente ocidental.

Um estudo transnacional publicado por Blackwood (2005) propõe uma pesquisa acerca da construção das identidades de gênero em diversos contextos culturais e nacionais. Especialmente o interesse do estudo é focado nos movimentos de reivindicação das comunidades LGBT do Padang no Sumatra ocidental. A respeito das práticas sociais que definem gênero e orientação sexual neste contexto, as mulheres homossexuais apresentariam uma ruptura de poder cultural, fortemente heteronormativa. Na pesquisa foram entrevistadas 16 pessoas Lesbi, na região do Padang entre 2001 e 2004. A análise, de impostação foucaultiana, é centrada nos processos discursivos por meio dos quais as entrevistadas representavam si mesmas e ao mesmo tempo percebiam os movimentos LGBT em outras realidades nacionais.

Os resultados desta pesquisa qualitativa evidenciam as peculiaridades ideológicas e culturais que distinguem os movimentos LGBT em diversos contextos religiosos e étnicos. O que os respectivos movimentos ocidentais muitas vezes consideram como atraso, é, pelo contrário, associável a uma diversa organização social e a diferentes modalidades de perceber seja si mesmos seja o Outro. Por isso a análise enfatiza o valor das nuances culturais dentro de que se colocam as orientações sexuais e as identidades de gênero.

Sempre em âmbito dos processos de reivindicação e reconhecimento, Currier (2010) realizou uma pesquisa sobre as políticas discriminatórias diante das comunidades LGBT na Namíbia pós-colonial. O artigo disserta acerca do conceito de homofobia e então acerca dos processos de violência que a comunidade LGBT é levada a sofrer na Namíbia. Especialmente a autora evidencia uma forte relação entre política homófoba e visão androcêntrica, promovida pelos sistemas normativos e pelos aparatos autoritários da Namíbia.

O estudo consiste em uma análise da imprensa respeito a um

---

callejón y en algunos casos (como en el de la 'figliata') asume casi un rol místico e esotérico a le par del antiguo hermafrodita.

repertório de 190 artigos em língua inglesa, saídos nos jornais da Namíbia de 1995 até 2006. A abordagem de impositação quase histórica, com que foi analisada a estrutura ideológica da imprensa namibiana, presta atenção em captar as práticas discursivas, promotoras de uma geral tendência à heteronormatividade: “Uma das dificuldades encaradas, consiste em dissuadir os chefes de estado do uso sobretudo de políticas homófobas” (Currier, 2010, p. 126)<sup>58</sup>.

Enfim, uma pesquisa que indaga percursos de transição em contextos muito afastados das ontologias ocidentais foi realizada por Mc Lelland (2002).

De fato, o artigo oferece um dos poucos estudos sobre a realidade transgênera no extremo oriente. Foi mesmo tomado em consideração um fenômeno de experiências intergêneros no Japão, que se afirmou, sobretudo em diversos blog e fórum online. Esta realidade emergente de pessoas que reivindicam um status intermédio entre os gêneros, dito “二成, 双成”, ou seja, “newhalf” (literalmente: nova metade), parece originar do universo simbólico dos Futanari “ふたなり”, uma expressão intergênero que teve um seu importante impacto na cultura dos quadrinhos, pornográfica e também na cibernética japonesa (Leupp, 1997).

Portanto seria muito redutivo sobrepor estas realidades existenciais ao conceito ocidental de transgenerismo, porque as mesmas suposições culturais da sociedade japonesa se deslocam dos parâmetros discriminatórios do dualismo eurocêntrico.

As interações na rede são um fenômeno muito difundido no pós-modernismo japonês, que se tornou uma das realidades tecnológicas mais avançadas do planeta. Portanto o artigo estuda mesmo as web knowledge communities<sup>59</sup> e os social networks<sup>60</sup>, onde a newhalf japonesa cria áreas de contato virtuais. Os resultados fizeram emergir que, apesar das premissas iniciais, as agregações virtuais na rede surgem de uma geral tendência na sociedade japonesa a criar espaços de interação online e não de encaminhar contextos segregados e “anônimos” escondidos na internet por medos ligados ao outcoming ou à discriminação social.

O outro aspecto importante evidenciado por McLelland concerne os papéis de gênero em contextos de trabalho. De fato, os newhalf

---

<sup>58</sup> Versão original em inglês: “One difficulty they face is in dissuading state leaders from using political homophobia in the first place”.

<sup>59</sup> Comunidades em rede (online).

<sup>60</sup> Redes sociais em internet.

japoneses fazem profissões, tradicionalmente ocupadas pelas mulheres japonesas como aeromoças, acompanhadoras e profissionais do mercado sexual. Neste sentido são reproduzidos determinados idealtipos de gênero que são fortemente conectados por peculiaridades culturais, bem consolidadas no tecido social.

Estas diversas experiências de interação entre self, outro e cultura descrevem percursos de vida que dificilmente podem ser colocados dentro de uma mesma etiqueta classificatória. Os gêneros, os status, como os papéis a esses associados e as respectivas coordenadas simbólicas que circunscrevem universos de significados simbólicos, produzem estilos plurais de fazer gênero. O homem e a mulher podem ser considerados sistemas binários, mas a própria representação em nível individual e social muda conforme o contexto cultural e a situação de interação no cotidiano.

### **1.2.8 Uma questão de fé**

Quando se trata a temática da espiritualidade em relação a experiências de transição de gênero, refere-se muitas vezes às funções de iniciação que estas pessoas cumprem em contextos religiosos de politeísmo, muito longe das três principais religiões abrahâmicas: Judaica, Cristã e Muçulmana. Portanto estes papéis culturais com as respectivas práticas espirituais foram assunto do parágrafo anterior. Ao contrário, poucos são os estudos que se ocuparam diretamente das/dos transgêneras/os e das relações com as fés monoteísticas, porque a maioria dos queer studies<sup>61</sup> encararam a dimensão transgênera somente de forma marginal.

Os movimentos LGBT, científicos ou não, na maioria dos casos tendem a se afastar de uma perspectiva de conciliação entre experiências não-heteronormativas e fés abrahâmicas, a partir do momento em que estas últimas foram frequentemente criticadas por difundir uma visão estigmatizada das comunidades trans- e homossexuais (Yip, 2008). Estes discursos preconceituosos seriam produzidos por parte das elites clericais, como instrumentos manipuladores com o fim de continuar com sua posição hegemônica na sociedade. As religiões reveladas ou dogmáticas mostram muitas vezes uma estrutura institucionalizada que se forma ao longo de uma firme hierarquia de

---

<sup>61</sup> Termo inglês para definir os estudos sobre a homossexualidade. A palavra queer tinha no começo um sentido negativo e, portanto foi usada como ofensa. Depois se torna o símbolo da reivindicação dos direitos da comunidade LGBT.



poder, que legitima determinadas condutas em desvantagem de outras.

As crenças e as obrigações morais são aceitas e partilhadas dentro da sociedade com o fim de acabar com as incertezas da existência, na esperança de alegrar-se de benefícios adquiridos por meio do respeito e da total obediência para com as doutrinas de referência. Contudo o dogma cumpre uma função reguladora, que muitas vezes transcende o significado completamente espiritual da fé:

“As representações religiosas são representações coletivas, que exprimem realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que surgem unicamente no seio dos grupos reunidos e que se destinam a suscitar, a manter, ou a refazer certos estados mentais desses grupos. Mas então, se as categorias são de origem religiosa, devem participar da natureza comum a todos os fatos religiosos: também eles seriam coisas sociais, produtos de pensamento coletivo. No mínimo (...) é legítimo supor que eles sejam ricos em elementos sociais. (Durkheim, 1912/2008, p. 38).

Quando uma iniciação entranha firmemente no tecido simbólico de uma ampla coletividade, essa se torna tradição e então realidade cultural partilhada. Portanto, do momento em que os fatos sociais são encarados como coisas, estes se tornam norma e serão aceitos entre os agentes de um determinado contexto.

De fato, existem alguns fenômenos culturais, inclusive dentro do catolicismo, nos quais experiências não-heteronormativas não só convivem com as tradições cristãs, mas estas são parte integrante do panorama simbólico das comunidades nas quais são praticadas.

Na Itália constata-se no antigo ritual da Juta della Canderola um fenômeno para-cristão particular, caracterizado por experiências intergêneras. O evento religioso, em que se interconectam liturgias cristãs com antigos rituais pagãos, acontece no dia dois de fevereiro de cada ano no Santuário de Montevergine no distrito de Avellino. Este momento de iniciação, celebrado há mais de oitocentos anos, é seguido por fiéis e praticantes, mas também por visitantes e pessoas curiosas, que chegam de várias partes da Itália. Elas são provenientes não só do distrito de Avellino, mas também de outras cidades da Campania e de outras regiões italianas (Zito & Valerio, 2010). A particularidade deste evento, formado por simbologias formalmente católicas, consiste na procissão já histórica dos Femminielli. Narra-se que por volta de 1200

um casal de amantes homossexuais, condenados a morrer e deixados pelados durante o pleno inverno no lugar onde fica o atual santuário, tivesse sido milagrosamente salvo. Portanto o milagre foi atribuído a “Nossa Senhora Schiavona” à qual é dedicado o lugar sagrado. Então, celebra-se, entre as não poucas polêmicas e controvérsias, a cerimônia dos Femminielli napoletanos que comemoram este evento religioso, reivindicando ao mesmo tempo princípios como a tolerância e direitos de reconhecimento (ibidem).

Para, além disso, emerge a tentativa de conciliar novamente a antiga e nunca resolvida discrasia entre comunidade LGBT e igreja católica. Então, a Juta della Canderola deveria funcionar como ponte comunicativa entre, por um lado, um dogma religioso homofóbico e por outro, atitudes anticlericais dos movimentos homossexuais e transgêneros.

De fato, este contexto de partilhar não responde a determinadas lógicas classificadoras, por isso que não existe uma discrasia ideológica entre ordens normativas legitimadas (as práticas religiosas católicas) e expressões sociais imperceptíveis (as realidades LGBT). O conflito que muitas vezes existe entre quem reivindicar o reconhecimento de uma identidade de gênero em transição e a hegemonia de uma dominante e partilhada concepção heteronormativa das escolhas sexuais, parece neste contexto suspenso na atmosfera áulica de um evento religioso como também popular. A presença de um pluralismo de diversos construtos de identidades culturais, sociais e de gênero não representa um ponto de atrito, mas a participação a um ritual e então a uma prática cotidiana, definida no espaço e no tempo. Para retomar a alegoria goffmaniana do palco das interações sociais, a Juta della Canderola pode ser considerada uma “região de fachada”, ou seja, um lugar dentro do qual se geram representações das realidades fortemente situadas (Goffman, 1959/1985). A descrição detalhada deste evento será depois objeto do capítulo 3.1, dedicado à etnografia de fundo.

Seguindo esta perspectiva cita-se duas pesquisas publicadas por Kum-Tuck Yip. A primeira remonta a 2005 e tem o curioso título: *Queering religious texts: An exploration of British non-heterosexual Christians’ and Muslims’ strategy of constructing sexuality-affirming hermeneutics* (O Queering dos textos religiosos: Uma pesquisa sobre cristãos britânicos não-heterossexuais e estratégias muçulmanas de construir hermenêuticas de afirmação sexual). O artigo é centrado nos gêneros discursivos que as autoridades religiosas (cristãs e muçulmanas) adotam em relação aos textos sagrados para justificar a discriminação de experiências não-heteronormativas.

O estudo foi conduzido em duas fases entre 1997 e 1998. Em um primeiro momento foram realizadas entrevistas em profundidade com 25 mulheres e 36 homens que se declararam cristãos homo- e bissexuais, às quais segue uma segunda fase de recolha dados, em que foram entrevistados 20 mulheres e 22 homens não-heterossexuais de fé muçulmana. Comparando os dois grupos emergiram três modalidades de representação do self em relação à discriminação religiosa: defensora, ofensiva e criativa. Tais aspectos, individuados tanto entre os fiéis cristãos, quanto entre os muçulmanos, referem-se aos processos discursivos por meio dos quais a comunidade LGBT que crê negocia a própria diversidade, aparentemente em dissonância com as ideologias monoteístas, com o fim de manter o próprio sentido de identidade no sentido seja pessoal seja religiosa.

O outro artigo de Yip (2008), tratando o tópico da cidadania íntima e da liberdade pessoal de afiliar-se a uma fé relevada. A pesquisa apresentada por Yip neste artigo disserta sobre três principais modelos de cidadania: íntima, étnica e ideológica. O estudo foi realizado com a comunidade islâmica, não-heterossexual, antes na Inglaterra, posteriormente na Alemanha e França.

Os resultados evidenciam a alta complexidade destas três variáveis muitas vezes interseccionais. Declarando-se mulher não-heterossexual de fé islâmica representa frequentemente uma tripla estigma, porque homossexual, muçulmana e migrante. Viver esta experiência em países da Europa Ocidental significa negociar constantemente o próprio posicionamento sociocultural. Yip sublinha neste estudo as fortes dissonâncias ideológicas que frequentemente comporta a pertença a estas duas categorias sociais em nítido contraste. Por outra parte os “defensores” da cultura ocidental enfatizam os valores democráticos dos próprios sistemas de valor, aparentemente respeitosos e abertos em relação seja às diferenças seja aos direitos de reivindicação das minorias.

Ao contrário, a comunidade tradicionalista e conservadora islâmica considera as afirmações não-heteronormativas como uma atitude ocidental de hiperpermissão e decadência cultural. De fato, uma das entrevistadas afirma que sua família a considera, depois de se ser declarada lésbica, demais branca (conceito de westoxication): “... eles pensam que eu seja amoral, mas também que me tornei branca demais...”. (Yip 2008, p. 105<sup>62</sup>). Nas conclusões o autor particulariza

---

<sup>62</sup> Versão original em inglês: “...they think I am immoral, but also because I have become too white.....”

uma global tendência das comunidades LGBT islâmicas de seguir um percurso de afirmação parecido com os respectivos movimentos ocidentais. De fato, surge destas considerações o conceito de cidadania íntima como o mais autêntico e privado direito de se construir uma própria identidade social, cultural, religiosa e sexual.

Ao invés, com respeito à realidade transgênera, foi realizada uma pesquisa por Halkitis, Mattis, Sahadath, Massie, Ladyzhenskaya, Pitrelli, Bonacci e Cowie (2009).

O artigo reporta um estudo quanti-qualitativo sobre a relação entre religião e espiritualidade na realidade LGBT. Foram envolvidos 498 sujeitos que se declararam não-heteronormativos durante uma manifestação Pride no norte leste dos Estados Unidos. Em uma primeira fase de análise foram dados questionários de escala Likert de 5 pontos que mediam a afiliação respeito ao construto de espiritualidade e ao de religiosidade. Em um segundo momento foi pedido aos participantes para responder a uma série de perguntas abertas (entrevistas semiestruturadas) cerca da relação entre espiritualidade e religiosidade.

Emerge dos resultados da análise quantitativa que a respeito da orientação sexual o 80,3% (n=400) se declarou homossexual e o 19,7% (n=98) bissexual. Pelo que diz a respeito da identidade de gênero o 98% se colocou dentro da dicotomia mulher/homem enquanto o 2% se declarou como transgênera. As respostas aos itens do questionário teriam demonstrado uma maior afiliação respeito ao conceito de espiritualidade. Emergiram da análise do material qualitativo ulteriores informações do que tinha resultado das escalas Likert. De fato, os entrevistados afirmaram de identificar uma componente pessoal e íntima no construto de espiritualidade, que portanto foi considerado como uma fé em uma entidade transcendental muito abstrata. Pelo contrário a religião era associada a uma dimensão pública e, sobretudo institucional que desenvolveria um papel negativo a respeito da reivindicação dos próprios direitos sexuais: “As definições de espiritualidade dadas pelos que responderam funcionam como contraste respeito às limitações e aos preconceitos das religiões relevadas” (Halkitis, Mattis, Sahadath, Massie, Ladyzhenskaya, Pitrelli, Bonacci & Cowie 2009, p. 261)<sup>63</sup>.

As religiões podem tornar-se lugares de segregação, em que se considera o “diversamente sexual” um desviante que deve ser discriminado e excluído, porque prejudica os princípios ético-morais

---

<sup>63</sup> Versão original em inglês: “The definitions of spirituality offered by respondents serve as a contrast to the limitations and biases of organized religion”.

sobre os quais se apoiam muitas das crenças relevadas. Esta condição influencia, sobretudo, o lado mais oficioso e público das religiões monoteísticas (ibidem, 2009). Porém, os códigos proibitivos coercitivos de determinados axiomas de fé podem ser atenuados dentro de dimensões circunscritas e menos formais, como a esfera privada ou alguns eventos particulares, como a Juta della Canderola. Dessa forma as religiões tornam-se áreas de contato, cuja importância seja espiritual seja comunitária se torna um objetivo transcendental e um ponto de referimento social, onde são as semelhanças e não as diferenças que caracterizam as interações com o Outro (Mantovani, 2005).

### **1.2.9 *Transgendering jail*, ou seja: A reclusão do diverso**

A exasperação de um processo de exclusão pode acabar com a reclusão do diverso, que, deslizando entre os pontos da rede social, muitas vezes fica longe de qualquer alternativa socialmente legitimada pelo próprio subsídio. Estas condições frequentemente levam o transgressivo a se tornar transgressor de determinadas pretensões normativas. A violação da estrutura normativa pode ser sancionada com uma ulterior restrição do próprio agenciamento: a privação da liberdade pessoal, assim como é definida pelo legislador.

Então relegando o violador da norma dentro de uma estrutura fechada e longe dos lugares em que se desenvolvem as práticas de interação da grande coletividade, se espera oferecer proteção à vida social e ao mesmo tempo remédio às feridas materiais e, sobretudo morais sofridas. Tais ofensas não concernem somente o diverso, ou o grupo de pessoas envolvidas em uma ação dolosa, mas essas rompem as coerências daqueles universos simbólicos, que foram compartilhados e aceitos entre os atores sociais, que fazem parte do mesmo contexto cultural.

“Mas a obviedade da prisão se fundamenta também em seu papel, suposto ou exigido, de aparelho para transformar os indivíduos. Como não seria a prisão imediatamente aceita, pois se só o que ela faz, ao encarcerar, ao reeducar, ao tornar dócil, é reproduzir, podendo sempre acentuá-los um pouco, todos os mecanismos que encontramos no corpo social?” (Foucault, 1975/1987, p. 196).

Por isso que neste último capítulo serão encaradas as representações de gênero em contextos fortemente institucionalizados.

De fato, o objetivo da presente tese é a análise da posição discursivo-contextual (Harré & Van Langenhoven, 1991) em realidades sociais com baixa e com alta margem de agenciamento (Zimbardo, 2007/2008).

A escolha em mover o foco de análise sobre as interações em ambientes altamente administrados (Goffman, 1961/2003) surge da necessidade de contribuir a uma maior compreensão de como as/os transgêneras/os vivem a própria experiência de transição nas realidades penitenciárias. Portanto, se coloca o acento nas modalidades discursivas por meio das quais os atores sociais se posicionam entre eles e um contexto com forte funcionamento normativo. Contudo, a presente pesquisa não se interessa somente na relação entre as normas legais e as detidas transgêneras, mas nas margens de agenciamento. O grau de liberdade de reivindicar uma própria identidade depende fortemente das coordenadas estruturais e simbólicas de um contexto específico.

Os estudos que se interessam por gênero e prisão, como introduzido na premissa deste capítulo, não concernem explicitamente as realidades transgêneras, mas mais nas dinâmicas e nos papéis de gênero em geral nos contextos penitenciários.

Em uma pesquisa publicada por Codd (2003), propõe-se uma análise das interações entre os gêneros nos contextos penitenciários dos Estados Unidos. De fato, nestes contextos assiste-se a uma acentuação dos papéis generizados. A pesquisa foi realizada seja com mulheres detidas, seja com mulheres companheiras heterossexuais de detidos homens. Adotando uma metodologia qualitativa, interessada em particularizar o conteúdo discursivo emergido de onze entrevistas semiestruturadas e em profundidade, Codd pode sublinhar o impacto normativo do sistema carcerário na própria representação da identidade de gênero. “Os presídios negam aos detido muitos aspectos das próprias identidades ‘externas’, procurando de substituí-las com a identidade de preso” (Codd, 2003, p. 7<sup>64</sup>).

De fato, a autora evidencia o aspecto caleidoscópico dos construtos de identidade, que não se apresentam como estáticos, mas como processos em constante interação interpessoal e sociocontextual. Por meio de uma perspectiva situada do posicionamento identitário (Bosworth, 1999), Codd estuda as mudanças na representação da própria identidade sobre diversos modelos sociais e contextuais: “A identidade não é fixa, mas constituída pela interseção entre fatores socioeconômicos e culturais e as modalidades por meio dos quais os

---

<sup>64</sup> Versão original em inglês: “Prisons deny inmates many aspects of their “outside” identities, seeking to substitute the identity of prisoner”

indivíduos percebem si mesmos” (Codd, 2003, p. 6<sup>65</sup>).

A pesquisadora analisa também as mudanças dos papéis de gênero dentro das estruturas familiares. Faz-se referimento ao conceito de care que muda quando o companheiro é recluso em cárcere. No caso das entrevistadas, elas descrevem os próprios momentos de vida seja em relação ao próprio papel social seja respeito à relação com cônjuge detido:

“As parceiras dos detidos devem equilibrar e negociar forças conflituais, mantendo uma identidade positiva de esposa ou companheiro e frequentemente inclusive de mãe, reconciliando-a com as conotações socialmente negativas de um status como parceiro de um detido” (ibidem, p. 12)<sup>66</sup>.

A posição discursiva, particularizada nas entrevistas, muda então respeito à própria representação como identidade de gênero, do momento em que a ausência do companheiro detido, muda a organização da vida cotidiana e, portanto dos papéis afetivos e funcionais.

O artigo, apesar de não tratar as identidades de gênero em transição, oferece uma importante contribuição à formulação dos objetivos da presente pesquisa e especialmente a estrutura metodológica. De fato, o conceito de agenciamento assume um papel importante nas instituições totais, porque é posta em discussão cada forma de pluralismo cultural ou identitário. E é mesmo a margem de ação que resente do efeito das coordenadas do contexto, quando este se apresenta como particularmente coercitivo. As representações como identidade de gênero dentro de contextos de alto funcionamento institucional, são frequentemente reduzidas a uma essencial e vinculada forma de script normativo:

---

<sup>65</sup> Versão original em inglês: “Identity is not fixed, but constituted by the intersection between socio-economic and cultural factors and the ways in which individuals perceive themselves”

<sup>66</sup> Versão original em inglês: “Thus prisoners’ partners have to balance and negotiate conflicting forces, maintaining a positive identity as a wife or partner, and often also as a mother, and reconciling this with the conflicting negative social connotations of their status as a prisoner’s partner.”

“Ela é excluída pela sociedade, por tudo o que formalmente lhe deu uma identidade. Ela torna-se uma detida, despersonalizada, degradada, negando cada controle na sua existência cotidiana. Ela é definida como subordinada: a mais baixa em uma hierarquia e agora totalmente sujeita à autoridade de outro” (Eaton, 1993, p. 21)<sup>67</sup>.

Para, além disso, o interesse nas instituições totais surge da presença de uma centena de detidas transgêneras no sistema penitenciário italiano. Tais detidas – todas transgêneras MtF – representam uma realidade marginal e discriminada dentro do sistema penitenciário porque resulta difícil resolver uma tal situação seja em termos éticos seja organizativos.

Efetivamente não é claro a qual estrutura enviar uma transgênera MtF que não retificou seu estado civil: inseri-la em um presídio para mulheres ao invés do que para homens apresenta similares discrepâncias no plano ético e administrativo. De fato, elas serão de qualquer forma mantidas segregadas respeito ao resto dos detidos, dado que se identifica na própria “particular” situação uma forte aceção de diversidade.

A proposta de abrir um presídio somente para transgêneras no ex-instituto feminino de Pozzale (perto de Florença), avançada pela administração penitenciária da região Toscana e da Direção do Novo Complexo Penitenciário de Florença-Sollicciano, queria por isso resolver, pelo menos em parte, uma condição de discriminação que muitas vezes poderia redundar em percursos de desvio e total emarginação:

“Para este modelo de usuários ativou-se um projeto específico no Instituto de Empoli, sede que apresenta características adequadas estruturais, seja quantitativas seja qualitativas, que garantem uma adequada intervenção especializada e que foi destinada ao tratamento dos transexuais com DM 20.10.2008. O grupo de trabalho constituído pela Administração penitenciária está elaborando um projeto pelo qual já foram ativados

---

<sup>67</sup> Versão original em inglês: “She is excluded from society, from all that formerly gave her an identity. She becomes a prisoner- depersonalised, degraded, denied any control over her day- to-day existence. She is defined as subordinate: the lowest in a hierarchy and now totally subject to the authority of others.”



serviços da Região (CIADIG – Centro Interdepartamental Assistência Distúrbio Identidade de Gênero – Empresa hospitaleira universitária de Careggi), sobretudo em consideração da alta valência sanitária que a intervenção pressupõe assim como previsto pela lei regional de 15 de novembro 2004 n. 63” (Ministério da Justiça, 2010)<sup>68</sup>.

Todavia esta proposta, por motivos ligados à guetização e pelos tempos e custos de gestão bastante elevados, foi abandonada, então mantendo o espaço a eles dedicado desde 1982 no Novo Complexo penitenciário de Florença-Sollicciano.

Uma das muitas “regiões” que tornam esta problemática tão dificilmente definível pode ser reconduzida no enquadramento legislativo da realidade transexual na Itália (Giudicci, 1999). O fato de que a lei 164/82 permita de retificar o próprio status civil só após demolição e sucessiva reconstrução dos caracteres genitais primários, deixa entender uma visão do gênero como estritamente conexa ao sexo biológico. Este pressuposto paradigmático vê a dualidade sexual como a única concepção possível respeito à afirmação de uma própria identidade de gênero.

Se por um lado uma apropriada estrutura para transgêneras poderia atenuar em parte esta rígida antinomia, por outro lado correria o risco de enfatizar ainda mais uma condição discriminante que parece não respeitar o pedido, por parte de muitas transgêneras, de reivindicar uma identidade de gênero específica: ou mulher ou homem, conforme a direção do percurso de transição. Também pela maioria da literatura científica pareceria emergir que a/o transgênera/o tende efetivamente a

---

<sup>68</sup> Artículo 7 – Projetos específicos: Protocolo operador regional entre Região Toscana, Provveditorato regional Toscana, Administração penitenciária, Centro justiça de menores – 27 janeiro 2010.

Versão original em italiano: Per questo target di utenza si è attivato un progetto specifico nell’Istituto di Empoli, sede che presenta idonee caratteristiche strutturali, sia quantitative che qualitative, da garantire un adeguato intervento specializzato e che è stata destinata al trattamento dei transessuali con DM 20.10.2008. Il gruppo di lavoro costituito dall’Amministrazione penitenziaria sta elaborando una progettazione per la quale sono già stati attivati servizi della Regione (CIADIG- Centro Interdipartimentale Assistenza Disturbo Identità di Genere –Azienda ospedaliero universitaria di Careggi) soprattutto in considerazione dell’alta valenza sanitaria che l’intervento presuppone così come previsto nella legge regionale 15 novembre 2004 n. 63.

concretizar sua identidade dentro de uma das duas dimensões socioculturais de gênero (Farias de Albuquerque & Jannelli, 1994; Salvini, 1999; Dettore, 2005; Schilt & Westbrook, 2009). Ao invés, só poucos autores preferem assumir um ponto de vista mais intergênero, tanto que o/a transgênero/a se colocaria dentro de uma posição outra respeito ao binômio: mulher & homem (Broad, 2002; Wilchins, 1997).

### **1.2.10 Notas conclusivas**

As diversas produções científicas, descritas neste estado da arte, abordaram-se às identidades de gênero em transição por meio de uma pluralidade de paradigmas teóricos, modelos metodológicos-analíticos e também perspectivas aplicadas, com o fim de estudar, pesquisar e explicar a gênese de um fenômeno social com suas nuances psicológicas e peculiaridades culturais.

O assunto foi objeto de estudo por diferentes modelos teóricos com o fim de particularizar aspectos estruturais e processuais no nível emotivo, afetivo e relacional que condiciona a afirmação de um construto de identidade.

Cada um destes âmbitos disciplinares, conforme as respectivas coordenadas epistemológicas e científicas focalizaram as próprias modalidades de observação e análises sobre determinadas variáveis, que veiculam a produção de universos experienciais em constante interação com o contexto.

Enquanto os conceitos formulados sobre o fenômeno até o fim da Segunda Guerra Mundial (Westphal, 1869; Freud, 1905/1974) concentraram os próprios esforços na etiologia mais interna e então psicofisiológica da transexualidade, os anos setenta testemunharam uma mudança paradigmática, atenta a captar a variabilidade e não tanto a causalidade das realidades sociais (Garfinkel, 1967/2000).

Portanto nasce o construto de gênero, que a partir de Simone de Beauvoir (1949/1990) em seguida ampliou a obsoleta e redutiva noção de sexo. O gênero tornou-se cada vez mais o objeto de uma reflexão sobre o processo que toma distância de abordagens do modelo naturalista. Então se chegou a uma maior compreensão de quem transita entre a antinomia dos gêneros, sendo sua realidade fruto de uma escolha pessoal, veiculada por processos psicológicos, sociais e também culturais. Por isso que o gênero se tornou um fragmento de identidade situado (Suchman, 1980) ou fluido (Z. Bauman, 2003/2010) e sua gênese não depende necessariamente da ordem biodeterminada do sexo.

Especialmente Goffman (1977/2009) redefine a concepção do

gênero considerando-o um script, que de forma, parecida com outras máscaras identitárias, vem recitado pelos atores sociais no palco da vida cotidiana. Desta perspectiva fortemente interacionista das realidades sociais urge o conceito de Fazer Gênero (West & Zimmerman, 1987), que modelou o construto de papéis dos gêneros, que via a mulher e o homem como protagonistas compatíveis de um jogo de organização e de poder que por sua definição gera desigualdades.

Antes, os movimentos feministas e em seguida os queer prosseguiram o caminho para uma reivindicação de uma identidade de gênero para além de Adão e Eva. Esta afirmação de uma nova representação do gênero abriu novas perspectivas de considerar as interações entre agentes sociais e de atenuar a hegemonia de uma *Weltanschauung* eurocêntrica, atenta a gerar uma desigualdade dicotômica que para além do Homem versus a Mulher, traz o Oeste versus o Resto (Cole, 1995; Mantovani, 2005).

Os processos de secularização (Currier, 2010) viram, para além da globalização ontológica e econômica do planeta, uma maior extensão das possibilidades comunicativas e de trocas de informações e conhecimentos cada vez mais rápidas. Então outros modelos culturais influenciaram e ampliaram o tecido gnosiológico ocidental, tornando em vão muitas tentativas de generalização (Mantovani, 2005). Perspectivas diferentes sobre os gêneros e os papéis, os costumes e às tradições a esses associados, abraçaram pouco a pouco uma visão pluralística dos processos sociais.

Enfim o discurso se torna a matriz por meio da qual se gera a produção de significados, normas e universos ontológicos. Os discursos definem e então constroem o contexto dentro do qual qualquer realidade social e cultural é aninhada (Foucault, 1971/2005).

Este pressuposto teórico, de caráter fortemente construcionista, delinea o foco temático da presente tese, que tem como objeto o estudo dos processos de construção da identidade de gênero em relação ao contexto. A mudança deste último, de fato corresponde a alterações no grau de agenciamento segundo diferentes modalidades de se posicionar entre atores sociais e coordenadas espaço-temporais.



### 1.3 LEX EST SOCIETATIS VINCULUM

Esta parte da pesquisa traça as diretrizes normativas e jurídicas seja a respeito do *iter*<sup>69</sup> de transição de gênero, seja a respeito do sistema carcerário. O capítulo se subdivide por isso em dois subparágrafos que vertem, respectivamente, sobre o *iter* sanitário e jurídico em matéria de reatribuição do sexo fenomênico e anagráfico e o *iter* penitenciário dentro do qual se desenvolveu parte deste projeto. Em síntese, os dois parágrafos deste capítulo foram articulados segundo as principais realidades normativas que interessam ao presente estudo:

1. O *iter* de transição de gênero, ou seja, o percurso sanitário legal que uma pessoa em transição entre os gêneros pode empreender, desde que seja legitimada e então reconhecida a sua identidade (Giudicci, 1999).
2. O *iter* penitenciário, ou seja, o percurso institucional que deve empreender um indivíduo condenado à privação da liberdade pessoal. No caso, o recluso reivindicaria uma “incerta identidade de gênero”, o período de detenção torna-se uma situação muito mais complexa de gerir em comparação com outras realidades carcerárias (Corleone, 2000).

O primeiro capítulo enquadra os percursos de transição entre os gêneros do ponto de vista dos sistemas legislativos que definem esta particular realidade. Essa parte constitui um olhar sobre a realidade italiana e como as experiências de transição são administradas a nível normativo em outros contextos nacionais.

Proceder-se-á com uma revisão analítica, visando evidenciar as diversas conotações jurídicas e sanitárias além dos órgãos institucionais ocupados em monitorar as práticas referentes ao *iter*, ou seja, o itinerário de transição de gênero. Relatam-se, portanto, a partir do enquadramento diagnóstico do DSM (Manual Estatístico e Diagnóstico dos Distúrbios Mentais) e da lei italiana, as diretrizes conceituais e normativas que definem e relegam a experiência *inter*-gênero dentro de categorias nosográficas e taxionômicas do próprio sistema ontológico.

O segundo capítulo, ao invés, é focalizado na gestão das realidades transgêneras em contextos fortemente normativos.

---

<sup>69</sup> A palavra latina “*iter*” é utilizada neste sentido para indicar um percurso existencial, jurídico e medico-psicológico entre o dualismo do gênero ou também uma experiência de detenção penitenciária.

Delineiam-se, por isso, as práticas normativas que veiculam a percepção e a representação da própria identidade de gênero em contextos penitenciários. O sistema carcerário, caracterizado por hierarquias de poder e papéis institucionais predefinidos, associadas em seguida a um controle totalizante (Zimbardo, 2007/2008), reifica as assimetrias de gênero (Codd, 2003).

A população transgênera pondo-se externamente ao modelo binário dos sexos, põe em discussão esta rígida categorização antinômica, que frequentemente influencia o senso comum e que se torna elemento fundamental para a gestão de um contexto carcerário. De fato, podendo considerar o sistema penitenciário como discurso (Foucault, 1975/1987), dentro do qual são reificados posicionamentos dicotômicos relativos ao gênero, o presídio torna-se o veículo contextual dentro do qual alguns processos de interação e de negociação de significados simbólicos resultam particularmente exasperados e enfatizados.

Os sistemas normativos constroem o próprio funcionamento sobre uma reificação linguística institucionalizante. Esta se torna uma prática legítima onde as posições dominantes assumem um valor culturalmente aceito. A divisão dos gêneros em duas categorias principais e, por definição, antinômicas refletem uma imposição antológica da cultura ocidental, e em particular aquela mediterrânea (Bourdieu, 1998/2010), a qual considera a inteira realidade como resultado de forças e lógicas opostas.

“Arbitrária em estado isolado, a divisão das coisas e das atividades (sexuais e outras) segundo a oposição entre o masculino e o feminino, que recebe sua necessidade objetiva e subjetiva em um sistema de oposições homólogas – alto/baixo, em cima/embaixo, frente/atrás, direita/esquerda, reto/curvo (e falso), seco/úmido, duro/mole, temperado/insosso, claro/escuro, fora (público)/dentro (privado) etc.” (Bourdieu, 1998/2010, p. 16).

Os dois aparatos legislativos, fortemente interseccionais, as quais gerem esta particular realidade têm origem em dois contextos ontológicos e administrativos muito diferentes.

O *iter* sanitário e jurídico de reatribuição do sexo interessa todas aquelas pessoas que querem concretizar o próprio percurso de transição entre os polos de gênero culturalmente legitimados: nasço macho e me

torno mulher ou nasço fêmea e viro homem. Neste caso o *iter* de transição inverte o isomorfismo sexo = gênero, mas mantém a lógica dicotômica.

O *iter* penitenciário, invés, refere-se às realidades desviantes em geral, e este regulamenta a gestão de indivíduos, os quais foram privados de uma larga parte do próprio agenciamento, sendo considerados agentes nocivos e perigosos do funcionamento e bem estar coletivo (Foucault, 1975/1987). A respeito do sistema carcerário, dentro do qual foi realizado parte desta pesquisa, foi desenvolvida uma revisão que descreve as normativas vigentes, junto a um relatório histórico que a partir da Unidade da Itália até hoje enfrentou diferentes mudanças e modificações na definição do *iter* penitenciário.

### **1.3.1 “Da nossa vida, em meio da jornada...”<sup>70</sup>**

#### **O itinerário de transição de gênero na Itália, no Brasil e em outros países**

##### 1.3.1.1 A normativa italiana

O itinerário de transição de gênero é veiculado por dois aparatos institucionais, que definem os possíveis percursos. Tais realidades normativas são respectivamente representadas pela saúde (Dettore, 2005; Halkitis, Mattis, Sahadath, Massie, Ladyzhenskaya, Pitrelli, Bonacci & Cowie; Newman, 2002), a qual traça as acepções de transtorno e cura, e pela legislação que, após as perícias e as avaliações formuladas pelas autoridades médicas, legitima a afirmação, publicamente reconhecida, da identidade de gênero reivindicada (De Silva, 2005, 2007; Giudicci, 1999).

Se a saúde pode ser considerada o órgão executivo da mudança estrutural e funcional da própria identidade de gênero, a jurisprudência torna-se o aparato legitimante.

As instituições ressentem de uma taxonomia que reconhece a dualidade sexual como a única possível, por meio da qual pode-se representar como identidade generizada. A partir de 1982 a saúde e a legislação italiana concordaram que os polos de gênero podem em alguns casos não coincidir com a atitude sexual e que esta incongruência pode ser resolvida por meio de curas endocrinológicas (Grella,

---

<sup>70</sup> Dante Alighieri (2003/1304-1321): O Inferno, Canto I - A Divina Comédia, p. 17

Massorbio, Pecorelli & Zichella, 2000) e cirurgias plásticas (Trombetta, 2001). De qualquer forma, quaisquer que fossem os percursos de transição, o êxito deste itinerário deve concretizar-se dentro de uma identidade de gênero específica: mulher ou homem, para ser oficialmente reconhecida.

#### A Saúde:

A primeira passagem institucional que uma pessoa precisa enfrentar para legitimar uma identidade de gênero em transição é a de fazer um pedido de retificação sexual em uma estrutura da saúde pública ou privada. Essas estruturas, parte do sistema público da saúde, oferecem assistência, consulta e tratamentos multiprofissional durante o itinerário de transição (Dettore, 2005; Di Folco & Marcasciano, 2001).

Este percurso articula-se seguindo diferentes avaliações clínicas por parte de pessoal médico (cirurgiões, endocrinólogos, ginecologistas/urologistas e psiquiatras) e psicológico (psicoterapeutas e psicólogos habilitados à elaboração de perícias forenses). Cada uma dessas figuras profissionais deverá examinar o pedido do interessado segundo o próprio âmbito de competência. Após as diferentes avaliações e perícias com êxito positivo, é possível depositar um pedido para a reatribuição do sexo no tribunal do próprio lugar de residência.

A transição de gênero, como observa Newman (2002), é considerada um transtorno clínico, cujo remédio é a manipulação dos caracteres genitais primários e secundários (esses últimos na verdade estão mencionados no D.L. 164). Esta visão de gênero é estritamente ligada a uma correlação isomórfica com o comportamento sexual, a partir do momento que a congruência entre sexo anatômico e identidade de gênero é considerada a normalidade, enquanto reivindicar uma identidade de gênero não correspondente à lógica antinômica dos sexos é considerado distúrbio (Newman, 2002).

Esta concepção social e cultural de gênero relega a expressão de gênero dentro de um sistema binário que faz referência ao conceito de saúde mental. De fato, sendo a Disforia da Identidade de Gênero (DIG) considerada um transtorno psíquico, o seu tratamento é definido segundo as coordenadas vigentes do sistema da saúde internacional. Devido a isso, os sujeitos que na Itália foram diagnosticados com o DIG têm o direito de submeter-se aos tratamentos cirúrgicos, plásticos e endocrinólogos, podendo aproveitar da saúde pública. Muitas transgêneras e muitos transgêneros, por isso, apesar das várias polêmicas no plano ético-moral e epistemológico, preferem uma própria



classificação nosográfica que oferece vantagens pragmáticas, sobretudo a nível econômico. Esta categorização, todavia, dada a dificuldade de combinar as pluralidades individuais, sociais, além de culturais que caracterizam os percursos de tradução entre os gêneros em um único denominador, foi ampliada subdividindo o quadro diagnóstico em subcategorias, principalmente a respeito dos três estados do desenvolvimento humanos: infância, adolescência e idade adulta.

O esquema psicopatológico derivado apresenta-se como relatado em seguida:

Tabela 1 – Quadro diagnóstico do Transtorno de Identidade de Gênero

---

**Critérios diagnósticos do DSM-IV-TR (2000) pelo Transtorno de Identidade de Gênero em adolescentes e adultos**

---

- A. Uma forte e persistente identificação com o gênero oposto (não meramente um desejo de obter quaisquer vantagens culturais percebidas pelo fato de ser do sexo oposto). Em adolescentes e adultos, o distúrbio se manifesta por sintomas tais como desejo declarado de ser do sexo oposto, passar-se frequentemente por alguém do sexo oposto, desejo de viver ou ser tratado como alguém do sexo oposto, ou a convicção de ter os sentimentos e reações típicos do sexo oposto.
- B. Desconforto persistente com seu sexo ou sentimento de inadequação no papel de gênero deste sexo. Em adolescentes e adultos, o distúrbio manifesta-se por sintomas tais como preocupação em ver-se livre de características sexuais primárias ou secundárias (por ex., solicitação de hormônios, cirurgia ou outros procedimentos para alterar fisicamente as características sexuais, com o objetivo de simular o sexo oposto) ou crença de ter nascido com o sexo errado.
- C. A perturbação não é concomitante a uma condição intersexual física.
- D. A perturbação causa sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social ou ocupacional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo. Codificar com base na idade atual:

**F64.2 Transtorno da identidade de gênero em crianças; (302.6)**

**F64.0 Transtorno da identidade de gênero em adolescentes ou adultos (302.85)**

Especificar se (para indivíduos sexualmente maduros):

**Atração sexual por homens;**

**Atração sexual por mulheres;**

**Atração sexual por ambos os sexos;**

**Ausência de atração sexual por quaisquer dos sexos.**

---

NOTAS: DSM-IV-TR (APA, 1994, p. 241-243; APA, 2000, p. 576-582)

A Lei:

Na Itália a única lei que hoje em dia ainda regulamenta o itinerário de transição de gênero é a 164 de 1982. Este decreto legislativo que resulta entre os primeiros não somente a nível europeu, quanto a nível mundial, permite retificar o estado civil somente após a destruição e a sucessiva reconstrução dos órgãos genitais primários.

Essa lei articula-se em sete parágrafos que atribuem segundo determinados critérios de natureza empírico classificatória, mas sobretudo normativo simbólica, o estatuto legal e, por isso, social dos direitos concernentes a experiência transgênera.

Segundo este decreto legislativo a/o transexual é considerada/o uma pessoa que vive “um transtorno insuprível e continuativo a respeito do sexo de nascimento” (Crisalide Azione Trans, 2004). Tal discrasia entre sexo e gênero deveria então ser atenuada substituindo cirurgicamente as características do sexo de origem com aquilo mais afim a respeito da identidade de gênero reivindicada. A lei prevê então somente duas direções de transição, ou seja, de Mulher para Homem (FtM) e de Homem para Mulher (MtF). Em ambos os casos, para legitimar o próprio percurso de transição, a/o interessada/o deve enfrentar terapias hormonais e uma sucessiva cirurgia plástica. Os transexuais, uma vez completado o percurso de conversão genital, conquistam o direito de poder retificar o estado civil. Devido a isso os “ex-transexuais” podem ser considerados por lei pertencentes ao gênero por eles reivindicado.

As/os transgêneras/os, opostamente, não são reconhecidos por uma específica normativa institucional. Elas e eles de fato reivindicam uma aspiração a uma mudança de identidade de gênero acompanhada, mas não necessariamente de terapias hormonais masculinizantes ou feminilizantes. Devido a isso, as/os transgêneras/os diferem radicalmente dos/das transexuais, segundo os parâmetros do legislador, por não enfrentar a cirurgia. Isso significa que o estado social e civil delas e deles permanece inalterado e devido a isso não podem modificar o próprio nome. As/os transgêneras/os então continuam a conviver com um status público em dissonância com o pedido delas/es de afirmar o próprio direito de cidadania íntima (Yip, 2008).

O artigo 3 da lei 164, todavia, não permite nem às/aos transexuais nem aos/às transgêneros/as empreender uma relação conjugal. Além disso, o sucessivo parágrafo (artigo 4) entende dissolver instantaneamente qualquer vínculo matrimonial, no caso de um ou ambos os parceiros tenham começado um percurso de transição. O

mesmo decreto, além disso, prevê a perda imediata da *poder paternal* de eventuais filhos menores de idade e tampouco conceder o direito de adoção.

Uma sentença, pronunciada pelo tribunal de Turim em 1998 declara explicitamente o que deve acontecer a respeito dos filhos nascidos antes da conversão sexual:

1. O menor não tem condição de compreender e entender, e por isso de acompanhar a mudança da figura genitora.
2. O genitor “afetado por transexualismo” não consegue de forma nenhuma executar o papel de genitor e avalia-se o comportamento dele como prejudicial a respeito do filho (Maltese, 2000, p. 177)<sup>71</sup>.

A impostação cultural de um contexto neolatino, com uma marcada sensibilidade por alguns valores tradicionais, entre os quais a família (Green, 2002), influi fortemente nas decisões jurídicas formuladas por legisladores italianos. Em específico, o tribunal para menores de Turim demonstra-se muito rígido na defesa e manutenção das normas e dos valores culturais da família que legitimam até atualmente somente as relações mistas e heteronormativas (Maltese, 2000).

Algumas considerações interessantes a respeito são propostas pela corte europeia pelos direitos humanos: esse estabelece que

“a falta de reconhecimento do novo sexo e do novo nome constitui uma violação do direito inviolável a respeito da privacidade e da vida familiar e da proibição da discriminação prevista respectivamente pelos artigos 8 e 14 da convenção Europeia pelos direitos humanos” (Gianmariano, 2000, p. 183)<sup>72</sup>.

---

<sup>71</sup>

1. Il minore non è in grado di capire e di comprendere, quindi di seguire il cambiamento della figura genitoriale.
2. Il genitore ‘affetto da transessualismo’ non è in grado in alcun modo di assolvere il ruolo genitoriale e si valuti il suo comportamento come pregiudizievole nei confronti del figlio

<sup>72</sup> Versão original em italiano: il mancato riconoscimento del nuovo sesso e del nuovo nome costituisce una violazione del diritto inviolabile al rispetto della privacy e della vita familiare e del divieto di discriminazione prevista

Nota-se uma clara divergência entre as normas europeias e as italianas. Enquanto alguns dos países da União Europeia já seguem as linhas guias aqui acima expostas, a constituição italiana limita-se a desenhar uma vaga proposta normativo-legal que até hoje em dia recusa uma imagem integrada por indivíduos ou grupos de indivíduos de alguma forma desviados dos cânones mais recorrentes do comportamento sexual e das correspondentes nuances de gênero.

Muitos autores, no âmbito das disciplinas psicológicas e sociais, assumem uma posição bastante crítica a respeito do aparato legislativo em vigor (Inghilleri & Ruspini, 2011). Eles identificam, nas formulações propostas, uma tendência seja a um atraso cultural, seja a um conhecimento muito superficial e pouco direto a respeito dos argumentos tratados pela ontologia jurídica. Enfatiza-se, como muitas vezes salientam muitos autores do mundo anglo saxônico (Connell, 2010; Vanderbourgh, 2009), quanto a condição submersa de quem transita entre os gêneros, é frequentemente objeto de vagas conceitualizações nosográficas (Bauer, 2002; Broad, 2002) e vítima de estereótipos midiáticos para satisfazer certas expectativas do mundo do espetáculo e do entretenimento (Green, 1999). Na Itália, de fato, as pesquisas mais recentes sobre o argumento ressentem de uma concepção construcionista da realidade social, a qual considera a formulação de quadros taxonômicos e forenses como a representação legitimada de universos de poder superordenados como já afirmado por Foucault (1975/1987) e Bourdieu (1979/1983, 1998/2010). Esta abordagem, sensível à fluidez dos processos culturais e dos sistemas de interação (Z. Bauman, 2003/2010) ressentem de um paradigma narrativístico (Blumer, 1937/1969) que considera a realidade social e as relativas práticas legitimadoras enquanto repertórios discursivos. Esse assunto pode ser enfatizado per meio de uma recente introdução monográfica:

“De um lado, se fala demais sobre sexualidade, frequentemente de maneira superficial. Pensamos, por exemplo, a um mundo midiático, emprenhado de discursos, sugestões, proibições, alusões, metáforas, imagens de corte “sexual”. Do outro lado, a sexualidade é uma temática ainda insuficientemente indagada a nível científico, excluindo “problemas e estados patológicos

---

rispettivamente dagli articoli 8 e 14 della convenzione europea per i diritti dell'uomo.

associados a ela culturalmente” (Cipolla 2011, p. 9)<sup>73</sup>.

A lei 164, considerada uma vanguarda para os anos 80, nos anos seguintes foi sujeita a muitas críticas e devido a isso nunca foi feita modificação alguma. De fato resulta difícil gerir do ponto de vista da administração jurídica uma realidade tão plural e ao mesmo tempo silente, devendo considerar várias recaídas e múltiplos lados: do moral ao pragmático, do científico ao cotidiano, e do social ao cultural. Outros contextos nacionais geram diferentemente a realidade do gênero em transição, mas também com choques e divergências que intercorrem transversalmente a estrutura cultural e social do próprio sistema antológico e simbólico de referência (De Silva, 2007).

Depois da versão integral do Decreto Legislativo 164 extraído da Gazzetta Ufficiale de 1982, traça-se então uma revisão detalhada da resolução normativa brasileira, que viu o fenômeno transgênero protagonista de muitas controvérsias e polêmicas no plano político e legislativo durante as últimas décadas (Arán, 2006; Bento, 2006). A atenção para a realidade brasileira é particularmente relevante para esta pesquisa sendo que um número significativo de transgêneras entrevistadas, sobretudo no presídio de Florença-Sollicciano, é de brasileiras. Sucessivamente serão mencionadas as vigentes definições jurídicas em alguns contextos nacionais europeus e no resto do mundo.

Menciona-se em detalhe (Tabela 2), quanto estabelecido pelo legislador (na língua original):

---

<sup>73</sup> Versão original em italiano: Da un lato, di sessualità si parla troppo, sovente superficialmente. Pensiamo, ad esempio, al mondo mediatico, impregnato di discorsi, consigli, divieti, allusioni, metafore, immagini di taglio “sessuale”. Dall’altro lato, la sessualità è una tematica ancora insufficientemente indagata a livello scientifico, ad esclusione di “problemi” e stati “patologici” ad essa culturalmente associati.

Tabela 2 – Lei 14 de abril de 1982, n. 164 (publicada na Gazzetta Ufficiale de 19 de abril de 1982 n. 106)

Normas em matéria de retificação de atribuição de sexo.

A Câmara dos Deputados e o Senado da República aprovaram.

O presidente da república promulga a seguinte lei:

**Art. 1.** La rettificazione di cui all'art. 454 del codice civile si fa anche in forza di sentenza del tribunale passata in giudicato che attribuisca ad una persona sesso diverso da quello enunciato nell'atto di nascita a seguito di intervenute modificazioni dei suoi caratteri sessuali.

**Art. 2.** La domanda di rettificazione di attribuzione di sesso di cui all'art. 1 è proposta con ricorso al tribunale del luogo dove ha residenza l'attore.

Il presidente del tribunale designa il giudice istruttore e fissa con decreto la data per la trattazione del ricorso e il termine per la notificazione al coniuge e ai figli.

Al giudizio partecipa il pubblico ministero ai sensi dell'art. 70 del codice di procedura civile.

Quando è necessario, il giudice istruttore dispone con ordinanza l'acquisizione di consulenza intesa ad accertare le condizioni psico-sessuali dell'interessato.

Con la sentenza che accoglie la domanda di rettificazione di attribuzione di sesso il tribunale ordina all'ufficiale di stato civile del comune dove fu compilato l'atto di nascita di effettuare la rettificazione nel relativo registro.

**Art. 3.** Il tribunale, quando risulta necessario un adeguamento dei caratteri sessuali da realizzarsi mediante trattamento medico-chirurgico, lo autorizza con sentenza. In tal caso il tribunale, accertata la effettuazione del trattamento autorizzato, dispone la rettificazione in camera di consiglio.

**Art. 4.** La sentenza di rettificazione di attribuzione di sesso non ha effetto retroattivo.

Essa provoca lo scioglimento del matrimonio o la cessazione degli effetti civili conseguenti alla trascrizione del matrimonio celebrato con rito religioso.

Si applicano le disposizioni del codice civile e della legge 1 dicembre 1970, n. 898 (\*), e successive modificazioni.

**Art. 5.** Le attestazioni di stato civile riferite a persona della quale sia stata giudizialmente rettificata l'attribuzione di sesso sono rilasciate con la sola indicazione del nuovo sesso e nome.

**Art. 6.** Nel caso che alla data di entrata in vigore della presente legge l'attore si sia già sottoposto a trattamento medico-chirurgico di adeguamento del sesso, il ricorso di cui al primo comma dell'art. 2 deve essere proposto entro il termine di un anno dalla data suddetta.

Si applica la procedura di cui al secondo comma dell'art. 3.

**Art. 7.** L'accoglimento della domanda di rettificazione di attribuzione di sesso estingue i reati cui abbia eventualmente dato luogo il trattamento medico-chirurgico di cui all'articolo precedente.

NOTAS: (\*) Dicipina dei casi di scioglimento dei matrimoni

### 1.3.1.2 A normativa brasileira

A outra legislação sobre a qual se disserta de maneira mais aprofundada é a brasileira. Esta representará de fato um ponto de referência na parte dedicada à análise dos dados, sendo que sete de vinte entrevistas foram realizadas com transgêneras brasileiras, entre as quais cinco detidas no Novo Complexo Penitenciário de Florença-Sollicciano.

O seguinte capítulo oferece então uma descrição detalhada do impacto que a população transgênera, presente nos grandes aglomerados urbanos do nordeste e centro/centro-sul brasileiro, exercitou na representação dos percursos de gênero em transição em nível mundial.

Esta consideração global, quase como processo de secularização, influiu fortemente no sentido comum e conseqüentemente nos sistemas normativos do Brasil em si. Como enfatizado por muitos autores (Arán, Zaidhaft, & Murta 2008; Green, 1999; Saadeh, 2004), a aparente tolerância sexual gerou uma confusão não indiferente na formulação de parâmetros jurídicos e legislativos, enfatizando ao mesmo tempo um clima hostil de homo- e transfobia. Isso provocou, durante os anos 80 e 90 do século passado, uma significativa onda migratória de pessoas transgêneras para a Europa (Farais & Albuquerque, 1994) e para a América setentrional (Vidal-Ortiz, 2009).

A permanência no território europeu frequentemente não regulamentada junto a um baixo nível de alfabetização viu muitas transgêneras brasileiras envolvidas em atividades ilícitas para a própria subsistência (Di Folco & Marcasciano 2001; Marcasciano, 2002). Essa condição de ostracismo cultural e exclusão social representa possivelmente uma das principais motivações para as/os transgêneras/os que às vezes não têm outra alternativa, senão a de trabalhar no mercado clandestino da prostituição (Schilt & Westbrook, 2009).

No Brasil, mesmo por causa desta falta de informação, os percursos de transição de gênero, do transexualismo ao transgênerismo como também o travestismo, foram classificados por muito tempo na macrocategoria da homossexualidade: “Mesmo o travestismo, com ou sem atividade sexual, encontra-se incluído nessa maneira de entender tais comportamentos” (Saadeh, 2004, p.43).

A representação cultural do Brasil como destino predileto do turismo sexual, frequentemente associado a um clima de utópica generosidade e permissividade difundida, sobretudo em relação a algumas festividades como o carnaval carioca e paulista, tem notavelmente influenciado a realidade não heteronormativa deste enorme complexo nacional sul-americano.

“Além de ter, desde o descobrimento, o estigma de paraíso sexual, o Brasil carrega ainda como aspecto cultural o fato de ser comum no carnaval o fenômeno de travestismo, o que gera a impressão de que a homossexualidade, o travestismo e o transexualismo são aceitos e disseminados no país” (ibidem, p.43).

A insana promessa de uma terra sem restrições moralistas e fronteiras pudicas por um lado em contraposição a uma tendência conservadora, dominada por uma forte aceção católica, gerou um terreno bastante adverso para a reivindicação dos direitos LGBT (Green, 1999).

Esta situação de insegurança e miscigenação cultural reproduziu por muito tempo uma concepção profundamente ambígua a respeito da expressão transgênero a nível cotidiano e em termos legislativos. Até 2006, de fato, não existiam precisas indicações legais a respeito de atitudes discriminatórias e sexistas contra quem enfrentava um iter de transição de gênero. Após uma grande campanha de sensibilização e de uma elevada série de protestos LGBT em todo o país (Aran & Lionço, 2008) foi elaborado o Decreto legislativo 122, proposto pela deputada Iara Bernardi e aprovada pelo Senado Federal no dia 12 de dezembro de 2006. Este decreto trouxe algumas modificações a respeito das normas precedentes com correspondentes recaídas no código penal:

“Altera a Lei no 7.716, de 5 de janeiro de 1989, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor, dá nova redação ao § 3o do art. 140 do Decreto-Lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, e ao art. 5o da Consolidação das Leis do Trabalho, aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1o de maio de 1943, e dá outras providências (...) para definir os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de gênero, sexo, orientação sexual e identidade de gênero. Estabelece as tipificações e delimita as responsabilidades do ato e dos agentes.” (Projeto de Lei da Câmara N°122, de 2006, p.1/11).

Este decreto legislativo nasce de uma longa falta institucional a respeito da tutela de quem, cuja sexualidade mais do que a própria identidade de gênero, não é conforma a respeito dos esquemas



heteronormativos mais difundidos. Em um país onde as grades ontológicas estavam profundamente ligadas a um aparato ideológico e socionormativo de estampa católica (Green, 2002), cada posição que violava o domínio dual e naturalístico dos sexos era banido da ordem pública como parte de uma *omertà* coletiva, inerte e frequentemente ostracizante a respeito do *diversamente sexual*: “Contribuí para isso a realidade de que no país não existem leis anti-homossexuais na Constituição nem Código Penal” (Saadeh, 2004, p.43).

Além da tutela dos direitos e de uma campanha de sensibilização coletiva a respeito do movimento LGBT acontecida só recentemente (Arán, Zaidhaft & Murta, 2008), a legitimação pela redesignação sexual, por meio de específicas resoluções normativas, foi aprovada só em 1997, isto é, com quase duas décadas de atraso a respeito dos países europeus. Tal resolução normativa – 1482/97 – foi formulada pela Ordem Federal dos Médicos, pela qual segundo os parâmetros taxonômicos do DSM considere-se o transexualismo como transtorno psíquico, ao qual se pode por remédio com a retífica dos aparatos genitais. O decreto inicia com uma premissa onde se define o enquadramento diagnóstico a respeito da *Disforia de Gênero*:

1. Autorizar, a título experimental, a realização de cirurgia de transgenitalização do tipo neocolpovulvoplastia, neofaloplastia e ou procedimentos complementares sobre gônadas e caracteres sexuais secundários como tratamento dos casos de transexualismo;
2. A definição de transexualismo obedecerá, no mínimo, aos critérios abaixo enumerados:
3. - desconforto com o sexo anatômico natural;
4. - desejo expresso de eliminar os genitais, perder as características primárias e secundárias do próprio sexo e ganhar as do sexo oposto;
5. - permanência desse distúrbio de forma contínua e consistente por, no mínimo, dois anos;
6. - ausência de outros transtornos mentais.

Resolução CFM nº 1.482 /97 Publicada no D.O.U.  
de 19.09.97, p. 20.944.

Este atraso legislativo, junto a uma geral atitude transfóbica, contribuiu ulteriormente ao êxodo de muitas transgêneras brasileiras para a Europa para conseguir a operação de adaptação sexual (Di Folco & Marcasciano 2001, Trombetta 2000). Em particular a resolução de

1997 deu início a uma série de iniciativas sociais, culturais além de normativas para remediar a condição de ostracismo da comunidade LGBT. Sentiu-se por isso a necessidade de alterar algumas específicas legislações em matéria de discriminação homo- e transfóbicas, além de uma normativa que facilitaria e legitimaria a adaptação pela cirurgia plástica e endocrinológica do sexo a respeito do gênero reivindicado. Tal conversão, além de ser publicamente reconhecida, devia ter sido coberta pelo sistema da saúde pública para exonerar os requerentes das elevadas despesas das várias etapas da conversão sexual:

“A assistência pública no Brasil, em 2005, a organização do Coletivo de Transexuais, no início de 2006, e, principalmente, a convocação da reunião sobre “O processo transexualizador no SUS”, em fevereiro de 2006, explicitaram a importância da gestão de políticas públicas para transexuais no Brasil e a necessidade da inclusão da cirurgia de redesignação sexual no SUS” (Arán, Zaidhaft & Murta, 2008, p. 71).

A mesma resolução normativa 1482 de 1997, a primeira a legalizar as operações de mudança de sexo, foi posteriormente sujeita a modificações e revisão como aquelas de 2002 e 2010 onde se delibera (em 2002 somente para transgêneras MtF) a possibilidade de conseguir as intervenções também em clínicas privadas podendo de qualquer forma usufruir do sistema da saúde pública. Para os requerentes aumentou então o acesso à intervenção e uma maior difusão deste serviço no território nacional: “Art. 6º Que as cirurgias para adequação do fenótipo masculino para feminino poderão ser praticadas em hospitais públicos ou privados, independente da atividade de pesquisa” (Resolução CFM nº 1.652/2002. Publicada no D.O.U. de 2 dez 2002, n. 232, Seção 1, p.80/81).

Esta formulação, que garantia já uma extensão dos direitos e uma mais flexível resolução normativa daquela anterior de 1997, apresentava ainda algumas restrições, sobretudo concernentes às transições de Mulher para Homem: “No caso da neofaloplastia e/ou procedimentos complementares, a realização se manteve condicionada à prática em hospitais universitários ou públicos adequados para a pesquisa” (Aran et al., 2008, p. 71).

Na atual revisão, que se refere a setembro de 2010: Resolução CFM nº 1655/2010 (consulte-se embaixo a versão integral), este

esclarecimento foi totalmente tirado, não distinguindo mais entre serviço público e privado para nenhum iter de transição.

A partir de 2010 as transgêneras MtF e as FtM têm os mesmos direitos e vínculos para conseguir os tratamentos para a conversão sexual.

Estas reformulações e modificações do aparato legislativo coincidem com as recentes campanhas de informação e sensibilização por parte dos representantes dos movimentos LGBT e uma geral reconciliação da imagem transgênera e homossexual com a vida pública e institucional brasileira (Aran & Lionço, 2008). Nas prefeituras e nas delegacias policiais brasileiras são distribuídos folhetos e panfletos que se focam contra cada forma de discriminação de cultura, status social, orientação religiosa e sexual, identidade de gênero, etc. Estes atos são de fato sancionados com rígidas contramedidas penais, segundo o estabelecido no decreto legislativo 122/2006 (ver acima). A possibilidade de conseguir a adequação fenomênica da atitude sexual junto a uma maior visibilidade além de aceitação do transgenerismo/sexualismo entre a população heteronormativa levou a um incremento do bem-estar e do status social de quem enfrenta um percurso de transição: “A partir da Resolução de 1997 os transexuais vêm tendo maior visibilidade e suas questões maior transparência social, seja em matérias de revistas, jornais, televisão, novela e até na política.” (Saadeh, 2004, p.48).

A condição das trans no Brasil foi sujeita a um longo processo de reivindicação pública e institucional que mostrou os primeiros resultados somente a partir da última década de 1900. As campanhas de sensibilização e a legitimação dos tratamentos por parte da ordem dos médicos garantiram às trans o acesso assistido ao sistema de saúde pública. Através dessas reformas e, sobretudo com as modificações realizadas à resolução 1.652 de 2002 as transgêneras podem finalmente usufruir de um suporte clínico multiprofissional, qualificado além de gratuito:

“Um outro aspecto atual importante é o acesso à terapia no SUS – Sistema Único de Saúde. No ano de 2001, o Ministério Público Federal, motivado pelo movimento GLBT, requereu a inclusão dos procedimentos no SUS. O pedido foi negado inicialmente pelo Juiz, e garantido posteriormente pelo Tribunal Regional Federal” (Arán, Lionço, Murta, Ventura, Lima & Gonçalves, 2008, p. 5).

A questão transgênera na República Federativa Brasileira oferece um importante ponto de referência analítico ao presente trabalho de pesquisa. As brasileiras entrevistadas no cárcere refletem perfeitamente o esquecimento legislativo que tinha confinado as transgêneros em uma condição de limbo social e normativo, com poucas ou quase nenhuma possibilidade de reivindicar o próprio direito de cidadania íntima.

As pessoas entrevistadas chegaram à Itália antes da elaboração da resolução de 1997 e seus iter migratórios foram frequentemente uma passagem inevitável para poder conseguir alguns direitos fundamentais como a metamorfose do próprio corpo, garantida em muitos países europeus a partir dos anos 80.

A protagonista Fernandinha de Farais e Albuquerque e Jannelli (1994), além das histórias de vida recolhidas por Porpora Marcasciano (2002), são contos e testemunhos que descrevem a realidade das transgêneros brasileiras migradas na Itália e refletem a taxonomia de um aparato normativo por muito tempo silente a respeito do reconhecimento das e dos trans.

Analisando a normativa brasileira esta oferece algumas perspectivas ontológicas através das quais será possível contextualizar os discursos produzidos pelas detidas transgêneras em Firenze-Solliciano. As suas problemáticas e as motivações dos seus percursos migratórios são encontradas, em relação de vários aspectos, nos procedimentos jurídicos e nas reformulações legislativas que nos últimos anos tentaram atenuar as frequentes e dramáticas condições das transgêneros nas ruas da Bahia e do Rio de Janeiro.

Não é por acaso que muitas transgêneras entrevistadas na Penitenciária Florentina demonstraram o desejo de repatriar-se no próprio país de origem, vendo os recentes progressos políticos e econômicos os quais permitiram um clima mais receptivo e acolhedor para elas. Em seguida (Tabela 3), apresenta-se por fim a última resolução normativa em matéria de adaptação cirúrgico endocrinológica dos caracteres sexuais primários e secundários a respeito da identidade de gênero reivindicada e certificada.

Tabela 3 – Resolução normativa 1655 de 2010

---

**CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA**  
**RESOLUÇÃO CFM no 1.655/2010**

Publicada no D.O.U. de 3 setembro 2010, Seção 1, p. 109-10

Dispõe sobre a cirurgia de transgenitalismo e revoga a Resolução CFM nº 1.652/02.

(Publicada no Diário Oficial da União; Poder Executivo, Brasília-DF, n. 232, 2 dez.2002. Seção 1, p.80/81)

---

---

O **CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA**, no uso das atribuições conferidas pela Lei no 3.268, de 30 de setembro de 1957, regulamentada pelo Decreto no 44.045, de 19 de julho de 1958, e

**CONSIDERANDO** a competência normativa conferida pelo artigo 2o da Resolução CFM no 1.246/88, publicada no DOU de 26 de janeiro de 1988, combinado ao artigo 2o da Lei no 3.268/57, que tratam, respectivamente, da expedição de resoluções que complementem o Código de Ética Médica e do zelo pertinente à fiscalização e disciplina do ato médico; **(onde se lê “Resolução CFM no 1.246/88, publicada no D.O.U. de 26 de janeiro de 1988”, leia-se “Resolução CFM no 1.931/2009, publicada no D.O.U. de 24 de janeiro de 2009, Seção I, p. 90.”)**

**CONSIDERANDO** ser o paciente transexual portador de desvio psicológico permanente de identidade sexual, com rejeição do fenótipo e tendência à automutilação e/ou autoextermínio; **CONSIDERANDO** que a cirurgia de transformação plástico- reconstrutiva da genitália externa, interna e caracteres sexuais secundários não constitui crime de mutilação previsto no artigo 129 do Código Penal brasileiro, haja vista que tem o propósito terapêutico específico de adequar a genitália ao sexo psíquico;

**CONSIDERANDO** a viabilidade técnica para as cirurgias de neocolpovulvoplastia e/ou neofaloplastia;

**CONSIDERANDO** o que dispõe o parágrafo 4o do artigo 199 da Constituição Federal, que trata da remoção de órgãos, tecidos e substâncias humanas para fins de transplante, pesquisa e tratamento, bem como o fato de que a transformação da genitália constitui a etapa mais importante no tratamento de pacientes com transexualismo;

**CONSIDERANDO** que o artigo 14 do Código de Ética Médica veda os procedimentos médicos proibidos em lei, e o fato de não haver lei que defina a transformação terapêutica da genitália *in anima nobili* como crime;

**CONSIDERANDO** que o espírito de licitude ética pretendido visa fomentar o aperfeiçoamento de novas técnicas, bem como estimular a pesquisa cirúrgica de transformação da genitália e aprimorar os critérios de seleção;

**CONSIDERANDO** o que dispõe a Resolução CNS no 196/96, publicada no DOU de 16 de outubro de 1996;

**CONSIDERANDO** o estágio atual dos procedimentos de seleção e tratamento dos casos de transexualismo, com evolução decorrente dos critérios estabelecidos na Resolução CFM no 1.652/02 e do trabalho das instituições ali previstas;

**CONSIDERANDO** o bom resultado cirúrgico, tanto do ponto de vista estético como funcional, das neocolpovulvoplastias nos casos com indicação precisa de transformação do fenótipo masculino para feminino;

**CONSIDERANDO** as dificuldades técnicas ainda presentes para a obtenção de bom resultado tanto no aspecto estético como funcional das neofaloplastias, mesmo nos casos com boa indicação de transformação do fenótipo feminino para masculino;

**CONSIDERANDO** que o diagnóstico, a indicação, as terapêuticas prévias, as cirurgias e o prolongado acompanhamento pós-operatório são atos médicos em sua essência; **CONSIDERANDO** o Parecer CFM no 20/10, aprovado em 12 de agosto de 2010;

**CONSIDERANDO**, finalmente, o decidido na sessão plenária de 12 de agosto de 2010,

**RESOLVE:**

**Art. 1º** Autorizar a cirurgia de transgenitalização do tipo neocolpovulvoplastia e/ou procedimentos complementares sobre gônadas e caracteres sexuais secundários como tratamento dos casos de transexualismo.

**Art. 2º** Autorizar, ainda a título experimental, a realização de cirurgia do tipo neofaloplastia.

**Art. 3º** Que a definição de transexualismo obedecerá, no mínimo, aos critérios abaixo enumerados:

- 1) Desconforto com o sexo anatômico natural;
- 2) Desejo expresso de eliminar os genitais, perder as características primárias e secundárias do próprio sexo e ganhar as do sexo oposto;
- 3) Permanência desses distúrbios de forma contínua e consistente por, no mínimo, dois anos;
- 4) Ausência de outros transtornos mentais. (Onde se lê “Ausência de outros transtornos mentais”, leia-se “Ausência de transtornos mentais”)

**Art. 4º** Que a seleção dos pacientes para cirurgia de transgenitalismo obedecerá a avaliação de equipe multidisciplinar constituída por médico psiquiatra, cirurgião, endocrinologista, psicólogo e assistente social, obedecendo os critérios a seguir definidos, após, no mínimo, dois anos de acompanhamento conjunto:

- 1) Diagnóstico médico de transgenitalismo;
- 2) Maior de 21 (vinte e um) anos;
- 3) Ausência de características físicas inapropriadas para a cirurgia.

**Art. 5º** O tratamento do transgenitalismo deve ser realizado apenas em estabelecimentos que contemplem integralmente os pré-requisitos estabelecidos nesta resolução, bem como a equipe multidisciplinar estabelecida no artigo 4º.

**§ 1º** O corpo clínico destes hospitais, devidamente registrado no Conselho Regional de Medicina, deve ter em sua constituição os profissionais previstos na equipe citada no artigo 4º, aos quais caberá o diagnóstico e a indicação terapêutica.

**§ 2º** As equipes devem ser previstas no regimento interno dos hospitais, inclusive contando com chefe, obedecendo aos critérios regimentais para a ocupação do cargo.

**§ 3º** Em qualquer ocasião, a falta de um dos membros da equipe ensejará a paralisação de permissão para a execução dos tratamentos.

**§ 4º** Os hospitais deverão ter comissão ética constituída e funcionando dentro do previsto na legislação pertinente.

**Art. 6º** Deve ser praticado o consentimento livre e esclarecido.

**Art. 7º** Esta resolução entra em vigor na data de sua publicação, revogando-se a Resolução CFM no 1.652/02.

---

### 1.3.1.3 Normativas em outros contextos nacionais

Em consequência do que foi exposto até agora, menciona-se alguns específicos aspectos legislativos em diferentes países europeus e no resto do mundo para oferecer uma panorâmica sintética mais exaustiva de como os percursos de transição de gênero são geridos a nível público e legislativo no mundo inteiro. A escolha de cada país aqui relatado nasce de algumas peculiaridades organizacionais que tornam únicos os respectivos aparatos normativos e, por isso, muito indicativos a respeito de como a estrutura social e a grades culturais influenciam a construção dos próprios modelos jurídicos.

Devido a isso, foram escolhidos no contexto europeu, a Alemanha pela normativa mais controversa, a Espanha pela legislação mais flexível e a França pelo iter burocrático muito extenso e complexo. Sobre o contexto extraeuropeu a atenção foi dada à Índia, pelo seu amplo pluralismo cultural e ao Irã pelo paradoxo que intercorre entre homo- e transexualidade.

#### Alemanha:

Na República Federativa Alemã, a lei em matéria de retífica de sexo e de estado civil permite, além de um itinerário muito parecido ao italiano, de mudar somente o próprio nome se o/a requerente aferir, em termos culturais e sociais, ao gênero/sexo reivindicado, sem, todavia, modificar os caracteres genitais primários. Tal reivindicação da Identidade *ex-novo* deve ser avaliada por meio de um percurso médico/psicológico por pelo menos três anos:

“o tribunal deve mudar, sob prévio pedido, os nomes de uma pessoa se estes, devido à tendência transexual não correspondem mais com o sexo cadastrado no ato de nascimento e se há pelo menos três anos a pessoa sente a necessidade de viver em sintonia com a própria imagem de si” (Transsexuellengesetz vom 10. September 1980 (BGBl. IS. 1654), p. 1/5)<sup>74</sup>.

---

74 Versão original em alemão: “Die Vornamen einer Person sind auf ihren Antrag vom Gericht zu ändern, wenn sie auf Grund ihrer transsexuellen Prägung nicht mehr dem in ihrem Geburtsdatum angegebene Geschlecht als zugehörig empfinden und seit mindestens drei Jahren unter dem Zwang steht, ihren Vorstellung entsprechend zu leben”.

Tratando-se de uma retífica limitada das próprias generalidades, o interessado/a não tem os mesmos direitos de quem conseguiu a cirurgia completa. Então para distinguir este percurso de transição parcial da mudança total os legisladores alemães o definem como *Kleine Lösung*, ou seja, *pequena solução*. Na realidade esta prática administrativa não é apreciada pela população transgênera, pois enfatiza-se ainda mais a incongruência entre representação de si e percepção social. A identidade de gênero de fato permanece inalterada e de qualquer forma deve-se recorrer à remoção e sucessiva reconstrução dos aparatos genitais primários, para poder obter um completo reconhecimento público do próprio *Dasein*:

“As associações trans\* na Alemanha criticam o acesso insuficiente à possibilidade de mudar o nome e estado civil para a maioria dos trans. A limitação à condição de transexual, conforme a definição médica, junto a um juízo pericial restritivo e comprido, comporta por muitas pessoas trans\* discriminações na vida cotidiana e naquela ligada ao trabalho, dificultando para eles a expressão total da própria personalidade” (Franzen e Sauer, 2010, p. 48)<sup>75</sup>.

Muitas associações de transgêneros/as aspiram por isso a uma modificação radical da *Transsexualengesetz*, a favor de uma concepção menos patologizante deste percurso existencial. Como enfatizado por De Silva (2007) o isomorfismo entre gênero e sexo deve ser considerado obsoleto e a sua contínua aplicação em nível científico e legislativo resulta por isso inconstitucional.

A corte constitucional alemã de fato solicitou ao governo alemão a abolição seja da “Pequena solução” seja da “Dissolução do casamento” e tornar a condição trans conforme a “Declaração Internacional dos Direitos humanos” e adequar, portanto, os próprios vínculos legislativos ao decreto europeu nº 9532/81: “A Corte

---

75 Versão original em alemão: Trans\*Organisationen in Deutschland kritisieren die mangelnde Zugänglichkeit von Vornamens- und Personenstandsänderung für ein breites Spektrum Von Trans\* Menschen. Die Beschränkung auf Transsexuelle im Sinne der medizinischen Definition sowie die restriktive und langwierige Begutachtungspraxis bringe für viele Trans\* Personen Diskriminierungen im Alltag wie im Arbeitsleben mit sich und hindere sie an der freien Entfaltung ihrer Persönlichkeit.



Constitucional Alemã emitiu uma sentença parecida obrigando legalmente o governo alemão a modificar a lei até agosto de 2009” (Balzer et al., 2011, p. 15)<sup>76</sup>.

Espanha:

O reino da Espanha oferece talvez a mais flexível possibilidade de reivindicar uma identidade de gênero *ex-novo*. Esta legislação permite a um indivíduo, simplesmente depois de um percurso puramente psicológico, de poder retificar o estado civil, com a condição de que a pessoa seja cidadã espanhola e sem mudar de nacionalidade. Este sistema normativo parece reconhecer o gênero como dimensão independente da matriz genética do sexo. Uma pessoa, por isso, tem o direito de modificar as próprias generalidades anagráficas apesar de não adequar a própria aparência fenomênica (em primeiro o corpo) ao gênero por ele/ela reivindicado, se o médico forense e o psicólogo clínico concordarem que por motivos de saúde ou outras condições psicofísicas o interessado não possa enfrentar a mudança cirúrgico plástica dos caracteres genitais primários:

“Os tratamentos médicos, referidos na letra b) do parágrafo anterior, não constituirão um requisito necessário à retífica anagráfica se tiver motivações de saúde ou de idade que tornem impossível o seu conseguimento. Tais circunstâncias devem ser comprovadas pela respectiva certificação médica” (LEY 3/2007, de 15 de março, Boe num. 65, p. 11252)<sup>77</sup>.

Essa formulação é muito parecida a “Pequena solução” alemã, mas permite a retífica do nome e do sexo anagráfico. Todavia a nível prático verificam-se frequentemente diferentes problemáticas, sobretudo concernentes a algumas rotinas com recaídas meramente cotidianas. Sendo esta lei mais maleável, isto é, menos restritiva do DL 164

---

<sup>76</sup> Versão italiana consultada: “La Corte Costituzionale Tedesca ha emesso una sentenza simile, obbligando legalmente il governo tedesco a modificare la legge entro Agosto 2009”.

<sup>77</sup> Versão original em espanhol: “Los tratamientos médicos a los que se refiere la letra b) del apartado anterior no serán un requisito necesario para la concesión de la rectificación registral cuando concurren razones de salud o edad que imposibiliten su seguimiento y se aporte certificación médica de tal circunstancia”.

italiano, a retífica do estado civil permanece repetidamente parcial e nem todos os documentos, como cartão de crédito, contrato de aluguel, etc. são modificados. Resulta interessante em nível cultural idiomático a disponibilidade deste decreto legislativo em quase todas as línguas co-oficiais da Espanha (Catalão, Galiciano e Valenciano), com exceção do Basco para o qual não existe uma tradução equiplente.

França:

Na França a lei em matéria de transição de gênero foi aprovada somente em 1992 após uma longa e acesa luta entre o movimento transexual e a corte de Cassação parisiense. No biênio 79-80 o senador Henri Caillavet apresentou as primeiras propostas para um decreto legislativo que garantisse a possibilidade de retificar sexo e estado civil. Tal desenho de lei foi todavia abolido e somente uma década depois, ou seja em 1990, após um específico decreto emanado pela Corte Europeia em matéria de Direitos Humanos<sup>78</sup>, aconteceu a primeira elaboração, aprovada pelo parlamento e senado, entrando em vigor dois anos depois:

“Foi ampliada a possibilidade de mudança de sexo, no caso de transexualismo, se a Corte de Cassação reconhecer claramente a necessidade em conformidade com a específica lei (V. dos elementos estatísticos fornecidos por Rubellin-Dicichi, resulta que em 1979 foram tomadas somente sete decisões jurídicas em matéria de transexualismo, enquanto em 1990 foram 59)” (Delvaux, 1995, p. 186)<sup>79</sup>.

O transexualismo enfim, sob avaliação prévia da Ordem dos Médicos francesa, foi despatologizado pelo Ministério da Saúde e por isso foi redefinido como *Disporia de Identidade Incerta de Gênero*, a

---

78 Cour Européenne des Droits de l'Homme. Point I – B / Observation de l'article 8, de l'affaire Rees, c/Royaume –Uni du 10 octobre 1986, requête n° 9532/81.

79 Versione originale in Francese: Et certains ajouteront que la possibilité de changement de sexe, en cas de`transsexualisme, si elle était nettement proclamée par la Cour de cassation, pourrait avoir ce effet de contagion que l'on craint de la loi (V. les éléments statistique donnés par Mme Rubellin-Divichi qui indique qu'en 1979 seulement sept décisions judiciaires relatives au transsexualisme étaient recensées alors qu'on en comptait cinquante-neuf au début de l'année 1990).

respeito de quanto definido pela classificação nosográfica como *Transtorno Psiquiátrico a longo prazo* em vigor até fevereiro de 2010:

De fato, o decreto nº 2010-125 de 8 de fevereiro de 2010 traz modificações a respeito do ordenamento atualmente em vigor, cuja referência faz-se na seção D. 322-1 do Código de Segurança Social, sob critérios médicos utilizados para definir a doença de longa duração “distúrbios psiquiátricos a longo prazo” e por isso foi redefinido como “problemas de precária identidade de gênero.” (Article 41 – III Transsexualisme, Ordre National des Medecins)<sup>80</sup>.

A nosografia médica francesa, neste sentido, representa uma das primeiras e, até mesmo atualmente, única a considerar os percursos de transição de gênero como representações de identidade, diferentes, quiçá menos comuns, mas não por isso índices de precária saúde mental. Esta mudança paradigmática, requerida exatamente pela ordem nacional dos médicos põe em discussão a presumida assertividade objetiva de um modelo psiquiátrico estadunidense, rigorosamente generalista (Perna e Turchi 2000) e pouco representativo das sempre mais fluidas e variadas realidades sociais e culturais no mundo (Armezzani 2008).

Índia:

Na maior democracia do mundo são reconhecidos três gêneros: *Stri-Prakriti*, isto é a Mulher, *Pumus-Prakriti*, que é o homem e enfim *Tritiya-Prakriti*, o terceiro gênero. Por isso existe o direito de reivindicar em todos os documentos oficiais o sexo mais consoante à própria percepção de si escolhendo uma entre as três abreviações adotadas na língua inglesa: M(ale), F(emale) e O(ther) (Levacy, 1999, Buhler, 2001).

A distinção entre esses universos de gênero, diversamente à ontologia ocidental, não se baseia exclusivamente em suas características somáticas. Por isso, similarmente aos Zuni (Newman, 2002) e aos Navajo (Roscoe, 1998) entre os nativos norte-americanos (ver capítulo 2) se adotam critérios psicológicos e socioculturais para

---

80 Versione originale in Francese: En effet, le décret n°2010-125 du 8 février 2010 portant modification de l'annexe figurant à l'article D. 322-1 du code de la sécurité sociale relative aux critères médicaux utilisés pour la définition de l'affection de longue durée: "affections psychiatriques de longue durée", a supprimé les mots "troubles précoces de l'identité de genre".

determinar a pertença a um destes três expedientes de gênero.

“Estes três gêneros não são determinados exclusivamente por características físicas, mas também por um conjunto de aspectos abrangentes a integridade do ser, que incluem o corpo grosso (físico), corpo sutil (psicológico) além de uma consideração única baseada nas interações sociais (status pró-criativo)” (Das Wilhelm, 2010, p. 16)<sup>81</sup>.

A tradição milenar do macrocontexto indiano desde sempre foi um enorme repertório de infinitesimais patrimônios culturais, geradores de modos de viver vastos e polimorfos (Mantovani, 1998, 2005). A pluralidade dos percursos existenciais juntamente a riqueza de simbologias que marcam de maneira transversal cada âmbito da vida social, institucional e religiosa, proliferam correspondentes representações de si e do outro, criando um caleidoscópio de identidades múltiplas (ibidem).

Estes inúmeros percursos existenciais não poderiam, portanto limitar-se a um sistema binário e antinômico se baseando em uma relação meramente unívoca com os caracteres sexuais primários.

Os contos de personagens heroicos e religiosos, onde a fusão de diferentes características sexuais e universos de gênero são considerados uma união de força e sabedoria, encontram-se em muitos escritos históricos da cultura indiana e especificamente na literatura védica, como o *Kamasutra*, o *Artha Shastra*, e o *Vyasadeva*. Além dos Sadhin (Shaw & Ardener, 2005) e as Hijira (Nanda, 1990) sobre a qual se falou no segundo capítulo e que certamente representam as expressões de *outro gênero* mais conhecidas com recaídas muito significativas na vida cultural e religiosa, conta-se uma miríade de percursos existenciais além da hegemônica dicotomia entre mulher e homem; entre os quais os *Shanda*, os *Argghanarisvara* e os *Napumsa* (Das Wilhelm, 2010). E em particular este último grupo é considerado uma realidade de gênero neutro e, portanto, se subdivide por sua vez em cinco subcategorias:

---

81 Versão original em inglês: These three genders are not determined by physical characteristics alone but rather by an assessment of the entire being that includes the gross (physical) body, the subtle (psychological) body, and a unique consideration based upon social interaction (procreative status)

“Pessoas que pertencem ao terceiro sexo são classificadas dentro de uma categoria social maior, conhecida como “gênero neutro”. Estes membros são chamados Napumsaka ou ‘quem não procria’. Existem cinco diferentes tipologias de pessoas Napumsaka: (1) Crianças; (2) Idosos; (3) Impotentes; (4) Solteiros; (5) e o terceiro sexo” (Das Wilhelm, 2010, p. 17)<sup>82</sup>.

Vista a estreita interconexão entre vida espiritual, cultural e cotidiana, as pessoas que transitam entre os diversos modos possíveis de *Doing Gender* no contexto indiano, são totalmente integradas na estrutura social e por isso exercem determinadas funções simbólicas e desempenham específicas atividades na vida pública e privada. Eles gozam então dos privilégios de quem pertence aos gêneros *Stri-Prakriti* e *Pums-Prakriti*:

“Os cidadãos do terceiro gênero nunca sofreram perseguições quanto o denego dos direitos fundamentais. A eles é permitido viver nas próprias sociedades e morar nos próprios bairros, viver em uma relação conjugal e desempenhar todas as atividades para o próprio sustento” (Ibidem, p. 17)<sup>83</sup>.

Sobre a legislação indiana, ainda atualmente não foram emitidos específicos decretos a respeito do itinerário de transição de gênero e da possibilidade de retificar o próprio nome e estado civil, apesar de ser prevista nos documentos oficiais a seção sexual O (Other) (Das Wilhelm, 2010).

De fato, nos casos de adaptação sexual, por meio de intervenções cirúrgicas plásticas, tomam-se decisões *ad hoc* no específico tribunal de referência (Gupta & Muraka, 2009). Apesar de existir uma certa tolerância como afirma Das Wilhelm (2010), historicamente e

---

82 Versão original em inglês: People of the third sex are also classified under a larger social category known as the “neutral gender.” Its members are called napumsaka, or “those who do not engage in procreation.” There are five different types of napumsaka people: (1) children; (2) the elderly; (3) the impotent; (4) the celibate, and (5) the third sex.

83 Versão original em inglês: Third-gender citizens were neither persecuted nor denied basic rights. They were allowed to keep their own societies or town quarters, live together within marriage and engage in all means of livelihood.

culturalmente radicada, os procedimentos legais para conseguir uma reivindicação identitária publicamente reconhecida, são bastante vagas e, portanto, necessitam de específicos esclarecimentos:

“Na Índia, apesar de existir um número crescente de pedidos para a resignação do sexo, não existe nenhum pressuposto legal. A adequação sexual pede algumas mudanças da identidade e do sexo de uma pessoa. Consequentemente, as leis existentes nas suas formas atuais são inadequadas quando se fala dos direitos dos transexuais” (Gupta e Murarka, 2009, p. 229)<sup>84</sup>.

Devido a isso, as decisões jurídicas serão tomadas depois do exame de cada caso e integrando algumas normas já existentes, a respeito da área de pertinência incluída no específico pedido do requerente (retífica do estado civil, ligações conjugais, adoção, emprego).

Uma forma de ato legal que vem da integração de diferentes promulgações normativas consiste em uma junção entre código penal e constituição Hindu. Devido a isso foram avançados alguns pedidos por parte da comunidade LGBT indiana com o objetivo de modificar algumas leis já existentes além de introduzir uma legislação mais específica sobre a retífica sexual e do estado civil.

a) II Código penal 1890

1. A definição de violência necessitaria de modificações
2. Seção 377 ICP, que trata de ofensas desnaturais
3. A definição de ‘esposa’, ‘marido’, ‘adultério’ como incorporado na sessão 497, 498 e 498 A ICP
4. A definição de ‘esposa’ como contemplado na sessão 125 CrPC e as leis sobre a salvaguarda desse status

b) Lei sobre a pessoa

1. Ato hindu sobre o casamento e todas as leis sobre a pessoa a respeito do casamento. Essas leis atuais não estão adequadas pela sua salvaguarda, as razões para o divórcio e a guarda dos filhos.

---

84 Versão original em inglês: In India, though there is an increasing incidence of GAS, there is no legal precedent. GAS involves changes in identity and sex of the person. Consequently, the existing laws in their present form are inadequate when dealing with the rights of transsexuals.

2. Ato hindu pela Adoção e sua salvaguarda 1956
3. Ato hindu sobre a Sucessão, especialmente as sessões 8, 14 e 23
4. Leis sobre trabalho e indústria, especialmente o ato compensatório para os operários 1923, o ato das fábricas 1948 e a seleção no trabalho baseada no sexo. (Gupta e Muraka, 2009, p. 229)<sup>85</sup>.

Tais pedidos dos movimentos LGBT mirariam a uma definição legislativa mais detalhada e institucionalmente reconhecida. Esta deveria reservar às pessoas trans um status laico e equiparado respeito ao domínio heteronormativo. Aspira-se então a uma reformulação jurídica que considere o agenciamento das pessoas e não seu papel espiritual, religioso ou ideológico. Este último, apesar de ser socialmente aceito, até hoje em dia foi relegado dentro de específicas coordenadas simbólicas que determinavam a função cultural das trans na tradicional sociedade indiana.

Iran:

No sistema teocrático iraniano a homossexualidade é considerada uma grave heresia e por isso é sancionada com pena de morte: “A homossexualidade é ilegal. Quem foi acusado de manter este tipo de relações sexuais pode escolher entre quatro tipos de execução: ser enforcado, ser apedrejado, ser decapitado ou jogado do precipício mais

---

85 Versão original em inglês:

a) The Penal Code 1860:

- 1 The definition of ‘rape’ may require a change.
- 2 Section 377 IPC, dealing with unnatural offence.
- 3 The definitions of ‘wife’, ‘husband’, ‘adultery’, as incorporated in Sections 497, 498 and 498A IPC.
- 4 The definition of ‘wife’ as contemplated in Section 125 CrPC and Laws regarding maintenance.

b) Personal Laws:

- 1 Hindu Marriage Act and all personal Laws relating to marriage. The present Laws will not be adequate in questions of maintenance, grounds for divorce and custody of children.
- 2 Hindu Adoptions and Maintenance Act 1956.
- 3 Hindu Succession Act, especially Sections 8, 14 and 23.
- 4 Labour and Industrial Laws, especially Workmen’s Compensation Act 1923, Factories Act 1948 and reservation of jobs on the basis of sex.

alto” (Trejo García, 2006, p. 22)<sup>86</sup>.

Paradoxalmente, os percursos de transição de sexo (somente de homem para mulher) são reconhecidos e legitimados. De fato o Irã é considerado, depois da Tailândia, o país onde se efetuam o maior número de operações de mudança de sexo no mundo. Esta aparente contradição é frequentemente explicada como uma absoluta e rigorosa impositação da vida cotidiana, política e social segundo uma concepção mais literária das sagradas escrituras do Alcorão (Yip, 2005).

Foi mesmo o Ayatollah Rouhollah Khomeini, a ler e estudar atenciosamente o Alcorão com objetivo de descobrir ou encontrar alguma referência sobre as experiências transexuais. Não existindo nada parecido a respeito nas sagradas escrituras, os percursos de transição de homem para mulher não podem ser considerados pecaminosos. O chefe de estado promulgou então uma Fatwa a favor das transições de gênero:

“Ele tornou legal a mudança de sexo. Em um país predominado por intolerâncias religiosas contra os não crentes, Khomeini ofereceu uma autorização religiosa irrefutável. Pelo contrário a homossexualidade permanece hoje em dia um crime, que pode ser punida com a morte” (Ramji, 2010)<sup>87</sup>.

Uma vez completado o itinerário de transição uma pessoa é reconhecida como mulher em sua plenitude por isso assume as respectivas consequências socioculturais dela. Outra motivação poderia consistir no fato que a homossexualidade é considerada uma experiência social enquanto a transexualidade se expressa a nível mais individual. Neste sentido o iter de transição não é considerado uma ameaça à integridade moral e normativa da cultura iraniana. Como de fato é referido também no antigo Testamento e no Deuteronômio, onde a homossexualidade é banida como grave pecado de sodomia (Dettore, 2005).

---

86 Versão original em espanhol: “La homosexualidad es ilegal, aquellos acusados de tener relaciones sexuales tienen la opción de escoger de entre cuatro estilos de muerte: ser ahorcado, ser apedreado, cortar la cabeza o ser tirado del sitio más alto”.

87 Versão original em inglês: “he made it legal for a person to get a sex change. In a country filled with religious intolerance toward the unorthodox, Khomeini has offered religious authorization that cannot be disputed. Homosexuality still remains a crime punishable by death”.



As experiências de transição de gênero são consideradas como percursos de mudanças e não como perversões heréticas. A respeito disso, o médico cirurgião iraniano, Bahram Mir Jalali, fez circular em 2008 entre os principais jornais do mundo, a seguinte afirmação, referida aqui a partir de um artigo do cotidiano “*La Repubblica*”:

“Para o Alcorão a mudança da ordem divina não é pecado. Não fizemos isso todo dia por acaso? Transformamos o grão em farinha e fazemos disso pão, cortamos a árvore para fazer madeira, mesas e cadeiras. Por que não deveria ser possível mudar o gênero de um homem ou de uma mulher? Não existe proibição nenhuma.” (Vannuccini, 2008)<sup>88</sup>.

#### 1.3.1.4 Considerações conclusivas

O confronto entre as implantações legislativas e normativas através do qual as nações-estado definem e circunscrevem a margem de *agency* respeito às possibilidades de reivindicar uma identidade de gênero *outra*, reflete quanto *as coisas sociais* assim consolidadas e retificadas segundo uma perspectiva sociológica de modelo durkheimiano, são produtos culturais gerados por processos de negociação de significados simbólicos que se tornam realidades institucionais (Berger & Luckmann, 1966/1995).

Então sociedade e cultura são *habitus*, ou seja, universos simbólicos dentro dos quais se desenvolvem identidades tanto individuais quanto coletivas (Durkheim, 1898/1978). Portanto a norma se torna uma forma, isto é um parâmetro regulatório que circunscreve, através de hierarquias de poder e medidas punitivas, as margens de agentividade na vida social (Foucault, 1975/1987). A norma, considerada mesmo por Foucault como *forma discursiva*, utiliza uma retificação linguística (G. Baumann, 1996), que é compartilhada, aceita e às vezes imposta por e entre os indivíduos, membros de uma determinada coletividade. Essa última é de fato delineada por confins a maioria simbólicos, que se tornam fatuais a partir do momento em que

---

<sup>88</sup> Versão original em italiano: “Per il Corano il cambiamento dell'ordine divino non è peccato. Non lo facciamo forse tutti i giorni? Tramutiamo il grano in farina e ne facciamo pane, tagliamo l'albero per farne legno, tavoli e sedie. Perché non dovrebbe essere possibile cambiare il genere di un uomo o di una donna? Non c'è nessun divieto”.

estes foram negociados e mediados ao longo de um contínuo histórico (Hall, 1996).

A hegemonia, conceito chave desenvolvido por Gramsci e logo retomado por muitos autores, como por Steward Hall, é um repertório de significados e significantes, normatizados por parte de uma elite dominante (Van Dijk, 1993). Esta última detém um monopólio de conhecimentos, tornados legítimos por uma bagagem lexical (Van Dijk, 1993) que constrói modelos semânticos complexos e penetrados por significados superordenados (Fairclough, 2006), historicamente radicados (Wodak, 1989).

Essas bagagens de conhecimento, explicitadas mesmo por esquemas linguísticos (Wittgenstein, 1953/1967), legitimam os discursos reguladores que se tornam norma. A norma, neste sentido, pode ser considerada uma forma de poder como hipotético por Foucault (1975/1987), mas esta, sendo parte de uma coletividade alargada, é também uma bagagem cultural, ou seja um *habitus* (Bourdieu 1980/2009). Este *habitus* e status de poder desenvolve-se nas sociedades pós-modernas através de práticas pós-burocráticas como a administração de complexos aparatos jurídico-legislativos. Por fim, segue um elenco sintético das resoluções normativas, através das quais diferentes realidades nacionais definem e legitimam o *iter* de transição de gênero.

Tabela 4 – Leis em diferentes contextos nacionais

Nação	Lei (decreto legislativo/resolução normativa)	Sexos
Itália	D.L. 164 de 19/04/1982	dois
Alemanha	§ 8 Abs. 1 Nr. 3 & 4 TSG de 10/09/1980	dois
Espanha	Ley 3/2007, de 15/03/2007	dois
França	Art. 141 TCE, de 1990 (entrada em vigor em 1992)	dois
Estados Unidos*	42 U.S.C. §§ 2000e to 2000e-17 (2000) de 1964	dois
Brasil	CFM nº 1.482/19.09.97 ult. mod. CFM nº 1655/03.09.2010	dois
México	Art 136/V Lei federal de identidade de sexo de 2004	dois
Iran	Fatwa del 1983	dois
Índia**	Nenhuma definição legislativa específica	três
Japão	Koseki No° 111/16.07.2003 entrada em vigor em 16.07.2004	dois

NOTAS: \*Sendo os Estados Unidos um sistema federal, alguns estados aderiram em momentos diversos em relação da entrega em vigore deste ato constitucional (tabela 5).

\*\*Nenhuma específica resolução legislativa para regulamentar a retifica de sexo e estado civil.

Tabela 5 – Normativas federais para cada estado da USA

Estado	Entrega em vigore
Minnesota	1993
Connecticut	2000
Rhode Island	2001
New Mexico	2003
California	2003
Maine	2005
Illinois	2005
Washington	2006
New Jersey	2006
Vermont	2007
Oregon	2007
Iowa	2007
Colorado	2007

### 1.3.2 Normativa penitenciária

#### 1.3.2.1 Contexto carcerário

A seguinte pesquisa é focada no posicionamento discursivo respeito à representação das identidades *transgêneras* em diferentes realidades sociais e normativas.

Parte do projeto é centrada nos processos de interação nos assim chamados contextos fortemente institucionalizados. Nestes contextos a margem de agenciamento resulta particularmente reduzida e, portanto a identidade se reduz a uma simples heurística classificatória, respeito à qual o indivíduo pode ser etiquetado e administrado conforme as características funcionais e ideológicas deste tipo de estrutura social.

Uma definição correta, retomada mais vezes pela literatura científica para definir estes lugares, remonta ao célebre tratado *Asylums* de Goffman (1961/2003):

“Uma instituição total pode ser definida como o lugar da resistência e do trabalho de grupos de pessoas, os quais - marginados da sociedade para um período de tempo considerável - encontram-se para dividir uma situação comum, transcorrendo

parte da vida deles em um regime fechado e formalmente administrado” (p. 324)<sup>89</sup>.

Outra definição que segue o que foi enunciado pelo sociólogo canadense, considera o sistema carcerário como um lugar hermético, cujas barreiras físicas e simbólicas tornam este contexto impermeável e impenetrável seja para quem é recluso no seu interno seja para quem tenta se aproximar do externo:

“O presídio é um microcosmo que reproduz no seu interno o sistema social mais amplo, é o fulcro institucional onde as contradições do contexto em que vivemos são máximas e muitas vezes exasperadas.”

Ricci e Salierno, 1971, p. 14<sup>90</sup>.

Por isso, delineiam-se as práticas normativas que veiculam a percepção e a representação da identidade *transgênera* em um contexto extremo, como a realidade penitenciária. Isto, como afirmado por Goffman (1961/2003) e Foucault (1975/1987), altera mesmo os princípios éticos e morais, tão proclamados e aparentemente reivindicados pelos assim chamados estados democráticos modernos e/ou pós-modernos. A penitenciária reifica dentro dos seus muros todas as acepções tipizadas e normatizadas, por meio das quais se criam cópias de identidades consolidadas, etiquetadas e generalizadas.

Por meio das grelhas analíticas desenvolvidas por Foucault em “Vigiar e punir” podem-se achar uma série de princípios em que se baseia o funcionamento de uma instituição total. Estas disposições reguladoras, para o filósofo francês, fundam a própria lógica punitiva em três conceitos chaves que concernem essencialmente *o isolamento, o trabalho e a modulação da pena*.

## 1. Isolamento

---

<sup>89</sup> Versão da edição italiana: “Un’istituzione totale può essere definita come il luogo di residenza e di lavoro di gruppi di persone che - tagliate fuori dalla società per un considerevole periodo di tempo – si trovano a dividere una situazione comune, trascorrendo parte della loro vita in un regime chiuso e formalmente amministrato”.

<sup>90</sup> Versão original em Italiano: “Il carcere è un microcosmo che riproduce al suo interno il sistema sociale più vasto, è il fulcro istituzionale dove le contraddizioni del contesto in cui viviamo sono massime e spesso esasperate”.

O isolamento do detido consiste em eliminar qualquer relacionamento com o mundo externo e, portanto, com tudo o que contribuiu a gerar o seu percurso desviante. A segregação torna-se por isso o instrumento para responder ao primeiro objetivo da ação carcerária: “a individualização coercitiva, pela ruptura de qualquer relação que não seja controlada pelo poder ou ordenada de acordo com a hierarquia” (Foucault 1975/1987, p. 201).

O isolamento dos condenados, de fato, é a estratégia principal através da qual se pode exercitar, com o máximo da intensidade, uma forma de poder essencial mais eficaz na ação totalizante no indivíduo. O isolamento não deixa rastros visíveis da punição e não exige a adoção de ulteriores instrumentos repressivos. Então, a solidão se torna a condição primária da submissão total: “O isolamento assegura o encontro do detento a sós com o poder que se exerce sobre ele” (ibidem, p. 200).

## 2. O trabalho

O trabalho foi definido como um agente de transformação carcerária (a partir da reforma do código penal de 1808 na França), como *princípio de ordem e regularidade*. Portanto, o trabalho se torna a matriz ideológica das prisões e o preso deve em muitas ocasiões ganhar por si mesmo o direito de exercitá-lo, visto que é considerado um privilégio: uma suspensão da solidão mais absoluta. Para, além disso, a instituição da mão de obra nas estruturas penitenciárias responde às lógicas racionais das modernas sociedade-estado:

“O trabalho é a providência dos povos modernos; serve-lhes como moral, preenche o vazio das crenças e passa por ser princípio de todo bem. O trabalho devia ser a religião das prisões. A uma sociedade máquina, seriam necessários meios de reforma puramente mecânicos” (Faucher, 1838, p. 64)<sup>91</sup>.

Por meio do trabalho do prisioneiro, além de poder suspender a alienante condição de isolamento, aprenderia a regularidade de um emprego, respeitaria os papéis sociais e superaria a ociosidade. Desta maneira ele aprenderia a prover às próprias necessidades, requalificando

---

<sup>91</sup> Versão original em francês: “Le travail est la providence des peuple modernes; il leur tient lieu de morale, remplit le vide des croyance, et passe pour le principe de tout bien. Le travail devait être la religion des prisons. A une société machine, il fallait des moyens de réforme purement mécaniques.

o próprio status de desviante à operário dócil.

Por isso que é fundamental a retribuição, de fato “ela impõe ao detento a forma 'moral' do salário como condição de sua existência” (Foucault, 1975/1987, p. 204); essa se insinua como substituto às lógicas do precedente sistema econômico de referimento, de modelo clandestino. Princípios como as estratégias de negociação e concorrência leal em ganhar o próprio sustento, tornam-se os novos emblemas simbólicos respeito aos quais se regulariza a própria qualidade de vida.

Porém, para Foucault, a utilidade do trabalho penal não está só no ganho, e tampouco na aquisição de habilidades úteis, mas, sobretudo na “constituição de uma relação de poder, de uma forma econômica vazia, de um esquema da submissão individual e de seu ajustamento a um aparelho de produção” (ibidem, p. 204).

### 3.A modulação da pena:

Este último princípio representa o conceito mais complexo do modelo tridimensional de Foucault. A pena é entendida como instrumento regulador, cuja função consiste em retificar progressivamente a conduta desviante do indivíduo recluso. As prisões nascidas no '800 transformaram o significado punitivo da infração – como signo de vingança e ameaça – em uma concepção de *correção, reeducação e readaptação* do percurso dolente. Essa aparente evolução de um sistema de simples coerção a um aparato de correção, concretizar-se-ia melhor, para Foucault, em um processo de adaptação de uma forma simbólico-discursiva precedente às diretrizes ideológicas e estruturais do atual sistema normativo de referimento.

Nas sociedades modernas está em vigor o princípio da racionalidade intelectual e da racionalização econômica, pelo qual as ações cumpridas pela autoridade no indivíduo devem corresponder às lógicas funcionais e administrativas do estado. O itinerário penitenciário, segundo uma perspectiva kohlbergiana do desenvolvimento moral, deveria articular-se em etapas de sucessão gradual.

A prisão, então, por meio da privação da liberdade, entendida como uma *retirada jurídica de um bem ideal* quis, desde o começo, operar algumas transformações nos indivíduos, por meio de três grandes esquemas: “o esquema político-moral do isolamento individual e da hierarquia; o modelo econômico de força aplicada a um trabalho obrigatório; o modelo técnico-médico da cura e da normalização” (Foucault 1975/1987, p. 208).

A prisão, como instituição social, tenta normatizar a conduta desviante, criando ao mesmo tempo um recipiente coercitivo e então punitivo dentro do qual usar as próprias estratégias disciplinares aos fins da correção: “A margem pela qual a prisão excede a detenção é preenchida de fato por técnicas de tipo disciplinar. E esse suplemento disciplinar em relação ao jurídico, é a isso, em suma, que se chama o ‘penitenciário’” (ibidem, p. 208).

O sistema carcerário, caracterizado por hierarquias e papéis muito rígidos, associadas a um controle totalizante, retifica as assimetrias de gênero (Codd, 2003). A população *transgênera*, pondo-se fora do modelo binário dos sexos, põe em discussão esta rígida categorização antinômica, que muitas vezes influencia o sentido comum e que se torna critério discriminatório para a gestão de um contexto carcerário.

De fato, podendo definir o sistema penitenciário como discurso, dentro do qual se geram posicionamentos dicotômicos relativos ao gênero (Bosworth, 1999), o presídio torna-se o veículo contextual dentro da qual estes processos de interação são entendidos como *ações dotadas de sentido* (Schütz, 1960/1974).

A instituição total torna-se por isso uma forma discursiva, ou seja, uma prática de negociação de significados implícitos e superordenados:

“A forma prisão preexiste à sua utilização sistemática nas leis penais. Ela se constituiu fora do aparelho judiciário, quando se elaboram, por todo o corpo social, os processos para repartir os indivíduos, fixá-los e distribuí-los espacialmente, classificá-los, tirar deles o máximo de tempo, e o máximo de forças, treinar seus corpos, codificar seu comportamento contínuo, mantê-los numa visibilidade sem lacuna, formar em torno deles um aparelho completo de observações, registro e notações, constituir sobre eles um saber que se acumula e se centraliza” (Foucault 1975/1987, p. 195).

Existem diferentes situações em que as pessoas são formadas e preparadas para serem compatíveis com as prerrogativas ideológicas e normativas da sociedade; estas ressentem do efeito das diretrizes temporais de um específico período histórico (Wodak, 1989) em um determinado contexto cultural (Cole, 1995); ambientes como a família (Hines, 2006), a escola (Myers, 2010), as instituições totais (Goffman, 1961/2003), ao invés de que os lugares de culto (Di Ceglie, 1998/2003),

por meio dos quais se passa para ser normalizados. Quem não consegue ou não quer, será separado/a pelos assim chamados normais e encerrado para ser corrigido/a (Foucault, 1975/1987).

A instituição carcerária é um contexto, em que as pessoas são reduzidas em traços redutivos e tipizados, como sexo, religião, etnia, etc., e onde se tende a reificar qualquer aspecto distintivo, a respeito do qual uma pessoa pode ser categorizada (Codd, 2003). O sistema normativo funda o seu funcionamento em uma retificação linguística institucionalizante que se torna prática legitimada. As práticas, sendo negociadas entre indivíduos, contexto e ideologias, formam um espaço físico e simbólico que para suas acepções de caráter cotidiano e posto, torna-se um verdadeiro e próprio campo social. As instituições, portanto, não podem ser considerados simplesmente como “não lugares”, articulados essencialmente em volta de hierarquias de poder estáticas e pré-impostas.

“É preciso acabar perguntar-se, se o poder vem do alto ou do baixo, se o desenvolvimento do direito e a sua transformação são o produto de um ‘movimento’ dos costumes para a regra, de práticas coletivas para codificações jurídicas. São as formas e as fórmulas jurídicas que circunscrevem as práticas. Precisa-se considerar todas as relações no campo jurídico na sua lógica complexa e relativamente autônoma como campo de poder, através do qual forma-se o campo social na sua complexidade” (Bourdieu, 1986, p. 14)<sup>92</sup>.

Dentro deste contexto fortemente normativo as posições dominantes assumem um valor culturalmente imposto e aceito. Quem se encontra colocado nos níveis inferiores, deverá plasmar a própria representação de si mesmo e do outro em conformidade com o que é estabelecido do alto.

O gênero, nas práticas discursivas legitimadas, é caracterizado

---

<sup>92</sup> Versão original em francês: Cessant de se demander si le pouvoir vient d'en haut ou d'en bas, si l'élaboration du droit et sa transformation sont le produit d'un «mouvement» des mœurs vers la règle, des pratiques collectives vers les codifications juridiques ou, à l'inverse, des formes et des formules juridiques vers les pratiques qu'elles informent, il faut prendre en compte l'ensemble des relations objectives entre le champ juridique, lieu de relations complexes et obéissant à une logique relativement autonome, et le champ du pouvoir et, à travers lui, le champ social dans son ensemble.



por uma divisão dicotômica que coincide com o sexo biológico. Este aspecto resulta ainda mais pervasivo nas línguas, que na própria estrutura morfossintática, preveem a adoção de somente dois gêneros. Essas línguas como o italiano e o português, podem ser, portanto, definidas *generizadas*: “O uso gramatical envolve regras formais que resultam da atribuição do masculino ou do feminino” (Scott, 1988/1995, p. 72).

Estas reforçam o processo de retificação que está na base da antinomia sexual. Qualquer discurso transpassa esta dicotomia, arrisca de romper as coerências lógicas dos sistemas de valor alargados. Estes últimos podem ser considerados universos simbólicos, confinados dentro precisos repertórios discursivos, que são articulados em volta de uma rigorosa conceitualização linguística (Berger & Luckmann, 1966/1995).

No momento em que se assiste a uma ruptura destas zonas de significado, o diverso antes linguisticamente e logo socialmente, é muitas vezes levado a construir modelos semânticos que tendem a confirmar as etiquetas tipizadas, por meio das quais foi socialmente etiquetado (Lemert 1972). A função da prisão nas sociedades pós-modernas consiste, além do aspecto puramente punitivo, em um processo de mudança psicológico-social, que se torna um remédio moral ao *iter* desviante feito pelo recluso: “Retirando tempo do condenado, a prisão parece traduzir concretamente a ideia de que a infração lesou, além da vítima, a sociedade inteira” (Foucault 1987/1975, p. 196).

Nesta óptica a detenção como instrumento administrativo, se vê um duplo fundamento: por um lado jurídico-econômico e por outro técnico-disciplinar, que permitiu criar uma representação socialmente partilhada da prisão, “como a forma mais imediata e mais civilizada de todas as penas” (ibidem, p. 196).

Os artefatos que sustentam a comunicação podem ser entendidos como processos discursivos, práticas de interação e aspectos implícitos, (Fairclough & Thomas, 2004; Schegloff, 1992). Estes processos simbólicos, tornados factuais através de uma semiótica complexa por parte da elite dominante (Van Dijk, 1993), geram uma estrutura de funcionamento superior. Essa influencia seja no quadro formal da linguagem (práticas de interação) seja nas (con)textuais, que se explica a nível explícito (conteúdo) e implícito (matriz ideológica) (Fairclough & Wodak, 1997). Este aparato discursivo apoia, de fato, a própria função em universos simbólicos, tornados socialmente compartilhados através das retificações linguísticas que o legitimam.

As diretrizes éticas e normativas produzem formas de poder e

modalidades punitivas, escondidas dentro das diretrizes contextuais de um dado momento histórico. Em volta dessa desenvolve-se a ordem legislativa, cuja estrutura é radicada nas bases culturais de um determinado capital simbólico. A norma e as leis que a circunscrevem não são simplesmente geradas por uma forma de poder superordenada e, portanto, abstrata.

A legislatura, portanto, não é silenciada do alto de uma onipresente superestrutura executiva, uma espécie de *Big Brother* orweliano que controla o agir entre atores sociais através da atuação de estratégias punitivas, a fim de que se obedeça à lógica hegemônica de uma abstrata e intangível hierarquia de poder. Melhor considerar o sistema normativo como prática social, negociada na interação com o outro:

“Ainda que seja demasiado justificável evocar essas condições negativas do recurso privilegiado ou exclusivo às formas simbólicas do poder, é preciso evitar ignorar que elas não dão mais conta da lógica específica da violência simbólica do que a ausência de para-raio ou de telégrafo elétrico que Marx evoca na ‘Introduction générale à la Critique de l’économie politique’ não explica Júpiter ou Hermes, isto é a lógica interna da mitologia grega” (Bourdieu, 1980/2009, p. 210).

Cada nação-estado funda, portanto, as próprias formulações jurídicas e legislativas respeito ao construto de punição, nas grelhas simbólico-sociais de um complexo sistema de valores.

Estes últimos constituem o universo cultural e ideológico não só que concernem os próprios confins nacionais, mas em referimento a algumas disposições internacionalmente reconhecidas.

### 1.3.2.2 O sistema penitenciário italiano

A Itália após o segundo conflito mundial criou uma constituição em sintonia com os princípios igualitários de um estado democrático, em que sociedade e indivíduos se empenham a respeitar os direitos do indivíduo como da coletividade:

“A República reconhece e garante os direitos invioláveis do homem, seja como indivíduo

seja nas formações sociais onde se desenvolve sua personalidade, e pede-se a obediência dos deveres categóricos de solidariedade política, econômica e social.” (Art. 2 da Constituição italiana, 1947)<sup>93</sup>.

Os contextos nacionais do hemisfério setentrional-ocidental e todos os estados que adotaram parâmetros parecidos com o que foi estabelecido na Carta dos Direitos do Homem, escrita no dia 10 de dezembro de 1948, enfatizam conceitos, como a liberdade de ação e expressão individual em conformidade com alguns princípios éticos universais, já enunciados durante a Guerra de Independência estadunidense e a Revolução Francesa:

“Todos os seres humanos podem invocar os direitos e as liberdades proclamados na presente Declaração, sem distinção alguma, nomeadamente de raça, de cor, de sexo, de língua, de religião, de opinião política ou outra, de origem nacional ou social, de fortuna, de nascimento ou de qualquer outra situação. Além disso, não será feita nenhuma distinção fundada no estatuto político, jurídico ou internacional do país ou do território da naturalidade da pessoa, seja esse país ou território independente, sob tutela, autônomo ou sujeito a alguma limitação de soberania” (Artigo 2, Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948).

Esta declaração, emanada e imposta mundialmente por parte das Nações Unidas, torna-se então, axioma absoluto e a dignidade do indivíduo é considerada, portanto, um utópico princípio universal. O construto de intencionalidade individual é, então, ligado ao de responsabilidade pessoal e o tirar este direito, representa a modalidade coercitiva maior ao fim de sancionar uma grave infração do aparato normativo (Foucault 1975).

Estas contramedidas, conforme as leis vigentes, deveriam de qualquer forma concordar com os princípios éticos da constituição e sua

---

<sup>93</sup> Versão original em Italiano: La Repubblica riconosce e garantisce i diritti inviolabili dell'uomo, sia come singolo sia nelle formazioni sociali ove si svolge la sua personalità, e richiede l'adempimento dei doveri inderogabili di solidarietà politica, economica e sociale.

aplicação deve ser avaliada e examinada atentamente por parte das autoridades competentes.

As leis 13 e 27 da constituição italiana afirmam, de fato, que

- A liberdade pessoal é inviolável.
- Não é admitida nenhuma forma de detenção, de inspeção ou perquisição pessoal, nem qualquer outra restrição da liberdade pessoal, se não como ato motivado pela autoridade judiciária [cfr. art. 111 c. 1, 2] e nos únicos casos e formas previstas pela lei [cfr. art. 25 c. 3].
- Em casos excepcionais de necessidade e urgência, indicados categoricamente pela lei, a autoridade de pública segurança pode adotar medidas provisórias, que devem ser comunicadas dentro das quarenta e oito horas à autoridade judiciária e, se esta não os convalida nas sucessivas quarenta e oito horas, entende-se anulados e permanecem desprovidos de cada efeito.
- É punida cada violência física e moral nas pessoas embora sujeitas a restrições de liberdade [cfr. art. 27 c. 3].
- A lei estabelece os limites máximos da prisão preventiva.

Art. 13<sup>94</sup>

---

<sup>94</sup> Versão original em Italiano:

- La libertà personale è inviolabile.
- Non è ammessa forma alcuna di detenzione, di ispezione o perquisizione personale, né qualsiasi altra restrizione della libertà personale, se non per atto motivato dell'autorità giudiziaria [cfr. art. 111 c. 1, 2] e nei soli casi e modi previsti dalla legge [cfr. art. 25 c. 3].
- In casi eccezionali di necessità ed urgenza, indicati tassativamente dalla legge l'autorità di pubblica sicurezza può adottare provvedimenti provvisori, che devono essere comunicati entro quarantotto ore all'autorità giudiziaria e, se questa non li convalida nelle successive quarantotto ore, si intendono revocati e restano privi di ogni effetto.
- E' punita ogni violenza fisica e morale sulle persone comunque sottoposte a restrizioni di libertà [cfr. art. 27 c. 3];
- La legge stabilisce i limiti massimi della carcerazione preventiva.

- A responsabilidade penal é pessoal.
  - O imputado não é considerado culpável até à reclusão definitiva.
  - As punições não podem se fundar em tratamentos contrários ao sentido de humanidade e devem visar à reeducação do condenado [cfr. art. 13 c. 4]
  - Não é admitida a pena de morte.”
- (Art.27, A Constituição, parte 1: direitos e deveres do cidadão – Título 1: relações civis)<sup>95</sup>.

Para, além disso, no decreto n. 230, emanado pelo Presidente da República no dia 30 de junho 2000, respeito ao Regulamento que tem as normas sobre o ordenamento penitenciário e as medidas privativas e limitativas da liberdade, estabelece-se o que segue:

1. O tratamento dos imputados submetidos a medidas privativas da liberdade funda-se na oferta de intervenções diretas para garantir seus interesses humanos, culturais e profissionais.
2. O tratamento reeducativo dos condenados e dos internados é direto, para além, a promover um processo de modificação das condições e das atitudes pessoais, tanto das relações familiares e sociais que são de obstáculo a uma construtiva participação social.
3. As disposições do presente regulamento que fazem referência ao imputado, estendem-se, porque compatíveis, à pessoa submetida às investigações.

(Publicado em *Gazzetta Ufficiale* n. 195 do dia 22 de agosto 2000 - Suplemento ordinário)<sup>96</sup>.

---

<sup>95</sup> Versão original em Italiano:

- La responsabilità penale è personale.

- L'imputato non è considerato colpevole sino alla condanna definitiva.

- Le pene non possono consistere in trattamenti contrari al senso di umanità e devono tendere alla rieducazione del condannato [cfr. art. 13 c. 4].

- Non è ammessa la pena di morte.

<sup>96</sup> Versão original em Italiano:

1. Il trattamento degli imputati sottoposti a misure privative della libertà consiste nell'offerta di interventi diretti a sostenere i loro interessi umani, culturali e professionali.

Estas premissas jurídicas foram formuladas em completo respeito às assim chamadas normas internacionais de uma representação da ética de modelo totalmente ocidental, em que o “*west*” se contrapõe ao “*rest*”. Ao serem estes princípios de natureza totalmente *eurocêntrica*, encontram-se muitas problemáticas e incongruências, sobretudo no plano da gestão das estruturas penitenciárias, a partir do momento em que nos institutos italianos coexiste um pluralismo cultural e social bem diversificado. Segregação, reincidência e superlotação, evidenciam-se por isso entre os problemas de maior relevância, incorrendo negativamente com consequências às vezes difíceis, no *iter* penitenciário seja do próprio detido, seja de quem trabalha em estrito contato com ele. Especialmente o superdimensionamento da população carcerária, constitui um dos aspectos fundamentais respeito a que se avalia a eficácia, seja do tratamento punitivo em si, seja das formas educativas e reeducativas propostas. Segundo os levantamentos do Instituto Nacional Estatístico (ISTAT) avalia-se, de fato, que “para cada 100 detidos que os institutos de prevenção e castigo deveriam abrigar, existem aproximadamente 151” (Dados Istat<sup>97</sup>, seção Detidos, 2012)<sup>98</sup>.

Interessante de uma perspectiva histórica resulta um confronto com o sistema penitenciário francês no período pós-napoleônico. A França foi, de fato, uma das primeiras nações-estado, que não só a nível europeu, mas também a nível mundial, desenvolveu um programa baseado na gestão e na administração de um aparato penitenciário territorial. Comparando a situação francesa durante a *belle époque* com a hodierna panorâmica italiana, encontram-se problemáticas, que ainda hoje são presentes na organização carcerária. Estas penúrias, de caráter seja de gestão seja estrutural, parecem estar dentro da lógica do próprio *iter* punitivo, apesar de diferentes reformas minuciosas feitas na Itália e na Europa a partir do segundo período após da guerra até diante. O seguinte trecho de um jornal francês, publicado na metade do '800,

---

2. Il trattamento rieducativo dei condannati e degli internati è diretto, inoltre, a promuovere un processo di modificazione delle condizioni e degli atteggiamenti personali, nonché delle relazioni familiari e sociali che sono di ostacolo a una costruttiva partecipazione sociale.

3. Le disposizioni del presente regolamento che fanno riferimento all'imputato si estendono, in quanto compatibili, alla persona sottoposta alle indagini.

<sup>97</sup> Instituto nacional de estatística

<sup>98</sup> Versão original em Italiano: per ogni 100 detenuti che gli istituti di prevenzione e pena dovrebbero ospitare, ve ne sono mediamente 151.

torna-se, portanto, fortemente atual:

“Avalia-se na França em cerca 108 mil o número de indivíduos que estão em condição de hostilidade flagrante à sociedade. Os meios de repressão de que dispomos são: a força, o pelourinho, 3 campos de trabalhos forçados, 19 casas centrais, 86 casas de justiça, 362 cadeias, 2800 prisões de cântão, 2238 quartos de segurança nos postos da polícia. Apesar desta série de meios, o vício conserva a sua audácia. O número de crimes não diminui;... o número de reincidências aumenta mais que decresce” (La Fraternité, n.10, 1842)<sup>99</sup>.

Na Itália, há pouco se tornada nação, a situação penitenciária viu e vê ainda hoje uma análoga dispersão de recursos humanos e materiais que dificilmente permitem um itinerário correccional, que vê como fim não a punição, mas uma regular inserção social, de trabalho e relacional na vida comunitária extracarcerária. Apesar do aparato legislativo e constitucional funde os próprios princípios éticos segundo a carta dos direitos humanos atualmente em vigor, a regulamentação dos percursos detentores na Itália apresenta ainda hoje notáveis dificuldades de gestão e fortes transtornos no lado social e psicológico.

Como se poderá deduzir na *Seção estatística* do parágrafo sucessivo a superlotação e a falta de estruturas recentes e adequadas para abrigar uma tão vasta população carcerária, muitas vezes tornam impossível o cumprimento das funções reeducativas previstas pelo ordenamento penitenciário. De fato, os 231 institutos no território, de que alguns não em uso (como o ex-instituto feminino de Pozzale (FI), criado para acolher exclusivamente detidas *transgênera*) e somente 60 aproximadamente das dimensões mais consideráveis, conseguem bem pouco enfrentar à enorme cifra de 66.695 detidos; número relevado o 31 de março de 2012. (Departamento Central da Administração Penitenciária e Ministério da Justiça).

Desses dados macroscópicos compreende-se porque a população *transgênera*, presa nas quatro estruturas penitenciárias, não apresente por si uma exigência prioritária para encarar e provavelmente (o caso é sujeito a muitos pareceres discordantes entre administração, presidência regional, junta municipal e movimentos LGBT) mesmo por essa razão (ver o extrato da entrevista com a Responsável da Região Toscana) o

---

<sup>99</sup> Trato de Foucault, 1975/1987, p. 221).

Instituto de Pozzale não foi preparado para hospedar estas detidas.

Os presídios na Itália e também no exterior são realidades árduas a governar-se e muitas vezes os diferentes pareceres contrastantes dificilmente conseguem delinear específicas diretivas, com o fim de propor programas de detenção eficientes e medidas alternativas para previr ao invés de punir o crime.

A presença de muitos detidos, na espera de juízo ou justificados por crimes menores com penas mínimas (às vezes inferior a três meses de reclusão), torna a prisão norteadoramente um lugar de permanência provisória, uma espécie de território outro e deslocado dentro de que colocar microcriminais e casos limites que, por carência de recursos e válidos planos de intervenção, continuam a viver em um limbo burocrático-administrativo:

“Estamos ainda muito longe da realização de projetos deste tipo e digo isso porque em muitos casos parece que as direções dos institutos penitenciários se contentam de como estão as coisas, escondendo-se atrás da falta de dinheiro e de pessoal, convencidas de não puder fazer nada a mais” (Coralli, 2012, no page)<sup>100</sup>.

Segue a este propósito um *excursus* a respeito do percurso histórico do sistema carcerário italiano em que são propostas de novo as etapas e as mudanças que levaram o aparato penitenciário à sua forma atual. Estas mudanças não só retificaram a percepção do crime a nível cultural e social, mas assistiu-se a uma reestruturação dos gêneros narrativos e, portanto, dos processos discursivos relativos aos percursos de diversidade.

A penitenciária da instituição total deveria ser pelo menos idealmente, evoluída como espaço de tratamento construtivo, visado a uma regular reinserção social dos detidos.

---

<sup>100</sup> Versão original em Italiano: Siamo ancora molto lontani dalla realizzazione di progetti di questo tipo e lo dico perché in molti casi sembra che le direzioni degli istituti penitenziari si accontentino di come stanno le cose, nascondendosi dietro la mancanza di fondi e di personale, convinte di non poter fare di più.



Tabela 6 – Elenco das etapas históricas do sistema penitenciário italiano

Ano	Lei
1890	O código Zanardelli do Reino da Itália aboliu a pena de morte.
1926	Aprova-se a nova lei de pública segurança que introduz o confim da polícia ainda hoje vigente.
1930	Aprova-se o Código Penal Rocco, ainda hoje vigente, com o específico do artigo 270 que institui o reato político de associação subversiva ainda hoje largamente aplicado.
1931	Aprova-se o regulamento penitenciário que, entre as várias obrigações, indicava aos detidos de permanecer em pé, quando na cela entrava o pessoal carcerário. No mesmo ano, aprova-se o código de procedura penal que garantia a impunidade aos agentes de Pública Segurança por fatos compridos durante o serviço.
1934	Nasce o Tribunal para menores.
1947	Primeira revolta carcerária.
1950	É abolida uma norma que previa o corte dos cabelos e o número de matrícula, em lugar do nome do/a detido/a.
1969	A primeira revolta carcerária política é de '69 em “Nuove” de Turim, cidade operária em que algum mês antes tinha acontecido a primeira ocupação universitária.
1972	A lei 304, dita “Sobre a dissociação” previa grandes descontos de penas não para quem denunciava os/as próprio/as companheiro/as, mas para quem repudiava a passada militância e afastava-se das ideologias de referimento.
1975	A reforma número 354 borra o ordenamento fascista
1975	Passa a Lei Real, que faculta às forças de polícia de deter os presos para verificação, de operar perquisições domiciliares sem autorização do magistrado e de deixar impunidos os agentes que comprem reatos inerentes ao serviço.
1977	O sistema carcerário italiano conota-se de um duplo circuito: um normal para a massa de detidos e um especial para os políticos e os comuns mais combativos.
1977- 1981	O sistema carcerário é ampliado em 13 institutos (10 masculinos e 3 femininos).
1986	É abolido o artigo 90, ou seja, a suspensão das regras de tratamento.
1986	É feita a lei 633, dita Gozzini, com o fim de modificar e resolver as ambiguidades normativas da Reforma 354 de 1975.
1997	Lei Simeoni, relativa à redução de pena e às medidas alternativas.

NOTA: os *excursus* presentes nesta tabela são um resumo do tratado “A instrução penitenciária: história e legislação”, publicado por Coralli (2012) no site da Universidade de Florença: O outro direito Centro de documentação sobre

o cárcere, desvio e marginalidade e do ensaio “Cárcere feminina”, publicado por Goussot (2002) durante os Seminários formativos dirigidos aos operadores penitenciários, promovido pelos Sportelli informativos e mediação por detidos nos Institutos penitenciários da região Emilia Romagna.

Mesmo entre os anos '60 e '70 assistiu-se a um forte empenho político e social em redefinir as medidas de pena e as lógicas de detenção nos cárceres italianos. Especialmente *Gli anni di piombo* (os anos de chumbo) viram uma forte reorganização da legislação respeito a pena e custódia tutelar. Entre as mudanças mais significativas com a finalidade de interromper com os processos des-personalizantes do *iter* de detenção, lembra-se a abolição nos anos 50 da divisa de reclusão, o assim chamado “conjunto de listras alternadas” e da matrícula, usada em lugar do nome (Goussot, 2002).

Como nota-se na tabela 5, diferentes leis e desenhos legislativos sucederam-se dos anos '50 em adiante para poder responder a um panorama social, cultural e político em contínua transformação e evolução. Depois do final da segunda guerra mundial foram feitas muitas mudanças no aparato normativo e em geral em todos os emendamentos legislativos que concernem à tutela da liberdade, de ação e expressão, do indivíduo. Os assuntos basilares da hodierna constituição, sobre a qual se dissertou no começo do parágrafo, deram início a diferentes manifestações sociais e políticas embora contestando estas condições em forte contraste a respeito dos direitos fundamentais do homem, tanto difundidos pelas várias instituições humanitárias do após-guerra. De fato, lembra-se a primeira revolta carcerária de 1947, quando se protestou contra algumas formas coercitivas, herdadas do regime totalitário anterior: “E é nas esperanças maduras com a república antifascista que começam as revoltas carcerárias. A primeira é de 1947, pouco depois da anistia que condenava todos os crimes feitos pelos fascistas” (Goussot, 2002, p.6)<sup>101</sup>.

Nos anos seguintes nasceram diversas associações entre instituições públicas, estruturas clericais e iniciativas voluntárias, com a finalidade de oferecer suporte tanto às populações carcerárias em geral como aos próprios familiares. Vários grupos e coletivos, empenhados no social, lançaram-se para reivindicar os direitos fundamentais das pessoas detidas através das numerosas ações de protesto e campanhas de

---

<sup>101</sup> Versão original em Italiano: “Ed è sulle speranze maturate con la repubblica antifascista che iniziano le rivolte carcerarie. La prima è datata 1947, poco dopo l'amnistia che condonava tutti i delitti compiuti dai fascisti”

sensibilização.

A Caritas, os circuitos Arci e outras importantes associações no território, como “*Antigone*” e “*Ristretti Orizzonti*”, dedicaram-se aos percursos do recluso que muito frequentemente mudam em uma odisseia de exclusão na sociedade. Nos macrocenários demográficos hodiernos, em que proliferam inumeráveis pluralidades culturais e infinitas peculiaridades identitárias, as tipologias de detidos, postos nos mais 200 institutos italianos, são cada vez mais variegadas. Então foi imprescindível propor medidas de tratamento criadas *ad hoc*, para poder responder às particulares exigências de cada uma destas polimorfos realidades penitenciárias.

Entre estas *novas* dimensões carcerárias, ou seja, recipientes discursivos lexicalmente normatizados, as categorias a que foi dada maior atenção, são os assim chamados toxicodependentes, os *sex-offenders* (condenados por estupro e/ou abuso de menores) e todos os detidos, cuja orientação sexual e cuja identidade de gênero não corresponde à hegemonia heteronormativa (*homosex* e *transsex*). Foram instituídas naqueles mesmos anos as assim chamadas seções protegidas para tutelar seja os detidos considerados não comuns, seja o regular desenvolver-se das atividades penitenciárias, muitas vezes comprometidas pela presença destas tipologias de detidos entre as ordinárias populações carcerárias (de maioria masculina). A estas categorias especiais de detidos dever-se-ia, de fato, responder com medidas alternativas de detenção e de pena.

Mesmo entre os anos ‘70 e ‘80 foram instituídos 13 novas estruturas penitenciárias, entre as quais o Novo Complexo Penitenciário de Florença-Sollicciano, onde foi realizada parte da seguinte pesquisa. O cárcere Fiorentina foi criado para satisfazer os parâmetros legislativos e os critérios éticos delineados na constituição italiana (Art. 13 e 14, respeito às medidas de restrição da liberdade pessoal – veja-se a cima). A própria arquitetura do instituto, cuja forma lembra o lírio de Florença, foi concebida para criar um contexto aberto e ergonômico, para garantir aos detidos uma permanência digna e favorecer ao mesmo tempo o desenvolvimento das práticas de gestão de quem com diferente título opera neste contexto.

No cárcere de Sollicciano, as assim chamadas seções protegidas são sujeitas a programas reeducativos focados. Além disso, o mesmo pessoal penitenciário foi formado para poder responder às peculiares expressões identitárias de detidos estrangeiros e *transgênera*, e também para assistir as detidas mulheres cujos filhos permanecem na mesma estrutura até os três anos de idade.

Para previr, então, certos processos de ostracismo, sobretudo onde resultam especialmente precários, foram desenhados apropriados projetos de tratamento e realizadas específicas convenções entre administração central e entre penitenciários regionais.

A propósito disso, foi criado um protocolo de acordo entre o Ministério da Justiça e a Região Toscana (27 janeiro 2010) em que se encaram dimensões específicas do funcionamento carcerário local; *in primis* as seções mais complicadas:

**“Projetos específicos:** Ficando firme o empenho de atuar plenamente como previsto pelo seguinte protocolo para todos os sujeitos submetidos a medidas penais, sem distinção de sexo, nacionalidade e religião, considera-se necessário evidenciar as particulares problemáticas de que são portadores alguns sujeitos, como mulheres e menores, estrangeiros, autores de reatos sexuais, sujeitos transgêneros, internados em Opg, com os quais é obrigatório prever ações específicas a mais e integrativas, sendo apropriado que a qualidade e a especialização das intervenções possa favorecer uma efetiva reintegração social”<sup>102</sup>.

Para além disso, como precisado no parágrafo em baixo, o 8.d, foi criado um programa de tratamento, definido *ad hoc* para as detidas *transgênera*, que prevê um apropriado curso de formação para o pessoal penitenciário.

“8.d Transexuais:

---

<sup>102</sup> Versão original em Italiano: “Progetti specifici: Fermo restando l'impegno di attuare pienamente quanto previsto dal presente protocollo per tutti i soggetti sottoposti a provvedimenti penali, senza distinzione di sesso, nazionalità e religione si ritiene necessario evidenziare le particolari problematiche di cui sono portatori alcuni soggetti, come donne e minori, stranieri, autori di reati sessuali, soggetti transgêneras, internati in Opg, nei cui confronti è doveroso prevedere azioni specifiche aggiuntive ed integrative, convenendo che la qualità e la specializzazione degli interventi possa favorire una effettiva reintegrazione sociale.

O Ministério e a Região Toscana empenha-se a definir projetos de tratamento e sanitários a favor dos sujeitos transgêneras detidos ou em execução de pena alternativa com particular referimento à ativação de grupos de apoio, uma assistência sanitária apropriada, sem discriminação respeito à restante população detida. As partes empenham-se em particular a favorecer a formação conjunta entre os operadores da Justiça e os dos entes e dos serviços territoriais” (Ministério da Justiça; Convenções, Acordos e protocolos, 2010)<sup>103</sup>.

Estas práticas executivas do poder penitenciário são tentativas de responder a uma estrutura social móvel e plural, em que as óbvias antinomias de um sistema institucional formalmente administrado não conseguem mais conter a diversificada variedade de expressões identitárias e culturais.

O aparato penitenciário, portanto, continua a fundar os próprios princípios na tríade foucaultiana, que do isolamento leva através da ética do trabalho a uma modulação da própria conduta, avaliada, julgada e considerada como errada. Esta acepção quase patógena do crime viu nos últimos decênios uma reconhecimento da lógica carcerária em favor de um modelo de cura racional. O indivíduo despojado de sua identidade “infectada pelo vício criminal” é reeducado e, portanto, corrigido conforme as regras legitimadas da vida social.

As reformas e as estritas colaborações entre diversas figuras profissionais, assistenciais, voluntárias e autoridade penitenciária, visam a uma atenuação do sistema carcerário mantendo ao mesmo tempo uma perspectiva punitiva.

As transgêneras reclusas nos institutos italianos são sujeitas a particulares atenções por parte dos órgãos penitenciários, mas o status

---

<sup>103</sup> Versão original em Italiano:

8.d Transessuali

“Il Ministero e la Regione Toscana si impegnano a definire progetti trattamentali e sanitari a favore dei soggetti transgêneras detenuti o in esecuzione di pena alternativa con particolare riferimento all’attivazione di gruppo di sostegno, un’assistenza sanitaria adeguata, senza discriminazione rispetto alla restante popolazione detenuta. Le parti si impegnano in particolare a favorire la formazione congiunta tra gli operatori della Giustizia e quelli degli enti e dei servizi territoriali”

delas permanece em uma condição de passividade coercitiva do momento em que são detidas.

Os vários emendamentos pronunciados a favor da população *transgênera* são sujeitos igualmente às regras de um aparato penitenciário que visa a uma forte redução da agentividade individual. A penitenciária, nas melhores intenções, promove uma concepção linear com os direitos do detido definidos pela constituição, mas o princípio regulador permanece ligado ao dualismo “punição & correção”:

“Mas a prisão excede a simples privação de liberdade de uma maneira mais importante. Ela tende a tornar-se um instrumento de modulação da pena: um aparelho que, através da execução da sentença de que está encarregado, teria o direito de retomar, pelo menos em parte, seu princípio. É claro que esse ‘direito’ não foi recebido pela instituição carcerária no século XIX, nem mesmo ainda no XX, salvo sob uma forma fragmentária” (Foucault, 1975/1987, p. 205).

As reformas minuciosas promulgadas durante a evolução do aparato penitenciário a partir do '800 até hoje levaram a muitas mudanças e proposto pragmáticas soluções para atenuar as penas da reclusão. Mas o sistema é ainda profundamente ancorado nas lógicas correcionais de uma ontologia dominada pelo princípio da razão e, portanto, da explicação e controle dos eventos. A organização carcerária é relegada dentro de gêneros discursivos permeados por uma estrutura semântica construída em volta de uma concepção dedutiva e indutiva da vida social.

### 1.3.2.3 Numerus Reipublicae Fundamentum - Numerus Rerum Omnium Nodus<sup>104</sup>

Para uma visão estrutural do sistema penitenciário na Itália relatam-se as relações numéricas que são publicadas em intervalos trimestrais por institutos de pesquisa públicos e ministeriais, empenhados em monitorar constantemente a situação carcerária. Os dados trazidos neste capítulo proveem, portanto, de três institutos públicos nacionais, que são o ISTAT, o Ministério da Justiça e o Departamento da Administração Penitenciária. Os dados elencados em seguida enquadram o panorama quantitativo dentro de que se insere a parte normativa da seguinte pesquisa. Portanto, relatam-se as seções estatísticas respeito à condição carcerária de 2010 a 2012, que abrange o período em que foi desenvolvido o seguinte projeto. Será dada especial atenção ao primeiro trimestre de 2011, em que foram realizadas as entrevistas com as detidas *transgêneras* no *Nuovo Complesso Penitenziario* de Florença-Sollicciano.

As relações numéricas, conforme uma óptica durkheimiana das ciências sociais permitem seguir as mudanças estruturais do aparato penitenciário e das condições de reclusão, em que atualmente são expostos os detidos no território nacional. O confronto entre estes dados oferece, de fato, uma perspectiva de conjunto e detalhada a que será feito referimento na parte dedicada à discussão dos resultados. Algumas decisões tomadas por parte da autoridade penitenciária, de fato, podem ser melhores compreendidas se conhecem os parâmetros quantitativos. As relações numéricas são, de fato, um relevante critério de avaliação por parte da administração carcerária central, que, vista a larga difusão dos institutos entre as várias províncias e regiões, muitas vezes não pode garantir um controle direto cada instituto.

A estatística fornece, de fato, informações macro, por meio das quais se podem seguir as mudanças em escala nacional, comparando-os com os anos passados.

Em seguida, então, relatam-se as relações publicadas pelo Istat e Ministério da Justiça respeito à situação carcerária de 2010 a 2012.

---

<sup>104</sup> Tale citazione ricopre la cima della facciata dell'edificio che ospita la sede dell'Istat in Via Cesare Balbo a Roma

Tabela 7 – Detentos presentes e capacidade regulamentar dos institutos penitenciários para região de detenção. Situação de 31 Março de 2010, momento da coleta das entrevistas com as detidas transgêneras) no NCP de Firenze-Sollicciano.

Região de detenção	Numero Institutos	Capacidade Regulamentar	Detentos presentes	
			Total	Mulheres
Abruzzo	8	1.507	<b>1.963</b>	70
Basilicata	3	408	<b>586</b>	34
Calabria	12	1.870	<b>3.266</b>	67
Campania	17	5.527	<b>7.977</b>	325
Emilia Romagna	13	2.394	<b>4.423</b>	134
Friuli Venezia Giulia	5	548	<b>884</b>	33
Lazio	14	4.661	<b>6.400</b>	442
Liguria	7	1.139	<b>1.740</b>	83
Lombardia	19	5.652	<b>9.484</b>	632
Marche	7	764	<b>1.160</b>	27
Molise	3	354	<b>441</b>	0
Piemonte	13	3.437	<b>5.336</b>	182
Puglia	12	2.528	<b>4.844</b>	224
Sardegna	12	1.970	<b>2.283</b>	54
Sicilia	27	5.393	<b>8.017</b>	215
Toscana	18	3.186	<b>4.594</b>	196
Trentino Alto Adige	3	258	<b>425</b>	23
Umbria	4	1.132	<b>1.723</b>	96
Valle d'Aosta	1	181	<b>272</b>	0
Veneto	10	1.965	<b>3.333</b>	196
<b>Total nacional</b>	<b>208</b>	<b>44.874</b>	<b>69.155</b>	<b>3.033</b>

Nota: as detentas transgêneras são concluídas no total dos detentos homens. Eles são pela maioria de origem brasileira. O total número dos detentos homens brasileiros é 192. O número total das detentas transgêneras, distribuídas nas sessões de 4 institutos (Napoli-Poggio Reale, Roma-Rebbia, Firenze-Sollicciano, Belluno-Baldenich) é 100.

Fonte: Departamento da Administração Penitenciária - Escritório pelo desenvolvimento e a gestão do sistema informativo automatizado - estatística e automação do suporte departamental.



A primeira seção estatística contém os dados relativos ao número total dos detidos, ou seja, a capacidade dos institutos, divididos por regiões e províncias autônomas. Estes indicadores estatísticos referem-se à última coleta de dados, feita em 30 de novembro, 2010, ou seja, quatro meses antes da entrada no Instituto de Florença-Sollicciano.

Como especificado entre as anotações no rodapé da tabela, a população *transgênera* reclusa nos circuitos penitenciários italianos, conta com aproximadamente 100 detidos. A maioria destes é de origem brasileira e, portanto, constituem uma notável presença entre os presos brasileiros. O número exato deles, todavia, não é especificado em nenhuma estatística até agora publicada pelos institutos ministeriais e estáticos nacionais. A ausência deste dado é explicável por duas razões. No momento que as presas transgêneras são classificadas como homens - somente no NCP de Sollicciano estão colocadas na seção masculina - elas são normalmente colocadas no complexo dos detidos machos. Outra razão encontra-se no escasso significado numérico das *transgênera* internadas nos cárceres italianos. Uma centena de detidas em um total nacional de 67.000 representa, de fato, uma percentual ridícula a respeito dos aspectos numericamente mais importantes.

Quando em 2010 foram propostos os primeiros desenhos para destinar o instituto não em uso de Pozzale (FI) para as detidas *transgêneras*, surgiram muitas diatribes entre as direções dos cárceres fiorentinos, defensor civil, associações arci, juntas municipais e regionais, como também a própria administração penitenciária central. O fato de transferir a seção *transgênera* do instituto de Sollicciano teria permitido às detidas de usufruir de um contexto especificamente predisposto a respeito das próprias exigências e de poder desfrutar do pleno regime dos espaços comuns, como as áreas verdes, os laboratórios, etc. Estes direitos não lhes são dados cotidianamente na penitenciária de Sollicciano, do momento em que a interação com as detidas “mulheres – *birthassigned*” era bastante problemática. Os opositores desta proposta afirmam, ao invés, que por um lado se possam enfatizar alguns processos de guetização, enquanto por outro o instituto resultaria mais útil a fim de resolver a superlotação das outras seções. A próxima seção traz os dados, presos em 31 de março de 2011.

Durante o bimestre março-abril foram recolhidos os repertórios discursivos (entrevistas com os testemunhos privilegiados e as detidas *transgêneras*) no NCP de Sollicciano.

Tabela 8 – Detentos presentes e capacidade regulamentar dos institutos penitenciários para região de detenção. Situação de 31 Março de 2011, momento da coleta das entrevistas com as detidas transgêneras) no NCP de Firenze-Sollicciano.

Região de detenção	Número Institutos	Capacidade Regulamentar	Detentos presentes	
			Total	Mulheres
Abruzzo	8	1.507	<b>1.984</b>	65
Basilicata	3	408	<b>552</b>	28
Calabria	12	1.870	<b>3.266</b>	55
Campania	17	5.588	<b>7.910</b>	321
Emilia Romagna	13	2.394	<b>4.126</b>	150
Friuli Venezia Giulia	5	548	<b>849</b>	34
Lazio	14	4.661	<b>6.576</b>	444
Liguria	7	1.139	<b>1.719</b>	89
Lombardia	19	5.652	<b>9.494</b>	633
Marche	7	775	<b>1.201</b>	35
Molise	3	389	<b>453</b>	0
Piemonte	13	3.438	<b>5.201</b>	167
Puglia	12	2.528	<b>4.449</b>	218
Sardegna	12	1.973	<b>2.051</b>	54
Sicilia	27	5.391	<b>7.740</b>	217
Toscana	18	3.186	<b>4.407</b>	189
Trentino Alto Adige	3	586	<b>395</b>	17
Umbria	4	1.134	<b>1.672</b>	75
Valle d'Aosta	1	181	<b>272</b>	1
Veneto	10	1.972	<b>3.283</b>	177
<b>Totale nazionale</b>	<b>208</b>	<b>45.320</b>	<b>67.600</b>	<b>2.969</b>

Nota: as detentas transgêneras são concluídas no total dos detentos homens. Eles são pela maioria de origem brasileira. O total número dos detentos homens brasileiros é 184. O número total das detentas transgêneras, distribuídas nas sessões de 4 institutos (Napoli-Poggio Reale, Roma-Rebbia, Firenze-Sollicciano, Belluno-Baldenich) é 100.

Fonte: Departamento da Administração Penitenciária - Escritório pelo desenvolvimento e a gestão do sistema informativo automatizado - estatística e automação do suporte departamental.

A seguinte tabela mostra, opostamente, o relacionamento numérico de detidos e institutos em 2012. O relacionamento foi inserido com a finalidade de permitir um confronto quantitativo ao longo de todas as fases de elaboração do seguinte projeto.

Tabela 9 – Detentos presentes e capacidade regulamentar dos institutos penitenciários para região de detenção. Situação de 31 Março 2012

Região de detenção	Numero Institutos	Capacidade Regulamentar	Detentos presentes	
			Total	Mulheres
Abruzzo	8	1.553	<b>1.988</b>	71
Basilicata	3	440	<b>461</b>	16
Calabria	12	1.890	<b>3.034</b>	57
Campania	17	5.793	<b>7.983</b>	341
Emilia Romagna	13	2.453	<b>3.953</b>	128
Friuli Venezia Giulia	5	548	<b>881</b>	34
Lazio	14	4.838	<b>6.873</b>	469
Liguria	7	1.088	<b>1.831</b>	85
Lombardia	19	5.384	<b>9.389</b>	572
Marche	7	775	<b>1.147</b>	35
Molise	3	401	<b>508</b>	0
Piemonte	13	3.628	<b>5.029</b>	174
Puglia	11	2.463	<b>4.650</b>	219
Sardegna	12	2.037	<b>2.186</b>	53
Sicilia	27	5.454	<b>7.243</b>	185
Toscana	18	3.186	<b>4.152</b>	163
Trentino Alto Adige	2	520	<b>340</b>	18
Umbria	4	1.134	<b>1.678</b>	70
Valle d'Aosta	1	181	<b>267</b>	0
Veneto	10	1.977	<b>3.102</b>	173
<b>Totale nazionale</b>	<b>206</b>	<b>45.743</b>	<b>67.695</b>	<b>2.863</b>

NOTA: as detentas transgenêras são concluídas no total dos detentos homens. Eles são pela maioria de origem brasileira. O total número dos detentos homens brasileiros é 157. O número total das detentas transgenêras, distribuídas nas sessões de 4 institutos (Napoli-Poggio Reale, Roma-Rebbia, Firenze-Sollicciano, Belluno-Baldenich) é 100.

Fonte: Departamento da Administração Penitenciária - Escritório pelo desenvolvimento e a gestão do sistema informativo automatizado - estatística e automação do suporte departamental

Fazendo um confronto entre estes dados macroscópicos, emerge que a situação carcerária teve poucas variações no último triênio. As problemáticas de maior relevância encontram-se, sobretudo, na parte do número global dos detidos, bem a mais da capacidade máxima disponível. Os atuais 208 institutos conseguem raramente encarar um número tão elevado de reclusos, em rápido aumento. A presença de proveniências culturais e sociais tão diversificadas entre a população detida muitas vezes gera ulteriores desequilíbrios em um contexto para si muito precário.

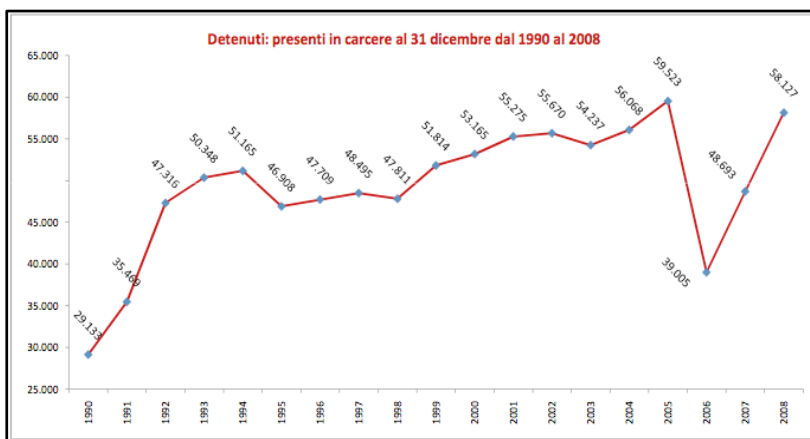
A superlotação torna-se uma situação onde o *self* se perde em um vazio comum, parte integrante de um coletivo das grandes diferenças individuais que se encontra a compartilhar um mesmo contexto por causa de uma única afinidade compartilhada: ter sido condenados pela autoridade normativa a descontar uma pena e ser corrigidos. O itinerário penitenciário desenvolve-se em um lugar despojado e apertado em que a solidão maior é a desorientação no meio de tantos *nenhuns*. O princípio de isolamento sobre o qual dissertava Foucault, torna-se nas prisões hodiernas a indiscriminada “reclusão” do indivíduo em uma multidão de outros indivíduos aglomerados em um espaço que antes fisicamente e, por consequência psicologicamente, aperta as próprias margens de agenciamento. A pena carcerária traduz-se, portanto, apesar de todas as reformulações e reformas pedagógicas, em uma lógica do *contrapasso* que deve ser padecida para ter violado um ou mais princípios inatacáveis de uma norma partilhada. A punição maior do itinerário detentivo consiste, portanto, sempre no sofrimento: “Uma pena, para ser um suplício, deve obedecer a três critérios principais: em primeiro lugar, produzir certa quantidade de sofrimento que se possa, se não medir exatamente, ao menos apreciar, comparar e hierarquizar” (Foucault, 1975/1987, p. 31).

A superlotação pode ser entendida como uma exasperada constrição do indivíduo. Esta representa a ruptura definitiva de qualquer relacionamento com a intimidade, com o que confere à identidade sua coerência individual. O seguinte gráfico (Figura) ilustra o número sempre crescente dos detidos nos institutos apesar de que diminua o número dos mesmos no território como se pode notar nas tabelas a cima. Ao invés disso, destaca-se uma notável queda em 2006, com um rápido aumento nos anos imediatamente sucessivos. De fato, neste ano foi emanado o decreto sobre o indulto que condenava todas as penas inferiores aos três anos de reclusão:

“É concedido indulto, para todos os reatos cometidos até o final de 2 de maio de 2006, na

medida não superior aos três anos para as penas detentivas e não superiores a 10.000 euros para as pecuniárias somente ou conjuntas a penas detentivas. Não se aplicam as exclusões de que ao último parágrafo do artigo 151 do código penal” (Lei de 31 de julho de 2006, n. 241 “Concessão de indulto” publicada na *Gazzetta Ufficiale* n. 176 de 31 julho 2006)<sup>105</sup>.

Gráfico 1 – detentos presentes nas estruturas penitenciárias de 1990 até 2008.



Nota: o gráfico refere-se a dados elaborado do Istat (Instituto de estatística), sessão criminalidade e segurança e publicados pelo Ministério da Justiça, sessão estatística no 2010.

Aparece evidente nestes dados, como as estruturas são inadequadas para sustentar a presença de uma população certamente superior do que as vagas disponíveis. Nestas condições de superlotação, muitas vezes associadas à falta de recursos econômicos para a gestão muito complexa e difícil do ambiente carcerário, torna o objetivo da re-educação cada vez mais difícil de alcançar. Ademais, o percentual dos detidos trabalhadores, presentes nos institutos do território italiano em 2010 era do 20.68% (Departamento da Administração Penitenciária).

<sup>105</sup> Versão original em Italiano: E' concesso indulto, per tutti i reati commessi fino a tutto il 2 maggio 2006, nella misura non superiore a tre anni per le pene detentive e non superiore a 10.000 euro per quelle pecuniarie sole o congiunte a pene detentive. Non si applicano le esclusioni di cui all'ultimo comma dell'articolo 151 del codice penale.

Dada à falta de recursos, muitas vezes denunciada pelos detidos e por quem trabalha na instituição, o tratamento para as populações carcerárias mais em risco e mais estigmatizadas, muitas vezes não é feito com a cautela certa, mas somente a respeito da necessidade de ordem interno, não a respeito aos momentos de vida, sofrimentos ou crescimento pessoal.

A situação carcerária não só na Itália, mas também no exterior parece, portanto, perpetuar um modelo de expiação da pena. A rígida regularidade, a desolação do lugar, a exclusão do mundo externo e das próprias ligações afetivas tornam a prisão um contexto em que o sofrimento reconquista seu primado como elemento predileto na execução da pena.

Além das iniciativas de reestruturação feitas a partir do segundo período após-guerra, a penitenciária conserva sua função completamente punitiva. Esta última no melhor dos casos é acompanhada por instâncias reeducativas e psicológicas, juntas com programas de reinserção social e ao trabalho do detido.

A matriz ideológica neste caso é modelada novamente a nível discursivo: passa-se por um discurso da punição a um discurso da correção. De qualquer forma, como reafirmado por Foucault, o princípio da pena consiste na modulação de uma conduta errada e nociva. O *self* em uma perspectiva correcional é privado de *agenciamento racional* e vítima passiva de uma etiológica estrutura patógena. Um *self* insano e desadaptado que será substituído por um novo *self*, castigado e remodelado a fim que possa ser adaptado às regras e normas sociais:

“O que começa a se esboçar agora é uma modulação que se refere ao próprio infrator, à sua natureza, a seu modo de vida e de pensar, a seu passado, à ‘qualidade’ e não mais à intenção de sua vontade” (Foucault, 1975/1987, p. 83).

### 1.1.2 Notas conclusivas

Neste capítulo que conclui a primeira parte da tese foi introduzido a ordem normativa, dentro de que se geram discursos que legitimam uma perspectiva da pena como percurso de penitência e correção.

As regras de poder encontradas por Foucault (1975/1987) e as práticas de interação entre norma, cultura e contexto, sobre que disserta Bourdieu (1986) definem campos jurídicos, legitimados por uma partilhada representação da realidade social.

O poder discursivo e aplicado dos sistemas normativos consiste na própria capacidade de legitimar, isto é reificar um construto cultural com o fim de se tornar uma realidade factual. Este processo de institucionalização linguística (Berger & Luckmann, 1966/1995) consegue tornar concreta a intangibilidade da realidade simbólica quando, como já hipotizado por Durkheim (1898/1978), os fatos sociais podem ser considerados como coisas. E é mesmo a norma, se tornada lei e, portanto, parâmetro de conduta, que deixa emergir como a realidade simbólica se torna realidade concreta.

Talvez, ainda mais do que os sistemas da saúde pública, a legislação torna-se a matriz ideológica de um aparato regulador da vida social. A infração de suas lógicas comporta muitas vezes uma sanção como resgate para a ferida moral aplicada à vítima e à sociedade. A pena maior, que é exercitada pelas autoridades jurídicas, consiste no tirar a liberdade pessoal, considerada como princípio cardinal da existência humana.

A reclusão justifica a anulação deste direito fundamental, dado que o agenciamento do agressor produz efeitos negativos na estrutura social. Como remédio reduz-se o agenciamento com o fim de modular a identidade do indivíduo condenado: de agente dolente a pessoa adaptada às normas compartilhadas (Foucault, 1975/1987).

Nos contextos de reclusão assiste-se, de fato, a uma acentuação dos esquemas de tipização da personalidade, ou seja, dos papéis sociais que seguem uma ordem rigidamente hierárquica. Sofrem sobretudo as modalidades de interação mais generizadas, do momento em que o impacto normativo sobre a percepção de si resulta particularmente incisivo.

Em uma publicação de 2003, a Codd tinha analisado como altera o agenciamento das mulheres, a respeito da própria representação de gênero nas penitenciárias estadunidenses. Ao analisar os processos de interação, por meio das lentes paradigmáticas de uma abordagem socioconstrutivista, emerge como fosse sobretudo a margem de agenciamento que resente do efeito das coordenadas do contexto, sobretudo onde são particularmente coercitivas. Contextos fortemente institucionalizados tendem a atrofiar as pluralidades culturais e identitárias; as representações de gênero, portanto, tornam-se as nomenclaturas taxonômicas de uma forma normativa firmemente reificada.

Ao focalizar a pergunta de pesquisa sobre as interações em uma particular e situada estrutura penitenciária, o Instituto de Sollicciano, quiere-se contribuir a uma maior compreensão respeito às experiências e

aos momentos de vida narrados pelas detidas *transgêneras*. Por meio da análise das modalidades discursivas com que os atores sociais se posicionam entre eles e o contexto, observa-se por um lado o relacionamento entre normas legislativas e detidas *transgêneras*, enquanto por outro se pesquisam as margens de agenciamento respeito às diretrizes estruturais de um lugar caracterizado por um funcionamento normativo tão elevado.

A respeito das representações do gênero nestes ambientes, analisa-se como o posicionamento discursivo-contextual determina os graus de agenciamento que definem as margens da própria identidade (Zimbardo, 2007/2008). O contexto carcerário nesta óptica torna-se um aparato institucional visado à defesa e à conservação da norma.

Sua estrutura, seja em termos logísticos, seja a respeito das acepções simbólicas, foi projetada com a finalidade de punir por meio da desprivação da liberdade pessoal e a reclusão em um espaço formalmente administrado, todos os condenados cujos reatos veem esta forma de castigo. De qualquer forma, independentemente da aplicação de uma pena estabelecida pelo legislador, a exclusão da sociedade como ensina Goffman (1961/2003) pode manifestar-se de diferentes formas conforme os diferentes contextos e momentos históricos.

O estigma torna-se muitas vezes um *habitus* social e a infração de uma norma será a irrefutável demonstração, de como ações dolentes e práticas nocivas para a coletividade fossem ínsitas na estrutura absolutamente patógena de uma presumida personalidade desviante.



## SEGUNDA PARTE: DEFERENTES OLHARES POR DIVERSOS (CON)TEXTOS – LENTES DE OBSERVAÇÃO, GRELHAS METODOLÓGICAS E PERSPECTIVAS ANALÍTICAS

### 2.1 MEDIR, EXPLICAR OU DESCREVER?

“A razão (...) mede o grau do próprio uso empírico; mas nunca constitui parte ou artigo de síntese empírica” Immanuel Kant (1781/1822, p. 254).

Como se consegue captar um conjunto de variáveis infinitas que permeiam de maneira fluida, imprevisível e mutável as interações e as representações das realidades sociais?

Esta interrogação constitui a primeira dificuldade a ser superada para se poder acudir de forma crítica e analítica ao estudo de uma dimensão simbólica, evitando ao mesmo tempo de orientar o observado para categorias predefinidas, as quais reduzem a complexidade do agir interpessoal a uma simples correlação entre causas e efeitos. A realidade, objeto do seguinte estudo, rompe por si mesma a coerência de sistemas ontológicos e culturais, baseados principalmente em uma perspectiva dicotômica e pela definição antinômica dos sexos e consequentemente dos gêneros.

Então vista a premissa deste trabalho, que é, ao contrário, interessada em compreender como os gêneros se desenvolvem diante de construtos simbólicos e normativos ao invés de considerá-los como a declinação natural dos sexos biológicos, é preciso recorrer a uma metodologia que possa captar a processualidade dos eventos observados, de fato

“Os métodos qualitativos não podem ser considerados independentemente do processo de pesquisa e do assunto em estudo. Encontram-se especificamente incorporados ao processo de pesquisa, sendo melhor compreendidos e descritos através de uma perspectiva do processo” (Flick, 1995/2002, p. 17).

Contudo resulta indispensável, como já afirmado no quadro teórico, construir uma *arqueologia do saber*, que se aproxima do próprio objeto de pesquisa, segundo as definições conceituais de um processo teórico-metodológico, articulado seja a respeito da coerência

epistemológica, seja a respeito dos reflexos paradigmáticos na realidade observada (Wittgenstein 1953).

Portanto, em relação ao que foi evidenciado no estado da arte e no que se refere aos objetivos do presente projeto, é necessário formular e definir um processo metodológico que possa responder à estrutura e à organização da realidade que se quer observar. Sendo a pesquisa centrada nos processos discursivos e as práticas de interação, por meio das quais os atores sociais se posicionam a respeito da identidade de gênero diante do contexto, adotar-se-ão instrumentos qualitativos e quali-quantitativos para a análise de material textual.

A presente pesquisa articula-se ao estudo das práticas de interação, entendidas como os processos que determinam as representações que os atores sociais têm de si mesmos e do outro. O conceito do posicionamento – *ator-ator, atores-contextos* – coloca as pessoas em uma interação fluida que é veiculada pela linguagem, enquanto instrumento dos intercâmbios culturais, sociais e relacionais. Surge destas considerações o conceito da representação discursiva, entendida como representação social que se gerou no posicionamento entre atores e reificada pelos repertórios linguísticos, que instituem uma prática discursiva distintiva e legitimada (Harré & Van Langenhove, 1991).

Os quadros de observação, a coleta do *corpus* dos dados e a sucessiva escolha dos instrumentos metodológicos deverão cumprir, por um lado uma função descritiva do contexto e da realidade do objeto da pesquisa, e por outro constituir uma matriz estruturada, que possa responder analiticamente às perguntas já colocadas pelo presente projeto. Por isso, estas abordagens gnosiológicas serão delineadas *ad hoc* segundo as peculiaridades dos diversos contextos com as respectivas estruturas normativas e fundamentos simbólicos.

Parte do trabalho foi realizado em um contexto penitenciário que se apresenta como uma realidade fortemente normatizada e institucionalizada. Por isso, os instrumentos metodológicos foram calibrados conforme as modalidades de acesso e as lógicas administrativas e funcionais, não só do presídio como instituição total, mas de todos os contextos tomados em consideração nesta pesquisa. As dimensões familiares e as realidades de trabalho, a que se fará referência, se apresentam numa perspectiva teórica de tipo socioconstrucionista (Berger & Luckmann, 1966/1995; Mead, 1934/1972; Vygotskij, 1934/1990;), como contextos que parecidos com uma realidade de regime fechado e impenetrável (Goffman, 1961/2003), apresentam uma estrutura talvez mais implícita e menos formalizada,

mas de qualquer forma impregnada igualmente por mecanismos organizativos e hierarquias de poder. Conforme uma ótica bourdieuiana, consideram-se as diferentes afirmações do tentar coletivo como campos sociais, ou seja, geradores de *habitus* culturais que produzem e reproduzem *idealtipos* comportamentais e normas de conduta socialmente compartilhadas e legitimadas. Por isso a metodologia deve responder às conceitualizações de um paradigma interessado na complexidade dos universos simbólicos, conforme o qual

“o mundo não é externo ao conhecimento, não é objetivo nem objetivável, mas toma forma como horizonte comum das nossas perspectivas. Cada indivíduo é centro de um campo de significação, produz um próprio horizonte de sentido e uma peculiar representação da realidade” (De Monticelli, 1998, p. 128).<sup>106</sup>

As representações do *self* e do outro, conforme uma perspectiva interessada em estudar os processos de interação, podem ser compreendidas através da estrutura e da função da linguagem. As práticas comunicativas geram repertórios discursivos, que delineiam um conjunto de conhecimentos mediados e compartilhados. Este sistema ontológico complexo e circular (entre indivíduos, sociedade e cultura) prolifera-se nos contextos e nas situações cotidianas (Mantovani, 2008). O contexto define os parâmetros de ação segundo os quais os atores sociais se posicionam. O quadro simbólico, dentro das quais estão implícitas as interações no cotidiano, torna-se parte integrante nos processos de construção da identidade.

O dado textual, portanto, não surge de uma realidade empírica, mas de uma co-produção discursiva entre quem observa e quem é observado. Os modelos narrativos, nos quais são centradas as análises, emergem de um posicionamento entre todos os agentes que definem uma determinada situação social. Por isso, os discursos apresentam-se como artefatos, isto é “dispositivos de mediação, socialmente construídos e culturalmente cristalizados, através dos quais os atores

---

<sup>106</sup> Versão original em italiano: “il mondo non è esterno alla conoscenza, non è oggettivo né oggettivabile, ma prende forma come orizzonte comune delle nostre prospettive. Ogni individuo è centro di un campo di significazione, produce un proprio orizzonte di senso e una peculiare rappresentazione della realtà”.

interagem com o mundo e agem neste” (Mantovani, 2008, p.73)<sup>107</sup>.

Por isso, as metodologias podem ser entendidas como olhares de leitura através dos quais se observa o próprio objeto de pesquisa. Esses instrumentos, por meio dos quais se estuda a realidade observada, sempre precisam estar em sintonia com o quadro teórico e as fundamentas epistemológicas. De fato, os métodos são estritamente ligados às teorias nas quais se fundam, a essas prescrevem os critérios de validade científica, sem que a pesquisa falta da própria função analítica. Portanto, a metodologia não é um conjunto de regras e lógicas pré-constituídas, mas um (meta)artefato analítico e pragmático que é modelado e definido conforme as peculiaridades do contexto e do objeto de estudo. Os métodos podem ser considerados como uma matriz de compreensão, e seu uso depende da própria afinidade diante das perguntas de pesquisa e das coordenadas teóricas, dentro das quais estão implícitos os focos de análise. Por isso, resulta fundamental o conceito de reflexividade, entendido como a consciência do observador de influenciar constantemente seja o processo de definição do próprio objeto de estudo, seja a construção do processo teórico-metodológico, por meio do qual entende estudar-o. Goodwin, a respeito disso, define os processos de pesquisa como uma ação discursiva que delinea os parâmetros ontológicos dentre os quais se chega a conhecer o outro e a realidade: “Cada grupo profissional serve-se de particulares práticas discursivas para plasmar os eventos de forma para podê-los tratar” (Goodwin 1994, p. 606)<sup>108</sup>.

Com efeito, os paradigmas apresentam-se como práticas sociais porque sentem o efeito inevitável dos sistemas de significado dentre os quais foram formulados. O conceito de objetividade torna-se melhor enquanto uma ação de co-construção de uma realidade situada, ao invés de que constituir um parâmetro de avaliação idealmente neutro. A objetividade, neste sentido, pode ser considerada uma representação social, uma forma de conhecimento que se traduz em uma abordagem analítica e ao mesmo tempo crítica, com o fim de isolar, descrever e compreender uma específica entidade simbólica ou um conjunto de eventos discursivos. O esmero das análises e a coerência epistemológica

---

<sup>107</sup> Versão original em italiano: “dispositivi di mediazione, socialmente costruiti e culturalmente cristallizzati, attraverso cui gli attori interagiscono con il mondo e agiscono in esso”.

<sup>108</sup> Tradução em italiano de Mantovani (2008): “Ogni gruppo professionale si serve di particolari pratiche discorsive per plasmare gli eventi in modo da poterli trattare”.

das próprias reflexões serão garantidas se consideradas situadas dentro de um contexto específico de interação. O método como instrumento analítico pressupõe colocar entre parênteses o sistema de crenças de quem observa, suspendendo, para parafrasear Husserl (1936), a eficácia das próprias certezas e dos próprios interesses. Somente desta maneira se pode captar o sistema de categorias em torno do qual se articulam os horizontes de significado dos campos sociais tomados em exame, os quais não se apresentam como entidades consolidadas, mas como *habitus* permeáveis em contínua remodelação; um processo contínuo de negociação de significantes e significados.

Em um contexto de análise assim articulado e plural resulta-se indispensável respeitar os critérios de contingência e *situatividade*; princípios cardiais de uma pesquisa interessada em compreender a complexa, fluida e imprevisível gênese dos fenômenos no social. Estas coordenadas reguladoras do processo de análise favorecem uma maior reflexividade crítica respeito às modalidades de observar sistemas de posicionamento (entre os próprios atores e contexto), os quais preveem que “as formas da comunicação (...) operam juntas, confirmando-se ou problematizando-se reciprocamente no processo de interação em curso” (Mantovani, 2008, p. 84)<sup>109</sup>.

Observa-se a estrita interconexão entre dados, interpretações e interferências do observador, do contexto e enfim dos resultados que sentem o efeito de toda uma série de variáveis fluidas, mutáveis e implícitas. Perder de vista essas ligações, levaria a uma imprecisão epistemológica e a uma impropriedade metodológica que infligiria à confiabilidade dos construtos epistemológicos, comprometendo irreversivelmente a realização e, portanto, o êxito da pesquisa.

### 2.1.2 Do texto à história e da história ao texto

O título desta parte retoma o cabeçalho do homônimo manual de literatura italiana, de ampla difusão em âmbito escolar e universitário. De fato, o compêndio oferece um olhar não só na perspectiva estilométrica dos diversos estilos literários, mas contextualiza as diferentes produções narrativas dentro das diretrizes históricas em que foram produzidas. O texto, como dado autônomo e autossuficiente (Foucault, 1970), ao invés, torna-se um repertório de significados

---

<sup>109</sup> Versão original em italiano: “le forme della comunicazione (...) operino insieme, confermandosi o problematizzandosi reciprocamente nel processo di interazione in corso”.

plurais, permitindo uma releitura dos eventos que caracterizaram um determinado momento histórico.

Os dados textuais coletados para a presente tese, juntos com os instrumentos de análise adotados, são, de fato, uma reprodução discursiva dos contextos observados com referências implícitas às superestruturas culturais, às diretrizes normativas e enfim, à organização funcional, afetiva e portanto relacional de um determinado campo ou *habitus* social dentro do qual se situa a pesquisa.

O foco da análise é então, o discurso, entendido como prática social, ou seja, um processo interativo e cultural que representa “o elemento constitutivo primário da agentividade humana” (Duranti, 2003, p. 45)<sup>110</sup>. O discurso, portanto, desenvolve-se e está desenvolvido na interação e está expresso por meio da linguagem, o meta-artefato que permite a explicitação linguística da nossa compreensão do mundo (Wittgenstein, 1953/1967). Portanto, os discursos podem ser considerados processos, que “formam sistematicamente os objetos de que falam” (Foucault, 1969/2004, p. 55). Neste sentido, esses se apresentam como práticas reguladoras, que não se pode ligar a correlações lineares e fatuais. As produções discursivas são interligadas dentro de posições de poder que geram sistemas hierárquicos a cada nível do interagir social. Estes universos normativos e autocráticos surgem das hierarquias de poder, das quais são esses próprios parte constituinte.

Como entidades independentes e ao mesmo tempo reificadas, as produções textuais subordinam-se a um processo circular de autoregulação e não se podem reduzir a uma única causa ou a um fundamento externo a estas (Foucault, 1971/1978). Os modelos discursivos são interligados dentro de uma rede de interações, onde tanto as formas de poder explícitas, como as implícitas, impregnam sua estrutura lógica e relacional. Conforme o pensamento de Foucault, o discurso, entendido como um conjunto de significados lógicos, funcionais e simbólicos, é uma prática de interação que é legitimada pelo poder e contemporaneamente co-constrói sistemas de poder.

#### 2.1.2.1 Ações e Práticas

O discurso, portanto, como prática cotidiana das pessoas, incorpora e cria um conjunto de significados pessoais, sociais e culturais

---

<sup>110</sup> Versão original em italiano: l'elemento costitutivo primario dell'agentività umana.

que vão além do próprio falante. Ao analisar os sistemas da comunicação, oferece uma possibilidade concreta de observar dinâmicas mais complexas, interativas e *in fieri*.

O objeto, sobre o qual se verifica estas observações, são as situações de vida cotidianas, um conceito que até os anos cinquenta era pouco considerado pela comunidade científica, mas que foi revalorizado, sendo um campo de análise peculiar e único. Continuando fiéis à clareza terminológica, em seguida serão apresentados os três momentos e as consequentes bases teóricas desta revalorização.

Os estudos de Lave (1988) sobre a *cognição em prática* pesquisaram acerca das modalidades organizativas por meio das quais as pessoas observadas (a maioria mulheres) desempenhavam diversas ações caracterizadas pela rotina cotidiana da vida urbana, como a compra de mercadoria e de diversos produtos nas grandes feiras e nos centros comerciais. A precisão das passagens cognitivas, flexíveis e bem adaptáveis ao contexto ambiental, dessas operações cotidianas não podiam ser captadas por meio de programas informáticos, cuja função analítica depende exclusivamente da estrutura lógica de complexos e lineares processos algorítmicos.

Portanto, assiste-se a um retorno a uma perspectiva mais construcionista do agenciamento humano – o *mainstream* paradigmático da escola de Chicago – que mais do que se articular em nível individual, desenvolve-se nos contextos de interação. Lucy Suchman (1987) formulou a *Teoria da Ação Situada (TAS)*, conforme a qual os processos mentais se ativam ao longo da ação cotidiana; então não preexistem como esquemas de ação criados em nível cognitivo, que logo se traduziriam em uma sucessiva aplicação e, portanto, execução comportamental como defendido pelas *Teorias da Ação Refletida (TAR)* (Ajzen & Fishbein, 1980). A ação incorpora a cognição através do tentar cotidiano; essa é impregnada de práticas, de fato cada ação é uma atividade coletivamente compartilhada na qual se adotam e se otimizam diversas estratégias para aproximar-se de forma funcional ao contexto, que, na melhor tradição baumaniana, está em constante mudança e evolução.

Enfim Hutchins (1995) postulou a *natureza distribuída do conhecimento humano*, entre processos cognitivos, artefatos de mediação, como também macrocenários históricos e ideológicos que definem as coordenadas ontológicas de um sistema de representações plurais. Estas são interligadas e partilhadas entre os agentes que fazem parte de uma específica situação social.

“Todas as sociedades humanas encaram tarefas cognitivas que excedem as capacidades de qualquer próprio membro individual. (...) Por isso as tarefas de aprender, lembrar e transmitir o conhecimento de uma cultura são inevitavelmente distribuídas. O desenvolvimento de tarefas que superam as capacidades individuais sempre foram reguladas por uma organização de conhecimento distribuído. É impossível estar sem uma organização social de distribuição do conhecimento” (Hutchins, 1995, p. 262).

A ação cotidiana é um agir dotado de sentido em um terreno comum, em que a cultura é a fundamenta e a linguagem representa tanto a estrutura de apoio como a dimensão processual: “Não é possível compreender a interação entre seres humanos e com o ambiente sem ter em conta o agir deles e o falar da vida de cada dia” (Mantovani, 2008, p. 30)<sup>111</sup>.

A aprendizagem e a cooperação entre as pessoas desenvolvem-se dentro de *comunidade de práticas*: estruturas sociais específicas dentre as quais se posicionam os membros de uma determinada comunidade e onde adquirem as competências (psicológicas, sociais, cognitivas e relacionais) para desempenhar os papéis e para absorver as tarefas, existentes em um determinado contexto (Zuccheromaglio, 2004).

Estas comunidades de práticas põem as pessoas em interação entre elas dentro de um fundo cultural e ambiental situado. Portanto, estas se fundam em três dimensões:

1. O empenho comum;
2. O sentido de uma empresa comum;
3. A presença de um repertório simbólico e discursivo partilhado.

Os repertórios, caracterizados por coerência em uma situada comunidade, fazem emergir a negociação social do significado das situações, refletindo por um lado a história de um empenho comum, e por outro uma intrínseca intangibilidade, visto que as situações concretas nunca correspondem perfeitamente às definições abstratas. A pesquisa etnográfica é um método indicado e coerente para compreender a interação dentro de uma particular comunidade de práticas, com a

---

<sup>111</sup> Versão original em italiano: le forme della comunicazione (...) operino insieme, confermandosi o problematizzandosi reciprocamente nel processo di interazione in corso.



finalidade de captar as peculiaridades de repertórios discursivos situados, que enquadram os modos de criação de realidades discursivas, expressão de universos de significados seja coletivos seja individuais (Zucchermaglio, 2004).

Desta forma, podemos estudar os sistemas de atividades situadas e os atores sociais nos quais esses estão envolvidos, para capturar a complexidade e descrever as práticas cotidianas de interação.

Entrevistas, gravações audiovisuais, anotações de campo e outros instrumentos ajudarão a contextualizar os dados discursivos e interativos para compreender as características e os vínculos do sistema de atividades em que estamos interessados.

Este material será posteriormente organizado em um *corpus* de dados, que delinea a estrutura, através da individuação de temas salientes, e justifica a metodologia adequada para analisá-los, respeitando o critério de contingência entre observações e contexto específico.

Nos anos sessenta Harold Garfinkel (1967/2000) propôs uma nova perspectiva de pesquisa, a etnometodologia, com o fim de pesquisar os automatismos através dos quais a ação humana produz a ordem social que impregna a vida cotidiana. Entre os diferentes exemplos de interação, sobre os quais o autor versa as próprias reflexões, destaca-se o já célebre caso de *Agnese*, mulher transgênera, Garfinkel estava especialmente interessado na sua vida e nas representações de si. De fato, sua perspectiva transcende um paradigma completamente inatista e individualista, em favor de uma posição mais sensível às influências do contexto e dos sistemas de valor alargados:

“Deveria focalizar as minhas atenções neste ensaio sobre a discussão de um só caso. Deveria contar como esta pessoa esconde radicalmente a relevância estrutural de seus segredos, as situações de crise socialmente estruturadas, as estratégias direcionais e justificadas adotadas por ela, e a importância que estas considerações absolvem no encarar particulares circunstâncias sociais como fenômeno sociológico” (Garfinkel, 1967/2000, p. 118)<sup>112</sup>.

---

<sup>112</sup> Versão original em inglês: I shall confine my attention in this paper to a discussion of one case. I should like to tell what this person had specifically to hide, the structural relevance of her secrets, the socially structured situations of crisis, the management strategies and justifications that she employed, and the

### 2.1.2.2 Gêneros e Estilos

Dentro deste quadro teórico, alguns de seus alunos (Jefferson & Sacks, 1995) desenvolveram a *Análise da Conversa* (CA), onde a troca verbal é entendida como interação, assim cunhando o conceito de *talk-in-interaction*. Identificaram uma série de mecanismos reguladores da conversa, que se exprimem por meio de uma alternância de turnos e preferências nas sequências comunicativas, graças aos quais se deduz como um diálogo se articula em diferentes momentos: abertura, desenvolvimento e conclusão. A alternância de turnos é o elemento saliente e indispensável, sem o qual não existiria conversa.

O centro da pesquisa é mesmo a interação na realidade cotidiana e o acento é colocado, sobretudo nas expressões, entendidas como ações verbais recolhidas em turnos, que os falantes se alternam. Porém, a *Análise da Conversa* reserva uma escassa atenção sobre os processos culturais e ao impacto destes no que diz respeito aos estilos de comunicação e aos mecanismos reguladores: “Os ‘mecanismos’ sobre os quais trabalha a CA não são sistemas de regulação ‘naturais’ da conversa, mas as realizações contingentes, em parte conscientes e em parte inconscientes, de práticas culturalmente situadas” (Mantovani, 2008, p. 36)<sup>113</sup>.

Além disso, foi esquecido de dizer que o impacto pode ter a dissimetria nos papéis, nas relações de poder e de conhecimento, no andamento da interação.

A *Análise do Discurso* (DA) nasce como modelo de pesquisa independente da análise da conversa, apesar de que compartilha muitos aspectos teóricos e uma forte crítica às ciências cognitivas. Esta abordagem parte da tomada de consciência de que discurso e pensamento são profundamente interconexos, onde o pensamento é contido no discurso e vice-versa. Esta definição da realidade discursiva surge de uma perspectiva vygotskyniana do desenvolvimento linguístico, na qual pensamento e linguagem são dois expedientes mentais interligados e desenvolvidos na interação com o outro e com o contexto. A estrutura dos sistemas linguísticos, junto à função dos

---

relevance of these considerations fro the task of treating practical circumstances as a sociological phenomenon.

<sup>113</sup> Versão original em italiano: I ‘meccanismi’ su cui lavora la CA non sono dei sistemi di regolazione ‘naturali’ della conversazione, ma delle realizzazioni contingenti, in parte consapevoli in parte inconsapevoli, di pratiche culturalmente situate.

processos discursivos reflete a organização dos nossos horizontes de ideias (Billig, 1987). O que é identificado como processo cognitivo, muitas vezes não é nada mais do que a expressão de um processo social cooperativo. As atitudes produzidas no contexto argumentativo de críticas e justificações são construções discursivas, posturas sobre assuntos do debate público. Não precisa, devido a isso, subestimar a influência do contexto retórico sobre o desenvolvimento de uma discussão.

A *Análise crítica do Discurso* (CDA) é focada no estudo dos modelos simbólicos já mencionados, antes de tudo, nas estruturas ideológicas, mas também nas hierarquias de poder sobre as quais edificam-se as interações nas sociedades institucionalizadas, e nas razões, pelas quais as grandes mudanças culturais alteram constantemente as posições entre indivíduos e grupos de pessoas. Em específico, seguindo o legado de Foucault (1971/2005, 1975/1987, 1976/1978) decidiu-se indagar a relação entre mecanismos de poder e processos discursivos. O objetivo principal desta perspectiva metodológica é o de descrever e particularizar como as estruturas hegemônicas na experiência social, com as correspondentes hierarquias de poder, geram-se e são geradas nos e pelos repertórios discursivos, como os documentos normativos: jornais, livros, e sobretudo por aquilo que é transmitido e, portando, difundido pelos canais da comunicação de massa (Fairclough, 1992).

Entre os vários aspectos que influenciaram o molde conceitual dentro do qual se encaixa a presente metodologia, lembramos que Michel Foucault enfatizou a importância das relações entre práticas linguísticas, em particular as categorizações, e as práticas de punição e exclusão empregadas pelos sistemas de poder no mundo ocidental, sobretudo a respeito da sexualidade, da saúde e da loucura.

A CDA quer enfatizar a não uniforme distribuição de oportunidade de produções discursivas legitimadas entre diferentes grupos sociais: “A linha de demarcação entre formas legítimas e ilegítimas de exercício do poder não sempre é clara. A CDA escolhe estar do lado de quem tem poucos ou nenhum poder” (Mantovani, 2008, p.48)<sup>114</sup>.

Analisando as ações discursivas, através do surgimento de motivações e objetivos cujos portadores são os atores sociais, pretende-

---

<sup>114</sup> Versão original em italiano: La linea di demarcazione di tra forme legittime ed illegittime di esercizio del potere non è sempre chiara. La CDA sceglie di stare dalla parte di chi ha poco o nessun potere.

se explicar como a organização do discurso e a ordem social influenciam-se mutuamente.

A macro-área da *CDA* remonta a três escolas de pensamentos com as correspondentes formulações paradigmáticas com um mesmo fim, mas estruturalmente com processos de investigação diferenciados (Mantovani, 2008): a abordagem sócio-cultural, a abordagem sócio-cognitiva e a sócio-histórica.

A primeira abordagem, proposta por Norman Fairclough, visa compreender como e por meio de quais mecanismos desenvolvem-se as relações existentes entre processos comunicativos interpessoais e macrocenários estruturais, como a distinção da sociedade em classes mais que a organização das práticas cotidianas e burocráticas. Para aprofundar esta interconexão resultam três fundamentais dimensões, as práticas comunicativas próprias da instrução (as ordens de discurso), aquelas próprias de certa atividade (os gêneros) e a intertextualidade “Cada texto é como um nó de uma rede de textos à qual reage e que ao mesmo tempo transforma” (Fairclough & Wodak, 1997, p.262)<sup>115</sup>.

A partir deste ponto de vista cada evento discursivo deve ser observado como: “uma parte de um texto, um exemplo de prática discursiva e, ao mesmo tempo, forma de prática social” (Fairclough, 1992, p. 4)<sup>116</sup>.

Ele propõe uma análise que se desenvolve a partir de três dimensões diferentes em nível metodológico: o *texto*, que permite estudar as suas propriedades meramente de conteúdo, junto à sua estrutura lógico-gramatical e, enfim, o significado, ou seja, a mensagem comunicativa que emerge pela organização semântica do discurso; a *prática discursiva* a partir da qual emerge a forma narrativa utilizada para transmitir atitudes, crenças e universos simbólicos para outros agentes ou grupos de pessoas e, por último, as *práticas sociais*, as quais definem as diretrizes simbólicas e normativas do contexto, que circunscreve uma ou mais situações ou momentos de interação examinados.

A abordagem sócio-cognitiva (Van Dijk, 1993) coloca no centro da análise cognitiva a construção de intencionalidade, dando bastante atenção para os processos cognitivos ativados na construção e elaboração de um evento discursivo. De fato, teoriza-se a possibilidade

---

<sup>115</sup> Tradução italiana de Mantovani (2008): Ogni testo è come un nodo di una rete di testi a cui reagisce e che nello stesso tempo trasforma.

<sup>116</sup> Tradução italiana de Mantovani (2008): un brano di testo, un esempio di pratica discorsiva e forma di pratica sociale nello stesso tempo.

de que exista uma ligação entre os processos cognitivos, ativados na construção da memória em longo prazo e as estratégias retóricas utilizadas na produção de textos e discursos, enfatizando como esta relação é funcional para a reprodução de estereótipos, preconceitos e orientações ideológicas. Por meio da análise do discurso pretende-se estudar os mecanismos repressivos que, por meio do exercício de poder pela elite dominante, tem a tendência ao aumento dos processos de desigualdade.

Por fim, a abordagem sócio-histórica de Wodak foca-se nos aspectos afetivos da interação, nas problemáticas de identidade e de gênero, na construção discursiva do "nós" que forma o grupo. Esse tipo de análise desenvolve-se colocando atenção, não somente nas variáveis psicológicas que conectam a projeção cognitiva à produção discursiva, mas também nas dinâmicas constitutivas e peculiares dos contextos de interação específicos, como as diretrizes espaços-temporais, as relações de papel, os macrocenários interpretativos e os horizontes históricos (Wodak, 1989).

O presente trabalho desenvolve-se exatamente em torno destas suposições teóricas e metodológicas (as quais serão apresentadas em detalhe na parte 2.1.2.3) e o foco da análise serão os processos de interação e as modalidades cognitivas (Van Dijk), afetivas (Wodak) e culturais (Fairclough), envolvidas nas construções de uma identidade a qual se afasta de uma visão dicotômica, que vê a dualidade sexual como fortemente conectada à representação social do gênero. O discurso, como de fato é sustentado primeiramente por Foucault, não é somente a explicitação verbal ou escrita de um processo cognitivo, mas torna-se um espelho simbólico e ao mesmo tempo paradigmático de universos culturais:

“A respeito, Foucault liberou-se – e nos liberou – de uma linguística que não é baseada no pensamento e na consciência. A este respeito ele considera a linguística como uma subcategoria das ciências naturais, as quais enfrentam as condições e os resultados de ações humanas significativas. As atividades humanas são significativas, pois se baseiam no pensamento e na consciência” (Jäger & Maier 2009, p. 41)<sup>117</sup>.

---

<sup>117</sup> Versão original em Inglês: Foucault, thereby liberates himself - and us - from a linguistic that is not based on thought and consciousness. He subordinates language and also linguistics to thought and knowledge. Thereby he basically

### 2.1.3 Breve relatório sobre exemplos de aplicação da CDA

Para poder definir um percurso metodológico que possa responder criticamente e exaustivamente à realidade, objeto deste estudo, é necessário realizar uma pesquisa bibliográfica sobre os métodos na literatura científica, assim como foi feito pelo quadro teórico no capítulo 1.2.

Retraçar as aplicações teóricas e metodológicas sobre as diferentes modalidades de entender o *Fazer Transgênero* permite especificar as grades de leitura mais adequadas para o próprio objeto de estudo. As pesquisas realizadas nos diversos âmbitos científicos revelaram posições diferentes sobre a realidade do transgênero a respeito dos distintos focos de análise que interessavam aos pesquisadores de uma área específica.

Devido a isso, se confrontou diferentes perspectivas de análise que abordaram a experiência transgênero dentro de um paradigma narrativista e discursista da realidade social. Após este resumo histórico das metodologias retoma-se algumas conceituações, para construir novas grades de leitura, criadas *ad hoc* para esta pesquisa. Entre as diversas orientações científicas que indagaram, por meio de pesquisas de campo, sobre o fenômeno dos percursos de gênero em progresso, foram analisadas somente algumas pesquisas, as quais, no macroâmbito das Ciências Sociais, coletaram repertórios discursivos, analisados em seguida através um paradigma crítico da análise do texto. Algumas pesquisas tem favorecido uma abordagem puramente analítica reflexiva dos *corpora* de dados, enquanto outras utilizaram software e programas específicos para uma análise estrutural das práticas comunicativas.

O transgênero já foi estudado com o emprego de instrumentos de análise textual. Entre as pesquisas mais relevantes para a presente tese, lembra-se um contributo de Schilt & Westbrook (2009), onde os autores usaram o software qualitativo para a análise do texto: ATLAS-ti, para analisar entrevistas e artigos de jornal (ver estado da arte).

Sempre a respeito das análises qualitativas, cita-se um estudo publicado por Speer e Parson (2006). O artigo apresenta uma pesquisa sobre práticas conversacionais entre um psiquiatra e 95 usuárias transgêneras e transexuais, em um dos maiores centros para o tratamento do DIG (Distúrbio da Identidade de Gênero) no Reino Unido. A

---

turns linguistics into a sub-discipline of the cultural sciences, which deal with the condition and results of meaningful human activities. Human activities are meaningful because they are based on thought and consciousness.

pesquisa analisa as modalidades dialógicas através das quais se desenvolvem as interações em um contexto fortemente institucionalizado. Os resultados desta pesquisa demonstraram como o ponto de vista de um experto pode influenciar significativamente na auto-representação dos usuários em uma determinada situação social.

A pesquisa baseia-se na combinação de duas metodologias qualitativas: a *Análise da Conversa* (Schegloff 1968, 1991; Tem Have, 1999) relativa às práticas comunicativas em contextos situados, e a *Análise Crítica do Discurso* (Van Dijk, 1993) a respeito da produção de significados implícitos. Em específico, esse estudo analisou o “*pré-pré format*” através do qual o psiquiatra convidou os pacientes a dissertar sobre questões hipotéticas. Este tipo de diálogo demonstra: “que a função precisa de perguntas hipotéticas depende fortemente do contexto de interação dentro do qual elas estão articuladas” (Speer & Parsons 2006, p. 804)<sup>118</sup>.

Outros trabalhos importantes sobre a análise do discurso, aplicados aos testemunhos textuais de transgêneros/os, já foram discutidos na parte do estado da arte (capítulo 1.2). Segundo a abordagem e o âmbito disciplinar, foram usadas sobre esse tópico metodologias qualitativas (Connell, 2010; Currier, 2010; Schilt & Westbrook, 2009) e quantitativas (Halkitis, Mattis, Sahadath, Massie, Ladyzhenskaya, Pitrelli, Bonacci & Cowie, 2009; Nuttbrock, Bockting, Mason, Hwang, Rosenblum, Macri & Becker, 2009; Sanchez, Finlayson, Murrill, Guilin & Dean, 2010).

Relatam-se, portanto, outros dois exemplos de análise dos processos discursivos, os quais, apesar de não enfrentar o transgênerismo, oferecem de qualquer forma uma importante contribuição para construir uma metodologia em direção a um paradigma socioconstrucionista.

O primeiro artigo é um exemplo de como estruturar uma leitura analítica de material textual adotando uma abordagem sociocultural da Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 2006). Neste artigo Lí (2010) aplica a CDA de Fairclough à retórica jornalística de dois cotidianos: *New York Times* e *China Daily's*. A análise é centrada na intertextualidade em relação às hierarquias de poder e aos sistemas ideológicos alargados, em particular sobre as estruturas políticas. Portanto, o estudo é focalizado na dimensão histórica, dentro da qual foi

---

<sup>118</sup> Versão original em Inglês: “that the precise function of hypothetical questions is highly dependent on the interactional environment in which they occur”

preciso colocar os gêneros discursivos que são produzidos na imprensa e examinar como os universos simbólicos influenciam a estruturação narrativa dos textos. Estes geram estilos discursivos que mudam o foco da atenção para alguns aspectos, mais que para outros, configurando assim um estilo próprio linguístico e argumentativo. O artigo, apesar de não dissertar sobre questões de identidade de gênero, oferece, todavia uma perspectiva paradigmática do ponto de vista metodológico e como os repertórios da linguagem, neste caso escritos, que podem ser considerados construtores das realidades sociais e culturais.

Uma versão talvez cognitiva da *CDA* é oferecida por Van Dijk (2006) em uma pesquisa sobre as retóricas discursivas no âmbito do debate político. O artigo propõe uma aplicação metodológica da corrente sociocognitiva à análise crítica do discurso. O autor conduziu a sua pesquisa estudando um discurso parlamentar do Tony Blair a respeito das missões militares britânicas no Iraque. Segundo essa perspectiva teórico-metodológica, que por um lado tira as próprias bases epistemológicas do sociolinguismo; enquanto, por outro lado, remete à psicologia cognitiva, identifica nas práticas discursivas uma elaboração funcional visando objetivos comunicacionais estratégicos. Os processos discursivos que emergem de qualquer produção textual – neste caso fortemente institucionalizada – dependeriam da interação entre memória episódica e contexto para conotar a comunicação de intencionalidade: “Isso significa que, seja os participantes, seja os que analisarão, entendem o discurso como uma (inter)ação que desenvolve-se atribuindo intencionalidade para os atores” (Van Dijk, 2006, p.171)<sup>119</sup>.

São, portanto três os exemplos sobre como se pode construir uma análise do texto e do discurso a partir de diferentes elementos constitutivos da produção narrativa. Enquanto a pesquisa de Speer e Pearson (2006) enfatizou as práticas formais e os próprios reflexos na produção de um evento discursivo, o estudo de Joan Li (2010) concentra-se mais na aparição de aspectos implícitos na construção da gíria jornalística, atento à função da retórica na descrição de processos micro- e macro- sociais. Neste sentido o discurso torna-se instrumento de comunicação de massa e, por isso, esse será profundamente permeado de coordenadas culturais e normativas dentro das quais ele toma forma. Enfim, a abordagem já clássica de Van Dijk (1993, 1995) analisa, não somente, as práticas da comunicação e os processos de

---

<sup>119</sup> Versão original em Inglês: “This also means that, both for participants and analysts, understanding talk as (inter) action involves attributing intentions to the actors”.



significação implícita, mas considera também e, sobretudo, a estrutura de conteúdo a partir do uso de fonemas e morfemas até a construção de linhas semânticas articuladas e complexas:

“A Análise Crítica do Discurso dá atenção para todos os níveis e dimensões do discurso, como a gramática (fonologia, sintaxe, semântica), o estilo, a retórica, a organização esquemática, as ações discursivas, estratégias paradigmáticas e de interação, só para mencionar algumas” (Van Dijk, 1995, p.18)<sup>120</sup>.

Essa pesquisa está interessada em analisar uma série de variáveis por meio de uma leitura crítica dos repertórios discursivos, os quais se referem à estrutura formal ou explícita do discurso, além das reflexões implícitas, inspirando-se nos exemplos culturais e normativos que acabou-se de indicar. De fato, as análises previstas nesta pesquisa estão interessadas na organização lógica da produção textual e no modo pelo qual ela está refletida numa série de históricos (afetivos, empíricos e sociais) os quais podem ser captados a partir de linhas semânticas mesmo (análise do conteúdo), como a partir da contextualização em termos espaços-temporais e simbólicos (CDA).

O estudo dos repertórios discursivos em uma ótica sociocrítica permite focalizar as próprias reflexões sobre a gênese do discurso a respeito das coordenadas do contexto, o qual, sobretudo na realidade penitenciária, resulta particularmente reificante na produção de um evento narrativo.

Sendo a linguagem, como afirma Wittgenstein (1922/2012), e o discurso, como afirma Foucault (1969/2004), expedientes comunicativos que circunscrevem a nossa representação do mundo e de nós mesmos, é possível chegar, através de uma leitura analítica e crítica das matrizes estruturais e simbólicas da semiótica, às modalidades de construção e articulação da própria identidade e às relações dinâmicas entre si, o outro e o contexto. Devido a isso, resultaria altamente redutor considerar linguagem e discurso como entidades empíricas, com a finalidade de extrair conclusões que podem ser objetivadas. O discurso apresenta-se mais como um universo de significados, os quais, no conjunto e a

---

<sup>120</sup> Versão original em Inglês: “CDA-studies (may) pay attention to all levels and dimensions of discourses, viz those of grammar (phonology, syntax, semantics), style, rhetoric, schematic organisation, speech acts, pragmatic strategies, and those of interaction, among others”.

respeito do contexto dentro do qual foram gerados, refletem esquemas de ação e mapas de representações socialmente partilhados. Aquilo que para o filósofo anglo-germânico traduz-se em uma ontologia universal da realidade, para o filósofo francês torna-se uma forma organizativa de vida social, definindo implicitamente os parâmetros normativos e portando as hierarquias de poder a partir das quais se articulam as ações individuais e coletivas na vida cotidiana.

Portanto, o discurso, como forma de poder e expressão de saber, afirma-se sim como ontologia, mas também é uma prática de interação e, portanto um habitus cultural que determina a instituição, retomando Bourdieu, de um campo social. O discurso em si então não é um objetivo, mas ele permite compreender a estrutura, a organização, e as funções das ações sociais e dos seus reflexos no indivíduo, na coletividade e, em fim, na edificação de aparatos normativos e universos culturais: “O discurso se tornará veículo da lei: princípio constante de recodificação universal” (Foucault, 1975/1987, p.93).

É exatamente a lei e, portanto, a norma, que pode ser lida como discurso, isto é, formas discursivas que se tornaram realidades fatuais a partir do momento em que a linguagem, através das suas regras e lógicas, instituiu um próprio campo fenomênico, um universo de valores circunscritos em detalhe. Esta perspectiva, enfim, focada na gênese das práticas sociais como processos discursivos, coloca atenção na própria análise no conceito de agenciamento, a qual pode ser percebida na estrutura e na função da semântica e então do (con)texto. O estudo das modalidades de interação a nível comunicativo, permitirá atingir a matriz ideológica que permeia o conteúdo e a performance de um evento discursivo.

### **1.1.2 Notas conclusivas**

O primeiro capítulo desta segunda parte do trabalho oferece um olhar das diferentes formulações metodológicas, por meio das quais as linhas de pesquisa abordaram o estudo analítico de uma determinada realidade social. Sendo os sistemas de interações processos simbólicos em contínua transformação, resultaria quase impossível adotar um método idealmente neutro com o objetivo de particularizar um conjunto praticamente inesgotável de variáveis individuais, culturais além de contextuais. O que interessa não é o isolamento de uma ligação unívoca entre dois eventos singulares, mas é compreender a processualidade por meio da qual geram-se universos de significados, criadores de um determinado momento histórico e, por isso, ontológico:

“A mudança social acelerada e a consequente diversificação de esfera de vida fazem que os pesquisadores sociais; situações tão novas para eles que suas metodologias dedutivas tradicionais - questões e hipóteses de pesquisa derivadas de modelos teóricos e testadas sobre a evidência empírica - fracassam na diferenciação de objetos” (Flick, 2005/1995, p.18).

A capacidade do observador consiste em tornar uma investigação sobre as dinâmicas de relação e interação um percurso analítico, ao longo do qual é possível recolher aspectos recorrentes e práticas funcionais, os quais constituem a estrutura da vida social. O pesquisador, portanto, precisa ser consciente das fronteiras da própria abordagem teórica e dos limites dos recursos, sejam essas intelectuais ou técnicas. O observador, portanto, não pode considerar um sistema fluido e processual, como as realidades sociais e humanas, entre uma relação isomorfa entre causa e efeito. Pelo contrário, aproxima-se com uma lente analítica e, ao mesmo tempo, crítica, a qual permite descrever, mais do que definir, a complexidade dos expedientes psicológico-sociais.

No centro da análise não está mais presente a ilusão do paradigma empírico, mas a sensibilidade reflexiva de decifrar a matriz simbólico-estrutural por meio da qual forma-se uma determinada expressão de significados na vida cultural e social. Todavia, essas práticas, são codificadas, legitimadas e, portanto institucionalizadas por um aparato linguístico, reificado pelas coordenadas lógico-lexicais e pela tessitura semântica de um complexo repertório discursivo. A revisão metodológica desse capítulo foi focada em diferentes perspectivas analíticas as quais, junto aos correspondentes métodos e instrumentos de observação, pretenderam particularizar algumas conexões lógicas na estrutura semiótica de um ou vários falantes.

Retomando Wittgenstein (1922/2012), sendo a linguagem não somente um meta-artefato de comunicação, mas na verdade, uma representação de si, do outro e do contexto, esse torna-se uma janela para o mundo, ou seja, um mapa ontológico através do qual se lê universos de significados. A linguagem, ou melhor, os repertórios discursivos, delineiam campos sociais e habitus culturais e, portanto aquilo que a fenomenologia husserliana identifica como *Zeitgeist* e *Weltanschauung*.

Como amplamente enfatizado neste capítulo, o centro da análise

é, portanto, o discurso, como estrutura sintática, função semântica e compêndio de conhecimentos e crenças, compartilhadas entre os agentes que interagem dentro de um campo social. O habitus simbólico é, portanto, formalizado e rendido concreto através das grades estruturais da linguagem. No próximo capítulo será ilustrado o procedimento metodológico, desenhado *ad hoc* para a própria pesquisa, para estudar, por meio da integração de três abordagens de análise textual a gênese da identidade de gênero considerando a peculiaridade do contexto e as estruturas normativas e culturais.

## 2.2 A ESTRUTURA DO ANDAIME

As metodologias, de um ponto de vista fenomenológico (Husserl, 1936), podem ser consideradas grades analíticas de percepções e conhecimentos, e, devido a isso se tornam um aparato de leitura, feito de engrenagens e mecanismos estruturais.

Se o *corpus* dos dados delinea o fundamento da pesquisa, sobre o qual se edificará a estrutura teórica e analítica, a metodologia torna-se um andaime, portanto, além de um ponto de referência pragmático que denota as diferentes fases no processo de investigação de coerência epistemológica. Esta definição, por um lado redutiva, ajuda a esclarecer a importância de uma correta e precisa conceitualização em termos processuais, sem a qual se corre o risco de perder o objetivo da análise, fortemente ligado à pergunta teórica. O escopo deste projeto é, portanto, o de particularizar alguns aspectos organizativos, que revelam a gênese e a estrutura dos eventos sociais e dos seus reflexos em nível cultural e, em fim, normativo.

O objeto da presente pesquisa é o gênero entendido como processo discursivo. O procedimento metodológico, portanto, deverá ser formulado visando a uma análise do texto que faça emergir uma determinada representação social dentro de um específico contexto de interações.

Para simplificar este tipo de análise, será exposta aqui, em seguida, uma série de fases as quais, longe de ser explicativas do método, pretendem fornecer um sistema móvel de referência.

A primeira fase, chamada exploratória, teve como objetivo a observação do contexto e as específicas dinâmicas nele desenvolvidas: “Uma pesquisa sensível ao contexto, considerará sempre o contexto como situado, específico, inovador respeito às categorias analíticas do pesquisador” (Mantovani, 2008, p. 140)<sup>121</sup>.

Coletou-se material etnográfico por meio de notas de campo, observações participantes e também, quando possível, pelo uso de gravação audiovisual (fotos, vídeos), os quais permitiram traçar uma panorâmica exaustiva da situação, dentro da qual se desenvolveu a investigação. Será desenhado um quadro geral das práticas funcionais, além dos aspectos estruturais do contexto, das suas dinâmicas, das distribuições de poder e dos estilos discursivos caracterizadores de um

---

<sup>121</sup> Versão original em italiano: “Una ricerca sensibile al contesto considererà il contesto come sempre situato, specifico, innovativo rispetto alle categorie analitiche del ricercatore”.

determinado hábito.

Esta documentação constituiu a etnografia de fundo, dentro da qual foram colocados os testemunhos coletados, juntos às grades metodológicas, para poder analisar o *corpus* dos dados. Por meio de uma atenta leitura deste material, foram criados os procedimentos de pesquisa necessários para conhecer a realidade observada. Em seguida foram desenhados instrumentos *ad hoc* para aperfeiçoar as modalidades de conhecimento a respeito dos objetivos do projeto. Estes artefatos ontológicos foram apresentados e devidamente explicados para todos os atores envolvidos na pesquisa, explicitando o foco do estudo. Quando necessário, como no caso específico do presídio onde se realizou parte do projeto, foram enviados pedidos de autorização de acesso ao campo além da autorização para uso de gravador, fornecendo aos participantes informações claras e precisas sobre o tratamento dos dados, o respeito da privacidade, além do objetivo da pesquisa. Quando foram obtidas todas as informações necessárias, as quais em contextos fortemente institucionalizados como o do presídio são bastante demoradas e complexas, começou-se com a coleta dos dados.

O emprego do equipamento para a gravação dos testemunhos resultou indispensável para dispor de um repertório de dados o mais fiel possível à sua produção por parte dos participantes. A utilização de softwares específicos, até mesmo durante o momento da transcrição, ajudou a organizar uma grande parte dos dados, oferecendo ao mesmo tempo a possibilidade de realizar uma análise transversal do conjunto de dados, sem focalizar-se em algumas partes para omitir outras.

Entrevistas, gravações audiovisuais, notas de campo e outros instrumentos contribuíram para contextualizar os dados discursivos necessários para compreender as características e os vínculos do sistema de atividades de interesse. Este material foi organizado em seguida em um *corpus* de dados, que delineou a estrutura dele, por meio da particularização de temas salientes, e justificou a metodologia idônea para analisá-los, respeitando o critério de contingência entre observações e contexto específico.

Para que tais dados pudessem ser utilizados, foi necessária a sua transcrição, a qual comportou a identificação de quais elementos relevantes para a interação seriam utilizados na análise. O ato de transcrever é visto como uma prática linguística e metalinguística, situada em um específico contexto sociocultural. Não é somente uma metodologia de pesquisa sobre o discurso, mas é um importante prática cultural de representação do discurso: “Cada sistema de notação incorpora uma teoria mais ou menos explícita sobre o objeto da

observação e sobre o método no qual este será visto e manipulado” (Mantovani, 2008, p.26)<sup>122</sup>.

A metodologia adaptada para a análise do corpo textual utilizou o sistema de notação atualizado por Gail Jefferson (1995) também se, de acordo com os pressupostos epistemológicos deste instrumento, representa uma norma qualitativa, adaptada para específicos objetivos do pesquisador; quais as sobreposições entre interlocutores ou as inflexões paralinguísticas particularmente significativas. Esse sistema de notação, que fica no apêndice desta defesa, ajuda o pesquisador em particularizar as práticas fluidas no processo de uma conversação no momento mesmo da interação, ou seja, os posicionamento no *hic et nunc*. Portanto, segundo os objetivos específicos e as perguntas da pesquisa, foram formuladas e adotadas variáveis específicas deste código de transcrição fonética e paraverbal, para realçar particulares aspectos da interação. Este sistema prevê, nos próprios códigos, símbolos específicos para manter nas transcrições todos aqueles aspectos da interação, verbal e não verbal; fundamentais para uma análise aprofundada da comunicação. Expressões, pausas, olhares, gestos, variações de entonações, sobreposições; revestem-se de um papel fundamental para a compreensão das trocas de fala e da orientação dos falantes em relação a si mesmos e ao contexto. Estes procedimentos, partem de um “script” da conversação partilhado e aceito dentro um dado contexto, estão destinados à: “formação de sequências culturalmente partilhadas de expressões (preferred and dispreferred pair), na coordenação mútua dos falantes sustentados pelos gestos” (Mantovani, 2008, p.26)<sup>123</sup>.

Considera-se, portanto, a fala no seu conjunto seja informativa, seja performativa, examinando a produção de um discurso além da sua função explicativa. Este se torna de fato um evento, cujo significado e sentido que adquire não podem prescindir do momento e da situação onde foi gerado. As inflexões paraverbais tornam-se práticas executantes no processo de coconstrução dos sistemas comunicativos. Mais que meros maneirismos formais, de fato eles constituem um parâmetro de interação, o qual resulta fundamental durante o processo

---

<sup>122</sup> Versão original em italiano: “Ogni sistema di notazione incorpora una teoria più o meno esplicita sull’oggetto dell’osservazione e sul modo in cui esso verrà visto ed eventualmente manipolato”.

<sup>123</sup> Versão original em italiano: “formazione di sequenze culturalmente condivise di espressioni (preferred and dispreferred pairs), nel coordinamento reciproco dei parlanti sostenuto da gesti”.

de análise, no qual – como ensina Watzlawick (Watzlawick, Beavin, & Jackson, 1967/1971) referindo-se aos silêncios – também a *não comunicação* é comunicação. Os estudiosos das práticas conversacionais estão particularmente interessados em especificar a forma da fala, particularizando aqueles gestos e aquelas alterações fonéticas que denotam a interação de concretiza cotidiana. Não é somente, um elemento de natureza semântica, mas um momento de posicionamento no aqui e agora; um *organismo* ativo que desenvolve-se ao longo de um contínuo relacional em constante remodelação:

“Para observar como as pessoas fazem as coisas precisa-se de uma investigação empírica sobre como as pessoas de fato falam juntas. Tal investigação demonstra que a fala de uma pessoa não corresponde necessariamente a uma fase. (...) Isso significa que os membros não se limitam a algumas noções de gramática, como as frases, quando falam” (Silverman, 1998, p.101-102)<sup>124</sup>.

Uma vez transcrito e organizado, foi possível analisar o material com a integração de três percursos metodológicos, que serão apresentados no próximo capítulo.

Enfim, a última fase foi a da devolução a qual, além de nascer a partir de um esforço ético-formal, representou também um aspecto fundamental do método etnográfico: “A devolução é muito importante e pode ter o objetivo de fortalecer as capacidades de iniciativa (empowerment) ou defender os interesses (advocacy) de grupos sociais desfavorecidos, minoritários ou vítimas de estereótipos” (Mantovani, 2008, p.143).

O conjunto destas quatro fases cardiais do processo de pesquisa – observação, coleta de dados, análise e devolução - corresponderam a procedimentos metodológicos específicos com seus respectivos instrumentos de investigação, que serão apresentados e descritos nos próximos capítulos.

---

<sup>124</sup> Versão original em inglês: “To look at how people ‘do these things’ requires empirical investigation of how people actually talk together. Such investigation shows that one person’s talk does not necessarily correspond to a sentence. (...) This means that members do not limit themselves to grammatical notions like ‘sentences’ when they talk”.



### 2.2.1 Três níveis de interação... Três perspectivas de análise

O foco do processo de conhecimento, ao redor do qual foi articulado este estudo, é focado nos universos de interação, ou seja, naquelas práticas de mediação por meio das quais os atores sociais partilham, edificam e, enfim, reificam, uma representação comum da realidade. Esses sistemas de representações exprimem-se por meio dos processos comunicativos e das práticas de posicionamento entre agentes, contexto e sistemas de significados. A interdependência destas variáveis geram campos sociais e hábitos culturais, a partir dos quais emergem fragmentos de identidades individuais e coletivas.

“A sociedade é uma realidade *sui generis*. (...) As representações, que a exprimem têm, portanto, um conteúdo completamente diferente das representações puramente individuais, e podemos estar seguros, de antemão, que as primeiras acrescentam alguma coisa às segundas. (...) As representações coletivas são o produto de uma imensa cooperação que se estende não apenas no espaço, mas no tempo; para produzi-las, uma multidão de espíritos diversos associaram, misturaram, combinaram suas ideias e seus sentimentos; longas séries de gerações acumularam aí a sua experiência e o seu saber. Uma intelectualidade muito particular, infinitamente mais rica e mais complexa que do indivíduo aí está como que concentrada” (Durkheim 1912/2008, p. 45).

Com o objetivo de construir instrumentos intelectuais e analíticos para o estudo dos processos de interação na vida social, nasceu a necessidade de utilizar um modelo ontológico que pudesse considerar a interação em vários níveis: do micro ao macro. O objetivo da pesquisa, de fato, consiste no estudo sociológico e psicológico social sobre *Fazer Gênero*, ou seja, sobre aquelas ações sociais e *idealtipos* simbólicos que reificam um discurso fortemente inatista e antinômico das identidades de gênero. Estas, como fortemente enfatizado no capítulo anterior, apresentam-se, sobretudo como um discurso, isto é, repertório de significados e de representações partilhadas. Este complexo aparato simbólico-funcional gera-se exatamente nos processos de interação, seja

entre indivíduos, seja em relação às diretrizes contextuais de um determinado campo social.

Portanto, a estrutura metodológica para esta tese foi articulada ao longo de três níveis de análise que abordam:

1. As práticas discursivas (Foucault, 1971/2005) como artefatos simbólicos, (Vygotskij, 1935/1990), inflexões para verbais (Jefferson & Sacks, 1995) e gestos (Goodwin, 2003);
2. O contexto, entendido como *frame* social dentro do qual se consideram as interações no cotidiano (Goffman, 1959/1985);
3. A cultura (Cole, 1995) como superestrutura simbólica e ideologia de poder, dentro da qual geram-se os processos de interação nos espaços situados.

Em sintonia com o modelo teórico, de tipo socioconstrutivista (Berger & Luckmann, 1966/1995; Goffman, 1961/2003, 1963/1993; Mead, 1934/1972), sociodiscursista (Clifford & Marcus, 1986; Fairclough, 2006; Wodak, 2001) e histórico-cultural (Foucault, 1975/1987, 1976/1978; Vygotskij, 1934/1990), o percurso metodológico proposto pretende integrar diferentes perspectivas de análise, as quais apesar de ter diferentes influências teóricas, resultam indispensáveis para compreender e descrever uma realidade psicológica, social e cultural como aquela dos gêneros. Estes últimos, de fato, podem ser considerados universos de valor, modalidades de posicionamento e status sociais, através dos quais se definem *scripts* sociais e *idealtipos* comportamentais.

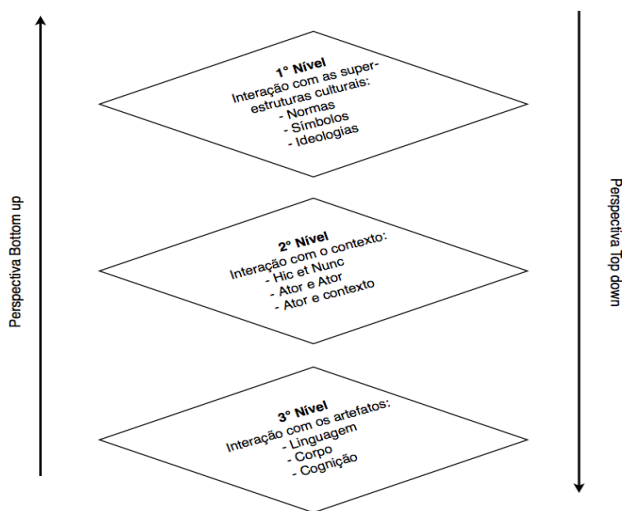
O gênero exprime-se, delinea-se e define-se nos processos de interação com o outro, onde será reificado e, portanto, institucionalizado por meio da linguagem. A língua não representa somente um conjunto de códigos semânticos, mas também um patrimônio pluralístico de significados históricos e culturais, devido a isso a análise deverá levar em conta múltiplas variáveis das quais estão permeados os expedientes textuais. Estas variáveis ou aspectos constitutivos, condensados na fala, estão intrinsecamente ligados ao contexto onde são produzidos, assumindo então conotações de significado muito diferentes dependendo da situação social dentro da qual se cria o ato da interação. A fala, em vez de ser reduzida para um único foco causal, deverá ser estudada no conjunto das suas constantes mudanças, desenvolvimentos e remodelamentos.

Trata-se aqui de um processo de análise interseccional, onde diferentes paradigmas serão aperfeiçoados para desenhar uma forma

ontológica que possa responder à variedade dos eventos sociais. Para poder analisar os processos discursivos e as práticas conversacionais em relação a estes três níveis, deseja-se investigar as modalidades de posicionamento discursivo (forma e conteúdo) a respeito da representação do gênero em transição em contextos de trabalho, familiar e, enfim, penitenciário.

A organização destes sistemas de interação articula-se ao longo de um conjunto de diferentes variáveis contextuais situadas, as quais se distribuem em três níveis complementares (Mantovani, 1996).

Figura 3 – Três níveis de interação



A respeito desta estrutura, que não pretende segmentar a realidade observada, mas oferecer um esquema paradigmático para a análise dos dados; a integração de três níveis metodológicos permite estudar as produções discursivas nas suas dimensões processuais (a geração de significados simbólicos), formal (as performances nas práticas de conversação) como também de conteúdo (explícita e implícita).

O primeiro nível constitui-se a partir do macrocontexto social, o segundo pelas situações de vida cotidiana e o terceiro pela interação com o ambiente, por meio dos artefatos. Este modelo pode ser percorrido de cima para baixo, partindo de um contexto social baseado

em modelos culturais (nível 1) os quais fornecem aos atores sociais as normas para interpretar as situações de vida do dia-a-dia (nível 2) e uma interação local com os artefatos, permitindo circunscrever os objetivos (nível 3); mas também de baixo para cima onde se começa pelo uso dos artefatos (nível 3), como função especial das situações cotidianas (nível 2), enraizando-se no contexto social mais geral (nível 1).

A integração destes três níveis pode ser compreendida por meio dos processos comunicativos e como estes geram uma representação partilhada de si e da realidade social. Tais práticas discursivas (conversacionais e textuais) emergem seja da negociação simbólica (Mead, 1934/1972) em contextos aqui e agora (Goffman, 1959/1985) seja do *frame* histórico e cultural:

“Neste sentido, a primeira pergunta que temos de enfrentar como pesquisadores não é ‘Será que precisamos de uma grande teoria?’, mas sim, ‘Quais as ferramentas conceituais são relevantes para este ou aquele problema e por este ou aquele contexto?’” (Wodak e Weiss 2005, 125)<sup>125</sup>.

A produção textual, portanto, não se desenvolve somente ao longo das diretrizes semânticas como sustentada pelas teorias linguísticas interessadas mais ao conteúdo explícito (Labov & Waletzky, 1967), mas esta é gerada pelo constante posicionamento que manifesta-se seja em nível explicativo-cognitivo (Van Dijk, 1993), seja em nível de práticas conversacionais (Jefferson, 1995; Schegloff, 1991; Ten Have, 1999). O aspecto implícito da comunicação, além das inflexões paraverbais, nasce também dos universos de valor dos sinais normativos. Neste sentido os repertórios discursivos – verbais gestuais e escritos – podem ser compreendidos como processos caleidoscópicos, capazes de gerar expedientes de identidade situados e permeáveis: “A respeito de outras abordagens da CDA, aplicados à análise de diferentes estruturas textuais, a abordagem sócio-histórica considera a linguagem escrita e falada como uma forma de prática social.” (Wodak, 2001, pp.65-66)<sup>126</sup>.

---

<sup>125</sup> Versão original em inglês: “In this sense the first question we have to address as researchers is not ‘Do we need a grand theory?’ but rather, “What conceptual tools are relevant for this or that problem and for this and that context?”

<sup>126</sup> Versão original em inglês: “in accordance to other approaches devoted to CDA, as has already been implied, the discourse historical approach perceives both written and spoken language as a form of social practice”.

A interação, portanto, explica-se seja do ponto de vista do conteúdo, analisável por meio dos repertórios semânticos (Van Dijk, 2006) da linguagem – *Análise do Discurso* (DA) – seja do ponto de vista implícito-formal, entendido como o uso de práticas paraverbais (Jefferson & Sacks, 1995) e gestuais (Goodwin, 2003) – *Análise da Conversa* (CA) –, e também em relação aos horizontes históricos (Wodak & Weiss, 2005) e o *frame* simbólico e ideológico (Fairclough 2006) – *Análise Crítica do Discurso* (CDA).

Nesta tese foram mantidas distintas as três correntes principais da CDA, apesar de serem contíguas a respeito de um modelo metodológico bastante homogêneo, para descrever analiticamente um percurso cultural (Mantovani, 2005) em termos de processualidade e agenciamento individual e coletivo (Wilcherson, 2007). Considerando o discurso como a mais sofisticada atividade por meio da qual é possível não somente aperfeiçoar as práticas de interação, mas também aumentar as nossas perspectivas ontológicas (Wittgenstein, 1953/1967), procede importante estudar seja a estrutura, seja a função e a matriz simbólica dentro da qual se gera a produção de significados linguísticos.

Entende-se, portanto, o discurso como articulado em vários níveis de interação (Mantovani, 1996, 2008): do cognitivo ao cotidiano e do cotidiano até os macros cenários históricos, ideológicos e, portanto, culturais. A interseção entre estes aspectos comunicativos torna o discurso uma ação dotada de sentido (Schütz, 1960/1974) e, então, uma prática social:

“Na teoria esta abordagem é caracterizada por uma ontologia sociorrealista (com particular atenção seja para a abstrata estrutura social seja para os eventos concretos como parte da realidade social), uma visão dialética da relação entre estrutura e agenciamento e da relação entre discurso e outros elementos ou ‘momentos’ de práticas ou eventos sociais (o discurso é diferente de – e não reduzível a – mas não separado de – ‘interioriza’ e ‘é interiorizado’ por – outros elementos sociais)” (Fairclough 2009, pp.1-2)<sup>127</sup>.

---

<sup>127</sup> Versão original em inglês: “Theoretically, this approach is characterized by a realist social ontology (which regards both abstract social structures and concrete social events as parts of social reality), a dialectical view of the relationship between structure and agency, and of the relationship between discourse and other elements or ‘moments’ of social practices and social events

Por meio dessas grades analíticas é possível estudar o posicionamento discursivo-contextual a respeito da construção da identidade transgênero, entendida como processo pluridimensional: do cognitivo ao cotidiano e do cotidiano à cultura.

Em síntese, a integração destes três níveis de análise visa indagar três modalidades organizativas da produção discursiva e dos processos de interação com o outro. A estas modalidades de entender os processos comunicativos podem ser aplicadas três diferentes, mas contíguas perspectivas metodológicas.

### 2.2.1.1 Interação com os meta-artefatos

Este nível de realidade será analisado integrando o estudo do conteúdo textual com algumas categorias de investigação próprias da análise da forma discursiva, onde, além do significado da matriz lexical se dá atenção para o procedimento, isto é, as práticas do ato comunicativo em si. Esta abordagem metodológica, apesar de reservar certo interesse para as atividades sociais situadas nos contextos de vida cotidiana, aproxima a análise do discurso a uma técnica de investigação qualitativa que observa a performatividade, ou seja, a função processual da interação linguística. Este paradigma analítico chama-se *Análise da Conversa* (CA), referindo-se a uma concepção do discurso como modalidade de posicionamento entre si, outro e contexto altamente situado. Autores como Schegloff (1991), Jefferson e Sacks (1995) e Tem Have (1999) propuseram-se a descrever a produção e a organização das sequências discursivas enfatizando a absoluta centralidade do contexto (*text and talk in interaction - texto e fala em interação*).

Todavia, enquanto a análise da conversa está interessada em encontrar os dispositivos internos da fala que permitem o fluir, a coordenação e a compreensão intersubjetiva (por ex.: tomada de turno, pausas, sobreposições); o interesse da análise do discurso focaliza-se, sobretudo, na organização dos significados, na utilização de repertórios linguísticos específicos, nas estratégias retóricas e argumentativas. Deste ponto de vista a análise do discurso não considera a linguagem como mera representação de estruturas cognitivas preexistentes, mas como um poderoso instrumento retórico, utilizado estrategicamente para enfraquecer ou fortalecer uma posição.

A abordagem que emerge desta tradição ontológica é denominada

---

(discourse is different from – not reducible to – but not discrete from – ‘internalizes’ and is ‘internalized’ by – other social elements)”.

como *análise sociocognitiva* das correntes semânticas. Em específico, a chamada escola de Amsterdã (Van Dijk; 1997, 1998) demonstra uma particular atenção para os processos cognitivos ativados na construção e elaboração de um evento discursivo. Consequentemente, enfatiza-se a ligação entre processos cognitivos ativados pela memória em longo prazo (por ex.: esquemas, *scripts*, *frames*) e estratégias retóricas utilizadas na produção de textos/discursos, evidenciando como tal ligação seja de fato funcional para a reprodução da sociedade em termos de estereótipos, preconceitos, orientações ideológicas etc.; portanto, coloca-se no centro da análise o conceito de “intencionalidade”, pelo qual investiga-se a organização cognitiva do discurso e como, por meio dos processos psicológicos, são construídas as lógicas comunicativas dos repertórios linguísticos. Discurso e linguagem então se apresentam como uma constante relação entre variáveis sociais e contextuais, os quais, segundo este ponto de vista, são delineados e interiorizados pelos próprios indivíduos como *scripts* mentais:

“Dever-se-ia considerar que a análise do discurso precisa, ao mesmo tempo, de uma detalhada análise cognitiva e social e, vice-versa, e que somente por meio da integração destas abordagens chega-se à adequação particularmente crítica, descritiva e explicativa no estudo dos problemas sociais” (Van Dijk, 2009, p.66)<sup>128</sup>.

Focalizando as análises nos processos mentais ativados na construção e elaboração de um evento discursivo, consegue-se compreender as respectivas modalidades de significação. Segundo o primeiro nível das interações sociais proposto por Mantovani (1996), este paradigma examina a estrutura da linguagem e a sua execução em nível de posicionamento situado. A linguagem como desempenho comunicativo e processo de significação altamente institucionalizado, pode ser considerada e, devido a isso estudada, como um artefato.

### 2.2.1.2 Interação com o contexto

A análise, neste nível de investigação, é focada na dimensão

---

<sup>128</sup> Versão original em inglês: “We shall see that adequate discourse analysis at the same time requires detailed cognitive and social analysis, and vice versa, and that it is only the integration of these accounts that may reach descriptive, explanatory and especially critical adequacy in the study of social problems”.

situada do (con)texto, entendido como interação no *hic et nunc*. Nesta parte é interessante especificar as modalidades narrativas e as práticas discursivas que emergem durante as produções de significados verbais, evidenciando os gêneros narrativos e as proposições intertextuais (Wodak, 1989, 2001), por meio das quais é possível reconstruir uma representação de si mesmo a respeito do outro e do contexto. A corrente sócio-histórica da CDA (Wodak, 1989) enfatiza o impacto afetivo das interações a respeito das dinâmicas de gênero (West & Zimmerman, 1987) e ao hábito simbólico (Bourdieu, 1990), determinantes uma situação específica enraizada no tempo e no espaço. Estas influências configuram um gênero narrativo próprio, capaz de instituir uma prática discursiva distinta e intertextual.

Esta perspectiva metodológica analisa os eventos discursivos dando atenção, não somente para as variáveis psicológicas que ligam a projeção cognitiva em direção à produção discursiva (por exemplo: perfil de identidade, níveis de envolvimento emotivo etc.), mas também e, sobretudo, as dinâmicas constitutivas dos contextos (diretrizes espaço-temporais, relações de papéis, macrocenários simbólicos, horizontes interpretativos). Wodak concentra as próprias análises nos aspectos afetivos da interação, nas problemáticas de identidade e na construção discursiva do “nós” que forma o grupo.

A identidade de gênero, deste ponto de vista, torna-se uma prática discursiva, ou seja, um *script* narrativo que é exibido no palco da cotidianidade. Esta não se torna somente um momento de interação, mas de concretização pragmática dos processos discursivos. A este nível as interações tornam-se práticas interiorizadas, ou seja, expedientes de posicionamento canalizados nas próprias representações cotidianas. As matrizes cognitivas, as motivações intrínsecas e extrínsecas, o objetivo da comunicação e a influência do tecido social representam esquemas de ação fluidos e mutáveis e os discursos, à vista disso, tornam-se a trama ao longo da qual se articula uma percepção compartilhada dos contextos situados.

A história, o afeto, as desigualdades sociais e as construções culturais geram uma representação social que entrelaça os enunciados em um fio condutor, transversal ao longo das produções textuais produzidas no mesmo contexto espaço-temporal. A interdiscursividade então, torna-se um objeto de estudo no qual porções de (con)texto apresentam-se como sequências de significado que refletem-se em todas as narrações produzidas dentro do mesmo *habitus*. Esta perspectiva coloca-se então dentro de uma concepção talvez mais cognitiva das correntes discursivas na melhor tradição vandijkiana, e ao mesmo tempo



interessa-se dos significados implícitos e da matriz simbólica que permeiam uma produção textual: “A abordagem histórica do discurso remete às teorias cognitivas de Teun Van Dijk (1998) e considera os 'discursos' como formas estruturadas de conhecimento, onde os 'textos' referem-se a expressões orais concretas mais que documentos escritos” (Wodak & Meyer 2009, p.6)<sup>129</sup>.

### 2.2.1.3. Interação com as superestruturas cultural-normativas

Este paradigma criado pelo grupo de pesquisa coordenado por Fairclough (2006, 2009), é diferente da abordagem de Wodak e, sobretudo, do modelo de Van Dijk. Por meio destes olhares analíticos é possível focalizar as próprias investigações sobre a relação entre os atos comunicativos dos atores sociais singulares e as estruturas sociais mais amplas como as classes e as organizações. Em substância, segundo esta orientação científica, a filiação a hábitos sociais específicos influencia fortemente a maneira das pessoas de utilizar sistemas de significação e, conseqüentemente, a atitude sociocultural das relações, das identidades e das crenças é constantemente modelada por estas práticas comunicativas. A partir deste ponto de vista, a especificidade da *CDA* consiste em evidenciar as relações entre eventos comunicativos e estruturas socioculturais (articulação em classes, papéis, instituições).

Nesta perspectiva metodológica, a pergunta da pesquisa é focada nos processos implícitos dos repertórios discursivos, ou seja, as modalidades de posicionamento entre sociedade, cultura e contexto que emergem das interações, a respeito dos universos de significados já nomeados, como os universos simbólicos ou as hierarquias de poder (Li, 2010; Fairclough & Thomas, 2004). Apesar destes aspectos constitutivos da produção discursiva não serem explicitados em nível semântico, estes caracterizam fortemente a matriz ideológica do texto.

Enquanto a abordagem sócio-histórica e, em específico, a cognitiva dão muita atenção para a estrutura sintática, gramatical, morfológica e, portanto semântica do discurso; a perspectiva de Fairclough interessa-se principalmente pela semiótica. Esta, mais do que apresentar-se como um conjunto de aspectos retóricos para construir um evento discursivo, torna-se um repertório de significados alargados e,

---

<sup>129</sup> Versão original em inglês: “The discourse-historical approach relates to the socio-cognitive theory of Teun van Dijk (1998) and views ‘discourse’ as structured forms of knowledge, whereas ‘text’ refers to concrete oral utterance or written documents”.

portando, um compêndio não somente das regras da comunicação e das interações cotidianas, mas também a narração de uma cultura, de uma maneira de existir e, portanto de um habitus cultural. A abordagem de Fairclough talvez represente a mais fielmente um pensamento sociológico pós-moderno que remete ao conceito de poder de Foucault e a aceitação crítica das práticas sociais de Bourdieu.

Devido a isso, o texto não pode ser considerado por si como uma fonte empírica, a qual detém um significado específico expresso por meio das regras institucionalizadas da linguagem, se este não for contextualizado em termos de modelo cultural, ideológico e das diretrizes espaço-temporais. Cada discurso torna-se, portanto uma realidade social e um fenômeno cultural, uma visão de como a própria estrutura da sociedade torna-se um discurso. Cultura e discurso tornam-se então variáveis indissociáveis e a força da fala não pode depender exclusivamente de processos mentais e estruturas cognitivas:

“Definir o discurso como prática social implica uma relação dialética entre um evento discursivo específico e as situações, as instituições e as estruturas sociais que servem como frame: o evento discursivo as determina e é determinado por elas. Isto é, o discurso apresenta-se seja como um estatuto seja como uma condição social – este é constitutivo das situações, das perguntas da pesquisa e das identidades sociais de e entre pessoas e grupos de pessoa. Este é constitutivo seja em termos de suporte e reprodução do status quo social, seja para contribuir à sua formação. A partir do momento em que o discurso é tão consequencial em nível social, este se tornará um importante elemento de poder. As práticas discursivas poderiam ter efeitos ideológicos maiores – ou seja, elas favorecem a produção e reprodução das relações de poder desequilibradas entre (por exemplo) classes sociais, homem e mulher, como entre maiorias ou minorias étnicas/culturais, por meio das modalidades que representam as coisas e a respeito das quais as pessoas posicionam-se” (Fairclough e Wodak 1997, p.258)<sup>130</sup>.

---

<sup>130</sup> Versão original em inglês: “Describing discourse as a social practice implies a dialectical relationship between a particular discursive event and the

Partindo das categorias semânticas do primeiro nível, chega-se a especificar a estrutura simbólica de um discurso em relação a uma contextualização em termos históricos, ideológicos e normativos dentro da qual gera-se determinadas práticas discursivas. A relação entre práticas de interação e universos normativo-culturais será analisada com base na abordagem sociocultural (Fairclough 2006, Fairclough & Thomas 2004). Esta última perspectiva fica atenta a como o *frame* simbólico e as hierarquias de poder influenciam também as interações mais cotidianas e situadas. Cada uma destas correntes oferece um olhar analítico particular que põe em relação diferentes aspectos estruturais, funcionais e de posicionamento, os quais, no seu conjunto, formam um aparato crítico na leitura dos repertórios discursivos, que geram em seguida diferentes representações da realidade individual, social e cultural. Portanto, propõe-se um modelo tridimensional daquele conjunto poliédrico e plural que toma forma por meio dos discursos, para captar a interseccionalidade entre variáveis: identidade pessoal, identidade de gênero, contexto social e as estruturas simbólico-normativas.

O modelo que resulta destas reflexões pode ser delineado dentro de um complexo sistema ontológico, com as correspondentes referências teóricas, as quais cada procedimento metodológico descrito deve responder. Esquemáticamente esta triangulação apresenta-se, como o paradigma dos três níveis de interação de Mantovani (1996), digna de análise na tentativa de fornecer uma visão do conjunto que, a partir da componente psicológico-individual passa para as interações situadas no cotidiano e por fim chega a examinar a influência implícita que sociedade, história e contexto exercem na produção de um evento discursivo.

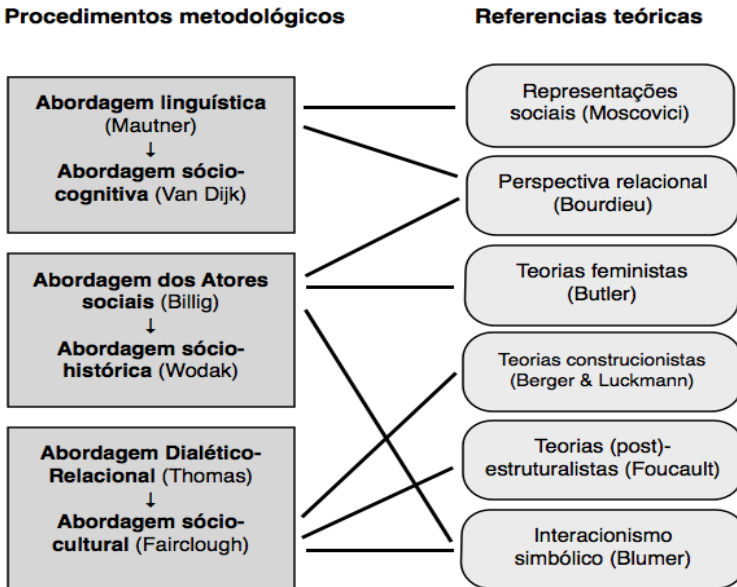
Segue, portanto, uma segunda figura (Figura 5) explicativa da

---

situation(s), institution(s) and social structure(s), which frame it: The discursive event is shaped by them, but it also shapes them. That is, discourse is socially constitutive as well as socially conditioned - it constitute situations, objects of knowledge, and the social identities of and relationships between people and groups of people. It is constitute both in the sense, that it helps to sustain and reproduce the social status quo, and in the sense that it contributes to transforming it. Since discourse is so socially consequential, it gives rise to important issues of power. Discourse practices may have major ideological effects - that is, they can help produce and reproduce unequal power relations between (for instance) social classes, women and men, and ethnic/cultural majorities and minorities through the ways in which they represent things and position people”.

relação intercorrente entre perspectivas epistemológicas e grades metodológicas e os correspondentes desenvolvimentos que, a partir de algumas abordagens básicas da análise textual, chegue a definir o estado atual dos três modelos do Estudo Crítico do Discurso.

Figura 4 – Abordagens da CDA



Observada a forte afinidade entre aspectos epistemológicos e estratégias metodológicas, definidas *ad hoc* para a realidade observada, pode-se então associar a cada nível teórico uma abordagem específica da CDA para conceber um sistema de análise que desenvolve-se paralelamente as diversas perspectivas ontológicas adotadas, as quais vão da Sociologia construtivista à Psicologia social e cultural.

A forte estrutura interdisciplinar que caracteriza uma pesquisa no âmbito das ciências sociais prevê de fato uma atenta releitura dos procedimentos de análise em favor de uma visão geral, engajada mais a integrar do que segmentar os pilares gnosiológicos destas duas macroáreas científicas. A análise das interações em diferentes níveis permite investigar seja a organização funcional da realidade pessoal (componente psicológica), quanto os posicionamentos entre atores, contexto e macrocenários simbólicos, dentro do qual estão enraizados os

processos de coconstrução das identidades individuais e coletivas.

O modelo de Mantovani que traz as próprias raízes epistemológicas das diferentes perspectivas teóricas e metateóricas - de Vygotskij a Lewin e de Habermas a Cole – considera, de fato, os esquemas de comportamento e atitude como processos culturais, ou seja, uma circularidade quase popperiana que vê a cultura, seja como panorama simbólico criado pelo homem, seja como a própria matriz de transformação dos eventos sociais e, por isso, pessoais. O andaime metodológico que resulta a partir destas reflexões, apesar de Mantovani (2005, 2008) recentemente ter-se distanciado dos paradigmas de tipo cognitivo (Van Dijk, 1993) e conversacional (Sachs, 1995), combina os graus de interação entre si, o outro e o contexto com uma aplicação pragmática específica.

Isto é, a interação com os artefatos será objeto de uma análise atenta à estruturação mental e, portanto, cognitiva do discurso, entendida como habilidade estratégica de entrar intencionalmente em relação com o outro, enquanto a interação cotidiana será estudada por meio de uma atenta observação dos posicionamentos entre contextos situados no aqui e agora. Por fim, a interação com as superestruturas culturais poderá ser percebida se analisada na sua função implícita, ou seja, contextualizando o evento discursivo dentro de um modelo simbólico alargado. Os meta-artefatos linguísticos serão analisados por meio de uma perspectiva vandijkiana, as interações nos contextos cotidianos pela abordagem sócio-histórica, e enfim, o impacto das superestruturas culturais do ponto de vista de Fairclough.

Este modelo triangular oferece a possibilidade de realizar uma análise do discurso que quer integrar o estudo das estratégias retóricas e portando dos esquemas mentais com a observação das interações situadas para analisar o tecido simbólico das correntes semânticas. Este modelo pluridimensional resulta indispensável para compreender os gêneros como produto de processos discursivos, os quais definem os axiomas dicotômicos da experiência sexual, não somente em nível de conteúdo implícito como nas línguas anglo-saxões, pois estes axiomas são delineados por esquemas linguísticos precisos (gramaticais e semânticos) nos idiomas neolatinos.

Para delinear melhor a adoção desta triangulação metodológica, retoma-se uma conceitualização de Van Dijk, a qual oferece uma síntese paradigmática daquilo que se entende como abordagem multidimensional para a análise dos repertórios discursivos:

“Dentro do quadro teórico do discurso – o modelo triangulado entre cognição, sociedade e contexto media entre estruturas discursivas e estruturas sociais em todos os níveis de análise. Isso significa que aqui com ‘sociedade’ entende-se uma complexa configuração entre estruturas situadas em nível local (os participantes e as suas identidades, os papéis e a relação intercorrente em interações miradas a um escopo, espacialmente temporalmente e institucionalmente circunscrito) por um lado, e estruturas societárias (organizações, grupos, classes, etc. e as suas propriedades e – por exemplo – relações de poder) do outro lado. Este lado do triângulo inclui também a dimensão cultural e histórica de interação e a estrutura social, na própria veste de variável mutável na própria especificidade histórica. E também deste lado do triângulo podemos colocar as consequências da injustiça discursiva, por exemplo, sob a forma de desigualdade social” (Van Dijk, 2009, p.66)<sup>131</sup>.

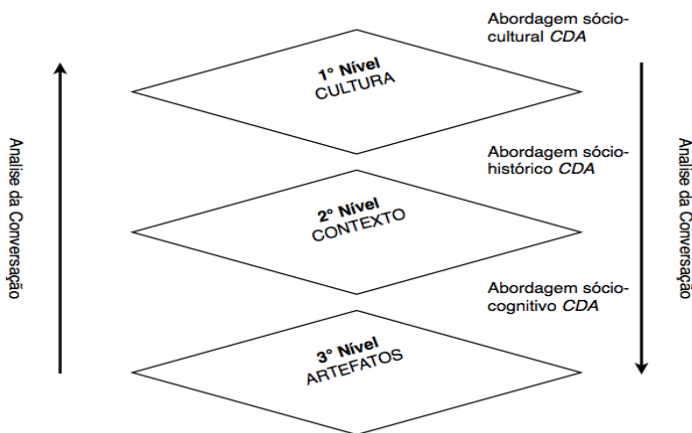
Partindo deste pressuposto podem-se considerar os gêneros sexuais como gêneros discursivos e a disparidade entre estas instâncias psicológicas, sociais e culturais, a representação discursiva de uma desigualdade entre estes polos antinômicos que, por consequência reduzir-se-ia em desigualdade em vários níveis: do micro das interações cotidianas ao macro das superestruturas normativas. Segundo o modelo triangular da sociolinguística ibero-holandês tais disparidades de status e papel seriam consequentemente interiorizadas como modelos mentais,

---

<sup>131</sup> Versão original em inglês: “Within the theoretical framework of the discourse—cognition—society tri- angle, context models mediate between discourse structures and social structures at all levels of analysis. This mean that ‘society’ is understood here as a complex configuration of situational structures at the local level (par- ticipants and their identities, roles and relationships engaging in spatiotem- porally and institutionally situated, goal-direction interaction), on the one hand, and societal structures (organizations, groups, classes, etc. and their properties and — e.g. power — relations), on the other hand. This side of the triangle also includes the cultural and historical dimensions of interaction and social structure, that is, their cultural variation as well as their historical specificity and change. It is also at this side of the triangle that we locate the consequences of discursive injustice, for instante in the form of social inequality”.

ou seja, estratégias cognitivas aptas a gerar uma representação da realidade social reificada por meio das regras da retórica. A *Análise Crítica do Discurso*, ou *Estudos Críticos do Discurso*, como Van Dijk (2009) prefere defini-los, tornam-se uma arqueologia do saber, ou seja, uma ontologia das interações humanas definidas dentro de um momento temporal e espacial específico. O último esquema ilustrativo (ver Figura 4) quer integrar o modelo das interações sociais de Mantovani com os procedimentos metodológicos dos Estudos Críticos do Discurso e as categorias de observação das práticas performativas durante o ato da conversa.

Figura 5 – A CDA associada aos três níveis de interação



Especificamente, seria interessante compreender como, em nível das interações com os meta-artefatos linguísticos podem-se perceber recorrências a respeito da estrutura do discurso ou, melhor, do texto. Este, como definido acima, apresenta-se como um conjunto pragmático e institucionalizado de regras e construções lógicas. Apesar de resultar infinita a possibilidade de gerar processos de significação, estes podem ser decompostos em unidades de sentido linguisticamente delimitadas.

A linguagem articula-se, de fato, com um complexo sistema de regras que veiculam a produção de um discurso. Portanto, o texto deve ser considerado como o resultado de uma “montagem” de microproposições fono/morfológicas que formam repertórios semânticos, pelas regras da gramática: “na base de correspondências

fonológicas, os elementos da estrutura morfossintática de uma protolíngua podem de qualquer forma ser inferidos a partir da correspondência daqueles traços nas línguas irmãs de uma família” (Gola, 2001, p.305)<sup>132</sup>.

Neste sentido, as unidades morfológicas são tijolos que são unidos pelo cimento da sintaxe. Estas conferem um sentido aos enunciados a respeito das regras temporais, espaciais e de ação. A conjugação dos verbos, a declinação dos substantivos e a atribuição de valor dos adjetivos, representam diretrizes de sentido partilhadas, por meio das quais se consegue comunicar a própria intencionalidade aos outros. A linguagem cria, de fato, zonas de significado que são lexicalmente circunscritas (Berger & Luckmann, 1966/1995).

É mesmo com base nesta premissa que pode-se considerar a linguagem como um artefato, segundo a interpretação proposta por Michael Cole (1995) a respeito das reflexões teóricas de Vygotskij (1934/1990).

Em âmbito sociodiscursivo, considera-se a linguagem não somente como um aparato estilístico-formal, mas talvez e, sobretudo, como um repertório discursivo mais amplo, caracterizado por macrocoordenadas culturais, normativas e contextuais (Clifford & Marcus, 1989; Cole, 1995).

Segundo esta definição, a produção idiomática torna-se um processo de interação em vários níveis. A linguagem, entendida como instrumento, representa também um conjunto lógico e finito de elementos constitutivos da comunicação. Este estrutura-se ao longo de componentes estilísticos (fonemas e morfemas) organizados segundo um sistema de regras precisas (sintaxe e gramática).

Considera-se prevalentemente a estrutura microproporcional do texto, que compõe-se de unidades lexicais. Estas unidades elementares de significado apresentam-se como componentes estruturais que transcendem a componente subjetiva do discurso. Estas são como as notas com as quais se podem compor temas melódicos praticamente infinitos através das regras gramaticais.

Estas características próprias dos sistemas idiomáticos das línguas indo-europeias e de todas aquelas línguas que foram institucionalizadas e, portanto reificadas por um código escrito, permitem perceber aspectos

---

<sup>132</sup> Versão original em italiano: “sulla base di corrispondenze fonologiche, gli elementi della struttura morfossintattica di una proto-lingua possono comunque essere inferiti a partire dalla corrispondenza di quei tratti nelle lingue sorelle di una famiglia”.



padronizáveis e portanto generalizáveis (Quine, 1953/1966). Estes fragmentos estruturais do texto resultam transversais em relação a diferentes códigos linguísticos e permitem análises comparadas também entre falantes de diferentes idiomas: “O método comparativo em linguística histórica funda-se em um dogma fundamental: as semelhanças de caráter sistemático entre duas ou mais línguas” (Golla 2001, p.302)<sup>133</sup>.

A respeito da pesquisa em questão, as simetrias microproporcionais entre os vários procedimentos textuais, fazem emergir posições discursivas a respeito de experiências parecidas vividas em contextos afins. Segundo a antropologia da linguagem (Duranti, 2007) e as abordagens críticas interessadas na análise do discurso (Van Dijk, 1993; Wodak, 1989), o texto, como gênero e como processo, reproduz representações partilhadas dentro de uma mesma situação social. Esta é circunscrita por fronteiras simbólicas – normas, ideologias, culturas – mas também físicas – o ambiente, as fronteiras nacionais muitas vezes delineiam fronteiras linguísticas.

O gênero narrativo (Wodak, 2001) torna-se de fato um meio de percepção do *self* e do outro a partir do momento em que certos esquemas de tipificação caracterizam determinadas experiências situadas no espaço e no tempo.

A partir do momento em que as análises visem à emergência de posições discursivas intertextuais, como as interações em diferentes níveis da hierarquia de poder e a gestão cotidiana do contexto, se quer compreender se estes aspectos recorrentes tem repercussão também no nível da organização morfossintática.

É este pressuposto paradigmático que justifica a formulação de um aparato metodológico, ou seja, uma perspectiva de leitura dos fenômenos sociais que entende observar, indagar e descrever a gênese dos repertórios discursivos, ao longo de um contínuo pluridimensional, onde cognição, posicionamento e contexto contribuem em uma inter-relação circular recíproca, para a definição de representações sociais partilhadas e legitimadas dentro de uma dada realidade cultural. A parte cognitiva, a qual segundo alguns autores resulta irrisória para construir um evento discursivo (Butler, 1990/2004; Fairclough, 2006), atua uma função de mediação, ou seja, referindo-se a possibilidade de se posicionar por meio do uso, mais ou menos complexo, da retórica a

---

<sup>133</sup> Versão original em Italiano: “Il metodo comparativo in linguistica storica si è fondato su un dogma fondamentale: le somiglianze di carattere sistematico fra due o più lingue”.

respeito do *self* quanto ao contexto social e material. As capacidades de planificar e estruturar de alguma forma a linguagem e o seu uso, voltado intencionalmente a um objetivo específico (Van Dijk, 2009), define status e papéis particulares nas hierarquias da experiência social.

Dependendo da especificidade dos procedimentos de análise poder-se isolar diferentes fenômenos constituintes a produção textual: as diretrizes normativas do contexto mais amplo, as modalidades de interação situadas e também a própria organização da linguagem em nível sintático e semântico. Serão examinadas as macrocategorias de significado implícito por uma análise do contexto no qual foram produzidos os enunciados e ao mesmo tempo uma análise hierárquica descendente, como também transversal das classes lexicais que compõem uma matriz discursiva.

Sendo o texto, de fato, resultado de um processo cognitivo apto a formular estratégias comunicativas com a intenção de transmitir o próprio sistema de valores ao outro, criam-se áreas de significado específicas de uma representação social partilhada: “O conceito de representação social (...) indica que as representações apresentam um objeto, uma qualidade, um ser.” (Camargo, Campos, Torres, Stuhler & Matao, 2011, p. 182)

Investigam-se as relações que intercorrem entre as microestruturas do texto para reconstruir a matriz ideológica do discurso (van Dijk, 2006). Parte-se do pressuposto que a linguagem seja o artefato e, devido a isso, o instrumento por meio do qual os posicionamentos sociais e culturais entre os atores que coconstroem uma representação social do próprio contexto são mediados. A percepção do *self* nasce da interiorização das representações do outro generalizado (Mead, 1934/1972).

A análise do discurso se torna um estudo interseccional em vários níveis da interação social, onde a produção de um evento narrativo reflete uma estrutura tridimensional dos sistemas comunicativos. Estes últimos, de fato, geram-se também na interação cotidiana, em quanto refletem universos de significados, os quais insinuam-se implicitamente na estrutura semântica e naquela da sintaxe. A análise do texto apresenta-se, portanto, como uma análise do contexto, no qual se dá atenção para os aspectos seja de conteúdo quanto para aspectos formais e simbólicos.

A presente pesquisa reserva uma particular atenção para o estudo seja das práticas reificantes da linguagem (sintaxe, gramática e semântica) seja dos processos de coconstrução de significados dotados de sentido (semiótica e matriz ideológica).

É verdade também, como enfatizado pelos antropólogos da linguagem (Duranti, 2003, 2007) e pelos *exponentes* de uma abordagem crítica da análise do texto, em particular Fairclough (2006), que a gênese dos significados partilhados emerge a partir dos posicionamentos entre atores e contexto em um campo social específico; mas eles dispõem também de uma função pragmática própria na organização dos enunciados e do próprio pensamento dentro de uma estrutura lógica e partilhada de um sistema linguístico institucionalizado. O conceito de intencionalidade cognitiva não pressupõe por si uma ligação isomórfica entre atividade neocorticais e produção de eventos discursivos, mas este se insere em um discurso dialético circular dentro do qual a estrutura é influenciada e influencia o contexto.

As críticas à escola transformacionista estadunidense (Chomsky, 1957/1980; Quein, 1953/1966) por parte da filologia contemporânea (Duranti, 2007), enfatizarão, sobretudo, o conceito de universalidade idiomática, segundo a qual cada sistema linguístico goza de uma organização cognitiva semelhante na estrutura das lógicas comunicativas em si. Segundo esta se define “*o comportamento do falante na base da experiência finita e causal da língua*<sup>134</sup>” (Chomsky, 1957/1980, p. 54). Esta perspectiva ressentida fortemente de uma teoria pensada pela ação humana, descuidando, de alguma forma, de outras possibilidades de entender o *self* e os outros, além do conhecimento hegemônico da ontologia ocidental. De qualquer forma, apesar de universos culturais diferentes gerarem representações diferentes em nível seja estrutural seja funcional, a organização e a articulação de um evento discursivo dependem de um conjunto de processos mentais que dão forma ao momento da interação. As estruturas semânticas de fato a partir das unidades morfológicas e fonêmicas contribuem à construção de uma matriz ideológica, a qual permeia implicitamente os discursos, produzidos em um determinado contexto.

Os instrumentos usados para desenvolver um trabalho de pesquisa, focado na decodificação em diferentes níveis dos enunciados linguísticos, dependem fortemente das teorias de referência. Um mesmo procedimento de análise pode dar luz a resultados diferentes, se aplicado a um mesmo objeto de investigação a partir de diferentes perspectivas teóricas, pois os aspectos epistemológicos de referência canalizam os métodos dentro das diretrizes ontológicas da própria orientação científica.

---

<sup>134</sup> Edição da versão italiana consultada: “il comportamento del parlante sulla base di un’esperienza finita e casuale della lingua”

No caso concreto da presente pesquisa, estes instrumentos para a análise do texto com emprego de programas informáticos serão definidos *ad hoc* para os três universos de interação expostos acima. Ou seja, utilizar-se-á um instrumento puramente qualitativo para a compreensão macro da estrutura discursiva e um programa quali-quantitativo para o estofamento das variáveis semânticas. Por fim, em referência à própria coleta de dados serão apresentadas as modalidades por meio das quais foram observadas as realidades, ou seja, aqueles instrumentos que permitem captar os momentos de interação, destinados ao sucessivo trabalho de análise. Na próxima parte definem-se as técnicas e os procedimentos pelos quais foram monitorados os eventos, que constituem a pergunta teórica da pesquisa.

### **2.2.2 Instrumentos para a coleta dos dados**

Para estudar um fenômeno social, sejam os discursos, as regras da conversação, a observação do contexto ou a análise da norma das estruturas simbólicas, será aconselhável, senão indispensável, recorrer à utilização de procedimentos de investigação por meio de um suporte informático, os quais permitem gerar e codificar uma grande massa de dados. Estes sistemas, os quais não absorvem uma função de análise própria, respondem as peculiaridades metateóricas de organizar o próprio trabalho de pesquisa. Estes resultados, não podem, por definição, apresentar-se como entidades idealmente neutras e a objetividade, como enfatizado no capítulo anterior, se expressa por meio do rigor e da coerência científica, e devido a isso não pode preexistir como axioma universal.

O texto, ou o discurso, como dado empírico não pode transcender a sua utilização pragmática no contexto onde foi produzido. De fato, considera-se o texto como o dado tangível do momento em que a linguagem tenha sido reificada por meio de regras lógicas específicas, legitimadas por uma codificação escrita das singulares, componentes estruturais da língua, que tomam forma por meio da sintaxe e da gramática. Estas regras, apesar da abordagem filológica de Chomsky prevê uma universalidade inata dos repertórios linguísticos (Chomsky, 1957/1980), desenvolver-se-ia mais, como demonstrado pelos antropólogos da linguagem (Duranti, 2003, 2007), nas interações entre agentes que partilham uma mesma situação social ou *habitus* cultural. Portanto, o texto não se apresenta como uma entidade pré-constituída, apta a absorver uma função meramente técnica para afinar a eficiência e complexidades dos sistemas comunicativos. Pelo contrário este reflete

uma representação do *self* e do mundo, a qual pode ser compreendida quando forem consideradas as normas constitutivas da linguagem na própria veste histórica e simbólica.

Neste sentido, a linguagem, institucionalizada pelas regras microestruturais, torna-se um *médium* legitimado e partilhado entre grupos de indivíduos. A sua especificidade, em nível organizativo, pode ser percebida por quem possui um conhecimento das regras e das normas semânticas por meio das quais se compõem as produções textuais, circunscritas de macrocenários contextuais fortemente situados. Decompondo tais regras codificadas chega-se ao conhecimento da linguagem como instrumento e meta-artefato da comunicação e tal ontologia constitui parte, mas não só, da análise textual. Dada então esta reificação institucionalizada da própria estrutura da linguagem, sobretudo em nível escrito, podem-se perceber porções de texto as quais se apresentam como unidades de significado e tais unidades de texto ou, melhor, contexto, poderão ser estudadas por meio de sistemas estandardizados de análise estatística (descritiva e fatorial). A entidade empírica da linguagem se submete a um processo de interação que tornou-se prática de comunicação, e então discurso e texto poderão ser entendidos como artefatos da mediação.

“... no campo das Ciências Humanas, os textos são considerados um material de pesquisa que preserva a qualidade dos fenômenos estudados, pois são produzidos de forma “mais natural” que as respostas aos instrumentos padronizados, como questionários estandardizados ou testes. Mas raramente o dado textual fornece material natural, ou seja, um produto de interações sociais independentes do quadro da pesquisa que os utiliza” (Camargo, 2005, p. 15).

A afirmação de Camargo define brilhantemente o conceito relativista do dado textual e ao mesmo tempo enquadra os métodos de análise dentro de um modelo teórico-metodológico o qual legitima a definição de uma abordagem conceitual, idealizada *ad hoc*, e então situada no aqui e agora, que possa particularizar correspondências as quais apresentam-se como linhas condutoras dentro de um ou mais fenômenos sociais. Este paradigma que trai os próprios aspectos epistemológicos da Sociologia das construções sociais (de Durkheim a Berger & Luckmann) por um lado e da Psicologia Social, interessada na interação cognitivo-contextual (de Moscovici a Jodelet) do outro,

considera o discurso como um processo pluridimensional e as análises deverão, portanto levar em conta o quanto influenciam-se recíproca e implicitamente as diferentes variáveis que veiculam a produção de significados, referentes a representação do indivíduo na própria singularidade, e ao conjunto dos agentes na própria dimensão coletiva.

A triangulação metodológica, apresentada na parte anterior desta tese, permite pesquisar analiticamente as estruturas centrais e explícitas (as classes lexicais, a sintaxe, a gramática) da produção verbal como *inter-ler* criticamente as acepções periféricas da interação social (simbólicas, afetivas e ideológicas) que impregnam implicitamente os universos textuais.

Então, aplicando os três macromodelos da *CDA* aos diversos níveis de interação entre o individual, o social e o contextual, dever-se-á adotar instrumentos específicos seja para a coleta dos dados, seja para a própria análise dos mesmos.

Sendo a seguinte pesquisa centrada no processo, mais do que na estrutura, dos fenômenos indagados, dever-se-á recorrer a alguns metaprocedimentos de observação e coleta do material discursivo, que possam reproduzir, pelo menos em parte, a gênese de repertórios de significados a respeito das pessoas mesmas e do seu contexto sociocultural.

Em primeira instância, a respeito de uma tradição epistemológica que vê na experiência ou na afiliação direta com um fenômeno a modalidade mais eficiente, concreta e imediata para conhecê-lo (Goffman, 1959/1985; Garfinkel, 1967/2000), procede-se com uma observação atenta e pormenorizada do contexto, dentro do qual se deseja realizar as próprias considerações científicas. Esta primeira abordagem da realidade, objeto da presente pesquisa, permite contextualizar um fenômeno social e cultural, delineando pontos de referência extratextuais, que resultam indispensáveis para os fins de uma análise das acepções implícitas dos repertórios discursivos.

O material, que foi coletado per meio de anotações no campo, gravações audiovisuais e informações gerais sobre a situação pesquisada, constituiu o que Zucchermaglio (2004) define como etnografia de fundo. Então, a abordagem etnográfica representa um instrumento criado para circunscrever uma dada realidade, escondendo as observações e as análises sucessivas dentre as diretrizes periféricas do panorama de interações dentro de que se geram e se reproduzem as variáveis, que constituem o objeto de estudo. Contudo, segue a recolha dos repertórios discursivos com o emprego de entrevistas em

profundidade e semi-estruturadas<sup>135</sup> como também diários e relatórios autobiográficos.

O conjunto destes materiais constitui um complexo *corpus* dos dados que permite a sucessiva aplicação de instrumentos para a análise pluridimensional do texto. Entrevistas, anotações de campo, interações assíncronas e material visual, são interligados dentro de uma circularidade metodológica com a finalidade de correlacionar as matrizes estruturais das funções psicológicas com as acepções simbólicas e as propriedades contextuais de um evento no social.

Os resultados provenientes das modalidades singulares da coleta dos dados, com os respectivos procedimentos metodológicos serão objeto da terceira parte desta tese. Então, foi delineada uma perspectiva ontológica, que a partir da descrição formal do contexto, avançou com a análise do conteúdo explícito e enfim com a leitura crítica da interação fluida, permanente e constante que subsiste entre diretrizes simbólicas, artefatos materiais e significados implícitos. Na verdade a integração de três paradigmas metodológicos (cognitivo, social, cultural) correspondeu ao uso de outras tantas técnicas de observação (etnografias, entrevistas, diários) para um estudo triangular dos eventos sociais tomados em consideração (*Análise da Conversa* (CA), *Análise do Conteúdo Textual* (DA), *Análise Crítica do Discurso* (CDA)).

#### 2.2.2.1 Técnicas de observação etnográfica

As abordagens etnográficas, de ampla difusão nas Ciências Sociais (Clifford & Markus, 1989), sociológicas (Goffman, 1959/1985) e antropológicas (Garfinkel, 1967/2000; Malinowsky, 1922/1978), nasceram para responder às necessidades de afiliar-se a um contexto de pesquisa, conhecendo-o na sua complexidade seja social como relacional. De fato, a escola de Chicago vê em alguns de seus *exponentes* principais como Goffman e Malinowsky, os pioneiros de uma modalidade de aproximar-se do próprio objeto de interesse científico, inserindo-se diretamente nos contextos onde se desenvolvem e se geram as dinâmicas do próprio campo de pesquisa.

Então, pela necessidade de superar os rígidos limites de um método dedutivo-indutivo, intenta-se evitar hipotéticas correlações causais entre dois ou mais eventos, típicos de um paradigma

---

<sup>135</sup> As entrevistas semiestruturadas foram utilizadas pelos funcionários do NCP, porque as perguntas precisaram de ser avaliadas pela administração penitenciária da região Toscana.

epistemológico pós-positivístico, que defende uma posição assertiva e idealmente neutral diante do fenômeno observado.

Uma ciência quase física das interações humanas, assim como foi no começo definida pelos fundadores do pensamento sociológico (Comte, 1848/1865; Durkheim, 1898/1978), resultava muitas vezes reducionista e pouco adaptável aos rápidas e imprevisíveis macromudanças da era contemporânea, como os processos de secularização, as mobilidades entre sociedades e culturas geográfica e ideologicamente distantes e o aumento das infraestruturas de deslocamento e de comunicação.

Contrapondo a esta visão reducionista, tem-se um mundo fluido em que tudo é interligado e interliga-se para dar forma a novos universos de significados e sistemas simbólicos *ex-novo*. Estes macrocenários históricos possuem uma estrutura pouco estável e os velhos axiomas, quase fatuais, de uma cultura aparentemente monolítica e fortemente reificada parecem balançar, onde os respectivos sistemas de valor ressentem do efeito de influências simbólicas e inflexões plurais e caleidoscópicas.

Sendo a temática da presente pesquisa centrada nos processos de construção de uma identidade de gênero, que ultrapassa a hegemônica concepção dicotômica dos sexos, está-se diante de um fenômeno que quebra a coerência de sistemas de significados considerados inatacáveis e então, absolutos. O conceito mesmo de gênero “mulher” como também do “homem” resente de uma representação social menos unívoca respeito às das sociedades tradicionalmente patriarcais sobre as quais disserta Bourdieu:

“A que consistirá em tratar a análise etnográfica das estruturas objetivas e das formas cognitivas de uma sociedade histórica específica, ao mesmo tempo exótica e íntima, estranha e familiar, a dos berberes da Cabília, como instrumento de um trabalho de socioanálise do inconsciente androcêntrico capaz de operar objetivação das categorias deste inconsciente” (Bourdieu, 1998/2010, p. 13).

O método etnográfico para este trabalho de pesquisa específico é apto a circunscrever o campo fenomênico que constitui a pergunta de pesquisa. Portanto, esta abordagem puramente qualitativa não representa o método de análise principal para a pesquisa das realidades observadas. Ao invés oferece uma referência contextual, ou seja, um procedimento de análise preliminar para favorecer, por um lado o acesso ao campo, e



por outro uma possibilidade de sensibilizar com o objeto de estudo, com o fim de garantir um confronto constante entre conceitualização teórica e monitoração direto do processo no *hic et nunc*.

“Esta fase feita por meio de instrumentos observados de tipo etnográficos (entre os quais a observação participante e as entrevistas do informador) é finalizada, para além de familiarizar com o contexto da pesquisa, de conhecer tempos e organização cotidiana das atividades e de identificar as práticas comunicativas, formais e informais, para poder realizar a análise mais aprofundada” (Zuccheromaglio, 2003, p. 60)<sup>136</sup>.

O material coletado por meio de modalidades como: anotações de campo, gravações audiovisuais e coleta de vários documentos (mapas do ambiente, atos normativos, testemunhos não estruturados, transcrições sem o uso de instrumentos de gravação), fornecem um quadro de leitura geral, capaz de delinear as diretrizes simbólicas, normativas e, por isso, contextuais, dentro do qual será desenvolvido o trabalho e se fará continuamente referência durante o todo o processo de análise.

Esta primeira fase da coleta de dados constituirá o que Zuccheromaglio (2003) define como etnografia de fundo, ou seja, a parte da pesquisa em que o observador familiariza com a realidade do objeto de seu estudo e como do contexto, dentro do qual ele esta inserido.

“É esta uma fase particularmente delicada porque tenta definir a unidade de análise da pesquisa: isto é, os contextos interativos e comunicativos, entre os tantos que caracterizaram as atividades do sistema objeto de pesquisa. É uma fase de observação 'livre', necessária para identificar os contextos mais produtivos para uma análise etnográfica: o pesquisador (...) deve chegar a produzir um esquema geral que compreenda diversas tipologias de participação e

---

<sup>136</sup> Versão original em italiano: “Questa fase effettuata mediante strumenti osservativi di tipo etnografici (tra i quali l’osservazione partecipante e le interviste dell’informatore) é finalizzata, oltre che a familiarizzare con il contesto della ricerca, a conoscere tempi e organizzazione quotidiana delle attività e ad identificare le pratiche comunicative, formali ed informali, da sottoporre ad analisi più approfondita”.

interação” (Zucchermaglio, 2003, p. 60)<sup>137</sup>.

Para a operacionalização da presente pesquisa, interessada nos posicionamentos em diferentes contextos, escolheu-se este instrumento com o fim de monitorar como se articulam as interações e as representações sociais e individuais em duas situações culturais e institucionais, para compreender como os gêneros, assim como as culturas, são processos *in fieri*, que se plasmam ao longo das diretrizes de específicos cenários situados.

Os dois contextos tomados em consideração referem-se a duas realidades sociais, consideradas como opostas, ou seja, fortemente diversificadas em nível da organização normativa, e também no que diz a respeito das acepções simbólicas com que estes são conotados: um contexto religioso-popular: *a procissão das femminielli napolitanos para o santuário de Montevirgine (Avellino)* e um contexto com alto grau de funcionamento normativo: *o Novo Complexo Penitenciário de Florença-Sollicciano*.

As diferentes modalidades por meio das quais as pessoas encaram um percurso de transição entre os gêneros geram posicionamentos diversos seja entre eles, seja a respeito das representações sociais hegemônicas de um contexto específico. Conforme os vínculos dos contextos, reificados por meio de práticas discursivas particulares, muda o próprio modo de *fazer gênero* e, portanto, de posicionar-se como gênero. Sendo o primeiro contexto caracterizado por uma legitimação, temporal e espacialmente circunscrita, que se torna um aspecto integrante da vida cultural e do tecido histórico de um lugar, resulta mais convalidado e, portanto, mais receptivos no que diz respeito aos sistemas de significados generizados, muito longe de uma perspectiva dual do binômio sexo-gênero.

O outro contexto é, por sua vez, fortemente vinculado por regulamentações normativas e coercitivas, restritivas e peremptórias, idealizadas com o fim de relegar uma identidade sancionada como desviante e nociva para o bem-estar da sociedade, dentro de esquemas

---

<sup>137</sup> Versão original em italiano: “È questa una fase particolarmente delicata in quanto punta a definire l’unità di analisi della ricerca: cioè i contesti interattivi e comunicativi, tra i tanti che caratterizzeranno le attività del sistema oggetto di indagine. È una fase di osservazione “libera”, necessaria per identificare i contesti più produttivi per un’analisi etnografica: il ricercatore (...) deve arrivare a produrre uno schema generale che comprende diverse tipologie di partecipazione ed interazione”.

tipificadores reducionistas.

Sendo a população das detidas transgêneras reclusa em uma sessão particular, esta situação favorece uma margem de agenciamento de ação e de representação mais restrita e atrofiada para responder às práticas organizadoras daqueles ambientes particulares.

As descrições mais detalhadas das observações etnográficas serão apresentadas no primeiro capítulo da próxima parte, que na apresentação dos resultados inicia exatamente com as definições contextuais das situações observadas.

### 2.2.2.2 As entrevistas

Se as observações no campo constituem o *ouverture* de “uma pesquisa preliminar” apta a contextualizar e, ao mesmo tempo, enquadrar o campo de estudo, as entrevistas representam o *corpus* dos dados centrais, isto é, o centro analítico da presente pesquisa. Essas, como reafirmado por Camargo (2005, 2011) e por Zucchermaglio (2003, 2004), reproduzem autenticamente um momento de interação no aqui e agora, ou seja, uma modalidade de posicionar-se entre o *self*, o outro e o contexto, que, todavia veiculada pelas diferenças de papel e de status que inevitavelmente se insinuam entre o entrevistador e o entrevistado, reflete um evento de negociação de significados simbólicos, mediados entre agentes e contexto.

A entrevista, então, como técnica de observação e instrumento de coleta dos dados consegue colher um conjunto de interações e de modalidades de posicionamento, por meio dos quais será possível reconstruir a matriz simbólica e os sistemas de significados, que veiculam os processos de construção da identidade.

O instrumento, para as acepções epistemológicas da presente tese, interessada em compreender e descrever um campo social em vez de que explicar hipotéticas correlações lineares, que constituiriam as causas de um ou mais eventos, convida o interlocutor a expor-se diante da percepção do *self* e do mundo, fazendo emergir desta forma parte de seu sistema de crenças. A abordagem socioconstrucionista e, portanto, as perspectivas científicas centradas nos gêneros discursivos, desloca o próprio foco de observação, com os respectivos quadros de análise, para uma concepção plural e fluida dos processos de coconstrução de representações das realidades psicológicas e sociais partilhadas.

Então, para garantir que as modalidades de coleta dos dados possam refletir a forte interdisciplinaridade da presente pesquisa entre variáveis psicológicas e sociológico-culturais, foi necessário elaborar

um procedimento que captasse as interações tanto interpessoais como também macrossociais. Ou seja, as entrevistas como instrumento de coleta dados são

“baseadas na relação direta entre entrevistado e entrevistador. A entrevista no âmbito sociológico, neste sentido, deve ser lida como uma situação social em que se realiza um evento comunicativo com finalidades cognitivas; estes dois aspectos (comunicativo e cognitivo) são estritamente ligados e distinguíveis somente com fins analíticos” (Tusini, 2006, p. 26)<sup>138</sup>.

A finalidade analítica de um estudo a respeito dos processos discursivos, por meio dos quais se definem e são definidas as identidades de gênero, é de compreender como as estruturas lógicas (cognitivas e retóricas) se tornam mundos de interação situados e universos de significado, os quais geram representações partilhadas de realidades simbólicas reificadas e institucionalizadas.

As atitudes, as opiniões, as simbologias, os gêneros, as diferenças étnicas, tornam-se parâmetros de ação por meio dos quais se definem as realidades sociais. Estas últimas, tornadas plásticas por meio das definições linguisticamente circunscritas, apresentam-se como discursos sobre o mundo.

“Enunciado é um som composto, significativo, do qual certas partes têm, por si mesmas, algum significado. Porque nem todo enunciado se compõe de verbos e nomes – um exemplo é a definição de homem –, sendo admissível que haja enunciado sem verbos; alguma parte com significado, porém, ele sempre há de ter. Em « Clêon caminha », um exemplo é « Clêon ». E há duas maneiras de um enunciado possuir unidade: ou por significar uma só coisa, ou por conexão de várias. Por exemplo, a Iliada é um enunciado uno por conexão, ao passo que a definição de homem, por significar uma só coisa” (Aristóteles, 330

---

<sup>138</sup> Versão original em italiano: “basate sulla relazione diretta tra intervistato e intervistatore. L’intervista in ambito sociologico, in questo senso, deve essere letta come una situazione sociale in cui si realizza un evento comunicativo con finalità cognitive; questi due aspetti (comunicativo e cognitivo) sono inestricabilmente legati e distinguibili solo a scopi analitici”.

a.C./2006, 1457a [57a23], p. 78).

Esta prática de interação, mais do que constituir uma função puramente comunicativa, torna-se uma ontologia que caracteriza um *habitus* cultural.

A entrevista, como técnica e como instrumento, torna-se uma reprodução reduzida de um processo de negociação de significados, isto é, um palco aristotélico onde os posicionamentos do macro são reduzidos no momento de entrar em relação com o outro delimitado no espaço, no tempo e na (inter)ação mesma. Por isso, o discurso torna-se uma gênese narrativa, onde se entrecruzam, em nível expositivo, uma pluralidade de experiências, momentos de vida e relações sociais, interiorizadas com o fim de constituir um *integrum*, isto é uma posição coerente no perceber a si mesmo em relação com o mundo.

Portanto, a unidade discursiva que emerge da entrevista, entendida como momento de interação entre dois ou mais atores, representa mais um repertório do que acontece na interação, ao invés de fornecer uma sequência enciclopédica de eventos particulares ou momentos de vida. O discurso, na sua complexidade, é, então, uma ação dotada de sentido, por meio da qual contar, modificar ou reconstruir eventos a respeito de si mesmo e do mundo.

“Um enredo é uno não porque, como pensam alguns, concentra-se em torno de um único indivíduo, pois uma quantidade inumerável de fatos se passa com uma única pessoa, de alguns dos quais não se depreende unidade alguma. Da mesma forma, são muitas, também, as ações de uma pessoa, das quais nenhuma ação una se constitui” (Aristóteles, 2006/330 a.C., 1451a [51a6], pp. 41-42).

Esta citação, tomada do célebre tratado *A poética* encerra em sua definição quase hermética o que se entende como conto, ou seja, o que no âmbito deste estudo é um discurso produzido não de uma única pessoa, entendida como uma singularidade idealmente individual, mas por meio de uma interação constante que uma pessoa tem com os atores e os eventos que fazem parte de sua vida. Pensamento e linguagem não se desenvolvem em nível puramente psicológico, mas esses tomam forma nas ações que intercorrem durante a vida cotidiana entre agentes sociais, situações e modelos culturais.

## **Estrutura e modalidade de condução das entrevistas**

Aqui serão expostas as tipologias, junto com os respectivos focos temáticos e a organização formal das entrevistas empregadas durante a fase da recolha dos dados. Sendo o objetivo da pesquisa indagar os processos discursivos, por meio dos quais uma pessoa transgênera afirma a própria identidade de gênero, esta parte do *corpus* dos dados será constituída pela áudio-gravação de entrevistas, realizadas com pessoas durante o próprio processo de transição de gênero em contextos fortemente institucionalizados, como as estruturas penitenciárias e em outros contextos, em que a margem de agenciamento resulte mais elevada. Portanto, o levantamento do material discursivo durante esta fase da pesquisa foi desenvolvido por meio de duas modalidades de condução da entrevista:

- a. Entrevistas livres;
- b. Entrevistas semiestruturadas.

a. A primeira modalidade de colocar a entrevista em um momento de interação dialógica consiste em um percurso escassamente estruturado, em que o entrevistador convida seu interlocutor a contar-se livremente. Este método oferece a vantagem de reproduzir uma troca de ideias, opiniões e atitudes, como acontece durante as assim chamadas interações cotidianas. Então, consegue-se realizar reflexões analíticas, que investigam a processualidade dos eventos discursivos e como estes são gerados e geram, por sua vez, uma percepção partilhada das realidades sociais e culturais entre dois ou mais agentes. Este tipo de entrevista permite estudar, para além da ordem expressamente formal e de conteúdo, a matriz implícita (simbólica e contextual) ao longo da qual se articula um modelo discursivo. É esta modalidade de direção da entrevista, pela qual se procura pesquisar o posicionamento diante de uma representação da própria identidade de gênero, que transfere a hegemônica concepção dual dos sexos.

a. O segundo método de observação propõe, ao contrário, uma versão mais controlada da entrevista, e por essa razão mais centrada em determinados núcleos temáticos. Ou seja, conduz-se o interlocutor ao longo de um rastro temático orientado para dimensões – relacional, de gênero, cultural específicas. Este processo de recolha de dados oferece a

vantagem de extrair informações, sobretudo de conteúdo e por este motivo resulta particularmente indicado para os testemunhos privilegiados, ou seja, para aquele grupo particular de entrevistados, que, narrando a realidade objeto da presente pesquisa, dispõem de uma visão mediada por uma dada competência profissional e/ou formativa. No caso específico da presente pesquisa, estas pessoas fazem parte dos *funcionários* que opera no presídio de Florença-Sollicciano, de fato é um contexto de forte funcionamento normativo, que prevê a presença e a intervenção constante de profissionais, instruídos para poder orientar as, muitas vezes difíceis, interações nas seções penitenciárias (polícia, operadores psicopedagógicos, direção).

Entrevistas livres com transgêneras/os em contextos de alta margem de agenciamento:

Os testemunhos deixados pelas pessoas que enfrentaram um percurso de transição e/ou mudança de gênero nas duas principais realidades contextuais – trabalho e família – tomadas em consideração por estes níveis de análise serão estudados a respeito do grau de posicionamento dentro de um contexto, o qual pode-se aceitar ou rejeitar um representação de gênero que não responde a uma lógica binária. Os tópicos considerados visam construir uma ontologia do seu sistema de significados e as modalidades de interagir com a hegemonia heteronormativa. Por isso, as perguntas foram centradas nos seguintes pontos:

- A relação entre identidade de gênero e percepção de corpo e sexualidade diante de si mesmos e dos outros.
- A representação da identidade de gênero nos confrontos com os atores sociais significativos (pais, eventuais filhos/as, amigos/as, parentes, etc.) e com os agentes que fazem parte de uma rede mais periférica (colegas, colegas de escola, etc.).
- A função reificante da linguagem na construção de uma identidade de gênero, delineada por fronteiras idiomáticas fortemente generizados, como nas línguas neolatinas.

Entrevistas livres com as detidas transgêneras:

As entrevistas que concernem diretamente as transgêneras

reclusas no NCP são principalmente destinadas a especificar aspectos que concernem seu *modus vivendi* e por isso serão desenvolvidas de forma dialógica. Suas características semiestruturadas permitirá focalizar a interação em áreas de interesse específicas, a saber:

- A relação entre identidade de gênero e contexto cultural de origem;
- A representação da identidade de gênero no que diz respeito ao contexto (simbólico e material);
- A margem de agenciamento referente às possibilidades de afirmar outra identidade diante da dicotomia dos gêneros.

Entrevistas semiestruturadas com os funcionários:

As entrevistas realizadas com o pessoal que trabalha em estreito contato com as detidas transgêneras fornecerão testemunhos privilegiados, ou seja, informações por parte de quem desenvolveu uma competência profissional relacionada a esta realidade particular. As temáticas aqui priorizadas concernem à organização, a localização dos espaços e as práticas de interação com as detidas transgêneras. As dimensões que se propõe aprofundar, durante os diálogos com o pessoal penitenciário, articulam-se ao longo de três áreas conceituais:

- As modalidades de interação com a detida transgênera (uso na linguagem do feminino ao invés do masculino);
- Localização dos espaços e das atividades (se previstas) em comum com o resto dos encarcerados (áreas externas, biblioteca, etc.);
- Problemáticas que podem se apresentar no que se refere a sua modalidade particular de viver a própria identidade (trans)gênera.

Estrutura das entrevistas:

Sendo as entrevistas de tipo livres e semiestruturadas, não é previsto um esquema prefixado de perguntas. A trajetória, sintetizada aqui brevemente, faz menção aos pontos chave em torno do qual se desenvolvem as perguntas no momento mesmo da interação. A escolha dos instrumentos qualitativos propostos para esta pesquisa surge da necessidade de contemplar a complexidade dos processos, ao invés da etiologia de correlações lineares.

De fato, a respeito das modalidades de viver a própria experiência



de transição, as perguntas, ao invés de que se organizarem como um elenco de questões definidas *a priori*, apresentam-se como áreas temáticas de interesse, no caso em que o desenvolvimento da entrevista o permita. É o caso da entrevista livre, que, além de ser focalizada em alguns temas salientes, reserva uma grande atenção aos posicionamentos e às preferências do interlocutor em expor-se a respeito dos aspectos que ele/ela mesmo/a considera coincidir com as experiências mais propensas ao que seria sua própria representação do *self*.

### 2.2.2.3 Os diários

O último instrumento de coleta de dados, enfim, é constituído por material escrito, ou seja, os relatórios autobiográficos de pessoas que preferiram não ser entrevistadas. Este material, entrando perfeitamente no quadro conceitual da *CDA*, que considera seja os discursos orais, seja os escritos, como práticas sociais (Fairclough & Wodak, 1989; Wodak, 2001), fornece inspirações analíticas muito peculiares. Esta forma comunicativa, para além de ser reificada pela reflexividade de uma linguagem escrita e então, não imediata, oferece a possibilidade de indagar sobre a estrutura discursiva de um texto, em que foi o autor mesmo que construiu com sua maneira mais autêntica e pessoal de narrar-se na gênese do próprio processo de transição, processo este de toda uma existência. Por isso, tornam-se particularmente evidentes e nítidas as articulações discursivas e emergem claramente como linguagem e semântica, e isolam as identidades de gênero, dentro de diretrizes lexicais da própria estrutura lógico-gramatical.

O texto escrito exerce uma função completamente explicativa e, portanto, o que interessa é, sobretudo, o conteúdo semântico e como este foi organizado em nível morfossintático. No diário delinea-se um percurso cronológico em que o autor conta seu *Dasein* a partir de uma perspectiva quase antológica, percorrendo as etapas da própria vida e os percursos de transição empreendidos, como marco miliário no processo de construção da própria identidade.

Por isso, o discurso do diário torna-se uma narração histórica, onde o passado se torna uma chave de leitura por meio da qual se justificam *a posteriori* certas decisões e escolhas de vida. Esta releitura de um passado, onde se reencontra as origens do próprio *self* atual, poderia ser comparada a um relatório biográfico, no qual se selecionam e se ligam fatos e episódios que se tornam os pontos-chaves em torno dos quais se articula uma representação linear e coerente do *self*. Tal gênero narrativo torna-se um conto épico, onde os cenários da própria

vida passada constituem a plateia em frente do palco do próprio *Dasein* no *hic et nunc*.

Esta maneira de narrar-se se torna a gênese reificada não só do próprio construto de identidade, mas uma representação do *self* que inevitavelmente sente o efeito das diretrizes do contexto. Este último, é continuamente presente nos discursos, sobretudo em nível implícito, e plasma as percepções do *self*, dos outros e do mundo dentro com seus respectivos vínculos normativos e simbólicos. Muitas vezes, os contos dos veteranos, as histórias sobre a vida escolar, as trágicas narrações dos encarcerados, assim como os atormentados relatórios dos chamados toxicodependentes: “O gênero narrativo é para mim familiar, como as hagiografias dos santos ou os contos dos toxicômanos sobre o padre ausente” (Salvini, 1999, pp. 266-267)<sup>139</sup>.

E é este mesmo fio-condutor que liga os discursos produzidos por atores sociais, que compartilham um mesmo contexto cultural e situação social. Esta característica, que pode ser considerada tanto em nível lexical como semântico, apresenta uma recorrência discursiva que se insinua de forma transversal entre os testemunhos coletados por esta tese. Estas proposições de significado, que atravessam os eventos discursivos, entrecruzam-se em uma trama retórica, que se torna o meio intertextual da tessitura linguística.

Os meios de comunicação escrita e em particular os documentos e as letras, foram muitas vezes objeto de pesquisa nas disciplinas sociais. Basta lembrar a célebre pesquisa sobre as interações por meio de letras dos “camponeses polacos” migrados para os Estados Unidos, com a própria família de origem (Thomas & Znaniecki, 1918-20). A análise das várias comunicações escritas permite particularizar os processos, que estão na base da interação cotidiana e em particular as práticas por meio das quais se definem as situações. Se as entrevistas podem ser consideradas unidades da interação no social, os diários, assim como as cartas, representam as portas da intimidade. Do diálogo interior e das relações que se instauram com o outro significativo, surgem as temáticas centrais focalizadas no complexo trabalho de Thomas e Znaniecki.

“O material em que se baseia o livro, é constituído prevalentemente por histórias de vida, cartas, autobiografias, diários e outras documentações pessoais, todos relatados de maneira minuciosa e detalhada. A

---

<sup>139</sup> Versão original em italiano: “Il genere narrativo mi è familiare, come le agiografie dei santi o i racconti dei tossicomani su un padre assente”.

perspectiva 'teórica' que implica a obra, pode ser vista como uma tentativa de superar seja a perspectiva psicologista seja a 'objetivista' em considerar os fenômenos sociais” (Settembrini 1996, p. 250)<sup>140</sup>.

Contudo, o diário, para além de constituir uma fonte de análise, torna-se um construto metodológico apto para compreender as práticas e o processo de um evento discursivo na sua íntima complexidade. Não é somente um momento de interação no *hic et nunc* mas uma narração de si mesmo, reflexiva e individual, que contém entre suas linhas uma minuciosa reconstrução de fatos, eventos, emoções e momentos de vida. Tais documentos constituem um importante ponto de referência metodológica, que é de interesse seja para o estudo das práticas sociais, seja para a compreensão dos fenômenos psicológicos.

Vista a estreita afinidade entre construtos sociológicos e psicológicos sociais, com o fim de realizar uma pesquisa no âmbito das ciências sociais, o diário consegue particularizar seja o processo dos eventos culturais, seja sua concretude em nível da organização pessoal.

“Nesta tentativa, esses elaboraram um esquema conceitual conforme o qual somente da interação entre atitudes individuais e valores culturais objetivos é possível explicar de maneira que convence a conduta humana” (ibidem, p. 250)<sup>141</sup>.

### 2.2.3 Instrumentos para a análise dos dados

O material coletado consiste principalmente em transcrições (conteúdo e forma) de entrevistas áudio-gravadas e três diários escritos pelos mesmos transgêneros. A abordagem sociocognitiva e em particular o grupo de pesquisa conduzido por Van Dijk interessou-se,

---

<sup>140</sup> Versão original em italiano: “Il materiale su cui si basa il libro è costituito prevalentemente da storie di vita, lettere, autobiografie, diari e altre documentazioni personali, tutti riportati in maniera minuziosa e particolareggiata. L’impostazione ‘teorica’ che sottende l’opera può essere vista come un tentativo di superare sia l’impostazione psicologista che quella ‘oggettivista’ nel considerare i fenomeni sociali”.

<sup>141</sup> Versão original em italiano: In questo tentativo, essi hanno elaborato uno schema concettuale secondo il quale soltanto dall’interazione tra atteggiamenti individuali e valori culturali oggettivi è possibile spiegare in maniera convincente la condotta umana.

por muito tempo, em aplicar métodos estandardizados à análise da imprensa e das entrevistas. A este respeito foram estudadas principalmente as modalidades expressivas em referência à formulação de estereótipos e preconceitos, que muitas vezes impregnam em nível implícito a gíria jornalística. Para analisar as estruturas retóricas que caracterizam os modelos discursivos, adotou-se *softwares* específicos para a análise textual. Estes programas podem ser subdivididos em duas categorias principais:

1.) Programas para a análise das macroproposições textuais (semântica): Estes *softwares* ajudam a organizar segmentos de textos, conforme as categorias de significado definidas a priori. Tais categorias são de caráter qualitativo e referem-se a porções de conteúdo semântico relativos a focos conceituais específicos do trabalho de análise. Eles servem principalmente para organizar uma grande quantidade de dados textuais, mas não cumprem funções de análises próprias. Programas como Nvivo ou Transana são usados no âmbito da etnometodologia e das pesquisas socioantropológicas para descrever as complexidades, sobretudo implícitas da produção textual. Estas modalidades de pesquisa estão interessadas na função processual do discurso. No âmbito da presente pesquisa foi usado o programa Transana para um duplo objetivo: a) por um lado este software permitiu documentar, ou seja, transcrever, o material textual no seu aspecto do conteúdo, e no seu aspecto formal (gestos, inflexões para-verbais); b) por outro lado, oferece-se como um instrumento para a transcrição audiovisual com o fim de construir categorias analíticas ou áreas temáticas a respeito das partes de texto, que o programa reconhece pelas próprias afinidades semânticas.

2.) Programas para a análise das microproposições textuais (sintaxe): Estes *softwares*, mais que organizar o *corpus* em categorias de significado, exercem a função própria de análise dos dados textuais; eles permitem verificar associações estatisticamente significativas sobre as estruturas lógicas da linguagem. Pesquisam-se as unidades morfosintáticas do texto e as relações que intercorrem entre segmentos lexicais. O quadro teórico, que sustenta uma abordagem quantitativa para a análise da estrutura discursiva, traz nos seus próprios aspectos epistemológicos paradigmas de tipo cognitivistas. Por meio dos processos cognitivos que se constroem esquemas de planificação e de ação, que no caso das funções linguísticas produzem as estratégias retóricas necessárias para poder comunicar as representações diante de

si e do mundo, dos outros atores sociais. Estas representações são organizadas em nível cognitivo pelos processos de categorização semântica, que geram repertórios narrativos (Fivush & Neisser, 1994). Estes repertórios podem ser estudados seja em referência às normas culturais (método qualitativo), seja a respeito da sua função explicativa, ou seja, analisando as correspondências lexicais (método quantitativo). Estes *softwares* permitem de subdividir o *corpus* discursivo em unidades de (con)texto elementares, que correspondem a áreas de análise específicas, constituídas, na maioria dos casos, por porções de texto (segmentos semânticos). Esta correspondência permite de submeter o tecido textual a processos de pesquisa standardizados, como estatísticas descritivas e análise de fatores (Camargo, 2005). Portanto, vista a complexidade do amplo corpus que constitui projetos dados desta tese, foi adotado o programa ALCESTE para pesquisar sobre as correspondências entre classes linguísticas intertextuais relativas a experiências similares, vividas em contextos temporais, simbólicos e espaciais muito afins.

### 2.2.3.1 Transana

O transgenerismo, como afirmado no quarto capítulo, foi já estudado por meio de instrumentos de análise textual. Entre as pesquisas mais significativas para a presente pesquisa, lembra-se o artigo de Schilt & Westbrook (2009) em que os autores usaram o software para a análise do texto: ATLAS-ti, com o fim de analisar entrevistas e artigos de jornais.

Pela necessidade de transcrever, organizar e estudar analiticamente uma grande massa de dados textuais, sem priorizar alguns pontos em detrimento de outros, um risco que se corre quando se procede a uma análise puramente intelectual, existem diversos *softwares* para facilitar o processo.

O programa qualitativo para a análise dos dados textuais, *Transana*, possibilita uma série de funções sejam técnicas, sejam conceituais, que permitem desfrutar deste suporte informático nas diversas fases da elaboração do corpo dos dados. O programa foi criado no âmbito das Ciências da Educação, e foi pensado como um repertório por meio do qual se coordena diversas tipologias de material discursivo – subdivididas em séries de documentos de texto relativos a diversos *corpus* de dados textuais, as coleções. Resulta importante a componente para-verbal para a qual o programa reserva funções particulares, como a sincronização dos arquivos de áudio ou de vídeo com a onda

audiométrica e a transcrição mesma, dotada dos símbolos fonéticos mais comumente usados pelos analistas da conversação: “Em todas as fases da análise é mantida uma estreita ‘aderência’ entre texto, transcrições, categorias utilizadas e sintagmas áudio vídeo” (Malfatti, 2007, p. 2)<sup>142</sup>.

As diversas produções textuais podem, para as características de sincronização direta do programa, ser associadas a grupos de palavras-chaves (áreas conceituais) e ser extraídas por meio de motores de pesquisa integrados no *software* a fim de criar unidades de texto correspondentes a partes específicas do arquivo audiovisual.

“Os instrumentos para a análise, integram a criação de sintagmas chamados clip, aos quais se atribuem palavras-chaves. Os clips são contidos em coleções que podem ser reproduzidas em sequência, simulando uma montagem. Em uma coleção podem ser inseridos clips que proveem de qualquer arquivo audiovisual (episódio) inserido na base de dados” (ibidem, p. 2)<sup>143</sup>.

O programa, além de ser calibrado pelo procedimento da transcrição nas diversas fases de análises com a possibilidade de associar constantemente porções de texto com os respectivos extratos da fonte empírica (áudio e/ou vídeo), foi idealizado em segunda instância para realizar pesquisas entrecruzadas, evidenciando múltiplos percursos de pesquisa a partir de um mesmo documento de texto. Reorganizando as diferentes variáveis, especificadas pelo usuário, podem-se extrair diversas perspectivas conceituais para se ler o material recolhido e eventualmente compará-lo com outros pesquisadores, que podem trabalhar na mesma base de dados, associando uma nova transcrição.

Então, combinando as categorias de significado com diferentes palavras-chaves, o programa permite realizar uma pesquisa qualitativa complexa e em vários níveis. Esta função convém particularmente para a análise do *corpus* no que se refere aos modelos das interações sociais,

---

<sup>142</sup> Versão original em italiano: “In tutte le fasi dell’analisi viene mantenuta una stretta ‘aderenza’ tra testo, trascrizioni, categorie utilizzate e sintagmi audio vídeo”.

<sup>143</sup> Versão original em italiano: “Gli strumenti per l’analisi, comprendono la creazione di sintagmi chiamati clip, alle quali assegnare parole chiave. Le clip sono contenute in collezioni che possono essere riprodotte in sequenza, simulando un assemblaggio. In una collezione possono essere inserite clip provenienti da qualunque file audio/video (episodio) inserito nel data base”.

que, efetivamente, desenvolvem-se do micro ao macro.

Por isso podem-se criar macro seções de significados sejam formais (as práticas no processo discursivo) sejam implícitas e, portanto, superordenados diante das diretrizes simbólicas e de valor do contexto alargado. Podem-se extrair chaves de leitura específicas que respondem egregiamente a definições conceituais de uma abordagem crítica dos gêneros discursivos. O que interessa mesmo neste nível de análise é o processo do evento discursivo, na sua especificidade situada e peculiar.

Em conjunto com uma análise do texto, a qual visa uma compreensão da matriz generativa do ato discursivo mais do que analisar a organização estrutural das unidades lexicais singulares, podem-se juntar outras técnicas de observação, como os posicionamentos entre os atores no contexto (em caso de arquivos de vídeo) ao invés de observar as práticas da interação discursiva através das regras da conversa – *text in interaction, talk turning* (Jefferson & Sachs 1995; Schegloff, 1991). Estes métodos de observação das práticas discursivas delineiam a relevância cotidiana da interação, considerando a fala como uma prática social em contínua redefinição entre atores, e entre eles e o *frame* espacial e cultural (Schegloff, 1991; Jefferson & Sachs 1995). A estrutura fluida destes procedimentos “retóricos” (entendidos como estratégias de comunicação partilhadas mais do que funções cognitivas) permite considerar a realidade humana e social e os respectivos esquemas de atitude e de comportamento como ações fortemente situadas (Suchman 1989). A fala torna-se uma forma e um recipiente dentro da qual se desenvolvem e se reproduzem esquemas de ação socialmente legitimados.

“O falar em turnos é o falar em tempo real, sujeito às contingências da interação na vida real. Que seja formulada de forma solta ou balbuciada, o resultado é produzido de forma incremental, através de uma série de turnos parciais. Este torna as *talk-in progress* aberto à reatividade da interação em curso, à recalibração momento por momento, à reorganização, ao recompletamento e à co-construção” (Schegloff 1996, pp. 55-56).

A impenetrável tessitura entre eventos discursivos e processo do ato falado, constitui a base epistemológica sobre a qual os criadores do *software* trataram as respectivas funções técnicas. Estas últimas, enfim, respondem à necessidade do pesquisador de contextualizar as análises, ou seja, de circunscrevê-las conforme a definição situada em um

momento de interação no *hic et nunc*. O discurso nesta perspectiva de análise torna-se um conjunto de significados que ultrapassam a simples estrutura de conteúdo dos modelos semânticos.

O programa *Transana* resulta de fundamental utilidade para esse processo de análise, em que as categorias de significado isoladas delineiam a gênese do evento discursivo em nível implícito, e então, conforme o paradigma da *CDA* (Wodak, 1989), permite emergir os aspectos ideológicos do texto, onde os significados simbólicos devem ser procurados “entre as linhas e os enunciados”. Essas áreas de significado foram associadas a conceitos-chaves específicos, os quais o *software* reproduz graficamente por meio de histogramas. Os conceitos-chaves evidenciados referem-se à pergunta da presente pesquisa, centrada no posicionamento de gênero entre relações e poder no contexto carcerário.

### 2.2.3.2 Alceste

Se o software *Transana* responde às exigências do pesquisador de se aproximar do (con)texto de forma crítica, então analisando os sistemas simbólicos ao longo dos quais se articulam os discursos; precisa-se, ao contrário, de um programa específico para o estudo das microestruturas da linguagem. A respeito do paradigma sócio-cognitivo da *CDA* (Van Dijk, 2006), particularizam-se os aspectos organizativos e concretos da produção textual. A constante interação entre variáveis psicológicas e macro-estruturas sociais, torna indispensável uma análise da lógica estratégica pela qual o evento discursivo é construído. Ainda se o evento discursivo é negociado entre atores sociais e sua função depende fortemente das diretrizes temporalmente situadas do contexto, a própria produção dos enunciados segue, de qualquer forma, uma organização, cujas implicações intencionais e motivacionais se desenvolvem em nível de planificação mental. O conceito de cognição, aqui empregado, não tenta reduzir a realidade em uma simples etiologia psicológico-funcional, como afirmado pela *Teoria da Ação Refletida* (Ajzen & Fishbein, 1980). Ao contrário, os assim chamados sistemas cognitivos interagem em um fluido e contínuo processo de readaptação recíproca, onde as ações estão em uma relação de interdependência entre estrutura e cultura.

“Para a Etnometodologia, esta função constitutiva da linguagem resulta ainda mais generalizada diante da ação mesma, do momento em que o escopo da ação é



reconhecível em virtude de práticas metódicas, finalizadas, e então, dadas como previsíveis, em que se estabelecem as propriedades racionais das ações dentro de um particular contexto” (Suchman, 1987, p. 62).

O paradigma das *Representações sociais* de Moscovici, de fato, prevê uma estreita interação entre funções psicológico-cognitivas e variáveis contextuais. E é mesmo a partir deste tópico que se pode considerar o evento discursivo como uma ação dotada de sentido, no momento em que a planificação de um processo em nível mental é finalizada num escopo que inevitavelmente se encontra no contexto. Ao mesmo tempo, conforme uma tradição popperiana, o contexto e as ações sociais, que são geradas no seu interior, influenciam a organização e, portanto, a própria função dos sistemas cognitivos.

“Todavia, com a emergência de novas subdisciplinas antropológicas (etno-ciências, antropologia médica, cognitiva, etc.), a atenção para os processos cognitivos em um nível individual e o papel da cultura na organização do conhecimento, tem agora um renovado interesse para a relação entre psicologia e cultura, especialmente em âmbito dos estudos interculturais e dos estudos comparativos sobre o desenvolvimento e sobre o funcionamento cognitivo” (Jodelet, 2002, p. 113)<sup>144</sup>.

Esta perspectiva teórico-metodológica que, por um lado traz as próprias bases epistemológicas da sociologia – em particular Durkheim – e dos estudos culturais e interculturais; enquanto, por outro lado refaz-se à psicologia cognitiva, identifica nas práticas discursivas uma elaboração funcional que é dirigida a objetivos comunicativos estratégicos, de maneira em que se posiciona diante dos outros agentes e do contexto. Os processos discursivos, que emergem de qualquer produção textual, dependem da interação entre memória episódica e

---

<sup>144</sup> Versão original em francês: “Cependant, avec l'émergence de nouvelles sous-disciplines en anthropologie (ethnoscience, anthropologie médicale, cognitive, etc.), l'attention portée aux processus cognitifs, à un niveau individuel, et au rôle de la culture dans l'organisation de la connaissance, on observe aujourd'hui un regain d'intérêt pour la relation entre psychologie et culture, notamment dans le domaine des études interculturelles et de l'étude comparative du développement et du fonctionnement cognitifs”.

contexto, com o fim de conotar a comunicação de intencionalidade: “...atentos às estruturas ao invés do que às estratégias de um discurso, definido como um evento comunicativo ou como um exemplo de interação social” (Van Dijk, 2006, p. 160)<sup>145</sup>.

Diante da presente pesquisa, procura-se aplicar o programa *Alceste* para indagar sobre dois aspectos estruturais do material textual:

1. As unidades iniciais do contexto (UCI), ou seja, porções de texto que correspondem a áreas temáticas específicas;
2. As unidades elementares do contexto (UCE), isto é, segmentos semânticos para submeter a processos de análises estandardizadas.

Ambas as práticas analíticas podem ser aplicadas a diversas tipologias de material textual, como as respostas abertas a um questionário semiestruturado, ou a expressões mais longas provenientes de entrevistas e artigos de jornais (análise da imprensa): “Quando se tratar de artigos de jornais, atas de reuniões, cartas, etc. cada exemplar destes documentos será uma UCI. Um conjunto de unidades de contexto iniciais (UCIs) constitui um corpus de análise” (Camargo 2005, p. 513).

Sendo o corpo dos dados composto por um total de 17 entrevistas (6 semi-estruturadas e 11 não estruturadas) e três diários, pode-se considerar cada resposta a uma entrevista semi-estruturada, cada passagem de uma entrevista aprofundada e cada parágrafo (relativo a um dia) de um diário como uma unidade inicial do contexto (UCI). O conjunto destas porções semânticas constitui um corpo textual composto por um total de 77.308 ocorrências lexicais, entendidas como unidades morfológicas (as palavras), que compreendem 459.796 caracteres; um corpo suficientemente amplo, pois o programa oferece resultados adequados, sobretudo no caso de análises comparativas: “Para um funcionamento ótimo, o ALCESTE deve analisar corpus com tamanho em torno de 1.000 linhas. No caso da linha ter 70 caracteres o texto teria 70.000” (Camargo 2005, p. 513).

Em nível de coleta de dados seria importante realizar um confronto, seja do conteúdo, seja formal, com os repertórios discursivos produzidos em semelhantes contextos na realidade brasileira. O foco desta pesquisa são as interações e como essas coconstroem a percepção de uma realidade social: neste caso as “identidades de gênero em

---

<sup>145</sup> Versão original em inglês: “...attend to the structures or strategies of this speech defined as a communicative event or as an instance of social interaction”

transição”. Especialmente, como introduzido antes, pesquisa-se a margem de agenciamento diante do conceito de posicionamento (Harré & Van Langenhove 1991) em contextos fortemente institucionalizados e contextos em que a margem do próprio agenciamento seja mais elevada. Este confronto poderia fazer emergir simetrias e assimetrias, seja em nível explícito (análise da estrutura lexical e semântica), seja em nível implícito (reificação linguística diante de processos normativos e culturais).

Quanto ao estudo das unidades morfológicas e sintáticas, se procede com uma análise do conteúdo através do *software* ALCESTE para indagar as relações intertextuais entre segmentos discursivos (UCI), e como certas estruturas narrativas são reproduzidas entre falantes de um mesmo contexto idiomático e os adotados dentro de sistemas afins, que pertencem a uma mesma família linguística (Golla, 2001). Muitas das transgêneras entrevistadas (todas as detidas) nasceram e cresceram no Brasil e, portanto, reivindicam uma representação da própria identidade de gênero culturalmente e semanticamente afim. A língua adotada na interação era o italiano, ainda se em alguns casos o nível de alfabetização era particularmente baixo e caracterizado por inflexões portuguesas. De fato, verificaram-se muitas vezes lacunas analíticas devidas, em parte, a construções lexicais impróprias do italiano e, por outra parte, a uma concepção da realidade social e cultural diversa daquela da Itália.

O objetivo da pesquisa consiste mesmo em uma integração de diversas perspectivas de análise, que tenham em conta tanto da organização lexical, quanto dos universos normativos e de valor. A interação cotidiana articula-se pelos posicionamentos contextuais e coordenadas simbólicas. Estas insígnias são reificadas por um conjunto de representações sociais, que são implícitas aos esquemas linguísticos específicos. Uma abordagem metodológica que se serve de processos estatísticos ajuda, assim, a captar as recorrências estruturais nos processos comunicativos. Por isso, a relação entre proposições lexicais pode ser compreendida através das correlações estatísticas, associadas às classes organizativas do léxico. Os resultados integram a perspectiva histórica (Wodak, 1989) e cultural (Fairclough, 2006) da *CDA*, demonstrando como linguagem e cultura funcionam como artefato e *frame* na interação cotidiana.

Ao respeito das análises realizadas em outros níveis – interação com as superestruturas normativas, interação como prática cotidiana – neste procedimento metodológico indagam-se as interações entre a organização intencional das estruturas discursivas (Van Dijk, 1993) e o

contexto cultural e material (Cole, 1995).

Os artefatos, conforme a acepção proposta por Cole (1995), devem ser considerados como procedimentos peculiares de realidades específicas, com os quais os atores sociais interagem com o fim de produzir instrumentos simbólicos (linguagem) e físicos (ambiente).

Especialmente a linguagem, entendida como meta-artefato muito complexo (verbal, para-verbal, gestual, expressivo, reificante) constitui o objeto principal de pesquisa deste nível de análise. Esta proposição metodológica surge de uma tradução interpretativa das teorias sobre a linguagem de Vygotskij (1934/1990) por meio das lentes paradigmáticas de uma abordagem funcional-constructivista proposta por Cole (1995).

Conforme Cole, o que Vygotskij entende como processo linguístico pode ser considerado como uma interação entre o *self* e um artefato, implícito a contexto específico. Este artefato articula-se ao longo das estruturas lexicais e semânticas da linguagem, as quais, depois, são reificadas por sistemas culturais e de valor.

Esta parte especifica as práticas comunicativas da linguagem, por meio de processos sociocognitivos (Van Dijk, 2006), entendidos como um complexo sistema lógico-gramatical, ou seja, um produtor de estratégias intencionais de interação com o outro generalizado (Mead, 1934/1972).

## 2.2.4 Notas conclusivas

A identidade de gênero desenvolve-se conforme os níveis de interação e de posicionamento relativos ao contexto com o fim de produzir um discurso. Os repertórios discursivos são estudados pela própria estrutura lexical e semântica: “Esta adaptação discursiva manifesta-se sobretudo na nossa capacidade de adaptar o estilo do discurso ao contexto comunicativo presente” (Van Dijk 2003/2004, p. 51)<sup>146</sup>.

A presente pesquisa consiste em um estudo a respeito de como “discursos sobre os gêneros” ressentem fortemente do efeito do contexto dentro do qual foram produzidos. Este pressuposto paradigmático considera o impacto que sistemas simbólicos, não imediatamente presentes no momento do mesmo posicionamento discursivo, exercem sobre a produção de um evento textual. Pelas regras da conversa

---

<sup>146</sup> Edição italiana consultada: “Questo adattamento discorsivo si manifesta soprattutto nella nostra capacità di adattare lo stile del discorso al contesto comunicativo presente”.

(Schegloff, 1996), pelas inflexões gestuais (Goodwin, 2003), pela estrutura semântica (Van Dijk, 1993), pelo tecido afetivo (Wodak, 1989) e pelo contexto histórico-simbólico (Fairclough, 2006), define-se uma situação com as respectivas regras, normas e os princípios culturais, que sentem o efeito de uma relação constante e circular entre organização cognitiva, posicionamento cotidiano e matriz ideológica.

A *Análise Crítica do Discurso* estuda os repertórios discursivos a partir de uma perspectiva integrada, ou seja, aquele modelo tridimensional proposto tanto por Van Dijk (1993), como por Fairclough (1992), que coloca o enunciado dentro de uma relação constante entre estruturas, funções e contexto. Então, conforme as regras implícitas de um campo social, dentro das quais os atores interagem com o fim de produzir, negociar e reificar representações das realidades sociais partilhadas, podem-se captar recorrências lógicas, que compõem a complexa rede de um conhecimento distribuído, não só em nível cognitivo, mas também e, sobretudo, em nível dos macrossistemas de significados por meio dos quais é possível identificar uma cultura como também um conjunto de normas. Sendo a pesquisa centrada no significado de gênero como permeável e então, sensível à variação da situação e do contexto, podem-se considerar os *habitus* sociais como vínculos dentro dos quais toma forma um posicionamento que oscila, ou seja, um *script* de atitude não autônomo, ou individual e, portanto isolado, mas uma dimensão coletiva em sintonia com sistemas de significados superordenados. Por isso, cada contexto caracteriza um conhecimento do *self* e do outro que pode ter reflexos psicológicos, relações e inclusive, reflexos institucionais. Conforme o modelo do agenciamento contextual proposto por Zimbardo (2007), cada contexto produz as regras pelas quais situam-se os significados partilhados da interação cotidiana: o trabalho, mesmo a família, mas, sobretudo o quartel, o convento ou o presídio, como reafirmado por Foucault (1975/1987), representam campos sociais que delineiam *scripts* de identidade prefigurados.

Em um contexto extremo e rígido, como o das instituições penitenciárias (Foucault, 1975/1987), as diversas situações cotidianas assumem conotações afetivas muito fortes e são definidas de maneira também extrema. O recluso despe-se da roupa individual para se tornar parte de um coletivo mais amplo, regulado por princípios organizadores muito peremptórios. Os desconfortos, as problemáticas e os mundos de interação são levados ao extremo e, conseqüentemente, sua representação torna-se particularmente nítida seja para quem vive esta experiência seja para quem a observa do exterior.

Portanto, as margens de posicionamento tornam-se limitadas dentro dos estritos horizontes das paredes carcerárias. A linguagem, sobretudo, assume uma função particularmente reificante, no momento em que as categorias semânticas se tornam os limites institucionais daquele contexto. A identidade de gênero é circunscrita por limites precisos sejam lexicais, sejam semióticos, que reificam depois, como afirmado por Durkheim (1898/1978), os parâmetros ontológicos e simbólicos de uma cultura. Por isso, contexto, discurso, cultura, sociedade e gênero podem ser entendidos como áreas de significado; horizontes históricos que encerram conhecimentos, representações, valores e inclusive afetos (Wodak, 2001).

As análises aqui farão mesmo referência às práticas de interação com os artefatos, que são, por um lado influenciados pela estrutura do contexto e por outro, pelos repertórios discursivos que regulam seu funcionamento em nível macro (normas, cultura) e micro (linguagem).

O *fazer gênero* (West & Zimmerman, 1987) pode ser entendido como uma fundamenta cultural, onde artefatos e meta-artefatos representam sistemas móveis de referência, diante dos quais as pessoas se posicionam dentro da própria margem de agenciamento. Portanto, o agenciamento é definido pela linguagem, pelo contexto e pelos horizontes ontológicos. O modelo dos três níveis da interação social (Mantovani, 1996) pode ser associado a uma análise pluridimensional que adota metodologias qualitativas e quantitativas para a análise dos repertórios discursivos.

As diversas funções de análise dos *softwares* Transana e ALCESTE isolam os elementos constitutivos a respeito das produções discursivas, que ligam modelos semânticos semelhantes na estrutura e na representação do contexto. Estas unidades de significado referem-se à pergunta da presente pesquisa, centrada no posicionamento de gênero e situação social, ou seja: Dualismo de gênero – Assimetria de poder – Desigualdade – Discriminação – Representação de gênero reificada.

Por meio da análise qualitativa com o *Transana*, foram estudados os mecanismos que, por meio do exercício do poder por parte da elite dominante, enfatizam relações de desigualdade (Van Dijk, 2003). Estes mecanismos, que diante de uma concepção sócio-histórica (Wodak, 1989) e sociocultural (Fairclough, 2006), são também captados em nível implícito, articulam-se principalmente pelas proposições microestruturais do discurso (Van Dijk, 2006).

Comparando as estruturas lexicais com auxílio do programa ALCESTE, foi evidenciado como as proposições sintáticas e gramaticais compõem modelos semânticos, capazes de instituir um

gênero narrativo próprio (Wodak & Weiss, 2001). Por isso, foi indagado se tais recorrências intertextuais ressentem do efeito de uma representação social comum, que derivaria de semelhante organização cognitiva, diante das peculiaridades de um mesmo contexto (Camargo & Wachelke, 2010).

Resulta fundamental, com o fim de produzir um esquema de leitura, que se possa captar a complexa relação entre estrutura e processo, e, portanto, responder às indagações iniciais desta pesquisa, situando as observações e os dados coletados num quadro contextual, onde se desenvolvem as ações sociais pesquisadas.

Por isso, se tomou distância de uma perspectiva indutiva, que a partir da correlação de algumas variáveis isoladas e frequentemente descontextualizadas, tem a pretensão de generalizar os resultados obtidos para além dos limites do próprio campo social em que foram gerados.

“Em primeiro lugar, este paradigma considera central conduzir pesquisas nos contextos sociais de vida cotidiana e com os atores sociais nestes naturalmente envolvidos, excluindo, então, sujeitos 'em empréstimo' (que são sobretudo os estudantes universitários de psicologia) e de construir contextos e tarefas experimentais.” (Zucchermaglio, 2003, p. 49)<sup>147</sup>.

---

<sup>147</sup> Versão original em italiano: “Innanzitutto tale paradigma considera centrale condurre ricerche nei contesti sociali di vita quotidiana e con gli attori sociali in questi naturalmente coinvolti, escludendo quindi soggetti ‘in prestito’ (quali sono per lo più gli studenti universitari di psicologia) e di costruire contesti e compiti sperimentali”.





## 2.3 O CORPO

### 2.3.1 As três fases da coleta de dados

Este capítulo descreve o *corpo* do material coletado por meio de três modalidades de observação: material etnográfico, repertórios discursivos produzidos em contextos a funcionamento normativo elevado e repertórios discursivos diante de interações em contextos de trabalho e familiar. O confronto dos dados coletados em diversas situações e diferentes contextos permite fazer emergir o grau de agenciamento, seja a respeito do posicionamento discursivo entre o *self* e o outro, seja diante da própria percepção do *self* em relação da identidade de gênero.

Foram estudados os processos discursivos por meio dos quais as pessoas se posicionam entre elas e entre elas e o contexto (material e simbólico). Procurou-se compreender como a realidade cultural das identidades de gênero podem ser reificadas diante dos sistemas normativos, ideológicos e de valor, próprios de uma determinada situação espaço-temporal. O *corpo* de dados coletado para a presente pesquisa consiste em entrevistas não-estruturadas e material escrito (diários), que concernem diversos contextos: do familiar ao de trabalho e dos criminais (a exploração da prostituição) ao do regime fechado e impenetrável (penitenciárias).

O material coletado dentro de uma realidade de caráter mais cotidiano – entende-se por cotidiano a interação nos contextos coletivos legitimados – fazem emergir sobretudo os posicionamentos entre o *self*, o outro e o contexto, dos quais surgem partilhadas representações da cultura e da sociedade, a que pertencem. Nestes contextos é interessante pesquisar como o posicionamento muda frequentemente conforme diversas situações sociais, lugares espaciais, simbólicos e diversas modalidades de interação entre o *self* e o outro. De fato, supõe-se que o grau de agenciamento possa ser altamente variável diante dos diversos papéis e *status* profissionais.

Ao contrário, a respeito da realidade penitenciária as análises tratam do impacto que uma estrutura fortemente institucionalizada (Zimbardo, 2007/2008) e formalmente administrada (Goffman, 1961/2003) exercita na representação do *self*. O fato de que as pessoas classificadas como transgêneras sejam colocadas numa seção exclusiva, poderia favorecer um maior grau de identificação com tal contexto e

então com os vínculos normativos que regem a experiência individual dentro das grades taxonômicas do próprio sistema de significados.

A respeito do procedimento metodológico desta tese, a coleta dos dados aconteceu em três momentos com a finalidade de respeitar uma seqüência lógica dos eventos que foram observados.

A primeira fase de coleta dados consistiu em uma atenta observação dos contextos, dentro dos quais toma forma o evento social que constitui o objeto da pesquisa. De fato, as observações realizadas visam o processo de afiliação diante das regras cotidianas do contexto. Este processo de monitoramento das situações sociais permite uma familiarização com as realidades e os contextos tratados. Sendo a pesquisa centrada no posicionamento em contextos de trabalho, familiares, culturais e também institucionais, foi-se, onde era possível, *in loco* para gravar os momentos de interação no *hic et nunc*.

“As operações a cumprir com o fim de multiplicar as características insensatas dos ambientes percebidos, de produzir e sustentar desorientação, desespero e confusão, de produzir interações desorganizadas, dever-nos-ia dizer alguma coisa sobre como a estrutura das atividades do dia-a-dia são cotidiana e constantemente produzidas e mantidas” (Garfinkel 1967/2000, p. 38)<sup>148</sup>.

As descrições detalhadas das situações observadas serão inseridas no próximo capítulo em que se delineia o *contexto da pesquisa*. Em seguida mostrar-se-ão as modalidades tipicamente técnicas, por meio das quais foi desenvolvida esta primeira fase de coleta dados, que consistem em gravações audiovisuais – *La Juta della Canderola* – e notas etnográficas (o encontro como uma maquiadora transgênera no seu estudo antes da entrevista, o encontro com o responsável da área pedagógica do presídio de Sollicciano, as anotações descritivas a respeito do mesmo contexto). O fato de que em um caso a observação se desenvolvesse em um contexto privado (estudo profissional) e, no outro, em uma realidade penitenciária, não era oportuno por razões de privacidade e de segurança e no caso do presídio aceito, o emprego de

---

<sup>148</sup> Versão original em Inglês: The operations that one would have to perform in order to multiply the senseless features of perceived environments; to produce and sustain bewilderment, consternation, and confusion; to produce disorganized interaction should tell us something about how the structure of everyday activities are ordinarily and routinely produced and maintained”.

instrumentos de gravação. Para poder introduzir estes últimos no instituto, foi avançado pedido específico no Departamento da Administração penitenciária da região Toscana, que aprovou o uso de aparelhos para gravação, por fins exclusivos de pesquisa, nos ambientes carcerários.

Portanto, seguem as entrevistas livres em contextos familiares e de trabalho, onde se pedia às interlocutoras de narrar a posição do *self* diante dos outros e do contexto e de que forma negociavam uma representação da própria identidade de gênero em contraste com os esquemas hegemônicos do dualismo “macho-fêmea”, com fortes conotações heteronormativas, eurocêtricas e patriarcais. Este segundo momento da coleta dados é, por isso, finalizado a estudar a interação no *hic et nunc* e as modalidades por meio das quais a pessoa transgêneras reivindicam o próprio direito de *cidadania íntima*.

O que se pode captar com as primeiras entrevistas realizadas é a gênese de um tecido discursivo, que de forma parecida com as histórias de vida (Thomas & Zaniecki, 1918-1920), resulta caracterizar um momento de vida social e cultural, com as respectivas peculiaridades individuais, que é partilhado por agentes dentro de um mesmo contexto. As dinâmicas relacionais nos contextos familiares e as funcionais nos de trabalho, seguem ordens normativas diferentes e, portanto, o *frame* social, dentro do qual tomam forma as interações, torna-se uma diretriz simbólica, a respeito da qual se orientam as tomadas de posição dos membros de uma situação social circunscrita por parâmetros espaciais, temporais, afetivos, relacionais e também funcionais.

Algumas das pessoas contatadas preferiam não ser entrevistadas e, por isso, propunham a deixar o próprio Diário (uma transgênera MtF), ao invés de uma síntese da própria experiência de transição e de vida como relatório autobiográfico (uma transgênera MtF e um transgênero FtM). Estes documentos, analisados separadamente (somente com o *software* ALCESTE) desenvolvem um documento importante para pesquisar sobre a estrutura semântica e lexical do texto, junto com a lógica organizadora (planificação cognitiva) dos eventos discursivos. A intertextualidade (Wodak, 2001) resulta, entre estes documentos, muito alta, de fato sendo elaborados escritos.

A terceira fase da coleta de dados é ligada à entrada no presídio de Sollicciano e então previa a realização de entrevistas semi-estruturadas com os funcionários penitenciários, ou seja, aquele tipo de entrevistados que detém uma experiência mais ou menos direta com a realidade transgênera no instituto, e do momento em que se trata de uma instituição total com as respectivas hierarquias de poder executivo e

administrativo, estes agentes representam um papel fundamental durante as atividades cotidianas das presas.

Por isso, as suas narrações fornecem uma representação mais técnica e, portanto de caráter informativo, que reflete em parte as modalidades de interação entre “elite dominante” e pessoas, que não só para o crime cometido com a respectiva condenação dada, mas também para um diverso construto identitário de gênero, encontram-se inevitavelmente em uma condição subordinada. As figuras profissionais, que com as próprias narrações contribuíram à definição do campo de pesquisa, descrevem, por um lado, as modalidades de direção e organizadoras e por outra, a inter(ação) cotidiana. Interessante neste nível analítico resulta os diferentes graus de posição conforme o *status* institucional ocupado e também o papel profissional desenvolvido. Por este mesmo motivo, os encontros com tais profissionais foram articulados como entrevistas semiestruturadas, ou seja, previam uma série de perguntas prefixadas e calibradas segundo específicos objetivos, desenvolvidos pelo interlocutor. Portanto, a série das perguntas tinha que ser enviada antes a *Administração Penitenciária da Toscana*.

Enfim, na última etapa para a construção do corpo foram coletadas as entrevistas não-estruturadas com as detidas transgêneras. De fato, a especificidade deste instrumento permitia convidar as pessoas entrevistadas de expor-se sobre como elas viviam a própria trajetória de transição associada a uma trajetória de detenção. As perguntas, da estrutura particularmente aberta, concerniam à margem de agenciamento em delinear as modalidades de representar si mesmas diante dos vínculos fortemente normativos do contexto e da sua administração cotidiana. Com efeito, a construção do *corpo* das perguntas permitia o emergir de uma série de momentos de vida que, além da experiência penitenciária, fazem referimento a aspectos culturais, sofrimentos e experiências, que interessam seja a esfera relacional seja a profissional como também o percurso migratório que elas fizeram do Brasil à Itália.

Antes de inserir os relatórios dos dados em forma de tabelas, as quais contêm todas as informações relevantes a respeito das pessoas entrevistadas, a tipologia do instrumento de observação adotado e também a especificidade do contexto e do momento de interação, serão introduzidas de forma breve as propriedades técnicas dos diversos procedimentos usados nas várias fases de coleta do material etnográfico e discursivo.

Em seguida serão apresentadas detalhadamente as características das quatro bases de dados que constituem o *corpo* analítico do presente estudo.

### 2.3.2 As bases de dados

O *corpo* articula-se ao longo de três arquivos de dados:

Etnografia de fundo (Zucchermaglio, 2004) e descrição do contexto.

1. Dois diários etnográficos que contêm anotações de campo, imagens, alguns momentos de interação oral e escrita (gravações audiovisuais, breves entrevistas, e-mail);
2. Dois protocolos etnográficos que contêm um documento ministerial com informações logístico-estruturais do NCP de Florença-Solliciano e um relatório médico, a respeito do percurso anamnésico de um adolescente com diagnóstico de Síndrome de Klinefelter.

Processos discursivos em contextos de elevado funcionamento normativo (baixa margem de agenciamento).

1. Sei entrevistas semiestruturadas, realizadas com funcionários penitenciários;
2. Cinco entrevistas em profundidade, realizadas com as detidas transgêneras.

Processos discursivos em contextos familiares e de trabalho (alta margem of agenciamento).

1. Sete entrevistas em profundidade realizadas com transgêneras no centro e no norte da Itália;
2. Três diários, realizados por transgêneros contatados nas associações ARCI.

#### 2.3.2.1 Etnografia de fundo

As notas de campo:

Os protocolos etnográficos delineiam as primeiras fases de observação para enquadrar a identidade transgênera a partir de diferentes perspectivas sociais e culturais. As anotações efetuadas no

campo oferecem uma descrição do contexto, em particular, e do quadro situado das observações.

As três dimensões observadas constituirão a etnografia de fundo (Zucchermaglio, 2004) que descreve o contexto da pesquisa.

1. O Novo Complexo Penitenciário de Florença-Solliciano: contém uma descrição detalhada do ambiente, uma de e-mail de uma agente de Polícia Penitenciária (comunicação assíncrona) e a descrição do encontro com o responsável da área pedagógica do instituto. Data do encontro: 19.10.2010.
2. Encontro com uma ativista ex-transexual, a qual conta os fatos e os bastidores daquele percurso sofrido chamado transexualismo: *Corpos e identidades transexuais no começo do século XXI, entre ciência, leis e âmbito social*, na sede Arci de Via Rialto em Bolonha.
3. Juta da Canderola, ou seja, a cerimônia dos *femminelli* napolitanos, no Santuário de Montevergine na província de Avellino: contém notas etnográficas, filmagens audiovisuais de diferentes momentos da iniciação, duas interações com os participantes do evento: 02.02.2011.

### Documentos oficiais

Segundo quanto definido por Zucchermaglio (2003, 2004) o material de pesquisa por meio do qual é possível articular a etnografia de fundo, constitui uma importante fonte de referimento, específicos atos oficiais os quais, em nível institucional, delineiam um contexto normativo que relega o agenciamento dentro de grelhas taxonômicas da própria lógica funcional compartilhada e legitimada. Devido a isso, estes documentos contribuem, não somente para familiarizar com o contexto observado, mas também para conhecer plenamente as peculiaridades simbólicas e normativas, por meio das quais se negocia a afiliação a um *habitus* cultural mais do que a uma realidade social subordinada a esta como o dos sistemas organizativos:

“Esta fase, mediante instrumentos de observação de tipo etnográfico (...) é finalizada, além da familiarização com o contexto da pesquisa, ao conhecimento de tempos e organização cotidiana das atividades e à identificação das práticas

comunicativas, formais e informais, a sobpor para uma análise mais profunda” (Zucchermaglio, 2003, p.60)<sup>149</sup>.

Os documentos oficiais muitas vezes resultam indispensáveis para poder ter acesso ao campo de realização da própria pesquisa. De fato, parte do projeto é centrada nas interações em contextos penitenciários, as quais requerem um longo procedimento de autorização, para acertar a regularidade legal do próprio pedido de acesso e a viabilidade da proposta de investigação. O acesso ao Instituto de Solliciano, como detalhadamente enfatizado no capítulo relativo ao *contexto da pesquisa*, previa uma série de encontros e reuniões para marcar como e com quais instrumento de gravação podia-se utilizar para realizar as entrevistas com funcionários e detidas.

Tabela 10 – Etnografia de fundo

Nível de agenciamento	Evento	Lugar	Contexto	Atores sociais	Notas de campo	Duração
Elevado agenciamento	Juta della Candelora	Santuario Montevergine (AV)	Religioso-popular	<i>Femminielli</i> , Autóctones, Clero, Visitantes	Descrição contexto	8 horas
Elevado agenciamento	Seminário Publico	Associação Crisalide, Bologna	Associação sócio-política	Ativista transexual, Organizadores, Público	Descrição contexto	3 horas
Baixo agenciamento	Inspeção NCP	Prisão de Solliciano (FI)	Instituição total	Responsável pedagógico, Polícia penitenciária	Descrição contexto	2 horas
Baixo agenciamento	Entrevista clinica	Hospital de Padova, Pediatria	clinico-sanitário	Neuro-psiquiatra, Paciente <i>Klinefelter</i>	Relação psiquiátrica	1 mês observação.

<sup>149</sup> Versão original em italiano: “Questa fase mediante strumenti osservativi di tipo etnografico (...) è finalizzata, oltre che a familiarizzare con il contesto della ricerca, a conoscere tempi e organizzazione quotidiana delle attività e ad identificare le pratiche comunicative, formali ed informali, da sottoporre ad analisi più approfondita”.

### 2.3.2.2 Processos discursivos em contextos penitenciários

O corpo de dados coletado consiste em entrevistas semiestruturadas junto aos funcionários que trabalham em diferentes funções dentro do Novo Complexo Penitenciário de Florença-Solliciano; e com as detidas, encarceradas na seção transgênera deste complexo penitenciário. O material discursivo foi dividido em função das duas categorias de entrevistados:

1. Seis entrevistas com testemunhas privilegiadas (funcionários do complexo);
2. Cinco entrevistas com detidas transgêneras.

Para observar os posicionamentos discursivos a respeito de diferentes variáveis, como a distribuição do poder e contato com os detidos, dividiu-se o material em quatro categorias:

1. Área da direção administrativa: responsável da região Toscana (Testemunha 1), e a vice-diretora do Novo Complexo Penitenciário de Florença-Solliciano (Testemunha 6). Aqui emergem por um lado as diferenças de papel, e por outro lado as dinâmicas de poder que desenvolvem-se em contextos institucionalizados.
2. Área pedagógica: a psicóloga da penitenciária (Testemunha 4), e uma educadora (Testemunha 5). Aqui foi possível observar o aspecto reeducativo que se percebeu ser um dos objetivos mais importantes a ser atingido.
3. Funcionários penitenciários: a superintendente (Testemunha 2), e o comandante da polícia penitenciária (Testemunha 3). Nesta categoria encontramos exatamente as pessoas que ficam mais em contato com a realidade de nosso interesse.
4. Detidas transgêneras: todas de origem brasileira (Detidas 1 a 5). Podem-se observar momentos de vida ligados à detenção em si, a respeito da percepção da identidade de gênero e à experiência migratória e desviante.



Tabela 11 – Entrevistas funcionários NCP

Entrevistado	Posição	Área de competência	Enquadramento	Gênero	Duração
1. Funcionaria	Provedor	Prisões de Toscana	Administração	Mulher	29, 48 min
2. Funcionaria	Chefe da Policia	Setor Transgender (NCP)	Policia penitenciária	Mulher	18, 52 min
3. Funcionário	Comandante	Setor Transgender (NCP)	Policia penitenciária	Homem	41, 54 min
4. Funcionaria	Psicóloga	Prisão Sollicciano	Sócio-Sanitário	Mulher	46, 58 min
5. Funcionaria	Educadora	Setor Transgender (NCP)	Sócio-Sanitário	Mulher	40, 59 min
6. Funcionaria	Vice-diretora	Prisão Sollicciano	Direção	Mulher	32, 11 min

Tabela 12 – Entrevistas detidas transgêneras NCP

Entre- vistada	Crime	Pena	Origem	Sexo civil	Gênero	Idade	Duração	Nível lingua
1. Detida	Exploração prostituição; venda de drogas	5 anos e 6 meses	Minas Gerais	homem	Trans-gênera	31	27, 02 min	Italiano-baixo
2. Detida	Exploração prostituição	1 ano e 2 meses	São Paulo	homem	mulher/homem	37	60, 01 min	Italiano-ótimo
3. Detida	Venda de drogas; extorsão	6 anos	Minas Gerais	homem	mulher	40	32, 12 min	Italiano-baixo
4. Detida	Assalto; extorsão	Espera pena	São Paulo	homem	Trans-gênera	ca. 25	39, 44 min	Italiano-bom
5. Detida	Exploração prostituição	4 anos	Minas Gerais	homem	Trans-gênera	26	51, 09 min	Italiano-bom

### 2.3.2.2 Processos discursivos em contextos familiares e de trabalho

A proposta de pesquisa é focada na análise intertextual entre discursos reproduzidos em contextos seja de alta, seja de baixa margem de agenciamento (Zimbaro, 2007/2008), devido a isso foram coletados

repertórios discursivos em contextos ecológicos, como associações ARCI, ambientes de trabalho e dimensões familiares.

Nestes contextos resulta interessante investigar como o posicionamento, que em ambientes diferentemente estruturados é relegado dentro de fronteiras normativas fixas, mude frequentemente dependendo das diferentes situações sociais, lugares espaciais quanto simbólicos e diferentes modalidades de interação entre o *self* e o outro. Esta dimensão apresenta-se como uma realidade muito mais fluida (Z. Bauman, 2003/2010) e, portanto menos controlável. É mesmo em referimento a esta definição da vida cotidiana que se supõe que possa ser maior o grau de agenciamento a respeito das realidades mais institucionalizadas e reificadas.

Este corpo compõe-se de entrevistas (discurso oral) e de diários (discurso escrito).

São mantidas separadas estas duas modalidades de produção textual, sendo as entrevistas articuladas como processos de interação dialógica enquanto os diários apresentam uma estrutura monológica.

1. Discurso oral: o conteúdo resultado da entrevista resente de posicionamento discursivo do entrevistado, quanto do entrevistador. Este instrumento, de fato, permite recolher o posicionamento entre sistemas de significado produzidos por mais agentes. Isso permite observar ativamente a modalidade de mediação por meio dos quais dois interlocutores atribuem um sentido partilhado para uma situação situada. Além disso, o observador tem a possibilidade de guiar o entrevistado para específicos objetivos de investigação (sobretudo nas entrevistas semiestruturadas).
2. Discurso escrito: o diário, pelo contrário, permite a quem escreve focar a atenção naqueles momentos de vida considerados como os mais significativos a respeito da própria representação do *self*. O texto escrito tem uma função meramente explicativa e, portanto, aquilo que interessa é, sobretudo, o conteúdo semântico.

O material discursivo foi, portanto, subdividido em dois subcorpos:

- 1 Sete entrevistas com mulheres transgêneras no Centro e Norte da Itália;
- 2 Três diários escritos por duas mulheres transgêneras e um homem transgênero, residentes na Itália do Norte.

Tabela 13 – Entrevistas em contextos familiares e de trabalho

Entrevistada	Origem	Sexo civil	Gênero	Idade	Ocupação	Duração	Língua
1 Transgênera	Milão	homem	transgênera	ca. 35	Esteticista	87, 28 min	Italiano
2 Transgênera	Milão	homem	mulher	ca. 30	Contadora	98, 18 min	Italiano
3 Transgênera	Milão	homem	mulher	ca. 33	Secretaria	72, 05 min	Italiano
4 Transgênera	Minas Gerais	homem	mulher	ca. 45	Cabeleira	91, 55 min	Italiano-baixo
5 Transgênera	Minas Gerais	homem	mulher	ca. 40	Desempregada	85, 38 min	Italiano-baixo
6 Transgênera	Verona	homem	transgênera	ca. 50	Professora particular	10, 04 min	Italiano
7 Transgênera	Merano	mulher	mulher	55	Empresaria	120, 12 min	Italiano-Alemão

Tabela 14 – Diários escritos para pessoas transgêneras

Autor do Diário	Origem	Sexo civil	Gênero	Idade	Emprego	Tipo de diário
1. Transgênera	Verona	homem	transgênera	ca. 50	Professora particular	Narração autobiográfica
2. Transgênera	Mantova	homem	mulher	ca. 35	Empresaria	Diário episódico
3. Transgênero	Verona	homem	homem	38	Mecânico	Narração autobiográfica

### 2.3.3 Notas conclusivas

O corpo dos dados representa o foco central, em torno do qual foram formulados os objetivos e as perguntas da presente pesquisa.

Os dados, na ótica do realismo mediado, não constituem entidades empíricas objetivas e neutras, mas são gerados num processo de coconstrução de uma realidade à qual o observador aproxima-se para especificar os núcleos temáticos a retorno dos quais são articulados os próprios interesses de pesquisa.

As observações etnográficas, as entrevistas e os documentos escritos (atos oficiais, diários) permitem delinear um quadro pluridimensional que leva em consideração a intencionalidade entre

variáveis psicológicas, relacionais e contextuais. A circularidade, então, entre processos de interação no *hic et nunc* e a constante produção e reprodução de significados superordenados, torna-se uma ação conotada de sentido, somente se situada dentro do quadro espaço-temporal, que circunscreve seja o campo de investigação, seja as modalidades de observação adotadas pelo pesquisador.

Este último, de fato, não será externo aos fenômenos psicológicos e sociais de seu interesse e, portanto, ele mesmo não somente influi, mas participa ativamente aos posicionamentos entre *self*, outros (os participantes centrais da investigação, como também os “periféricos”, os quais interagem de maneira parcialmente direta como a realidade é tratada) e contexto dentro do qual é enraizado o conjunto das ações sobre os objetos e o sujeito de estudo.

Devido a isso, resultou indispensável, antes de proceder com a coleta do material discursivo, familiarizar, não somente com os contextos e os seus atores, mas também com os sistemas de significado que sustentam as estruturas sociais e os universos de valor, os quais definem “*Hábitos culturais*” particulares (Bourdieu, 1980/2009).

No caso as realidades observadas são fortemente caracterizadas por práticas normativas e processos de institucionalização formalmente administrados (Goffman, 1961/2003), examinou-se os atos oficiais, sobretudo quando trata-se de contextos muito inacessíveis, como os presídios e as salas de cirurgia de um hospital, sobre os quais disserta Zucchermaglio (2003), com o objetivo de compreender a lógica organizacional que veicula as interações cotidianas, procurando, ao mesmo tempo, as informações necessárias para obter a autorização para o acesso.

As estruturas organizacionais, ou seja, os órgãos institucionais pela gestão administrativa, burocrática e funcional de contextos cujo funcionamento prevê a interação entre status autoritário, papéis profissionais e sistemas de significado legitimados, prevêem uma adequação dos sistemas de significados do pesquisador àqueles de uma dada situação social para compreender as peculiaridades das ações cotidianas.

A observação ativa e participante da realidade por meio de um paradigma que tem em conta a complexidade fluida e situada dos contextos e das interações que se geram no seu interior, responde à exigência de enfrentar as diferentes dimensões de interesse analítico, de uma perspectiva integrada e, ao mesmo tempo, crítica.

O quadro que nasce destas informações e reflexões detalhadas sobre o contexto, permite delinear uma visão geral – do psicológico ao

social e do relacional ao normativo – dentro dos quais formam-se e adquirem significado os eventos e os fenômenos tratados. O campo de investigação será circunscrito pela própria especificidade situacional: “Este quadro geral ajuda a definir as fronteiras da pesquisa e a planificar um atento uso dos recursos. A observação geral do setting físico, do universo das atividades ajuda a focalizar e endereçar a pesquisa” (Fetterman, 1989, p.51)<sup>150</sup>.

A coleta de dados e a sucessiva definição destes, segundo áreas específicas de afinidade temática, não respondem a uma mera necessidade classificatória e organizativa, mas a categorização destes acontecimentos em sintonia com os objetivos de trabalho, e esta faz plenamente parte do processo de análise. Segundo os paradigmas do conhecimento distribuído (Hutchins, 1995), do realismo mediático (Garfinkel, 1967/2000) e do construtivismo social (Berger & Luckmann, 1966/1995); a observação do contexto, as modalidades de coleta de dados, a organização destes últimos em arquivos específicos, e a formulação das perguntas de pesquisa podem ser entendidas como práticas de coconstrução de uma realidade, a qual será investigada por meio de diferentes processos de análise.

Articula-se assim um aparato de investigação circular, no qual se considera constantemente o quanto a presença do observador exerce um impacto na realidade observada e nas interações que se geram, desenvolvem-se e acontecem nos contextos relacionais no aqui e agora.

Coerentemente com os pressupostos epistemológicos, as análises do pesquisador são, elas mesmas, discursos que repercutem valores de significado sejam pessoais sejam gerais, em quanto,

“o discurso de um observador tem a tendência a olhar de maneira privilegiada, mas também com certa razão, pela sua janela pessoal ou por aquela, que os outros lhe abrem” (Salvini, 2004, p. ix)<sup>151</sup>.

---

<sup>150</sup> Versão original em Italiano: “Tale quadro generale aiuta a definire i confini della ricerca e a pianificare un accorto uso delle risorse. L’osservazione generale del setting fisico, dell’universo delle attività aiutano a focalizzare ed indirizzare la ricerca”

<sup>151</sup> Versão original em Italiano: “il discorso di un osservatore tende ad affacciarsi in modo privilegiato, ma anche con qualche ragione, alla sua finestra personale o quella che gli altri gli aprono”.

## TERCEIRA PARTE: A ORDEM DO DISCURSO

### Estudos críticos de interações e discursos produzidos em (con)textos generizados

#### 3.1 O CONTEXTO

“Uma série de regras de transcrição devem ser utilizadas para transformar um segmento de atividade real, fora do cenário, em um apto a ser encenado” (Erving Goffman, 1977/2009, p. 173)<sup>152</sup>.

Por meio da metáfora do cenário, o sociólogo canadense enfatiza a importância dos elementos pelos quais se forma um evento de interação. Mesmo o título da famosa monografia de Goffman (1977/2009): “*Frame Analysis*”, da qual é trazida a citação introdutória a este capítulo, alude exatamente a uma compreensão processual de um conhecimento circular e distribuído que analisa o conjunto das interações e de regras que definem uma situação social. A interdependência entre posicionamentos no aqui e agora e atributos de *decoro* contextual gera representações de significados discursivamente circunscritos e exibidos nas diferentes cenografias do interagir cotidiano:

“Dada uma representação particular como ponto de referência, será conveniente muitas vezes usar o termo ‘região de fachada’ para se referir ao lugar onde a representação é executada. O equipamento fixo de sinais desse lugar já foi mencionado como constituindo a parte da fachada chamada ‘cenário’. Veremos que alguns aspectos de uma representação parecem ser executados não para a plateia, mas para a região de fachada.” (Goffman, 1959/1985, p. 102).

Portanto, as situações sociais dependem do *background* de significados e normas, as quais relegam os posicionamentos no aqui e agora dentro de um *script* simbólico, não visível, mas determinante a respeito da articulação da ação encenada. Os atores sociais são

---

152 Versão da edição italiana: “Una serie di regole di trascrizione devono essere utilizzate per trasformare un segmento di attività reale, fuori dal palcoscenico, in uno adatto a essere messo in scena”.

constantemente envolvidos em um espetáculo de interação direta (cara a cara), bem como indireta (a marca normativa dos sistemas ideológicos de referimento).

O dado textual, sobre o qual vertem as análises da presente pesquisa, adquire um significado próprio e por isso um sentido, somente se considerado como parte integrante de um processo de negociação entre agentes, contexto, regras e crenças. O que emerge desta consideração é uma visão do enunciado discursivo como um evento gerado na interação com o outro, e tornado real por meio da reificação das diretrizes contextuais (físicas, simbólicas, de valor). Estas definem a situação no aqui e agora e geram uma representação partilhada da realidade: por isso, sem contexto não se pode ter texto.

A representação discursiva será definida pela situação social e pelo ambiente. O conjunto destas duas variáveis produz um *frame*, isto é, um contexto significativo. As representações e os correspondentes repertórios linguísticos que as circunscrevem são reificados pela peculiaridade do momento e do lugar, juntos aos atores que participam, onde estas acontecem.

“São ‘situações sociais’ implicadas – definidas simplesmente como lugares onde as pessoas estão sempre presentes no campo perceptivo e sujeitas a um controle recíproco – sendo estas pessoas definíveis, neste campo, somente como ‘multidão’” (Goffman 2009/1977)<sup>153</sup>.

Os protocolos etnográficos e as observações coletadas no campo delineiam as diretrizes contextuais dentro das quais se coloca o tema da pesquisa. Devido a isso se relatam as descrições analíticas realizadas nos lugares de investigação. As notas de campo, as gravações em vídeo e os documentos colhidos constituem uma bagagem de conhecimento, fruto de uma observação participante dos momentos de interação no *hic et nunc*.

A experiência direta e situada da realidade enfrentada na pesquisa constitui o quadro dentro do qual foram articuladas as fontes teóricas, metodológicas e analíticas do projeto.

O quadro contextual define a *Etnografia de Fundo* (Zucchermaglio, 2003), graças a qual é possível enquadrar o assunto da

---

<sup>153</sup> Edição italiana consultada: Sono perciò implicate ‘situazioni sociali’ - definite semplicemente come luoghi dove le persone sono sempre presenti nel campo percettivo e soggette ad un controllo reciproco - essendo queste persone definibile, in questo campo, soltanto come ‘assembramenti’.

pesquisa a respeito de específicas diretrizes espaço-temporais.

O foco da pesquisa é, de fato, centrado nos processos de interação e posicionamento discursivo por meio do qual se constitui uma representação individual e coletiva a respeito dos gêneros em transição. Os diferentes momentos de vida e os sistemas de significados em contextos fortemente institucionalizados, (NCP de Florença-Solliciano), profissionais e privados (logo de trabalho, ambiente familiar) definem um *fazer gênero* (West & Zimmermas, 1987) que varia dependendo de situações sociais específicas.

O contexto dentro do qual foram enraizadas as observações coletadas, é constituído por diferentes realidades simbólicas e matérias que produzem diferentes processos de interação. Estes contextos podem ser entendidos como um panorama cultural que abrange situações cotidianamente situadas e diversamente institucionalizadas. As modalidades de posicionamento definem-se segundo a margem de agenciamento, por meio da qual os atores envolvidos representam-se como identidade de gênero status social.

A etnografia, como estudo do outro, é um método essencial para perceber sistemas de atividade situada e processos de interação entre contexto e atores sociais. Estes, por meio de posicionamentos discursivos, coconstroem uma realidade partilhada, gerando ações dotadas de sentido.

A *etnografia de fundo* (Zucchermaglio, 2004) da pesquisa foi realizada por meio de diferentes fases de observação participante (Goffman, 1959/1985), seja a respeito da realidade transgênera, seja a respeito do mais amplo contexto normativo e cultural, com o objetivo de enquadrar o fenômeno e ampliar o quadro de referimento em relação às temáticas tratadas.

Nesta pesquisa, por isso, desejam-se analisar os processos de interação entre pessoas, as quais enfrentam um percurso de transição de gênero, e o domínio heteronormativo.

Os funcionários penitenciários, os colegas de trabalho, como também os atores afetivamente significativos (familiares, parceiros, amigos) posicionam-se cotidianamente a respeito das representações de quem reivindica uma identidade de gênero em contínua definição e redefinição. Os diferentes momentos de vida e sistemas de significado a respeito da experiência de detenção e a respeito da identidade de gênero.

O contexto dentro do qual estão enraizadas as interações de interesse do presente estudo, é constituído por estruturas e serviços públicos que oferecem assistência, conselhos, e intervenção polifuncional para estas pessoas. Estes contextos devem ser entendidos



como estruturas de alto funcionamento normativo. As modalidades de posicionamento organizam-se segundo a margem de agenciamento por meio do qual os atores envolvidos, representam-se como identidades de gênero (usuários) e identidade de trabalho (pessoal). A etnografia, como estudo do outro, é um método adequado, senão essencial para o estudo de sistemas de atividade situada e dos atores sociais envolvidos nele, os quais, por meio das próprias interações discursivas, coconstroem uma realidade partilhada e realizam ações significativas dentro de um contexto situado.

### 3.1.1 A etnografia de fundo

Os contextos e as situações observadas constituem o quadro da pesquisa e eles representam um constante ponto de referência durante as fases seguintes de análise do material discursivo coletado. As entrevistas, de fato, foram realizadas como encontros representativos do mais amplo cenário das interações cotidianas. Estes momentos dialógicos, por isso, podem ser considerados, como enfatizado por Goffman (1974/2006), *segmentos de atividade real* os quais reproduzem a complexidade das interações na coletividade alargada. A entrevista, como palco do teatro das ações sociais, levanta uma encenação de um vislumbre de atividade social, um encontro onde dois ou poucos mais atores atuam um *script*, o qual deveria representar um sistema partilhado de significados, negociados dentro dos macrocenários da vida social. Os diários etnográficos realizados para este projeto foram coletados nos lugares da interação no qual uma representação não heteronormativa da própria identidade de gênero denota significativamente o contexto social, cultural e normativo de referência.

O contexto, contrariamente ao que acontece nas situações cotidianas predominadas por uma hegemônica visão dual de sexo e gênero, torna-se, retomando Goffman (1959/1985), uma “*região de fachada*” e as regras e as acepções simbólicas entre homens e mulheres são alteradas por um decoro contextual o qual torna-se válido a respeito de uma atitude classificada como *diversa* no mais amplo panorama cultural.

Estes lugares, mesmo pela especificidade própria do contexto, não se apresentam necessariamente como realidades segregadas, mas como contextos às vezes profundamente ancorados no tecido histórico-cultural de um determinado *habitus* e *campo* social. Estes momentos de interação demonstram uma diferente organização da vida social, adotando ao mesmo tempo uma lógica parecida de estruturação do

evento social, o qual inevitavelmente referir-se-á aos sistemas de significado sobre ordenados.

É o caso da procissão dos *Femminelli Napoletani* durante a *Juta della Candelora*, do setor das transgêneras do Novo Complexo Penitenciário de Florença-Solliciano, ou dos lugares de encontro de ativistas e simpatizantes dos vários movimentos de reivindicação da Identidade transgênera (MIT, associações Arci, etc.).

Os contextos que constituem a etnografia de fundo do presente projeto foram escolhidos a respeito de uma diferente estruturação dos processos de interações e coconstrução da realidade social. A pesquisa etnográfica, por isso, foi articulada como uma fase exploratória para definir o campo da pesquisa. Diversas observações etnográficas, a respeito dos possíveis percursos de reivindicação da própria identidade de gênero (dicotômica ou em progresso) ou concernente o mais amplo contexto cultural, foram realizadas nos lugares onde formam-se os eventos sociais com o objetivo de situar os fenômenos estudados e ampliar o quadro de referimento a respeito das temáticas enfrentadas.

As primeiras observações no campo, realizadas em dois contextos muitos longes e diferentes, permitiram observar em primeira pessoa uma experiência de transição de gênero e um contexto situado onde a identidade de gênero e a identidade religiosa conviviam em uma ocasião de festa culturalmente aceita e encorajada.

Estes *frames* referem-se, portanto, aos diários etnográficos realizados em quatro diferentes situações culturais.

1. O encontro com uma ativista ex-transsexual em uma sede da Associação Crisalide Onlus de Bolonha em Novembro de 2010;
2. A inspeção do NCP de Solliciano juntos ao encontro com o Responsável da Área Pedagógica do Instituto em outubro de 2010;
3. A procissão dos *Femminelli napoletani* no Santuário de Montevergine na província de Avellino em fevereiro de 2011;
4. O protocolo das observações clínicas de um adolescente com diagnóstico de Klinefelter durante o mês de maio de 2011.

Cada um destes quatro repertórios etnográficos descreve uma determinada situação social com as próprias margens de agenciamento e graus de significação. De fato quis-se familiarizar com a realidade, objeto do presente estudo, para observá-la de maneira direta e participativa.

Além disso, a respeito dos assuntos epistemológicos da pesquisa

interessados a situatividade dos eventos sociais e psicológicos, resulta indispensável descrever, delinear e, enfim compreender o contexto, entendido como *frame* material e simbólico do interagir social, dentro do qual formam-se as representações, os *scripts* de identidade e as modalidades de exibí-las no palco da vida cotidiana.

### 3.1.1.1 Etnografia de um contexto sociopolítico

Notas descritivas:

O primeiro contato para familiarizar-se com a realidade sobre a qual concentra-se esta pesquisa foi um encontro organizado por uma mulher de 27 anos, a qual tinha acabado de completar o percurso de transição de sexo e gênero. O lugar, aberto ao público, é destinado às pessoas ativamente envolvidas na reivindicação dos direitos LGBT e a quem desejar interagir e conhecer uma representação da sexualidade e dos gêneros a qual não responda à lógica binária de um modelo heteronormativo.

A interlocutora, referindo-se à própria experiência e àquela vivida por quem enfrentou percursos similares, conta que

“os fatos e os bastidores daquele acidentado percurso chamado transexualismo: corpos e identidades transexuais no começo do século XXI entre ciência, leis e âmbito social” (Associação Crisalide Trans-ação, 2010)<sup>154</sup>.

Durante este encontro foi traçada uma panorâmica geral a respeito do percurso de transição do ponto de vista de quem viveu esta experiência em primeira pessoa, com os próprios acontecimentos íntimos e relacionais, juntos às dificuldades médico-legais. O que emerge deste relato é uma descrição dos percursos de transição a nível pessoal, social, cultural e normativo.

Notas logísticas:

Lugar: Betty & Books, via Rialto 23, Bolonha.

Data: 17 de novembro de 2010, das 20 horas às 23 horas.

Organizador: Associação Crisalide trans-azione.

Tipo de evento: encontro público.

---

<sup>154</sup> Versão original em italiano: “i fatti ed i retroscena di quell'accidentato percorso chiamato transessualismo: corpi ed identità transessuali all'inizio del XXI secolo, fra scienza, leggi ed ambito sociale”.

Objetivo do encontro:

o encontro tinha o objetivo de descrever a experiência transexual, do ponto de vista médico-legal e como experiência pessoal e social.

Notas de campo relativas ao contexto:

O lugar onde aconteceu o encontro é uma sala comercial e de atividades socioculturais. A estrutura encontra-se na zona Leste do centro histórico de Bolonha em uma rua estrita e arcada. As iniciativas promovidas por este centro abrangem a realidade das mulheres e, em específico, a violência de gênero.

Como ponto comercial, em vez, promovem-se a venda de vários objetos: acessórios estéticos, artefatos eróticos, destinados a usuárias meramente femininas.

O encontro aconteceu então na sala de exposição, voltada para o lado da rua, com grandes vitrines.

Os outros locais da estrutura (todos no térreo) consistem em um pequeno armazém e uma sala organizada com sofás, mesinhas e um balcão de bar. As paredes eram enfeitadas com quadros, fotos, desenhos e histórias em quadrinhos.

Atuação do encontro:

O encontro, que no começo era previsto para às 19 horas, começou pouco depois das 20. A interlocutora apresentou-se com roupa social, um *tailleur* e uma calça levemente gessada. No pescoço tinha uma echarpe cor rosa escuro. Na frente de um público bastante modesto (cerca de 12 pessoas) foi colocada uma tela onde foram projetadas uma série de *slides* (PowerPoint). A exposição do material iconográfico acompanhava os diferentes pontos temáticos aos quais Artemide referiu-se sobre os argumentos enfrentados.

Primeira parte: Premissa epistemológica

A base temática era, por isso, focalizada na perspectiva corpórea do gênero, ou seja, a sua representação como aspecto fenomênico de caráter sexual. Diferentemente de outros movimentos empenhados na reivindicação das identidades de gênero transitórias, como o MIT (Movimento italiano transgênero), os quais estão orientados para uma concepção de gênero como dimensão outra a respeito do sexo biológico, a perspectiva de Artemide era mais orientada mesmo para uma relação bastante direta entre matriz etiogenética e processos identitários.

A apresentadora sempre referiu-se falando não somente da própria experiência, mas também a respeito dos momentos de vida de

transição em geral, adotando o híbrido semântico de transexual, mais que transgênero, mesmo para enfatizar um percurso de passagem, ou seja de trânsito de um polo sexual para outro. Os primeiros slides, portanto, eram entendidos como definição da concepção hegemônica de dualismo sexual e inevitavelmente de gênero, ao redor do qual se articulam os universos femininos e masculinos com os correspondentes papéis sociais, culturais e então simbólicos. Uma vez introduzido o aspecto epistemológico, os sucessivos momentos da apresentação foram destinados para o esclarecimento de alguns conhecimentos de caráter médico, genético e endocrinológico. Esta premissa técnica servia para expor depois as diferentes passagens que um/a transexual deve percorrer para aviar o próprio percurso de transição corpórea.

Segunda parte: aspetos médicos, psicológicos e legais

Artemide, de atitude pacata e às vezes irônica, mostrou diferentes caixas de fármacos hormonais, explicando a utilização e os efeitos no organismo. Foi interessante a respeito de uma detalhada descrição da metamorfose de diferentes partes do corpo: além dos aspectos mais visíveis, como os peitos e os genitais (atrofia do pênis) foram evidenciadas também as transformações mais leves como o tato e o cheiro da pele e dos cabelos. Estas mudanças foram em seguida explicadas por alterações psicológicas que representavam exatamente as diferentes variações funcionais e estruturais do organismo.

Ela, portanto, empenhou-se para esclarecer também as diferentes terminologias, explicando a sua utilização nos diferentes âmbitos do conhecimento e aplicativos. Em seguida, Artemide introduziu a estrutura legislativa a qual os percursos transitórios de sexo eram inevitavelmente ligados. Apesar do atual interesse para despatologizar os comportamentos sexuais não heteronormativos, a comunidade transgênera manifesta as próprias dúvidas e preocupações.

O aparente paradoxo que tal afirmação poderia suscitar encontra o próprio sentido a partir do momento em que o caráter psicopatológico do transexualismo é condição, em muitos países, inclusive na Itália, para uma bom auxílio do estado nas despesas envolvidas para completar a transição sexual.

Este auxílio, que parece uma armadilha para tirar vantagem das diferentes conjunturas ético-normativas, permite a muitos/as transgêneras/os, com condições econômicas modestas, a enfrentar este percurso. Na Itália, as despesas médicas, endocrinológicas e cirúrgicas seriam de cerca de 50.000 € (ca. R\$130.000,00), cifra que para muitas pessoas não seria fácil despendar sem este auxílio. Antigamente, isto é,

antes da introdução da lei 164/82, as operações e os tratamentos frequentemente aconteciam no exterior, sobretudo no Marrocos e na Tailândia (com valor em torno de 10.000 € (ca. R\$ 26.000,00) para reduzir os custos elevados.

Em seguida, Artemide apresentou as implicações legais da lei 164 e também as motivações históricas que levaram a formulação deste decreto. Esta lei foi articulada de maneira quase despercebida entre as facções políticas: *PD* (Partido democrático), *DC* (Democracia cristã) e *Rifondazione Comunista* (Novo partido comunista) em 1982, um ano depois da lei sobre o aborto. Este decreto, articulado em sete artigos, define as várias práxis e os passos a seguir para encaminhar e completar um percurso de transição sexual, o qual garante um reconhecimento oficial da conversão efetuada. Ao mesmo tempo, procede-se com a retificação do estado civil com a eventual dissolução do casamento e do pátrio poder. .

Quarta parte: “Des-constituir as representações ideal típicas:

A última parte do encontro foi dedicada para algumas representações recorrentes seja entre a população assim chamada heteronormativa, seja entre as transgêneras a respeito de uma série de acepções estereotipadas associadas à experiência de transição. A interlocutora conta sobre aqueles preconceitos que, na sua experiência decenal de ativista transgênera, considera serem os mais frequentes na realidade italiana. Estas representações geraram de fato discursos sobre o Transgênerismo, os quais sendo tão reproduzidos e repropostos em todos os níveis da interação social acabam tornando-se recipientes *idealtípicos* e, portanto, reificantes, para incluir a diferença da experiência transgênera dentro da lógica dicotômica e heteronormativa da vida sexual.

As crenças e os estereótipos produzidos pelo sentido comum e, consequentemente também pelos/as mesmos/as transgêneros/as propõem uma representação da realidade trans, impregnado de um *obstinado*, apto a circunscrever os momentos de vida de transição dentro de *esquemas tipizados de personalidade* (Salvini, 1999, 2004). Emerge, de fato, como determinadas produções discursivas, como a presumida individuação de tratos finos nas mulheres transexuais (MtF) ou de conotações andróginas nos homens transexuais (FtM), possam assumir valor de regra legitimada, criando universos de significado culturalmente compartilhados, muitas vezes reificados mesmo por quem é pessoalmente relegado dentro destes reducionismos semânticos. Estas representações do *self* e do outro instituem um gênero narrativo, o qual

permeia como *Leitmotiv* intertextual um conjunto de discursos difundidos por meio de vários canais comunicativos (os mídia, as interações cotidianas, as ideologias, etc.).

Outras representações largamente difundidas sobre realidades transgêneras/sexuais consistem em associar os momentos de vida com uma série de protótipos sociais consolidados, como a cultura do *cross-dressing*, a prostituição, a hipergenerização da própria imagem do *self*. A interlocutora, por meio destas exemplificações, tentou atenuar uma rígida representação fortemente enraizada nos substratos culturais da experiência coletiva, evidenciando o caráter redutivo e generalista.

A tendência a uniformizar inteiros sistemas de significado sob um único denominador comum serve, portanto, a repercussão de uma hegemonia de opiniões e atitudes para poder salvaguardar a *Ordem do Discurso* e então a coerência ontológica dos *idealtipos* sociais.

Este encontro ofereceu uma primeira abordagem com a realidade transgênera e, em específico, com aquela parte do movimento transgênero constantemente empenhada na reivindicação dos direitos LGBT. Em particular a apresentação de Artemide Viola traçou uma perspectiva integrada entre diferentes discursos, produzidos dentro de uma pluralidade de realidades contextuais, as quais, além dos momentos de vida psicológicos e, portanto, pessoais, delineiam um processo social, como ruptura do isomorfismo sexo-gênero. Mesmo a posição da interlocutora, como enfatizado muitas vezes durante o encontro, diferencia-se de outras manifestações da experiência transgênera, demonstrando que não existe uma posição monolítica a respeito e, por isso, os percursos de transição, como por outro lado qualquer outro evento social são expressões culturais variadas e plurais em interdependência com todas as outras instâncias da vida cotidiana.

As crenças, os estereótipos as representações sobre e das mesmas/os transgêneras/os são discursos, ou seja, universos narrativos dentro dos quais são reificados os mundos de interação entre os gêneros ou, como diria Goffman (1977/2009), a “relação entre os sexos”.

As assim chamadas crenças são em vez representações coletivas e partilhadas dentro de uma comunidade que constitui um particular *habitus* social; no caso dos gêneros este universo de significados é definido por uma hegemônica concepção dual entre os gêneros, onde as posições de domínio e, portanto, da elite dominante são ocupados principalmente por homens, pelo menos em termos de legitimação das práticas sociais (Bourdieu, 1998/2010).

Muitas vezes os estereótipos emergem a partir de uma forte conotação simbólica da antinomia sexual, a qual vê em comportamentos

que parecem violar este dualismo peremptório uma confirma da importância etiológica da identidade de gênero.

Simone de Beauvoir em *Segundo Sexo* (1949/1990) descreve egregiamente aquilo que a interlocutora do encontro descrito acima entende por “*Desconstruir as crenças do sentido comum*”. As atitudes *ideaísticas* a respeito das escolhas de vida não heteronormativas podem ser consideradas como a tentativa de justificá-los como erros da natureza; um funcionamento defeituoso de um organismo psicológico e fisiológico que precisa de consertos morais e pragmáticos. Estas estratégias *corretivas*, aptas ao nascimento da estabilidade e do equilíbrio normativo, são tentativas de *ajustar* uma ruptura simbólica infligida à inteira organização social.

A filosofia francesa tinha, de fato, enfatizada como a difusão de uma representação fortemente heterossexista das mulheres homossexuais fosse de alguma forma relacionada com uma convicção etiológica de uma presumida androginia latente; aquela de uma mulher masculinizada que comporta-se, veste-se e representa-se como um homem.

“De bom grado imaginamos a lésbica com um chapéu de feltro ríspido, de cabelos curtos e gravata; sua virilidade seria uma anomalia traduzindo um desequilíbrio hormonal. Nada mais errôneo de que essa confusão entre a invertida e a virago (...) a homossexualidade pode ser para a mulher uma maneira de fugir de sua condição ou uma maneira de assumi-la” (De Beauvoir 1990/1949, p. 144-146).

Sempre no lado normativo e legislativo tentou-se de fato compreender como a realidade dos gêneros em transição afirma-se dentro de um contexto fortemente generizado como o carcerário. O próximo diário etnográfico foi, devido a isso, realizado no Presídio de Florença-Solliciano, contexto onde o gênero assume um valor de critério discriminatório para a subdivisão dos detidos em categorias predefinidas.

### 3.1.1.2 Etnografia do Novo Complexo Penitenciário de Solliciano

Escolheu-se um contexto carcerário (o Novo Complexo Penitenciário - NCP - de Florença-Solliciano) para compreender como articula-se o tratamento psicológico e reeducativo individualizado (Giuffrida 2003), oferecido para a população transgênera reclusa na



seção separada do setor feminino do instituto.

Após um comprido percurso burocrático, necessário para obter as autorizações ao acesso no instituto penitenciário, deliberadas pelo Ministério de Graça e Justiça (prot. 5216), tornou-se possível entrar no vivo da pesquisa e coletar o material.

As observações realizadas consistem em relatórios etnográficos, úteis para enquadrar o contexto material (características arquitetônicas do edifício) e estrutural (a respeito dos aspectos simbólicos da organização, das peculiaridades próprias do presídio onde aconteceu a pesquisa e do pessoal ali empregado), as notas de campo de um primeiro encontro de apresentação com as detidas transgêneras e algumas conversas informais (sem utilização do gravador, o qual foi utilizado para a fase sucessiva da coleta dos repertórios discursivos) com algumas figuras profissionais que operam, com diferentes tarefas, na seção transgênera do instituto.

Delineando uma visão do conjunto a respeito do ambiente carcerário onde aconteceu parte da pesquisa, foi fundamental observar os diversos *contextos de interação* (entendidos no sentido físico estrutural e humano afetivo), cada um com uma organização própria em termos funcionais e de gestão.

A influência do contexto nas produções discursivas e nos correspondentes universos de significado torna-se ainda mais evidente e densa em contextos com funcionamento normativo elevado. Dentro de uma penitenciária tudo, até o ambiente físico, assume conotações muito fortes e rígidas; a privação da intimidade, e não somente da liberdade, é naturalizada mesmo na estrutura, no contexto e na cela (Foucault, 1975/1987), a qual se torna o horizonte restrito da própria vida, dos pensamentos e das interações com o outro.

O *Novo Complexo Penitenciário de Solliciano* é um ambiente carcerário considerado inovador, de um ponto de vista normativo (vê convenções específicas entre a região Toscana e o Departamento da Administração central – cap.1.3) e gestacional; demonstrando-se sensível as exigências de todas as categorias de detidos, das ordinárias às protegidas. Devido a isso, aos reclusos, os quais pela tipologia do crime em si ou por acepções sociais ou identitárias particulares distinguem-se dos assim chamados presos comuns (na maioria das vezes homens heterossexuais); e por representarem um número exíguo no contexto penitenciário (as mulheres detidas, as transgêneras, os homossexuais, os *sex-offenders*<sup>155</sup>, e os usuários de drogas) seria

---

<sup>155</sup> Pedófilos e estupradores.

oferecida a possibilidade de acesso para aquelas propostas de tratamento individualizadas, cuja previsão é explícita na constituição:

“o tratamento deve ser individualizado porque existe um direito constitucionalmente fundado, que é o direito do preso, de cada detido ao tratamento e a reeducação. Portanto, acho que falar hoje em dia de uma inovação no tratamento significa restituir para cada detido uma subjetividade dentro das penitenciárias e mais em geral na execução da pena” (Giuffrida, 2003, p.2)<sup>156</sup>.

Tenta-se uma interação em diversas frentes com a variada complexidade da população carcerária para garantir uma adequada atenção a respeito das exigências específicas de cada preso, para favorecer o processo de reeducação e reinserção social, como definido pelo artigo 27 da constituição (ver capítulo 1.3).

São disponibilizados diversos espaços com o objetivo de enfrentar a deletéria ociosidade que muitas vezes acompanha o cotidiano da vida carcerária, como também para enfrentar “*a grande lotação das penitenciárias*” (Giuffrida, 2003, p.2). A estrutura de construção recente e, portanto, a idealização do Presídio de Solliciano, prevê uma série de espaços para facilitar seja o percurso da detenção, seja a eficácia do percurso do tratamento. Dispondo de espaços mais amplos com possibilidade de trabalho mais frequentes e programas individualizados deseja-se:

“devolver aos detidos o papel de sujeito (...) ‘oferecer’ para eles recursos de tratamento a respeito dos quais eles tem e/ou podem encontrar – em virtude do trabalho profissional dos funcionários penitenciários e, em específico, da área educacional – uma capacidade de adesão, de consenso, e a vontade de estabelecer um pacto, não implícito, mas ciente e declarado, de reescrever uma solidariedade necessária com valores socialmente aceitáveis, de reconstruir o

---

<sup>156</sup> Versão original em italiano: “Il trattamento deve essere individualizzato perché esiste un diritto costituzionalmente fondato che è il diritto del detenuto, di ogni singolo detenuto al trattamento e alla rieducazione. E quindi credo che parlare oggi di un rilancio del trattamento significa restituire ad ogni singolo detenuto una soggettività all'interno degli istituti penitenziari e più in generale dell'esecuzione della pena”.

pacto de cidadania quebrado com a prática do crime” (ibidem, p.2).<sup>157</sup>

Notas logísticas:

Lugar: Casa Circondariale de Florença-Solliciano

Rua Minervini, 2/r, 50142, Solliciano, Florença. Deslocação: periférica.

Tribunal e escritório de vigilância: Florença. UEPE: Florença

Data & Horas do encontro:

Horário do encontro: 11.00 horas do dia 19.10.2010.

Interlocutor previsto para o encontro: o Diretor, Doutor Oreste Cacurri substituído pelo responsável da área pedagógica: Doutor Gianfranco Politi.

Descrição do contexto:

O objetivo principal da inspeção na *Casa Circondariale di Solliciano* consistia no encontro com o diretor do instituto, o qual foi substituído pelo responsável da área pedagógica. Antes de começar o colóquio foi possível observar a própria estrutura do presídio juntos ao contexto urbano dentro do qual está inserida.

Confrontado o instituto de Florença com outro contexto penitenciário, o *Due Palazzi* de Pádua, destacam-se algumas diferenças cardinais, as quais residem principalmente na colocação dos institutos. De fato, o presídio de Pádua encontra-se no final da Rua Montà e, portanto, deslocado a respeito dos grandes aglomerados residenciais. A zona adjacente ao presídio paduano compõe-se na maioria de campos que muito provavelmente pertencem a grandes empresas agrícola-industriais. As habitações ao redor são raras e certamente não constituem complexos edifícios superiores a quatro unidades.

Em Solliciano, um bairro residencial densamente povoada da cidade de Florença, as estruturas penitenciárias colocam-se diretamente na frente de grandes edifícios residenciais de construção bastante recente: talvez do começo da década de oitenta, mais ou menos na época

---

<sup>157</sup> Versão original em italiano: “restituire ai detenuti il ruolo di soggetto (...) “offrire” loro delle risorse trattamentali rispetto alle quali essi hanno e/o possono trovare - in virtù del lavoro professionale degli operatori penitenziari e nella fattispecie dell’area educativa - una capacità di adesione, di consenso, la volontà di sottoscrivere un patto, non implicito ma consapevole e dichiarato, di riscrivere una solidarietà necessaria con dei valori socialmente accettabili, di ricostruire il patto di cittadinanza rotto con la commissione del reato”.

da abertura do presídio em 1982. O bairro, que é de fácil acesso do centro de Florença com a nova transvia, demonstra-se bastante tranquilo, com algumas atividades comerciais, sobretudo do setor alimentar. As ruas e os canteiros estão bem ordenados e muitas infraestruturas ainda estão em fase de construção. O bairro então é composto principalmente de edifícios residenciais e por isso àquela hora da manhã de terça-feira letiva, havia poucas as pessoas na rua: em sua maioria idosa e trabalhadores de construção de estradas.

O Novo Complexo Penitenciário de Solliciano cerca praticamente todo o lado norte da Rua Minervini enquanto no lado oposto há principalmente edifícios residenciais. O complexo penitenciário, além da penitenciária hospeda também o presídio juvenil “Mario Gozzini”.

O presídio, de forma arquitetônica pentagonal, pode lembrar um estádio de futebol (tipo San Siro de Milão) ou o Pentágono de Washington. Na verdade, como comprovado por um relato publicado online na associação *Antigone* (2009, p.2):

“A planta do Instituto inspira-se ao lírio de Florença e esquematiza a estrutura da flor por meio dos pavilhões semicirculares e os corredores de ligação<sup>158</sup>.”

O material, dos muros externos e dos edifícios no seu interior, compõe-se de concreto armado, uniformemente colorido entre cinza claro e o bege. As janelas, que se vislumbram pelos diferentes setores, são compridas, discretas, retangulares e barradas. Ao redor dos muros, com casamatas, ergue-se uma cerca barrada, alta, com cerca de 10 metros e da mesma cor azul dos uniformes da polícia civil. Existem câmeras de rotação de 360°, instaladas em intervalos regulares, ao longo desta cerca. A entrada dos carros e dos pedestres encontra-se no mesmo lugar, na metade da Rua Minervini. Uma pequena portaria separa as duas entradas. A entrada dos pedestres é a mesma para os visitantes e o pessoal.

O NCP de Solliciano foi construído em 1982, durante a reforma do ordenamento penitenciário (lei 663), retomando na sua estrutura o símbolo de Florença, como explícita referência simbólica ao contexto histórico e cultural e, portanto, ao poder institucional presente no

---

158

<http://www.associazioneantigone.it/osservatorio/rapportoonline/toscana/solliciano.htm>. Versão original em italiano: “la pianta dell'Istituto è ispirata al giglio di Firenze e ne schematizza la struttura del fiore attraverso i padiglioni semicircolari e i corridoi di collegamento”.

território. O projeto original previa uma seção transgênera implantada no setor masculino, mas recentemente foi transferida para o setor feminino, por exigências de gestão e para atender uma reivindicação de identidade de gênero voltada para o feminino.

Para ilustrar melhor a estrutura do contexto, coloca-se aqui em um mapa do instituto (ver figura 5) e as tabelas 9ª, 9b, 9c e 10 com o número dos detidos e dos funcionários.

Figura 6 – Mapa do NCP de Solliciano.



Tabela 15 – Setor Masculino

<b>Seção</b>	Penal	Judiciário	Centro clínico	Setor de trânsito	Assistentes sociais	Total
<b>Número</b>	281	472	53	33	42	881

Tabela 16–Setor Feminino

<b>Seção</b>	Penal	Judiciário	Custódia	Semi-liberdade	Trans-gêneras	Total
<b>Número</b>	41	42	14	1	23	121

Tabela 17 – Total penitenciária

Tipologias detidos	Aguardando julgamento	Estrangeiros	Viciados	Total
Percentagem	50%	60%	39%	1002

Tabela 18 – Funcionários e Operadores

Polícia penitenciária	Médicos	Enfermeiros	Psicólogos	Educadores	Tot.
692 totais; 634 efetivos; 480 presentes	4 fixos; 22 convenção; 13 de guarda	7 fixos; 33 convenção	3 por novos chegados; 4 por observ.; 2 por projeto reintegração social	1 C-3; 5 C-2 (classes de emprego no SUS italiano)	786

NOTA: Assinalamos que os dados relativos às presenças na penitenciária, fornecidos pelo Ministério da Justiça e pelo PRAP não correspondem.

Após esta inspeção o agente da portaria, depois de algumas ligações, informou-me da repentina falta do Diretor, o qual teria sido substituído pelo Responsável da área pedagógica para realizar um primeiro colóquio informativo. Durante a espera podia-se observar a passagem contínua de pessoas, dentro e fora das portas do presídio: Além do pessoal penitenciário de uniforme, tinham muitos operadores assistenciais e de outros serviços logísticos como o *catering* (serviços alimentares) ou o pessoal das faxinas. Para os visitantes dos detidos – na maioria dos casos mulheres com crianças – era entregue um passe e elas entravam com sacolas de plástico cheias de roupas e alimentos, enquanto as crianças corriam tranquilamente no quintal do presídio.

Durante a espera foi possível estabelecer um diálogo informal com uma agente da polícia penitenciária, a qual deu algumas informações sobre a estrutura do presídio e sobre a distribuição das várias tipologias de detidos presentes no instituto, confirmando que as 23 transgêneras detidas encontravam-se no setor feminino. Falando sobre o espaço delas, enfatizou que uma vez transferida à seção, do setor masculino para o feminino, as modalidades de posicionar-se das detidas mudavam. No setor masculino, as respostas para situações emotivas eram na maioria atribuíveis a um *fazer gênero* masculino, caracterizado por atitudes mais agressivas e violências manifestadas em nível somático. Na nova colocação, no setor feminino, a expressão da

emotividade afirmava-se mais por meio de desabafos verbais e outros comportamentos culturalmente identificados como ideal tipos *gerinizados*, situados na direção de um *fazer gênero* feminino.

Este dado foi em seguida confirmado pela mesma guarda em um e-mail que ela, por gentileza enviou, com diversas informações e considerações pessoais, amadurecidas durante o próprio trabalho no presídio.

E-mail enviado por uma assistente da Polícia Penitenciária

Extrato 1<sup>159</sup>:

*Original em italiano*

4. i trans si trovano al reparto femminile ma non
5. fanno vita in comune con le detenute bensì sono
6. allocati in una sezione riservata esclusivamente a
7. loro. Comunque hanno modo di incontrarsi con le
8. altre ristrette, vedi quando vanno a Messa oppure
9. quando lavorano in cucina.

*Tradução em português*

4. as trans encontram-se no setor feminino mas não
5. compartilham momentos com as detidas pelo
6. contrário estão situadas em uma seção reservada
7. exclusivamente para elas. Todavia tem como
8. encontrar-se com as outras presas, vê quando vão
9. para a Missa ou quando trabalham na cozinha.

A agente enfatizou o quanto a realidade transgênera, dentro do instituto, é sujeita a cuidados especiais pelos funcionários e pessoal penitenciário. A gestão dos seus percursos detentivos não recebe o mesmo tratamento dos outros presos; diante das suas identidades de gênero em forte contraste com o modelo binário dos sexos, fortemente reificado dentro do contexto carcerário, não podem ser colocadas no setor feminino ou masculino. O espaço de reclusão então foi criado *ad hoc* para as exigências delas e, portanto, foram mantidas segregadas das seções ordinárias da estrutura: *estão situadas em uma seção reservada exclusivamente para elas* (linha 2 e 3). O uso do adjetivo *exclusivamente*

---

<sup>159</sup> Todos os extratos dos repertórios discursivos (entrevistas, diários, e-mail, etc.) são numerados a respeito da sequência no texto e editados em tamanho “Courier” para manter a formatação original, sobretudo onde utiliza-se o código de transcrição de Jefferson

ênfatiza a nível lexical a particularidade dos seus percursos detentivos os quais, por sinal, não permite uma própria colocação em seções reservadas para outras tipologias de detidas: *não compartilham momentos com as detidas* (linha 1e 2). As atividades partilhadas com os outros atores da população carcerária limitam-se às atividades de tratamento ou de diversão: *tem como encontrar-se com as outras presas, vê quando vão para a Missa ou quando trabalham na cozinha*. Sempre do lado lexical ressalta o uso do gênero gramatical (aspecto ainda mais relevante sendo o discurso escrito e, portanto a conversação é de tipo assíncrono) adotado pela agente enquanto fala da situação transexual no presídio. De fato ela introduz o e-mail dela referindo-se aos trans por meio uma forma lexical declinada no masculino: os trans (linha 1). Esta generalização vem, de fato, logo retomada em seguida, no mesmo e-mail:

#### Extrato 2

##### *Original em italiano*

10. Sono gestiti dai colleghi uomini proprio perché  
 11. per la legge italiana sono detenuti di sesso  
 12. maschile e per l'ordinamento penitenziario nelle  
 13. sezioni detentive devono vigilare poliziotti  
 14. avente lo stesso sesso dei reclusi.

##### *Tradução em português*

10. São administrados pelos colegas homens mesmo  
 11. porque pela lei italiana são detidos de sexo  
 12. masculino e para o ordenamento penitenciário nas  
 13. seções detentivas devem vigiar policiais do mesmo  
 14. sexo dos reclusos.

Esta recorrência para uma linguagem dicotômica por definição enquanto as categorias lexicais do italiano seguem uma lógica dual em posicionar-se semanticamente a respeito do gênero, torna-se nesta passagem um cruzamento significativo na interação. Dispondo, a nível linguístico somente de dois gêneros, coloca a interlocutora na situação de ter que enfrentar uma escolha forte, seja a nível cognitivo (Van Dijk, 1993), seja a nível relacional (Wodak, 1989). Ela relega a realidade transgênera do instituto dentro de um polo sexual bem definido, ou seja, o masculino: *são administrados pelos colegas homens* (linha 6). Em nível sintático então é preservada uma redundância gramatical do gênero masculino, o qual é depois contextualmente reforçado pela interação entre agentes e detidas, enquanto os primeiros sendo homens são associados ao sexo anagráfico dos segundos, ou seja os transgênero



assim chamados MtF.

Esta afirmação, além de nascer de uma organização sintática pensada para o masculino e, para retomar Van Dijk (2006), estruturada a nível mental e cognitivo, carece fortemente de diretrizes normativas superordenadas, em particular aquelas relativas à constituição italiana em matéria penitenciária: *pela lei italiana são detidos de sexo masculino*. Neste caso, como enfatizado por Fairclough (2006) é mesmo a estrutura do discurso impregnada, não de uma lógica exclusivamente psicológica, mas de uma distribuição de significados simbólicos dentro da reificação semântica de um gênero narrativo, identificável como a semiótica do poder legislativo.

Esta referência explícita torna-se, em todos os testemunhos, um impedimento de heteroatribuição do próprio agenciamento, o qual não é mais ego-sintônico, mas torna-se um discurso no qual o próprio posicionamento entre *self*, outro e contexto segue um estilo autoritário. Um pouco como as situações observadas nos experimentos de Milgram, a autoridade, social e culturalmente legitimada, torna-se um parâmetro legitimador das próprias ações; um processo por meio do qual conotar as próprias afirmações de *credibilidade* e, sobretudo de responsabilidade coletiva: *para a organização penitenciária nas seções de detenção devem vigiar policiais do mesmo sexo dos reclusos* (linha 8 e 9).

Em nível lexical, assiste-se a uma redundância de uma construção semântica com fortes acepções dicotômicas do gênero em função do sexo, institucionalmente legitimado. Evidencia-se, a forte ligação que existe na administração de uma instituição total entre categorias normativas e esquemas tipificadores de personalidade, aonde a etiquetagem chega a definir os atores segundo sistemas de representações culturalmente cristalizados.

A presença da detida transgênera dentro de uma dicotomização sexual tão reificadora leva a perturbar o princípio conceitual sobre o qual se funda o contexto penitenciário, isto é, como enfatizado por Foucault (1975/1987) desnuda o transgressor da sua identidade desviante para reconstruí-la de maneira mais apta às expectativas da coletividade como um todo. Neste sentido, a diversidade de gênero no que se refere a um modelo binário não pode encaixar-se em nenhuma das assim chamadas seções ordinárias, mas ela é relegada a um espaço separado, assim como ocorre para outras tipologias de detidos considerados pelo crime em si (violência sexual contra mulheres e crianças) ou pela periculosidade do sujeito (crimes políticos ou mafiosos) para manter o funcionamento regular da estrutura.

Chega-se, portanto, a homologar diversas tipologias de detidos

dentro de categorias específicas, segundo um determinado grau de afinidade, a respeito de uma experiência comum de diversidade. A acepção que diferencia as diferentes categorias é definida, de fato, ad hoc a respeito de quanto estabelecido pelo sistema normativo além do aparato legislativo de referimento. As diversidades deles torna-se então uma discriminante para poder colocar grupos de pessoas no espaço considerado como o mais idôneo a respeito das suas experiências desviantes. Assim nasce uma analogia entre transgressão social e transgressão normativa, colocando no mesmo plano desviante as duas categorias:

Extrato 3:

*Original em italiano*

1. Proprio per la presenza di svariate categorie
2. delinquenziali (vedi i protetti, l'Alta Sicurezza,
3. ecc.) anche per loro sono state previste delle
4. sezioni idonee essendo soggetti molto
5. "particolari". Sarebbe impensabile una loro
6. collocazione in sezioni ordinarie!

*Tradução em português*

1. Mesmo pela presença de várias categorias de
2. criminais (vê os protegidos, a Segurança Máxima,
3. etc...) para eles também foram previstas seções
4. idôneas sendo sujeito muitos "particulares".
5. Seria impensável uma colocação deles em seções
6. ordinárias!

Enfatiza-se mesmo a nível semântico a forte afinidade entre comportamento dolente e identidade do sujeito por meio do uso do adjetivo "*particulares*" ainda mais enfatizado pelo uso das aspas no e-mail da agente. Uma situação de caráter excepcional que se enfrenta como se faz como "*os protegidos, a Segurança Máxima*"<sup>160</sup>, etc.. (linha 2), ou seja, colocando as detidas transgêneras dentro seções idôneas, mesmo porque seria *impensável uma colocação deles em seções ordinárias!* (linha 5, 6).

Depois de ter fornecido, no e-mail, uma breve introdução informativa sobre a situação normativa do setor transgênero no instituto, a agente procede na descrição com algumas considerações pessoais

---

<sup>160</sup> A segurança máxima ou também "Setor 41Bis" é uma área de algumas prisões italianas, reservada para detidos mafiosos ou políticos.

maturadas durante a presença cotidiana no presídio:

Extrato 4:

*Original em italiano*

16. Loro sicuramente si sentono donne (anche se  
17. sinceramente non credo sia così per tutte)...  
18. Cercano di mettersi in mostra; si atteggianno  
19. tanto ma alcune di loro non hanno davvero nulla  
20. di "donna".

*Tradução em português*

16. Eles como certeza se sentem mulheres (apesar  
17. sinceramente de não achar isso valer para  
18. todas) ... Tentam se mostrar; se acham muito  
19. mas algumas delas não tem realmente nada de  
20. "mulher".

Desta passagem emerge quanto uma situação em distonia a respeito dos axiomas antinômicos da realidade sexual gere confusão e às vezes perplexidade, como afirmado pela agente entre parêntesis nas linhas 16 e 17: “*apesar sinceramente de não achar isso valer para todas*”, enfatizado em seguida por uma conotação maneirada do comportamento delas: “*Tentam se mostrar*” (linha 18) em forte contraste em vez com uma representação social do gênero feminino visto como antípoda absoluto do masculino: *se acham muito, mas algumas delas não tem realmente nada de “mulher”* (linha 18 – 20). Enfatiza-se assim novamente a importância da diversidade na interação com as detidas transgêneras, considerada como um evidente amplificador de uma situação de detenção em si já muito difícil:

Extrato 5:

*Original em italiano*

20. Sono sicuramente delle persone molto particolari  
21. e credo che all'interno di un istituto  
22. penitenziario la loro diversità la sentano ancora  
23. di più.

*Tradução em português*

20. São com certeza pessoas muito particulares e  
21. acredito que dentro de um instituto  
22. penitenciário a própria diversidade a sentem  
23. ainda mais.

O advérbio *certamente* associado ao adjetivo *particulares* (linha 20), evidencia a forte conotação etiológica da experiência desviante. Sendo a situação deles mesmo *certamente particular*, como reafirma o agente, com efeito, entra em um modelo de detenção em que a diversidade se torna frequentemente a causa presumida de um comportamento, que levaria o transgressor para uma trajetória desviante e, portanto socialmente nociva. A associação entre escolhas de vida que não entram nos sistemas de valores mais difundidos e, por isso, legitimados, e a possibilidade de empreender uma carreira de delinquência resulta muito forte nos relatórios de quase todos os operadores depois entrevistados para a pesquisa. De fato, o agente refere-se “*dentro de um instituto penitenciário sua diversidade é sentida ainda mais*” (linhas 21 – 23).

Portanto esta primeira análise de uma conversa assíncronica<sup>161</sup> fez emergir como discursos produzidos no cotidiano sentam o efeito tanto no conteúdo como de forma implícita de estruturas simbólicas superordenadas, como as normas ou os vínculos semânticos de um construto legislativo. Esta posição entre norma e cotidiano será mantida nas produções discursivas de todos os atores envolvidos na direção de um contexto carcerário. Então a norma penitenciária torna-se uma repetição intertextual, ou seja, uma gíria que caracterizará todas as narrações aninhadas dentre aquele particular contexto.

O seguinte relatório etnográfico refere-se ao encontro com o responsável da área pedagógica do presídio e, portanto, seu papel poderia ser considerado como o de um mediador entre iniciativas reeducativas da direção carcerária, a vigilância dos reclusos e as instâncias administrativas territoriais como o *Provveditorato* (Administração penitenciária) e o Fiador dos detidos.

O encontro com o responsável da área pedagógica:

Antes de começar a conversa, o Responsável tomou atentamente visão dos documentos (o pedido de autorização e o projeto) que lhe foram entregues pelo diretor. Visto o contexto delicado dentro do qual tinha que se articular a pesquisa, resultou necessário não só de

---

<sup>161</sup> Para conversa assíncronica se define a comunicação por meio de instrumentos tecnológicos, nos quais a interação entre dois ou mais interlocutores não é direta, como, por exemplo, o e-mail. A conversa sincrônica, por enquanto, é a possibilidade de interagir, por meio de instrumentos tecnológicos, em tempo real com um ou mais interlocutores, por exemplo o telefone, Skype ou a chat.

apresentar as razões e os motivos para realizar parte do projeto sobre a vida carcerária das detidas transgêneras, mas de esclarecer detalhadamente as modalidades por meio das quais se tentava acessar a estrutura e interagir com os atores da mesma.

Portanto foi explicada a exigência de dever acessar pessoalmente a penitenciária para entrevistar, com o auxílio de instrumentos de audiovisuais, algumas transgêneras detidas e organizar, eventualmente, colóquios com os operadores que trabalham a estreito contato com esta realidade.

O pedagogo, formado em Sociologia, demonstrou-se muito interessado seja na temática mesma do projeto como no processo metodológico. Ele sugeriu de especificar no pedido de autorização o fato de utilizar um gravador para as entrevistas. Ele aconselhou, a este propósito, ampliar o pedido de acesso respeito à possibilidade de entrevistar também os funcionários carcerários. Mesmo por esta razão que não se podia gravar o colóquio com o Responsável, porque mesmo um diálogo com um funcionário tinha que ser autorizado por parte das autoridades competentes e, então se tomaram anotações de campo para documentar o encontro.

Tendo sido o responsável da área pedagógica a conduzir o colóquio em lugar do diretor, aproveitava-se do encontro, para, além de resolver as práticas administrativas, pôr-lhe algumas perguntas no seu papel de funcionário da prisão.

Em referimento ao breve diálogo com a agente penitenciária, procurava-se aprofundar alguns aspectos dos quais ela estava falando; especialmente a “acomodação” das detidas transgêneras. Ele confirmou que as 23 detidas transgêneras encontram-se na seção feminina e que essas são quase todas originárias do Brasil e sem válidos documentos de estadia (uma só delas é cidadã italiana e identificou-a mais como travesti do que não como transgênera); consideração confirmada pelo e-mail da agente, onde afirmou que elas poderão se sentir inclusive como mulheres, *mas algumas delas não têm nada de verdade de “mulher”* (veja-se em cima). O Responsável ressaltou a respeito que as grandes dificuldades de interações em nível cultural, que relegam a única detida italiana desta seção, em uma condição de ulterior marginalização.

As transgêneras brasileiras demonstram majoritariamente um baixo nível de alfabetização da língua italiana, para além de representar-se por meio de costumes e modalidades de interação muito diferentes respeito à trans italiana. De fato, ele notava que as transgêneras brasileiras, para além da pessoal experimentação de transição, mostram umas peculiaridades culturais muito afins, que, para ele, surgem de um

comum momento de vida de pertença.

Elas, além de provir do Brasil, foram todas presas na região da Toscana, especialmente na área de Montecatini, conhecida por uma forte presença no território da prostituição não heteronormativa. Também explicou que todas as detidas transgêneras nos presídios italianos não retificaram de forma cirúrgica os próprios aparatos genitais e, por isso, não podiam modificar o estado civil. Durante sua carreira, aconteceu uma única vez - “há muitos anos” - como especificou – de encontrar na seção reservada às transgêneras, uma pessoa operada.

Na maioria dos casos, as transgêneras operadas são consideradas como mulheres a todos os efeitos, do momento em que seus documentos a identificam como mulher, tanto considerando a parte psicossocial como a física. As transgêneras, sendo associadas a uma categoria protegida dentro dos presídios, desfrutaram de tratamentos e serviços específicos, como a garantia de continuar com as curas de hormônios e de serem assistidas por especialistas psicólogos e endocrinólogos. Sendo separadas do resto das detidas, elas fazem atividades formativas e de trabalho em lugares diferentes, respeito às outras encarceradas. Esta solução resulta, muitas vezes, inevitável para garantir a ordem e a regular coordenação das atividades cotidianas no instituto.

Respeito às tipologias dos crimes, o sociólogo referiu que as principais razões de detenção eram ligadas à venda de entorpecentes e em alguns casos, após denúncias por parte de clientes da prostituição concernente à extorsão de dinheiro. Mais raramente se verificaram atos doloridos como a exploração do tráfico, sendo elas mesmas, na maioria das vezes, as protagonistas da prostituição, que por si não constitui um crime a ser perseguido penalmente na Itália.

De qualquer forma, o responsável não sabia se os crimes tinham sido feitos com o fim de manter as caras e, muitas vezes, clandestinas curas de hormônios e/ou intervenções de cirurgia plástica. Ele não excluía esta possibilidade, para ele plausível, mas não podia referir experiências ou relatórios específicos respeito a isso. De qualquer forma, a continuidade dos tratamentos de medicação é garantida às transgêneras ao longo de todo o percurso penitenciário delas.

Também respeito ao que concerne à vida delas antes do presídio, o Sociólogo não sabia dizer muito, somente que, vista sua condição de clandestinidade, conviviam em apartamentos subalugados não seguindo a lei, onde na maioria dos casos recebiam os próprios clientes.

Concluindo, o Responsável enfatizou o fato de que, quando concluída a pesquisa, deve ser entregue um relatório à direção do presídio, para ter-se seja uma restituição do trabalho, seja ideias

aplicáveis, que eventualmente podem emergir dos resultados encontrados.

Depois deste primeiro contato com a realidade penitenciária, foi iniciado o processo para pedir a autorização ao instituto para realizar entrevistas audiovisuais com os funcionários penitenciários e as detidas transgêneras.

Depois de muitas avaliações por parte do Grupo de Observação e Tratamento (GOT), o pedido foi passado às autoridades penitenciárias do presídio. Portanto, estas últimas exprimiram o próprio parecer favorável para a autorização ao acesso e, enfim, foi aceita positivamente por parte da direção de Sollicciano, transferindo-a depois para o Departamento da Administração Penitenciária da região Toscana.

A confirmação que deliberou definitiva e oficialmente o acesso ao presídio, foi assinada no dia 11 de Fevereiro de 2012 por parte do Diretor e do Ministério da Justiça por meio do ato N° 5216/1.1.

As práticas de afiliação com o contexto carcerário permitiram não só de obter a autorização, mas também de familiarizar com a estrutura, a função e a direção cotidiana do contexto. As observações etnográficas realizadas no NCP de Sollicciano apresentam o centro deste capítulo, porque este contexto resulta particularmente reificante a respeito de todas as interações que se desenvolvem no seu interior. Respeito às outras dimensões encaradas pela presente pesquisa, este parágrafo delinea as margens físicas e os vínculos de um contexto extremo (Goffman, 1961/2003; Foucault, 1975/1987).

A descrição detalhada desta realidade dentro da presente tese é indispensável, porque os discursos produzidos estão permeados por regras e normas peremptórias às quais todos os atores sociais (detidos, operadores, guardas, pessoal sanitário, etc.) devem responder.

A margem de agenciamento em tal contexto, como reafirmado por Zimbardo (2007/2008), é extremamente reduzida e as identidades dos reclusos despidas de sua subjetividade.

### 3.1.1.3 Etnografia da *Juta della Candelora*

Esta parte da pesquisa foi realizada com a finalidade de analisar a posição contextual e as representações sociais diante de uma definição da própria identidade de gênero onde se supõe que possa variar conforme a peculiaridade do contexto e da especificidade da situação. Neste sentido, por meio de um paradigma goffmaniano (1959/1985), a identidade de gênero, para além de ser um *script* social, torna-se uma “região de fachada”, ou seja, uma representação cotidiana do *self*. Como

já afirmado no capítulo 2.2 (descrição dos instrumentos de observação), a abordagem etnográfica usada para a presente tese, serve para contextualizar seja os aspectos teórico-metodológicos (Zuccheromaglio 2003), seja como instrumento de observação participante para delinear as diretrizes simbólicas dentre as quais os eventos estudados possam ser conotados de significado e, portanto, de sentido.

O terceiro relatório etnográfico descreve um fenômeno religioso, o da *Juta della Candelora*, que é permeado não tanto por processos, onde se negociam status e papéis sociais em sintonia ou distonia em relação aos aspectos normativos dominantes, mas por sistemas culturais fortemente ancorados na tradição de um lugar. A representação de uma identidade de gênero *in fieri* não rompe as diretrizes simbólicas daquele contexto, mas constitui parte integrante de uma realidade social partilhada e legitimada.

Este rito religioso cristão, de raízes pagãs antigas (Cuomo, Ferrara, Romano, Sisci & Valerio, 2011), acontece em 2 de fevereiro de cada ano no Santuário de Montevergine no distrito de Avellino. O evento, conhecido também como *a cerimônia dos femminielli napoletani*, comemora a recorrência de um milagre com um casal de jovens homossexuais, condenados a morrer e deixados nus durante uma noite de inverno no precipício da montanha que hoje tem o nome de *Montevergine*. Segundo a lenda, os dois teriam sobrevivido a esta tortura graças à milagrosa intervenção da Nossa Senhora Schiavona à qual agora é dedicado o sacro lugar.

O material coletado consiste em anotações de campo sobre o desenvolvimento do evento e de algumas modalidades de interação entre os atores sociais envolvidos e gravações audiovisuais dos momentos mais significativos, como as danças da *Tammurriata* e a procissão dos *femminielli* na abadia do Santuário. Ademais, foram monitoradas as interações de alguns participantes do evento; alguns deles deixaram o próprio testemunho diante de sua experiência do contexto e dos diversos momentos iniciatórios e simbólicos.

#### Anotações logísticas

Lugar do evento: Montevergine, distrito de Avellino.

Evento: festa da Canderola, comemoração do antigo rito dos femminielli napoletani – evento religioso (cristão-pagão).

Material coletado: anotações de campo; gravações audiovisuais.

Inspeção e etnografia de fundo (Zuccheromaglio, 2004)



O santuário de Montevergine encontra-se no topo do homônimo morro da cidade de Mercogliano, a poucos quilômetros de Avellino. A montanha é um íngreme precipício que lembra vagamente a forma de alguns topos das *dolomiti* de Belluno. O santuário, construído em parte dentro do paredão rochoso da montanha, é acessível tanto pela estrada como pelo teleférico.

O evento de iniciação começou ao meio-dia. Os *femminielli*, que vinham da capital da região da Campania encontraram-se às 09h30min na estação de Avellino para ir ao Santuário, primeiramente de ônibus e depois de teleférico.

Para a ocasião, chegou também a ex-parlamentar Vladimir Luxuria<sup>162</sup>, convidada, inclusive para fazer a tómbola dos *femminielli* que cada ano conclui uma parte do rito. Sua presença envolveu uma parte consistente de policiais e outros órgãos de intervenção pública (proteção civil, guardas médicas, bombeiros). Vista a unicidade deste particular e antigo evento, assistiram também muitos jornalistas e fotógrafos.

A rua, como também o teleférico para quem não tinha reservado a tempo, era protegida e os encarregados ao controle tinham a ordem de não deixar subir nenhum tipo de veículo motorizado. Então, muitos visitantes ficaram no vale ou tinham que ir a pé. No topo da montanha, depois de muitas curvas e íngremes subidas, as temperaturas tinham descido abaixo de zero e a vegetação escassa, sobretudo pinheiros e abetos, era coberta por um subtil tecido de orvalho gelado.

A rua estreita, que da última curva conduzia ao quintal do lugar sagrado, era semeada por bancas que preparavam comidas típicas da Campania: das linguiças grelhadas às “*sfogliatelle napoletane*”<sup>163</sup>. Os grupos de pessoas que se associavam ao longo da rua e do quintal entoavam cantos e baladas seguindo o som persistente dos pandeiros e de algumas flautas de madeira. Os fregueses provinham de vários lugares não só de Avellino, mas também de outras cidades da Campania e de regiões italianas. No meio das danças autóctones, exibiam-se também músicos de “*pizzica*” e “*tarantella*”, originários das áreas do Salento.

Avançando para o quintal principal, a multidão de gente fez-se cada vez mais ampla, e o murmúrio entre dançarinos, vendedores e

---

<sup>162</sup> Vladimir Luxuria (nome no registro civil: Wladimiro Guadagno) foi uma deputada no parlamento italiano durante a XV<sup>o</sup> legislatura do 2<sup>o</sup> governo Prodi. Foi a primeira deputada transgênera eleigida em um Estado europeu.

<sup>163</sup> Pastel doce

músicos transformou-se em um tumultuoso mar de cores e sons tribais. Esta atmosfera de festa e misticismo transformava este contexto em um espetáculo sem tempo, que parecia ter permanecido inalterado a mais de oitocentos anos.

Chegados ao pequeno quiosque onde aparecia a abadia, chegou a parlamentar *Vladimir Luxuria*, criando um grande e incontrolável fluxo de pessoas que se dirigiam e se reuniam em sua volta. Os encarregados à segurança encontraram dificuldades para manter um mínimo de ordem e manter a multidão de pessoas longe de Luxuria, devendo prestar atenção também nos idosos e nas crianças que os pais colocavam no colo da ex-parlamentar para tirar fotos e coletar autógrafos. A figura simbólica do *femminiello*, como descrito no capítulo 1.2, previa na cultura napolitana a participação a algumas cerimônias como o casamento ou o batismo. Em particular, durante este último, usava-se pôr no colo dos *femminielli* o recém-nascido, como signo de bom auspício.

Luxuria parecia às vezes impassível e em outras vezes angustiada por uma onda infinita de mãos e braços que tendiam para ela. Da gravação com o microfone foram monitorados alguns fragmentos dialógicos, sob forma de entrevista breve a bota-rebate, postas a Luxuria por um dos vários jornalistas locais que se apinhavam em volta do personagem público.

O próximo extrato resulta significativo pelo gênero discursivo adotado pela ex-parlamentar, que devia por um lado manter sua função como representante, pelo menos ideológico do movimento LGBT, e, ao mesmo tempo, interagir com a peculiaridade do contexto. Como ela mesma reafirmava ao jornalista, o significado central do evento consiste no partilhar e na construção de um comum sentido de pertencimento:

#### Extrato 6

##### *Original em italiano*

1. Giornalista: onorevole, onorevole (..) mi scusi,
2. onorevole che significato ha questo
3. evento per lei (2 sec.)
4. V. Luxuria: non ha un significato solo per me
5. (0.4) ma per tutti che siamo qui (.)
6. è un momento importante (.) per le
7. nostre tradizioni (0.4) quelle che ci
8. uniscono
7. Giornalista: chi?
7. V. Luxuria: tutti, in quanto persone, ciascuno con
8. la sua storia, la sua vita

*Tradução em português*

1. Jornalista: *excelentíssima, excelentíssima(..)*
2. *desculpe, que significado tem este*
3. *evento para você (2 seg.)*
4. V. Luxuria: *não tem um significado só para mim*
5. *(0.4) mas para todos que estão aqui*
6. *(.) é um momento importante (.) para*
7. *as nossas tradições as que nos unem*
8. Jornalista: *quem?*
9. V. Luxuria: *todos*, *como pessoas, cada um com a*
10. *própria história, a própria vida*

A Luxuria replicando à pergunta do jornalista evidencia a forte conotação simbólica de uma tradição partilhada e, tratando-se de uma recorrência quase milenária, legitimada, que, portanto, cria um terreno de recíproca consideração de um com o outro: *é um momento importante (.) para as nossas tradições (0.4) as que nos unem* (linhas 6, 7). Como mediadora política e experta de comunicação com o público, avalia muito bem a própria entonação para transmitir esta mensagem central de seu discurso sobre o evento, como se pode notar nas diversas pausas nas linhas 3, 5, 6 dentro de um mesmo enunciado semântico.

Especialmente a última, a mais cumprida, introduz a importância de partilhar valores diversos, mas sempre parte integrante da cultura e da vida social: *as que nos unem* (linha 7). Então, compreende-se que a unicidade de tal momento simbólico consiste mesmo em ver como escolhas de vida são etiquetadas como diversas, tornam-se neste contexto as diretrizes *normativas* próprias da interação social. A experiência de transição entre os gêneros passa por uma conotação eziopatogenética ao invés do que desviante a uma concepção da identidade do outro como expressão íntima de um momento de vida pessoal, que não rompe, mas reforça o valor cultural daquele contexto.

Depois destas breves interações, procurou-se seguir o fluxo cada vez mais denso de visitantes, jornalistas e policiais, na tentativa de poder entrar ao quiosque interno da parte antiga do santuário.

Subindo as escadas que levavam à sacristia na parte atrás da igreja principal, os jornalistas e as guardas colocaram-se nos lados da entrada, formando um sutil cortejo, que funcionava como um funil contra a muralha de pessoas que estavam seguindo a ex-parlamentar.

Uma vez entrado na parte antiga da igreja, dois capelães convidavam os presentes a manter uma atitude apropriada diante da sacralidade do lugar. Daí, atravessando uma ampla sala cujo teto era revestido por brasões, que figuravam símbolos de poder seja leigo seja

eclesiástico, chegou-se à nave principal da parte mais recente da igreja, onde aconteciam as celebrações sagradas da *Canderola*.

Apesar das contínuas advertências por parte das autoridades clericais, a multidão de pessoas e, sobretudo os jornalistas encarniçavam-se seja na Luxuria como nos cantores que entoavam salmos a Nossa Senhora.

A igreja, escura e com uma arquitetura quase gótica, era iluminada pelos faróis das gravadoras e pelas luzes das muitas máquinas fotográficas cujos disparos ecoavam entre os vários arcos, construídos em mármore e pedra vulcânica.

As sensações, que provocava este cenário de iniciação, eram entre o espanto, a alienação e uma quase magnética força estimulante que fez inevitavelmente calar seus participantes e observadores em uma situação, percebida como algo de imponente, sagrada e, ao mesmo tempo, misteriosa. A exibição dos cantores alternava-se com os momentos litúrgicos da missa e depois da comunhão, teve início o ritual que concluía a comemoração.

Um *femminiello*, com os cabelos compridos e encaracolados, avançava lentamente do altar para a nave central da igreja. Com passos lentos e regulares procedia, por meio das filas das cadeiras, para o portão principal. Sua caminhada era para trás, dando o olhar constantemente para o altar. Portanto era sustentado por fiéis, padres e coroinhas, enquanto em frente dele se juntou uma grande multidão de pessoas. Com o olhar fixo e os olhos arregalados, entoou um repetido canto da Campânia, indecifrável seja pelo dialeto em si seja para a exibição a voz alta e monótona.

O rito, a que se estava assistindo, durou aproximadamente meia hora com um lento encenar tanto dos cantos como também das diversas percussões tradicionais como os pandeiros, castanholas e “*clessidre*”. O ápice deste momento quase crepuscular, transformou-se em uma miríade de gritos e batidas atordoantes como um aumento sonoro a Ravel.

Acabada a parte espiritual do evento, o cantor foi acompanhado fora entre os aplausos e a exultação dos espectadores. A luz do dia, amplificada pelo branco cândido da neve e pelo orvalho, chamou bruscamente à realidade a multidão de pessoas que tinha saído da igreja, que por um momento pareceu que estivesse flutuando entre a sonoridade e o incenso que se respirava dentro das escuras paredes da abadia.

A procissão representou o fechamento da parte voltada a celebração e o evento continuou com danças, músicas e um clima de festa tipicamente do interior. Mesmo em frente da igreja, tinha-se formado um amplo círculo de pessoas que dançavam no ritmo das

comuns percussões, tocadas mesmo por alguns dos protagonistas da procissão na abadia.

A primeira pessoa à qual foram dirigidas perguntas a respeito do evento foi um homem com cerca de 70 anos, originário de Mercogliano. Ele contou de sua experiência já decenal concernente à comemoração deste rito, ao qual participa quase todos os anos. O homem, com traços de hilaridade e os olhos espertos, falou no dialeto autóctone, embora se forçasse em interagir, de vez em quando, na língua italiana.

Seu conto foi monitorado seja com a videocâmara, seja com o gravador com a finalidade de filmar a conversa, apesar do barulho proveniente das algazarras e batidas insistentes.

O extrato em seguida faz referência à resposta sobre o que lhe foi pedido a respeito da sua representação dos participantes como também dos *femminielli*, protagonistas da festa. O interlocutor descreveu o mesmo evento pela sua tipicidade e importância como um contexto em que se respira um ar alegre e cosmopolita.

#### Extrato 7

*Original em italiano/dialeto “campano”*

(A.: Entrevistador; B.: Entrevistado)

1. B.: queste ce stanne tutto a giorno qua. Queste::
2. vengono da Napule:: e:: da tutte le parti del
3. mondo. e sti qua ballano (.) mangiano (.)
4. A.: ma ce una processione, praticamente?
5. B.: si a bande de femminielle (.) travestite poi
6. oggi sta mattine per le nove=mezza dieci
- 5) l’hanne fatte i balli (...) ballane (.) ballane

#### *Tradução em português*

1. B.: Estas ficam o dia todo aqui. Estas
2. veem de Napules e de todas as partes do mundo.
3. E dançam (.) comem (.) comem
4. A.: mas há uma procissão, praticamente?
5. B.: sim grupos de femminielle (.) travesti depois
6. hoje esta manhã a umas nove=meia dez fizeram
7. as danças (...) dançaram (.) dançaram

O entrevistado, que participava a este evento por seu valor tradicional e popular, considera a presença dos *femminielli* como um significado fundado historicamente, único e de atração para uma grande massa de visitantes: “*Estas:: veem de Napules:: e:: de todas as partes do mundo*” (linhas 1 - 3). A atmosfera entre rito sagrado e lugar de

entretenimento de folclore é evidenciada pelas contínuas referências aos cantos e às danças autóctones que coloreem este contexto: “*fizeram as danças (...) dançaram (.) dançaram*” (linhas 6 e 7).

Ao contrário, com respeito à representação concernente aos *femminielli* mesmos se destaca uma associação discursiva com os travestis, aspecto que inclusive em um contexto de convívio, mantém certas acepções idealtípicas de sua experiência identitária particular com fenômenos transculturais como o travestismo: “*grupos de femminielle (.) travesti*” (linha 5).

### Considerações analíticas

O senhor, que conhecia muito bem o ambiente e o evento, deu muitas indicações sobre como é percebida esta comemoração pelas pessoas do lugar e pelos outros participantes. Das documentações consultadas, o que parecia uma iniciação, sobretudo religiosa, correspondia somente em parte à situação que se estava esperando no *hic et nunc*. De fato, o rito não concerne somente à experimentação espiritual, mas representa completamente um evento popular com raízes muito antigas.

A variedade das pessoas, que foram a Montevergine por esta ocasião, torna o contexto uma área de contato (Mantovani, 2005), em que diversas culturas se encontram para dar vida a um lugar de participação onde se partilham universos de valores. O que alguns pesquisadores (Halkitis, Mattis, Sahadath, Massie, Ladyzhenskaya, Pitrelli, Bonacci & Cowie, 2009; Yip 2005, 2008) descrevem como uma discrasia entre tradição monoteísta ocidental e o direito de cidadania íntima (Yip, 2008), torna-se neste contexto um veículo de interação e de comum pertença. A hegemonia heteronormativa (Ward & Schneider, 2009) não se explica neste contexto e a dicotomia entre norma e desviança não influi absolutamente em uma representação social, que é coletivamente partilhada (Durkheim, 1912/2008) e, portanto, legitimada (Bourdieu, 1979/1983).

Esta aparente contradição, que poderia se destacar no olho do observador pós-moderno e positivista (Galimberti 1999), ao invés se coloca dentro de um panorama cultural que não pode ser sobreposto ou comparado a outras realidades sociais, embora possam parecer afins (Cole, 1995). Um paradigma *cross-cultural* correria o risco de reduzir um universo único e peculiar, como o evento ao qual estávamos assistindo, a uma simples encenação de um rito religioso, considerando a presença dos *femminielli* como um colorido quadro cênico. De fato, como ensina Michael Cole (1995) não se pode enquadrar um fenômeno

cultural respeito aos próprios esquemas ontológicos, que, vista a capacidade de categorizar dos aparatos cognitivos (Kohlberg, 1966), tenderiam sempre a enfatizar as diferenças como remédio de justificativa ao que senão nos pareceria inexplicável (Salvini, 2004).

O desenvolvimento dos diversos momentos de celebração, enriquecidos com cores e sons da cultura de Avellino, não chamam para nada uma ruptura diante dos sistemas de valores alargados, mas nestes se reflete uma representação coletiva mais do que uma não representação individual (Durkheim, 1898/1978), atenta a promover uma reivindicação de alguma identidade marginalizada ou discriminada (Schilt & Westbrook, 2009).

A breve resposta, que Vladimir Luxuria deu ao jornalista (extrato 1), sublinha esta perspectiva intercultural do evento, do momento em que as identidades de gênero, assim como cada outro fragmento identitário, são consideráveis como horizontes culturais. Então, assim como sempre se criaram seja as áreas de contato, seja as barreiras divisórias entre *Weltanschauungen* aparentemente longe, assim como as identidades de gênero (que sejam consideradas antinômicas ao invés de plurais) podem ser percebidas como formas de viver afins ou opostas.

A *Juta della Canderola* é um evento historicamente preso no *habitus* cultural do lugar, cuja importância seja espiritual como comunitária, torna-se uma meta transcendental e um ponto de referimento social não só para a população autóctone, mas também e, talvez, sobretudo para criar um espaço de sentido comum, em que são as semelhanças e não as diferenças a caracterizar as interações com o Outro (Mantovani, 2004).

Se a primeira reportagem etnográfica descrevia um contexto sociopolítico em que se reivindicava o direito de cidadania íntima e dos mesmos direitos de pessoas em transição entre os gêneros, que sentia então fortemente o efeito de discursos que chamavam sistemas de significados sociais e de valor.

A segunda situação observada é, ao invés, ligada à dramática experiência de detenção, tornada ainda mais problemática por uma representação de gênero, que não podia voltar a entrar nas categorias dicotômicas da direção penitenciária. Então, os discursos que caracterizam as interações produzidas em uma instituição total chamam, ao contrário, sistemas de significado reificantes, como as normas institucionais e os aparatos jurídicos.

Enfim, esta terceira experiência etnográfica é determinada pelas experiências de transição ancoradas profundamente no tecido cultural do lugar. Neste contexto a tentativa transgênera torna-se um valor histórico,

uma diretriz social definida no tempo e legitimada por meio de processos de negociação partilhada. Os discursos coconstruídos entre os atores deste contexto descrevem uma realidade em que diversas expressões identitárias e, portanto, culturais, encontram uma representação comunitária de pertença.

Pelo contrário, o último diário etnográfico traz uma situação particular. O texto que emerge deste relatório consiste, na realidade, em um prontuário médico, onde foi desenhado o exame diagnóstico e anamnético de um adolescente atingido por *Síndrome de Klinefelter*.

### 3.1.1.4 Etnografia de um ciclo de observações clínicas

A *Síndrome de Klinefelter* podia delinear uma tentativa de isolar uma suposta causa etiológica daqueles construtos da Identidade de Gênero *em definição* a respeito de uma concepção dicotômica dos sexos. De fato, tê-lo-ia sido quando o isomorfismo sexo-gênero representasse um axioma absoluto, ou seja, uma condição peremptória, pela qual a identidade de uma pessoa se desenvolveria em correspondência da própria ordem anatômica e fisiológica.

Visto os vários estudos realizados nos diversos âmbitos científicos sobre o argumento (veja-se o segundo capítulo), portanto não se pode evidenciar que possa existir uma correlação direta entre desenvolvimento da identidade e a presença de um ou o outro genótipo sexual.

De fato, a literatura sublinhou que uma conformação cromossômica anômala pode produzir efeitos em nível do desenvolvimento geral do organismo, mas não necessariamente alterar a identificação em uma ou outra categoria social de Gênero.

Os prejuízos da estrutura anatômica e da função fisiológica, para além da esterilidade, não concernem necessariamente o comportamento sexual. As pessoas afligidas por esta rara patologia cromossômica (cerca de 1 sobre 1000 machos nascidos vivos) podem apresentar fenomenicamente os efeitos da doença com diverso grau de intensidade, mas geralmente não produzem efeitos estatisticamente significativos com o fim de poder atribuir eventuais comportamentos declinados ao feminino com a Síndrome do Klinefelter. Esta síndrome, que aparece com uma frequência bastante reduzida na população, representa, ao invés, uma das mais recorrentes malformações genético-sexuais masculinas:



“A ordem cromossômica XXY é uma das mais comuns anomalias genéticas conhecidas, com uma frequência de 1 em 500 a 1 em 1000 homens nascidos. Apesar da causa da síndrome, um cromossoma sexual extra, é bastante difundido, a síndrome por si – o conjunto de sintomas e características que podem resultar por ter outro cromossoma – é dificilmente comum. De fato, muitos homens vivem as próprias vidas sem nunca ter o suspeito de possuir um cromossoma adjunto.”

Bock, 1993<sup>164</sup>.

O impacto dos vários sintomas que a patologia comporta, portanto não se exprime por meio de um quadro identitário afim a comportamentos homo ou transexuais. Por isso a incidência das escolhas íntimas não sofre descartes significativos respeito à de homens que apresentam uma configuração cromossômica regular.

De fato, a mesma pesquisa médica teria confirmado que não existe nenhuma correlação significativa entre Klinefelter e orientação sexual ao invés do que a presença de uma disforia de gênero:

“Os pais de jovens com XXY são às vezes preocupados que os próprios filhos possam crescer se tornando homossexuais. Tal preocupação é, todavia, não fundada, porque não existe nenhuma evidência que machos XXY fossem mais predispostos para a homossexualidade respeito aos outros homens.”

ibidem<sup>165</sup>

O prontuário médico, que foi gentilmente prestado por parte de

---

<sup>164</sup> Versão original inglês: Based on these studies, the XXY chromosome arrangement appears to be one of the most common genetic abnormalities known, occurring as frequently as 1 in 500 to 1 in 1,000 male births. Although the syndrome's cause, an extra sex chromosome, is widespread, the syndrome itself-the set of symptoms and characteristics that may result from having the extra chromosome-is uncommon. Many men live out their lives without ever even suspecting that they have an additional chromosome.

<sup>165</sup> Versão original inglês: The parents of XXY boys are sometimes concerned that their sons may grow up to be homosexual. This concern is unfounded, however, as there is no evidence that XXY males are any more inclined toward homosexuality than are other men.

um neuropsiquiatra infantil, portanto, conclui a parte etnográfica da pesquisa, enfatizando como a identidade de gênero não sente o efeito da estrutura etiológica do organismo.

Sendo a pergunta conhecedora do estudo interessada em compreender como se desenvolvem as identidades de gênero diante das diretrizes do contexto em desfavor de uma posição causal da transexualidade como expressão patógena de uma diversidade, que se acharia antes e, sobretudo na etiológica mesma do indivíduo, este exemplo da prática clínica oferece uma contribuição indispensável com a finalidade de definir o campo de pesquisa.

As diversas passagens do relatório clínico, apesar de que o Klinefelter mostrasse diferentes copresenças no plano geno- e fenotípico de características sexuais misturadas (quadris largos, o escasso pelo corpóreo, os órgãos sexuais atrofiados), não se faz absolutamente referimento a nenhum comportamento ou atitude de tipo sexual.

Isto confirmaria que em nível da experiência direta, junto com a pesquisa científica, não pode existir nenhum reflexo absoluto anatomofisiológico na representação psicológica e social do gênero.

Os eventuais compromissos do funcionamento fisiológico, da vida psicológica e também das modalidades de interação com os outros se exprimem em diversas vertentes do cognitivo ao relacional, mas os médicos que curam não reservam nenhuma atenção com fins diagnósticos para a dimensão sexual do paciente.

Os próximos extratos, tomados no prontuário médico, de fato fazem referência a toda uma série de considerações psicossociais, por meio das quais se tenta explicar alguns desconfortos que o rapaz apresentaria com respeito à sua patologia, e revê analiticamente os gêneros discursivos usados pelos profissionais da saúde para definir sua situação.

O diagnóstico diferenciado, que identificaria a presença de alguns desconfortos cognitivos e afetivos na manifestação clínica do Klinefelter, é dirigido a esclarecer e a explicar o comportamento do paciente. Este último, segundo a avaliação de dois médicos especialistas em pediatria e neuropsiquiatria, estaria fortemente alterado em relação às dimensões tanto de aprendizagem como na de humor, e diante de uma série de ações persistentes por meio das quais a pessoa interagiria com o *self*, os outros e o contexto.

O instrumento de avaliação usado consistia em um *Test de apercepção temática* (TAT), que convidava o paciente a comentar uma série de lâminas que continham somente desenhos. Por meio das modalidades de interação com o instrumento, procurou-se deduzir como

a pessoa se posiciona diante dos sistemas de valor gerais, próprio e também do seu contexto social e afetivo.

#### Extrato 8

##### *Original em italiano*

1. Il protocollo TAT è costituito da racconti
2. piuttosto articolati, con buon investimento del
3. materiale proiettivo. I procedimenti di
4. elaborazione di Pasquale fanno ricorso
5. prevalentemente all'obiettività dello stimolo e al
6. controllo, con evitamento del conflitto; i
7. racconti si strutturano secondo una modalità
8. ossessiva di attaccamento ai dettagli su un piano
9. descrittivo, con necessità di collocare nei ruoli
10. e ricorrere alle cifre e spesso con inibizione
11. dell'espressione emotivo affettiva.

##### *Tradução em português*

1. O protocolo TAT é constituído por contos bastante
2. articulados, com bom investimento do material
3. projetor. Os processos de elaboração de Pasquale
4. recorrem, sobretudo à objetividade do
5. estímulo e ao controle, com o evitar do conflito;
6. os contos estruturam-se conforme uma modalidade
7. obsessiva de ataque aos detalhes em um plano
8. descritivo, com necessidade de colocar nos papéis
9. e recorrer às cifras e frequentemente com
10. inibição da expressão
11. emotiva afetiva.

O diagnóstico final, feito em seguida de uma série de encontros, faz inevitavelmente referimento ao construto metodológico do instrumento utilizado, que, segundo um modelo dinâmico da vida psíquica, prevê a descrição discursiva do estímulo, de tipo projetor e por isso idealmente neutro.

Conforme o realismo teórico de referimento supõe-se que possa existir uma correspondência entre a articulação do próprio conteúdo como da forma dos enunciados. Portanto, presta-se particular atenção nos adjetivos utilizados e na focalização em algumas temáticas à custa de outras: “o protocolo TAT é constituído por contos bastante articulados, com bom investimento do material projetor” (linhas 1-3). De fato, o que emerge da descrição diagnóstica é a capacidade do paciente de se adequar à lógica do funcionamento do artefato clínico,

então demonstrando a sua vontade de respeitar as regras do contexto e das expectativas sociais, assim como foi referido em outra passagem:

#### Extrato 9

##### *Original em italiano*

1. Pasquale ha partecipato sempre volentieri agli
2. incontri proposti con atteggiamento adeguato e
3. collaborante; buone capacità comunicative e di
4. relazione con l'operatore.

##### *Tradução em português*

11. Pasquale participou sempre com prazer aos
12. encontros propostos com atitude adequada e;
13. colaborativa boas capacidades comunicativas e de
14. relação com o médico.

Em nível da organização lexical destaca-se o recurso aos adjetivos “*adequado*” e “*colaborativo*” (linha 12), demonstrando como a prática médica respeite à construção discursiva da própria realidade profissional, as expectativas normativas da coletividade geral. Então, um funcionamento psicológico regular deveria estruturar-se em sintonia com as regras sociais e, portanto, se reconfirma semanticamente a estreita conexão que existe entre significados culturais e status desviantes na sociedade.

De fato, evidenciam-se as boas capacidades comunicativas mostradas pelo paciente, não tanto a respeito da qualidade da sua forma expressiva, quanto na sua pessoal e, por isso, subjetiva capacidade de entrar em relação com a lógica do sistema da saúde: “*boas capacidades comunicativas e de relação com o médico*” (linhas 13 e 14).

Ao invés, voltando ao extrato de cima, a ruptura de uma ou mais diretrizes normativas do contexto, contrariamente, prevê a inserção da pessoa dentro de uma categoria diagnóstica, que identificaria em alguns traços, observados como persistentes, a marcada manifestação de um distúrbio obsessivo: *recurso ao controle* para o qual as modalidades do seu *narrar-se* geraria “*contos que se estruturam segundo uma modalidade obsessiva*” (linhas 5 e 6).

A inscrição de traços patológicos como critério de avaliação diagnóstica de comportamentos, os quais não respeitam os vínculos normativos do contexto, constituem elementos semânticos, recorrentes em toda a estrutura discursiva do relatório psiquiátrico:

## Extrato 10

### *Original em italiano*

15. Alle scuole elementari vengono riportate
16. difficoltà di attenzione e di apprendimento
17. nell'area del calcolo. Pasquale frequenta la I
18. superiore all'I.T.C, con profitto sufficiente e
19. qualche difficoltà nell'area logico matematica.
20. Riferita globalmente buona socializzazione, con
21. alcune difficoltà relazionali ed episodi di,
22. aggressività soprattutto verbale.
23. Vengono descritti da tempo atteggiamenti
24. ripetitivi e stereotipati, tic facciali e
25. comportamenti compulsivi frequenti.

### *Tradução em português*

15. No ensino fundamental são evidenciadas
16. dificuldades de atenção e de aprendizagem na área
17. do cálculo. Pasquale frequenta a I fase do colégio
18. no I.T.C.<sup>166</sup>, com proveito suficiente e alguma
19. dificuldade na área lógico matemática. Referida
20. globalmente boa socialização, com algumas
21. dificuldades relacionais e episódios de
22. agressividade, sobretudo verbal. São descritos há
23. tempos atitudes repetitivas e estereotipadas,
24. tiques faciais e comportamentos compulsivos
25. frequentes.

O mesmo percurso formativo torna-se uma prática de interação e negociação constante entre atores sociais e normas contextuais. Os vínculos institucionais do sistema escolar preveem por definição uma adesão a um complexo aparato de regras, reificadas pelas exigências funcionais das lógicas de aprendizagem, comumente difundidas dentro de um *habitus* ocidental.

Lembra-se ao que concerne à reflexão proposta por Michael Cole (1995) a respeito das supostas dificuldades de aprendizagem aritmética, observadas entre as crianças de uma comunidade centro-africana. O pesquisador observando diferentes contextos de interação dentro desta comunidade deu-se conta de quanto os mesmos rapazes que mostravam carências significativas na aprendizagem da matemática durante o horário escolar, pelo contrário, conseguiam cumprir todas as operações mentais necessárias em fazer corretamente os cálculos quando faziam a

---

<sup>166</sup> Instituto técnico-comercial

compra no mercado.

Em seguida, Cole evidenciou nos seus estudos que as dificuldades de aprendizagem não se apresentavam em nível cognitivo, como inicialmente suposto, mas se encontrariam no contexto. De fato, isso teria demonstrado que os processos da aprendizagem são culturalmente circunscritos. Portanto, esses dependem da adesão a específicas regras comportamentais inerentes na lógica funcional do campo social que é gerada por uma circularidade processual entre sistemas de valor remodelados, segundo a especificidade estrutural do âmbito simbólico de referimento.

Por isso, o regular funcionamento destas práticas organizadoras consiste em uma adesão partilhada destes universos de significados, reificados por meio da linguagem (Wittgenstein, 1922/2012) e legitimados por meio da institucionalização dos modelos semânticos que circunscrevem as ações no social (Berger e Luckmann, 1966/1995).

O discurso médico faz mesmo implicitamente referimento a estes sistemas de significado superordenados e, como reafirmado por Wodak e Fairclough (1997), estes criam por sua vez modelos de conhecimento. Com efeito, tais práticas de interação produzem a intertextualidade no discurso, assim como emerge do extrato 3: “*No ensino fundamental são evidenciadas dificuldade de atenção e de aprendizagem na área do cálculo*” (linhas 15 - 17).

Estas dificuldades para aprender são estritamente associadas e, portanto, ligadas no exame anamnético a comportamentos antissociais, embora mitigadas por boa vontade do paciente de adequar-se o mais possível às regras do contexto: “*Referida globalmente boa socialização*” (linha 20). Esta superposição entre normas do contexto e regras de aprendizagem é evidenciada em nível da estrutura semântica do paralelismo retórico construído entre “*dificuldades na área lógico matemática*” (linhas 18 e 19) e “*dificuldades relacionais e episódios de agressividade*” (linha 21).

Portanto, emerge como o sistema normativo de referimento influencia a produção de conhecimento seja em nível das interações cotidianas seja em nível científico. O conceito de *Conhecimento distribuído*, estabelecido por Hutchins (1995), faz referimento à modalidade por meio da qual os universos de saber partilhado criam a ontologia, que define um campo social. Com efeito, os discursos criam uma matriz retórica que atribui um significado cristalizado aos eventos que descrevem. O gênero narrativo é, por isso, a marca simbólica que permeia a produção de textos e discursos.

Comportamentos que deslocam as representações dominantes de

um contexto entram em categorias conotadas de diversidade. Diversidade que por meio de processos de etiquetar é feita entrar na definição de *idealtipos* axiomáticos. Estes podem ser modelos de saúde mental, *scripts* de comportamento cotidiano, conduzidos pró e antissociais ao invés do que a dicotomia antinômica de sexo e gênero. O relatório clínico aqui mostrado faz parte de uma práxis profissional, ou seja, a clínica que representa um *standard* operador dentro do sistema de saúde pública (Turchi & Perno, 2001). Embora enfatizando, então a correlação estatisticamente pouco significativa entre Klinefelter e Disforia de Gênero, reafirma-se a acepção patógena de uma condição existencial ao invés de marginal (1 caso entre 1000).

A agressividade, a impulsividade, obstinados motores, como também as dificuldades de aprendizagem, serão explicados como inevitável consequência de um transtorno, mais do que desviante, etiológico e, portanto, curável. O que, no segundo capítulo desta tese, emergiu da literatura científica, torna-se na *práxis* clínica realidade plástica, confirmando a difusão de um modelo causal da vida psicológica, que seria responsável de seus reflexos subjetivos em nível das interações sociais. Embora a presença anômala de um segundo cromossomo X, apesar de que este crie uma ordem cromossômica de tipo feminino, não influa na construção da identidade de gênero e, menos ainda na orientação sexual, associa-se a sua presença, além do que os possíveis efeitos no organismo, a um quadro comportamental disfuncional, portanto, reafirmando a lógica causal na base da vida psicológica, relacional e emotiva.

### 3.1.2 Notas conclusivas

O contexto da pesquisa descreve as diretrizes simbólicas, sociais e relacionais dentro do qual estão aninhadas as realidades estudadas para a presente tese. Esse, como afirmado por Zucchermaglio (2003), representa a retrospectiva das interações entre quem observa e quem é observado, evidenciando a circularidade entre ações pessoais, eventos sociais e tecido simbólico. Sem considerar o contexto dentro do qual se articula a pesquisa, a definição dos instrumentos metodológicos e, sobretudo os resultados emergidos nas análises perdem a própria especificidade situada, e então o próprio significado diante da complexidade processual dentro das quais estes tomam forma.

Portanto, as realidades observadas referem-se a quatro situações diferentes, sendo o foco de conhecimento da pesquisa centrado na variabilidade dos comportamentos e das representações, implicadas na

definição do contexto. Os relatórios etnográficos documentaram a organização peculiar de contextos de interação, cada qual estruturado conforme o sistema de significados de referência. O presídio, o hospital, a associação sociopolítica e o evento popular, são contextos muito diferentes, mesmo para a função que esses cumprem na vida comunitária. Emerge universos de significado, negociados dentro de processos milenares de interação, que atribuem um sentido diferente a uma mesma experiência.

Goffman (1974/2006) disserta sobre a função dos lugares dentro dos quais tomam forma as representações. Estes contextos, que são circunscritos, antes de tudo, por diretrizes espaciais, ao contrário, tornam-se um quadro de significados gerais: da realidade dos artefatos à realidade dos significados. O conjunto destas variáveis consegue fazer que um contexto se torne o *script* de uma situação na qual participam os atores sociais envolvidos: cada um desempenha o próprio papel ou sua personagem. Muda o fundo do palco, mudam as regras de interação, mas o *script* será reescrito e sua forma adaptada a um novo cenário; outra forma de entender si mesmo e os outros. Contudo, os comportamentos não são inerentes à pessoa (como afirmado no prontuário médico descrito anteriormente) e tampouco a consequência linear de um desconforto (que seja corporal, psicológico ou social), mas são ações dotadas de sentido, atos que reproduzem as representações partilhadas dentro de um mesmo *habitus*. Então, estas representações são ligadas à situação na qual são geradas e vice-versa. Se esta última mudar, muda-se também o sistema de interações e representações, da mesma forma os posicionamentos entre agentes e contexto podem mudar as situações e, então, o fundo dos significados de referência.

“Em toda a sociedade ocidental tende a haver uma linguagem de comportamento informal ou de bastidores, e outra linguagem de comportamento para ocasiões em que uma representação está sendo exibida (...) Aqui, sem dúvida, a divisão mais importante é a sexual, pois parece não haver sociedade na qual os membros dos dois sexos, por mais intimamente relacionados que sejam, não assumam algumas aparências uns diante dos outros” (Goffman 1959/1985, pp. 120-122).

Portanto, a etnografia de fundo não consiste em uma simples familiarização com o contexto, mas em um estudo aprofundado na procura do significado que sustenta a estrutura das realidades observadas. Os sistemas de interação analisados no próximo capítulo



farão inevitavelmente referência ao contexto e às dinâmicas situadas na vida cotidiana, que somente com a observação direta e participante podem ser captadas.

Se a Análise Crítica do Discurso é o estudo dos processos implícitos, envolvidos na construção de um texto, a etnografia de fundo é o estudo do contexto, no qual são aninhados os significados graças aos quais se poderão compreender um evento narrativo, sem que existam referências explícitas ao frame que confere sentido aos enunciados.

A etnografia de fundo evidencia a forte variabilidade dos eventos sociais, que não podem responder a uma lógica monolítica dos sistemas culturais, mas sentem o efeito da circularidade processual nos quais são coconstruídas ações e modelos de comportamento.



### 3.2. OS FOCOS DA ANÁLISE

“A linguagem tenta manter a ordem e eliminar ou rejeitar a causalidade e a contingência” (Zygmund Bauman, 2005, p. 319.)<sup>167</sup>

A função da linguagem, assim como definida pelo sociólogo polonês, consiste na gênese de significados e significantes, com o fim de circunscrever a fluida pluralidade dos eventos sociais dentro de categorias de sentido partilhado. Portanto, o discurso se apresenta como um processo líquido e intangível, por meio do qual pode-se particularizar e compreender porções de realidades simbólicas. Os parâmetros teóricos, por meio dos quais se cria uma ordem na interação contínua entre práticas e representações, não constituem objetivos para isolar supostas correlações factuais, mas delineiam pontos de referência, que como rios que desembocam no mar, permitem seguir a estrutura fluida dos significados culturais.

A discussão dos resultados articula-se ao longo de diversas dimensões de interação no social. De fato, a pesquisa é centrada nas margens de agenciamento dentro das quais uma pessoa pode reivindicar uma representação da própria identidade de gênero, que não coincide necessariamente com uma concepção binária dos sexos.

O nível de instrução, o grau de alfabetização, a origem cultural, o próprio *status* social e também a rede afetiva e relacional desenvolvem diversas influências no que se refere ao emergir de um *Fazer Gênero* fortemente situado.

Os diferentes e particulares núcleos temáticos constituem a parte de análise desta tese, ou seja, o conjunto de variáveis qualitativas relacionadas às perspectivas metateóricas empregadas. Estas últimas, a respeito do planejamento metodológico, foram organizadas ao longo de três níveis de pesquisa:

1. Interação com os meta-artefatos (abordagem sociocognitiva).
2. Interação em contextos de trabalho, relacionais e afetivos (abordagem sócio-histórica).
3. Interação com as superestruturas normativas e as hierarquias de poder (abordagem sociocultural).

---

<sup>167</sup> Versão italiana consultada: *Il linguaggio cerca di mantenere l'ordine e di rifiutare o eliminare la causalità e la contingenza.*

Estas três áreas conceituais permitem uma análise do material textual conforme o modelo das interações, organizado em três níveis articulados, delineado por Mantovani (1996); indicado no capítulo 2.2. Estas subdivisões metodológicas foram especificadas para favorecer a compreensão dos construtos de identidade cultural e de gênero, e de como estes são influenciados pelas diretrizes normativas, contextuais e linguísticas dentro das quais são aninhados os momentos de vida e os posicionamentos no cotidiano.

Portanto, as práticas teóricas de tal perspectiva pedem um esforço paradigmático mesmo que capte a interseccionalidade destes três níveis. De fato, nenhum destes níveis pode ser considerado a causa do outro de forma linear. Pelo contrário, como reafirmado no quadro teórico (capítulo 1), entende-se os posicionamentos entre atores e contextos nas situações cotidianas como um organismo poliédrico, portanto um aparato vivo, no qual cada componente está em uma relação de interdependência com a outra.

O procedimento circular dos eventos sociais exprime-se pela correlação de modalidades diversas de interação com o fim de produzir uma representação partilhada da realidade observada. Esta última será articulada dentro das proposições linguísticas, isto é: esquemas de significado circunscritos pelas fronteiras semânticas de repertórios discursivos específicos.

Prossegue-se com a análise das entrevistas realizadas nos contextos diferentes de interação, pesquisando o quanto a produção de um evento discursivo resente do efeito da peculiaridade do contexto e dos posicionamentos entre atores sociais neste envolvido. Pode-se observar como os diversos posicionamentos diante do próprio papel e *status* social definem hierarquias de poder na organização cotidiana da vida comunitária. Estes posicionamentos emergem da linguagem, seja por meio da estrutura semântica, seja no que diz respeito às conotações simbólicas relacionais e afetivas.

Do material textual emerge uma representação do *outro generizado* diante dos discursos produzidos por cada um dos atores entrevistados (transgêneras (dentro e fora do presídio) e operadores penitenciários). Essas representações não são definidas somente no momento da interação, mas também por meio das modalidades de produção de um evento discursivo. O discurso torna-se uma prática de negociação de significados tanto concretos (conteúdo explícito), como de universos simbólicos superordenados (as valências ideológicas e/ou afetivas). O ator social com que se entra em interação torna-se uma pessoa investida por um significado situado e, portanto funcional (em

termos relacionais, emotivos e culturais), como parte integrante da própria identidade: a mente não está nas pessoas, mas entre as pessoas (Mead, 1934/1972).

Estudando a estrutura dos macrocontextos culturais e sociais permite demonstrar como as dinâmicas de poder se articulam seja diante dos momentos de vida no cotidiano, seja nas interações com os artefatos. Destes últimos, a linguagem representa o meta-artefato no qual versa o foco da presente pesquisa. Portanto, esta deve ser considerada como a estrutura onde se apoiam as interações em nível contextual, afetivo e normativo.

Porém, por isso não se pretende construir um isomorfismo direto entre as elaborações cognitivas das estruturas linguísticas e as mediações em nível macro. Então, a estrutura metodológica proposta será articulada como um mapa ontológico, onde conhecimentos diferentes sobre o *self* e o mundo se inter cruzam em um complexo corpo de representações e construções sociais.

Por meio de grades analíticas específicas, é possível estudar o posicionamento discursivo-contextual a respeito do constructo da identidade transgênera, entendida como processo pluridimensional: do cognitivo ao cotidiano e do cotidiano à cultura. Esta última, não é somente entendida como um universo de significados ideológicos e simbólicos, mas, em um sentido mais amplo, como a matriz superordenada que representa níveis diferentes de poder e de controle normativo.

Conforme a perspectiva proposta por Mantovani (1996, 2008), os níveis de interação podem ser percorridos seja do alto para o baixo ou vice-versa. A organização das grades de análise, empregada pela presente pesquisa, segue uma ordem *top-down*, ou seja, do macro ao micro. Esta visão permite observar a realidade social a partir do impacto que as instâncias normativas superordenadas exercem nas interações situadas e nas estratégias comunicativas, geradas em nível psicológico. Por isso, analisam-se as estruturas da linguagem como instrumentos de mediação e não como produtos causais de um modelo factual das interações sociais.

Portanto, os três núcleos temáticos definidos para o processo de análise se refazem a uma tripartição da vida social para a qual interações e discursos se tornam ações psicológicas, sociais e culturais (a descrição detalhada do modelo já foi feita no capítulo 2.2). Então, trazem-se aqui os fluxos de análise, formulados em torno do objeto de estudo e como esses serão aplicados aos processos de análise.

### 3.2.1 O sentido do discurso: *Norma, cultura e poder*

Este nível de análise se interessa pelas interações com os sistemas normativos, as hierarquias de poder e as representações culturais superordenadas. As interações com as macroestruturas emergem cada vez que as produções discursivas do entrevistado fazem referência a dimensões de *status* e papel, como também aos sistemas de valor mais amplos.

Focaliza-se a atenção analítica naqueles momentos de interação nos quais se faz referência explícita e implicitamente à matriz macro do contexto social. De fato, estas dimensões regulam todas as interações e, portanto, as representações nas situações cotidianas diante do *self*, do outro e do contexto.

Torna-se particularmente importante neste nível a norma ideológico-contextual que caracteriza a construção de um evento discursivo. Portanto, quanto mais o contexto se subordina a uma ordem institucionalizada, tanto mais isso resultará a definição narrativa da realidade reificante. Então, o presídio, como instituição total, torna-se um veículo normativo e ao mesmo tempo um horizonte de experiências dentro do qual se formulam discursos, que ressentem fortemente o efeito de categorias de significados que se insinuam implicitamente na organização semântica.

De fato, a organização das estruturas sintáticas prevê um processo de negociação de significados simbólicos, que se tornarão concretos e, portanto reais por meio da legitimação normativa de um conjunto de regras sociais e cenários culturais. Para Goffman (1959/1985), o conceito de cenário indica um lugar físico como também uma situação social, ou seja, um palco dentro do qual tomam forma as representações individuais e coletivas da realidade social.

Neste nível de análise foi considerado o conjunto de variáveis inseridas na estrutura simbólica do contexto, que denotam um evento discursivo de uma compreensibilidade ou, para retomar Minnini (1995), uma *speakability*, ou seja, “dizibilidade”, que transcende uma mera habilidade cognitiva pela qual a compreensão do texto consistiria simplesmente em uma compreensão da semântica. De fato, o mesmo enunciado pode assumir conotações diferentes conforme o contexto de interação. Mais do que o *significado* da palavra, nesta perspectiva de análise se quer captar o sentido da *fala*.

### 3.2.2 O significativo do discurso: *Relações e afetos*

A respeito do primeiro nível de investigação, focalizado no estudo das superestruturas simbólicas e normativas, a passagem analítica seguinte visou captar os processos de interação que se desenvolveram nos contextos cotidianos. Estes processos são observados nos seus aspectos relacionais e analisados em relação ao posicionamento funcional e afetivo enraizado dentro de diretrizes espaço-temporais específicas (Wodak).

A abordagem sócio-histórica da *CDA* é particularmente interessada na pesquisa daquelas recorrências na estrutura discursiva que se referem às dinâmicas de gênero e aos horizontes afetivos. Supõe-se, de fato, que possa existir, em nível de redundância intertextual, uma mesma modalidade de estruturar um discurso, se caso ele tenha sido produzido por atores os quais participam da mesma situação social. O gênero narrativo que emerge destes expedientes retóricos, instituem um estilo discursivo particular, um gênero narrativo através do qual se narra. Essas narrativas são modeladas, não somente pelas diretrizes simbólicas, as quais dão sentido ao discurso, mas também pela processualidade das ações cotidianas. Estas últimas geram fragmentos de realidade partilhada, constantemente renegociada nos diferentes contextos de interação.

O conceito de *script*, introduzido por Goffman (1959/1985, 1977/2009), indica um evento temporalmente circunscrito em um *continuum* de interações, desempenhadas com contingências nos diferentes palcos ou nas várias ribaltas da vida do dia a dia. O presídio, os contextos de trabalho e os ambientes familiares são palcos de interação e, portanto de significação. Aquilo que as diretrizes normativas atribuem às funções de um posicionamento situado, em termos de sentido, isto é, significado partilhado, será formulado por meio de módulos discursivos, diferentes na forma e conteúdo, mas afins na estrutura.

Este *corpus* de conhecimentos, que são distribuídos nas circunstâncias situadas do interagir cotidiano, instituirá um gênero narrativo próprio, somente se o significado de um discurso consegue difundir um sentido negociado, partilhado e, portanto legitimado dentro de um campo social específico. As análises neste nível farão emergir o significativo do discurso, ou seja, a circularidade entre áreas de significado e universos de sentido.

### 3.2.3 O significado do discurso: Corpo e linguagem

A última parte da análise será focalizada nas interações entre a organização das estruturas discursivas, em nível cognitivo (Van Dijk, 1993), e os *pattern* motivacionais intrínsecos (função psicológicas) e extrínsecos (função social), gerando unidades de significado para produzir um evento narrativo conotado de intencionalidade. Segundo esta perspectiva existiria uma circularidade entre processos mentais e diretrizes contextuais.

Devido a isso, a linguagem será considerada um meta-artefato que, na construção discursiva da identidade de gênero, torna-se particularmente dicotômico caso o código idiomático de referência preveja uma *generização* dentro da própria estrutura lexical. É o caso das línguas neolatinas, como o italiano e o português, as quais preveem a adoção de um *gênero* gramatical segundo o *sexo* dicotômico de pertencimento.

Como artefatos entendem-se os instrumentos empregados para a comunicação (linguagem) e as realidades tangíveis como o corpo e o ambiente. A interação entre estas três variáveis definem plasticamente contextos e representações generizadas. A complexidade dos sistemas de interação prevê, de fato, a adoção de um *médium* cristalizado que possa institucionalizar as práticas de negociação simbólica e torná-las partilháveis.

A linguagem tem uma propriedade reificante, ou seja, circunscreve áreas de sentido que estão semanticamente delineadas. Este aspecto teórico, retirado do famoso ensaio de Berger e Luckmann (1966/1995), tem de fato a função social da linguagem além do seu objetivo comunicativo. A linguagem então delinea universos de conhecimentos (Wittgenstein, 1922/2012). Como afirmado por Durkheim (1989/1978) os eventos sociais tornam-se coisas e, portanto realidades fatuais e observáveis. O que confere para este processo de reificação simbólica um caráter quase *monista* são os repertórios semânticos do discurso.

Em vista disso, quer-se investigar o quanto a linguagem, como arcabouço estruturante, apresenta-se como um artefato, o qual, analogamente ao corpo e ao contexto material, torna-se realidade empírica.

Além dos processos contextuais e simbólicos, de fato, também a corporeidade e então a representação de um corpo sexuado pode ser considerado um artefato para ser definido e definir-se em relação a um posicionamento declinado em direção a um polo de gênero específico.

Devido a isso, o mar temático é resultado de três temáticas ou



fluxos de rios, a respeito das quais será possível observar e analisar os posicionamentos entre pessoas em transição entre os gêneros e o domínio heteronormativo. Estas três temáticas referem-se a três dimensões que representam as interações com os artefatos:

1. Linguagem, entendida como artefato comunicativo e meta-artefato de interações (Cole, 1995; Vygotskij, 1934/1990).
2. Contexto, entendido como molde material e ambiental com o qual os atores sociais interagem (Goffman, 1959/1985; Foucault, 1975/1987).
3. Corpo, entendido como o artefato de gênero culturalmente legitimado, a respeito do qual os transgêneros, nos diferentes contextos de interação tem inevitavelmente que se referir (Broad, 2002).

A função da linguagem, entendida como forma e, portanto como propriedade semântica de interação com o outro, apresenta-se como um processo de interdependência entre léxico, semântica e semiótica, para posicionar-se sobre pessoas cuja identidade de gênero não corresponde a um modelo binário dos sexos ou que escolheram transitar ou, talvez migrar de um polo de gênero para outro. Este aspecto, todavia, torna-se secundário na interação direta com o contexto cotidiano, a partir do momento em que a cotidianidade do contexto produz prioridade e exigências diferentes. No que diz respeito aos pressupostos teóricos desta pesquisa avançou-se a hipótese sobre a importância do gênero gramatical para coconstruir representações generizadas de identidades. De fato, parece que o corpo e a linguagem seriam dois sistemas de significação em forte relação de interdependência para definir e, portanto legitimar, em nível social, uma representação do *self* em termos de identidade de gênero.

### 3.2.4 Notas conclusivas

A identidade de gênero, como percebida na interação destes três níveis de análise, desenvolve-se dependendo das práticas de posicionamento situado, do contexto simbólico de referência, além da interação com os artefatos (corpo, ambiente) e meta-artefatos (linguagem) para produzir um evento discursivo. A transição entre e para os gêneros torna-se, dentro de uma perspectiva assim integrada, um processo de significação social, cultural e interpessoal. Esta modalidade específica de representar e, portanto de reivindicar uma identidade de

gênero além da antinomia dos sexos, delinea um *fazer gênero* (West & Zimmerman, 1987) que se afaste dos sistemas de valores dominantes, inserindo-se inevitavelmente em uma lógica organizativa dentro da qual se articula uma construção de identidade, definida pela linguagem, contexto e universos de conhecimentos partilhados. Quanto um contexto institucional é bastante coercitivo, em nível implícito (sentido) e explícito (significado), os níveis de agenciamento tendem ser atrofiados. Margens de agenciamento mais limitadas, de fato, emergiram nas entrevistas com as detidas transgêneras, as quais, além do percurso carcerário, mostram um conhecimento muito baixo da língua italiana (algumas mostravam dificuldades ao escrever o próprio nome). Resulta interessante observar como nos contextos penitenciários gera-se um *fazer gênero* com um grau limitado de agenciamento na interação com os artefatos, com os outros atores sociais e com as diretrizes simbólicas e normativas.

Os diferentes procedimentos metodológicos e os métodos de investigação foram aplicados à análise do material textual, para demonstrar quanto os processos discursivos declinados ao feminino e masculino ressentem de uma processualidade circular entre micro e macro dimensões do agir social. Por meio de um olhar crítico, foi pesquisada a tessitura de significado implícito, enquanto, por meio de um sistema de compreensão das áreas de significação semântica, foram analisados os processos de posicionamento situado. Enfim, adotando um paradigma que se interessa pela interação entre funções psicológicas, objetivos comunicativos e artefatos, sobretudo linguísticos, foi analisado o conteúdo lexical, ou seja, o significado do texto.

### 3.3 FORMA, CONTEÚDO E SIGNIFICADO

“Aquilo que fizemos na fala é uma série de transformações do contexto interacional segundo uma lógica deôntica” (Giuseppe Mininni, , 1995, p. 19)

Se o primeiro capítulo desta última parte introduziu o contexto da pesquisa, descrevendo assim os lugares onde se formam as interações de interesse para este estudo, esta parte constitui o núcleo analítico deste projeto.

Portanto, foram definidos os focos de análise, isto é, as específicas áreas temáticas, dentro das quais foram articulados os diferentes níveis de investigação. Se então o contexto denota o discurso de significado, o texto torna-se aquela estrutura significante, por meio da qual será possível comunicar as próprias representações e intenções para os outros. O que torna este evento participativo, uma ação dotada de senso é dada, como enfatizado por Mininni (1995), pela *dizibilidade* das práticas retóricas para produzir um discurso.

Este, como enfatizado por Fairclough (2006) não pode ser reduzido a um mero sistema de regras predefinidas e, portanto articuladas em nível exclusivamente cognitivo, mas torna-se um aparato de negociação simbólica, uma construção de conhecimento por meio da qual é possível posicionar-se a respeito do *self*, dos outros e do mundo. Parafraseando Wittgenstein (1922/2012) o conhecimento que se tem do *self* e da realidade é definido pelas diretrizes semânticas da linguagem: aquilo que não pode ser expresso não pode ser pensado.

A linguagem representa um sistema complexo cujas regras e normas comunicativas encontram-se em interdependência com as regras e as normas da estrutura social, das diretrizes culturais além do contexto. A afirmação de Mininni citada acima define o que é a função social do discurso, isto é um “*deon*”, então um “dever” e, portanto, uma “regra” de conduta. Para entender melhor, antes de ser compreendido, é preciso respeitar as conjeturas lógicas das estruturas idiomáticas, assim que os próprios enunciados podem ser partilhados dentro dos sistemas de significado de todos os participantes envolvidos em uma situação social.

A fala, além de uma prática de interação, torna-se uma obrigação social, uma necessidade de fato, para poder negociar significados, mas também *status*, papéis e, enfim, identidades. Se Mininni define o ato da fala como um processo que obedece a uma *lógica deôntica*, isso poderá

ser considerado em *latu sensu* um princípio moral e, portanto, uma norma ética. De fato, esta não preexiste à sua utilização pragmática, mas constitui uma parte integrante dela, isto é aquele conjunto de regras implícitas do contexto, negociadas entre este e os atores presentes. A matriz ideológica de um texto emerge de um conhecimento partilhado de todas as regras estruturais (sintaxe e pragmática), funcionais, (semântica) além de simbólicas (semiótica).

Assim, a linguagem torna-se além de um sofisticado aparato comunicativo, uma ontologia de saberes, costumes, hábitos, etc... Mostrar um bom domínio deste complexo corpo de regras explícitas e superordenadas, permite decifrar, não somente o significado de um enunciado, mas também o seu sentido.

Aprender a compreender e falar, como já sustentado por Vygotskij (1934/1990), é uma prática de interação, uma área proximal do desenvolvimento, onde o outro generalizado é parte integrante do processo linguístico em si. A presença do outro então não absolve somente a função de contraparte dialógica (senão o monólogo não seria concebível), mas juntos coconstroem áreas de significado a partir das quais emergem representações a respeito da subjetividade, papéis e modelos cognitivos.

“A recíproca implicação entre lógica inscrita nos sistemas de sonhos e a dialógica ativa nos processos comunicativos requer um reconhecimento legitimador entre as instâncias fundadoras do sujeito e as instâncias reguladoras da situação” (Mininni, 1995, p.20).

Como afirmado pelo psicolinguista italiano, o discurso resente de interseccionalidade de variáveis estruturais, funcionais e simbólicas situadas dentro de um determinado lugar e momento histórico.

Para construir uma analogia com uma famosa afirmação de Mead (1934/1972), segundo a qual a mente não está nos indivíduos, mas entre as pessoas, pode-se da mesma forma concluir, sempre segundo Mininni (2011) que o *texto* não está nas palavras, mas entre as palavras.

O objetivo desta parte central do projeto visa criar uma arqueologia de um saber de interação, expresso por meio dos repertórios discursivos coletados. A necessidade de gravar e transcrever fielmente os diferentes testemunhos emerge de uma concepção pluridisciplinar da linguagem, como artefato, médium e instituição.

As análises do material textual pretenderiam, de fato, construir uma ponte paradigmática entre *linguística cognitiva*, *sociolinguística* e *semiótica dos significados culturais*. Em particular, a organização estrutural e funcional do discurso depende da especificidade de áreas de significado que são linguisticamente circunscritas (Berger & Luckmann, 1966/1995).

O objetivo da pesquisa consiste, de fato, em uma integração de diferentes perspectivas de análise que considerem a organização lexical e os universos normativos e de valor. A interação cotidiana articula-se a respeito de posicionamentos contextuais e diretrizes simbólicas. Tais insígnias são reificadas por um conjunto de representações sociais enraizados dentro de específicos esquemas linguísticos.

Uma análise que utiliza procedimentos qualitativos e quantitativos ajuda então a investigar as recorrências estruturais nos processos comunicativos. A relação entre proposições lexicais pode ser de fato compreendida por meio das correlações estatísticas associadas às classes organizativas do léxico.

Os resultados poderiam integrar a perspectiva histórica (Wodak, 1989) e cultural (Fairclough, 2006) da Análise Crítica do Discurso, demonstrando como linguagem e cultura servem como artefatos e *frame* na interação cotidiana.

### **3.3.1. Análise do SENTIDO no discurso**

O primeiro nível de análise, como descrito no correspondente foco temático do capítulo 3.2, é interessado a investigar sobre o conteúdo implícito no discurso. Sendo o modelo metodológico de Mantovani (1996) articulado de maneira que pode ser percorrido de cima para baixo e vice-versa, escolheu-se a perspectiva *top-down*, considerando então a interação com os artefatos como enraizados nos processos de negociação de significados nos níveis sobre ordenados (cotidiano, simbólico).

Devido a isso, pretende-se estruturar esta parte de investigação para conotar os eventos linguísticos de um sentido, o qual pode ser compreendido e partilhado somente caso considera-se o horizonte histórico (Wodak & Fairclough, 1997) e as hierarquias de poder (Fairclough & Thomas, 2004) dentro do qual se definiu e, portanto legitimou-se o sistema de crenças e representações (Jodelet, 1989) produzidas pela interação dos atores sociais com as diretrizes contextuais, situadas dentro das “*regiões de fachada*” da vida cotidiana (Goffman, 1959/1985). Esses cenários são circunscritos por um conjunto

de *habitus*, os quais se geram dentro e, por sua vez são gerados por campos sociais (Bourdieu, 1980/2009) e universos ontológicos (Wittgenstein, 1922/2012).

A segunda motivação para a escolha de um processo de conhecimento estruturado de cima para baixo é ínsito mesmo na organização da pesquisa além do que nos assuntos epistemológicos de referimento. De fato, este prevê que as realidades observadas não sejam explicadas em nível de correlações fatuais, mas compreendidas na sua complexa processualidade circular.

Segundo o paradigma do realismo mediado (Blumer, 1937/1969; Mead, 1934/1972) e o modelo construcionista das estruturas sociais (Berger & Luckmann, 1966/1995), a linguagem é sim um artefato lógico que resente do efeito das organizações cognitivas, mas este se torna uma ação dotada de sentido somente se enraizado dentro de áreas de significado partilhadas. Estas, como enfatizado por Berger e Luckmann (1966/1995), emergem de práticas de negociação entre todos os agentes em uma ação social para instituir um sentido de participação, o qual define o conceito de comunidade.

Este nível de análise apresentará então uma série de reflexões críticas lidas por meio de uma abordagem sociocultural (Fairclough, 2006; Li, 2010) interessada a individuar aquelas correntes semânticas que definem por meio de processos de significação papéis sociais, status de poder e identidades de gênero.

Na segunda parte deste projeto foram, de fato, delineados os procedimentos de observação que caracterizam esta passagem metodológica. Na verdade entende-se investigar sobre o significado implícito no discurso, ou seja, o *sentido* partilhado no ato comunicativo. Este último (para uma definição mais detalhada, ver capítulos 2.1 e 2.2) não é expresso explicitamente por meio da estrutura lexical, mas pela capacidade dos agentes, envolvidos na interação, de entender, por meio do conhecimento do contexto, o significado simbólico, e, portanto o sentido do discurso produzido pelo outro generalizado.

Estes postulados de sentido podem ser explicados somente quando se considera o contexto dentro do qual se geram os eventos sociais que se querem conhecer. Mais que a estrutura do texto, estuda-se os processos de significação na formulação de um evento discursivo, o qual translada a mera função de contentor informativo. Fazem parte disso também as expressões metafóricas, irônicas ou polêmicas, os jogos de palavras, os duplos sentidos etc.; isto é um complexo corpo de atos comunicativos os quais não se encontram no léxico, nem na semântica, mas na semiótica. O sentido não pode ser medido, explicado ou

analisado na base da evidência empírica do assunto linguístico. Devido a isso, far-se-á referimento àqueles contextos de observação que constituem a etnografia de fundo do trabalho (capítulo 3.1).

As diretrizes discursivas neste sentido definem o texto. A análise deste último a respeito da organização dos lexemas será assunto da terceira passagem da pesquisa, isto é a decodificação do evento semântico em termos de *dizibilidade*.

Este capítulo apresenta os resultados de uma análise crítica daqueles eventos discursivos que relegam a representação de gênero, antes de defini-lo linguisticamente, dentro categorias de sentido, simbolicamente e então culturalmente reificadas. Em particular, a atenção analítica nesta parte da pesquisa, é focada na forma de definir uma representação de identidade, a qual deve responder aos vínculos com um contexto de elevado funcionamento normativo.

O presídio, como enfatizado no capítulo dedicado à etnografia de fundo, é um contexto que se caracteriza por uma forte associação entre restrições materiais (os muros impenetráveis) quanto simbólicas (redução do agenciamento). Relatam-se neste nível de análise aqueles repertórios discursivos que narram o contexto carcerário, observados os diferentes posicionamentos entre atores sociais que de forma diversa (detidos e pessoal penitenciário) interagem neste contexto.

Ao mesmo tempo far-se-á referimento aos ambientes de trabalho e a organização da própria esfera pessoal, em termos de comportamentos sociais culturalmente circunscritos, e, portanto legitimados por sistemas simbólicos superordenados. Contextos íntimos, de trabalho e institucionais serão por isso considerados campos sociais, isto é, áreas de significados que produzem hábitos de sentido. A interdependência circular entre estes processos de significação gera universos simbólicos e sistemas de valor dentro dos quais a afirmação do indivíduo resente inevitavelmente das representações legitimadas e por isso dominantes de um outro *generalizado*, ou seja, parafraseando Lewin (1951) um grupo de pessoas que se torna a soma das suas partes individuais.

Este tipo de macro estrutura social define então os papéis que normatizam e, portanto, *scripts* de atitudes coletivamente atuados nos diferentes contextos da interação cotidiana.

O gênero nesta perspectiva pode por isso ser considerado um destes habitus, negociado dentro de um campo de significado que define a margem de agenciamento: isto representa os limites das próprias possibilidades de interpretar esta construção cultural a respeito de vínculos do contexto. Devido a isso, quanto mais este contexto torna-se

reificante a respeito da definição de um gênero dicotômico mais as afirmações que ultrapassam este sistema binário de sentido e de poder serão consideradas moralmente antitéticas.

A reivindicação de um percurso de transição entre e para os gêneros articula-se inevitavelmente dentro dos

“limites dessas regularidades, e apenas dessas, e que têm todas as possibilidades de ser positivamente sancionadas porque são objetivamente ajustadas à lógica característica de um campo determinado, do qual antecipam o porvir objetivo; ele tende consequentemente a excluir ‘sem violência, sem arte, sem argumento’, todas as ‘loucuras’ (‘isso não é para nós’, ou seja, todas as condutas destinadas a ser negativamente sancionadas porque incompatíveis com as condições objetivas” (Bourdieu, 1980/2009, p. 92).

Em particular o presídio, como instituição social, define aquele conjunto de papéis pré-construídos segundo os quais o gênero deve necessariamente entrar nos vínculos dicotômicos da própria estrutura normativa, que é antes de todo culturalmente legitimada.

A falta do reconhecimento do outro, a violência de, e entre gêneros, a reificação do aparato normativo resultam dentro deste campo particularmente enfatizados.

Começa-se então com os relatos discursivos coletados no presídio seja pelas detidas transgêneras, seja pelos funcionários penitenciários (poder executivo, diretivo e administrativo) e do pessoal socio-sanitário (psicólogo, educador, pedagogo).

Os extratos presos das entrevistas serão organizados em ordem numérica crescente, mencionando a numeração das linhas relativas à colocação do extrato da entrevista completa, para facilitar a compreensão das referências analíticas ao texto. A denominação dos entrevistados prevê igualmente uma marcação com letras e números para indicar o interlocutor em questão. Para a descrição das marcas utilizadas, consulte-se o capítulo 2.3 do corpo de dados.

Os primeiros extratos propostos por este nível de investigação foram escolhidos entre as entrevistas com o provedor da administração penitenciária da região Toscana e uma pessoa transgênera, detida no NCP de Solliciano. Estes dois atores sociais pertencem a duas diferentes ordens institucionais (a administração penitenciária e o status de condenada), as quais cobrem diversas posições de poder. Estas



ênfatisam nas próprias conversas, aspectos concernentes à colocação das presidiárias transgêneras as quais, além de ressentir de um aparato normativo totalitário, representam uma realidade particular no instituto. O sistema penitenciário não é, de fato, entendido somente como um conjunto de leis, mas este se torna um complexo aparato regulador de representações, sistemas de valores e normas de conduta às quais todos agentes envolvidos devem se referir inevitavelmente.

As posições discursivas diferem pelo menos por uma diferente representação do contexto que, de fato, tem funções e valores peculiares dependendo do status ocupado dentro do instituto. A definição da situação será por isso expressa por meio de repertórios discursivos que em um caso referem-se a uma situação cotidiana, direta e de subordinação – uma condição de privação da liberdade pessoal – enquanto no outro se assiste a uma experiência indireta, gestional e superordenada – a administração penitenciária. As narrações serão então conotadas de significados que pertencem a duas realidades sociais dicotômicas (poder e condena), e, portanto diferem, além da organização semântica, por um processo de significação institucionalmente oposto. Lembrando os estudos de Foucault (1975/1987) e de Zimbardo (2007/2008), o itinerário penitenciário é muitas vezes vivido pelo detido ou pela detida como uma mera “punição” para o reato cumprido, enquanto os órgãos diretivos e administrativos identificam no período de reclusão uma possibilidade de nova inserção social, por meio de tratamentos individualizados e educativos (Giuffrida, 2003).

A linguagem, a respeito destes assuntos, assume formas diferentes que, todavia mandam a uma mesma superestrutura. Os discursos exprimem peculiares universos afetivos, os quais geram campos semânticos linguisticamente circunscritos (Berger & Luckmann, 1966/1995), diferentes dependendo dos interlocutores e do contexto.

No primeiro extrato escolheu-se a entrevista com o provedor, pois ela representa a posição mais alta de poder em relação às hierarquias no contexto carcerário. Do ponto de vista da linguagem, ela assume uma organização morfossintática e uma estrutura semântica muito afim aos repertórios discursivos da língua escrita, entendida como máxima legitimação do repertório discursivo (Bourdieu, 1979/1983). Cada dele é uma representação da realidade que se articula em um plano institucional muito alto e que não exprime conteúdos afetivos. A forma da linguagem é caracterizada por um uso redundante de recorrências retóricas, legitimadas pelo contexto institucional e pelo contexto formal da interação entre ela como representante política e o entrevistador como representante do sistema da instrução pública.

A complexidade da estrutura morfossintática é tipicamente usada pelos atores que ocupam altos cargos em contextos de elevado funcionamento normativo (Fiarclough 2006).

Como será evidente no primeiro extrato, da entrevista com o provedor, a decisão de transferir a seção transgênera da secção masculina para a feminina, responde a uma pergunta ideológica, na qual se justifica esta escolha em termos de reconhecimento do outro.

#### Extrato 11: Testemunha 1

##### *Original em italiano*

90. io ho apprezzato molto la collocazione in un  
91. reparto della sezione femminile, perché in fondo  
92. era un riconoscimento di una richiesta del  
93. genere, del target transessuali, ↑no!

##### *Tradução em português*

90. eu apreciei muito a colocação em um setor  
91. da seção feminina, pois na verdade era um  
92. reconhecimento de um pedido do gênero, do  
93. target transexuais, não!

Emerge um explícito referimento para a importância do contexto, ou seja, da estrutura e da própria organização do presídio, ao oferecer para a população transgênera uma possibilidade de reivindicar a própria identidade de gênero. Identidade que, segundo o provedor, articula-se ao redor de um universo de significados declinados para o feminino. Devido a isso, na escolha de uma condição válida para as detidas transgêneras, optou-se dentro da divisão antinômico-sexual do instituto, para o setor feminino, sendo um contexto mais afim às necessidades das presas de serem reconhecidas como mulheres.

O que se torna prioritário na gestão da seção transgênera é a colocação física das detidas: “*colocação em um setor da seção feminina*” (linhas 90-91), justificada por uma necessidade de reivindicação pessoal e social da identidade transgênera: “*pois na verdade era um reconhecimento de um pedido do gênero*” (linhas 91-93). Em nível semântico, destaca-se uma associação discursiva entre substantivos que definem uma situação estruturalmente delineada: “*colocação, setor, seção*” (linha 91) e substantivos que aludem a uma dimensão social e identitária: “*reconhecimento, pedido, gênero*” (linha 92). O estilo narrativo é então conotado de uma linguagem normativa que analisa o aspecto estrutural da realidade presidiária como expediente

principal para a gestão de todas as dinâmicas que acontecem dentro dela. O posicionamento do Provedor, possui um valor ideológico-contextual.

De outro jeito articula-se o discurso de uma das detidas entrevistadas. A presa, além de demonstrar um bom conhecimento da língua italiana (tinha começado um curso de graduação), oferece uma narração muito crítica a respeito da motivação que justificaria a transferência da seção *trans* para o setor feminino.

#### Extrato 12: Detida 2

##### *Original em italiano*

263. non é vero! vedi nel duemila quattro quando io  
 264. sono passata di qua, eravamo qua nel reparto  
 265. maschile. Nel duemila cinque effettivamente  
 266. siamo passati temporaneamente nel reparto dove  
 267. siamo ora al femminile perché il nostro  
 268. precedente reparto era stato destinato a  
 269. diventare un polo universitario.

##### *Tradução em português*

263. nada a ver! Sabe que em dois mil e quatro quando  
 264. eu passei por aqui, estávamos no setor  
 265. masculino, em dois mil e cinco efetivamente  
 266. passamos temporariamente no setor aonde estamos  
 267. agora ao feminino porque o nosso setor anterior  
 268. foi destinado a se tornar  
 269. um polo universitário.

A interlocutora, vivendo no presídio como detida, demonstra uma experiência direta e por isso a sua representação do contexto articula-se diferentemente em relação ao posicionamento do provedor.

A motivação de transferir a seção transgênera do setor masculino para o feminino carcerária, em nível de gestão cotidiana de elementos práticos e logísticos, mais que responder a necessidade de reconhecimento de identidade. A resposta à pergunta do entrevistador, a propósito da sua colocação no instituto, afasta-se claramente de quanto explicitado no extrato anterior. Ela começa, de fato, com um evidente desacordo: “*nada a ver!*” (linha 263), para em seguida justificar o seu posicionamento na base da própria experiência. O imperativo: “*sabe*” (linha 263), convida o interlocutor à escuta de uma narração episódica; um relato dos  *fatos* cotidianos.

Do ponto de vista lexical passa-se de uma linguagem formal e ego-distônica expressa por meio de um uso da terceira pessoa verbal (vê

extrato 1), para um discurso focado no *self*, sendo ela parte da população detida. O estilo narrativo resulta, portanto, mais pessoal e permeado do uso da primeira pessoa singular e plural: “*eu passei*” (linha 264), “*estávamos*” (linha 264), e “*estamos*” (linha 266).

Em nível de significado semântico, a interlocutora, por meio do discurso caracterizado por momentos de vida pessoais, enfatiza o seu desacordo a respeito das decisões tomadas pela direção e administração do instituto. Aquilo que o Provedor identifica como um ato de reconhecimento é percebido pela detida como uma solução paliativa e precária: “*temporariamente*” (linha 266): um movente retórico para conotar uma decisão puramente pragmática, de aceções conceituais.

A sua colocação no setor feminino representaria uma mera colocação logística: “*efetivamente*” (linha 265), sendo que não existem outros espaços a disposição para as detidas transgêneras: “*porque o nosso setor anterior foi destinado a se tornar um polo universitário*” (linhas 267-269).

Em nível de organização do discurso emergem diferenças de representação narrativa em todos os níveis da hierarquia social. O presídio, como contexto extremo, enfatiza certas dinâmicas de interação, presentes na maior parte da vida comunitária (Zimbardo, 2007/2008).

Os posicionamentos mudam, de fato, a respeito do papel, do status e do quadro estrutural. Posições diferentes dentro de um mesmo contexto produzem discursos e representações diversificadas, seja no estilo, seja no significado. Estas discrepâncias discursivas não emergem somente em nível de categorias sociais dicotômicas (direção e detidos), mas também entre diferentes papéis profissionais que operam no instituto. Nos próximos dois extratos, o Provedor e a Psicóloga do instituto referem-se ao artigo 27 da Constituição e à necessidade de aviar os tratamentos reeducativos individualizados.

Apesar de ambas as interlocutoras concordarem com a importância desta norma, muda a forma dos seus discursos. Como no caso anterior passa-se, de fato, de um gênero narrativo indireto e formal para um estilo direto e informal.

O provedor começa o próprio discurso referindo-se a uma norma institucional que rege o itinerário penitenciário dentro de uma definição da pena a respeito dos princípios de reeducação, tratamento individualizado e reabilitação social, apelando-se ao artigo 27 da constituição italiana.

33. l'ordinamento ci dice, dobbiamo fare un  
 34. trattamento individualizzato di tutti i detenuti  
 35. definitivi, che secondo la nostra norma  
 36. penitenziaria la giurisprudenza ormai storica, il  
 37. detenuto definitivo é soggetto del diritto al  
 38. trattamento, intendendosi per trattamento  
 39. un'attenzione sui bisogni in vista del  
 40. reinserimento sociale, recupero sociale previsto  
 42. dalla costituzione italiana.

### *Tradução em português*

33. o ordenamento nos diz, temos que fazer um  
 34. tratamento individualizado de todos os  
 35. detidos definitivos que, segundo a nossa  
 36. norma penitenciária a jurisprudência já  
 37. histórica, o detido definitivo é sujeito do  
 38. direito ao tratamento, entendendo por  
 39. tratamento uma atenção nas necessidades em  
 40. vista à reabilitação social, recuperação  
 41. social prevista pela  
 42. constituição italiana.

Lexicalmente referem-se ao termo “ordenamento” (linha 33), entendido como uma instância normativa superestruturada. Do lado sintático, a expressão “nos diz” (ibidem) enfatiza a intencionalidade autoritária do discurso (Van Dijk, 2003/2004), que reflete uma posição de papel heteroatributiva. Desta forma, a interlocutora tutela-se lexicalmente. O gênero narrativo é quase “egodistônico”, sendo que a entrevistada utiliza formas lexicais formais e retóricas semânticas institucionalizadas. O seu poder, de fato, tem um impacto indireto e superordenado a respeito da organização do presídio.

A utilização do substantivo “tratamento” (linha 34, 38) e dos adjetivos “individualizado” (linha 34) e “definitivos” (linha 35) refere-se a quanto estabelecido pelo legislador a respeito de uma convenção estipulada entre o Departamento da Administração penitenciária (DAP) e a região Toscana (protocolo do 27.01.2010). O gênero narrativo deste extrato ressoa evidentemente de estruturas semânticas da língua escrita: característica transversal na estrutura discursiva da entrevista ao provedor. Esta construção da semiótica demonstra uma forte intertextualidade (Wodak, 1989) ao longo de toda a entrevista. A linguagem pode ser definida como reificante a respeito de uma norma. Isso é confirmado pela mesma interlocutora na linha 35 onde explica “segundo a nossa norma penitenciária” e na linha 41, 42 “prevista pela

*costituzione italiana*”. Isso revela um conhecimento mais geral e abstrato do contexto.

Sempre do lado institucional, neste caso a saúde pública, a Psicóloga que opera no instituto propõe em nível de conteúdo uma reflexão semelhante do Provedor, mas adotando um estilo lexical diferente. Esta diferença estilística, além de representar específicas competências e um diferente papel profissional e institucional, expressa uma componente afetiva diferente. A afetividade manifesta-se no lado semântico por meio das estruturas lexicais menos formais e menos reificantes e reificadas a respeito da semiótica do provedor, articulada em nível formal a retorno de uma estrutura escrita da linguagem. O gênero discursivo é, de fato, menos permeado por recorrências sintáticas subordinadas. Por meio desta prática retórica, a Psicóloga modifica, por meio de um uso mais cotidiano da língua falada, até mesmo o conteúdo, referindo-se, no final ao mesmo aparato normativo.

#### Extrato 14: Testemunha 4

##### *Original em italiano*

463. noi abbiamo un articolo della costituzione  
 464. spettacolare che é il numero, il ventisette dove  
 465. si dice che le pene devono essere non devono  
 465. essere contrarie al senso di umanità

##### *Tradução em português*

463. nós temos um artigo da constituição  
 464. espetacular que é o número, o vinte sete onde se  
 465. afirma que as penas devem ser não devem ser  
 465. contrárias ao sentido de humanidade.

A mesma referência normativa aqui é explicada por meio da “*expressão deítica*” (Van Dijk, 2003/2004, p. 51): “nós” (linha 463), a qual introduz uma linguagem mais informal com um maior investimento emotivo, considerando a cotidianidade do contexto, e, portanto da interação (Goffman 1959). O “nós” refere-se em seguida a um conceito de agenciamento coletivo, ou seja, uma personalização do discurso. O referimento à norma torna-se então ego-sintônico.

O adjetivo “*espetacular*” (linha 464) enfatiza a forma mais confidencial da estrutura semântica. Como na frase anterior, tal expressão enfatiza um envolvimento afetivo e pessoal.

A psicóloga escolhe uma citação constitucional que focaliza a atenção em um conceito de validade ética e individual: “*humanidade*”

(linha 465), caracterizando um conhecimento mais situado e mais concreto dentro do horizonte ontológico e cultural de referência. Sendo ela psicóloga, por formação profissional, tende a particularizar aqueles aspectos normativos que interessam de qualquer forma a dignidade pessoal.

Comparando estes dois extratos, emerge quanto à construção semântica pode refletir a representação do próprio papel profissional e status social. O posicionamento discursivo reflete duas modalidades diferentes de interação com o contexto e com os atores sociais com os correspondentes universos normativos e de valor.

Os diferentes níveis de poder desenvolvem-se a respeito de diversas margens de agenciamento e de conhecimento da realidade de referimento. Nos dois extratos analisados acima emergiu um diferente posicionamento discursivo a respeito de um diferente papel institucional, mas também e talvez, sobretudo a respeito de um diferente grau de interação com esta realidade.

Poderíamos identificar o discurso do provedor como poder administrativo e então distante das exigências emersas no cotidiano. A respeito desta entrevista, a conversa com a psicóloga é linguisticamente permeada por inflexões linguísticas tipicamente orais, as quais são caracterizadas por uma interação mais situada entre ela e o contexto. Existe uma diferença estrutural do discurso que por um lado vê um contínuo referimento a uma norma contextualizada e legitimada (Extrato 6) enquanto, por outro lado, descendo de grau na hierarquia do poder, encontramos a mesma referência relacionada às interações no cotidiano (Extrato 7). Então se passa dos sistemas sobre ordenados para esquemas de ação situados e diretos.

As hierarquias de poder não são somente explicitadas pelas instâncias oficiais (provedor, psicóloga, comandante), mas elas estão também implicitamente presentes nos processos discursivos das mesmas detidas.

Um aspecto crucial da atual situação presidiária na Itália é com certeza ligada à lotação, a qual segundo todos os testemunhos é percebida como o desconforto principal no instituto. É interessante, de fato, como alguns repertórios discursivos aproveitam de uma forte interdiscursividade (Wodak, 2001), apesar das diferenças na estrutura lexical, seja a nível macro ou micro da hierarquia social. Relatando um extrato de uma detida transgênera emerge quanto à presença de dinâmicas de poder superior influi na representação discursiva do *self* também em nível das interações no cotidiano. Devido a isso, independentemente do papel e do status emerge uma crítica ao aspecto

estrutural e normativo que influencia a gestão cotidiana do instituto. De fato, sejam as testemunhas privilegiadas, sejam as detidas, acusam problemáticas semelhantes, de pontos de vista diferentes. É interessante o relato desta detida que compara a própria experiência carcerária no país de origem com a situação que ela viveu em um presídio italiano. A crítica, que emerge pelos seus discursos, não é tanto sobre a gestão em si do *iter* penitenciário, mas a respeito da hiperpenalização de alguns reatos e infrações.

#### Extrato 15: Detida 4

##### *Original em italiano*

259. hai poucas coisas stare qua dentro. che in  
260. brasile in carcere va assassini e ladri. qua  
261. tutti vanno in carcere ((ride amaramente))

##### *Tradução em português*

259. têm poucas coisas para ficar aqui. no brasil no  
260. presídio vem assassinos e ladrões. aqui todos  
261. vem no presídio ((riso amargo))

Aqui a detida denuncia as condições críticas, sobretudo a respeito da superlotação da população carcerária no instituto. Ela põe em discussão certas formas de pena e de reclusão que deveriam dizer a respeito somente de alguns detidos, ou seja, os delinquentes “*verdadeiros*”: “*no presídio vem assassinos e ladrões*” (linha 259, 260), enquanto parece que o sistema penitenciário italiano reserve este tipo de sanção também para categorias de transgressores que não deveriam estar dentro de uma estrutura carcerária. Ironicamente, enfatizado pela risada amarga, a interlocutora afirma que na Itália “*todos vem no presídio*” (linha 260, 261). Foi, apesar de referir-se à própria experiência de vida, um implícito referimento a uma instância macro da ordem penitenciária.

O mesmo referimento organizativo, ou seja, a inadequada gestão dos espaços e, portanto dos recursos, foi proposto também pelo provedor que denuncia a mesma problemática com um léxico e um ponto de vista diferente.

#### Extrato 16: Testemunha 1

##### *Original em italiano*

44. vista la tipologia variegata, la quantità  
45. assolutamente sovradimensionata rispetto alla  
46. capienza dei nostri istituti e anche alla brevità  
47. talvolta della permanenza del detenuto in



- 48. carcere. quindi sono tre variabili che rendono
- 49. assolutamente difficoltoso il seguire un percorso
- 50. individualizzato

*Tradução em português*

- 44. vista a tipologia variada, a quantidade
- 45. absolutamente sobre dimensionada a respeito da
- 46. capacidade dos nossos institutos e também da
- 47. brevidade talvez da permanência do detido no
- 48. presídio. portanto são três as variáveis que
- 49. tornam absolutamente dificultoso seguir um
- 50. percurso individualizado.

A respeito de uma mesma problemática, criada em nível de contexto (cotidiano e normativo) também o provedor assume um posicionamento discursivo crítico. De fato, como no extrato anterior, acusa-se a inviável lotação frequente dos presídios. Aspecto que compromete não somente o regular desenvolvimento das atividades carcerárias, mas também viola os princípios estabelecidos pela constituição. Esta problemática refere-se a um cruzamento de diferentes fatores sociais e organizativos, como a “*tipologia variada*” (linha 44), a “*quantidade absolutamente sobre dimensionada a respeito da capacidade dos nossos institutos*” (linha 44 - 46), como também a “*brevidade talvez da permanência do detido*” (linha 47). Estas variáveis obstaculizam inevitavelmente a função principal do itinerário penitenciário endereçado primeiramente aos princípios de reeducação, tratamento e reabilitação, os quais não podem ser totalmente realizados se existir uma tão grande quantidade de problemáticas em todos os níveis. Aquilo que a detida do extrato anterior define através do léxico de uso comum “*aqui todos vem no presídio*” (extrato 15, linhas 260-261) é expresso pelo provedor através de uma semiótica mais formal e, portanto institucionalmente legitimada: “*brevidade talvez da permanência do detido*”. (extrato 16: linhas 47)

Esta observação é retomada também pela subintendente a qual, como todos os outros atores envolvidos nesta pesquisa denuncia uma prática penitenciária que tende a favorecer uma lotação das estruturas por reatos que deveriam ser tratados com medidas diferentes. Os reatos pelos quais as detidas transgêneras são reclusas, são na maioria das vezes, sancionados com períodos de detenção bastante breve. Como, de fato, constataram o provedor (Extrato 11) e a Detida 4 (Extrato 12) a respeito de uma subavaliação de alguns tipos de reato, também a subintendente descreve o mesmo fenômeno.

Extrato 17: Testemunha 2

*Original em italiano*

139. La maggior parte comunque credo, il settanta  
 140. per cento è per i reati d'espulsione. perché non  
 141. hanno ottemperato a quanto previsto insomma,  
 142. sono qui senza permesso, vengono fermati,  
 143. dovrebbero lasciare l'Italia. Non lo fanno e poi  
 144. vengono arrestati insomma.

*Tradução em português*

139. A maioria, todavia, acho que setenta por  
 140. cento é por crimes de expulsão. porque não  
 141. tem obedecido ao que é previsto pela lei  
 142. enfim, estão aqui sem visto, são barradas,  
 143. deveriam deixar a Itália. Não fazem isso e  
 144. depois são presos enfim.

A entrevistada utiliza um repertório discursivo descritivo, sempre adotando um léxico institucionalmente legitimado: “*tem obedecido ao que é previsto pela lei*” (linha 141), a situação no presídio e em específico, a respeito da seção transgênera. Ela começa esta corrente semântica referindo-se explicitamente a uma presença significativa de detidos: “*A maioria*” (linha 139) depois esclarecida por uma redundante retórica no mesmo enunciado (Van Dijk, 1993): “*o setenta por cento*” em relação ao “*crime*” de clandestinidade. Crime que em si seria discutível de ser definido como tal, a partir do fato de não ter causado dano para objeto ou pessoa. De fato, mas que como reato este tipo de ato transgressor pode ser visto como uma infração de um regulamento administrativo, não de uma norma constitucional. A norma torna-se somente um veículo formal para confirmar este regulamento das conotações culturais e de valor. Estas perplexidades não são expressas em nível de conteúdo explícito, mas por um uso retórico situado dos morfemas: “*enfim*” (linha 142, 144) que abrem e concluem o segundo enunciado do extrato que descreve em que consiste, no lado prático e legislativo, os “*crimes de expulsão*” (linha 140). A superintendente, apesar de legitimar o seu discurso por meio de uma semiótica precisa e institucionalmente situada, reflete aquela interdiscursividade a respeito das problemáticas de gestão do número de detidos presentes nos repertórios da psicóloga, do provedor e das mesmas detidas.

Os atores que partilham um mesmo contexto, em um dado

momento histórico, constituem um próprio gênero narrativo (Wodak, 1989) que se expressa por meio do conteúdo semântico e através da matriz ideológica do discurso (Wodak, 2001).

Destas análises emerge uma forte intertextualidade nos diversos repertórios discursivos, produzidos dentro de um mesmo contexto. Esta intertextualidade é implicitamente transversal a propósito de todos os discursos produzidos no contexto carcerário (ibidem).

Emerge uma concordância semântica a respeito de aspectos fundamentais que nascem no implante normativo e que se refletem na gestão prática do instituto e nos momentos de vida pessoais das detidas e dos operadores. Temas como a superlotação, a falta de medidas detentivas alternativas e a escassez, às vezes, de recursos humanos e materiais são assuntos recorrentes em todas as entrevistas.

Existe então uma forte correlação entre aspectos de conteúdo que unem as várias produções discursivas em um comum denominador temático.

A estrutura linguística, em vez, difere dependendo do papel, do nível de instrução e das experiências pessoais, isso confirma que uma mesma situação dentro do mesmo contexto produz uma representação parecida da realidade, cuja formulação muda dependendo do interlocutor. Portanto, o conteúdo pode ser isolado a respeito do grau de interdiscursividade nas várias entrevistas, apesar de estilos comunicativos muito diversificados.

Estes aspectos estruturais de um discurso, não somente declinado, mas ideado entorno de uma perspectiva dicotômica dos gêneros torna-se, para retomar Bourdieu (1980/2009), uma prática social para regularizar os sistemas de conotações simbólicas, os quais constituem o aparato normativo de um campo social.

Tais hábitos convencionais e, portanto discursivos reproduzem-se também nas outras situações observadas. Em particular o mundo do trabalho, como amplamente descrito no capítulo 1.2.4 e no capítulo 3.3, torna-se uma forma reguladora da vida social, gerando como o presídio, papéis pré-construídos. Devido a isso, estes papéis diferenciam-se da condição ostracizada do detido para uma aceção legitimadora de um status acreditado e reconhecido. Os contextos de trabalho, apesar de alegar margens de ação para definição contextual mais flexível, apresenta igualmente um conjunto de parâmetros normativos, idealmente funcionais para maximizar a produtividade (em termos de lucro e impacto comercial) da própria especificidade profissional.

Portanto, os hábitos do trabalhador e da trabalhadora prevê, por definição, um específico *habitus* de gênero, que muitas vezes responde à

lógica axiomática do dualismo sexual.

Fazem parte disso os gestos e os costumes, também os mais efêmeros, como produtos e objetos destinados para uma ou outra dos dois macrocenários dos gêneros:

Extrato 18: Transgênera 1

*Original em italiano*

46. visto che dovevo vendere un prodotto che fosse un  
 47. ombretto o qualcos'altro, e::m: per alcuni era::  
 48. opportuno avere un'identità ben precisa,  
 49. o sei maschio o sei femmina

*Tradução em português*

46. sendo que tinha que vender um produto que fosse  
 47. uma sombra ou outra coisa, e::m: por alguns era::  
 48. oportuno ter uma identidade precisa,  
 49. ou você é homem ou é mulher

A dicotomização dos gêneros, de fato, não tem a ver somente com as instituições totais ou, em geral, os contextos de elevado funcionamento normativo, mas com cada *região de fachada* da interação social. O dualismo sexual, de fato, prevê que exista uma representação dos contextos de trabalho que não respondem exclusivamente às lógicas econômicas (em sentido de produtividade e, portanto de lucro), mas também, e, sobretudo, às regras do contexto. Isto é, aquele conjunto normativo de comportamentos, atitudes e crenças difusas, as quais criam ontologias hegemônicas de significados e, devido a isso, geram *idealtipos* de identidade.

O que Van Dijk (2003/2004) define como prática retórica estereotipada muitas vezes não emerge explicitamente do texto, mas insinua-se implicitamente na estrutura do discurso e, então, no sentido comunicativo. O significante xenófobo, por exemplo, na gíria jornalística, com dificuldade será expresso através de precisas definições semânticas; este pode ser percebido somente através de um conhecimento compartilhado da estrutura do texto. A ação simbólica, por isso, não se encontra dentro das palavras, mas entre as linhas; devido a isso, o sentido destes eventos discursivos pode ser entendido somente conhecendo o contexto, dentro do qual estes eventos foram produzidos. A generalização normativa que emerge do extrato acima, é expressa através de uma associação entre um determinado produto comercial “*uma sombra*” (linha 47) e uma representação dicotômica dos gêneros

“*uma identidade precisa!*” (linha 48). Retoricamente, esta correspondência ideológica é enfatizada pela contraposição dos substantivos “*homem*” e “*mulher*” (linha 49), lexicalmente expressa por meio da dupla conjunção “*ou-ou*”.

Mas o sentido deste enunciado não emerge somente do significado semântico. Este último, como ensinam Berger e Luckmann, é sim linguisticamente circunscrito, mas torna-se um ato de compreensão partilhada, quando se considera o contexto cultural dentro do qual foi produzido o enunciado. O fato que alguns produtos de consumo fossem generizados não está no artefato em si – a “*sombra*” –, quanto no valor simbólico atribuído para este objeto. É, portanto um costume e então um hábito, que algumas práticas de decoro fossem fortemente associados a um universo de significados, declinados ao feminino. A partir do momento em que a antinomia sexual foi reificada em nível cultural, como construção simbólica monolítica “*ou você é homem ou você é mulher*” (linha 49), será excluída peremptoriamente qualquer outra Weltanschauung possível a respeito das representações dos gêneros.

Portanto, esta dicotomia e os seus reflexos nas interações em todos os níveis da interação social é definida, nem tanto, ou pelo menos, não somente pelas diretrizes linguísticas, mas pelo horizonte histórico dentro do qual se geram os eventos discursivos.

Resulta-se compreensível para qualquer um que lê o extrato acima, que uma sombra seja um objeto feminino e que, portanto, quem o vende deve ser necessariamente identificável, como enfatiza mesmo a entrevistada, com uma precisa afirmação de gênero, especular então a respeito da etiológica distinção dos sexos, é fruto de um processo de negociação simbólica, historicamente enraizada e, portanto, socialmente legitimada (Bourdieu, 1998/2010).

O próximo extrato, preso da mesma entrevista, disserta sobre o seu atual trabalho como maquiadora em uma importante sociedade midiática. Ela mesma enfatiza valores, como a tolerância e a paridade, que os profissionais deste trabalho reservam para quem muitas vezes é ostracizado se inserido em outras panorâmicas sociais, ou seja, aquelas, as quais a interlocutora referiu-se anteriormente.

A interlocutora qualificou-se como esteticista, profissão correntemente afiliada à esfera feminina ou também homossexual e, devido a isso, mais afim a respeito do seu percurso existencial.

28. è un ambiente dove, (h)e:: le regole e::sistono,  
 29. ma sono soltanto ed esclusivamente regole  
 30. lavorative, le persone sono, e:: molto elastiche,  
 31. e::: varie, e::: è un ambiente abbastanza  
 32. >libero< non ci sono divise, non ci sono  
 33. stereotipi da rispettare, e::: c'è un ambiente  
 34. molto:: permissivo diciamo sotto quell'aspetto  
 35. mi::: ci trovo molto bene, insomma, mi sono  
 36. trovata molto bene rispetto ad altri lavori che  
 37. ho fatto

### *Tradução em português*

28. é um ambiente onde, (h)e:: as regras e::xistem,  
 29. mas são só e somente regras de trabalho, as  
 30. pessoas são, e:: muitos elásticas,  
 31. e::: várias, e::: é um ambiente bastante >livre<  
 32. não tem uniformes, não tem estereótipos para  
 33. respeitar, e::: tem um ambiente muito::  
 34. permissivo digamos naquele aspecto me sinto a  
 35. vontade, em fim, me senti muito bem  
 36. em relação a outros trabalhos que  
 37. fiz

Verem-se colocados dentro de uma categoria social pode condicionar as escolhas de decisões no sentido afetivo e funcional. Viver como pessoa transgênera significa ter que endereçar os próprios interesses profissionais em direção a destinos mais convalidantes em relação à própria diversidade. É facilmente perceptível que as/os transgêneras/os encontrarão dificuldade para achar um emprego em organizações de trabalho como entidades públicas, bancos ou exercícios comerciais (Di Folco e Marcasciano, 2001). O mundo do espetáculo, devido às suas características anticonformistas, revelou-se, desde sempre, muito permissivo e tolerante a respeito de estilos de vida em outros casos discriminados (Goffman, 1963/1983). A interlocutora enfatiza conceitos como tolerância e aceitação através da redundância semântica (Van Dijk, 1993) de adjetivos de valor como “*elásticas*” (linha 31), “>*livre*<” (linha 31), pronunciado com ênfase e com tom acelerado, “*muito:: permissivo*” (linha 33), reforçado pelo advérbio qualitativo “*muito::*” prolongado na vogal final e o adjetivo numeral: “*várias*” (linha 31). Sucessivamente, a estes atributos são contrapostos os substantivos “*uniformes*” (linha 32) e “*estereótipos*” (linha 32) que parecem caracterizar contextos ecológicos mais convencionais: “*em relação a outros trabalhos que fiz*” (linha 36/37). O único sistema

normativo ao qual estes ambientes referem-se são as competências e as habilidades profissionais, a respeito das quais uma pessoa pode ser julgada: “*são só e somente regras de trabalho*” (linha 29). Esta afirmação é por isso determinada por um pleonasma sintático dos advérbios somente e exclusivamente, que Van Dijk (2003/2004) considera das práticas linguísticas, implicitamente estratégicas para conotar a comunicação de intencionalidade. Estas planificações linguísticas implicitamente estratégicas nascem de específicos processos cognitivos, sendo que, como já enfatizado no sexto capítulo a “*adaptação discursiva manifesta-se sobretudo na nossa capacidade de adaptar o estilo do discurso ao contexto comunicativo presente*” (Van Dijk, 2003/2004, p.51)

. A perspectiva sócio-histórica (Wodak 2001) e também o modelo tridimensional de Fairclough (2006), são particularmente sensíveis para a evidência de certas recorrências linguísticas, não tanto em referência a funções cognitivas generalizáveis, quanto respeito ao contexto dentro do qual algumas posições semânticas repercutem-se para resultar intertextuais. O aspecto interdiscursivo instituiria um verdadeiro gênero narrativo ou estilo discursivo, adotado por quem compartilhou uma mesma situação social, enraizado dentro de específicas diretrizes espaços-temporais (Fairclough & Wodak, 1997).

Foi decidido realizar uma entrevista com esta pessoa, porque trata-se de um caso muito particular que oferece reflexões sobre campos diferentes, pelo fato de ter tido um filho quando ainda não tinha retificado o próprio sexo, pelo contexto geográfico cultural monolítico e fechado de um pequeno vale e com peculiares estruturas ideológicas, sociais e então políticas. Sendo que a entrevista aconteceu dentro do trabalho-família, a interlocutora referiu-se mais de uma vez, ao longo da narração, ao assunto trabalho, um hábito por muitos versos proibido para pessoas que não respondem às lógicas heteronormativas do contexto social. Emerge, de fato, da narração, que quarenta anos atrás, em um contexto sociocultural como o do Sul Tirol, as pessoas homossexuais e, em geral, todos os atores que recusavam uma concepção heterossexista, o único emprego que estas pessoas podiam recobrir era o da hotelaria, em particular a profissão de cozinheiro.

#### Extrato 20: Transgênera 7

##### *Original em italiano*

142. per me era, erano per quello ho iniziato anche a  
143. fare, a iniziare a fare la cosa di cuoco. perché  
144. cuoco devo completamente dire che in quel

145. periodo tantissimi cuochi erano omosessuali. si  
 146. poteva dire più della maggioranza, ce una grande  
 147. maggioranza dei cuochi di certi mestieri, potevi  
 148. proprio andare, e::m scontato che se non é  
 149. omosessuale almeno é bisessuale.

*Tradução em português*

142. para mim era, eram para aquilo que comecei  
 143. também a fazer, a começar a fazer a coisa de  
 144. cozinheiro, porque cozinheiro preciso  
 145. completamente dizer que naquela época  
 146. muitíssimos cozinheiros eram homossexuais.  
 147. podia-se dizer mais da maioria, há uma grande  
 148. maioria dos cozinheiros de certos trabalhos,  
 149. podia mesmo ir, por:: óbvio que se não for  
 homossexual pelo menos é bissexual.

A interlocutora, falando da sua adolescência diz a respeito das experiências de trabalho e, sobretudo das tipologias profissionais que ela, como externa a uma concepção heteronormativa, podia recobrir. Entre estes, além de trabalhar em fazendas agrícolas, existia a possibilidade de encontrar trabalho no âmbito da hotelaria. Em particular o cozinheiro teria sido, segundo a entrevistada, a figura principal associada à homossexualidade: “*uma grande maioria dos cozinheiros de certos trabalhos, se não for homossexual, pelo menos é bissexual*” (linhas 147-149). Esta escolha profissional teria apresentado, de fato, uma alternativa a respeito do duro trabalho nos campos e, ao mesmo tempo, um terreno avaliador a respeito da sua diversidade sexual: “*comecei a fazer também a coisa do cozinheiro*” (linhas 142-144). Como no extrato anterior, a entrevistadora descreve estas dimensões de trabalho como particularmente abertas para escolhas existenciais que transladam as representações sociais dominantes. O que a interlocutora do extrato anterior definiu como um “*ambiente bastante livre*” (extrato 19, linha 31), descreve-se nesta entrevista como uma *ribalta* onde as acepções identitárias consideradas transgressivas, torna-se modelos de comportamento socialmente acreditados: “*óbvio que se não for homossexual, pelo menos é bissexual*” (linhas 148, 148).

Deduz-se, então, a partir de uma análise crítica das entrevistas que as narrações sobre a experiência de trabalho, constituem um gênero discursivo distinto e intertextual. Esta recorrência de significantes não se expressa tanto pela reprodução de esquemas lexicais, característicos de uma determinada narração, mas através das atribuições de sentido aos



enunciados: um comum momento de vida dentro do qual articula-se uma específica semiótica. Essa, como enfatizado por Fairclough (2006), mas também por Wodak (1989) emerge de sistemas de valor sobre ordenados e circunscritos dentro de postulados espaços-temporais. Estas atribuições de sentido insinuam-se por isso, implicitamente, na narração e o sentido pode ser percebido somente quando considera-se o contexto de interação:

“Em síntese, a narração entra nas histórias de alto conteúdo relacional porque a mesma natureza da lembrança não é pessoal, isto é, ligada a um acontecimento que vê como protagonista o narrador, mas envolve o grupo inteiro, visando no aspecto humano e nas relações entre os componentes do sistema organizativo” (Mininni, 2008, p.72).

O próximo extrato vem de uma entrevista realizada com uma empregada que trabalha na divisão administrativa de uma sociedade, que produz brinquedos para crianças na periferia de Milão. A interlocutora, como na passagem anterior, refere-se aos valores meritocráticos de uma cultura do trabalho que parece adotar critérios de avaliação, interessados exclusivamente às habilidades profissionais. Enquanto o contexto artístico-mediático do extrato precedente foi descrito pela interlocutora como um clima que convalida a própria diversidade, um contexto de empresa mostra diversas peculiaridades ideológicas.

#### Extrato 21 Transgênera 2

##### *Original em italiano*

79. c'è un po' un conflitto tra persona e lavoro (.)  
 80. perché sul piano lavorativo mi stima come (0.4)  
 81. mi stima a livello lavorativo (0.8) †però sul  
 82. piano personale non approva molto questa scelta  
 83. (.) però comunque la vive e sono due anni e mezzo  
 84. più o meno che la cosa si è stabilizzata

##### *Tradução em português*

79. tem um pouco de conflito entre pessoa e trabalho  
 80. (.) porque em nível de trabalho me aprecia como  
 81. (0.4) me aprecia em nível de trabalho (0.8) †mas  
 82. no nível pessoal não apoia muito esta escolha (.)  
 83. mas todavia a vive e são dois anos e meio que a  
 84. coisa se estabilizou

Na linha 79, a interlocutora enfatiza que existe um “conflito entre pessoa e trabalho”, assumindo uma posição de desacordo a respeito do extrato 19. Aquilo que a entrevistada da passagem anterior descreveu com o enunciado “ *muito elástico*” (Extrato 19, linha 31) agora se contrapõe por meio do adjetivo “*pequeno*” para enfatizar a falta de separação entre trabalho e privado. Parece que os ambientes de trabalho, também em um contexto macrourbano, refletem as categorias normativas e ideológicas do mais extenso panorama cultural.

Yip (2008), a este propósito, dissertou sobre diferentes níveis de cidadania cuja dimensão íntima não parece ser respeitada em total a respeito das experiências de trabalho da interlocutora. A diversidade torna-se uma condição exagerada a respeito de qualquer outro expediente da própria identidade, do momento em que o discurso “*de trabalho*” (linha 81) resulta sobreposto ao “*pessoal*” (ibidem), como a entrevistada evidencia por meio da redundância retórica do adjetivo “*de trabalho*” (linha 80, 81), ao qual se contrapõe à dimensão “*pessoal*” na linha seguinte. O rendimento profissional desfruta de uma aceção positiva: “*em nível de trabalho me aprecia como (0.4) me aprecia em nível de trabalho*” (linhas 80-81), enquanto a percepção a respeito da esfera privada parece ser conotada de atributos negativos: “*↓mas no nível pessoal não apoia muita esta escolha*” (linhas 81 e 82). Implicitamente emerge o uso de um quiasmo retórico entre as linhas 80/81, brincando com a inversão do predicado e objeto, a respeito do conceito de estima. Enquanto esta última está associada às suas competências profissionais, a esfera privada fica relegada dentro das fronteiras ideológicas do estigma dado. Em nível paraverbal esta contraposição resulta enfatizada por um notável abaixamento do tom vogal “*↓mas*”, e por uma breve pausa “*(0.8)*” na linha 81, criando uma dissonância no plano semântico e formal (Schegloff 1991).

Esta passagem demonstra como a posição de trabalho torna-se um aspecto crucial para reivindicar e afirmar uma própria identidade, mas que esta carência, todavia, de expedientes como identidade de gênero ou pertencimento cultural. Aspectos, além disso, muitas vezes enfatizados por sistemas de crenças e conhecimentos não somente do sentido comum, mas também a respeito do panorama científico que difunde paradigmas focados em questões de gênero:

“A sua habilidade de identificar-se publicamente como transgênero no trabalho atrapalha o assunto social de sexo, categoria sexual e gêneros que correspondem um ao outro, avançando assim a

hipótese que as teorias interessadas ao doing gender, como concebidas inicialmente, não respondem adequadamente as suas exigências” (C.Connell, 2010, p.33).

A socióloga estadunidense enfatiza no seu artigo quanto à estrutura social e, sobretudo a cultura do trabalho fosse particularmente sensível a manter um dualismo de gênero. Reivindicar uma identidade que supera certos *idealtipos* da vida social representa, ainda antes de tornar-se transgressão, uma quebra da continuidade de significado.

Enfim, também outros circuitos de agregação comunitária ressentem de semelhantes lógicas organizativas da vida social. A representação do dualismo sexual é horizontalmente difusa nos sistemas de valor e nos conhecimentos partilhados entre atores sociais, e verticalmente distribuído ao longo das hierarquias de poder e as estruturas simbólicas que regulam a ordem de um campo social.

Não somente os contextos carcerários e o panorama do trabalho, mas também as interações com o outro significativo – o parceiro, os pais e, em alguns casos, também os filhos – são dimensões que inevitavelmente ressentem do tecido social. A articulação do sistema simbólico familiar está na base da vida comunitária e este dá aos seus atores uma característica quase indelével de algumas representações sociais, formalmente aprendidas desde o nascimento.

A escolha das cores da roupa – rosa para meninas e celeste para meninos – corresponde à reificação plástica dos *idealtipos* de gênero que em seguida serão declinados para específicos comportamentos sexuais durante o inteiro itinerário de formação.

Esta parte da pesquisa responde ao objetivo de investigar a relação entre pais e filhos naquelas famílias nas quais se apresenta o fenômeno do transgenerismo, que pode envolver fortemente o filho ou o genitor, mas que invade de forma generalizada as relações familiares, tornando-as muitas vezes difíceis. Devido a isso o papel dos pais assume uma relevância indispensável seja a respeito das próprias funções cognitivas, emotivas e relacionais, seja a respeito do sentido de qualidade da vida. Esta percepção, de fato, não dependeria de uma paternidade afetiva, seja essa uma escolha ou uma condição etiológica. Portanto, o sentido de paternidade pode assumir um significado mais amplo dependendo de outras situações e/ou contextos.

“Fazer os pais” é muito complexo e pode então tornar-se problemático, dependendo de particulares dificuldades da criança, dos mesmos pais, da sua relação, ou do contexto de vida. Não existem pais

sempre válidos, “suficientemente bons” e, em si, não é problemático que existam momentos difíceis na interação entre pais e filhos. Este tipo de interação emerge claramente do seguinte extrato, onde a interlocutora fala a respeito da sua relação com os parentes, em particular com a irmã e a mãe:

### Extrato 22: Transgênera 3

#### *Original em italiano*

272. con mia sorella ce un bellissimo rapporto di  
 273. dialogo e::: di:: (0.5) anche a lei ho::: (0.3)  
 274. ce mi ha presa anche come esempio ce come, anche  
 275. se poi magari immagino che questa cosa qui non  
 276. l=ha vissuta con (0.6) magari che ne so (.) si  
 277. vergognava un >↑pò< perché non capiva o ce nel  
 278. senso che non sapeva come gli altri la pensavano  
 279. e (0.5) ce non era un problema suo ma una  
 280. problema creato dagli altri (.) però lei mi ha  
 281. sempre vista come donna e così continua a  
 282. vedermi(0.6) per lei anche per mia madre (0.3)  
 283. quello si (.) ma penso per un po’ tutta la mia  
 284. famiglia (0.5) per tutti (.) poi ovviamente  
 285. genitori non si nasce quindi non sanno comunque  
 286. come porsi nei tuoi confronti (.) non sanno come  
 287. m::: (.) non so cosa dirti (0.8)

#### *Tradução em português*

272. com a minha irmã há uma belíssima relação de  
 273. diálogo e::: de:: (0.5) também pra ela  
 274. tenho:::(0.3) que me tomou como exemplo também  
 275. como exemplo que como, também se depois de  
 276. repente imagino que esta coisa aqui não a viveu  
 277. com (0.6) talvez não sei (.) ficava um >↑pouco<  
 278. envergonhada porque não entendia o que, no  
 279. sentido, que não sabia como pensavam os outros e  
 280. (0.5) que não era um problema dela mas um  
 281. problema criado pelos outros (.) mas ela me viu  
 282. sempre como mulher e assim continua me vendo  
 283. (0.6) para ela e para a minha mãe também (0.3)  
 284. isso sim (.) mas penso um pouco toda a família  
 285. (0.5) para todos (.) depois, obviamente pais não  
 286. se nasce, então não sabem todavia como se  
 287. colocar a teu respeito (.) não sabem como m:::  
 (.) não sei o que te dizer (0.8)

A entrevistada descreve a relação com sua irmã no começo como

serena e sem conflitos, mas sempre dentro da mesma frase afirma o contrário: “*belíssima relação*” (linha 272) em oposição a ficava um “>↑*pouco*< *envergonhada*” (linhas 277, 278). Esta incerteza narrativa insinua-se durante todo o depoimento dela. Depois de ter falado sobre a relação ambígua com a própria irmã introduz o aspecto relacional com os pais. As dificuldades encontradas referem-se, de fato, ao contexto social alargado, responsável então de ter fortemente influenciado o posicionamento entre ela e os familiares.

Por isso, as dificuldades relacionais vêm discursivamente conotadas de acepções de significado mais periféricas a respeito de momentos de vida mais pessoais. Um reconhecimento falho, apesar de latente, por parte dos pais em relação ao seu jeito peculiar de apresentar-se como identidade generizada, será interpretado pela entrevistada como uma condição culturalmente predefinida: “*depois, obviamente pais não se nasce*” (linha 283). O advérbio *obviamente* alude a uma dada situação, um contentor de diretrizes normativas que atribuem certas regras de comportamento, as quais se tornam realidades concretas. Uma circularidade de significação durkheimiana que se torna institucionalizada pelas regras da linguagem: dos significados para os significantes. Então, discursivamente preserva-se uma coerência narrativa a respeito do *self* relacional da interlocutora; o outro significativo responde a uma pergunta de estabilidade interna: “*não era um problema dela, mas um problema criado pelos outros*” (linhas 280, 281). O núcleo relacional do próprio sistema simbólico de referimento (irmã e mãe) continua inalterado, legitimando a própria representação como identidade declinada ao feminino: “*mas ela me viu sempre como mulher e assim continua me vendo*” (linhas 281, 282).

É interessante quanto à função da linguagem neste nível de análise carece das diretrizes de significação contextual mais que das motivações intrínsecas, como sugerido pelo modelo sociocognitivo da CDA (Van Dijk, 1993).

O aparente contraste de posicionamento no seu discurso, lexicalmente definido por um apelo a lexemas que introduzem uma oposição de significados: “*também se*” (linha 275), “*mas*” (linha 280), “*mas*” (linha 281, 284) adquire em vez um sentido se considera-se esta redundância retórica como uma narração onde se confrontam posições entre *self* e outro, as quais de fato mudam ao alterar o contexto situado, no qual se produzem áreas de significados. Estas últimas são, portanto lexicalmente circunscritas e semanticamente definidas.

Em fim, a entrevistada refere-se explicitamente ao conceito de posicionamento: “*não sabem, todavia como se colocar a teu respeito*”

(linha 286, 287), enfatizando quanto os esquemas de interação socialmente legitimados são produzidos nas relações interpessoais no cotidiano. De fato não se trata de uma indisposição individual (não aceita a mudança de “*meu filho*” para “*minha filha*”), quanto o aparato normativo de referimento – “*não sabem como*” repetido duas vezes dentro da mesma frase nas linhas 286 e 287 – a conotar, talvez, a interação com os pais de instabilidade e baixas relações.

O jogo de papéis dentro do contexto familiar, muitas vezes difícil, veiculado por uma complexa trama de variáveis afetivas funcionais e culturais, representa uma recorrência discursiva transversal em todos os testemunhos, onde a entrevistada refere-se ao relacionamento com os pais e, às vezes, com os próprios filhos.

O caso particular da entrevistada de Merano (Transgênera 7) representa uma situação bastante rara sendo que a retificação das características sexuais primárias muitas vezes comporta uma rejeição das mesmas em relação a qualquer aceitação de envolvimento da libido.

Na análise do conteúdo semântico (terceiro capítulo desta parte) percebe-se claramente o quanto a interlocutora, assim como as outras entrevistadas, abomina a presença dos próprios genitais masculinos antes da cirurgia.

Apesar disso, a entrevistada conta como teve uma relação sexual com a irmã do atual marido para os fins premeditados de ter um filho (usando um aparato masculino para a reprodução) para depois poder crescê-lo como mãe uma vez que o itinerário de transição fosse completado (então esperou que o filho completasse os 16 anos de idade para não perder a pátria potestade como definido pela Lei 164 – consulte-se o terceiro capítulo para a descrição da normativa vigente).

A particular narração desta entrevistada, além do conteúdo em si (o fato de ser casada como mulher, mas ter concebido um filho como homem antes), diferencia-se dos outros testemunhos devido à alternância de duas línguas ao longo da inteira narração: o alemão-tirolês e o italiano.

De fato, sendo a entrevistada nascida e crescida em uma pequena vila dos vales de Merano, a língua das relações pessoais era sempre o dialeto autóctone (uma variante do alemão oficial, *Hochdeutsch*), enquanto a língua da oficialidade e, em geral, do contexto social alargado era o italiano. São interessantes, de um ponto de vista organizativo da linguagem (aspecto que será aprofundado no capítulo 3.3), as áreas temáticas para as quais a interlocutora opta por um sistema linguístico mais que por outro.

Em sintonia, portanto, com o seu percurso formativo (onde o

tirolês fala-se em casa e o italiano em público), mantém esta ordem discursiva também durante a entrevista. Quando ela cita práticas meramente formais ou normativas narra a sua história em italiano, enquanto para o que tem a ver com os aspectos mais íntimos, sofridos, e pessoais adota o tirolês.

O próximo extrato, de fato, conta de quando ela tentou explicar para o filho de dezesseis anos o porquê da vontade de retificar o seu sexo e tornar-se mulher, passando do papel de pai para o de mãe. Para a interlocutora a aprovação do filho torna-se prioritária a qualquer norma institucional, demonstrando o quanto a subestrutura simbólica das relações sanguíneas e, portanto do outro significativo, absolvem uma fortíssima função reguladora, a respeito dos próprios sistemas de crenças e, portanto do agenciamento na reivindicação de determinadas posições identitárias.

#### Extrato 23: Transgênera 7

##### Original em tirolês

844. mein sohn sagt tatsächlich mit sechzehn jahren  
 845. zu mir papi du musst des tun wo du glücklich  
 846. bist weil sagt er zu mir du tust a für mi des  
 847. damit i glücklich bin und i war so was von  
 848. überrascht weil es war die grösste panik für mi  
 849. gewesen wenn mich mein sohn abgelehnt hätte das  
 850. wär die grösste dann hätte ich mich auch nicht  
 851. operiert dann wäre i lieber gestorben

##### *Tradução em português*

844. meu filho com dezesseis anos diz-me de verdade  
 845. papãe, tem que fazer o que te deixa feliz,  
 846. porque diz-me que tenho que fazê-lo para ser  
 847. feliz e isso deixou me tão  
 848. surpreendida porque o meu maior medo era de ser  
 849. recusada pelo meu filho, teria sido a maior.  
 850. preocupação então nem ia me operar,  
 851. teria preferido morrer

Talvez a maior dificuldade a enfrentar e superar durante o seu obstinado e sofrido percurso de transição não foram as instâncias autoritárias (tribunal dos menores, magistrados de vigilância, as várias perícias médicas-psiquiátricas), mas o medo de perder a coisa mais preciosa que tinha no mundo: o filho dela. A frase relatada acima conclui-se com uma afirmação muito forte, colocando em oscilação a

inteira construção da sua identidade, isto é, de realizar-se pessoalmente e socialmente como mulher: “*então nem ia me operar, teria preferido morrer*” (linhas 850-851).

A evidente dissonância entre uma reivindicação da própria identidade e o medo de perder o seu papel de pai parece, de fato, não encontrar uma solução – “*nem ia me operar, teria preferido morrer*” (linha 850) – senão por meio da aprovação do filho: “*tem que fazer o que te deixa feliz*” (linha 845), enfatizado na linha seguinte “*tenho que fazê-lo para ser feliz*” (linha 846, 847).

Mais que a afetividade, os sentimentos e a emoção que intercorrem entre mãe e filho, o que torna legítima sua decisão de adequar o corpo à identidade é ínsito mesmo no papel social de filho. Além de uma ligação afetiva, esta relação apresenta também uma ligação cultural. Neste caso, sendo que esta parte da pesquisa é interessada a particularizar a processualidade simbólica que regula a produção de eventos discursivos, o filho representa o último, e o mais importante ponto de referência para concretizar o próprio percurso de transição.

Os contextos familiares, talvez ainda mais das normas institucionalizadas, definem campos de interação, áreas de significados e, portanto hábitos culturais, dentro dos quais se articulam representações do *self* e do outro e, conseqüentemente esquemas de ação e modelos de coconstrução da própria identidade. Este primeiro nível de análise, de fato, evidenciou quanto à produção de um evento discursivo, o qual define as representações e os conhecimentos sobre o mundo, permeia implicitamente a estrutura do texto. Portanto, o sentido do discurso foi percebido analisando o modelo cultural ampliado dentro do qual se formaram os eventos observados.

O conteúdo extratextual (Van Dijk, 1993) ou a semiótica (con)textual, tornam-se esquemas de ação compartilhada. Devido a isso, sem considerar o processo de significação do discurso por meio do contexto simbólico e as estruturas normativas sobre ordenadas não é possível compreender o sentido no discurso.

Este último, como universo de significantes compartilhados, não obedece a práticas organizativas de tipo cognitivo (ou somente em mínima parte), mas às complexas lógicas de macrocenários históricos e simbólicos, cujas partes e componentes estão em constante relação de interdependência, resultando então interseccionais entre elas: as relações afetivas são culturalmente circunscritos, mas a afetividade em si impregna os discursos e, portanto as modalidades de representar o *self* e os outros.



Esta circularidade entre processos de significação, afetos e identidade delinea um modelo de sentido graças ao qual as interações, em nível cotidiano e, portanto os gêneros narrativos, a semântica e a organização do texto tornam-se, não somente contentores de significados, mas também geradores de realidades cognitivas.

No próximo capítulo, em linha com os focos especificados, analisar-se-ão aquelas práticas cotidianas, ou seja, as interações no *hic et nunc*, as quais reproduzem os horizontes de significados superordenados, particularizados neste nível de análise.

Esquemáticamente, a passagem metodológica do macro ao situado torna-se então uma *descida* da “norma” para o “campo”.

### 3.3.2. Análise do *SIGNIFICANTE* na Interação

O centro de análise neste nível metodológico é constituído pelas modalidades de interação nos contextos situados, ou seja, naquelas situações sociais as quais se caracterizam por uma forte acepção cotidiana.

Se as análises do primeiro nível focam na relação entre a gênese de um evento discursivo e as diretrizes simbólicas que definem o sentido, na maioria das vezes implícito, nesta passagem tornam-se importantes os posicionamentos dos atores e o hábito comunicativo, além das modalidades de interação para produzir um determinado enunciado, negociado no aqui e agora.

Sendo que o artefato linguístico, o qual no primeiro nível assumiu uma função meramente formal – o sentido não está nos textos, mas entre os textos –, ocupa um papel muito mais tangível: o sentido que ficava implícito entre as linhas da primeira passagem metodológica, é expresso em vez aqui, nas interações cotidianas por meio do recurso a formas mais descritivas e, portanto plásticas dos eventos narrados, como as metáforas e as alusões alegóricas.

Portanto, foi possível perceber o elemento interativo das produções textuais e como este fosse a emblemática representação de um evento discursivo complexo, mutável e, portanto situado. Esta propriedade da linguagem de construir áreas de sentido, mas também significados semânticos, permite a adoção de ferramentas de análise *computer assisted*

para organizar os discursos dentro áreas conceituais em relação aos focos de análise.

De fato, como detalhadamente descrito no capítulo 2.2, foi utilizado o programa para gestão e análise conceitual (portanto de

porções de texto) das entrevistas: Transana.

O software responde então às necessidades de realizar uma análise vertical das correspondências entre grupos de significado dentro de um mesmo repertório discursivo (e.g. entrevistas com funcionários penitenciários) e entre repertórios discursivos diferentes (e.g. entre entrevistas com as detidas transgêneras e entrevistas com transgêneras/os em contextos familiares/de trabalho). Estes repertórios, que o programa reconhece como séries, possuem peculiares modalidades organizativas, mais que estruturais (este aspecto será indagado no último nível), através das quais atores que compartilham um mesmo contexto e/ou situação social (no caso do presídio este aspecto emerge em maneira particularmente nítida), coconstroem uma representação semelhante a respeito do *self* e dos outros.

O software, sincronizando a transcrição com a fonte áudio e a onda audiométrica que acompanha a fala, permite de fato, além do suporte para a análise, de documentar as inflexões para verbais da ação comunicativa. Esta função, no começo desenvolvida para monitorar as interações ricas de gestualidade entre crianças em idade pré-escolar, revela-se útil para investigar a forma da fala, como as pausas, as entonações, a extensão das vogais e a sobreposição dos turnos, etc., sobretudo nos caso em que o discurso verbal resulte particularmente carente (algumas detidas entrevistadas com baixo nível de alfabetização). Além de resolver eventuais faltas de compreensão, a análise da forma e da conversação (Schegloff, 1991) consegue particularizar algumas propriedades da fonética que habitualmente acompanham eventos de elevado conteúdo emotivo (os suspiros, as risadas, os choros, etc.) ou, utilizando as notas de campo do programa, indicar movimentos do entrevistado finalizados a enfatizar os próprios enunciados (para uma descrição detalhada das funções do programa consulte-se o capítulo 2.2).

Os focos de análise, portanto, foram organizadas em três áreas conceituais a respeito da interação entre atores sociais e ente eles e o contexto:

1. Interação como posicionamento físico e discursivo;
2. Interação a respeito dos horizontes afetivos;
3. Interação a respeito das coordenadas espaço temporais no aqui e agora.

As perguntas da pesquisa queriam compreender quanto à representação social e pessoal das detidas transgêneras em relação à

própria identidade, mudam dependendo da situatividade da interação e do quanto ressentido de diretrizes afetivas, relacionais e funcionais, produzidas em nível dos posicionamentos no cotidiano.

Em linha com a perspectiva *top-down* adotada para a organização do material textual, esta passagem metodológica investiga primeiro os discursos produzidos pelas instâncias oficiais do NCP de Solliciano (funcionários penitenciários) e depois com narrações das detidas e, em fim, com os discursos gravados nos contextos relacionais e familiares.

Traça-se em seguida um mapa ontológico das práticas de interação, ou seja, aquelas modalidades de posicionamento que definem esquemas de valor e de atribuição de sentido negociados durante as ações cotidianas. Devido a isso, tornam-se particularmente relevantes aquelas narrações onde se refere às experiências pessoais como o trabalho da polícia penitenciária no instituto de Solliciano, os momentos de vida de detenção mais que as anedotas que fazem parte da cotidianidade no lugar de trabalho ou na família.

Por meio das funções “associativas” do programa Transana foi possível isolar aqueles elementos constitutivos da produção discursiva, que ligam diferentes correntes semânticas, que são semelhantes na estrutura e referidos às experiências afins em relação a contextos observados.

Os focos da análise foram, devido a isso, associados a específicas palavras-chave, que o software reconhece em base à afinidade semântica. Este procedimento analítico permitiu particularizar 387 porções textuais, entre todos os testemunhos, que se referem a específicos contextos de interação no aqui e agora e modelos de representações de gênero; do dicotômico ao processual. Estes fragmentos narrativos, que o programa etiqueta como *clip* (pode-se chegar do extrato de transcrição diretamente à sequência da fonte mediática), dividem-se dependendo do grupo de palavras-chave que se querem colocar em correlação.

Em seguida, serão apresentados alguns extratos que relatam as proposições como suporte explicativo aos histogramas. Quer-se investigar a interdependência entre diversas categorias de sentido, a respeito do status, papel e reconhecimento de gênero nas diferentes situações observadas. Através de uma análise combinada entre texto e contexto emergem atributos de significado (verbal, para verbal e gestual), altamente indicativos a respeito de uma representação discursiva do *self*, do outro e dos sistemas difusos a nível cotidiano.

Esta sequencialidade responde à propriedade mesma do software de seguir uma ordem quase cronológica do material discursivo, fazendo

emergir os precisos momentos de interação durante a entrevista. Este aspecto, para analisar a forma da conversa, particulariza aqueles momentos da narração, nos quais aparece a referência a áreas temáticas específicas que a entrevistada refere-se durante o próprio testemunho.

Em nível de apresentação, além dos extratos mais significativos selecionados do corpus das entrevistas, relatam-se aqui em seguida, alguns *output* do programa com os relatórios e os gráficos em forma de histogramas. A reflexão analítica que caracteriza principalmente este nível é dada pelo contexto, o qual se supõe possa ter uma função determinante na definição de uma própria identidade generizada.

Portanto, o material textual foi dividido em três séries principais (Figuras 7 e 8) em sintonia com três repertórios discursivos coletados:

1. Discursos de quem administra a vida no presídio;
2. Discursos de quem mora no presídio;
3. Discursos de quem interage em contextos de trabalho e familiares.

Esta divisão analítica, além de representar os diferentes contextos de interação que constituem esta passagem de estudo, permite de investigar o quanto a especificidade do contexto (funcional, estrutural, relacional) influi na representação de gênero.

Figura 7 – Database Transana: distribuição geral do corpus em séries de episódios

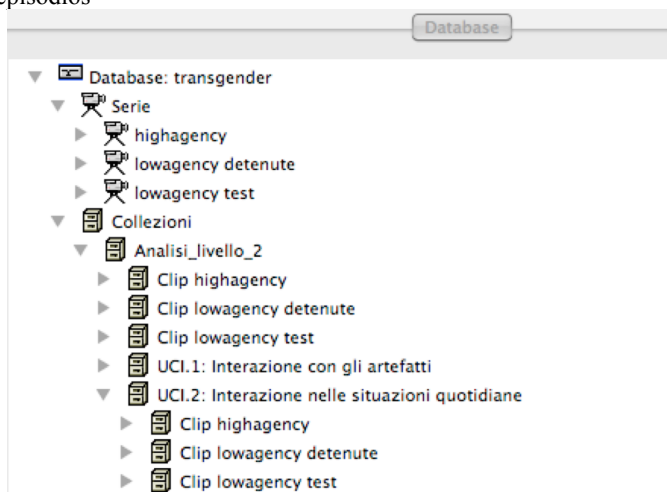
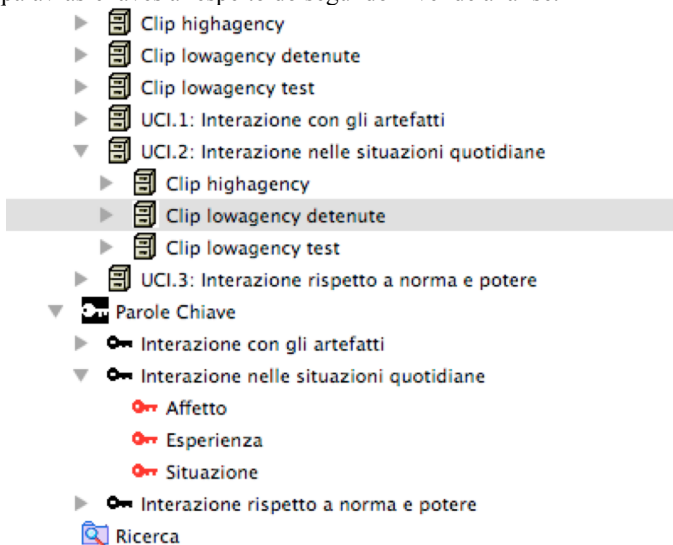


Figura 8 – Database Transana: distribuição específica de série, episódios e palavras-chaves a respeito do segundo nível de análise.



Como se percebe na figura 6, o programa subdivide o inteiro corpo em categorias de sentido, isto é, áreas temáticas definidas pelo

observador segundo os próprios objetivos de conhecimento e análise. O específico caso da figura 6b propõe, em vez, uma panorâmica gráfica a respeito da distribuição das diversas classes analíticas taradas para este específico nível de análise; ou seja, as interações que se geram nas situações cotidianas.

A partir das séries o software consegue aviar as pesquisas cruzadas, por exemplo, entre a relação que existe entre dois ou mais áreas conceituais. A pesquisa assim aviada põe em relação variáveis diferentes, para visualizar por meio dos histogramas, quanto um ou outro aspecto constitutivo a respeito das modalidades de posicionamento resulte predominante na definição da situação.

O que interessa neste nível de análise são, de fato, as *regiões de fachada* (Goffman, 1959/1985), ou seja, aqueles momentos e os lugares de interação dentro dos quais se geram determinadas representações da realidade. Além da visualização gráfica, o software elabora um relatório, isolando então porções de texto associadas a específicas palavras-chave.

Para o presente projeto as palavras-chave foram definidas dependendo do contexto e da situação social, que denota um fragmento comunicativo de um sentido partilhado. Apresenta-se em seguida a série de palavras-chave, definidas *ad hoc* para este estudo. Esta lista de conceitos analíticos responde à definição metodológica deste nível de análise, atento a perceber os significantes que se produzem em nível de interações cotidianas, isto é, aquele conjunto de variáveis que definem uma situação.

Portanto, estes expedientes de investigação estão articulados ao redor de aspectos relacionais (afeto, relação com o outro significativo), funcionais (gestão do contexto penitenciário e de trabalho) e reguladores (conjunto de regras organizativas e funcionais). A subdivisão destas áreas conceituais, como demonstrado na figura 5, segue então uma ordem didática.

1. Situação: estrutura – função – organização (192 porções de texto): A situação representa aquele *frame* estrutural e funcional dentro do qual se geram as interações *no hic et nunc*. Essa engloba todos os níveis de interação (do micro – cotidiano – ao macro – cultura). A situação, descrita por Goffman (1959/1985) como uma “*região de fechada*” atuada nos lugares da vida cotidiana e por Bourdieu (1980/2009) como campo social, representa o conjunto das acepções estruturais e funcionais dentro das quais estão enraizadas as realidades pessoais e coletivas. O *frame* da situação pode ser de natureza material (geográfica, arquitetônica) ou simbólica (esquemas de ação e

comportamento).

1. Experiência: vivida – direta – meditada (113 porções de texto): No cotidiano as regras de interação dos níveis macro e micro tornam-se rotinas, ou seja, esquemas de ação cristalizados. Devido a isso, eles são negociados, refinados e, portanto, redefinidos constantemente nos processos de interação entre o *self* e o outro. A experiência a respeito do *self*, da vida social e do contexto articula-se entorno do grau de afiliação a respeito de uma determinada situação social. A experiência, mais que nascimento de práticas de aprendizagem cognitiva, desenvolve-se em um constante posicionamento entre *self* e uma particular realidade para produzir um conhecimento legitimado e compartilhado. Na língua francesa, o morfema que expressa o conceito de conhecimento é representado pelo verbo '*connaitre*', isto é, *conectar* e, portanto provar em interação.
  
1. Afeto: relacional - íntimo – parental (82 porções de texto): As modalidades de conhecer o *self*, outro e contexto dependem do investimento emotivo que se cria nas relações com a alteridade. Por meio da afetividade que influi nas tomadas de decisões e na definição da situação podem-se criar mapas ontológicos que adquirem um significado pessoal e íntimo e, portanto, emotivamente significativo. Vygotskij (1934/1990) dissertou sobre as áreas do desenvolvimento proximal dentro das quais as pessoas aprendem a respeito da proximidade emotiva que o objeto conhecido assume para elas. O gênero, segundo esta perspectiva, constrói-se nas interações com o outro significativo: primeiramente os pais e, logo em seguida os colegas, as escolhas íntimas, os modelos de representações etc., e no caso da penitenciária, as parcelas.

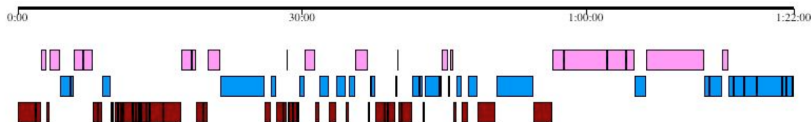
É interessante ver que a componente afetiva, a qual resultaria entre as variáveis significativas na gênese de um evento discursivo (Wodak, 2001), neste nível assume uma posição mais saliente a respeito dos outros dois aspectos investigados: 82 porções, em relação às 113 ligadas à experiência e 192 ligadas à situação.

De fato, as variáveis caracterizam fortemente o contexto carcerário, o qual por definição (o princípio da punição particularizado por Foucault (1975/1987)) é frequentemente privado de conotações afetivas (relações próximas e significativas). A componente afetiva no instituto é diretamente associada à experiência, portanto àquelas rotinas cotidianas por meio de gestos e breves diálogos em si funcionais, mas

conotados, de alguma forma, a aspectos relacionais. Durante estas práticas de posicionamento cria-se uma ligação relacional, mas esta, de qualquer forma, está relegada dentro dos muros do presídio e raramente comporta um envolvimento além das fronteiras situadas do instituto.

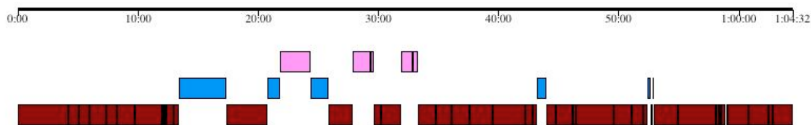
Sendo que metades das entrevistas foram realizadas no presídio, o peso destes repertórios, com momentos de vida comuns fortemente contextualizados, resulta particularmente acentuado na construção de discursos e gêneros narrativos. Entre estas entrevistas, como se verá no histograma seguinte, são, especialmente aquelas das detidas que se referem aos aspectos principalmente afetivos (a ligação semanal para a mãe, as cartas e as visitas de amigos), enquanto o provedor da administração penitenciária e da vice-diretora do instituto mostram menor atenção a respeito destes aspectos mais íntimos.

Gráfico 2 – Histograma 1: Corpo detidas



NOTAS: Rosa: afeto; Blue: experiência; Vermelho: Situação

Gráfico 3 – Histograma 2: Corpo Funcionários penitenciários



NOTAS: Rosa: afeto; Blue: experiência; Vermelho: Situação

É evidente que a situação, definida como o conjunto das práticas organizativas e de gestão do contexto, assume um papel predominante nos discursos dos funcionários que, de forma diferente, trabalham no Instituto de Solliciano (Gráfico 3).

Os testemunhos, em particular dos funcionários empenhados na administração da prisão, seriam mais sensíveis em relação aos aspectos meramente contextuais. A colocação das detidas, os turnos de vigilância, a separação das diferentes tipologias de presos são aspectos recorrentes da cotidianidade de quem opera no presídio. Em particular, as instâncias de poder superordenadas (direção, administração) têm uma experiência indireta do contexto, reduzindo então a possibilidade de interação e as ocasiões na quais se instauram uma relação com o outro. Em seguida



relatam-se os extratos, por meio dos quais emergem diferentes posições afetivas, segundo o nível de interação.

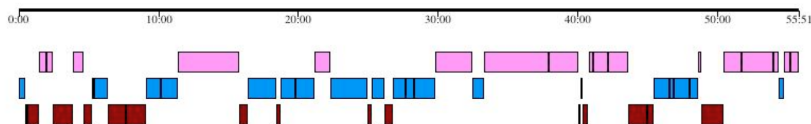
Pelo contrário, a respeito das entrevistas realizadas como as detidas, resulta evidente quanto à importância da afetividade aumenta ao longo da entrevista, enquanto a componente contextual, no começo bastante presente nos discursos (histograma 1: barra vermelha) tende a desaparecer no final das entrevistas deixando espaço para aspectos mais pessoais e íntimos.

A experiência, como conjunto de rotinas cotidianas, resulta mais difusa entre as detidas, o que faz pensar em um maior grau de interação com o contexto. Essa nas entrevistas com as detidas (Gráfico 3) é associada a processos relacionais (interação cotidiana com as outras parceiras), enquanto nos testemunhos dos funcionários parece bastante ausente. Na verdade, nas entrevistas com os funcionários carcerários alude-se sim a práticas de rotina cotidianas, mas elas resultam intimamente associadas ao próprio papel profissional e, portanto, a um status fortemente institucionalizado, definido pela especificidade da situação em si.

O presídio, como foi definido para Goffman, pode ser considerado como aquele lugar aonde os indivíduos e grupos de indivíduos são obrigados a interagir seguindo a ordem normativa (a decoro ou as regras do cenário) da situação social. Essa última, portanto, constitui uma “região de fachada” particularmente reificante a respeito das representações que se produzem ao seu interior: As representações do *self* e do outro são conotadas pelas matrizes materiais e ideológicas do contexto.

Diferentemente das interações que se geram dentro de uma instituição total, os discursos produzidos nas situações de trabalho e familiares são ligadas a um agenciamento maior. A interdiscursividade que intercorre entre as entrevistas desta parte do corpo, caracteriza-se por uma distribuição de conteúdos afetivos e experienciais particularmente homogêneas, como demonstra claramente o histograma sucessivo (Gráfico 4).

Gráfico 4 – Histograma 3: Corpo alto agenciamento



NOTAS: Rosa: Efeito – Azul: experiência – Vermelho: Situação

Nos contextos de trabalho e familiares, e então situações sociais relacionadas a maiores graus de agenciamento a respeito do presídio, a componente funcional e estrutural do *frame*, torna-se decididamente secundária.

De fato, as “regiões de fachada” observadas neste nível de análise, apesar dos campos sociais dentro dos quais estas tomam forma, diferenciam-se tanto pela peculiaridade dos contextos individuais, como a respeito das regras e aos decoros que os definem, distingue-se radicalmente das interações em âmbito carcerário e dos respectivos repertórios discursivos.

Então, retomando o conceito de punição e poder formulado por Foucault (1975/1987) e a teoria do campo ideada por Bourdieu (1980/2009) – para uma reflexão mais aprofundada se indica o capítulo 1.3 – o presídio torna-se um hábito cultural no qual foram alteradas as regras cotidianas da interação. Os limites reificantes do contexto relegam, de fato, comportamentos, expressões identitárias, sentidos simbólicos, como também as mesmas representações sobre a realidade individual e coletiva, dentro de esquemas normativos pré-determinados e pré-determinantes.

Estes últimos, mesmo pela lógica da trajetória “punitiva” ou “de correção”, como se prefere definir, em seguida das diversas reformas carcerárias após da segunda guerra mundial (veja-se capítulo 1.3), preveem que o indivíduo juizado culpável pelas ações cumpridas, ou por uma condição de vida particular (estar desprovido de válidos documentos para a estadia), seja despido da própria identidade desviante, em favor de outra mais adequada ao responder às regras sociais da coletividade mais ampla. Então, quanto mais às representações do *self* se aproximam aos *idealtipos* de conduta, tanto mais eficaz, conforme as matrizes ideológicas do presídio, seria a reeducação do indivíduo criminal.

Estas normas contextuais, se bem que estejam presentes em todos os âmbitos de um experimental comunitário, da família ao trabalho, tornam-se cristalizadas por um aparato legislativo o qual encontra nas paredes carcerárias as barreiras cimentadas das próprias barreiras simbólicas. A redação da revista de Pádua “*due palazzi*” reporta o título “*ristretti orizzonti* - horizontes restringidos” para sublinhar como cerca material do instituto reflete muito bem uma redução do próprio agenciamento não só físico (limites de movimento), mas também ontológico, porque as pessoas colocadas dentro de um sistema penitenciário são expostas, sobretudo ao ócio e à total ausência de

estímulos. Por esta mesma razão, as matrizes normativas e contextuais tornam-se dois aspectos predominantes nos discursivos dos funcionários (sobretudo a vice-diretora e o provedor), resultam pouco significativas quando as interações se desenvolvem entre detidas em nível cotidiano.

O que no primeiro nível de análise foi particularizado como processo normativo superordenado, torna-se nas seções carcerárias uma realidade tangível, por meio das variáveis que por definição pertencem ao aqui e agora, como a liberdade de espaço e de tempo.

Duas condições muito particulares para quem vive um percurso de detenção. Se a análise do nível superior, particularmente atenta em especificar aqueles princípios reguladores, implicitamente contidos no discurso e então referentes a tomadas de decisão que parecem prevaricar o indivíduo, a análise deste nível é interessado em captar a modalidade cotidiana da interação.

De fato, o que frequentemente emerge da análise da estrutura não sempre corresponde com o que surge da interação no aqui e agora. A mesma situação social (contexto e norma), a qual, sobretudo nos discursos produzidos pelas instâncias administrativas do instituto parecia revestir uma posição prioritária, torna-se secundária já na interação das detidas (para elas o presídio é a cotidianidade!). Essa no presídio é completamente residual, como claramente demonstrado pela barra vermelhas dos três histogramas de cima.

Por exemplo, o trabalho foi definido por Foucault como parte integrante do percurso reeducativo e, portanto destinado a cumprir funções ideal-normativas. Ao contrário, para a detida torna-se uma válvula de sobrevivência cotidiana: fugir da ociosidade da rotina detentiva e então de alterar a percepção estática do tempo e da restrição do lugar.

Muda o *frame* espaço-temporal, muda o sentido da interação e, portanto, o significado atribuído a determinados procedimentos discursivos dentro de uma situação social definida no aqui e agora. De fato, o trabalho foi associado por Foucault a uma forma de poder punitivo que visa à normalização social. Respeito ao quadro contextual dentro do qual é inserida a presente pesquisa emerge um significado atribuído ao trabalho, dissonante diante do “*princípio de ordem e de regularidade*” (Foucault 1975/1987, p. 203), porque mudou a forma organizativa do mesmo trabalho, que agora se torna um instrumento de reeducação capaz de fornecer competências funcionais a uma vida fora do presídio. O próximo extrato refere-se à experiência de uma detida que vê o trabalho como uma atividade de valor, seja econômico, seja psicológico. Emerge de seu conto como o trabalho reatribui os

fragmentos de identidade dos quais um detido foi com frequência despido no momento do seu ingresso no instituto (Goffman, 1961/2003, 1963/1983).

Extrato 24: Detida 4

*Original em italiano*

407. tu sai che stare dentro un carcere é come una  
 408. gabbia, no? io devo combattere per stare fora.  
 409. io ho bisogno di trovare un posto, un lavoro ho  
 410. bisogno di trovare un posto un lavoro, un  
 411. assistente che mi porti mi prendi fora.

*Tradução em português*

407. Você sabe que estar dentro de um presídio é como  
 408. uma gaiola, né? Eu tenho que combater por estar  
 409. fora. Eu preciso de encontrar um lugar, um  
 410. trabalho. Preciso de encontrar um lugar, um  
 411. trabalho, um assistente social que me leve, me  
 tome fora.

A interlocutora representa o que os estudiosos interessados nas micro-estruturas das ribaltas cotidianas, entendem por sentido partilhado e negociado. Portanto, este sentido não pode ser exclusivamente inscrito em um significado normativo superordenado, ou sinal para retomar Minnini (2008), mas uma produção de conhecimento partilhada, onde os mesmos significados se tornam parte funcional do contexto e da situação no *hic et nunc*.

O emprego profissional, contrariamente do que pensado por Foucault, pelo qual “o trabalho é definido, junto como o isolamento, um agente de transformação carcerária” (1975/1987, p. 202), torna-se na cotidianidade detentiva um meio para afirmar a própria identidade. Na verdade, a entrevistada associa o presídio a uma gaiola: “um presídio é como uma gaiola” (linha 116) e o trabalho como a dimensão que reconcilia o tempo à própria experiência.

Extrato 25: detida 4

*Original em italiano*

277. per me qua é come se fossi, ci fossi, quando con  
 278. le persone sta in carcere a lavorando o tempo  
 279. passa. Io sto qua dentro e estou lavorando e sto  
 280. bene. Lavoro cinque ore al giorno. per me sto  
 281. tranquilla.

*Tradução em português*

277. para mim aqui é como se fosse, estivesse, quando  
278. as pessoas estão no presídio, trabalhando o  
279. tempo passa. Eu estou aqui dentro e estou  
280. trabalhando e estou bem. Trabalho cinco horas por  
281. dia. Para mim estou tranquila.

O conteúdo semântico deste extrato seria por si suficiente para compreender o valor social que é atribuído ao trabalho. O trabalho neste sentido não é somente entendido como um meio com a finalidade de ganhar dinheiro, mas um bilhete para poder aceder aos sistemas legitimados de uma sociedade líquido-moderna (Z. Bauman, 2003/2010).

As grelhas hermenêuticas de Foucault enquadram os mecanismos de base do sistema penitenciário em torno de três conceitos: 1. a modulação da pena, 2. o isolamento e 3. o trabalho. Diante destas considerações, pode-se observar como o modificar-se das matrizes históricas e culturais possa influenciar os pressupostos éticos e também os momentos de vida subjetivos e afetivos dos participantes de uma determinado contexto (Goffman, 1959/1985). Portanto, torna-se ainda mais importante observar uma interação situada tendo em conta de todas as matrizes contextuais na qual é inserida.

Enfim, em referimento a vida cotidiana, resulta fundamental a percepção do tempo, muitas vezes em suspenso para quem transcorre um longo período dentro de uma instituição total. Este aspecto é referido por todos os atores envolvidos nesta pesquisa, porque as atividades propostas no instituto não conseguem cobrir completamente todo o período no presídio. Ademais, a superlotação da população detida permite só a um pequeno percentual dos presos de participar das atividades de trabalho, escolásticas ou recreativas.

A respeito do quanto foi formulado por Wodak & Weiss (2001), as matrizes espaço-temporais relegam os discursos dentro de coordenadas específicas de significado implícito. Especialmente, uma detida abriu a interação com o entrevistador fazendo mesmo referimento ao passar do tempo no instituto que altera a percepção da própria cotidianidade. O tempo neste sentido não é só considerável uma variável contextual ou psicológica, mas uma dimensão existencial em base, à qual se define a vida de uma pessoa. A experiência de reclusão implica a separação de todas as interações no cotidiano que até ao momento da detenção constituíam parte integrante da identidade.

O tempo, para além de ser uma unidade de medida, pode ser definido como o seguir-se de ações no período de um dia. De fato, a cotidianidade exprime-se por meio do que se realiza todos os dias. Sendo a dimensão temporal quase suspendida dentro de um contexto totalizante, as atividades de trabalho, ao invés de assumir um valor *de correção*, como defendido por Foucault, constitui muitas vezes um indispensável remédio ao tédio e à depressão.

Assim mesmo a interlocutora do próximo extrato representa o trabalho como um aspecto positivo, também para o significado que consegue dar ao tempo que transcorreu no instituto. De fato, a entrevista inteira é impregnada por explícitos referimentos ao tempo como demonstrado pelo próximo exemplo.

#### Extrato 26: Detida 3

##### *Original em italiano*

509. il tempo per me si é fermato. per questo quando  
510. esco in permesso io chiamo mia famiglia. qua  
511. dentro si ferma. si ferma, per questo lavoro  
512. cinque ore e come se io fossi stato un giorno  
fora.

##### *Tradução em português*

509. o tempo para mim parou, por isso quando saio  
510. sob permissão eu chamo minha família. Aqui  
511. dentro para. Para, por isso trabalho cinco horas  
512. e como se eu tivesse estado um dia fora.

Emerge claramente desta passagem como o tempo é principalmente associado, dentro da prisão, a duas dimensões sociais: o trabalho e o afeto. De fato, a interlocutora afirma na primeira parte do extrato como o tempo sem emprego fique inalterado: “*o tempo para mim parou*” (linha 509) e que somente pode aproveitar do próprio tempo: “*quando saio sob permissão*” (linhas 509-510), procura os contatos com os atores significativos da vida dela: “*eu chamo minha família*”.

Em nível lexical encontra-se uma reiteração retórica diante do construto de estagnação, que é repetido bem três vezes dentro de uma mesma sequência semântica: “*parou*” (linha 509), “*para, para*” (linha 511). Esta situação de bloco temporal e existencial parece resolver-se, para além dos contatos com os próprios familiares, mesmo por meio do tempo empregado em atividades de trabalho: “*trabalho cinco horas e como se eu tivesse estado um dia fora*” (linha 511, 512). Especialmente

esta última afirmação faz emergir claramente quanto o trabalho e o tempo sejam associados à liberdade e à vida fora das paredes do presídio.

O construto liberdade, entendido como margem de agenciamento individual e coletivo, é um dos aspectos mais importantes na vida dos seres humanos e este assume uma particular relevância, quando este é interrompido. O conceito de liberdade dentro do cárcere é discursivamente associado ao tempo, entendido não como parâmetro, mas como espaço dentro do qual construir relações, representações e conhecimentos. O conjunto destas três variáveis constitui o agenciamento de uma pessoa, ou melhor, a representação de agenciamento que um agente atribui à sua situação e ao contexto.

Por isso na prisão tornam-se importantes duas variáveis na definição do espaço e do tempo: o componente do trabalho à qual fizeram referimento os extratos anteriores e a afetiva, como emerge do breve extrato de uma detida, que falava do relacionamento com seu ex-namorado antes de entrar no presídio. O extrato, que representa uma ligação analítica entre discursos produzidos dentro e fora da prisão, faz referimento a um aspecto fundamental do agenciamento: a liberdade de amar!

Essa última, dado que a função do sistema penitenciário prevê um afastamento espacial de todos os atores significativos da própria vida, mesmo para prevenir o mais possível qualquer possibilidade de reconstruir aquele sistema de contatos associados à trajetória criminal do recluso, torna-se uma falta daqueles aspectos indispensáveis da própria identidade que são caracterizados da proximidade afetiva do outro.

A identidade de gênero, para além do contexto e da linguagem, ressentida de uma série de gestos cotidianos, ou seja, procedimentos de decoro, por meio dos quais se atribui um sentido e, portanto uma legitimação à própria representação de gênero.

#### Extrato 27: Detida 5

##### *Original em italiano*

140. mi sentivo una principessa. mi portava da  
141. mangiare a letto, tanti fiori mi regalava, mi ha  
142. comprato tanti vestiti nuovi

##### *Tradução em português*

140. me sentia uma princesa, me trazia comida na  
141. cama, tantas flores me dava de presente, me  
142. comprou muita roupa nova

As “flores” (linha 141) e a “roupa” (linha 142) poderiam ser consideradas *artefatos afetivos* para enfatizar e reconhecer cotidianamente uma identidade de gênero declinada ao feminino, assim como as atenções comunicadas por meio de gestos: “*me trazia comida na cama*” (linha 140/141). Estes procedimentos de decoro, culturalmente associados a comunicações afetivas, adquirem um significado relacional através de um gesto de conotação cotidiana: o presente. De fato, o dom representa na cultura ocidental uma demonstração de afeto com o fim de comunicar um reconhecimento *do outro ao outro* (Mantovani, 2000).

Salvini (1999) falando sobre sua experiência como terapeuta no interagir com pessoas transgêneras, sublinha mesmo a importância do gesto cotidiano no reconhecimento da identidade do outro. Este gesto, para além do presente, pode consistir também em um juízo comunicativo e então, de natureza completamente simbólica: o elogio. De fato, ele afirma que durante um colóquio fez notar de forma estratégica sua atenção para elementos de decoro, socialmente identificados com sistemas de significados ao feminino; neste caso o vestuário e as joias: “*Acho, como todos, que estas ametistas estejam em sintonia com a cor do seu vestido*” (Salvini, 1999, p. 265).

Comentando o psicólogo reafirma a função social dos elementos de decoro ainda que sublinhe metaforicamente uma necessidade de *confirmação* da própria identidade.

“Respondi (...) a um pedido de confirmação à Necessidade de Miriam de sentir em que medida eu reconhecia as possibilidades sedutoras da sua feminilidade, desfrutando o eco no plano da sua representação interior” (Salvini, 1999, p. 265)

De fato, esta representação do *self* emerge de um conjunto de gestos cotidianos negociados na interação com os outros atores. *Flores e roupa*, além de serem objetos, tornam-se na situação dos posicionamentos no aqui e agora *Representações sociais*, em torno das quais se constrói um sentido do *self* como identidade generizada. No plano afetivo, por meio das atenções particulares, reforça-se uma representação do *self* como mulher, discursivamente circunscrita por imagens culturais ligadas ao universo feminino: “*me sentia uma princesa*” (linha 141). Este sentir-se mimada e paparicada torna-se uma prática afetiva, que delinea em nível cotidiano as invisíveis fronteiras



entre sistemas de representações e construtos de identidade.

O gênero narrativo que emerge deste relatório é impregnado lexicalmente por figuras retóricas descritivas que influenciadas por momentos de vida pessoais e então situados. O recurso à exemplificação, quanto o recurso à reificação, típica de um discurso normativo (veja-se o primeiro nível de análise), denota um enunciado de tangibilidade e concretude. O que emerge dos histogramas como uma diversa distribuição de temáticas discursivas diante dos conceitos de situação, experiência e afeto, é exprimido na estrutura do texto por meio de uma organização diversa dos modelos semânticos: daqueles impessoais das autoridades penitenciárias aos diretos e figurativos dos detidos e dos operadores que interagem cotidianamente com a realidade carcerária.

O comandante, falando da própria experiência dentro da seção transgênera, compara a vida no presídio a contextos de interação que fazem parte da cotidianidade íntima da sua vida privada. De fato, emerge da produção discursiva dele um recurso a elementos figurativos e comparativos, expresso por meio de uma superposição narrativa entre a vida dentro do instituto e as interações que se geram na vida familiar.

#### Extrato 28: Testemunho 3

##### *Original em italiano*

159. poi ci rendiamo conto quando uno sta, ora faccio  
 160. un esempio un po' particolare. un po' come  
 161. quando uno sta un po' a casa sua, la mattina se  
 162. alza, se vede che la mamma, il padre, il  
 163. fratello, la sorella, la moglie, chi che sia non  
 164. ti chiamano, non ti rispondono, non e:::- si gira  
 165. dall'altra parte, ti rendi conto che molto  
 166. probabilmente si é alzato storto quindi vuoi  
 167. sapere perché o cosa ha avuto se ce un problema.  
 168. questo discorso vale anche all'interno delle  
 sezioni.

##### *Tradução em português*

259. depois nos damos conta quando um está, agora  
 260. faço um exemplo um pouco particular. Um pouco  
 261. como quando um está um pouco na própria casa, de  
 262. manhã levanta, se vir que a mãe, o pai, o irmão,  
 263. a irmã, a esposa, quem que seja não te chamam,  
 264. não te respondem, não e vira-se por outra parte,  
 265. você se dá conta que muito provavelmente  
 266. levantou virado então você quer saber porque ou

267. coisa teve se há um problema este discurso vale  
168. também dentro das seções.

Emerge do extrato um estilo discursivo, caracterizado por uma estrutura linguística de uso tipicamente cotidiano, porque mais do que ressentir de conceitos formalmente generalizados, ressentido de experiências concretas e momentos de vida privada. De fato, sua narração é construída por meio das exemplificações, conotadas por acepções completamente pessoais e situadas: *“agora faço um exemplo um pouco particular. Um pouco como quando um está um pouco na própria casa”* (linhas 259 - 261). Este tipo de estrutura discursiva é caracterizada por elementos retóricos poucos formais e então menos institucionalizados.

Portanto, a realidade carcerária sai dos esquemas completamente estruturalistas, assumindo conotações muito mais concretas e subjetivas. Referente aos enunciados analisados no primeiro nível, os discursos que se indagam durante esta passagem metodológica têm um valor muito mais situado. O componente afetivo emerge seja da linguagem informal: *“se levanta, se vir”* (linha 262), seja dos referimentos a um contexto afetivo por definição: a família. A transposição de dinâmicas interfamiliares diante da vida no presídio sublinha a cotidianidade das interações e do significado delas no aqui e agora.

O presídio pode ser visto seja como um contexto a forte funcionamento normativo, seja respeito à sua cotidianidade, como uma realidade de interação comum. Estes posicionamentos quase familiares são enfatizados pelo uso exemplificativo de substantivos que se referem diretamente aos atores principais da vida familiar e então afetiva: *“a mãe, o pai, o irmão, a irmã, a esposa, quem que seja”* (linhas 262-263). Por meio de uma forte redundância destes substantivos, sublinha-se a dimensão confidencial das interações. Portanto, a componente afetiva, dentro de um contexto tão fortemente administrado, pede exatamente a sua função cotidiana.

Ao contrário, pelo que diz respeito às entrevistas realizadas fora do ambiente penitenciário, com pessoas transgêneras em contextos com uma margem de agenciamento mais amplo, podem-se constatar retóricas parecidas no descrever a própria representação de gênero, mas essa vez por meio de uma narração cotidiana.

O afeto, se referido a experiências em primeira pessoa, é conotado por elementos fortemente situados: associações, lembranças, experiências. De fato, são com frequência as pequenas coisas de todos os dias (Goffman, 1959/1985) que definem aquelas situações e

representações, que depois se tornam realidades reificadas em nível macro da vida social. O sentir-se mulher deve inserir-se de alguma forma em um panorama de cotidianidade afetiva e então das pequenas recorrências que circunscrevem as infinitesimais práticas dos posicionamentos no aqui e agora. Por meio da descrição de uma relação com o outro, emerge o sentido que uma pessoa dá às próprias representações e crenças.

O próximo extrato foi preso da entrevista com a mulher de Merano, que tinha completado o próprio percurso de transição desde o ponto de vista seja anatomofisiológico seja psicossocial. Falando da cotidianidade da vida de casal (entre ela e seu marido), emergem os posicionamentos discursivos diante de uma definição do *self* em relação da identidade de gênero. Portanto, esta, além de ser delineada por procedimentos simbólicos e normativos, gera-se na interação com o outro.

O extrato, que apresenta mais um ato conversacional entre diversos interlocutores, ao invés do que uma entrevista clássica, descreve o fim do encontro, no qual para além dos dois entrevistadores e a entrevistada, adicionou-se também o atual marido (uma vez retificado sexo e nome registrado, a lei italiana prevê a possibilidade de empreender uma relação conjugal – veja-se capítulo 1.3) e então a interação foi articulada com quatro participantes.

#### Extrato 29: Transgênero 7

(A: Entrevistador, B: Entrevistada, C: Marido da Entrevistada)

##### *Original em italiano*

1380. B: ma anche il nostro io dico che sia anche  
 1381. fortuna, che non ha nulla a che fare con il  
 1382. mio adeguamento sessuale [o:]  
 1383. A: [no] è logico  
 1384. B: io penso in un modo noi siamo anche un po'  
 1385. fortunati perché:: trent'anni con lo stesso  
 1386. uomo non è semplice  
 1387. C: È [no]  
 1388. B: [ep]pure noi due adesso ancora noi due ci  
 1389. prendiamo ancora in giro  
 1390. C: si noi giochiamo ancora cioè a noi piace  
 1391. ancora giocare prenderci in giro [e:: ]  
 1392. B: [ogni]  
 1393. tanto mi dico ma siamo rimasti ventenni

##### *Tradução em português*

1380. B: mas também o nosso eu digo que seja também  
 1381. sorte que não tem nada a ver com a minha  
 1382. adaptação sexual [o::]  
 1383. A: [não] é lógico  
 1384. B: eu penso de uma forma que nós somos também  
 1385. um pouco afortunados porque:: trinta anos  
 1386. com o mesmo homem não é simples  
 1387. C: é [não ]  
 1388. B: [entre]tanto nós dois agora ainda nós dois  
 1389. nos caçamos ainda  
 1390. C: sim nós brincamos ainda, ou seja, nós  
 1391. gostamos ainda de brincar caçar [e:: ]  
 1392. B: [de vez] em  
 1393. quando me digo, mas ficamos ainda como com  
 vinte anos

O desenvolvimento dinâmico da interação caracteriza-se pela forte frequência das mudanças de turno entre os falantes envolvidos, como se nota nas superposições entre as linhas *coincidas*, 1382/1383; 1387/1388 e 1391/1392. Portanto, este processo da interação não é para escrever a um evento discursivo produzido no *hic et nunc*.

O significado deste posicionamento narrativo não pode ser compreendido se não se conhecem os significados gerados no momento mesmo do ato da conversa. Muitos aspectos das representações de gênero são negociados na interação e então nas modalidades de *formar* mais do que construir o discurso.

O momento da conversa observado, mesmo pela definição epistemológica deste nível metodológico, interessado em fazer emergir o significante na interação e não tanto o conteúdo implícito (nível 1, capítulo 3.3.1) ou explícito (linha 3) é desenhado por meio da forma de posicionamento entre atores, contextos e situação.

Por isso, o conteúdo explícito torna-se completamente residual: os significados semânticos são reduzidos ao essencial (as formas lexicais desligadas, como entre as linhas 1381-1383), e, portanto, o significante emerge da fluidez do evento discursivo como ação, ou seja, da rápida passagem de um tema ao outro: “*adaptação sexual*” (linha 1382) e informações sobre a vida conjugal: “*trinta anos com o mesmo homem*” (linha 1385/86).

Do momento em que um ato de conversa se caracteriza pela sua alternância fortemente variável entre alterações de turno, gestos, alusões e duplos sentidos, o *sentido do discurso* é insinuantemente aninhado dentro de uma interação processual, o que Schegloff (1991) define como

*talk-in-interactions*. Desta maneira o desempenho irá definir a situação. Discursivamente faz-se referimento a episódios que são definidos pelas rotinas das ações cotidianas.

Estas, como ações situadas, pedem uma ordem simbólica a partir do momento em que estas práticas microssociais tecerão uma subtil trama de gestos significativos, que denotam a realidade conjugal de um sentido partilhado, além do consenso normativo do mais amplo contexto cultural. Os jogos (brincadeiras) de casal dos quais falam os interlocutores do extrato acima, são na realidade papéis sociais postos em cena no palco da cotidianidade familiar. Tais práticas de *roleplaying* reforçam, então, um sentido de pertencimento culturalmente definido, mas interpretado conforme as peculiares situações da vida privada: “*sim nós brincamos ainda, ou seja, nós gostamos ainda de brincar de caçar*” (linhas 1390, 1391).

Interessante desde o ponto de vista do significado é o uso do termo *adaptação sexual* (linha 1382), sobre a qual a entrevistada voltou mais vezes durante o curso do encontro. De fato, ela rejeita a ideia de uma identidade de gênero que se gerou independentemente da base anatomofisiológica do sexo. Para ela o gênero é uma constante, que quando não corresponde ao fenótipo corpóreo, pode ser corrigido por meio de terapias endocrinológicas e intervenções de cirurgia plástica.

Então, do momento em que a adaptação foi levada ao fim e ela pode-se afirmar como mulher, aceita em nível cotidiano de atuar como mulher na vida de casal também para reforçar a própria representação de gênero.

Portanto, a interação define a representação do outro em base à frequência e à intensidade com a qual se participa a uma situação social. O reconhecimento do outro acontece na negociação cotidiana de fatos inclusive concretos, funcionais e pragmáticos. Viver a cotidianidade em nível de relações, não concerne, como já emergiu das entrevistas realizadas no presidio, só o núcleo familiar, mas cada sistema cotidiano de interação entre dois ou mais agentes.

O contexto de trabalho, caracterizado mesmo pela sua constância cotidiana, é muitas vezes um gerador de relações e partilhamento de afeto. O próximo extrato traz a experiência de uma mulher transgênera de Milão na empresa de gestão familiar onde há anos trabalha no setor administrativo:

### Extrato 30: Transgênera 2

*Original em italiano*

61. si è creato un rapporto non che lì sei un numero,

62. sei comunque una persona, ridi, scherzi, quei  
 63. dieci minuti cambi le tue chiacchiere, com'è  
 64. andata, come non é andata e cosa hai fatto, cosa  
 65. non hai fatto quindi comunque si é creato un  
 66. rapporto familiare, familiare come ti dicevo  
 67. prima nel corso comunque di questi otto anni e::  
 68. sono cambiate tante cose, quindi anche loro mi  
 69. hanno visto cambiare, il mio impatto su di loro é  
 70. cambiato

### *Tradução em português*

61. se criou uma relação, não que aí você é um  
 62. número, você é de qualquer forma uma pessoa, dá  
 63. risadas, brinca, aqueles dez minutos você faz,  
 64. conversas como foi, como não foi e o que você  
 65. fez, o que você não fez então de qualquer forma  
 66. se criou uma relação familiar, familiar como lhe  
 67. dizia antes no curso de qualquer forma destes  
 68. oito anos e:: mudaram tantas coisas, então também  
 69. eles me viram mudar, o meu impacto sobre eles  
 70. mudou.

Textualmente este extrato diante do anterior é muito rico de conteúdos e então de áreas de significado que emergem semanticamente. De fato, a interlocutora articula seu discurso em torno de exemplificações episódicas para comunicar a cotidianidade de um contexto de direção familiar, onde se entrecruzam aspectos funcionais e pessoais. Pois, ela sublinha a estreita confiança entre ela e suas colegas desde o momento em que as dimensões da empresa são muito contidas, então favorecendo um clima acolhedor: “*se criou uma relação não que aí você é um número*” (linha 61, 62). O lexema “*número*” é de fato associado a alguma coisa de abstrato, superordenado e então pouco cotidiano.

O afeto entre as pessoas envolvidas nesta *ribalta* profissional emerge do componente pessoal do qual é conotado o próprio papel funcional na empresa: “*você é de qualquer forma uma pessoa*” (linhas 61/62). Portanto, a personificação do próprio status de trabalho favorece uma representação do contexto associado a dinâmicas não inscritas às interações familiares: “*se criou uma relação familiar*” (linha 66). Este clima íntimo gerou-se na continuidade e constância de uma interação prolongada no tempo: “*no curso de qualquer forma destes oito anos*” (linha 67, 68).

A expressão “*de qualquer forma*” alude a uma condição

necessária, ou seja, um princípio regulador – o tempo – na definição de relações significativas. Então, o tempo é uma constante, que define na rotina cotidiana os posicionamentos entre agentes e contextos. Tal rotina emerge da repetição de pequenas práticas de interação, caracterizadas por um *pré-pre format*

(Schegloff, 1991) de decoros discursivos como os *scripts* de uma peça teatral. Fazem parte expressões cerimoniais como o cumprimento e as comuns perguntas de abertura de um ato de conversa: “*você dá risadas, brinca, como foi, como não foi e o que você fez, o que não fez*” (linhas 62 - 65).

A mesma forma discursiva faz recurso a umas recorrências expressivas, fundamentalmente sem conteúdo e o próprio significado é somente ínsito no próprio processo de um interagir em curso.

O conjunto destas práticas comunicativas e de posicionamento, mesmo na própria qualidade de reiteração cotidiana, gerou um clima de conhecimento recíproco e, portanto, a aceitação de uma mudança tão forte como a transição entre os gêneros. A interlocutora evidencia o tríplice significado das representações – neste caso a mudança de gênero -, ou seja, as representações da situação: “*mudaram tantas coisas*” (linha 68), a representação do *self*: “*então também elas me viram mudar*” (linha 68, 69) e, enfim, a representação do outro: “*o meu impacto sobre elas mudou*” (linhas 69, 70).

Neste nível de análise, pode-se notar quanto às interações no cotidiano investem de significado afetivo e subjetivo os processos discursivos produzidos nestes contextos. Um mesmo procedimento, visto do alto do quadro superordenado como a expressão de uma norma, torna-se cotidiano um elemento de mediação entre atores sociais que não só compartilham um mesmo contexto mas o vivem. A interação torna-se um momento de vida pessoal que vê envolvidos todos os atores que fazem parte daquele contexto. De fato, neste nível assumem particular relevância as ligações com o outro significativo e o valor do tempo que se exprime por meio das ações e dos afetos.

Portanto, a análise crítica dos repertórios discursivos foi desenvolvida por meio de uma concepção sócio-histórica da produção textual (Wodak 1989). Mais do que as análises propostas nos outros dois níveis, esta passagem de pesquisa é atenta em particularizar as peculiaridades das interações situadas no contexto e na cotidianidade. Seja as entrevistas realizadas com as mesmas detidas seja as com os operadores penitenciários, quanto às coletas nos contextos familiares e de trabalho, se referem a aspectos funcionais e concretos em relação dos espaços e dos recursos humanos.

Também a respeito das entrevistas com os funcionários penitenciários, ainda que com menor frequência e envolvimento emotivo, faz-se referimento a aspectos de recorrência cotidiana e à dimensão afetiva, especialmente no caso dos operadores que aí trabalham cotidianamente (Testemunhos 3 e 4).

No histograma 2 (Gráfico 3) as barras azul e cor-de-rosa, que respectivamente se referem à experiência e ao afeto, correspondem às entrevistas do comandante e da psicóloga, que no presídio cumprem uma função de contato direto e de suporte emotivo. Por isso, a experiência e o afeto podem ser entendidos como dimensões as quais se podem gerar somente na interação cotidiana com o outro e com o contexto.

As hierarquias dos papéis e dos status são sim tangíveis, legitimadas e conotadas a um preciso valor simbólico, mas essas, todavia, passam em segundo plano respeito às exigências que se criam no *hic et nunc*. No que se refere ao capítulo anterior, a representação do outro é mediada por aspectos funcionais no contexto e nas interações. O poder, ao invés de ser superestruturado, torna-se parte integrante da vida de todos os dias. Sua função, mais que simbólica, torna-se pragmática.

Este segundo nível de análise foi centrado no processo do discurso no *hic et nunc*. A narração, como emergiu das análises, é um *falar na interação*, ou seja, um ato discursivo conotado de sentido partilhado, onde o conjunto de significados, gestos e posicionamentos produzem os significados da ação situada.

Se bem que as primeiras duas passagens metodológicas captaram o aspecto simbólico (1º nível) e o processual (2º nível), o discurso, como ação pluridimensional: do cognitivo ao relacional e da interação ao contexto, será analisado no último nível diante de sua estrutura e à sua função explícita na produção de significados textuais.



### 3.3.3. Análise do SIGNIFICADO no Texto

A interação em nível social entre normas, contextos e situações produz posicionamentos entre o self e o outro com o fim de negociar cotidianamente um sentido partilhado respeito às realidades situadas na vida de todos os dias.

Se os processos de institucionalização definem normas de condutas e sistemas de crenças, estes adquirem significado por meio do conjunto dos gestos e das ações de pouca visibilidade, que caracterizam as rotinas de todos os dias. Os eventos sociais, que resultam delineados por áreas de sentido abstratas e superordenadas, tornam-se na interação atos concretos, ou seja, práticas de negociação entre atores que partilham uma mesma situação social: a vida familiar, o trabalho, a escola.

O processo, por meio do qual se formam eventos, representações e posicionamentos no social, é delineado, apesar de que os sistemas de interações apresentem uma estrutura fluida, por precisas diretrizes paradigmáticas e lógicas: as estruturas lexicais, sintáticas e gramaticais da linguagem. Portanto, esta matriz de significado sente o efeito de sistemas de organização que se subordinam a uma lógica fortemente classificatória.

De fato, as palavras podem aludir a significados diferentes, sobretudo quando se considera o (con)texto da interação, mas essas, especialmente em âmbito normativo, ressentem de uma definição muito precisa e unívoca. A estrutura mesma do texto compõe-se de fragmentos discursivos que constituem as unidades de sentido, ou seja, porções de significados, que podem ser encostados para produzir modelos semânticos e repertórios de narrações, linguisticamente circunscritos.

A análise deve levar em conta as relações intertextuais e interdiscursivas entre discursos, textos, gêneros, variáveis extralinguísticas e, enfim, as estruturas que caracterizam uma situação específica no contexto. Este último foi inicialmente definido em termos de variáveis sociológicas como a idade, o sexo, a classe, e as unidades linguísticas eram sistematicamente ligadas a estas variáveis.

A abordagem crítica de Dijk (1993, 2003) considera, ao contrário, o contexto em termos sociocognitivos pelos quais o discurso se compõe de “modelos de contexto” que conduzem ao reconhecimento e ao conhecimento de informações situadas.

Na análise do discurso, o significado é então estreitamente ligado ao particular contexto de pesquisa e à abordagem teórica (Wodak 2008).

As unidades de análise na interação discursiva são:

1. A *estrutura* que compreende o estilo, o registro e a chave, fornece aos ouvintes os parâmetros interpretativos que devem adotar e prevalece no nível do conteúdo determinando o significado último de um enunciado.
2. O *gênero* que são as formas de discurso que apresentam uma estrutura reconhecível, distinguível do restante do falado, sem que sejam necessariamente bem estabelecidas no contexto ou praticadas regularmente.
3. O *evento linguístico* que compreende as fronteiras espaciais e temporais da situação; os participantes; as normas linguístico-lexicais; as normas interativas e interpretativas.

Ao longo destas componentes linguísticas, então se articula o último nível de análise, no qual a pesquisa será focalizada nos conteúdos explícitos que constituem a construção do discurso. A partir das definições metodológicas do presente projeto, a interação com os artefatos, que sejam linguagem, ambiente e corpo, será estudada como prática comunicativa aninhada nos processos situados no cotidiano como também as macrodimensões simbólicas, normativas e culturais.

O gênero, referente a este nível de análise, é delineado por precisas diretrizes linguísticas e, portanto, o estilo narrativo, por meio do qual um ator se posiciona entre o self, os outros e o contexto, é determinado, como reafirmado no primeiro capítulo, pela pertença a uma das duas categorias sexuais como o italiano, a língua usada nas entrevistas, apresenta-se como um código linguístico fortemente generizado.

A declinação dos sufixos prevê um preciso e constante posicionamento gramatical: ou se fala “ao feminino” ou “ao masculino”. Então, este aspecto estrutural relega as representações do self como gênero dentro destas diretrizes estáveis, onde a escolha do gênero linguístico pode somente ser direta para dois únicos possíveis polos expressivos. Portanto, a autonarração produz uma representação do self que necessariamente “obriga” o falante a se posicionar linguisticamente dentro de um sistema de significados femininos ou masculinos.

Então, estes sistemas simbólicos definem regras semânticas que se tornam normas de conduta social. Quem coloca a própria identidade fora do paradigma dual dos sexos, de qualquer forma deverá ajustar as contas com uma língua, aquela usada para descrever si mesmo e comunicar com o outro que restringe a própria margem de agenciamento discursiva dentro de categorias de sentido sexualmente

reificadas.

De fato, a língua italiana desenha uma perspectiva da realidade, que não só prevê um claro posicionamento de gênero, mas que é sensivelmente desequilibrada em favor de uma linguagem declinada ao masculino. Por exemplo, muitas profissões existem apenas na “versão masculina”: “il medico” (o médico), il chirurgo (o cirurgião), “l’assessore” (o assessor) e também as, que lexicalmente ofereceriam uma variante feminina, mantêm o sufixo masculino apesar de que o encargo fosse cumprido por uma mulher.

De fato, nunca se sonharia em dizer Provedora quando, ao invés, entende o papel público do Provedor e nas nações nas quais o chefe de estado (de fato, este último nem prevê a declinação feminina) é uma mulher, dificilmente sentir-se-á usar o nome de “Presidenta”. Pois as categorias profissionais nos documentos são quase sempre definidas unicamente no masculino.

Na carteira de identidade, independentemente de que se é homens ou mulheres, o próprio status de trabalho será por convenção formulado sempre no masculino. Então, que seja um ou uma colegial, a categoria profissional no documento será sempre expressa de forma genérica como “estudante” ou se a profissional é, por exemplo, uma Psicóloga, utilizar-se, por convenção, o título “Psicólogo”.

Na realidade, para além destes sofismas semânticos, a sintaxe do italiano e em geral em quase todas as línguas românicas, o plural e, sobretudo a forma neutra é gramaticalmente declinável somente no masculino: um grupo composto por jovens mulheres e homens, é um grupo de rapazes, também no caso que as mulheres fossem em evidente maioria.

“Deus” e o “homem”, usados como abstratos de categorias gerais e idealmente neutras, ao contrário, preveem uma masculinização, não só em termos de sentido, mas ante e sobretudo em termos de significado. De fato, as culturas mediterrâneas, assim impregnadas de um hegemônico tecido patriarcal, geraram um universo linguístico que põe o homem no centro do processo discursivo e conseqüentemente conhecedor:

“A divisão entre os sexos parece estar ‘na ordem das coisas’, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas ‘sexuadas’), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos

‘habitus’ dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação” (Bourdieu, 2010/1998, p. 17).

A construção de um discurso produzido por meio de uma língua neolatina prevê inevitavelmente a adaptação às diretrizes sintáticas de uma linguagem cujos limites são delineados por uma ontologia masculina em primeiro lugar estilístico.

Sendo o contexto que denota as ações humanas de sentido, este último gerará um idioma equilibrado nas peculiaridades organizadoras e então nas hierarquias de poder (em termos de papéis e status), que, em linha com o que afirmado por Foucault (1970) e Bourdieu (1980, 1998), são legitimados por uma construção lexical, capaz de institucionalizar os processos simbólicos, designando específicos hábitos às componentes sociais de um campo de interação temporal, espacial e, então, ideologicamente circunscrito.

A linguagem define contextos semânticos que delineiam áreas de sentido partilhado. Estes (con)textos podem ser estudados no que se refere às próprias propriedades organizadoras e, portanto, as componentes estilísticas (morfemas, lexemas e sintagmas) nos quais se erige um discurso intencional e então, estrategicamente destinado à objetivos de comunicação e também de compartilhar informações.

“Os contextos definidos como definições participativas, são, como construções mentais, capazes de funcionar como interface entre estruturas institucionais e sociais e estruturas discursivas, porque esses representam aspectos relevantes de situações e sociedades e interferem diretamente nos processos mentais da produção e compreensão discursiva. Se os contextos ‘controlam’ totalmente os discursos, isso será somente possível se os consideramos como estruturas cognitivas de qual tipo.” (Van Dijk, p. 163)<sup>168</sup>.

Portanto, o significado do teste cria o sentido do discurso. Este

---

<sup>168</sup> Versão original em inglês: “Contexts defined as participant definitions, that is, as mental constructs, are able to function as the interface between situational and societal structures and discourse structures, because they subjectively ‘represent’ relevant aspects of situations and society and directly interfere in the mental processes of discourse production and comprehension. If contexts ‘control’ discourse at all, this is only possible when we conceive of them as cognitive structures of some kind”.

processo circular entre produções linguísticas e situações sociais pode ser resumido como o (con)texto, ou seja, um texto em interdependência constante com outras variáveis internas (psicológicas) e externas (valores, normas, cultura). A circularidade destes eventos emerge da interação entre organização mental de planos discursivos e a função simbólica destes últimos a respeito do quadro social:

“O contexto – definido como a construção mental de aspectos relevantes das situações sociais – influencia o que as pessoas dizem e sobretudo como o dizem” (Van Dijk 2005, p. 165)<sup>169</sup>.

De fato, como foi definido o processo metodológico no capítulo 2.1, o discurso será analisado na sua dimensão plural. Se o quadro simbólico define o sentido e o situado a sua função, o último nível de análise indaga acerca do significado da estrutura do texto. De fato, a ordem topdown do processo de análise considera o texto como aninhado no tecido simbólico e social alargado. Dessa forma, a pesquisa procede por meio de uma investigação do discurso ao texto.

Se para a passagem analítica do nível anterior foi utilizado o software Transana, para a análise das práticas situadas da interação cotidiana, o programa ALCESTE, sendo provido de funções analíticas específicas (veja-se o capítulo 2.2.3), põe em correlação estatística diversos segmentos de texto (unidade de contexto elementar), provenientes de partes específicas áreas de significado (unidade de contexto inicial). Estas últimas são definidas pelo observador a priori, enquanto a demarcação das UCE é feita pelo programa por meio de parâmetros lexicométricos concebidos por Reinert (1990) em base na distribuição de morfemas e porções de texto dentro das categorias semânticas, criando um dicionário específico (com base no idioma italiano para os repertórios linguísticos recolhidos para a presente pesquisa).

As análises do texto foram desenvolvidas no Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição Social da Universidade Federal de Santa Catarina, no qual a presente pesquisa foi realizada por meio de um acordo bilateral de cotutela com a Universidade de Pádua - Itália. Este laboratório desenvolve as próprias atividades de pesquisa, conforme uma perspectiva psicológica interessada na comunicação

---

<sup>169</sup> Versão original em inglês: “Contexts – defined as mental constructs of relevant aspects of social situations – influence what people say and especially how they do so”.

como um sistema de interação entre processos cognitivos e realidades sociais.

As pesquisas abraçam um paradigma para a análise do conteúdo discursivo conforme as referências epistemológicas das representações sociais:

“uma análise de conteúdo tem dois planos: o vertical (análise das condições de produção) e o horizontal (análise dos textos), o procedimento da análise horizontal é determinado pelo plano vertical (objetivos da análise, escolha do material) e este último também é determinado pelos textos, na medida em que o textual deve ter as condições da sua produção consideradas.” (Camargo, 2005, p. 511).

A partir das definições das perguntas pesquisa neste nível de análise, quer-se demonstrar como a produção de uma linguagem lexicalmente declinada ao feminino ou masculino, gera representações das realidades dos gêneros partilhadas, e que, por definição semântica, podem ser somente duas.

Então para construir as unidades de contexto inicial (UCI), já que se trata de entrevistas em profundidade, usou-se diversas partes para compor o material textual. Enfim, foram designadas seis tipos de partes: representação do corpo, do sexo, do gênero, do outro, do trabalho do self. Referente às UCI, assim definidas, o programa desenvolveu dois processos de análise lexicométrica:

1. Análise hierárquica descendente.
2. Análise pós-fatorial das correspondências.

### 3.3.3.1 Análise hierárquica descendente

Uma primeira fase de estudo indaga a relação entre posicionamento e contexto de interação, conforme os níveis de interação idealizados por Mantovani (1996). Subdividiu-se o corpus de dados inteiro (entrevistas no presídio – detidos e funcionários penitenciários -, entrevistas nos contextos de trabalho, entrevistas em dimensões privadas), para obter uma distribuição transversal dos repertórios discursivos a respeito do contexto específico de interação: interação com os artefatos, as relações cotidianas e enfim, o sistema de normas.

Os resultados desta primeira fase de análise delinearam uma

tendência de alguns lexemas em se distribuir em classes lexicais específicas, mas a correspondência estatística entre estas classes era pouco significativa e somente em alguns casos se conseguia captar uma correspondência entre significados semânticos. Entretanto, estas correspondências positivas eram particularmente destacadas no corpus de entrevistas realizadas com os funcionários penitenciários, pois tais entrevistas, organizadas de modo semiestruturado, foram as mais ricas em informações de conteúdo.

Esse método de análise foi aplicado em um segundo momento para particularizar a estrutura lexical a respeito da interação com os artefatos (linguagem e corpo) entre os quatro repertórios do corpus dos dados. O que emergiu nesta análise é uma forte correspondência entre contextos, mais do que entre graus de interação, como se demonstra na primeira fase da análise.

O gráfico 5, portanto ilustrará a primeira distribuição das classes lexicais no que se refere mesmo à interação com os artefatos e então concernente as representações linguísticas e as sobre o corpo.

O corpo “artefatos” foi dividido em áreas conceituais, os quais representam os diferentes contextos de interação: 1. Poder penitenciário, 2. Detenção penitenciária, 3. Trabalho e 4. Família. Cada UCI é composta de UCEs, que são os segmentos de texto recortado pelo software.

Portanto, foram isoladas cinco classes estáveis que concernem respectivamente a linguagem normativa (classe 1), a linguagem formal (classe 2), a linguagem corpórea-sexual (classe 3), a linguagem cotidiana (classe 4) e enfim a linguagem social (classe 5). Nota-se da distribuição dos significados (gráfico 5), quanto o léxico da norma – classe 1 - é ligado ao léxico cotidiano – classe 4 -, que coocorre com o léxico social – classe 5 -. As classes 2 – léxico formal – e 3 – léxico corpóreo-sexual – são em estreita interdependência, mas essas não se ligam diretamente com as classes 4 e 5, mas somente indiretamente por meio da linguagem da norma. O léxico formal, caracterizado pelo uso de formas retóricas típicas das práticas de conversa e, portanto impregnadas por lexemas que enchem o discurso, quais: ‘isto é’, ‘então’, ‘ehm’, é estreitamente associado ao léxico corpóreo-sexual, indicando um posicionamento para conteúdos privados e íntimos. O uso destes lexemas puramente retóricos denota o estilo linguístico de concretude, narrado muitas vezes de forma episódica.

Se for verdade que a linguagem corpórea é estreitamente associada à dimensão privada, significa que os discursos sobre o corpo produzidos nos contextos públicos devem necessariamente usar um

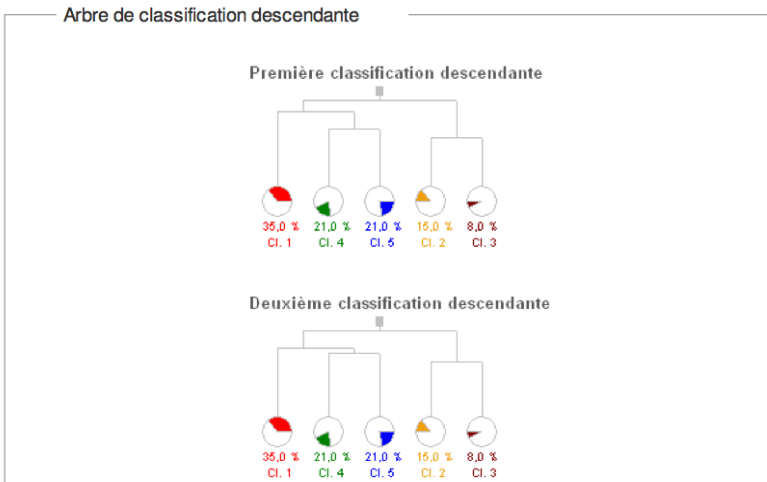
léxico dicotomizado, onde sexo e gênero se ligam com o fim de manter a coerência do axioma dual: macho-homem versus fêmea-mulher. A representação individual, ao contrário da coletiva, coloca no seu centro a possibilidade de afirmar com maior grau de agenciamento uma reivindicação de gênero mais afim respeito ao self.

Por isso que resultam particularmente interdependentes, por uma parte, as classes 2, 3, e por outra as 4 e 5. A interação entre as últimas classes, onde se liga léxico cotidiano e social, demonstra a estreita relação entre sistemas de significado socialmente partilhados e a negação constante destes nas situações da vida cotidiana.

Portanto, valores sociais e posicionamentos cotidianos fundam-se dentro de uma mesma perspectiva discursiva, que reflete o conjunto de “regiões de fachada” e decoros, os quais, segundo Goffman (1959), atribuem um sentido às fugitivas, subtis e às vezes, efêmeras ações nas práticas de todos os dias. Então, a ação situada veicula a produção de crenças, opiniões, atitudes, comportamentos e representações.

Enfim, a norma surge como imagem reificada por estes processos e, portanto, torna-se o horizonte de significação (Wodak & Fairclough, 1997), dentro do qual se gera um continuum invisível entre diversas ribaltas da vida social. Os universos simbólicos são as diretrizes dentro dos quais tomam forma as ações na cotidianidade social e pessoal.

Gráfico 5 – Arvore de classificação descendente

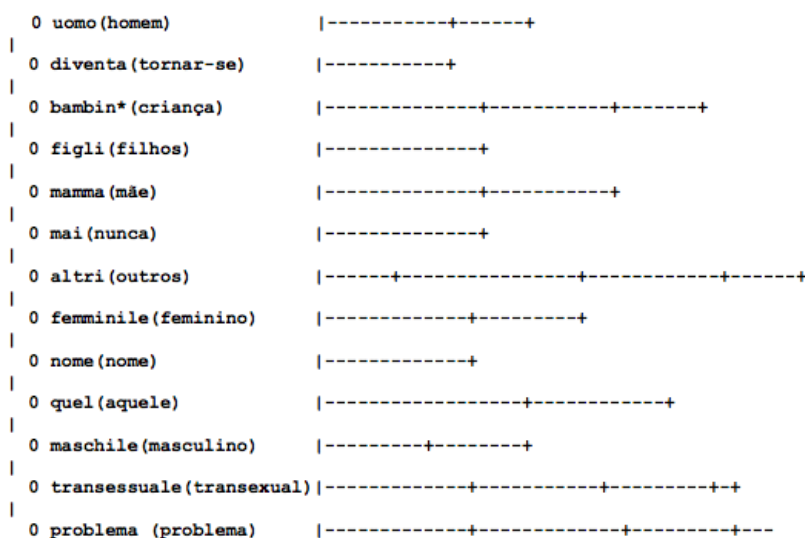




É interessante notar neste nível que linguagem e corpo cumprem uma dupla função na representação social de um self sexuado. De fato, os lexemas coocorrem nesta classe lexical caracterizam-se por uma série de morfemas que aludem a dimensões fortemente sexuadas, como o conceito de mãe e pai (dois polos por excelência dicotômicos) no contexto familiar ao qual é estreitamente associada à classe 1: léxico normativo.

Um exemplo de Classificação hierárquica ascendente (outra função de Alceste; gráfico 6) evidencia claramente quanto a dimensão da linguagem corpórea-sexual seja associada ao paradigma antinômico dos gêneros aos quais o físico deve corresponder como organismo sexuado: um corpo masculino para o homem e um feminino para a mulher.

Gráfico 6 – Distribuição das frequências lexicais



Os lexemas que no texto aparecem com uma frequência maior são os ligados a categorias de significado generizadas: uomo (homem), “bambin” (criança) (que a reportagem refere sem sufixo e então como lema ‘assexuado’), femminile (feminino), maschile (masculino) e enfim transessuale (transexual). Ao contrário, em nível social destaca-se o recurso a formas semânticas como diventa (tornar-se) e problema. De fato, pareceria que o transexualíssimo, como condição existencial outra,

se comparado aos ‘outros’ - altri -, um morfema que comparece com frequência significativa, deva ser normatizado.

De fato, em nível de conteúdo semântico emerge, que além dos substantivos culturalmente generizados (homem, mãe) é presente o verbo *diventare* (tornar-se), o qual é associado estatisticamente às outras frequências (um valor X<sup>2</sup> forte de dois lexemas ou lemas). O verbo *diventare* ‘tornar-se’, sendo o único morfema de ação presente na reportagem, adquire um sentido particularmente relevante. Esse, como foi depois confirmado pela análise qualitativa de cada extrato, de fato alude ao significado da mudança, percurso necessário para se adaptar às exigências simbólicas, sociais e normativas de adaptar não só o corpo, mas também a própria identidade a uma representação convencionalmente legitimada de mulher e homem.

Da frequência transversal destes lexemas ao longo de todos os três repertórios textuais recolhidos, emerge quanto uma representação de ‘transexual’ fosse ligada socialmente ao construto de ‘problema’.

Portanto, lexicalmente cria-se um hábito discursivo que tende a identificar no diverso – neste caso que transita entre os gêneros e que aceita o gênero sexual, o qual lhe foi assinado no ato de nascimento – a expressão desviante de um presumido quadro patológico e então, um ‘problema’.

No plano das coocorrências lexicais, o programa reproduz visivelmente (gráfico 7), por uma parte, a distribuição de aspectos normativos e então as representações dominantes, enquanto por outra, coloca significados ideal-típicos e representações coletivas, e enfim áreas de sentido pessoal, como as ligadas à esfera privada e, portanto à cotidianidade. Estes aspectos situados delineiam as representações individuais.

Ao começar das regiões mais altas dos quadrantes positivos, distribuem-se significados lexicais que circunscrevem universos normativos e macrossistemas de valores mais amplos, junto a toda uma série de acepções que concernem a razão e a cognição: ‘mente’, ‘cabeça’. A interação entre artefato – corpo sexuado – e representações cognitivas – identidade sexuada – então se torna uma prática, que sem considerar o contexto em termos culturais e sociais permanece um construto bastante residual.

O fato que a dualidade dos gêneros fosse associada às palavras ‘pai’, ‘filho’ e enfim ‘deus’, sublinha não só o forte e talvez, indelével isomorfismo normativo entre a dicotomia sexual e a dos gêneros, mas também a forte conotação masculina, da qual é impregnada a estrutura idiomática de uma língua românica. Isso resulta em linha com uma

visão top-down das interações sociais, segundo as quais resultam dominantes os significados simbólicos na construção de modelos de representação diante dos posicionamentos mais silentes das realidades cotidianas: “somos levados a prestar mais atenção às relações de domínio do alto para o baixo, ao invés do que às relações de resistência, condescendência e aceitação do baixo para o alto” (Van Dijk 1993, p. 250)<sup>170</sup>.

Então, não ao caso os lexemas que aludem a áreas de significado superordenadas, como ‘pai’, ‘deus’ e também ‘mãe’ (esta última já é deslocada mais para o baixo) são distribuídos no extremo positivo da região ortogonal do gráfico. Por isso, reproduz-se quase involuntariamente uma representação geométrica de uma realidade na qual as classes dominantes e os macrocenários de crenças são colocados, mesmo em sintonia com uma escala hierárquica, em Alto do sistema cartesiano.

Ao invés, descendo ao longo da asse ordinal, os conceitos semânticos fazem referimento a aspectos menos abstratos, em favor de uma representação mais íntima do self e do outro. Palavras como ‘conjunto’, ‘aceitar’, ‘família’, ‘todos os rapazes’ e ‘bonito’, movem-se para a origem do gráfico em uma direção mais central.

Isto resulta afim a produções discursivas que representam sistemas de significado organizados respeito a posições egosintônicas. Os significados lexicais, se considerados no (con)texto no qual foram produzidos, aludem a aspectos de compartilhar e então, de reconhecer o outro. Sempre no plano central, distinguem-se posições discursivas mais pessoais e menos biodeterminísticas respeito aos gêneros e, então, formalizadas em nível linguístico da recorrência de morfemas como ‘mulher’ e ‘homem’. Estes, como afirmado por De Beauvoir (1949/2012), delineiam um processo de construção simbólica de uma identidade social e culturalmente definida.

---

<sup>170</sup> Versão original em inglês: “we pay more attention to top down relations of dominance than to bottom-up relations of resistance, compliance and acceptance”.

Gráfico 7 – Distribuição das coocorrências lexicais.



NOTAS: Asse horizontal: 1º fator: V.P. = .1818 {33.85% de inércia (variabilidade)}; Asse vertical: 2º fator: V.P. = .1631 {30.37% de inércia (variabilidade)};

Em direção da origem do gráfico, as nuvens de significado contêm as palavras que se referem a posicionamentos caracterizados pela relação cotidiana e então significativa com o outro. A cotidianidade é mesmo expressa pelos lexemas ‘oggi’ (hoje) e adesso (agora), que, ao longo dos três repertórios discursivos, aparecem com uma frequência bastante significativa e, no específico das entrevistas, faz-se explicitamente referimento a situações e condições no hic et nunc.

Portanto, o parlare (falar) é colocado dentro de uma mesma nuvem de verbos, como fare (fazer), pensare (pensar) e também essere

(ser), como expressão mais autêntica do próprio Dasein<sup>171</sup>.

Ao invés, percorrendo o gráfico para o baixo, aparecem lexemas mais reificantes diante de um gênero, que, em nível na interação com o outro, segue uma ordem linear e sexuada. Então, quando se partiu do alto das formas normativas, passando pelo centro de atributos mais pessoais e cotidianos, chega-se ao extremo negativo do plano cartesiano a modelos de interação cristalizados, ou seja, as representações negociadas na relação de outro, não mais íntimo, mas público.

De uma ótica durkheimiana, passa-se por um sistema de representações simbólicas, por meio das individuais (psicologia, emotiva, privada) até às representações coletivas nos lugares das ribaltas sociais.

De fato, nos quadrantes 3 e 4 aparecem palavras como *femminile* (feminil), mas também sintagmas como *omosessule* (homossexual), *transessuale* (transexual) e mais em geral a *sessualità* (sexualidade), representada aqui pelo lema ‘*sessual+*’. Enfim, em baixo do plano cartesiano, aparece o processo de adaptação social, já identificado em nível descendente das frequências, por meio do substantivo ‘*problema*’. Portanto, este último caracteriza uma representação social altamente partilhada não só pelos sistemas sociais alargados, mas também pelas mesmas pessoas que encaram um processo de transição de gênero.

A representação dominante, que emerge da colocação das nuvens semânticas em baixo do gráfico, é a de um agente sexuado cuja sexualidade se torna um problema social e, então, um desvio.

Da distribuição das palavras ao longo de todo o plano cartesiano, compreende-se quanto o significado atribuído à transição entre os gêneros, sente o efeito de processos reificados em nível seja de interação social (quadrantes em baixo), seja em nível normativo (quadrantes em alto). Portanto, estas duas posições assumem valores periféricos no sistema cartesiano (regiões extremas dos quadrantes positivos e negativos), que funcionam como *frame* – *macro* e *micro* – de um interagir cotidiano que define as representações discursivas do *self*, colocadas em torno à origem do gráfico.

Em síntese, compreende-se, da integração destes dois níveis de análise quali-quantitativa do material coletado (análise hierárquica descendente, análise pós-fatorial), quanto os enunciados semânticos e, portanto, porções de conteúdo lexical seguem tendências narrativas, ou seja, o que Wodak (1989) entende por intertextualidade ou

---

<sup>171</sup> “Cocientes de estar no mundo”

interdiscursividade. Contudo, estas porções de (con)texto, vista a organização fortemente estruturada da linguagem, podem ser captadas por meio das distribuições estatísticas.

Então, as classes diversas de significado lexical (as UCE) interagem com o fim de representar uma ordem paradigmática e, ao mesmo tempo, pragmática das interações em níveis diferentes da ordem social.

### 3.3.3.2 Análise pós-fatorial das correspondências

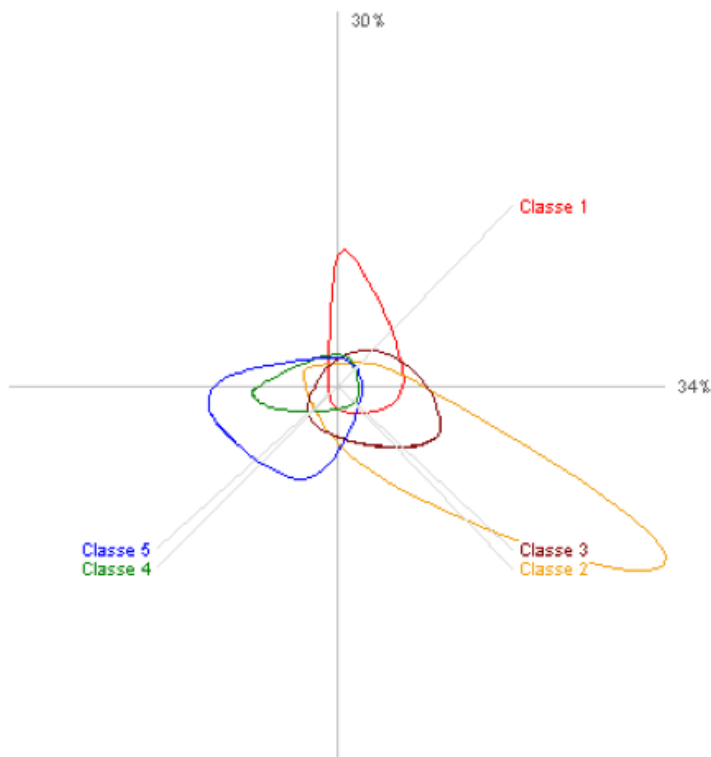
O gráfico 8 reproduz iconograficamente uma distribuição de “tendências semânticas”, ou seja, a incidência de particulares categorias de significado, lexicalmente definidas nos diversos textos analisados. As nuvens de significado nesta representação paramétrica referem-se às classes lexicais individuadas pela análise hierárquica descendente do primeiro nível. Portanto, como afirmado por Camargo (2005), prefere-se juntar o prefixo pós ao termo fatorial, porque as correspondências elaboradas pelo programa se baseiam nas distribuições estatísticas das coocorrências lexicais, isoladas no nível anterior de análise.

Este modelo dinâmico distribui as nuvens de significado, de forma que se visualize a interdependência recíproca entre as classes estáveis calculadas pelo programa. A colocação das nuvens de significado semântico que emergem do gráfico desenha a tendência de difusão das porções lexicométricas por meio de todos os três relatórios discursivos.

De fato, o gráfico visualiza a correlação das UCI referentes aos significados pessoais (colocados na origem), normativos (quadrante 2), sociais e cotidianos (quadrante 1 e 3) e enfim as classe 3 e especialmente 2, que ocupam as posições mais periféricas do quadrante 4. A correspondência estatística entre as 159 UCE isoladas (distribuídas em 5 classes) representa um valor bastante significativo, porque o programa levou em consideração o 76% das coocorrências particularizadas para a análise do conteúdo.

As diversas classes estáveis, com as respectivas UCE, são distribuídas no plano cartesiano por meio das elipses concêntricas onde a interseção entre as variáveis concerne a representação do self na origem do gráfico, e as acepções normativas e sociais tendem pouco ao pouco a se afastar para as regiões periféricas do gráfico.

Gráfico 8 – Análise pós-fatorial das correspondências



As cinco classes estáveis coocorrem com o fim de constituir uma representação de gênero que resente do efeito de significados seja individuais, seja sociais como também normativos. A própria forma do discurso, analisada no nível metodológico anterior, assume um sentido quando se considera a interação com os outros níveis do (con)texto, sobretudo as conotações situadas dos posicionamentos cotidianos.

Como é emerso pela análise hierárquica descendente, a representação discursiva do corpo muda conforme a situação social. As narrações, que concernem o privado e a relação com os agentes significativos, são impregnadas seja por enunciados carregados de significados afetivos seja por formas retóricas que sublinham a cotidianidade e, portanto, a episódica dos eventos pessoais.

O recurso às proposições que preenchem do léxico: quindi (isto é), allora (então), perciò (por isso), como o uso de expressões para-

lexicais: ‘ehm’, ‘eh’, etc., dentro da classe 2, representa um valor central, visto que evidencia o processo do narrado, que é estreitamente associado à classe 3, que contém lexemas a respeito do corpo e da sexualidade. De fato, o íntimo move-se seja em correspondência da classe 2 e então de recorrências estilísticas típicas de práticas de interação fluida, mas isso interessa também a relação com a norma (classe 1) e as representações socialmente legitimadas (classe 5) de sexo e gênero nas interações cotidianas (classe 4).

A interseção na origem entre abscissas e ordenadas do sistema cartesiano, indica a centralidade destes procedimentos diante a uma representação do self que resente do efeito das variáveis nos outros níveis do contexto simbólico e das situações sociais mais amplas.

Contudo, os lexemas de uma linguagem normativa movem-se para o extremo ortogonal do gráfico, abraçando as representações do self como identidade sexuada, mas também as formas discursivas como prática comunicativa informal. A norma, como emergido da primeira passagem metodológica, torna-se um regulador das representações cotidianas, das relações privadas e enfim da representação do self.

Mesmo por este motivo o programa associou esta macrocategoria às representações micro das interações no aqui e agora e, em geral, a todas as práticas comunicativas que pedem posicionamentos discursivos fluidos e situados. A essa, como se nota desde a apresentação iconográfica acima, são ligadas também as classes lexicais referentes à cotidianidade e aos sistemas de valor difundidos na interação com o outro.

Enfim, resulta interessante que as representações do corpo e as estruturas linguísticas, que caracterizam a interação informal, movem-se em direção quase oposta nas abscissas. Quando se consideram estas duas dimensões como processos separados na construção simbólica da realidade, compreende-se em uma óptica goffmaniana que discursivamente serão mantidas distintas, por meio das formas linguísticas diferentes e gêneros narrativos que pertencem a uma diversa estrutura semântica.

Da análise hierárquica descendente e desta última análise pós-fatorial, emerge de forma clara que a linguagem não só cria áreas de sentido, mas torna-se um instrumento com o fim de construir significados explícitos que funcionam como signos invisíveis na interação com o outro e o contexto. Esse tem a propriedade de dividir ou de juntar sistemas de sentido, não a respeito da mesma propriedade de uma determinada realidade conhecida, mas por meio da reificação do discurso, modificando, conforme as exigências da situação, os



parâmetros linguísticos e as unidades individuais de significado, que geram os repertórios semânticos.

O modelo sociocognitivo desta última passagem demonstra como a linguagem assume uma função reificante na construção de conhecimentos partilhados, que inevitavelmente determinam as modalidades de construção de um conhecimento compartilhado.

Então, compreende-se quanto afirmado por Wittgenstein (1922), ou seja, que as fronteiras da linguagem delineiam as fronteiras do que se sabe respeito ao self, ao outro e ao mundo. Os significados linguísticos criam uma ontologia complexa entre diversos sistemas de interação.

Contudo, o italiano como língua generizada, produz áreas de significado que são sexualmente definidas.

### 3.3.3.3 Três exemplos de transcrição

Sendo esta parte interessada em pesquisar sobre o conteúdo do discurso, as exemplificações com extratos das entrevistas serão mantidos ao mínimo ao invés que nos níveis de análise anteriores. De fato, o foco foi centrado na distribuição de significados semânticos ao longo de todo o corpo textual, junto com as tendências de distribuição de algumas categorias lexicais diante das áreas de análises delineadas a respeito do conceito de interação com o artefato.

De qualquer forma, propõe-se aqui em seguida três extratos que ilustrarão de forma clara, como a linguagem acerca do corpo gera uma representação dicotômica dos gêneros. Então, respeitando a ordem top-down do estudo, os extratos analisados concernem a entrevista com uma detida transgênera brasileira, a passagem de um diário escrito por uma mulher transgênera da região do Veneto e enfim, a entrevista de uma mulher transexual operada da região do sul Tirolo (Südtirol).

O próximo extrato exprime explicitamente quanto à identidade corpórea possa influenciar sobre a representação do self como identidade de gênero. Emerge claramente a posição discursiva que a interlocutora assume diante da sua percepção de gênero que ultrapassa estes polos antinômicos. Neste testemunho é possível ler o “corpo” como um procedimento, também esse culturalmente definido. De fato, a fisicidade do “sexo” que muitas vezes é considerada separadamente do construto social de “gênero”, pode ser visto também como um sistema de interações e de posicionamentos discursivos.

De fato, a interlocutora, posicionando-se a respeito da identidade de gênero, faz referimento explicitamente a aspectos corpóreos.

## Extrato 31: Detida 2

*Original em italiano*

139. un trans che é diverso. voglio la forma fisica  
140. femminile, però con organo genitale maschile  
141. perché ancora non voglio essere donna perché non  
142. c'ho la testa per diventare donna. a me piace  
143. essere un trans che é una cosa diversa

*Tradução em português*

139. um trans é diverso. Quero a forma física  
140. feminina, porém com órgão genital masculino  
141. porque ainda não quero ser mulher porque não  
142. tenho a cabeça para me tornar mulher. Eu gosto  
143. de ser um trans, que é uma coisa diversa

A detida começa seu discurso sublinhando sua diversidade referente aos gêneros, quais mulher e homem: “um trans é diverso” (linha 143). Este aspecto é recorrente nos testemunhos de todas as detidas entrevistadas e constitui parte integrante respeito à construção discursiva, referente seja à particular identidade de gênero seja à diversidade. Esta última, ao invés de ser considerada um elemento discriminatório, torna-se um aspecto de reivindicação da própria identidade transgênera e, então, do próprio direito de cidadania íntima (Yip, 2008). Na dimensão corpórea, é posta particular atenção à copresença de características físico-sexuais, que determinam seja o universo feminino seja o masculino: “quero a forma física feminina, porém com órgão genital masculino” (linhas 139/140). Continuando, ela reivindica uma identidade transgênera que não se posiciona diante de um dos dois tradicionais polos de gênero: “ainda não quero ser mulher” (linha 142). Esta reivindicação de uma identidade social e individual é associada pela interlocutora a um processo psicológico, respeito ao qual ela não entende, pelo menos por enquanto, empreender um percurso de transição definitivo: “não tenho a cabeça para me tornar mulher” (linha 142). Enfim, conclui o discurso afirmando que esta sua reivindicação surge mesmo de um próprio desejo pessoal, uma própria aspiração existencial que deve ser respeitada e reconhecida na sua particularidade: “eu gosto de ser um trans que é uma coisa diversa”.

Esta última dimensão toma em consideração as interações em nível mais micro da pesquisa. De fato, respeito à organização top-down da estrutura metodológica, a interação com os artefatos e os meta-artefatos, são considerados como interdependentes diante das dimensões contextuais e normativas. O artefato torna-se um instrumento por meio

do qual é possível construir os repertórios discursivos respeito às diretrizes culturais e simbólicas dentro de uma específica dimensão espacial (a cárcere) e temporal (a duração da detenção).

O seguinte extrato foi preso do diário de uma mulher transgênera, trabalhadora autônoma no norte da Itália. A passagem reportada refere-se ao contexto escolástico que, pela sua mesma estrutura normativa, desfruta de algumas características afins com os contextos de trabalho. Para além do fato de que o status do estudante é considerado igual pelas instituições a uma ocupação profissional, delineia um contexto temporalmente situado (o horário escolástico, de forma parecida ao horário de trabalho), que prevê determinadas práticas direcionais e funções pragmáticas. No mundo do trabalho estas práticas são expressas por meio do proveito econômico (o salário), enquanto o proveito de noções (os conceitos), torna-se um importante critério de rendimento não só didático, mas também de vontade de se adaptar ao sistema de regras institucionais, onde se apoia o funcionamento de um aparato de formação.

A narração desenvolve-se em torno da amara lembrança ligada ao período do ensino médio, quando a adesão aos valores dominantes se torna uma estratégia pela própria sobrevivência social. A interlocutora falando de um contexto específico evidencia quanto não só a linguagem, mas também as estruturas físicas ressentem do efeito de uma distinção antinômica dos sexos. O vestiário desenha muito bem as fronteiras de sentido que concernem uma ou a outra categoria de gênero.

Reivindicar uma posição de identidade que ultrapassa esta lógica hegemônica comporta frequentemente um afastamento da própria esfera social, constituída no contexto escolástico dos colegas. O episódio, que a escritora do diário conta, refere-se a uma particular conformação fisiológica, de tipo intersexuado, que concerne bem duas das transgêneras que contribuíram com os próprios testemunhos (entrevistas e diários) nesta pesquisa. Ela, em nível corpóreo, demonstrou durante a puberdade uma escassa quantidade de pelo corpóreo respeito à dos seus coetâneos e, ao mesmo tempo, a alusão/sinal de um seio, muito mais acentuado comparado à conformação dos peitorais dos demais colegas.

#### Extrato 32: Transgênera 9

##### *Original em italiano*

77. ERA UN INCUBO! Da qualunque parte mi girassi...

78. c'era qualcuno che mi derideva, che mi faceva

79. notare la mia anormalità, anormalità che era

80. rappresentata, più che mai da quel piccolo seno,  
 81. così strano in un ragazzo, in un ragazzo molto  
 82. esile, quel piccolo seno che i compagni di classe  
 83. nell'ora di ginnastica... quando per la prima volta  
 84. mi tolsi la maglietta per indossare la tuta.

*Tradução em português*

77. ERA UM PESADELO! Por qualquer parte que eu  
 78. virasse... havia alguém que me escarnecia, que me  
 79. fazia notar a minha anormalidade, anormalidade  
 80. que era representada, mais do que nunca por  
 81. aquele pequeno seio, tão estranho em um rapaz, em  
 82. um rapaz muito frágil, aquele pequeno seio que os  
 83. colegas de escola na hora de educação física...  
 84. quando pela primeira vez tirei a camiseta para  
 pôr o moletom.

Desde um ponto de vista estilístico, destaca-se a articulação muito sofisticada do relatório, caracterizado por um léxico bastante evocativo. Isto demonstra seja o elevado nível de instrução da autora seja uma típica forma de narrar a própria história que segue uma ordem cronológica: desde a infância até o estado atual.

Este gênero narrativo, identificado por Salvini (1999) como um estilo épico, de fato é reforçado pelo uso do “passato remoto” (correspondente ao pretérito simples), um tempo verbal de uso pouco comum na língua falada do norte da Itália. Então, tende-se evidenciar alguma coisa de muito longe da própria representação atual do self.

O inteiro diário, do qual aqui se apresenta um só extrato, é caracterizado por contínuos referimentos a condições de ostracismo, exclusão e discriminação. A autora, que tem no momento do encontro 50 anos, refere-se à própria experiência do ensino médio em um pequeno centro urbano da Itália setentrional dos anos 70. O clima de contexto social fechado e atrasado é descrito em diversas partes da narração dela, como o passeio do domingo no qual constantemente encontrava os próprios colegas de escola. Estes elementos figurativos fazem referência principalmente ao nível de representações das diretrizes espaciais, temporais, mas também ideológicas de uma cidade das extensões muito redimensionadas: “por qualquer parte que eu virasse” (linha 77; 78). A discriminação é evidenciada pelas risadas que ela era obrigada a sofrer cotidianamente: “alguém que me escarnecia” (linha 78) e o ostracismo da identificação no estigma desviante dado, expresso linguisticamente por meio da reiteração do substantivo

“anormalidade” (linha 79). Esta última seria, para a autora, causada por uma “anomalia” anatômica, ou seja, “aquele pequeno seio, tão estranho em um rapaz” (linha 81).

A relação entre dimensão corpórea e representação social emerge da interação com o próprio físico que se torna um artefato de negociação no mercado cultural das identidades. Ao se apresentar com um corpo que não reflete um dominante idealtipo de masculinidade, torna-se o primeiro critério, porque procedimento de realidade tangível e empírica, pela inserção de uma pessoa dentro determinadas categorias de significado compartilhado: pertencer à normalidade ou ser um diverso, neste caso evidenciado pelo adjetivo “estranho” (linha 81). Esta diversidade, vista a presença do seio, é reforçada seja por este atributo estético seja por uma série de adjetivos associadas pela autora do diário a acepções simbólicas que caracterizam o universo feminino: “frágil”.

O artefato corpóreo “pequeno seio” (linha 81; 82) é para além contextualizado dentro de uma dimensão social situada. Do momento em que, como ensina Goffman no próprio ensaio “Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada” (1983/1988), uma pessoa tende esconder os sinais que aludem à própria diversidade, esses podem somente emergir naquelas situações aonde vem a faltar a condição necessária para cobrir os atributos que indicam o estigma: “quando tirei a camiseta para pôr o moletom” (linha 84). No caso do diário dela, este contexto é claramente identificado pela “hora de educação física” (linha 83) e especialmente pelo vestiário. Este último torna-se a ribalta de uma representação dos gêneros culturalmente definidos e fisicamente reificados a dimensões fatuais através do contexto: o vestiário feminino para as fêmeas e, portanto, as mulheres e o masculino para os machos e, portanto, para os homens.

Aquele ‘pequeno seio’ do qual fala a autora, rompe a coerência em um contexto generizado desde as paredes que o circunscrevem. O agenciamento tende ser atrofiado e a representação da situação na qual vive é conotada ao sofrimento e à profunda dor: “ERA UM PESADELO!”, como a autora reafirma, por meio das letras maiúsculas, no começo desta parte na linha 77.

A interação com o corpo e, sobretudo com os atributos sexuais primários e secundários, que constituem os parâmetros principais na representação pessoal e social da identidade de gênero, torna-se uma área de conflito não só nas dimensões sociais mais amplas, como no caso do extrato anterior, mas também em nível das relações familiares e íntimas. Muitas vezes as transgêneras, sobretudo MtF, mostram um geral rejeito para os próprios genitais masculinos e, portanto, não

sentem nenhum tipo de libido ou de prazer destes.

Na maior parte das entrevistas realizadas com as transgêneras italianas, emerge quanto à relação com os próprios genitais impede não somente a coerência de uma representação generizada do self, mas também das relações íntimas com o próprio companheiro.

De fato, as entrevistadas falam com frequência das dificuldades encontradas a interagir sexualmente com o companheiro antes da intervenção de retificação sexual.

O próximo extrato faz parte da entrevista bilíngue realizada com uma mulher ex-transgênera operada de Merano. Neste relatório ela conta do próprio rejeito para os genitais antes da cirurgia e das dificuldades a lidar com esta situação na relação íntima com o próprio atual esposo.

### Estrato 33: Transgender 7

#### *Original em titolês*

338. des Problem war bei mir dass e:: logisch der  
 339. Mann wollte mich a:: von vorne anfasse und des  
 340. woar für mi ein Elektroschlag, ich koan des net,  
 341. ich kann des net so gut erzählen, des war für mi  
 342. a Blitz ich kann überall konnte man mich  
 343. anfassen aber nicht da!

#### Tradução portuguesa

338. o meu problema era que e:: logicamente o homem  
 339. me queria a:: tocar na frente isto para mim era  
 340. um choque elétrico, não consigo, não  
 341. consigo explicá-lo bem, para mim era um  
 342. relâmpago me podem, me podia tocar em qualquer  
 343. lugar mas não aí!

A interlocutora introduz imediatamente o que para ela representava um problema, ou seja, de ser tocada ou de envolver os próprios genitais masculinos durante uma relação sexual: “o homem me queria a:: tocar na frente” (linhas 338 e 339). Em nível de escolha lexical, a entrevistada nem faz referimento explícito aos genitais, mas se limita a falar como “na frente”. O uso de tal forma semântica, onde se deixa entender por meio do “não dito”, sublinha o embaraço e o desgosto por umas características sexuais percebidas como impostas por um estranho e quase irônico destino biológico. Por isso, os genitais masculinos são em distonia com uma representação social e pessoal de mulher.

Este jeito emerge de particular forma durante as situações íntimas, onde, os genitais para além de assumir funções de identificação sexual, tornam-se artefatos de prazer. Evitar um contato torna-se difícil e com frequência esta atitude não é compreendida por quem com que se entra em relação, porque parece um ato quase devido, como sublinha a entrevistada na linha 338 por meio da palavra: “logicamente”.

A sensação de ser tocada nas áreas íntimas masculinas é comparada a uma violência de gênero, descrita por meio dos lexemas “choque elétrico” (linha 340) e “relâmpago” (linha 341). O uso destes significados metafóricos quer comunicar ao entrevistador o grande desconforto seja pessoal, o arrepio que lhe provoca o tocar leve de partes do corpo percebidas como egodistônicas, seja as enormes dificuldades relacionais que isto comporta, ou seja, a falta de compreensão por parte do outro : “não consigo explicá-lo bem” (linhas 340-341).

Enfim, reafirma quanto o corpo como artefato geral podia ser envolvido no momento íntimo, porque se evitava o contato com os genitais: “me podia tocar em qualquer lugar, mas não aí” (linha 342). Do momento em que os genitais são considerados uma marca social para a reivindicação de uma precisa identidade de gênero, a presença dos atributos masculinos tornam-se o sinal de sua diversidade, ou seja, de sua faltada feminilidade.

Este último nível metodológico fecha a parte analítica da pesquisa e, então, a triangulação entre Sentido normativo, Forma de interação e Significado textual. Se os primeiros dois níveis fizeram emergir posições intertextuais ligadas à situação ou ao sistema cultural de referimento, nesta passagem de pesquisa a atenção era focalizada na compreensão das microestruturas da linguagem. O conjunto dos enunciados explícitos gera unidades de significado que podem ser decompostas nas próprias componentes de base: os lexemas, os morfemas e mais em geral as classes lexicais. Estas últimas, como se pode notar da análise pós-fatorial das mesmas, estão em relação de interdependência entre elas com diferentes graus de afinidade semântica.

Portanto, os repertórios lexicais podem coocorrer ou definir áreas de significado, as quais são mantidas distintas durante o processo de produção discursiva. Neste nível de análise, dimensão corpórea e representação do self resultam lexicalmente associadas à estrutura normativa, mas não às interações sociais na vida cotidiana.

O uso de determinados lexemas e modelos semânticos alude a

uma modalidade de organizar socialmente as próprias experiências, gerando representações referente ao self e ao outro mais ou menos compatíveis com os repertórios discursivos, produzidos pelo mais amplo contexto social. De fato, estes últimos são institucionalizados e, portanto, legitimados por um preciso código lexical.

### **3.3.4. Notas conclusivas**

A integração dos três níveis de análise fez emergir um posicionamento discursivo que se exprime seja em nível de conteúdo, seja por meio de processos implícitos na interação. Pode-se observar quanto às representações de sexo e gênero dependam dos sistemas de crenças e pelos respectivos hábitos, que definem os campos sociais. Portanto, a variabilidade dos repertórios discursivos é modelada pelas práticas de interação entre atores e situação social. Os agentes que interagem dentro de um contexto temporalmente circunscrito e simbolicamente definido, tenderão produzir discursos que mostram peculiares afinidades seja de conteúdo seja de estilo.

O conjunto destas diretrizes linguísticas delinea um gênero narrativo (Wodak, 1989), conotado por uma forte interdiscursividade entre significados explícitos e áreas de sentido, transversalmente distribuídas ao longo das produções textuais (Wodak, 2001). De fato, a correlação de conteúdo do último nível de análise demonstrou como as estruturas normativas fossem lexicalmente associadas a experiências pessoais e práticas de interação no cotidiano.

Dentro de um mesmo contexto situado, geram-se representações da realidade coletivamente partilhadas, que produzem esquemas de ação (Suchman, 1987) discursivamente legitimados (Bourdieu, 1980). As representações, para além de ser linguisticamente circunscritas (Berger & Luckmann, 1966), definem as fronteiras ontológicas que regulam os sistemas de interação e as modalidades de posicionamento.

Tais sistemas, para além das acepções estruturais, funcionais e simbólicas, são impregnados de valores relacionais e afetivos que denotam os posicionamentos de sentido subjetivo (Wodak, 1989). Por isso, as práticas discursivas assumem um significado, ou melhor, um sentido de mediação entre atores que partilham uma mesma situação social (Goffman, 1959).

O *doing* ou *undoing* gender (fazer e desfazer gênero), por isso ultrapassa a sua simples função de papel, tornando-se, ao invés, um processo plural e circular entre aspectos sociais, diretrizes normativas e recursos relacionais. Estas modalidades de estar em relação com o outro



e com o contexto influi na representação do tempo, do espaço e dos significados atribuídos ao self e à realidade social.

A análise do corpo textual demonstrou que as representações e os respectivos discursos dependem das modalidades de interação entre transgêneras/os e domínio heteronormativo (Schilt, 2006, Ward, Schneider, 2009). Os posicionamentos entre estas duas realidades sociais são circunscritos por precisas fronteiras linguísticas, legitimadas por sistemas normativos e culturais que regulam as situações cotidianas. Por isso, o discurso torna-se uma matriz de significações, que foi estudada no que se refere à sua função pragmática (como sistema de comunicação), social (como sistema de interação) e cultural (como sistema de reificação simbólica). Então, a intertextualidade emerge da estreita interseção entre variáveis estruturais (léxico), contextuais (semântica) e também simbólicas (semiótica).

Como afirmado na introdução deste capítulo, o sentido não é inscrito no texto, mas se forma entre os textos. Em uma óptica construcionista, a produção de qualquer ação humana, nunca é fruto de um processo individual e isolado, mas o resultado de práticas de interação que definem e redefinem os significados atribuídos à realidade. Então, um discurso não pode ser considerado como evento individual, mas como um complexo enredo entre sentidos, significantes e significados, aninhados dentro do tecido invisível da interação social: “Cada discurso é ligado a muitos outros e portanto, pode somente ser compreendido na base de outros discursos.” (Wodak 1997, p. 6)<sup>172</sup>.

---

<sup>172</sup> Versão original em inglês: every discourse is related to many others and can only be understood on the basis of others.



## CONCLUSÕES

A pesquisa, objeto do presente estudo, foi focalizada sobre a construção social, cultural e, enfim, linguística das identidades de gênero. Três aspectos, em relação dialética, os quais delinham as fronteiras de um construto de identidade, que nos contextos observados responde a uma *Weltanschauung*<sup>173</sup>, baseada na distinção de *hábitos* individuais e coletivos em categorias predefinidas de significado. Áreas de sentido, que circunscrevem sistemas de crenças e representações em sintonia com as diretrizes simbólicas do contexto. O contexto pode ser considerado um campo social, dentro do qual se geram discursos partilhados e *idealtipos* legitimados; reflexos simbólicos, que se manifestam por meio de práticas e esquemas de ações (Bourdieu, 1980/2009). O gênero é um conjunto de hábitos, de crenças, de interações que desenham, de uma parte, uma representação social e, de outra, uma representação do *self*, aninhadas dentro de horizontes de significados declinados no feminino ao invés do masculino.

Por meio do conceito de *fazer gênero*, as abordagens feministas de tipo pós-moderno (Butler, 1990; Scott, 1986/1995; West & Zimmerman, 1987), particularizaram de fato um processo psicológico e cultural, replicado e, portanto, afirmado nos diversos cenários do interagir social. Na especificidade destas situações sociais (Suchman, 1987), as “*regiões de fachada*” da vida cotidiana (Goffman, 1959/1985) tomam forma de sistemas de conhecimento distribuído (Hutchins, 1995), modelados e remodelados dentro de um posicionamento constante entre agentes que negociam significados, representações e valores no *hic et nunc*.

A análise tridimensional das modalidades de interação evidenciou o quanto a construção dos gêneros em nível psicológico e a representação dos sexos em nível social, ressentem do efeito de uma estreita interseccionalidade, mais do que interdependência, entre variáveis que pertencem a diversos níveis da realidade dos eventos sociais: o construcionista, o interacionista, e até o sociocognitivo.

Para responder a pergunta da pesquisa, ou seja, compreender quanto o contexto, a situação social, a linguagem, definem uma

---

<sup>173</sup> Esse termo alemão é utilizado como conceito chave na linguagem da filosofia. Com essa palavra, literalmente traduzível como “visão do mundo”, entende-se um conjunto de representações, por meio dos quais os atores sociais produzem sistemas de conhecimento partilhados e legitimados, nos diversos contextos de interação, dentro de um específico campo cultural.

representação dicotômica do isomorfismo sexo-gênero, foram escolhidos três diferentes contextos de interação, cada um caracterizado por uma organização social e simbólica peculiar.

O estudo da tessitura normativa e cultural, da qual são impregnados implicitamente os modelos discursivos (Fairclough & Thomas, 2004), descreve um aspecto particular que constitui a gênese dos processos de significação: isto é, um sistema de práticas e ritos, que delinham as fronteiras simbólicas de um determinado campo social. Este último funciona como parâmetro regulador, ou seja, como estrutura estruturante, para retomar Bourdieu (1980/2009), com o fim de legitimar um conjunto de hábitos, negociados e partilhados, que produzem um sentido de pertença a uma coletividade mais ampla.

Mas a vida social não ressent só do efeito da estrutura cultural com os seus hábitos simbólicos, mas também da negociação constante e concreta destes procedimentos em nível da interação cotidiana, dos contextos no aqui e agora, das práticas que se desenvolvem cada dia, como a relação com os atores sociais significativos – familiares e amigos – como também com o outro generalizado – parceiros, funcionários, colegas etc.

De fato, a vida de todos os dias dentro das paredes de um presídio adquire um significado peculiar, bem mais concreto e pragmático diante das referências simbólicas e normativas do contexto, que pertencem a uma ordem mais silenciosa e menos visível. Se for também verdade que o presídio representa um veículo que normatiza para restabelecer a ordem ideológica dos macrossistemas sociais, como afirmado seja por Foucault (1975/1987), seja por Zimbardo (2007/2008), seus reflexos subjetivos exprimem-se sempre em nível de posicionamentos no aqui e agora, como a relação que se instaura entre detidos e pessoal penitenciário que opera diretamente nas seções.

O sistema de significados superordenados, no qual é interessada uma abordagem sociocultural (Fairclough, 2006), evidencia somente em parte como a gênese de discursos reproduz implicitamente sistemas de significantes legitimados e institucionalizados. O *sentido* no discurso nota-se no próprio significado mediado no momento mesmo da interação (Goffman, 1959/1985). Então, não só o presídio como instituição total, mas também o trabalho e a família delinham *hábitos*, nos quais tomam forma aquelas “*regiões de fachada*” da vida cotidiana que ressentem da complexa interdependência entre sentido abstrato (a norma) e significados concretos (posicionamentos no aqui e agora).

A própria organização é sim culturalmente definida e, portanto, presídio, família e trabalho representam uma garantia para o

funcionamento e a gestão da ordem social, mas em nível de interações cotidianas a aceção implícita, própria da estrutura simbólicas destas, se torna apócrifa, quando o sentido atribuído aos eventos cotidianos tem uma função pragmática e afetiva, fluída e processual.

Enfim, inclusive uma *Teoria da Ação situada* (Suchman, 1987), ao invés do que uma abordagem interessada em *idealtipos* e *scripts* de identidade (Goffman, 1959/1985, 1963/2003), não explica *tout court* a complexa gênese de práticas de interações e representações do *self*, que se desenvolvem dentro de contextos de participação e de produção de sentido. Esse jogo de negociação constante entre esquemas de representações socialmente partilhadas e ações conotadas de sentido subjetivo produz realidades individuais e coletivas, tornadas acessíveis por meio da gênese de discursos. Estes últimos são, por uma parte, práticas de interações, como os sistemas de poder que criam hábitos sociais e culturais (Bourdieu, 1986), enquanto, por outra parte, se submetem a uma ordem pragmática, que se produz e reproduz na interação entre sistemas de significados simbólicos, culturais e normativos (Foucault, 1971/2005, 1975/1987) e *pattern* de organização psicológica e mental (Van Dijk, 1993).

A estrutura destes *pattern*, isto é, esquemas de planificação ideativos traduzem-se na óptica de uma abordagem sociocognitiva em ações, institucionalizadas e legitimadas por um aparato de comunicação, codificado por meio de nexos lógicos e partilhados (ibidem). Este universo de sentido, expresso por meio de áreas de significação lexical e semanticamente circunscritas, produz narrações, ou seja, repertórios discursivos, linguisticamente reificados (Berger & Luckmann, 1966/1995). De fato, Wittgenstein (1922/2012) falou de fronteiras gnosiológicas dentro das quais toma forma o conhecimento respeito ao *self*, aos outros e ao mundo.

Nesta óptica, sexo, gênero, cultura, fé, status, papel ocupacional, rede social e valores afetivos emergem de uma interação tridimensional entre sistemas de valores, posicionamentos cotidianos e processos psicológicos. A constante influência recíproca destes procedimentos um sobre o outro, reifica a ação fluída e situada em dimensões quase fatuais e, por isso, conotadas de uma concretude, não empírica, mas tornada plástica na construção de sistemas de crenças e de modelos de atitude coletivamente partilhados (Durkheim, 1898/1978).

O que confere ao *entrelacement* das interações simbólicas um caráter tangível é a produção de discursos e narrações que descrevem momentos de vida, emoções, percepções, afetos e lembranças.

Mesmo em linha com os objetivos da pesquisa foi estudada a

gênese, a estrutura e a função do discurso *generizado*, por meio das expressões de *fazer gênero* que não respondem à lógica binária e unilinear entre sexo e gênero. O transgênerismo, a transexualidade e o travestismo difundidos em muitos países europeus e das Américas (C. Connell, 2010; West & Zimmerman, 1987), as *Hijra* e as *Sadhin* na cultura indiana (Nanda, 1990; Shaw & Ardener, 2005), como também os *femminielli* napolitanos (Zito & Valerio, 2011) ou as virgens juradas albaneses (Young, 2000), refletem sistemas de sentido, interiorizados em nível subjetivo por meio de uma tentativa de desestruturar a hegemônica representação antinômica dos sexos. Porém, estes últimos, sendo esses mesmos discursos e, então, geradores de significados e significantes, ressentirão inevitavelmente dos sistemas de crenças, os quais têm uma difusão mais ampla e assim de um grau de legitimidade socialmente mais acreditado.

Contudo, o discurso, sendo linguisticamente delineado, cumpre uma função reificante, visto que relega universos de significados dentro de precisas diretrizes estruturais e normativas. Então, do momento em que os gêneros nas línguas neolatinas são definidos lexicalmente, as fronteiras que semanticamente traçam os limites ontológicos do saber, serão declinados para uma representação ou feminina ou masculina da realidade social, cultural e, enfim, pessoal.

Por isso, a transição torna-se não somente um percurso, ou seja, uma passagem entre um polo ao outro da dicotomia sexual, mas um processo de significação. Este último é delineado por um pluralismo de procedimentos seja funcionais, como a linguagem, seja afetivos em referimento à frequência das interações com os outros atores sociais, como também estruturais, ou seja, os universos ideológicos e os sistemas de valor. A interseccionalidade destas variáveis forma um conjunto de práticas sociais, culturais e relacionais, que geram sistemas de representações e construtos de identidade.

A identidade de gênero, como a identidade de trabalho, nacional, relacional, é definida por e se define por meio de uma constante interação entre repertórios de sentido, circunscrito por significados relacionais, simbolicamente reificados (Scott, 1998; Wodak, 1997).

Portanto, a pesquisa foi focalizada sobre a observação de três contextos de interação, que foram mantidos distintos com o fim de favorecer uma análise multidimensional em mais níveis: do sociocognitivo ao sócio- histórico e cultural. Por este motivo, as mesmas conclusões seguirão uma organização tripartida para sintetizar os resultados mais relevantes emergidos a cada nível de análise.

Dessa forma produz-se uma argumentação para delinear as

referências estruturais, funcionais e simbólicas que situam os percursos de transição entre os gêneros dentro de uma perspectiva científica, que integra os tópicos de um paradigma construcionista (Bourdieu, 1980/2009, 1986; Butler, 1990; Foucault, 1975/1987, 1976/1978) com as referências metodológicas de uma abordagem interessada nas representações sociais (Jodelet, 1989/2001, 2002).

### A transição na prisão

Neste nível de estudo, foram pesquisadas as dinâmicas organizadoras e os momentos de vida relacionais que se desenvolvem em um contexto de forte funcionamento normativo, o Novo Complexo Penitenciário (NCP) de Florença-Sollicciano, em um particular subgrupo da população detida: a seção transgênera. Foram analisadas as modalidades de posicionamento das detidas e dos operadores penitenciários, a respeito do quadro ideológico-cultural mais amplo, das estruturas, da organização penitenciária e dos artefatos que mediam as interações.

Observaram-se diversos posicionamentos discursivos, em estreita relação com diferentes representações de *status* e papéis que mudam conforme os níveis de afiliação com o contexto. A variabilidade dos repertórios discursivos corresponde a diferentes modalidades de interação entre os atores, com os respectivos graus de agenciamento, poder, instrução e experiência. Os membros que interagem dentro do mesmo contexto, temporalmente circunscrito, produzem um gênero narrativo peculiar (Wodak, 1989).

Argumentos típicos recorrentes em todas as entrevistas realizadas no presídio são, de fato, devidos à superlotação, a brevidade de alguns itinerários detentivos, aos fundos econômicos inadequados e a uma presença insuficiente dos operadores *in loco*.

Encontrou-se outro elemento relevante nas frequentes e discordantes descrições do contexto, por parte dos operadores e das detidas. As diversas perspectivas discursivas podem ser compreendidas como diferentes modalidades de posicionamento dentro de um mesmo contexto. Devido a isso, podem-se especificar três aspectos conceituais para delinear as principais posições discursivas ao longo dos diferentes níveis hierárquicos da estrutura carcerária:

1. Segundo a lógica do itinerário punitivo e corretivo (Foucault, 1975/1987), o pessoal penitenciário e as detidas, apesar de compartilhar o mesmo contexto, pertencem a duas realidades institucionais opostas: o agenciamento dos primeiros permite, de fato, exercitar um nível maior

de poder sobre os segundos, os quais, por definição, estão submetidos (Zimbardo, 2007/2008). Esta desigualdade social, institucionalmente legitimada, emerge de uma representação preventiva e corretiva de uma ação definida como ameaça ao funcionamento regular da vida social: «*Retirando tempo do condenado, a prisão parece traduzir concretamente a ideia de que a infração lesou, além da vítima, a sociedade inteira*» (Foucault 1975/1987, p. 196).

2. A representação da identidade de gênero varia, além das diretrizes normativas e contextuais, em relação ao modelo cultural de referência. As detidas, sendo todas de origem brasileira, posicionam-se a respeito de uma modalidade de entender o *fazer gênero* que tem algumas diferenças em relação à realidade italiana. Enquanto o percurso de transição dentro de um contexto europeu parece, na maioria das vezes, definir-se dentro do polo oposto ao gênero reivindicado, como percurso de transição entre os polos da dicotomia sexual, as detidas brasileiras posicionam-se dentro de uma representação do *self* a qual não necessariamente se expressa em sintonia a uma concepção binária dos gêneros.

3. As diferentes posições ocupadas ao longo da hierarquia do poder administrativo, diretivo e policial do sistema penitenciário geram diferentes descrições discursivas sobre a representação do presídio (Foucault, 1975). Dos resultados emerge que as modalidades de conhecimento variam em relação à experiência direta e cotidiana do contexto (Fairclough, 2006). Interações frequentes e regulares entre os atores que partilham um mesmo contexto, apesar de ocupar posições hierárquicas diferentes, geram uma representação concreta e direta da realidade observada e vivida (Wodak, 1989). Uma relação mais indireta com as interações no cotidiano produz uma percepção mais geral e estrutural do contexto penitenciário.

Estas divergências entre normas institucionais, regras sociais, práticas socioassistenciais e momentos de vida afetivos e pessoais, muitas vezes são difíceis de enfrentar e resolver, sobretudo em um instituto penitenciário.

Um mesmo contexto situado gera uma comum representação da realidade a partir de esquemas de ação socialmente partilhados (Suchman, 1987). Esta representação, além de ser linguisticamente circunscrita (Wittgenstein, 1922/2012), não reflete tanto as fronteiras do nosso conhecimento quanto os limites das nossas capacidades de interação e posicionamento. As interações envolvidas em contextos situados no cotidiano implicam a emersão de aspectos relacionais-afetivos (Z. Bauman, 2003/2010) que se afirmam no posicionamento



discursivo-afetivo (Wodak, 2001). Um mesmo processo, observado de uma perspectiva de poder legislativo, assume, nos posicionamentos cotidianos, um significado de mediação entre atores sociais que vivem e interagem no mesmo contexto (Goffman, 1959/1985). De fato, a construção do *fazer gênero* não pode ser entendida como um simples papel de gênero, mas como um conjunto de expectativas sociais, funções normativas e recursos relacionais. Estas modalidades de estar em relação com o outro e com o contexto influencia a percepção do tempo, aspecto fundamental dentro de um contexto carcerário.

Por meio dos repertórios discursivos das detidas e das testemunhas privilegiadas é possível particularizar características funcionais na gestão do contexto e dos atores. Estes aspectos emergiram por meio da análise das correspondências textuais entre organização intencional das estruturas discursivas (Van Dijk, 1993) e contexto simbólico material (Cole, 1995).

Apesar das autoridades penitenciárias considerarem a escolha de transferir as transgêneras no setor feminino, uma solução eticamente e pragmaticamente válida para prevenir eventuais conflitos e reconhecer, ao mesmo tempo, uma identidade delas declinada ao feminino, as detidas transgêneras vivem o próprio percurso de reclusão em uma condição de semi-isolamento. Os resultados demonstram como as realidades sociais estejam situadas dentro de diretrizes normativas e temporais e quanto às experiências desenvolvam-se na interação entre contexto e (meta) artefatos. Estes processos de interação são enfatizados dentro das instituições totais. A identidade individual é susceptível de ser atrofiada e homologada a respeito de categorias de significado e regras organizativas, definidas pelas classes sociais dominantes. As diversas produções discursivas, expressão de distintas maneiras de significação, nasceriam por uma diferente modalidade de interação entre as transgêneras e o domínio heteronormativo (Schilt, 2006; Ward & Schneider, 2009), neste caso representado pelas detidas mulheres (birth assigned). Nas entrevistas realizadas com as presas, estas enfatizavam que as violências sofridas em um contexto feminino eram vividas com maior veemência a respeito de quando se tratava da seção masculina. De fato, os detidos homens mostravam mais sensibilidade em relação às acepções mais femininas das transgêneras, apesar da administração carcerária esperar um maior reconhecimento da identidade delas no setor feminino. Pode-se então especificar dois fundamentais aspectos conclusivos:

1. A decisão de colocar a seção transgênera no setor feminino foi tomada por instâncias administrativas e direcionais, do sistema

penitenciário. Pelos discursos de quem vive cotidianamente a realidade do presídio emerge que a experiência direta do contexto oferece um conhecimento concreto das interações que ali acontecem.

2. A estrutura do sistema carcerário prevê uma organização da realidade de gênero a respeito de uma concepção dicotômica dos sexos. Esta representação hegemônica, institucionalmente legitimada por um modelo binário, relega o agenciamento das transgêneras dentro de categorias fixas de uma lógica biodeterminística. A distinção antinômica dos gêneros reproduz uma hierarquia de poder predominada por uma androcêntrica visão heteronormativa da realidade social.

Os resultados sobre este nível de análise enfatizam o quanto as construções de identidades são processos permeáveis, os quais não podem ser entendidos como dimensões monolíticas (Mantovani, 2005). Seria reduutivo considerar a violência de gênero como uma mera correlação entre desigualdades físicas ou culturais. É a hegemonia do discurso que gera sistemas de poder e violência mais do que as diferenças de gênero em si (Foucault, 1976). A assim chamada disparidade de gênero torna-se um instrumento e uma prática de poder socialmente legitimada e promovida, para salvaguardar e defender a representação hegemônica da realidade cultural (Bourdieu, 1990). O domínio masculino (Bourdieu, 1998/2010) constitui então somente uma das diversas modalidades de produzir hierarquias de poder fundadas na desigualdade entre diferentes representações de gênero.

### *A Transição no Trabalho*

Os contextos de trabalho, assim como o presídio, estão caracterizados, ainda que com menor intensidade, por uma institucionalização das práticas, ações e modelos de comportamento. Estes contextos demonstram uma organização pragmática e, portanto funcional em termos de produtividade e rendimento econômico por um lado, enquanto por outro obedecem a uma ordem normativa, a qual reflete a estrutura simbólica de um campo social mais geral.

São muitas as pesquisas que se interessam por percursos de transição e trabalho, sobretudo aquelas relativas às desigualdades de gênero que se criam nas interações cotidianas nestes ambientes. Entre os vários estudos, lembra-se um artigo de C. Connell (2010) que criticou o conceito de *Fazer Gênero* o qual, segundo a autora, tenderia a reificar a disparidade entre os gêneros, além de enfatizar certos processos de exclusão e discriminação, a respeito dos quais a comunidade LGBT sofre frequentemente. Outra contribuição relevante para realização deste

projeto foi oferecida por uma publicação de Schilt (2006). A pesquisadora evidenciou quanto os contextos de trabalho apresentam-se como sistemas generizados, os quais seriam conotados por acepções meramente masculinas ou femininas. Ela falou sobre *blue-colored occupations* e *woman professions*, nas quais a transição de mulher para homem comportaria um aumento de status, expresso às vezes por um aumento de salário mesmo naqueles contextos de trabalho principalmente ocupados por homens.

Os resultados do estudo de Schilt forneceram a pergunta de pesquisa para esta parte específica da presente tese. Pretendeu-se investigar o quanto varia a margem de agenciamento a respeito de práticas de reivindicação da identidade que, muitas vezes, não correspondem ao modelo dicotômico dos gêneros. As situações profissionais às quais se referiu nas entrevistas ressentem de uma marcada generização, a qual, como presumido por Schilt (2006), exige um claro posicionamento em direção a um ou outro polo do dualismo sexual. Este aspecto foi claramente descrito na entrevista com por uma transgênera de Milão (Transgênera 1), a qual afirmava exatamente que “era oportuno ter uma identidade específica, ou você é homem ou você é mulher” (ver extrato 13).

Emergiu, de fato, que os contextos nos quais uma pessoa transgênera encontra um emprego, são aqueles mais afins em relação à identidade de gênero exteriormente indicada (no comportamento, nos gestos, na roupa). As transgêneras, que se representam por costumes e comportamentos identificáveis com uma construção social voltada ao feminino, trabalham naqueles setores que por tradição são ocupados por mulheres; como esteticista (Transgênera 1), secretária (Transgênera 2), promotora (Transgênera 3), ou cabeleireira (Transgênera 4). Ao contrário, um transgênero *FtM* (transição da mulher a homem) (Transgênero 10), contatado pela pesquisa, trabalha como mecânico em uma oficina para carros, trabalho que desde sempre viu os homens como protagonistas centrais. A única transgênera italiana que não se posicionou em direção a um dos dois polos de gênero (Transgênero 8), trabalha como professora particular e, portanto dentro de uma dimensão mais apartada e reservada. Ela mesma enfatizou o quanto o contexto social e cultural, percebido como hostil e ostracizante, levou-a a tomar decisões pessoais e de trabalho o mais longe possível da esfera pública. O seu diário, por isso, é permeado de um gênero narrativo que descreve o contexto social como uma ameaça à própria incolumidade psicológica. São muitas as referências e os episódios que narram de situações nas quais foi humilhada e ridicularizada pelos coetâneos, sobretudo durante

o período do ensino fundamental e médio.

A escola, neste sentido, torna-se ela mesma um contexto caracterizado por um conjunto de normas que, da mesma forma de uma atividade de trabalho, regulam ações e comportamentos. O horário escolar em si impõe uma presença obrigatória nas correspondentes sedes didáticas e, portanto impõe uma interação cotidiana com os próprios colegas, os quais partilham uma mesma situação social, fortemente normatizada. Não por acaso, o status de estudante nos documentos de identidade é igualado a uma atividade de trabalho e, por isso, emergiram vários conteúdos em relação ao histórico escolar, quando se convidava as interlocutoras a falar do próprio trabalho. Trabalho e escola podem, devido a isso, serem considerados contextos complementares porque desfrutam das mesmas lógicas organizativas. Os discursos das entrevistadas a respeito das próprias experiências de trabalho demonstram, de fato, uma estrutura narrativa bastante afim em relação aos discursos referidos às situações escolares. Os transtornos que frequentemente surgem na interação com colegas e dirigentes são os mesmos que muitas vezes surgem na interação com os colegas de turma e os professores.

Como enfatizado por Vanderburgh (2009), as dificuldades de aprendizagem de estudantes transgêneros nascem de processos de exclusão e discriminação que muitas vezes comprometem a atenção e, portanto o rendimento nocional em si.

Um reflexo de competências e habilidades é acusada por muitas transgêneras entrevistadas, seja a respeito do rendimento escolar (Transgênero 2) seja a respeito da própria eficácia no trabalho (Transgênero 1 e 3).

Por muito tempo o trabalho foi considerado um privilégio para as pessoas transgêneras, porque as dificuldades de inserção social às vezes não previam nenhuma possibilidade de empreender uma atividade socialmente reconhecida; a prostituição representava, portanto o único meio de sustento para quem iniciava um percurso de transição de gênero (Di Folco & Marcasciano, 2002; Vidal-Ortiz, 2009). A autobiográfica *Princesa* (Farais de Albuquerque & Jannelli, 1994) narra claramente o obstinado percurso de transição da protagonista, para concluir o próprio projeto de vida; a sua profunda e autentica aspiração existencial.

Se na Europa e na Itália, sobretudo a partir do decreto 164 de 1982, o transgênerismo e a transexualidade tiveram uma maior visibilidade e, portanto um maior reconhecimento, o destino de quem vive o próprio percurso de transição associado a uma situação de clandestinidade, o levará até hoje em dia, a ganhar o próprio sustento

por meio de atividades ilegais, como a exploração da prostituição ou tráfico de drogas. De fato, esta é a condição contada pelas transgêneras brasileiras no presídio. Sem alternativas, como emergiu nos discursos, elas se viram obrigadas a começar uma carreira desviante.

Uma transgênera entrevistada (Transgênero 7) falou das situações difíceis no *Alto Adige* (ou Sul Tirol, região no norte da Itália caracterizada por uma forte presença da cultura e língua alemã) e a impossibilidade de ser integrada na própria comunidade e rede social. No seu caso, o único trabalho ao qual ela, e as outras pessoas que viviam uma experiência parecida naquela região, podiam ter acesso eram profissões de hotelaria, setor em rápida expansão naquela época no *Sul Tirol*. Hoje em dia, a mesma interlocutora, para fugir das dificuldades ligadas ao trabalho, assim como outras transgêneras entrevistadas, criou a sua própria empresa familiar, com o marido.

Então, mais do que as escolhas pessoais, as competências, a ambição, ou os níveis de instrução, o que mais pode influenciar na inserção no trabalho é pertencer a uma ou outra categoria de gênero. A escola e o trabalho tornam-se aparados de iniciação, isto é, instâncias sociais, que desenham por meio de práticas, ritos, e modelos de conhecimento, o papel convencional usado por homem e mulher.

### *A Transição na família*

A família pode ser considerada o primeiro meio de formação e socialização para um ser humano. Nela instaura-se uma relação significativa: aquela com os pais e, eventualmente, com as irmãs, os irmãos, ou os outros parentes presentes no contexto socioafetivo de uma criança. Estas primeiras interações favorecem o desenvolvimento linguístico, cognitivo, emotivo e cultural.

A família desempenha, portanto, uma função social com o objetivo de promover o crescimento a nível físico, psicológico, e relacional da criança. Os agentes que constituem o núcleo familiar, além de cumprir um papel protetor, tornam-se referências para o próprio crescimento. A família desempenha então uma referência indispensável seja em relação ao desenvolvimento de habilidades físicas, cognitivas e emotivas, seja a respeito do desenvolvimento social, isto é, aquele que confere à experiência um sentido de partilhamento e participação. Devido a isso, a aceção simbólica e funcional da família representa um significado mais amplo dependendo da especificidade de um contexto de interação e do modelo simbólico cultural.

Portanto, esta parte da pesquisa nasceu com o objetivo de

investigar a relação principalmente entre pais e filhos e, eventualmente com os outros parentes, naquelas famílias nas quais um membro enfrenta o percurso de transição de identidade sexual. Esta situação interessa no sentido estrito à relação filho-pai, mas tem a ver, em sentido mais amplo, com todas as relações de parentesco, tornando-as muitas vezes difíceis, problemáticas e às vezes dramáticas, como enfatizado em numerosas passagens nos diários de duas transgêneras (Transgênera 8 e 9).

O que ressaltou das análises é que os pais ressentem de uma sensação de inadequação, falimento e incompetência na compreensão do que está acontecendo. Esta situação favoreceu, em alguns casos, o surgimento de um clima de não aceitação, rejeição do filho cuja identidade de gênero não satisfaz as expectativas sociais de uma hegemônica representação dicotômica dos sexos (Transgênero 7, 8 e 9).

No caso onde a mesma transgênera fosse a ser genitor a situação complica-se mais ainda, pelo menos dependendo de quanto estabelecido pela lei N°164 a qual, além da dissolução de um eventual casamento, prevê a imediata suspensão da pátria potestade se o filho for menor de idade. É o caso de uma das entrevistadas (Transgênero 7) a qual, tinha concebido o filho antes de começar o percurso de transição. Por muito tempo a entrevistada escondeu a própria identidade e, portanto não completou o percurso para que o filho chegasse à maior idade. A angústia de perder o filho, seja pelas consequências legais, ou também, e talvez, sobretudo por uma decisão pessoal dela, influiu radicalmente no posicionamento da interlocutora a respeito das outras transgêneras entrevistadas.

A família torna-se um aparato regulador da vida social e, portanto a sua função cultural é permeada por uma forte aparência normativa. A relação com filhos e pais não expressa-se somente a nível afetivo, mas esta se torna uma forma cultural e uma representação social.

Na família aprende-se a andar, falar, pensar, mas também a relacionar-se com o outro, definir o *self* e, sobretudo aprender a recitar no palco da vida cotidiana os *scripts* de identidades, transmitidos primeiramente pelos pais e parentes. Violando as regras coreográficas do teatro “família”, prejudica muitas vezes irreversivelmente o próprio papel e status dentro desta dimensão sociocultural.

São muitos os testemunhos que narram dos problemas e das dificuldades que as pessoas transgêneras devem enfrentar com os próprios pais. Em particular, dois dos três diários (Transgênera 8 e 9) e a entrevista com a transexual do Alto Adige (Transgênera 7) são

caracterizados por uma intertextualidade de conteúdos expressa por meio do recurso a um gênero narrativo articulado ao redor do sentido de culpa. Como enfatizado muitas vezes nos diários, os pais às vezes consideram o particular percurso do próprio filho como um falimento pessoal por um lado e um irônico destino por outro, quase uma punição, uma condenação a uma vida atormentada. Muitos extratos do diário de uma transgênera, contatada na área de Verona (Transgênera 8), narram de como principalmente a mãe assume o papel de vítima, cujo sofrimento é causado pela atitude do um filho, “*tão delicado que parece uma filha*”, como ela mesmo enfatiza no seu diário.

As acusações feitas pelas mães frequentemente são percebidas como uma pesada crítica pela própria existência de um filho assim diverso, o qual se torna o protagonista do seu sofrimento. Outro enunciado, extraído sempre do mesmo diário (Transgênera 8), descreve em maneira nítida e explícita como a própria mãe identifica nas atitudes do filho a intenção inconsciente de ter estragado a vida dela e destruído a sua felicidade: “*Você é anormal e vai me matar! Acho que nada possa parar a joia de viver de um adolescente como a acusação, feita pela própria mãe, de que vai matá-la!*”

O sofrimento, por isso, junto ao sentido de culpa em alguns casos, transforma-se ao longo da vida em uma representação do *self* como desviante simplesmente para ser si mesma.

Os pais, ao contrário, mais que recusar a identidade do filho por rejeição pessoal temem o julgamento social, sobretudo nas comunidades mais dimensionadas e circunscritas por sistemas de crenças e normas fortemente reificadas. É o caso da entrevistada do Sul Tirolo (Transgênera 7), a qual afirma que na pequena vila onde cresceu todo mundo sabia da sua índole aparentemente  *fina* e esta representação estigmatizante, naquela realidade nos anos sessenta, teve repercussões também nos pais e no núcleo familiar mais amplo.

O afastamento e a negação tornam-se, portanto defesas para salvaguardar a sobrevivência social de uma família inteira, em relação aos pedidos morais do campo social ao qual se pertence. Crescer uma filha transgênera ou um filho transgênero nestes contextos pode causar a exclusão e o ostracismo de todos os agentes que fazem parte da sua mais próxima rede social.

Os contextos analisados para esta pesquisa referem-se a três situações sociais, as quais reproduzem o conjunto de regras e normas que atribuem um sentido para os eventos culturais. Presídios, trabalho e família são dimensões simbólicas e sistemas de interação entre artefatos

de mediação (a linguagem), *scripts* de comportamento (o posicionamento entre *self*, outro e contexto) e, em fim, superestruturas normativas (as regras sociais, as leis, as práticas institucionalizadas).

O gênero nesses contextos assume um papel particularmente significativo, porque determina a inserção em uma das únicas duas categorias sexuais previstas por esses sistemas sociais. O gênero, portanto, torna-se um produto cultural, uma matriz de significantes, dentro da qual coloca parte da própria identidade. Antes de desenvolver um sentido do *self*, com as correspondentes peculiaridades caracteriais, as preferências subjetivas, os próprios interesses, as competências e as aspirações pessoais, um ator social é definido e define-se primeiramente como ser genericado.

Pertencer a uma ou outra categoria de gênero influirá nas tomadas de decisões e escolhas existenciais do percurso inteiro de vida. Afastar-se desta lógica dicotômica implica um percurso de afirmação da própria identidade, permeado de processos de reivindicação, muitas vezes sofridos, negados e conotados de uma profunda sensação de solidão.

A solidão é uma constante, um fio condutor que é transversalmente difuso ao longo de todas as narrações coletadas. Sejam as entrevistas das detidas ou os relatórios orais e escritos das/dos transgêneras/os fora do presídio, a alienante condição de estar sozinhas é enfatizada pelo percurso de transição e afirmação do *self*, por alguns versos extremos e certamente poucos comuns a respeito de escolhas de vidas mais legitimadas.

Os testemunhos coletados mostram, de fato, uma afinidade textual significativa em termos de representações sociais e construções de identidade.

Viver a própria vida como um percurso, não somente de transição, mas talvez como objetivo para reconhecer a mais autêntica expressão do *self*, representa um desafio existencial, não somente para as mesmas protagonistas deste caminho, mas também para todos os outros atores, diretamente ou indiretamente ligados à pessoa transgênera.

Devido a isso, não somente os parentes e os familiares, mas também os colegas de escola e os professores, os colegas de trabalhos e os chefes, os detidos e os operadores penitenciários, estão envolvidos neste percurso identitário. Negocia-se assim uma imagem do *self* que muda e transforma-se constantemente na interação cotidiana com o outro. Processos psicológicos, situações sociais e afetos estão em uma relação dialética fluida um com outro, gerando discursos que definem construções pessoais (sentido privado), interpessoais (sentido



partilhado) e, enfim, impessoais (sentido superordenado).

Estes estilos discursivos mostram uma forte intertextualidade. Eles caracterizam-se, de fato, por uma organização do discurso semelhante em termos de conteúdo e forma (as quais variam muito em relação ao *background* social e cultural), mas também pela articulação lógica dos nexos semânticos. A intencionalidade do ato comunicativo relativo ao contexto traduz-se então, em uma representação da situação semelhante em nível psicológico (Van Dijk, 1993). As estruturas retóricas das narrações, criticamente analisadas, estão permeadas por uma contingência de sentido quase transversal, difusa ao longo dos discursos produzidos em uma mesma situação espacial e temporal (Wodak, 2001). Nota-se uma correlação de conteúdo que reflete princípios normativos fundamentais, profundamente ligados à gestão do contexto observado, e às correspondentes experiências pessoais. Por meio dos instrumentos de análise adotados emergiram tendências retóricas (lexicais, semânticas e semióticas) a respeito daqueles conteúdos que interessam a representação do *self* e do outro como identidade generizada. Fazem parte disso os *ideal tipos* sexuais, as normas partilhadas, modelos de comportamento, afetos e sistemas de interação com o outro generalizado.

Os *outputs* gráficos dos programas *Transana* e *ALCESTE* demonstram quanto os discursos possuem estruturas narrativas diferentes, quando se enfrentam assuntos de ordem pública (as normas, a cultura, a interação com o outro generalizado) ou privada (a representação do *self*, os afetos, a interação com o outro significativo).

Enquanto a variável contextual resulta particularmente relevante no contexto carcerário, sobretudo nos discursos das testemunhas privilegiadas (em particular a administração e a direção do instituto), nos contextos de trabalho e familiares esta se torna um aspecto mais saliente a favor de processos experienciais, interpessoais e afetivos. Até no presídio as detidas mostram um posicionamento sensivelmente deslocado para o lado relacional, sendo que o contexto particularmente coercitivo de um aparato penitenciário tem uma função central ao longo do itinerário correccional, mas durante as interações cotidianas, normas e contexto apresentam-se de forma mais periférica do que os momentos de vida pessoais e as exigências pragmáticas.

Nos contextos de trabalho, uma variável que é particularmente significativa para a afirmação da própria identidade de gênero, além dos meta-artefatos linguísticos, é a representação corporal do sexo. Esta se torna um dos critérios fundamentais para a distinção social dos gêneros. Corpo e linguagem definem, por isso, áreas de significado que estão

sexualmente circunscritas.

A identidade de gênero, pelo que foi evidenciado nos resultados da presente tese, é uma prática de interação, um processo simbólico e uma representação do *self* e do outro. O contexto, a situação social e a linguagem definem *idealtipos* sexuais de identidade e, portanto, a construção pessoal e a representação social dos gêneros ressentem da identidade reificante dos substratos normativos e culturais correspondentes.

Quanto mais um contexto de interação obedece a uma ordem pré-construída de significados como, por exemplo, o presídio, tanto mais resulta restrita a margem de agenciamento, por meio da qual se reivindica uma identidade de gênero que não corresponde a uma lógica classificatória entre homem e mulher.

As identidades apresentam-se, de fato, como sistemas móveis, cujas malhas estruturais entrelaçam-se em uma complexa tessitura entre processos psicológicos, práticas sociais e capitais culturais. Este *caleidoscópio* dentro do qual se geram e alternam-se constantemente representações intra-, inter- e extrapessoais, enfim, será reificado, ou seja, conotado de *sentido concreto*, por meio dos discursos, legitimados por diretrizes normativas, pragmáticas além de afetivas.

Portanto, o gênero pode ser lido como *script*, um conjunto de ações e comportamentos exibidos nos cenários da vida cotidiana, mas este, sobretudo em relação aos idiomas neolatinos, é definido também por fronteiras linguísticas, as quais, inevitavelmente exigem um posicionamento claro a respeito de um ou outro extremo do dualismo sexual.

Se as fronteiras da linguagem, como sustentado por Wittgenstein (1922/2012), circunscrevem os limites do conhecimento que se tem do *self*, do outro e do mundo; as línguas, cujos parâmetros lexicais são marcados pela polaridade sexual, delineiam as margens simbólicas, normativas e psicológicas de uma representação cultural, social e subjetiva dos gêneros, a qual poderá ser declinada semanticamente somente para o feminino ou o masculino.

## REFERÊNCIAS

- Ajzen, I. & Fishbein, M. (1980). *Understanding Attitudes and Predicting Social Behavior*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, Inc.
- American Psychiatric Association (2000). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (4th edition, text revision). Washington DC: American Psychiatric Association. Trad. port., *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (4ª edição, texto revisada). Porto Alegre: Artmed, 2002
- Andersen, M. L. (2005). Thinking about women: A quarter century view. *Gender & Society*, 19(4), 437-55.
- Arán, M., Zaidhaft, S. & Murta, D. (2008). Transexualidade: corpo, subjetividade e saúde coletiva. *Psicologia & Sociedade*, 20(1), 70-79
- Arán, M., Lionço, T., Murta, D., Ventura, M., Lima, F. & Gonçalves, L. (2008). *Transexualidade e saúde pública: acúmulos consensuais de propostas para atenção integral. Relatório Preliminar da Pesquisa Transexualidade e Saúde: condições de acesso e cuidado integral (IMS-UERJ / MCT/CNPq/MS/SCTIE/DECIT)*. Ministério da Saúde sobre o Processo transexualizador no SUS (MS, 2006, 2007); Observatório do Instituto Antígona Entendendo os fundamentos jurídicos dos direitos dos GLBT. Disponível em: <http://portalsaude.saude.gov.br/portalsaude/>. Consultado o dia 20/03/2012
- Arán, M., Lionço, T. & Mudança, P. (2008). De sexo: uma questão de justiça para a saúde. *Série Anis*, 53, 1-3. Disponível em: [http://www.anis.org.br/serie/visualizar\\_serie.cfm?IdSerie=67](http://www.anis.org.br/serie/visualizar_serie.cfm?IdSerie=67). Consultado o dia 20/03/2012
- Aristóteles (ca. 330 a.C.). *Περὶ ποιητικῆς*. Trad. port., (A. Barriviera, eds.) Poética de Aristóteles: tradução e notas. Dissertação de mestrado. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.
- Balzer, C., Hutta, J.S. & Mazzei, A. (2011). Questioni specifiche dei diritti umani, In T. Hammarberg (Org.), *I Diritti Umani e l'Identità di Genere, Transrespect versus Transphobia Worldwide* (pp. 11-24). Disponibile em: [www.transrespect-transphobia.org](http://www.transrespect-transphobia.org). Consultado il 19/12/2011
- Bauer, J.E. (2002). "43046721 Sexualtypen" Anmerkungen zu Magnus Hirschfelds Zwischenstufenlehre und der Unendlichkeit der

- Geschlechter, *Capri. Schwulen Museum Berlin*, 33, 23-30
- Baumann, G. (1996). *Contesting Culture. Discourses of Identity in multiethnic London*, Cambridge: Cambridge University Press
- Bauman, Z. (2001). *The Bauman reader*. Oxford: Blackwell. Trad. it., *Globalizzazione e Glocalizzazione*. Roma: Armando, 2005
- Bauman, Z. (2003). *Liquid Love: On the Frailty of Human Bonds*. Cambridge: Polity. Trad. it., *Amore Liquido. Sulla fragilità dei legami affettivi*. Bari: Laterza, 2010
- Berger, P. L. & Luckmann T., (1966). *The social construction of reality*. New York: Doubleday. Trad. port., *A Construção Social da Realidade*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1995
- Bimbi, F. (2009). Parola chiave “Genere. Donna/donne”. Un approccio eurocentrico e transculturale. *La Rivista delle Politiche Sociali - Italian Journal of Social Policy*, 2, 261-297.
- Blackwood, E. (2005). Transnational Sexualities in One Place: Indonesian Readings. *Gender & Society*, 19(2), 221-242
- Blumer, H. (1937). *Symbolic Interactionism*. Berkley: University of California, 1969
- Bock, R. (1993). Understanding Klinefelter Syndrome. *National Institute of Child Health & Human Development*. NIH Pub. 93-3202. Disponível em: <http://www.nichd.nih.gov/publications/pubs/klinefelter.cfm>. Consultado o dia 29/10/2012
- Boletín Oficial del Estado. (2007). Ley 3/2007, de 15 de marzo, reguladora de la rectificación registral de la mención relativa al sexo de las personas. Boe num. 65, p. 11252. Disponível em: [www.boe.es/boe/dias/.../A11251-11253.pdf](http://www.boe.es/boe/dias/.../A11251-11253.pdf). Consultado o dia 14.03.2012
- Bourdieu, P. (1979). *La distinction. Critique sociale du Jugement*. Paris: Minuit. Trad. it., *La distinzione. Critica sociale del gusto*. Bologna: Il Mulino 1983
- Bourdieu, P. (1980). *Le sens pratique*. Paris: Le Editions de Minuits. Trad. port., *O senso prático*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009
- Bourdieu, P. (1986). La force du droit. *Acte de la recherche en sciences sociales*, 64, 3-19.
- Bourdieu, P. (1990). *In Other Words*. Tr. Engl. Standford, CA: Standford University Press.
- Bourdieu, P. (1998). *La domination masculine*. Paris: Seuil. Trad. port., *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010
- Bockting, W., Miner, M. & Rosser, B.R.S. (2007). Latino Men’s Sexual Behavior with Transgender Persons. *Archive of Sexual*

*Behaviour*, 36, 778–786

- Bosworth, M. (1999). *Engendering Resistance: Agency and Power in Women's Prisons*. Aldershot: Ashgate
- Brasil (2006). Lei da Câmara n.122 de 12 dezembro 2006. Altera a Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal) e o Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943 (Consolidação das Leis do Trabalho – CLT) para definir os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de gênero, sexo, orientação sexual e identidade de gênero. Estabelece as tipificações e delimita as responsabilidades do ato e dos agentes. *Lex: Direitos humanos e minorias*, Brasília DF., p. 1-11, 15 dez. 2006 Senado Federal. Disponível em: [http://www.senado.gov.br/atividade/materia/detalhes.asp?p\\_cod\\_mate=79604](http://www.senado.gov.br/atividade/materia/detalhes.asp?p_cod_mate=79604). Consultado o dia 15/03/2012
- Broad, K. L. (2002). GLB + T?: Gender/Sexuality Movements and Transgender Collective Identity (De)Constructions. *International Journal of Sexuality and Gender Studies*, 7(4), 241-264
- Buhler, G. (2001). *The Laws of Manu*. Delhi: Motilal Banarsidass
- Bundesministerium für Justiz (1980). Transsexuellengesetz vom 10. September 1980 (BGBl. I. S.), zuletzt durch Artikel 1 des Gesetzes von 17. Juli 2009 (BGBl. I S. 1978) geändert. Disponível em: [www.gesetze-im-internet.de/bundesrecht/tsg/gesamt.pdf](http://www.gesetze-im-internet.de/bundesrecht/tsg/gesamt.pdf). Consultado o dia 20/08/2011
- Butler, J. (1990). *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York: Routledge. Trad. it., *Scambi di genere. Identità, sesso e desiderio*. Milano: Sansoni, 2004
- Camargo, B.V. (2005). ALCESTE: Um programa informático de análise quantitativa de dados textuais. In A.S.P. Moreira, B.V. Camargo, J.C. Jesuino & S.M. da Nóbrega (Orgs.), *Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais* (pp. 511-539). Paraíba: Editora Universitária - UFPB
- Camargo, B.V., Campos, P.H.F., Torres, T.L., Stuhler, G.D. & Matao, M.E.L. (2011). Representações sociais de saúde e cuidado: um estudo multicêntrico sobre vulnerabilidade masculina. *Temas em Psicologia -Ribeirão Preto*, 19, 179-192
- Camargo, B.V. & Wachelke, J. (2010). The Study of Social Representation Systems: Relationship Involving Representations on aging, AIDS, and the body. *Peer Reviewed Online Journal*, 19, 21.2- 21.21
- Cauldwell, D.O. (1949). Psychopatia Transexualis. *Sexology*, 16, 274-

280

- Cavavero, A. & Restaino, F. (2002). *Le Teorie femministe*. Milano: Mondadori
- Cipolla, C. (2011). Prefazione, in M. Inghilleri & E. Ruspini (Orgs.), *Sessualità narrate. Esperienze di intimità a confronto* (pp. 9-10). Milano: FrancoAngeli
- Clifford, J. & Marcus, G.E. (1986). *Writing Culture. The poetics and politics of ethnography*. Berkley University: University of California Press. Trad. it., *Scrivere le Culture. Poetiche e politiche in etnografia*. Roma: Meltemi, 2001
- Codd, H. (2003). Women inside and out: Prisoners' Partners, Women in prison and the struggle for Identity. *Internet Journal of Criminology*.
- Coelho, H. (1999). *Sonho e Razão: ao lado do artificial*. Lisboa: Relógio d'Água
- Cole, M. (1995). Culture and cognitive development: From cross-cultural research to creating systems of cultural mediation. *Culture & Psychology, 1(1)*, 25-54
- Chomsky, N. (1957). *Syntactic structures*. Berlin: Walter de Gruyter GmbH & Co. Trad. it., *Le strutture della sintassi*. Roma - Bari: Laterza, 1980
- Comte, A. (1848). *Discours sur l'ensemble du positivisme*. Paris: GF-Flammarion. Trad. ingl., *A General view of Positivism*. London: Routledge, 1865
- Connell, C. (2010). Doing, Undoing, or Redoing Gender?: Learning from the Workplace Experiences of Transpeople. *Gender & Society, 24(1)*, 31-55
- Connell, R.W. (2002). *Questioni di genere*. Bologna: il Molino 2006
- Connell, R.W. & Messerschmidt, J.W. (2005). Hegemonic Masculinity: Rethinking the Concept, *Gender & Society, 19(6)*, 829-859
- Connell, R.W. (2009). Accountable Conduct: "Doing Gender" in Transsexual and Political Retrospect, *Gender & Society, 23(1)*, 112-122
- Conselho federal de medicina (1997). Disposição sobre a cirurgia de transgenitalismo. Resolução n. 1.482 de 10 de setembro de 1997. *Diário oficial da União*, p. 20.944. Brasília DF, 19 set. 1997. Disponível em: [http://www.portalmedico.org.br/resolucoes/CFM/1997/1482\\_1997.htm](http://www.portalmedico.org.br/resolucoes/CFM/1997/1482_1997.htm). Consultado o dia 20/03/2012
- Conselho federal de medicina (2002). Disposição sobre a cirurgia de transgenitalismo. Resolução n. 1.652 de 6 de novembro de 2002.

- Lex*: Revoga a Resolução CFM n. 1.482/97. *Diário oficial da União*, n. 232, seção 1, pp. 80-81. Brasília DF, 2 dez. 2002.  
Disponível em:  
[http://www.portalmédico.org.br/resolucoes/CFM/2002/1652\\_2002.htm](http://www.portalmédico.org.br/resolucoes/CFM/2002/1652_2002.htm). Consultado o dia 20/03/2012
- Conselho federal de medicina (2010). Disposição sobre a cirurgia de transgenitalismo. Resolução n. 1.955 de 12 de Agosto de 2010.  
*Lex*: Revoga a Resolução CFM n. 1.652/2002. (*Diário oficial da União*, Seção 1, pp. 109-10. Brasília DF, 3 de set. 2010.  
Disponível em:  
[http://www.portalmédico.org.br/resolucoes/CFM/2010/1955\\_2010.htm](http://www.portalmédico.org.br/resolucoes/CFM/2010/1955_2010.htm). Consultado o dia 21/03/2012
- Cuomo, A., Ferrara, S., Romano, V., Sisci, N. & Valerio, P. (2011). Los Femminielli Napolitanos. *Salud y Sociedad. Perspectivas Antropológicas*, 167-186
- Currier, A. (2010). Political Homophobia in Postcolonial Namibia. *Gender & Society*, 24(1), 110-129
- Das Wilhelm, A. (2010). *Tritiya-Prakriti: People of the Third Sex. Understanding Homosexuality, Transgender Identity, and Intersex Conditions Through Hinduism*. New Jersey: Xilibri
- De Beauvoir, S. (1949). *Le deuxième sexe*. Paris: Gallimard. Trad. port., *O segundo sexo. Vol. 2. A experiência vivida*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira: 1990
- Delvaux, H. (1995). Les conséquences juridiques du changement de sexe en droit comparé. In AA.VV. (Orgs.), *Transsexualisme, médecine et droit*. (Vrije Universiteit Amsterdam, 14-16 avril 1993) (Vol. 28). Pays-Bas: Conseil de l'Europe
- De Silvia, A. (2005). Transsexualität im Spannungsfeld juristischer und medizinischer Diskurse. *Zeitschrift für Sexualforschung*, 18(3), 258-271
- De Silva, A. (2007). Zur Konstruktion von Geschlecht oder Geschlechterregimen in dem Gender Recognition Act 2004 und im englischen Parlament. *Liminalis – Zeitschrift für geschlechtliche Emanzipation und Widerstand*, 1, 83–108.
- De Monticelli, R. (1998). *La conoscenza personale*. Milano: Guerrini
- De Rosa, M. (2000). Tavola Rotonda sulle attività medico-endocrinologiche dei centri O.N.I.G. In D.A. Nadalin & P. Stella (Orgs.), *Transiti, Percorsi e significati dell'identità di genere*. Bologna: Labanti e Nanni
- Dettore, D. (2005). *Il Disturbo dell'Identità di genere*. Milano: McGraw-Hill

- Di Biasio, A. (1897). *Usi e costumi dei cammoristi*. Napoli: L. Pierro
- Di Ceglie, D., (1998). *A stranger in my body*, London: Karnakas Books.  
Trad. it., *Straniero nel mio corpo*. Milano: Angeli Editore, 2003
- Di Folco, M. & Marcasciano, P., (2002). *Transessualismo: dall'esclusione totale ad un'inclusione parziale*. Bologna: Aspasia Editore
- Docter, R.F. & Fleming, J.S. (2001). Measures of Transgender Behavior. *Archive of Sexual Behaviour*, 30(3), 255-271
- Dörner, G. (1985). Hormonabhängige Gehirnentwicklung und Neuroendokrine Phrophylaxis. *Forschende und Klinische Endokrinologie*, 81, 57- 75
- Dozier, R. (2005). Beards, Breasts, and Bodies: Doing Sex in a Gendered World, *Gender & Society*, 19(3), 297-316
- Duranti, A. (2003). Il parlare come pratica sociale. In G. Mantovani (Org.), *Manuale di psicologia sociale* (pp. 45-61). Firenze: Giunti
- Duranti, A. (2007). *Etnopragmatica. La forza nel parlare*. Roma: Carocci
- Durkheim, E., (1898), *Représentations individuelle et représentations collective*, Revue de Métaphisique et de Morale. Tr.it. In Antologia di scritti sociologici, Bologna: il Molino, 1978
- Durkheim, E., (1912). *Les formes élémentaires de la vie religieuse*. Paris: Presses universitaire de France. Trad. port., *As formas elementares da vida religiosa* (3° edição). Sao Paulo: Paulus, 2008
- Eaton, M. (1993). *Woman After Prison*. Buckingham: Open University Press.
- Fairclough, N. (1992). *Discourse and Social Change*. Cambridge: Polity
- Fairclough, N. (2006). *Language and Globalization*, London: Routledge
- Fairclough, N. & Wodak, R. (1997). *Critical Discourse Analysis*. In T. A. van Dijk (Org.), *Discourse as social interaction* (pp. 258-284). London: Sage
- Fairclough N. & Thomas P. (2004). *The globalization of discourse and discourse of globalization*. In D. Grant, C. Harvey, C. Oswick & L. Putnam (Orgs.), *Organizational Discourse* (pp. 379-396). London, Sage
- Farias de Albuquerque F. & Jannelli M., (1994). *Princesa*. Roma: Sensibili alle foglie
- Faucher, L. (1838). *De la réforme des prisons*. Paris: Angé, Lirraire-éditeur.
- Feinberg, L. (1996). *Transgender warriors*. New York: Routledge.
- Fenstermaker, S., West C., & Zimmerman D. (2002). *Gender inequality:*



- New conceptual terrain*. In S. Fenstermaker & C. West (Orgs.), *Doing gender, doing difference* (pp. 25-40). New York: Routledge
- Fetterman, D. M. (1989). *Etnography step by step*. Newbury Park, CA: Sage editor
- Flick, U. (1995). *Qualitative Forschung*. Reinbeck bei Hamburg: Rowohlt Taschenbuch Verlag. Trad. port., *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Boockman. 2004
- Foucault, M. (1969). *L'Archéologie du savoir*. Paris: Gallimard. Trad. port., *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004
- Foucault, M. (1971). *L'Ordre du discours*. Paris: Gallimard. Trad. port., *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2005
- Foucault, M. (1973). *Historie de la Folie a l'Age classique suivi de Mon corps, ce papier, ce feu et la folie, l'absence d'oeuvre*. Paris: Editions Gallimard. Trad. it., *Storia della Follia nell'Età classica. Con l'aggiunta di La Follia, L'Assenza di Opera e Il mio Corpo, Questo Foglio, Questo Fuoco*. Milano: Rizzoli, 1976
- Foucault, M. (1975). *Surveiller et punir. Naissance de la prison*. Paris: Gallimard. Trad. port., *Vigiar e punir: nascimento da prisão* (32ª edição). Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1987.
- Foucault, M. (1976). *Histoire de la sexualité. Volume 1: La volonté de savoir*. Paris: Editions Gallimard. Trad. ingl., *The History of sexuality*. New York: Pantheon Books - Random House, 1978
- Franzen, J. & Sauer, A. (2010). Benachteiligung von Trans\*Personen, insbesondere im Arbeitsleben. Antidiskriminierungsstelle des Bundes. Disponível em: [http://www.antidiskriminierungsstelle.de/SharedDocs/Bilder/DE/PublikationenDownloads/cover\\_trans.jpg?\\_\\_blob=poster&v=3](http://www.antidiskriminierungsstelle.de/SharedDocs/Bilder/DE/PublikationenDownloads/cover_trans.jpg?__blob=poster&v=3). Download o dia 18.12.2010
- Freud, S. (1905). *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*. Frankfurt am Main: Fischerverlag, 1954. Trad. it., *Tre saggi sulla vita sessuale*. In ibidem, *Opere 1900-1905, Vol. 5* (pp. 451-546). Torino: Editore Boringhieri, 1974
- Freud, S. (1914). *Einleitung zum Narzissismus*. Frankfurt am Main: Fischer Bücherei KG., Neuauflage, 1958. *Introdução ou narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos*. Sao Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- Garfinkel, H. (1967). *Studies in ethnomethodology*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.
- Garfinkel, H. (1967). Passing and the managed achievement of sex

- status in an “intersexed” person. In: *Studies in Ethnomethodology* (pp. 117-185). New Jersey: Prentice Hall. Trad. it., Agnese. Roma: Armando, 2000
- Gazzetta Ufficiale (2000). PARTE I: Trattamento penitenziario e disposizioni relative all'organizzazione penitenziaria; Titolo I: Trattamento penitenziario, Capo I: Principi direttivi, Art. 1: Interventi di trattamento. Disponibile em: [http://www.penale.it/legislaz/dpr\\_30\\_6\\_00\\_230.htm](http://www.penale.it/legislaz/dpr_30_6_00_230.htm). Consultato o dia 09/04/2012
- Gergen, K.J. (1991). *The saturated self*. New York: Basic Books
- Gladue, B. A., Green, R., Hellman, R. E., (1984). Neuroendocrine response to estrogens and sexual orientation. *Science*, 225, 1496-1499
- Gjecov, S. (1989). *Kanuni i Leke Dukagjinit*. Tr. ingl., *The Code of Leke Dukagjinit*. New York: Gjonlekaj Publisching Co
- Giudicci, P. L. (1999). Cittadini all'estero. Emigranti. Transessuali. In P.L. Giudicci (eds.), *Manuale di Diritto Sanitario*. Milano: FrancoAngeli, pp. 293- 302
- Goffman, E. (1959). *The perception of self in everyday life*. New York: Doubleday. Trad. port., *A representação do eu na vida cotidiana* (3° edição). Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1985
- Goffman, E. (1961). *Asylums, Essays on the Social Situation of Mental Patients and Other Immates*. New York: Doubleday. Trad. it., *Asylums*. Torino: Einaudi, 2003
- Goffman, E. (1963). *Stigma: Notes on the Management of Spoiled Identity*. New York: Prentice Hall. Trad. it., *Stigma l'Identità negata*. Milano: Giuffrè editore, 1983
- Goffman, E. (1974). *Frame Analysis. An Essay on the Organization of Experiences*. Boston: Northeastern University Press. Trad. it., I. Matteucci (Org.), *Frame Analysis. L'organizzazione dell'Esperienza*. Roma: Armando, 2006
- Goffman, E. (1977). The Arrangement between the sexes. *Theory and Society*, 4(3), 301-331. Trad. it., *Il rapporto tra i sessi*. Roma: Armando Editore, 2009
- Golla, V. (2001). Ricostruzione/Reconstruction. In A. Duranti (Org.), *Key terms in Language and Culture* (pp. 302-306). Oxford: Blackwell. Trad. it., *Culture e discorso: Un lessico per le scienze umane*. Roma: Meltemi, 2002
- Goodwin, C. (1994). Professional Vision. *American Anthropologist*, 96(3), 606-633.
- Goodwin, C. (2003). *Il senso del vedere*. Roma: Meltremi Editore

- Green, J.N. (1999). *Beyond carnival: male homosexuality in twentieth-century Brazil*. London-Chicago: The University of Chicago Press
- Greimas, A. J. (1983). *Du sens II - Essais sémiotiques*. Paris: Seuil. Trad. it., *Del senso II*. Milano: Bompiani, 1984
- Grella, P. V., Massorbio, M., Pecorelli, S. & Zichella, L. (2000). Sesso Genetico e Sesso Fenotipico: Aspetti Anatomico- Embriologici della Differenziazione Sessuale. In P. V. Grella & M. Massorbio (a cura di), *Compendio di Ginecologia e Ostetrica*. Bologna: Monduzzi
- Gupta, R. & Murarka, A. (2009). Treating transsexuals in India: History, prerequisites for surgery and legal issues. *Indian Journal of Plastic Surgery*, 42(2), 226–233
- Habermas, J. (1967). *Zur Logik der Socialwissenschaften*. Tübingen: J.C.B. Mohr. Trad. It, *Logica della scienze sociali*. Bologna: Il Mulino, 1970
- Hall, S. (1996) 'The Question of Cultural Identity'. In S. Hall, D. Held, D. Hubert and K. Thompson (eds.), *Modernity: An Introduction to Modern Societies* (pp. 595–634). Cambridge: Polity Press.
- Halkitis, P.N., Mattis, J.S., Sahadath, J.K., Massie, D., Ladyzhenskaya, L., Pitrelli, K., Bonacci, M. & Cowie, S.A.E. (2009). The Meanings and Manifestations of Religion and Spirituality among Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender Adults. *Journal of Adult Development*, 16, 250–262
- Harré, R. & Van Langenhove, L. (1991). Varieties of positioning. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 21, 393-408
- Hines, S. (2006). Intimate Transitions: Transgender Practices of Partnering and Parenting. *Sociology*, 40(2), 353–371
- Hird, M.J. (2002). For a Sociology of Transsexualism. *Sociology*, 36(3), 577–595
- Horn, S.S., Kosciw, J.G. & Russell, S.T. (2009). Special Issue Introduction: New Research on Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender Youth: Studying Lives in Context. *Youth & Adolescence*, 38, 863–866
- Hutchins, E. (1995). *Cognition in the wild*. Massachusetts: A Bradford Book
- Inghilleri, M. & Ruspini, E. (Orgs.). (2011). *Sessualità narrate. Esperienze di intimità a confronto*. Milano: FrancoAngeli
- Istituto Statistico Nazionale (2012). Criminalità e Sicurezza, sezione Detenuti. Disponivel em: [http://noi-italia.istat.it/index.php?id=7&user\\_100ind\\_pi1\[id\\_pagina\]=60&c](http://noi-italia.istat.it/index.php?id=7&user_100ind_pi1[id_pagina]=60&c)

- [Hash=dd1babb81439bfa141ee353a4f02a3dd](#). Consultado o dia 10/04/2012
- Jäger, S. & Maier, F. (2009). Theoretical and methodological Aspects of Foucauldian critical discourse analysis and depositive analysis. In Wodak R., Meyer M. (Orgs.). *Methods of Critical Discourse Analysis* (pp. 34-61). London: Sage,
- Jefferson, G., Sacks H. (1995). *Lectures on conversation, vol. 1 & 2*. Oxford: Blackwell
- Jodelet, D. (1989). *Le représentations sociales*. Paris: Presses Universitaires. Trad. port., *As representações sociais*. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2001
- Jodelet, D. (2002). Les Représentations Sociales Dans le Champ de la Culture. *Social Science Information*, 41(1), 111-133.
- Kant, I. (1781). *Kritik der reinen Vernunft*. Riga: Hartknoch. Trad., it., *Critica della ragion pura*. Pavia: Pietro Bizzoni, 1822
- Kittay, E. F. (2011). The Ethics of Care, Dependence, and Disability. *Ratio Juris*, 24 (1), 49–58
- Kitzinger, C. & Peel, E. (2005). The de-gaying and re-gaying of AIDS: contested homophobias in lesbian and gay awareness training. *Discourse & Society*, 16(2), 173–197
- Labov, E. & Waletzky, J. (1967). Narrative analysis: Oral versions of experiences. In Helm, J. (Org.), *Essays on the verbal and visual arts* (pp. 286-338). Seattle: University of Washington Press
- La Fraternité (1842). *Quotidiano francese*. n. 10, febbraio 1842
- Lemert, E.M. (1972). *Human deviance, Social problems and Social Control*. New Jersey: Prentice Hall. Trad. it., *Devianza, problemi sociali e forme di controllo*. Milano: Giuffrè, 1986
- Leupp, G.P. (1997). *Male Colors: The Construction of Homosexuality in Tokugawa Japan*. Los Angeles: University of California Press
- Levacy, W. R. (1999). *Beneath a Vedic Sky*. Carlsbad, CA: Hay House, Inc.
- Lewin, K. (1951). *Field theory in social science: selected theoretical papers*. New York: Harper
- Li, J. (2010). Intertextuality and national identity: discourse of national conflicts in daily newspapers in the United States and China. *Discourse & Society*, 20(1), pp. 85-121
- Luciani, S. (2002). Udire voci: L'applicazione dell'Analisi del Discorso ad un caso di allucinazioni uditive. In A. Salvini & G. Nazareno (Orgs.), *Diversità, Devianze e Terapie* (pp. 251-278). Padova: Domenighini Editore
- Malfatti, F. (2007). *Il software per l'analisi qualitativa Transana*. Siena:

- Centro Ricerche EtnoAntropologiche.
- Malinowsky, B. (1922). *Argonauts of the Western Pacific*. London: Routledge. Trad. it., *Argonauti nel pacifico occidentale*. Roma: Newton Compton, 1978
- Mantovani, G. (1996). Social context in HCI: A new framework for mental models, cooperation, and communication. *Cognitive Science*, 20, 237-269
- Mantovani, G. (2003). I metodi qualitativi in psicologia. Strumenti per la ricerca situata. In In G. Mantovani e A. Spagnolli (Orgs.), *Metodi qualitativi in Psicologia* (pp. 15-45). Bologna: Il Mulino
- Mantovani, G. (2004). *Intercultura. E' possibile evitare le guerre culturali?* Bologna: il Mulino
- Mantovani, G. (2005). *L'Elefante invisibile. Percorsi di Psicologia Culturale* (2° edizione). Firenze: Giunti
- Mantovani, G. (2008). *Analisi del discorso e contesto sociale*. Bologna: il Mulino
- Marcato, G. (1995). *Donna & linguaggio*. Padova: Cleup
- McGuire, J.K., Anderson C.R., Toomey R.B. & Russell S.T. (2010). School Climate for Transgender Youth: A Mixed Method Investigation of Student Experiences and School Responses. *Youth & Adolescence*. DOI 10.1007/s10964-010-9540-7
- Mead, G. H. (1934). *Mind, Self, and Society*. Chicago: Chicago University Press. Trad. it., *Mente, Sé e Società*. Firenze: Giunti Barbera, 1972
- Mininni, G. (2008). Psicosemiotica dell'organizzazione. In A. Manuti & G. Mininni (Orgs.) *Il senso dell'organizzazione. Lo sguardo della psicologia culturale*. Roma Carocci
- Ministero della Giustizia (2010). Protocollo operativo regionale tra Regione Toscana, Provveditorato regionale Toscana, Amministrazione penitenziaria, Centro giustizia minorile, 27 gennaio 2010. Disponibile em: [http://www.giustizia.it/giustizia/it/mg\\_1\\_7\\_1.wp?previousPage=mg\\_14\\_7&contentId=SCA144883](http://www.giustizia.it/giustizia/it/mg_1_7_1.wp?previousPage=mg_14_7&contentId=SCA144883). Consultato o dia 16/05/2011
- Ministero della Giustizia (2012). Sezione statistica detenuti. Disponibile em: [http://www.giustizia.it/giustizia/it/mg\\_14\\_7.wp?search=statistica%20detenuti&faccetta\\_1=4\\_54&pageCode=mg\\_14\\_7&numEle=0](http://www.giustizia.it/giustizia/it/mg_14_7.wp?search=statistica%20detenuti&faccetta_1=4_54&pageCode=mg_14_7&numEle=0). consultato o dia 10/04/2012
- Money, J. (1975). Abaltio Penis: Normal male infant sex-reassigned as girl. *Archives of Sexual Behaviour*, 4, 65- 71

- Myers, K. & Raymond, L. (2010). Elementary School Girls and Heteronormativity. *Gender & Society*, 24(2), 167-188
- Nanda, S. (1990). *Neither Man nor Woman: The Hijras of India*. Belmont, CA: Wadsworth Publishing
- Neisser, U. & Fivush, R. (1994). *The remembering self: Construction and accuracy in the self-narrative*. Cambridge University Press
- Newman, L. K., (2002). Sex, Gender and Culture: Issues in the Definition, Assessment and Treatment of Gender Identity Disorders. *Clinical Child Psychology and Psychiatry*, 7, 352- 359
- Nuttbrock, L., Bockting W., Mason, M., Hwahng, S., Rosenblum, A., Macri, M. & Becker, J. (2009). A Further Assessment of Blanchard's Typology of Homosexual Versus Non-Homosexual or Autogynephilic Gender Dysphoria. *Archive of Sexual Behaviour*. DOI 10.1007/s10508-009-9579-2
- Ochs, E., Schegloff, E.A. & Thompson S.A. (Eds.), (1996). *Interaction and grammar* (pp. 461-465). Cambridge: Cambridge University Press.
- Ordre National des Medecins (2010). Article 41 (article R.4127-41 du code de la santé publique) Mutilation § III. Transsexualisme. Disponível em: <http://www.conseil-national.medecin.fr/print/265>. Consultado o dia 14/03/12
- Perotto, F.S. (2010). Um Mecanismo Construtivista para Aprendizagem de Antecipações em Agentes Artificiais Situados. Tese de doutorado. Porto Alegre: PPGC / UFRGS.
- Pfäfflin, F. & Colemann, E. (1997). Introduction. *International Journal of Transgenderism*, IJT I, 1
- Potter, J. & Wetherell, M. (1987). *Discourse on Psychology: beyond attitude and behaviour*. London: Sage
- Pirro, D. (2003). Elaborazione culturale del concetto di devianza. *Ricerche di Psicologia*, 26(2), 7-23
- Presidenza della Repubblica (1947). *La Costituzione Italiana*. Disponível em: <http://www.governo.it/governo/costituzione/principi.html>. Consultado o dia 10/04/2012
- Quine, W.V.O. (1953). *From a logical point of view*. Cambridge: Mass. Trad. It., *Il problema del significato*. Roma: Laterza, 1966
- Ramij, R. (2008). Report from Sundance TwentyTen: Religion in Independent Film "Rebellious Cinema". *Journal of Religion and Film*, 12(1)
- Reinert, M. (1990). ALCESTE, une méthodologie d'analyse des données textuelles et une application: Aurélia de G. de Nerval.

- Bulletin de méthodologie sociologique*, 28, 24-54
- Ricci, A. & Salierno, G. (1971). *Il carcere in Italia*. Torino: Einaudi
- Richardson, D. (2007). Patterned Fluidities: (Re)Imagining the Relationship between Gender and Sexuality. *Sociology*, 41(3), 457–474
- Roscoe, W. (1998). *Changing ones: Third and fourth genders in native North America*. New York: St. Martin's
- Saadeh, A. (2004). Transtorno de identidade sexual: um estudo psicopatológico de transexualismo masculino e feminino. Dissertação (Doutorado em Medicina) - Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina, Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo.
- Sabatini, R. (1993). *L'eros in Italia: Le fantasie erotiche. L'infedeltà. Il pudore e l'osceno. L'erotismo privato. Ricerche, interventi*. Milano: Mursia editore
- Salvini, A. (1999). Transsexualismo e Riorganizzazione della Rappresentazione di sé: un punto di vista clinico. *Rivista di Sessuologia*, 23(3), 257-268
- Salvini, A. (2004). *Ultrà. Psicologia del tifoso violento*. Firenze: Giunti
- Sanchez, T., Finlayson, T., Murrill, C., Guilin, V. & Dean, L., (2010). Risk Behaviors and Psychosocial Stressors in the New York City House Ball Community: A Comparison of Men and Transgender Women Who Have Sex with Men. *Aids Behaviour*, 14, 351–358
- Schegloff, E.A. (1991). *Reflections on Talk and Social Structure*. In D. Boden & D.H. Zimmerman (Orgs.), *Talk and Social Structure: Studies in Ethnomethodology and Conversation Analysis* (pp. 44–71). Cambridge: Polity Press,
- Schegloff, E.A. (1997). Turn organization: One intersection of grammar and interaction. In E. Ochs e E.A. Schegloff & S.A. Turner (Orgs.). *Interaction and grammar*. Cambridge: Cambridge University Press
- Schilt, K. & Westbrook, L. (2009). “Gender Normals,” Transgender People, and the Social Maintenance of Heterosexuality. *Gender & Society*, 23(4), 440-464
- Schilt, K., (2006). Just one of the guys? How transmen make gender visible at work. *Gender & Society*, 20(4), 465-90.
- Schilt, K. (2008). The Unfinished Business of Sexuality: Comment on Andersen. *Gender & Society*, 22(1), 109-114
- Schütz, A. (1960). *Der sinnhafte Aufbau der sozialen Welt*. Wien: Springer-Verlag. Trad. It., *La fenomenologia del mondo sociale*. Bologna: il Mulino, 1974

- Schrock, D., Reid, L., Boyd, E.M. (2005). Transsexuals' Embodiment of Womanhood. *Gender & Society*, 19(3), 317-335
- Scott, J.W. (1986). Gender: A Useful Category of Historical Analysis. *The American Historical Review*, 91(5), 1053-1075. Trad. Port. (1995), Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, 20(2), 71-99
- Senato della Repubblica. La Costituzione, parte 1: Diritti e doveri del cittadino. Titolo 1: Rapporti civili, articolo 13. Disponível em: <http://www.senato.it/istituzione/29375/131289/131290/131291/articolo.htm>. Consultado o dia 09/04/2012
- Senato della Repubblica. La Costituzione, parte 1: Diritti e doveri del cittadino -Titolo 1: Rapporti civili, articolo 27. Disponível em: <http://www.senato.it/istituzione/29375/131289/131290/131305/articolo.htm>. Consultado o dia 20/05/2011
- Settembrini, F. (1996). Cultura. In M.A. Toscano (Org.), *Introduzione alla Sociologia*. Milano: Franco Angeli
- Shapiro, E. (2007). Drag Kinging and the Transformation of Gender Identities. *Gender & Society*, 21(2), 250-271
- Shaw, A. & Ardener, S., (2005). *Changing Sex and Bending Gender*. Oxford: Berghahn Books
- Sherif, M. & Sherif, C. (1964). *Reference groups. Explorations into the conformity and deviation of adolescents*. New York: Harper & Row
- Silverman, D. (1998). *Harvey Sacks. Social Sciences and Conversation Analysis*. New York: Oxford University Press
- Speer, S., A. & Parsons, C. (2006). Gatekeeping gender: some features of the use of hypothetical questions in the psychiatric assessment of transsexual patients. *Discourse & Society*, 17(6), 785-812
- Schwarz, N. (1999). Self-Reports: How the questions shape the answers. *American Psychologist*, 54(2), 93-176
- Suchman, L.A. (1987). *Plans and situated actions. The problem of human machine communication*. New York: Cambridge University Press
- Ten Have, P. (1999). *Doing Conversation Analysis: A Practical Guide*. London: Sage
- Thomas, W.I., & Znaniecki, F. (1918-20). *The Polish Peasant in Europe and America: Monograph of an Immigrant Group*. Chicago: The University of Chicago press
- Trejo Garcia, E. (2006). Transgéneros. Atti ministeriali: SPE-ISS-04-06. Dirección General del Centro de Documentación, Información y Análisis Dirección de Servicios de Investigación y Análisis



Subdirección de Política Exterior

- Tusini, S. (2006). *La ricerca come relazione. L'intervista nelle scienze sociali*. Milano: Franco Angeli
- Treicher, P. & Kramarae, C. (1983). Women's talk in the ivory tower. *Communication Quarterly*, 31(2), 118-132
- United Nations Human Rights (1948). *Universal Declaration of Human Rights*. Italian version: *Dichiarazione universale dei diritti umani*.  
Disponível em:  
<http://www.ohchr.org/EN/UDHR/Pages/Language.aspx?LangID=itn>. Download o dia 10/04/2012
- Vanderburgh, R. & Forshée, A. (2003). Depathologizing Transgender Youth Identity: The Identity Project. *APHA Meeting Promoting a Healthy Future: LGBT Youth Research & Programming* (November 10, 2003) (Vol. 131)
- Vanderburgh, R. (2009). Appropriate Therapeutic Care for Families with Pre-Pubescent Transgender/Gender-Dissonant Children. *Child and Adolescence. Social Work Journal*, 26, 135-154
- Van Dijk, T. A. (1993). Principles of critical discourse analysis. *Discourse & Society*, 4(2), 249-283
- Van Dijk, T. A. (1995). Aims of critical discourse analysis. *Japanese Discourse*, 1, 17-27
- Van Dijk, T.A. (2003). *Ideologie*. Barcelona: Editorial Ariel, S.A. Trad. it, Roma: Carocci, 2004
- Van Dijk, T. A. (2006). Discourse, context and cognition. *Discourse & Society*, 8(1), 159-177
- Van Dijk, T. A. (2009). Critical Discourse Studies: A Sociocognitive Approach. In R. Wodak & M. Meyer (Orgs.). *Methods of Critical Discourse Analysis* (pp. 62-86). London: Sage
- Vannuccini, V. (2008). Cambiare sesso a Teheran con il permesso dei mullah. *La Repubblica online*, pubblicato il 19 Febbraio 2008.  
Disponível em:  
<http://www.repubblica.it/2008/02/sezioni/esteri/iran-operazione/iran-operazione/iran-operazione.html>. Consultado o dia 23/04/2012
- Vidal-Ortiz, S. (2009). The figure of the transwoman of color through the lens of „Doing Gender“. *Gender & Society*, 23(1), 99-103
- Vygotskij, L.S. (1934). *Myslenie i rec'*. Moskva: Gos. Soc.-Ekon. Izd., 1960. Trad. it., *Pensiero e Linguaggio*. Roma-Bari: La Terza, 1990
- Wanderlingh, E. & Russo, D. (2011). Modelli teorici della mente e strumenti concettuali dello psicologo. In *ibidem* (Orgs.),

- Professione Psicologo*. Milano Alpha-Test, pp. 215-265
- Ward, J. & Schneider, B. (2009). The Reaches of Heteronormativity: An Introduction. *Gender & Society*, 23(4), 433-439
- Ward, J. (2004). "Not all Differences are Created Equal": Multiple Jeopardy in a Gendered Organization. *Gender & Society*, 18(1), 82-102
- Watzlawick, P., Beavin, J.H., Jackson, D.D. (1967). *Pragmatic of human communication: A study of interactional patterns, pathologies and paradoxes*. New York: WW Norton & Co. Trad. it., *Pragmatica della comunicazione umana: Studio dei modelli interattivi, delle patologie e dei paradossi*. Roma: Astrolabio, 1971.
- Weber, M. (1904-1905). *Die Protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus*. *Archiv für Sozialwissenschaften und Sozialpolitik*, vol. XX e XXI. Tübingen: J.C.B. Mohr. Trad. port., A Ética protestante e o Espírito do Capitalismo. In M. Tragtenberg (Org.), *Ensaio de Sociologia e outros escritos* (pp. 181-237). São Paulo: Abril S.A., Cultural e Industrial, 1974
- Weber, M. (1920). *Zwischenbetrachtungen. Theorie der Stufen und Richtungen religiöser Weltablehnung*. In Marianne Weber (Org.), *Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie, vol. 1* (pp. 536-573.) Tübingen: J.C.B. Mohr, 1988. Trad. It., *Considerazioni intermedie. Il destino dell'Occidente*. Roma: Armando, 2006
- West, C. & Zimmerman, D.H. (1987). Doing Gender. *Gender & Society*, 1(2), 125-151
- West, C. & Zimmerman, D.H. (2009). Accounting for Doing Gender. *Gender & Society*, 23(1), 112-122
- Westphal, C. F. O. (1869). Die Konträre Sexualempfindung: Symptom eines neuropathologischen (psychopathischen) Zustandes. *Archiv für Psychiatrie und Nervenkrankheiten*, 2, 73-108.
- Wilchins, R. A. (1997). *Read my lips: Sexual subversion and the end of gender*. New York: Firebrand Books.
- Wilchins, R. (2002). A certain kind of freedom: Power and the truth of bodies—four essays on gender. In Nestle, J., Howell, C., & R. Wilchins (Orgs.), *Genderqueer: Voices from beyond the sexual binary*. Los Angeles, CA: Alyson Books.
- Wilson, E.C., Garofalo, R., Harris, R.D., Herrick, A., Martinez, M., Martinez, J. & Belzer, M. (2010). Transgender Female Youth and Sex Work: HIV Risk and a Comparison of Life Factors Related to Engagement in Sex Work. *Aids Behaviour*, 13, 902–913
- Wilkerson, A. (2007). Medical Agency, Political Agency: Transgender

- Perspective. Or, Sexually Based Disability and Sexual Interdependence. *APA newsletter*, 6(2), 17-20
- Wittgenstein, L. (1922). *Tractatus Logico-Philosophicus: Logisch-philosophische Abhandlung*. London: Kegan Paul 2012.
- Wittgenstein, L. (1953). *Philosophische Untersuchungen*. In G.E.M. Anscombe & R. Rhees (Orgs.). Oxford: Blackwell. Tradr. it., *Ricerche filosofiche*. Torino: Einaudi, 1967
- Wodak, R. (1989). *Language, power and ideology*. Amsterdam: Benjamins
- Wodak, R. (1997). eds. *Gender and Discourse*. London: Sage
- Wodak, R. (2001). The discourse-historical approach. In R. Wodak & M. Meyer (Orgs.). *Methods of Critical Discourse Analysis* (pp. 62-94). London: Sage
- Wodak, R. & Meyer, M. (2009). Critical Discourse Analysis: history, agenda, theory and methodology. In Wodak R., Meyer M. (eds.). *Methods of Critical Discourse Analysis. 2nd edition*. London: Sage, pp. 1-33
- Wodak, R. & Weiss, G. (2005). Analyzing European Union Discourses. In A New Agenda. In Wodak R. & Chilton P., (Orgs.), (*Critical Discourse Analysis* (pp. 121-136). Amsterdam: John Benjamins Publishing Company
- Yip, A. K. T. (2005). Queering religious texts: An exploration of British non-heterosexual Christians' and Muslims' strategy of constructing sexuality-affirming hermeneutics. *Sociology*, 39(1), 47-65.
- Yip, A. K. T. (2008). The quest for intimate/sexual citizenship: lived experiences of lesbian and bisexual Muslim women. *Cont Islam*, 99-117.
- Young, A. (2000). *Woman who become men: Albanian Sward Virgins*. Oxford: Berg
- Zimbardo, P.G. (2007). *The Lucifer Effect: Understanding How Good People Turn Evil*. New York: Random House. Trad. it., *Effetto Lucifero: Cattivi si diventa?* Milano: Raffaele Cortina Editore, 2008
- Zimbardo, P.G., Haney, C., Banks, W. C. & Jaffe D., (1982). The psychology of imprisonment: privation, power and pathology. In J. C. Brigham & L. S. Wrightsman (Orgs.), *Contemporary issues in social psychology*. Monterey: Brooks-Cole
- Zito, E. & Valerio, P. (2010). *Corpi sull'uscio, identità possibili. Il fenomeno dei femminielli a Napoli*. Napoli: Filema
- Zuccheromaglio, C. (2003). Contesti di vita quotidiana, interazione e

discorso. In G. Mantovani & A. Spagnolli (Orgs.), *Metodi qualitativi in Psicologia* (pp. 47-72). Bologna: Il Mulino

Zucchermaglio, C. (2004). The empirical data of cultural psychology. *Ricerche di Psicologia*, 27(3), 31-45

## APÊNDICE - CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO

**Os símbolos são os mesmos usados em Sachs, Schegloff & Jefferson (1974). Uma visão mais detalhada é disponível em Ochs, Schegloff & Thomson (1996).**

[colchetes]	fala sobreposta
(0.5)	pausa em décimos de segundo
(.)	micropausa de menos de dois décimos de segundo
=	contiguidade entre a fala
.	descida de entonação
?	subida de entonação
:	alongamento do som
-	auto-interrupção
<u>sublinhado</u>	acento ou ênfase de volume
MAIÚSCULA	ênfase acentuada
°	fala mais baixa
↑	subida acentuada na entonação
↓	descida acentuada na entonação
>palavra<	fala comprimida ou acelerada
<palavra>	desaceleração da fala
hhh	aspirações audíveis
(h)	aspiração durante a fala
.hhh	inspiração audível
(( ))	comentários do analista
(palavra)	transcrição duvidosa
( )	transcrição impossível



**ANEXO – AUTORIZAÇÃO MINISTERIAL**  
**Acesso ao prédio “Nuovo Complesso Penitenziario di Sollicciano”**  
**em Florença**



MINISTERO DELLA GIUSTIZIA  
 DIPARTIMENTO DELL'AMMINISTRAZIONE PENITENZIARIA

DIREZIONE CASA CIRCONDARIALE N.C.P. "SOLLICCIANO" FIRENZE  
 Ufficio del Dirigente

Protocollo N. 5216 / 1.1

Firenze, 11 febbraio 2011

<input checked="" type="checkbox"/> e-mail	<input type="checkbox"/> servizio postale
<input type="checkbox"/> a mano	<input type="checkbox"/> fax

Alla C. A. del **Dott. Alexander HOCHDORN**  
**Dottorando in Scienze Sociali**  
**(alexander.hochdorn@ordinepsicologiveneto.it)**

e, p.c. al **Dott. Gianfranco POLITI**  
**SEDE**

**Oggetto: autorizzazione all'ingresso in Istituto.**

^ ^ ^ ^ ^

Con la presente si comunica che la S.V. è autorizzata ad accedere in Istituto per effettuare le interviste ed i focus group previsti dal progetto di ricerca "TRANSGENDERIG SEXES" che sta conducendo.

Voglia la S.V. prendere contatti con il Responsabile dell'Area Trattamentale, Dott. Politi, al fine di organizzare gli incontri e i colloqui con le persone interessate.

Si ribadisce che, a ricerca ultimata, la S.V. dovrà trasmetterne l'esito all'Ufficio Centrale Studi e Ricerche del D.A.P.

L'occasione è gradita per inviare cordiali saluti.

**IL DIRETTORE**  
**Dr. Oreste CACURRI**